

A close-up photograph of a woman's face, focusing on her nose and lips. She is wearing a vibrant red lipstick. Her hair is pulled back, and she is wearing a green garment with a subtle floral pattern and traditional Chinese-style buttons. The background is a soft, out-of-focus green.

AMY TAN

Vale do Encantamento

A SAGA DE TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Vale do Encantamento

AMY TAN

Vale do Encantamento

A SAGA DE TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES

TRADUÇÃO
Rosemarie Ziegelmaier

Copyright © 2013 Amy Tan

Título original: *The valley of amazement*

Revisão: Lucas Puntel Carrasco e Marcia Benjamim

Projeto gráfico e diagramação: Fabio Alves Melo

Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Allison Saltzman

Imagem de capa: Alex Mares-Manton / Asia Images / Superstock

Conversão ebook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T166v

Tan, Amy, 1952-

Vale do encantamento: a saga de três gerações de mulheres / Amy Tan; tradução Rosemarie Ziegelmaier. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2014.

Tradução de: *The valley of amazement*

ISBN 978-85-422-0439-1

1. Ficção americana. I. Ziegelmaier, Rosemarie. II. Título.

14-16395

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar – Conj. 2101 e 2102
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-901 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

para
Kathi Kamen Goldmark e Zheng Cao,
almas gêmeas

*Anos de areia movediça que me rodopiam não sei para onde, Seus planos, sua política, falhas,
linhas irrisórias, substâncias que me arremedam e escapam,
Só o tema que canto, a grande e forte possessão da alma, não escapa,
Por conta própria, nunca devemos revelar – o que é a final substância – que todo o resto está
certo,
Fora da política, dos triunfos, das batalhas, da vida, o que finalmente permanece?
Quando a ruptura se anuncia, o que de si mesmo é certo?*

Walt Whitman, *Quicksand Years*.

Sumário

Agradecimentos

Capítulo 1

Caminho Oculto de Jade

Capítulo 2

A nova República

Capítulo 3

O Salão da Tranquilidade

Capítulo 4

A etiqueta das belas de alcova

Capítulo 5

A memória do desejo

Capítulo 6

Um pardal canoro

Capítulo 7

Uma doença azul

Capítulo 8

As duas senhoras Ivory

Capítulo 9

Anos de areia movediça

Capítulo 10

Vilarejo de Moon Pond

Capítulo 11

A Montanha do Céu

Capítulo 12

Vale do Encantamento

Capítulo 13

Fata Morgana

Capítulo 14
A vida em Xangai

Capítulo 15
A cidade no fundo do mar

Agradecimentos

Durante os oito anos que levei para escrever este livro, muitos amigos e familiares me incentivaram. Vou tentar retribuir o apoio de todos vocês ao longo da vida.

Por ajudar a manter viva esta história e a mim: meu marido, Lou DeMattei, tão compreensivo quanto à minha necessidade de confinamento solitário, que trazia o café da manhã, o almoço e o jantar até a mesa na qual eu estava acorrentada pela urgência dos prazos. Minha agente, Sandy Dijkstra, que me salvou mais de uma vez de meus próprios erros e preocupações e, assim, permitiu-me escrever com paz de espírito. Molly Giles, sempre a minha primeira leitora, viu os falsos começos e pacientemente me impulsionou com seus astutos conselhos. Quem dera eu os tivesse seguido desde o início.

Pelo conhecimento sobre cultura cortesã e imagem em Xangai, sou profundamente grata a três pessoas que compartilharam livremente, através de inúmeros e-mails, suas pesquisas acerca desses temas no período da virada do século: Gail Hershatter (*The Gender of Memory*), Catherine Yeh (*Shanghai Love*) e Joan Judge (*The Precious Raft of History*). Desde já, apresento desculpas por qualquer eventual distorção de seu trabalho, por conta de minha imaginação.

Pela pesquisa para as várias ambientações da história, agradeço a Nancy Berliner, então curadora de arte chinesa do Peabody Essex Museum, que conseguiu que Lou e eu nos hospedássemos na mansão de quatrocentos anos na aldeia de Huangcun. Minha irmã Jindo (Tina Eng) nos levou para a aldeia desvendando a melhor rota por meio de trens e carros a partir de Xangai. Por ter falado apenas em chinês com ela durante quatro dias, minhas competências linguísticas melhoraram muito, a ponto de me habilitar a entender muito das fofocas familiares, necessárias a qualquer história. A companheira de viagem Lisa See enfrentou o frio, apesar das previsões de clima ameno, compartilhando comigo detalhes históricos e seu desdobramento em dramas humanos. Ela também generosamente insistiu para eu usar o nome da aldeia neste livro, embora Moon Pond fosse perfeito para nomear a aldeia fictícia do romance que ela escrevia. Cecilia Ding, com seu Yin Yu Tang Service Project, me supriu com um amplo conhecimento da história de Huang Cun, da velha mansão, das ruas da antiga Tunxi, em Huang-shan, e da Montanha Amarela.

Museus sempre foram importantes na minha escrita, para inspiração e pesquisa. A Exposição Xangai, no Asian Art Museum de São Francisco, abriu meus olhos para o papel das cortesãs na introdução da cultura ocidental em Xangai. Maxwell Hearn, curador do departamento da Ásia no Metropolitan Museum of Art de Nova York, forneceu informações sobre a visão estética e romântica do rico erudito, bem como sobre o poeta de olhos verdes que escreveu a respeito de fantasmas supostamente vistos. Tony Bannon, então diretor da George Eastman House, em Rochester, Nova York, abriu seus arquivos de fotografias de mulheres na China da virada do século, e também me mostrou um filme raro, restaurado, de uma garota da cidade forçada a se prostituir. Dodge Thompson, chefe de exposições da

National Gallery of Art em Washington, D.C., brindou-me com um *tour* especial por pinturas de artistas da Hudson River School, entre eles Albert Bierstadt. A inspiração para o título *Vale do Encantamento* veio de uma visita apressada à Alte Nationalgalerie, em Berlim, depois da qual me lembrei de uma assombrosa pintura com esse título, cujo autor, infelizmente, não pude anotar na hora, mas que provavelmente era Carl Blechen, pintor de paisagens fantásticas, cujo trabalho é exibido com destaque nessa instituição. Se alguém encontrar esse quadro, por favor, me avise. Sofro de um sentimento de fracasso por não tê-lo redescoberto até agora.

Pela pesquisa em Xangai: Steven Roulac me apresentou a sua mãe, Elizabeth, que me descreveu seus dias na Xangai da década de 1930, como estrangeira residente no Assentamento Internacional. Orville Schell, diretor do Centro de Relações Estados Unidos-China, na Asia Society, em Nova York, me proporcionou *insights* acerca de vários períodos históricos chineses, incluindo a ascensão da nova República e do movimento antiestrangeiro. O falecido Bill Wu me introduziu no mundo estético erudito – os apetrechos, o lar, o jardim e as placas de poesia, tudo encontrado em sua casa de eruditos nas cercanias de Suzhou. Duncan Clark achou mapas de ruas da antiga Xangai, o que nos permitiu identificar a moderna localização do velho bairro das cortesãs. Shelley Lim gastou incontáveis horas levando-me à periferia de Xangai para vistar antigas residências de famílias, casas assombradas e lugares que ofereciam incríveis massagens nos pés em plena meia-noite. A produtora Monica Lam, o cinegrafista David Peterson e minha irmã Jindo me ajudaram na minha primeira visita à mansão da família em Chongming, ilha onde minha mãe cresceu e minha avó se matou. Joan Chen, rindo, me ensinou expressões engraçadas no dialeto de Xangai, frequentemente de conteúdo lascivo, razão pela qual ela, por sua vez, tinha de pedir que amigos a auxiliassem nas traduções.

Muitos me ajudaram a visitar lugares que também influenciaram as ambientações da trama: Joanna Lee, Ken Smith, Kit Wai Lee e a National Geographic Society tornaram possível minha permanência na remota aldeia de Dimen, nas montanhas da província de Guizhou, em três ocasiões. Kit (o “tio”) passou horas e dias e semanas ao meu lado, falando sobre os costumes e a história da aldeia, e também me apresentou a diversos moradores, muitos dos quais haviam perdido suas casas em um grande incêndio, que destruiu um quinto da localidade. Emily Scott Pottruck viajou comigo como amiga, assistente, organizadora e eliminadora de problemas. Mike Hawley providenciou para que fôssemos ao Butão e viajássemos até os confins do país, que também serviu como cenário para algumas cenas desta história, incluindo a dos Cinco Filhos da Montanha Celestial.

Entre os muitos que me assistiram com relação a detalhes do romance: Marc Shuman trouxe informações sobre o cogumelo da imortalidade *Ganoderma lucidum*, o que acabou beneficiando minha própria saúde. Michael Tilson Thomas me mostrou a música composta para a mão esquerda, o que me inspirou a criar o personagem de um pianista canhoto. Joshua Robison me deu lições sobre a dança Lindy Hop e a música da década de 1920. Os doutores Tom Brady e Asa DeMatteo aportaram uma visão sobre o perfil psiquiátrico de crianças sequestradas. Mark Moffett discorreu a respeito do que pode ser aprendido sobre evolução a partir de vespas encontradas no âmbar. Walter Kirn me estimulou a escrever um longo conto para *Byliner*, e essa personagem abriu seu caminho para dentro do romance.

Por assegurar que eu estivesse sob controle, agradeço a minha assistente Ellen Moore,

que me manteve afastada de muitas distrações e atuou como minha consciência viva para o cumprimento dos prazos. Libby Edelson, editora do selo Ecco Books, mostrou tato e paciência incríveis nas ocasiões em que atrasei a entrega de meus arquivos de texto, ou quando lhe enviei os arquivos errados. A editora de texto Shelly Perron, mesmo trabalhando pressionada pelos *deadlines*, não só me impediu milhares de vezes de dar vexame, mas também foi importante ao me apontar o que ela queria saber como leitora. Sou muito grata pelo empenho das pessoas do escritório de Sandy Dijkstra e também da Ecco, que abraçaram este livro – e a mim, como se fosse alguém da família. Vocês não têm ideia de quanto seu entusiasmo me enche de culpa por não ter terminado esta obra mais cedo.

Sinto-me afortunada por este caótico livro ter caído nas bem-vindas mãos de Daniel Halpern, meu editor e *publisher* na Ecco. Depois de ver as primeiras páginas, ele nunca demonstrou medo, só entusiasmo e confiança absoluta – o que *me* nutriu de confiança. Daniel ofereceu estímulo suave até o fim e nunca se exasperou, embora não faltassem motivos para tanto. Seus comentários, sua análise crítica, a compreensão profunda da história, do seu todo e dos detalhes, foram autênticos e úteis para meus propósitos e para o que eu secretamente esperava atingir com esta trama. Todas as falhas do livro, no entanto, permanecem minhas.

Capítulo 1

Caminho Oculto de Jade

Xangai
1905-1907
Violet

Quando tinha sete anos, eu sabia exatamente quem era: uma menina completamente americana, na raça, nos costumes e na fala, cuja mãe, Lulu Minturn, era a única mulher branca que possuía uma casa de cortesãs de alto nível na cidade de Xangai.

Minha mãe me deu o nome de Violet por causa da pequena flor que ela adorava quando era pequena e morava em São Francisco, cidade que só conheço dos cartões-postais. Cresci odiando meu nome. As cortesãs o pronunciavam como *vyau-la* – palavra que no dialeto xangainês era usada quando você queria se livrar de alguma coisa. “*Vyau-la! Vyau-la!*”, cumprimentavam-me em toda parte.

Minha mãe adotou um nome chinês, Lulu Mimi, que soava como ela realmente se chamava, e seu estabelecimento ficou conhecido como a Casa de Lulu Mimi. Seus clientes ocidentais preferiam traduzir para o inglês os caracteres que compunham esse nome, chamando o lugar de Caminho Oculto de Jade. Não havia outras casas de cortesãs de primeira linha atendendo ao mesmo tempo chineses e ocidentais, muitos deles donos das maiores fortunas geradas pelo comércio exterior. Desse modo, minha mãe quebrou um tabu que vigorava nos dois universos.

Aquela “casa de flores” era todo o meu mundo. Eu não tinha colegas nem amiguinhos americanos. Quando fiz seis anos, minha mãe me matriculou na Academia de Garotas da Senhorita Jewell. Havia apenas catorze alunas, todas cruéis. Algumas de suas mães se opuseram a minha presença, e suas filhas envolveram as outras meninas em um complô para me expulsar. Disseram que eu vivia em uma casa de “má reputação” e que ninguém podia me tocar, sob risco de se contaminar com minha mancha. Também falaram para a professora que eu praguejava contra elas o tempo todo, quando, na verdade, isso só havia acontecido uma vez. Mas o pior insulto veio de uma menina mais velha com cachinhos ridículos no cabelo. No terceiro dia de aula, cheguei à escola e segui pelo corredor quando a garota apertou o passo até me alcançar e disse alto, para que minha professora e as meninas mais novas também escutassem: “Você falou chinês com um mendigo chinês, o que faz de você uma chinesa”.

Eu não ia aguentar mais nenhuma ofensa. Agarrei aqueles cachinhos e me pendurei

neles. Ela gritou e uma dúzia de punhos atacaram minhas costas, enquanto outro par fazia jorrar sangue da minha boca e arrancava um dente, que já devia estar meio mole. Eu o cuspi no chão, e todas nós, por um segundo, olhamos para a presa reluzente. Então, apertando meu pescoço com as mãos para dar mais efeito dramático, gritei: “Estou sendo assassinada!”, antes de cair no chão. Uma menina desmaiou e a garota dos cachos e seu bando saíram em disparada, com os rostos apavorados. Recolhi o dente caído – antes uma parte viva de mim – e a professora rapidamente envolveu meu rosto com um lenço para estancar o sangue, despachando-me para casa em um riquixá, sem me dirigir uma palavra de despedida ou de conforto. Isso bastou para minha mãe decidir que eu seria educada em casa.

Confusa, contei a ela que eu tinha dito a um velho pedinte: “*Lao huazi*, deixe-me passar”.

Minha mãe explicou que *lao huazi* significava “mendigo” em chinês. Eu não tinha noção de que falava uma mistura de inglês, chinês e xangainês. Então, como é que eu sabia que *beggar* era mendigo em inglês, mesmo sem jamais ter visto um velhote americano escorado em uma parede implorando por um trocado com a boca murcha, só para eu ficar com pena dele? Até ir para a escola, eu falava meu peculiar idioma somente no Caminho Oculto de Jade, com nossas quatro cortesãs, com as ajudantes delas e com os criados. As sílabas das fofocas e dos flertes, das queixas e das angústias, entravam por meus ouvidos e saíam pela minha boca, e nas conversas que tinha com minha mãe nunca ninguém me avisou que havia algo errado com meu jeito de falar. Para completar a confusão, mamãe às vezes falava chinês e sua assistente chinesa, Pomba Dourada, também sabia se comunicar em inglês.

Fiquei perturbada com a acusação da menina. Perguntei a Mamãe se ela falava chinês desde criança, e ela me respondeu que não, que teve de aprender a língua a duras penas com Pomba Dourada. Quis saber, então, se o chinês que eu falava era tão bom quanto o das cortesãs. “De muitas maneiras, é melhor”, assegurou ela. “Você fala de um jeito mais bonito”. Fiquei alarmada. Perguntei ao meu novo tutor se era verdade que uma pessoa chinesa naturalmente falaria seu idioma melhor do que um americano poderia conseguir. Ele explicou que os formatos da boca, da língua e dos lábios de cada raça eram os mais adequados para seu idioma particular, assim como os ouvidos que conduziam as palavras ao cérebro. Questionei por que ele achava, então, que eu poderia falar chinês. O tutor disse que eu havia estudado bem e que tinha exercitado a boca a ponto de poder mexer minha língua de várias maneiras diferentes.

Eu me preocupei por dois dias, até que a lógica e a dedução me permitiram resgatar minha raça. Antes de mais nada, raciocinei, Mamãe era americana. Embora meu pai já tenha morrido, era óbvio que ele era americano, uma vez que eu tinha pele clara, cabelos castanhos e olhos verdes. Eu usava roupas ocidentais e sapatos normais. Meus pés nunca haviam sido apertados e esmagados como massa de bolinho dentro de um sapato pequeno. Também recebi uma boa instrução, em assuntos difíceis como história e ciências – “e para nenhum propósito maior do que o conhecimento por si só”, como meu tutor dissera. A maioria das meninas chinesas aprendia apenas regras de comportamento.

Além do mais, eu não pensava como uma pessoa chinesa – nada de reverenciar estátuas, nada de incensos fumegantes e nada de fantasmas. Mamãe me ensinou: “Os fantasmas são superstições, inventados pelos próprios medos dos chineses. Eles têm muito medo e, por isso, têm também muitas superstições”. Eu não era medrosa. E não fazia tudo de

determinada maneira só porque era assim que tinha sido feito por mil anos. Eu tinha a engenhosidade ianque e uma mente independente, Mamãe me assegurou. Foi ideia minha, por exemplo, oferecer garfos aos criados, para serem usados no lugar dos antigos pauzinhos de madeira. Mamãe, no entanto, ordenou que devolvessem tudo. Ela explicou que cada dente de garfo valia mais do que um criado ganhava em um ano de trabalho. Se tivessem acesso aos talheres, os empregados podiam cair na tentação de roubá-los e vendê-los. A opinião dos chineses a respeito de honestidade não é igual à nossa, à dos americanos. Eu concordei. Agora, se fosse chinesa, será que teria pensado da mesma maneira?

Depois que saí da Academia da Senhorita Jewell, proibi as cortesãs de me chamarem de *Vyau-la*. Elas também não podiam mais se dirigir a mim com formas de tratamento afetuosas para os chineses, como “irmãzinha”. Tinham de me chamar de Vivi, disse a elas. As únicas pessoas com licença para me tratar por Violet eram as que conseguiam pronunciar meu nome corretamente, ou seja, minha mãe, Pomba Dourada e meu tutor.

Depois que mudei meu nome, percebi que poderia fazê-lo sempre que quisesse, conforme meu humor ou propósito. E, logo depois, adotei meu primeiro apelido como resultado de um acidente. Eu corria pelo salão principal quando esbarrei em um criado com uma bandeja de chá e lanches. Tudo foi ao chão. Ele exclamou que eu era um *biaozi*, um “pequeno redemoinho”. Uma palavra deliciosa. Eu era o Redemoinho que varria a famosa casa do Caminho Oculto de Jade, com meu halo de macios cabelos escuros e minha gata perseguindo a fita que servira para manter meu penteado no lugar. A partir de então, os criados tiveram de me chamar de redemoinho em inglês, *whirlwind*, que eles pronunciavam “woo-woo”.

Eu amava minha gata dourada. Ela pertencia a mim, e eu a ela, o que resultava em uma sensação que não experimentei com mais ninguém – nem mesmo com minha mãe. Quando a segurava, a gatinha massageava as patas no meu corpete, agarrando as rendas e transformando-as em redes de pesca. Seus olhos eram verdes como os meus, e ela tinha um belo brilho dourado sobre seu corpo manchado de marrom e preto. Ela reluzia sob o luar. Mamãe a deu para mim quando disse que queria um amigo. Segundo ela, a gata pertencera a um pirata, que a batizou como Carlota, nome de uma princesa portuguesa que ele havia sequestrado. Ninguém mais tinha um gato de pirata, ao passo que qualquer um poderia ter um amigo. Um gato sempre seria leal, ao contrário de um amigo. Mamãe disse que sabia disso por experiência.

Quase todos na casa temiam minha gata pirata. Ela arranhava qualquer um que ousasse tentar tirá-la de seus esconderijos sob a mobília. Certa vez, uivou como um fantasma, ao ficar presa dentro de um guarda-roupa. Se percebia medo nas pessoas que se aproximavam, ela eriçava os pelos para que soubessem que o temor era justificado. Pomba Dourada sempre congelava de pavor ao ver Carlota empinando-se em sua direção. Quando filhote, ela havia sido gravemente ferida por um gato selvagem, tendo quase morrido de febre. Assim, se alguém tentasse pegá-la, ela mordida, rápida e feroz; se alguém a acariciasse sem minha permissão, suas garras entravam em ação. Ela feriu um garoto de dezessete anos de idade chamado Loyalty Fang, que viera com o pai visitar o Caminho Oculto de Jade. Eu estava procurando por Carlota e a vi sob o sofá. O rapaz estava no caminho e começou a tagarelar para mim em uma língua que não conseguia entender. Antes que pudesse avisá-lo para não tocar em Carlota, ele estendeu a mão e agarrou seu rabo. Ela cravou as garras no

braço do garoto e riscou quatro trilhas sangrentas na pele e na carne. Ele virou-se para mim, pálido, trincou os dentes e desmaiou, mortalmente ferido. Seu pai o levou para casa, mas Pomba Dourada disse que sua morte era certa. Mais tarde, uma das cortesãs confirmou o falecimento do rapaz, acrescentando que era uma pena, pois ele nunca havia desfrutado dos prazeres com as mulheres. Mesmo que a culpa tenha sido do rapaz, fiquei com medo que tirassem Carlota de mim e a sacrificassem.

Comigo, Carlota era diferente. Quando a carregava no colo, ela era meiga e relaxada. À noite, ronronava em meus braços, e na parte da manhã cantarolava para mim. No bolso do avental, eu sempre mantinha pedaços de salsicha para ela, assim como uma pena de papagaio verde atada a um cordão, que usava para atraí-la quando se escondia em um dos muitos sofás do salão. Suas patas logo se revelavam por entre as franjas do revestimento do sofá, tentando golpear a pena. Juntas, então, corríamos pelo labirinto de móveis, e ela saltava para mesas, cadeiras, escalava cortinas e até as mais altas bordas dos lambris – ela ia para qualquer lugar que eu quisesse. O salão foi o *playground* de Carlota e da minha infância, e ele estava situado em uma antiga mansão mal-assombrada que minha mãe convertera no Caminho Oculto de Jade.

Em várias ocasiões, ouvi Mamãe contar a repórteres de jornais ocidentais como ela havia comprado a propriedade por quase nada. “Se você quer ganhar dinheiro em Xangai”, ela dizia, “tire vantagem do medo das pessoas”.

Lulu

Esta propriedade, cavalheiros, foi originalmente construída quatrocentos anos atrás, como a mansão de verão de Pan Ku Xiang, rico erudito e renomado poeta, cujos méritos líricos ninguém conhece porque seus pensamentos escritos desapareceram. O terreno e suas quatro edificações originais ocupavam quinze mil metros quadrados, o dobro da área atual. O grosso muro de pedras data daquele período. Já as alas leste e oeste tiveram de ser reconstruídas, após terem sido arrasadas por um incêndio misterioso – o mesmo que devorou a obra poética do erudito. A lenda transmitida ao longo de quatrocentos anos conta que uma de suas concubinas ateou fogo na ala oeste, e que sua esposa morreu gritando, cercada por um círculo de chamas na ala leste. Se é verdade, quem pode dizer? Mas toda lenda que vale a pena ser eternizada sempre inclui um ou dois assassinatos, não é?

Depois que o poeta morreu, seu filho mais velho contratou os melhores artesãos para esculpirem uma estela funerária assentada em uma tartaruga e coroada por um dragão, símbolos honoríficos reservados a autoridades públicas, embora não houvesse registro no município que o falecido tenha sido uma delas. Quando o bisneto do poeta tornou-se o chefe da família, a estela tinha ruído e estava semicoberta por ervas daninhas espinhosas. O tempo havia desgastado o nome do erudito e seu elogioso epitáfio, transformando-os em rabiscos ilegíveis. Essa não foi a reverência eterna ao erudito que se tinha em mente. Quando seus descendentes venderam o lugar há cem anos por um preço baixo, a maldição começou. Um dia depois de receber o dinheiro pelo pagamento do imóvel, um dos herdeiros do poeta foi acometido de dores lancinantes e faleceu. Um ladrão matou outro herdeiro. Os filhos deles morreram de uma coisa ou outra, mas não de velhice. Uma sucessão de compradores da mansão também passou por males incomuns: fortunas desfeitas,

infertilidade, loucura e assim por diante. Quando vi a mansão pela primeira vez, era uma monstruosidade abandonada, o terreno transformado em uma selva de trepadeiras e arbustos asfixiantes, o refúgio perfeito para cães selvagens. Comprei o imóvel por um preço irrisório. Tanto os ocidentais quanto os chineses me acharam tola, qualquer que tivesse sido o valor do negócio. Nenhum carpinteiro, pedreiro ou servente jamais cruzaria os limites daquela propriedade assombrada.

Então, cavalheiros, o que me restava fazer? Desistir e contabilizar perdas? Não. Eu contratei um ator italiano – um jesuíta caído em desgraça, com tez escura e aparência de asiático, que se evidenciava ainda mais quando seu cabelo era firmemente puxado para trás na altura das têmporas, truque que os cantores de ópera chinesa usam para aumentar a intensidade dramática do olhar. Ele vestiu os trajes de um mestre de *feng shui*, e nós contratamos alguns meninos para distribuir panfletos pelas ruas, anunciando a realização de uma feira no terreno ao lado da mansão assombrada. Montamos barracas da comida, trouxemos acrobatas, contorcionistas e músicos, oferecemos frutas raras e até uma máquina de fazer balinhas puxa-puxa. Quando o mestre de *feng shui* chegou em um palanquim com seu assistente chinês, havia centenas de pessoas aguardando por ele – crianças com suas amas, criados e condutores de riquixá, cortesãs e damas, alfaiates e outros eméritos espalhadores de fofocas.

O mestre de *feng shui* exigiu que uma pira fosse levada até ali. Então, ele sacou um rolo de papel, lançou-o às chamas e, em seguida, entoou um cântico num misto de jargão tibetano, enquanto aspergia vinho de arroz no fogo, fazendo as chamas saltarem mais alto. “Agora devo ir para a mansão amaldiçoada”, disse o ator à multidão, “e persuadir Pan, o Poeta Fantasma, a sair de lá. Se eu não voltar, por favor, lembrem-se de mim como um bom homem que serviu ao povo com o custo de sua própria vida”. As previsões de perigo mortal são sempre úteis para fazer as pessoas acreditarem naquilo que queremos. A plateia viu o suposto mestre entrar no local onde nenhum homem ousava ir. Depois de cinco minutos, retornou, sob o murmúrio animado das pessoas. Ele anunciou que tinha encontrado o Poeta Fantasma dentro de um tinteiro, em seu estúdio de pintura. Tiveram uma conversa muito agradável sobre sua poesia e sua fama de outrora. A assombração lamentou que seus descendentes o tivessem lançado na obscuridade em tão pouco tempo. Sua lápide havia se tornado uma laje de musgo onde os cães selvagens urinavam. O mestre de *feng shui* assegurou ao Poeta Fantasma que seria erguida uma estela funerária ainda melhor do que a anterior. O Poeta Fantasma agradeceu e imediatamente deixou a mansão, indo se juntar a sua esposa assassinada.

Assim foi removido o primeiro obstáculo. O passo seguinte foi superar o ceticismo em relação ao futuro de um clube social masculino criado para atender tanto a chineses quanto a ocidentais. Isso funcionaria? Como se sabe, a maioria dos ocidentais enxerga os chineses como seus inferiores – intelectual, moral e socialmente. Parecia improvável que os dois públicos, um dia, aceitassem compartilhar charutos e conhaque.

Os chineses, por isso mesmo, se ressentem da maneira arrogante como os estrangeiros tratam Xangai, como se fosse sua própria cidade portuária, governada por seus tratados e leis. Os estrangeiros não confiam nos chineses. E os insultam, falando *pidgin* com eles, mesmo quando o interlocutor oriental tem um inglês tão refinado quanto um lorde britânico. Por que os chineses fariam negócios com homens que não os respeitam?

A resposta, simples, é dinheiro. O comércio exterior é seu interesse comum, sua língua comum, e eu ajudo chineses e estrangeiros a se comunicarem através dela em uma atmosfera que afrouxa as eventuais reservas de parte a parte.

Para nossos convidados ocidentais, ofereço um clube social com prazeres aos quais estão acostumados: bilhar, carteadado, os melhores charutos e conhaque. Nesse canto, há um piano. No final de cada noite, os notívagos se juntam ao redor do instrumento e cantam hinos e canções sentimentais de seus países de origem. Alguns deles devem se imaginar primos de Caruso. Para nossos convidados chineses, forneço os prazeres de uma casa de cortesãs da mais alta classe. Os clientes seguem os protocolos de namoro. Isto não é um prostíbulo, que é algo a que os homens ocidentais estão mais acostumados. Também oferecemos à clientela chinesa as comodidades ocidentais que ela atualmente espera de uma casa de nosso nível: bilhar, carteadado, o melhor uísque e charutos, além de ópio e belas musicistas, que tocam e entoam velhas cantilenas chinesas, encorajando os homens a fazer coro. Nossos móveis são superiores aos de outras casas. A diferença está nos detalhes, e como americana que sou, trago esse conhecimento no meu sangue.

E agora chegamos ao lugar onde o oriente encontra o ocidente, o *Grand Salon*, o terreno comum para empresários dos dois mundos. Imagine o zumbido de excitação que ouvimos a cada noite. Muitas fortunas foram feitas aqui, e todas elas começaram quando apresentei uns homens a outros e eles trocaram seu primeiro aperto de mão. Cavalheiros, há uma lição aqui para quem quer fazer fortuna em Xangai. Quando as pessoas dizem que uma ideia é impossível, ela se torna impossível. Em Xangai, no entanto, nada é impossível. Você tem de fazer o velho encontrar o novo, mudar a mobília de lugar, por assim dizer, e inventar um bom show. Tapear para triunfar. Saudar os oportunistas. Destas portas para dentro, o caminho para a riqueza é revelado a todos os que têm no mínimo de dez mil dólares para investir ou cuja influência valha mais do que isso. Nós temos nossos padrões.

BASTAVA APROXIMAR-SE DO portão da mansão para você saber de imediato que estava prestes a entrar em uma bela propriedade, com uma história respeitável. A arcada ainda ostentava a placa de pedra esculpida, condizente com um erudito da era Ming; os vestígios de líquen deixados nos cantos funcionavam como prova de autenticidade. O grosso portão era regularmente renovado com demãos de verniz vermelho e com o polimento dos acessórios de latão, para um efeito de riqueza reluzente. Em cada um dos dois pilares, uma placa exibia os nomes da casa: no lado direito, Caminho Oculto de Jade; no esquerdo, Casa de Lulu Mimi, em chinês.

Uma vez ultrapassados o portão e o pátio frontal, você pensaria ter voltado no tempo, para os dias em que o Poeta Fantasma era o senhor da mansão. O jardim, simples e de proporções clássicas, tinha viveiros de pinheiros nodosos. Além dele havia uma casa bastante austera: em uma fachada de pedra recoberta de argamassa cinza-clara, janelas de treliça exibiam um padrão craquelado. O telhado cinzento possuía beirais que se curvavam para cima, mas não excessivamente, o suficiente apenas para sugerir as asas dos morcegos da sorte. Na frente da casa estava a estela do poeta, restaurada em seu lugar de direito, assentada sobre uma tartaruga e coroada com um dragão, proclamando que o falecido erudito seria lembrado por dez mil anos.

Depois do acesso ao vestíbulo, no entanto, todos os sinais do período Ming

desapareciam. Aos pés do visitante abria-se um padrão colorido de encáusticos azulejos mouriscos e, logo em frente, uma parede de cortinas de veludo vermelho. Ao cruzá-las, você adentrava em um “Palácio de Encantos Celestiais”, como minha mãe chamava. Este era o *Grand Salon*, de visual totalmente ocidentalizado. Esse era o padrão nas melhores casas de cortesãs da época, mas minha mãe tinha como diferencial um senso estético ocidental autêntico e também muita ousadia. Quatrocentos anos de ecos frios tinham sido abafados por tapeçarias de parede coloridas, tapetes espessos e uma superabundância de divãs baixos, sofás, *chaise longues* e pufes. As floreiras exibiam vasos de peônias do tamanho da cabeça de um bebê, e as lâmpadas das mesas de chá redondas emprestavam ao ambiente a luminescência âmbar de um crepúsculo. Nas escrivaninhas, o cliente podia escolher entre charutos em umidificadores de marfim e cigarros guardados em potes *cloisonné*. As confortáveis poltronas tinham tanto recheio sob o forro que se assemelhavam às nádegas das pessoas que se sentavam nelas. Alguns dos objetos decorativos pareciam divertidos para os chineses. Os vasos azuis e brancos importados da França, por exemplo, haviam sido pintados com representações de um povo chinês cujos rostos se assemelhavam a Napoleão e Josefina. Pesadas cortinas de *mohair* cobriam as janelas de treliça, combinando borlas verdes, vermelhas e amarelas e franjas grossas como dedos humanos – eram o brinquedo favorito de Carlota. Lustres e arandelas iluminavam pinturas de deusas romanas de bochechas rosadas e musculosos corpos brancos, ao lado de cavalos brancos tão musculosos quanto. – “Formas grotescas”, ouvi alguns homens chineses comentarem a respeito das imagens que, em sua opinião, descreviam bestialidades.

Nos lados direito e esquerdo do *Grand Salon* ficavam portas que davam para salas menores, mais íntimas, e, para além delas, havia passagens cobertas que atravessavam os pátios até a antiga biblioteca, o ateliê de pintura e o templo da família do erudito, todos habilmente convertidos em alcovas, onde homens de negócios podiam receber os amigos para um jantar acompanhado de horas de entretenimento oferecido por refinadas cortesãs e suas canções comoventes.

Na parte posterior do *Grand Salon*, minha mãe instalara uma escada atapetada e sinuosa com corrimão de madeira de laca vermelha, que dava acesso a três balcões forrados de veludo, inspirados naqueles que se encontram nos teatros de ópera. Eles se debruçavam sobre o *Grand Salon* e, dali, assisti a muitas festividades realizadas na casa, enquanto Carlota passeava para lá e para cá sobre a balaustrada.

As festas começavam depois do pôr do sol, com carruagens e riquixás chegando durante toda a noite. Ovo Rachado, nosso porteiro, sabia de cor os nomes dos visitantes, e eles eram os únicos autorizados a entrar. Do meu poleiro, eu via os homens irromperem das cortinas vermelhas para a sala palaciana. Dava para identificar na hora quando se tratava de um passageiro de primeira viagem: ele examinaria o ambiente com ar incrédulo, ao observar homens chineses e ocidentais cumprimentando-se uns aos outros e conversando com civilidade. Se fosse estrangeiro, teria seu primeiro vislumbre das cortesãs no próprio *habitat*. Não era difícil encontrá-las em trânsito pelas ruas, em carruagens e vestidas com peles e chapéus elegantes. Aqui, porém, elas estavam acessíveis. O visitante poderia conversar e trocar sorrisos com elas, mas havia a enfática instrução de que não era permitido tocá-las. Fiquei encantada ao ver como minha mãe inspirava admiração em homens de diferentes nacionalidades. Ela detinha o poder de deixar os homens sem palavras no momento em que

adentrava o salão.

Nossas cortesãs estavam entre as mais requisitadas e talentosas de todas as que trabalhavam nas casas de primeira classe de Xangai – elegantes, sedutoramente recatadas, tentadoramente esquivas e hábeis nas artes do canto e da leitura de poemas. Eram conhecidas como Belas Nuvens. Cada uma levava a palavra *nuvem* no apelido, o que identificava que pertenciam a casa de alta categoria. Quando deixavam um estabelecimento de primeira linha – para se casar, ingressar num convento ou mesmo ir trabalhar em uma casa de classe inferior –, a nuvem evaporava-se de seu nome. As garotas que viviam conosco quando eu tinha sete anos eram Nuvem Rosada, Nuvem Revolta, Nuvem de Neve e, minha favorita, Nuvem Mágica. Todas eram espertas. A maioria delas tinha treze ou catorze anos quando chegaram aqui e somavam vinte e três ou vinte e quatro ao deixar a casa.

Minha mãe definira para elas as regras de condução dos negócios com os convidados, bem como o sistema de partilha de seus rendimentos e despesas com a casa. Pomba Dourada cuidava do comportamento e da aparência das garotas e assegurava que elas honrassem as normas e a reputação esperadas de uma casa de cortesãs de altíssimo nível. Pomba Dourada sabia da facilidade com que a reputação de uma menina podia ser denegrida. Ela mesma havia sido uma das mais conhecidas cortesãs de seu tempo, até seu patrono lhe esmigalhar os dentes da frente e metade dos ossos faciais. Quando se recuperou da agressão, com o rosto ainda ligeiramente torto, outras belezas tinham tomado seu lugar, e ela jamais conseguiu superar as especulações de que devia ter cometido um erro muito grave para ter despertado a violência de seu patrono, um homem tão pacífico.

Por mais aprazíveis que fossem as cortesãs, cada convidado, chinês ou ocidental, sempre esperava ver uma mulher em particular – minha mãe. Do meu poleiro era fácil identificá-la pelo volume elástico de cachos castanhos que lhe enfeitava os ombros, em um estilo descuidado. Meu cabelo era muito parecido com o dela, só que mais escuro. Sua pele tinha uma coloração amorenada. Ela dizia com orgulho que tinha nas veias algumas gotas de sangue de Bombaim. Honestamente, ninguém jamais descreveu minha mãe como bonita – nem chineses nem estrangeiros. Ela tinha um nariz comprido e torto, que parecia ter sido rudemente esculpido com faca. Sua testa era alta e larga, sinal indicativo de uma natureza cerebral, segundo Pomba Dourada. Seu queixo inchado parecia um pequeno punho fechado, e suas bochechas eram protuberantes. Com íris extraordinariamente grandes, os olhos dela eram profundos e sombrios, realçados por cílios escuros. Mas, mais do que uma mulher com características normais e grande beleza, minha mãe era cativante, e nisso todos concordavam. Era um conjunto de atributos – o sorriso, a voz rouca e melodiosa, o movimento provocativo e lânguido do corpo. Ela faiscava. Ela brilhava. Se um homem recebesse apenas um de seus olhares penetrantes, ficava encantado. Vi isso acontecer mais de uma vez. Ela fazia cada homem se sentir especial.

Ela também era única quanto ao estilo. Suas criações tinham tudo a ver com seu jeito espirituoso. O meu favorito era um vestido lilás de organza de seda quase transparente flutuando sobre seda tussah rosa pálida. O modelo era bordado com minúsculas folhas de videira, de cujo topo, na altura do peito, surgiam dois rosados botões de rosa. Quem pensasse que os botões de rosa também eram de seda se surpreendia: um deles sempre era uma flor verdadeira, que desprendia pétalas e perfume conforme a noite avançava.

Do balcão eu a observava cruzar todo o salão, a cauda do vestido sibilando atrás de si, a

admiração masculina em seu rastro. Eu a via inclinar o rosto para falar com um chinês e, em seguida, dobrar-se para outro lado a fim de dar atenção a um ocidental. Dava para perceber que cada um deles se sentia privilegiado por ter sido alvo da atenção dela. Todos os homens desejavam a mesma coisa de minha mãe: seu *guanxi*, como chamavam os chineses, ou seus influentes contatos, de acordo com os estrangeiros. Era sua familiaridade com muitas das mais poderosas e bem-sucedidas pessoas de Xangai, Cantão, Macau e Hong Kong. Isso proporcionava a ela o conhecimento dos negócios e das oportunidades em que esses homens estavam investindo, bem como das áreas que não lhes interessavam. O magnetismo de minha mãe provinha de sua capacidade de combinar homens e perspectivas em favor do lucro.

Invejosas, as damas proprietárias de outras casas de cortesãs diziam que minha mãe sabia desses segredos porque dormia com todas essas centenas de homens das mais diversas tonalidades de pele. Ou, segundo outra calúnia, ela os chantageava depois de descobrir os meios ilícitos que haviam usado para ganhar dinheiro. Havia também a teoria de que ela drogava os clientes todas as noites. Quem sabia o que minha mãe fazia para obter daqueles homens exatamente aquilo que ela precisava saber?

A verdadeira razão para seu sucesso empresarial teve muito a ver com a Pomba Dourada. Mamãe me contou várias vezes, mas com tantos rodeios que eu apenas conseguia juntar algumas partes de um todo que parecia fantástico demais para ser verdade. Ela e Pomba Dourada supostamente se conheceram há dez anos, quando viviam em East Floral Alley. No começo, Pomba Dourada possuía uma casa de chá frequentada por marinheiros chineses. Minha mãe, então, abriu um pub para os piratas. Pomba Dourada fez uma casa de chá bem mais elegante, buscando atrair capitães de navios, e minha mãe inaugurou um clube particular para os proprietários das embarcações. As duas continuaram assim, tentando superar uma à outra, até Mamãe montar o Caminho Oculto de Jade, e deu no que deu. Durante todo esse tempo, ela ensinou inglês para Pomba Dourada, que retribuiu com aulas de chinês, e, juntas, ambas praticaram um ritual chamado de *momo*, usado por ladrões para roubar segredos. Segundo Pomba Dourada, *momo* se resumia apenas a ficar quieta. Mas eu não acreditava nela.

Às vezes, eu gostava de descer do meu poleiro para, com Carlota, passear através do alto labirinto formado por homens de terno escuro. Poucos prestavam atenção em mim. Era como se eu fosse invisível, exceto para os criados, que, na época em que eu tinha sete anos, já não me temiam como a um redemoinho, mas me tratavam como um vento mais incômodo do que ameaçador.

Eu era muito pequena para enxergar alguma coisa por cima da muralha formada pelos grupos de homens, mas conseguia ouvir a voz brilhante de minha mãe, aproximando-se ou afastando-se conforme cumprimentava cada cliente como se fosse um amigo que não via há muito tempo. Quem não aparecia na casa há algum tempo era gentilmente admoestado por ela e sentia-se lisonjeado ao ouvir que sua ausência fora percebida. Eu via como ela guiava todos esses homens, fazendo-os concordar com tudo o que dizia. Se dois cavalheiros no salão manifestassem opiniões opostas, ela não tomava partido. Apenas expressava um ponto de vista acima da contenda e, como uma deusa, encaminhava a divergência para o consenso. Sem traduzir as exatas palavras dos debatedores, fazia com que seus discursos confluíssem para um tom favorável ao interesse comum e à cooperação.

Ela também era indulgente com gafes, e elas tendiam a acontecer com frequência naquele ambiente multinacional. Lembro-me de uma noite estar ao lado de Mamãe quando ela apresentou um industrial britânico, o senhor Scott, a um banqueiro chinês, o senhor Yang.

O empresário ocidental imediatamente começou a falar sobre seus ganhos nas corridas de cavalos naquele dia. Infelizmente, o senhor Yang falava e entendia inglês perfeitamente, de modo que minha mãe não teve como intervir na conversação enquanto o senhor Scott se animava a contar sobre suas apostas.

– A aposta naquele cavalo pagava doze por um. Nos últimos quatrocentos metros, suas pernas cortaram o ar, ganhando velocidade constante por todo o caminho até o fim. – O britânico fechou os olhos, como se estivesse revendo a corrida. – Ele venceu o páreo com cinco corpos de vantagem! Senhor Yang, também aprecia as corridas de cavalos?

Com seriedade diplomática, o banqueiro respondeu:

– Eu não tive o prazer, senhor Scott, assim como todo chinês que conheço.

O senhor Scott não se fez de rogado:

– Devemos ir juntos, então. Amanhã, talvez?

Ao que o senhor Yang gravemente retrucou:

– Pelas suas leis ocidentais no Tratado Internacional de Xangai, o senhor teria de me tomar como seu criado para que isso acontecesse.

O sorriso desapareceu do rosto do empresário ocidental. Ele havia esquecido a proibição. Olhou nervosamente para minha mãe, que emendou em tom bem-humorado:

– Senhor Yang, aconselho que leve o senhor Scott para a Cidade Murada como seu condutor de riquixá, encorajando-o a correr até o portão tão depressa quanto seu cavalo vencedor. Olho por olho.

Depois que os dois compartilharam uma boa risada, ela concluiu:

– Toda essa conversa sobre velocidade e pressa me lembra que devemos trabalhar rapidamente em conjunto para garantir a aprovação da rota de transporte através de Yokohama. Sei de uma pessoa que pode ajudar bastante nesse sentido. Devo enviar uma mensagem para ela amanhã?

Na semana seguinte, três gratificações em dinheiro chegaram às mãos dela, uma do senhor Yang, outra, maior, do senhor Scott, e a última do burocrata que azeitou os trâmites para a aprovação e teve participação no negócio.

Eu via como ela enredava os homens. Eles agiam como se estivessem apaixonados. No entanto, não poderiam lhe fazer quaisquer confissões ardentes, não importa que fossem verdadeiras. Desde sempre, estavam cientes de que ela não interpretaria isso como expressão genuína de amor, mas como trapaça para obter alguma vantagem injusta. Mamãe prometeu que quem tentasse lhe conquistar o afeto acabaria banido do Caminho Oculto de Jade. Promessa que ela quebrou com um homem.

POR TRÁS DOS balcões havia dois corredores e, entre eles, uma sala comum, onde fazíamos nossas refeições. Dali, uma arcada dava para uma sala maior, que chamávamos de Salão da Família. Continha três mesas de chá com seus conjuntos de cadeiras, bem como mobiliário ocidental. Minha mãe usava o local para receber o alfaiate, o sapateiro, o cobrador de impostos, o funcionário do banco e outros com quem tinha de tratar de questões

enfadonhas. De tempos em tempos, ali se celebrava o “casamento” entre uma cortesã e o patrono que desejasse tê-la por pelo menos duas temporadas, o que exigia a assinatura de um contrato formal. Quando o local não estava em uso, o que era frequente, as Belas Nuvens o ocupavam para tomar chá e comer doces, enquanto conversavam à toa sobre um pretendente que ninguém queria, o novo restaurante de comida estrangeira da moda ou a decadência de uma cortesã de outra casa. Tratavam-se como irmãs, irmãs flores, unidas por suas circunstâncias àquela casa e àquele momento de suas breves carreiras. Elas confortavam-se, encorajavam-se, mas também brigavam por questões mesquinhas, como a partilha das despesas com comida. Tinham ciúmes entre si, mas emprestavam broches e braceletes umas às outras. E muitas vezes repetiam as mesmas histórias de como haviam sido separadas de suas famílias, o que culminava com uma longa sessão de choro coletivo de compreensão mútua. “Ninguém deveria ter de suportar este destino amargo” era um refrão comum. “Foda-se esse cão piolhento” era outro.

Um corredor levava a um pátio flanqueado por duas grandes alas da mansão, dispostas como praças em torno de um pátio menor. Na esquerda ficava a ala sudoeste, onde as Belas Nuvens moravam. Um passadiço coberto se estendia ao longo de todos os quatro lados, e através dele cada cortesã tinha acesso a seu quarto. A cortesã menos prestigiada da casa ocupava o dormitório mais próximo do corredor, o que lhe proporcionava menos privacidade, uma vez que todas as suas colegas tinham necessariamente de passar por sua porta e sua janela para chegar a seus quartos. A cortesã principal ficava com o aposento mais distante e mais privativo. Extenso, cada quarto dividia-se em duas partes. De um lado de um alto biombo treliçado, a Bela Nuvem podia receber seu hóspede para um jantar íntimo. Do outro lado, estava a alcova propriamente dita, com uma janela voltada para o pátio interno, ponto ideal para se observar a lua. Quanto mais assediada a Bela Nuvem, mais bem equipado seu quarto, por conta dos muitos presentes ofertados por seus pretendentes e patronos. Na decoração, o estilo chinês prevalecia, bem mais do que o estilo visto no mobiliário do Grand Salon. Nenhum patrono, na verdade, dava muita atenção na hora de escolher um divã para se recostar, um local onde pudesse fumar, relaxar um pouco, talvez até dormir quando estivesse exausto, ou prestes a se exaurir ao longo da noite.

Mamãe, Pomba Dourada e eu vivíamos na ala nordeste. Minha mãe dispunha de aposentos separados nos dois lados da construção. Um deles era o quarto e o outro, seu escritório, lugar onde ela e Pomba Dourada se reuniam para discutir a lista de convidados de cada noite. Eu sempre me juntava a ela em sua refeição do meio-dia, e também permanecia a seu lado no quarto, enquanto ela se arrumava para o trabalho. Era o momento mais feliz do meu dia. Ao longo de uma curtíssima hora, ela me perguntava sobre os assuntos que eu estava aprendendo e, com frequência, fazia questão de acrescentar alguns dados interessantes. Ela também me pedia um relato das minhas transgressões: o que tinha feito para que uma das empregadas dissesse que queria se matar, por que havia sido malcriada com Pomba Dourada, em que circunstâncias eu rasgara mais um vestido. De minha parte, eu opinava acerca de uma nova cortesã ou de um chapéu recém-comprado por minha mãe, contava as últimas travessuras de Carlota e outros assuntos semelhantes, que considerava importantes para a gestão da casa.

Mamãe possuía outra sala ao lado do escritório. Portas de vidro francesas, com espessas cortinas para garantir a privacidade, separavam esses dois ambientes. A sala era chamada

de “boulevard”, uma vez que suas janelas davam vista para a Nanking Road, e servia a propósitos diversos. Durante o dia, eu tinha ali minhas aulas com professores norte-americanos. No entanto, se ela ou Pomba Dourada recebessem convidados de fora da cidade, eles eram acomodados nesse aposento. Em ocasiões excepcionais provocadas por mau planejamento ou excesso de popularidade, uma cortesã podia reservar dois clientes para uma mesma noite, cuidando de entreter um no boulevard e outro em seu próprio quarto. Se trabalhasse com cuidado, nenhum dos clientes perceberia sua duplicidade.

Meu quarto ficava no lado norte da ala leste, perto do corredor principal, o que me permitia ouvir as fofocas das quatro empregadas, que permaneciam bem no canto de minha janela enquanto aguardavam as ordens para servir chá, frutas, toalhas quentes e coisas do gênero. Como amas das cortesãs, elas estavam a par dos avanços e fracassos de cada uma delas no relacionamento com novos admiradores. Sempre fiquei intrigada com o fato de as cortesãs nunca terem desconfiado que suas empregadas não eram surdas.

“Você tinha de ver a cara dela quando ele deu um colar que valia menos da metade do que ela esperava. Eu não fiquei surpresa”.

“A situação dela é terrível. Dentro de um mês ela vai embora. *Ai-ya*, pobre menina. Ela é boa demais para merecer esse tipo de destino”.

No início da noite, pelo menos uma Bela Nuvem levava seu patrono para o pátio a fim de entabular uma romântica conversa sobre a natureza. Eu ficava por ali, no passadiço, e ouvia aqueles murmúrios ensaiados tantas vezes que até eu seria capaz de recitá-los, com o mesmo tom melancólico interpretado pelas cortesãs. A lua era um tema recorrente.

Eu deveria estar feliz por ver a lua cheia, meu amor. Mas me sinto mal quando lembro que minhas dívidas aumentam enquanto seu ardor diminui. Por que você parou de me presentear ultimamente? Por acaso minha devoção deve ser recompensada com a pobreza?

Não importava quão generoso o patrono fosse. A Bela Nuvem o pressionaria para conseguir cada vez mais. E, com frequência, o patrono suspirava resignadamente e dizia a sua cortesã para parar de chorar: ele concordaria com qualquer receita de felicidade que fosse capaz de secar a fonte de queixumes da garota.

Geralmente era assim que funcionava. Uma noite, porém, ouvi com alegria quando um patrono disse:

– Se dependesse de você, haveria lua cheia todos os dias. Não me venha nunca mais com essa arenga absurda sobre a lua.

No final da manhã, eu ouvia as garotas conversando entre elas no pátio.

– O pão-duro fingiu ser surdo.

– Enfim, ele concordou. Eu devia ter pedido meses atrás.

– Seu amor é genuíno. Ele me disse que eu não sou como as outras cortesãs.

À luz do dia, elas enxergavam significados diferentes no céu. Comentavam como as nuvens eram mutáveis, assim como o destino. Interpretavam sinais ameaçadores em estrias ralas no alto do firmamento, notando porém que estavam bem longe. Regozijavam-se quando as nuvens pareciam gordas como bundinhas de bebês e ficavam assustadas caso os bebês se virassem para exibir um baixo-ventre negro, anunciando a tempestade. Muitas Belas Nuvens predecessoras haviam visto seus destinos mudarem em um dia. Elas tinham sido avisadas pelas irmãs mais velhas de ofício de que a popularidade era tão duradoura quanto um chapéu da moda. Mas, quanto mais crescia a reputação de uma cortesã, mais

rapidamente ela esquecia a advertência. Todas acreditavam que poderiam ser uma exceção.

Mesmo nas noites frias, eu abria uma fresta de janela para ouvir as empregadas. Em noites quentes, bastava abrir a janela inteira e permanecer em silêncio, no escuro, atrás das persianas de meu painel treliçado. Carlota aninhava-se no meu ombro e, juntas, escutávamos os comentários sobre o que andava acontecendo nos aposentos das cortesãs. Às vezes, as criadas mencionavam palavras e metáforas que eu já tinha ouvido as Belas Nuvens usarem entre si: Linha na Agulha, Entrando no Pavilhão, Despertando o Guerreiro e muitas outras expressões que as faziam rir.

Como pode uma criança não ser curiosa a respeito do que desperta o riso? Eu satisfiz minha curiosidade no verão em que tinha sete anos. Uma oportunidade surgiu quando três amas e uma cortesã ficaram doentes por causa da ingestão de algum alimento estragado. A única criada saudável estava mobilizada no atendimento à cortesã que se esvaía em vômitos. Foi quando observei de minha janela Nuvem Rosada caminhando com seu pretendente na direção da alcova. Depois de alguns minutos, corri para a ala oeste e agachei-me sob sua janela. Eu não era alta o suficiente para ver o que acontecia dentro do quarto, e o máximo que podia ouvir eram tediosos gracejos.

Você me parece bem e feliz. Os negócios devem estar indo bem. Imagino sua esposa cantando como um passarinho alegre.

Quando estava prestes a desistir e voltar para meu quarto, ouvi um agudo arfar de surpresa. Então, percebi a voz de Nuvem Rosada tremer conforme ela agradecia ao pretendente por seu dom. Um pouco depois, comecei a ouvir grunhidos e o mesmo arquejar surpreso, repetido muitas vezes.

Na noite seguinte, fiquei contente em saber que a doença ainda prevalecia. Eu tive a ideia de utilizar uma bacia virada para servir de pedestal, ficando alta o bastante para espreitar o que se passava dentro da alcova da cortesã. À luz tênue da lamparina, distingui as formas escuras de Nuvem Rosada e de seu pretendente por trás do fino dossel de seda da cama. Eles movimentavam-se como se atuassem num teatro de sombras. Duas pequenas silhuetas de pés pareciam brotar da cabeça do homem e, de repente, os pés chutaram as cortinas, abrindo-as. O homem, nu, investia sobre a garota com tamanha violência que caiu da cama. Não pude deixar de dar um grito de riso.

No dia seguinte, Nuvem Rosada reclamou com Pomba Dourada que eu tinha ido espiá-la e que minha risada quase fizera seu pretendente perder o entusiasmo. Pomba Dourada contou à minha mãe, que, por sua vez, recomendou-me bem baixinho que desse privacidade às Belas Nuvens e que deixasse de perturbar seus negócios. Interpretei essa advertência como um recado para, da próxima vez, ser mais cuidadosa a fim de não ser flagrada.

Quando surgiu outra oportunidade, eu a aproveitei. Naquela idade, não entendia aquilo como algo que pudesse ser excitante sexualmente. O que me movia era a emoção de fazer algo sabendo que envergonharia minhas vítimas, caso elas descobrissem meu crime. Eu já tinha sido uma menina má de outras maneiras: espionando um homem urinar no penico, manchando de gordura a roupa de uma cortesã que brigara comigo, e outras brincadeiras do gênero. Certa vez, coloquei latas de metal no lugar das sinetas de prata que pendiam sobre a cama, e, conforme o homem se movimentava e balançava o leito, o casal ouvia a estridência das latas em vez de um retinir suave. Em cada uma dessas traquinagens eu sabia exatamente o que estava fazendo de errado, mas também me sentia corajosa, e portanto

animada, com minhas ações maldosas. Da mesma forma, eu conhecia os verdadeiros sentimentos que as Belas Nuvens nutriam por seus pretendentes e patronos. E estava ciente de que tal conhecimento me dava um poder secreto – do qual não fazia qualquer uso específico, mas que, no entanto, não deixava de ser um poder, tão valioso quanto qualquer outra bugiganga de minha caixa de tesouros.

Por mais que fosse travessa, nunca senti vontade alguma de espiar minha mãe e seus amantes. Não suportava nem mesmo imaginá-la permitindo que um homem a visse despida de suas belas roupas. Com as flores da casa eu tinha menos reservas. Eu as assistia contorcendo-se no divã. Observava os homens examinando-as entre as pernas. Flagrava as cortesãs de joelhos, prostrando-se diante dos pênis de seus clientes. Uma noite, vi um homem corpulento entrar no quarto de Nuvem Revolta. Seu nome era Prosper Yang e ele possuía várias fábricas, algumas que faziam máquinas de costura e outras em que botava mulheres e crianças para trabalhar nessas máquinas. Ele a beijou com ternura e ela tremeu e fingiu timidez. Ele falou palavras suaves, e seus olhos se arregalaram e lacrimejaram quando ela tirou a roupa. Ele moveu sua grande massa corporal e pairou como uma nuvem escura sobre a garota, que fez uma careta de medo, como se estivesse prestes a morrer por esmagamento. Ele apertou-se contra ela, e seus corpos se moveram como peixes se debatendo fora da água. Ela lutou sob o peso dele e soluçou em tom trágico. E então seus membros enrolaram-se em torno de seus corpos como cobras. Ele soltou sons agressivos, animais. Ela gritou como um passarinho guinchando. De um salto, ele montou na traseira dela, cavalgando-a como se fosse um pônei até se deixar cair. Ela permaneceu imóvel, deitada de lado. Como a lua brilhava através da janela, o corpo branco de Nuvem Revolta reluzia, e eu achei que tivesse morrido. Assisti aquela cena por quase uma hora até que ela finalmente acordou de sua quase morte, bocejando e estendendo um braço.

De manhã, no pátio, ouvi Nuvem Revolta contar para outra irmã flor que Prosper Yang tinha declarado que a amava e que seria seu patrono. Um dia, talvez, poderia até tomá-la como esposa.

De repente, então, tudo aquilo que eu vinha espiando tornou-se perigoso e doentio. Mamãe e Pomba Dourada haviam mencionado várias vezes que eu me casaria um dia. Eu sempre tinha visto o casamento como um dos meus muitos privilégios americanos e, ao contrário das cortesãs, podia assumi-lo como meu. Nunca tinha imaginado que o casamento incluiria um monte de solavancos sobre mim, como eu testemunhara na noite de Nuvem Revolta com seu pretendente. De uma hora para outra, não conseguia parar de me lembrar daquelas cenas, que voltavam involuntariamente para me perturbar e me deixar enjoada. Por várias noites, tive pesadelos chocantes. Neles, eu tinha tomado o lugar de Nuvem Revolta e ficava deitada de barriga para baixo, esperando. A forma escura de um homem aparecia contra as cortinas translúcidas e, um momento depois, Prosper Yang pulava sobre minhas costas e me cavalgava como a um pônei, esmagando meus ossos um por um. Quando ele terminava, eu permanecia deitada, fria como o mármore. Esperava me mover, assim como Nuvem Revolta havia feito depois de certo tempo. Em vez disso, no entanto, o frio crescia cada vez mais porque eu estava morta.

Deixei de espionar as Belas Nuvens depois disso.

A IRMÃ FLOR de que mais gostava era Nuvem Mágica. Por essa razão, só a bisbilhotei uma vez

na intimidade com seu patrono. Ela me fazia rir ao gabar-se da raridade desses móveis de formas bizarras. A cama de casal, segundo ela, havia sido esculpida do tronco de uma única árvore tão grossa quanto nossa mansão inteira. Mas encontrei emendas na madeira. O brocado de ouro acima da cama de ópio fora um presente de uma das concubinas imperiais, que ela dizia ser sua meia-irmã. Ela se fez de ofendida quando manifestei minha incredulidade. O recheio de sua colcha era feito de nuvens de seda que flutuavam ao menor suspiro. Então, eu suspirava repetidas vezes, só para lhe mostrar que a colcha não saía do lugar. Ela também tinha uma mesa Ming simples, sobre a qual dispunha relíquias eruditas e apetrechos de literatos, os quais cada cliente dizia admirar, mesmo quando nunca tivesse compartilhado das sensibilidades daqueles que tiveram uma esmerada educação. Tais peças, ela me dizia, tinham pertencido ao Poeta Fantasma. Ninguém tinha ousado ficar com elas. Eu não acreditava em assombrações, mas ainda assim ficava nervosa quando ela insistia para que inspecionasse os objetos: um tinteiro de pedra roxo, pincéis do mais macio pelo de ovelha, e lingotes de tinta sólida esculpidos com cenas do jardim da mansão do erudito. A cortesã erguia os rolos de papel e afirmava que absorviam apenas a quantidade certa de tinta e refletiam a qualidade exata da luz. Perguntei se ela sabia escrever poesia.

– Claro! Por que mais eu teria todas essas coisas? – ela disse.

Não era segredo para mim que ela, como a maioria das cortesãs, mal sabia ler e escrever. Pomba Dourada exigia que as cortesãs mantivessem objetos relacionados às letras em seus quartos. Isso contribuía para a reputação da casa, colocava-a acima das demais. Nuvem Mágica me garantia que o Poeta Fantasma preferia os objetos dela, dos quais gostava mais do que as peças mantidas nas alcovas de suas outras irmãs.

– Eu sei do que ele gosta porque foi meu homem em uma vida passada – afirmava Nuvem Mágica –, e eu fui sua concubina favorita. Quando ele morreu, eu me matei para poder ficar junto dele. Mas, mesmo no céu, a sociedade nos separou. Sua esposa não me permitia vê-lo e providenciou para que ele reencarnasse antes de mim.

Eu não acreditava em fantasmas, mas cresci ouvindo a conversa lunática de Nuvem Mágica.

– Ele veio a mim na primeira noite em que me mudei para cá. Senti seu hálito frio sobre meu rosto e percebi que o Poeta Fantasma tinha chegado. No passado, eu teria saltado para fora de minha pele e fugido sem olhar para trás. Daquela vez, porém, em vez de bater os dentes de medo, senti um calor maravilhoso correr por minhas veias. Senti o amor mais forte, como jamais dei ou recebi de alguém. Naquela noite, sonhei com nossa vida passada e acordei mais feliz do que nunca.

Segundo afirmava, o Poeta Fantasma a visitava pelo menos uma vez por dia. Ela sentia a presença dele quando ia a seu antigo estúdio de pintura, ou quando se sentava no jardim, ao lado de sua estela. Qualquer que fosse seu estado de espírito ao chegar – tristeza, desespero, raiva –, ela imediatamente ficava leve e feliz.

Quando ficaram sabendo desse amante fantasma, as outras Belas Nuvens tiveram medo e raiva, pelo fato de a colega ter evocado uma assombração. Mas evitaram criticá-la em demasia, temendo eventuais retaliações do espírito do antigo proprietário da mansão contra quaisquer detratores de sua amada.

– Você consegue vê-lo? Você consegue sentir o cheiro dele? –, perguntavam as irmãs flores sempre que Nuvem Mágica se mostrava contente além da conta, sem qualquer motivo

aparente.

– Hoje mesmo, pouco antes do anoitecer – ela respondeu –, eu vi a sombra dele e a senti me varrendo suavemente – disse, roçando dois dedos por um de seus braços como se fosse uma pequena vassoura.

E, então, eu também vi uma sombra e senti uma fria sensação de varredura em minha pele.

– Ah, você sentiu também – percebeu Nuvem Mágica.

– Não, não senti nada. Eu não acredito em fantasmas.

– Então por que está com medo?

– Eu não estou com medo. Por que deveria? Fantasmas não existem.

E como que para combater essa mentira, meu medo cresceu. Lembrei-me de minha mãe dizendo que fantasmas eram manifestações do medo das pessoas. Por que outra razão esses supostos fantasmas só afligem os chineses? Apesar da lógica de minha mãe, eu acreditava que o Poeta Fantasma ainda vivia em nossa casa. Medo repentino era um sinal de que ele tinha chegado. Mas por que ele me visitaria?

O Poeta Fantasma esteve no casamento simulado de Nuvem Revolta com Prosper Yang, que firmou um contrato com duração de três temporadas. Soube então que Nuvem Revolta tinha dezesseis anos e ele, mais de cinquenta. Pomba Dourada a consolou, dizendo que ele seria muito generoso, como os velhos tendem a ser. Nuvem Revolta reafirmou que Prosper Yang a amava, e ela se sentia afortunada por isso.

Minha mãe era conhecida por promover os melhores casamentos de todas as casas de cortesãs. Eram cerimônias em estilo ocidental, em oposição aos casamentos tradicionais chineses envolvendo noivas virgens, uma categoria à qual as cortesãs obviamente nunca poderiam pertencer. As noivas cortesãs, em compensação, podiam usar o típico vestido branco ocidental, e minha mãe dispunha de uma variedade de modelos para suas Belas Nuvens. A moda era claramente ianque – corpetes baixos e saias volumosas, envoltas em seda brilhante e adornadas com rendas, bordados e pérolas. Aqueles vestidos jamais poderiam ser confundidos com os trajes de luto chineses, de áspera aniagem branca.

O casamento à moda ocidental tinha suas vantagens, conforme eu aprendera ao assistir a uma versão chinesa da cerimônia em outra casa de cortesãs. Por um lado, não havia homenagens aos antepassados, uma vez que eles provavelmente teriam renegado uma descendente cortesã. Ou seja, nada de tediosos rituais envolvendo ajoelhar-se e fazer reverências sem fim. A cerimônia foi curta, e omitiram-se as orações. A noiva disse “sim” e o noivo também. Então, hora de comer. O banquete de um casamento ocidental também se destacava porque todos os pratos pareciam ocidentais, mas tinham gosto de comida chinesa.

Os patronos podiam escolher a música da festa entre uma variedade de estilos, cada qual por uma taxa diferente. A opção mais cara, uma banda de música ianque, era recomendável apenas se o clima estivesse bom. Um violinista americano seria uma alternativa mais em conta. Então, havia também a escolha das músicas. Era importante não se deixar enganar pelo título de uma canção. Uma das cortesãs pediu certa vez que o violinista tocasse “O Promise Me”, pensando que a duração da música fortaleceria a fidelidade de seu patrono e, talvez, prolongasse a extensão do contrato. Mas a música continuou por tanto tempo que os clientes perderam o interesse e começaram a falar de outros assuntos bem antes de o violinista encerrar sua interpretação. Essa foi a razão pela qual o contrato não foi

renovado, as irmãs flores especularam mais tarde. Todo mundo gostava de “Auld Lang Syne”, executada com pungente intensidade em um instrumento chinês parecido com um violoncelo em miniatura e com apenas duas cordas. Mesmo que entoada em ocasiões tristes, como funerais e despedidas, a canção continuava popular. Havia apenas algumas palavras em inglês para aprender, e todos apreciavam cantá-las para provar que conseguiam falar o idioma. Minha mãe mudou a letra da canção para que refletisse uma promessa de monogamia. Se uma cortesã quebrasse tal promessa, as consequências eram o fim do contrato e uma má reputação muito difícil de ser superada. De outro lado, se o patrono fosse responsável por não cumprir a promessa, restava à cortesã apenas a humilhação. Por que ele a teria desonrado? Alguma razão devia haver.

Prosper, que se imaginava um Caruso chinês, cantou com entusiasmo.

*Velhos amores para esquecer,
E para nunca mais lembrar!
Velhos amores para esquecer,
E por muito tempo mais:
Um brinde, queridos amigos,
Um brinde mais uma vez,
Velhos amores para esquecer,
E para nunca mais lembrar!*

No meio da canção, vi Nuvem Mágica voltar seus olhos para a arcada. Ela tocou em seu braço levemente, olhou para cima novamente e sorriu. Um momento depois, senti o já conhecido sopro de frieza sobre meu próprio braço e na espinha. Tremi e corri para minha mãe.

Prosper berrou a última nota e deixou os aplausos prosseguirem por algum tempo e, em seguida, pediu que os presentes fossem entregues a Nuvem Revolta. O primeiro deles foi o que tradicionalmente toda cortesã recebia: um bracelete de prata e um rolo de seda – um brinde a isso! Os convidados levantaram as taças e entornaram o vinho de um só gole, inclinando as cabeças para trás. Em seguida veio um sofá de estilo ocidental estofado de cetim rosa – dois brindes a isso! Mais presentes vieram. Por fim, Prosper entregou a Nuvem Revolta o que ela mais queria, um envelope de dinheiro, o primeiro de seu soldo mensal. Ela conferiu a quantidade, engasgou e caiu sem palavras, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. Nós só saberíamos mais tarde se as lágrimas significavam que ela recebeu bem mais ou muito menos do que previa. Outro brinde foi erguido. Nuvem Revolta disse que não conseguia beber mais. Seu rosto estava tingido de vermelho e ela reclamou que sentia o teto balançando para um lado e o chão para outro. Prosper agarrou-lhe o queixo e forçou que engolisse o vinho da taça, e depois mais uma dose, conforme seus amigos a incitavam. De repente, Nuvem Revolta teve um espasmo e vomitou, antes de desabar no chão. Pomba Dourada rapidamente sinalizou ao músico para tocar uma canção final, a fim de apressar a saída dos convidados da sala. Prosper foi com eles, sem nem sequer olhar para Nuvem Revolta deitada no chão e balbuciando desculpas. Nuvem Mágica tentou colocá-la sentada, mas a garota se jogou para trás sem sentidos, como um peixe morto.

– Bastardos –, xingou Pomba Dourada. – Leve-a para uma banheira e certifique-se de que não vai se afogar.

Assisti a muitos casamentos. As Belas Nuvens mais novas celebravam contratos um após o outro, com intervalo de cerca de uma semana entre um e outro. Mas à medida que envelheciam e seus olhos perdiam o viço, os casamentos se tornavam mais raros para elas. Até o dia em que Pomba Dourada informava a determinada Bela que ela tinha de “embarcar na liteira”, que era uma maneira figurada de anunciar seu despejo. Lembrei-me do dia em que Nuvem Rosada recebeu a má notícia. Mamãe e Pomba Dourada a convocaram para o escritório. Eu estudava no boulevard, o ambiente do outro lado das portas de vidro francesas. Ouvi a voz de Nuvem Rosada cada vez mais alta. Pomba Dourada citava números, dizia que as reservas de dinheiro da casa estavam em declínio. Como consegui ouvir isso com tanta clareza? Simplesmente fui até a porta e vi que estava um pouco aberta. Havia uma fresta de meia polegada. Nuvem Rosada implorou baixinho para ficar mais tempo, alegando que um pretendente estava a ponto de se oferecer para ser seu patrono. Mas Mamãe e Pomba Dourada mantiveram-se firmes, sem compaixão. Sugeriram que ela podia ser acolhida em uma outra casa. Nuvem Rosada reagiu com raiva, em voz alta. As duas mulheres, então, passaram a insultá-la, tratando-a como uma prostituta comum. A cortesã saiu correndo. Minutos depois, dava para ouvi-la uivando, assim como Carlota havia feito quando prendeu sua pata no batente da porta, como se a voz lhe saísse das entranhas e do coração. Aquele som me deixou enjoada.

Contei a Nuvem Mágica o que havia acontecido com Nuvem Rosada.

– Isso vai acontecer com todas nós. Um dia, o destino nos traz para cá – ela disse. – Outro dia, ele nos leva. Talvez a próxima vida dela seja melhor. Sofre mais agora, sofre menos depois.

– Ela não devia sofrer tanto – eu disse.

Três dias depois, uma cortesã chamada Nuvem Fofa passou a ocupar os aposentos de Nuvem Rosada. Ela não sabia de nada do que havia acontecido ali – a movimentação, os suspiros, as lágrimas, os uivos.

Algumas semanas mais tarde, eu estava no quarto de Nuvem Mágica no final da tarde. Ocupada demais, Mamãe não tinha feito sua refeição do meio-dia comigo. Teve de sair apressada para algum lugar qualquer a fim de atender a uma pessoa desconhecida. Nuvem Mágica empoava o rosto, preparando-se para uma longa noite que se dividiria em três festas, uma no Caminho Oculto de Jade e as outras duas em mansões a vários quarteirões de distância.

Eu não parava de disparar perguntas:

– Essas pérolas são verdadeiras? Quem deu as pérolas para você? Com quem vai se encontrar hoje à noite? Você vai trazer alguém para a sua alcova?

Ela me contou que as pérolas eram dentes de dragão, presenteados a ela por um duque. Aliás, ele a estaria cortejando naquela noite e, naturalmente, seria convidado para ir até o quarto, a fim de conversarem e tomarem chá. Diante da minha risada, fingiu ter ficado brava porque eu, mais uma vez, não acreditava nela.

Na manhã seguinte, não a encontrei em seu quarto. Eu logo soube que algo estava errado, pois os pertences de erudito e sua colcha de seda tinham desaparecido. Examinei seu guarda-roupa. Vazio. Mamãe ainda dormia, assim como as outras cortesãs e Pomba Dourada. Então, procurei por Ovo Rachado, o porteiro, que me disse que a tinha visto sair, mas não sabia informar para onde. Só fui encontrar a resposta quando ouvi duas

empregadas fofocando:

“Ela era, no mínimo, cinco ou seis anos mais velha do que dizia. Qual casa aceitaria uma cortesã assim tão velha e, além disso, acompanhada de um fantasma?”

“Ouvi Lulu Mimi garantir ao patrono que isso era só uma bobagem supersticiosa. Mas ele disse que não importava. Fosse um fantasma, fosse um homem vivo, aquilo era infidelidade, e ele exigia o dinheiro do contrato de volta”.

Corri para o escritório de minha mãe e a encontrei conversando com Pomba Dourada.

– Eu sei o que ela fez e está arrependida. Você tem de deixá-la voltar – eu pedi.

Mamãe afirmou que não havia mais nada a ser feito. Todas conheciam as regras, e se ela abrisse uma exceção para Nuvem Mágica, as outras Belas poderiam se achar no direito de também cometer o erro sem castigo. Ela e Pomba Dourada retomaram então a discussão sobre o planejamento de uma grande festa e de quantas cortesãs extras seriam necessárias.

– Mãe, por favor – implorei. Ela me ignorou. Comecei a chorar e gritei: – Ela era minha única amiga! Se você não a trouxer de volta, não vou ter ninguém que goste de mim.

Ela se dirigiu para mim e me puxou para perto, acariciando-me a cabeça:

– Bobagem. Você tem muitos amigos aqui. Nuvem de Neve...

– Nuvem de Neve não me deixa entrar no quarto dela, só Nuvem Mágica deixava.

– A filha da senhora Petty...

– Ela é boba e chata.

– Você tem Carlota.

– Ela é uma gata. Não fala comigo nem responde perguntas.

Mamãe mencionou os nomes de mais meninas que eram filhas de seus amigos, das quais eu agora declarava não gostar – e que me desprezavam, o que era parcialmente verdadeiro. Continuei batendo na tecla da falta de amizades e do perigo de minha permanente infelicidade. Até que ouvi minha mãe empregar um tom firme e frio:

– Pare com isso, Violet. Eu não a expulsei daqui por pouca coisa. Ela quase arruinou nosso negócio. Foi uma questão de necessidade.

– O que ela fez?

– Ao pensar só em si mesma, ela nos traiu.

Eu não sabia o que significava *trair*. Simplesmente cuspi minha frustração:

– Quem se importa se ela nos traiu?

– À sua mãe importa muito.

– Então eu vou trair você para sempre – gritei.

Ela me olhou com uma expressão estranha, e eu acreditei que ela estava prestes a ceder. Então, insisti com minha bravata:

– Eu vou trair você – ameacei.

Seu rosto se contorceu:

– Pare com isso, Violet, por favor.

Mas eu não podia parar, mesmo percebendo que estava à beira de desencadear um perigo desconhecido.

– Eu sempre vou te trair – disse eu mais uma vez, e imediatamente uma sombra caiu sobre o rosto de minha mãe.

Suas mãos tremiam e seu rosto ficou tão duro que parecia ser de outra pessoa. Ela não disse nada. Quanto maior a duração do silêncio, mais assustada eu ficava. Se soubesse o que

dizer ou fazer, eu teria recuado. Mas só me restava esperar. Por fim, ela se virou e, conforme se afastava, sentenciou com uma voz amarga:

– Se me trair, você não vai ter mais nada a ver comigo. Isso eu lhe prometo.

MINHA MÃE TINHA uma frase que usava com todos os convidados, chineses ou ocidentais. Ela caminhava apressadamente até um determinado homem e lhe sussurrava com entusiasmo: “É justamente você quem eu esperava ver”.

Em seguida, imergia a cabeça na direção da orelha do interlocutor para sussurrar um segredo, o que o fazia assentir com a cabeça vigorosamente. Alguns beijavam a mão dela. Essa frase recorrente me angustiava. Eu tinha notado que, muitas vezes, ela se encontrava atarefada demais para prestar atenção em mim. Não me acompanhava mais nos jogos de adivinhação ou nas brincadeiras de caça ao tesouro. Deixamos de ficar abraçadas na cama enquanto ela lia o jornal. Estava ocupada demais para isso. Sua alegria e seus sorrisos estavam reservados para os homens nas festas. Eles eram justamente quem ela esperava ver.

Uma noite, eu atravessava o salão com Carlota em meus braços quando ouvi Mamãe gritar:

– Violet! Você está aí. É justamente você quem eu esperava ver.

Até que enfim! Eu tinha sido escolhida. Ela dirigiu profusas desculpas ao homem com quem conversava, alegando que a filha exigia atenção urgente. O que seria tão urgente? Não importava. Eu estava curiosa para ouvir o segredo que ela certamente guardara para mim.

– Vamos – disse minha mãe, conduzindo-me em direção a um canto escuro do ambiente.

Ela entrelaçou meu braço no dela e saímos em ritmo acelerado. Comecei a lhe contar sobre as últimas travessuras de Carlota, pensando em diverti-la, quando ela soltou meu braço e disse:

– Obrigada, querida.

E caminhou até um homem no canto da sala:

– Fairweather, meu querido. Desculpe, eu me atrasei. – Seu amante de cabelos escuros saiu das sombras e beijou-lhe a mão com falsa galhardia. Ela voltou a abrir um sorriso, enrugando os cantos dos olhos, de um modo que nunca tinha visto ela dirigir para mim.

Perdi o fôlego, esmagada pela curta duração de minha felicidade. Ela me havia usado como um peão de xadrez! Pior ainda, tinha feito isso por Fairweather, um homem que a visitava de vez em quando e do qual nunca gostei. Eu sempre tinha me achado a pessoa mais importante da vida dela. Nos últimos meses, no entanto, vinha sendo preterida. Nossa proximidade especial tornou-se instável. Ela não podia mais perder tempo conversando comigo nas refeições do meio-dia. Em vez disso, ela e Pomba Dourada aproveitavam o horário para discutir os planos para a noite. Suas perguntas a respeito de minhas aulas ou sobre os livros que estava lendo tornaram-se cada vez mais raras. Ela me chamava de “querida”, mas dedicava o mesmo tratamento a muitos homens. Beijava meu rosto pela manhã e minha testa à noite. Mas também dava beijos em muitos homens, em alguns, na boca. Ela dizia que me amava, mas eu não via qualquer sinal particular que demonstrasse isso. Não conseguia sentir nada no meu coração além da perda de seu amor. Ela havia mudado para mim, e eu estava certa de que tudo começara no dia em que ameacei traí-la.

Pouco a pouco, ela deixava de ter algo a ver comigo.

Pomba Dourada me encontrou chorando um dia, no boulevard.

– Mamãe não me ama mais.

– Bobagem, sua mãe é louca por você. Por que outra razão ela a deixaria impune por todas as coisas feias que você anda fazendo? Ainda outro dia, você quebrou um relógio movendo os ponteiros para trás. Também destruiu um par de meias, fazendo com elas um ratinho para brincar com Carlota.

– Isso não é amor – contestei. – Ela não fica brava porque não se preocupa com essas coisas. Se realmente me amasse, ela iria provar isso.

– Como? – Quis saber Pomba Dourada. – O que há para provar?

Fiquei sem saber o que dizer. Eu não sabia o que era o amor. Tudo o que conhecia era uma tortuosa necessidade de atenção e segurança. Eu apenas queria sentir, sem espaço para dúvidas, que era mais importante do que qualquer outra pessoa na vida dela. Quando pensei um pouco mais sobre isso, percebi que minha mãe dedicava mais atenção às Belas Nuvens do que a mim. Ela também passava mais tempo com Pomba Dourada do que comigo. Antes do meio-dia, ela ansiava por ir almoçar com aquelas suas amigas, a cantora de ópera peituda, a viúva viajante e a espiã francesa. E ela dedicava muito mais atenção aos clientes do que a qualquer outra pessoa. Que tipo de amor eles receberam que ela não me deu?

Naquela noite, ouvi no corredor uma empregada dizer a outra que estava preocupada porque sua filha de três anos de idade tinha febre alta. Na noite seguinte, ela anunciou alegremente que a filha havia se recuperado. No outro dia, à tarde, os gritos da mulher reverberaram no pátio. Um parente acabara de avisar que sua filha havia morrido. A criada não se conformava: “Como pode ser isso? Eu a segurei esta manhã. Penteei seu cabelo”.

Entre soluços, ela descreveu os grandes olhos da filha, o jeito que a menina virava a cabeça para ouvi-la, a musicalidade de seu riso. A mulher balbuciou que vinha economizando dinheiro para presentear a garotinha com um casaco e que havia comprado um nabo para lhe fazer uma boa sopa. Mais tarde, gemeu que queria morrer para ficar com a filha. Sem ela, para que continuar vivendo? Chorei secretamente enquanto ouvia sua dor. Se eu morresse, minha mãe sentiria o mesmo por mim? Chorei ainda mais, sabendo que não.

Uma semana depois de ter me usado para ir ao encontro de Fairweather, minha mãe entrou na sala onde eu estudava com o tutor. Eram onze da manhã, uma hora antes de ela normalmente se levantar da cama. Ofereci-lhe uma expressão carrancuda. Ela perguntou se eu gostaria de lhe fazer companhia em um almoço no novo restaurante francês da Great Western Road. Fiquei desconfiada. Perguntei quem mais estaria lá.

– Só nós duas – respondeu ela. – É o seu aniversário.

Eu tinha me esquecido. Não se comemoravam aniversários na casa. Não era um costume chinês e minha mãe também não o adotava. Meu aniversário geralmente acontecia perto do Ano-Novo Chinês e era essa data que celebrávamos, com todo mundo. Tentei não ficar muito contente, mas uma onda de alegria me atravessou. Fui para meu quarto escolher um vestido de passeio bonito e que tivesse sobrevivido às garras de Carlota. Selecionei também um casaco azul e um chapéu de tom similar. Calcei sapatos de couro brilhante cujos canos se estendem até meus tornozelos. Eu me examinei no espelho oval. Eu parecia diferente,

nervosa e preocupada. Agora aos oito anos de idade, já não era mais a menininha inocente a quem Mamãe confiava seus sentimentos.

Tinha vivido a expectativa da felicidade e, nos últimos tempos, só colhi decepções, uma depois da outra. Agora minha expectativa era a decepção, e eu orava para que estivesse errada.

Quando fui ao escritório de Mamãe, a vi tratando com Pomba Dourada a respeito das tarefas do dia. Ela caminhava para lá e para cá, com o roupão sobre os ombros e o cabelo solto.

– O velho coletor de impostos vem hoje à noite – Mamãe falou. – Ele prometeu que um pouco de atenção extra pode servir para distraí-lo na hora de cobrar nossas taxas. Vamos ver se esse cão velho está dizendo a verdade desta vez.

– Vou mandar chamar Carmesim – Pomba Dourada avisou –, a cortesã do Salão da Paz Verdejante. Ela deve aceitar qualquer tipo de negócio hoje em dia. Vou aconselhá-la a usar cores discretas, talvez azul escuro. Rosa não fica bem em alguém que já não é mais tão jovem. Ela deve saber bem disso. Também vou mandar o cozinheiro fazer o peixe de que você gosta, mas não com temperos americanos. Sei que ele quer agradar você, mas nunca dá certo, e todos nós acabamos sofrendo depois.

– Você tem a lista de convidados de hoje à noite? – perguntou minha mãe. – Não quero que o importador da Smythe e Dixon venha mais. Nenhuma de suas informações tem sido confiável. Ele só fica farejando aqui e ali, e não faz nenhum negócio. Vamos passar o nome dele para Ovo Rachado e recomendar para que nem passe pelo portão...

No momento em que ela e Pomba Dourada terminaram, era quase uma da tarde. Ela me deixou no escritório e foi para o quarto se arrumar e colocar um vestido. Fiquei vagando pelo escritório e Carlota me seguiu, esfregando-se contra as minhas pernas onde quer que eu fosse. A mesa redonda estava cheia de bugigangas, presentes que alguns de seus admiradores lhe davam sem saber que ela preferia dinheiro. Pomba Dourada vendia as lembrancinhas que ela rejeitava. Examinei cada objeto, e Carlota, erguendo-se, os cheirava. Um ovo âmbar com um inseto dentro – tipo de presente que certamente seria descartado. Um pássaro de ametista e jade – ela provavelmente ficaria com esse. Um estojo de vidro com borboletas de diferentes lugares – que ela devia odiar. Uma pintura de um papagaio verde – gostei, mas minha mãe só pendurava na parede quadros de deuses gregos nus e deusas. Folheei as páginas de um livro ilustrado chamado *O Mundo do Mar* e vi ilustrações de criaturas horrendas. Usei uma lupa que encontrei por ali para ampliar os títulos dos livros na estante: *As Religiões da Índia*, *Viagens para o Japão e a China*, *China em Convulsão*. Deparei com um livro de capa vermelha, com a silhueta preta em relevo de um garoto uniformizado atirando com um rifle. *Sob as Bandeiras Aliadas: Uma História Boxer*. Um bilhete estava preso em meio às páginas. Tinha sido escrito com a cuidadosa caligrafia de um aluno de escola.

Minha querida senhorita Minturn,

Se alguma vez precisar de um jovem americano que sabe obedecer ordens, você vai considerar me utilizar como assessor voluntário? Gostaria de me tornar tão útil quanto você desejar.

*Seu fiel criado,
Ned Peaver*

Mamãe teria aceitado a oferta desse fiel criado? Li a página em que o bilhete havia sido inserido como marcador. Falava a respeito de um soldado chamado Ned Peaver – ahá! –, na Revolta dos Boxers. Depois de uma rápida olhada no texto, concluí que Ned era um rapaz maçante e certinho, que sempre seguia as ordens. Nunca gostei de nada relacionado com a Revolta dos Boxers. Eu tinha dois anos de idade em 1900, quando o pior da rebelião aconteceu, e acreditava que poderia ter morrido por causa da onda de violência. Eu havia lido um livro sobre jovens que juraram fidelidade ao movimento dos boxers quando milhões de camponeses do centro da China morriam de fome devido à inundação, em um ano, e à seca, no ano seguinte. Ao ouvirem rumores de que suas terras seriam doadas para estrangeiros, os boxers mataram cerca de duzentos missionários brancos e seus filhos. Segundo um relato, uma menina corajosa cantou docemente enquanto seus pais a viam ser enviada para o céu ao golpe de uma espada. Sempre que imaginava a cena, eu tocava minha garganta e engolia em seco.

Olhei para o relógio. Os ponteiros recém-consertados informavam que eram duas horas. Eu já estava esperando por quase três horas desde que ela anunciou o plano para o almoço. De repente, minha cabeça e meu coração explodiram. Rasguei a carta de Ned Peaver. Fui para a mesa das quinquilharias ganhas por minha mãe e arremessei o estojo de borboletas no chão. Carlota fugiu. Derrubei o pássaro de ametista, a lupa, o ovo âmbar. Arranquei a capa de *O Mundo do Mar*. Pomba Dourada veio correndo e olhou para a bagunça, horrorizada.

– Por que você faz tudo para magoá-la? – Ela disse com pesar na voz. – Por que seu gênio é tão ruim?

– São duas horas. Ela disse que me levaria ao restaurante para comemorar meu aniversário. Agora, ela não vem. Ela não se lembra. Ela sempre se esquece de que eu ainda estou aqui. – Meus olhos estavam inundados de lágrimas. – Ela não me ama. Ela ama todos aqueles homens.

Pomba Dourada apanhou o ovo âmbar e a lupa.

– Estes eram os seus presentes.

– Essas são coisas que ela ganhou dos homens e não quer mais.

– Como pode pensar uma coisa dessas? Ela escolheu especialmente para você.

– Por que ela não volta para me levar para o almoço?

– *Ai-ya!* Você fez isso porque está com fome? Tudo o que tinha de fazer era pedir à empregada para lhe trazer algo para comer.

Não sabia como explicar o que o passeio ao restaurante significava para mim. Desabafei, então, um amontoado de mágoas.

– Ela vive dizendo aos homens que eles são justamente quem ela quer ver. Ela me disse a mesma coisa, mas era só um truque. Ela não se preocupa mais quando estou triste ou solitária...

Pomba Dourada fez uma careta.

– Sua mãe mima você, e este é o resultado. Você não tem gratidão e faz birra quando as coisas não são do jeito que quer.

– Ela não cumpriu sua promessa e nem veio se desculpar.

– Ela ficou chateada. Ela recebeu uma carta.

– Ela vive recebendo cartas. – Chutei os pedacinhos do bilhete rasgado de Ned.

– Esta carta é diferente. – Ela olhou para mim de uma forma estranha. – Tratava de seu pai. Ele morreu.

De início, não entendi o que ela disse. Meu pai. O que isso significava? Aos cinco anos de idade, perguntei pela primeira vez para Mamãe sobre meu pai. Todo mundo tinha um, eu havia aprendido. Até as cortesãs, que eram vendidas por seus pais. Mamãe me disse que eu não tinha pai. Quando a pressionei, ela contou que ele morrera antes de meu nascimento. Nos três anos seguintes, vez por outra eu perguntava à minha mãe quem era meu pai.

“Qual a importância disso?”, ela sempre respondia. “Ele morreu, e isso foi há tanto tempo que até esqueci seu nome e como ele era”.

Como ela poderia ter esquecido o nome dele? Será que ela esqueceria o meu quando eu morresse? Eu a aborrecia pedindo respostas. Quando ela silenciava e franzia a testa, eu percebia que talvez fosse perigoso insistir demais.

Mas agora a verdade veio à tona. Ele estava vivo! Ou tinha estado. Minha confusão deu lugar a uma raiva trêmula. Mamãe mentira todo esse tempo. Meu pai talvez até me amasse, e ela o roubou de mim ao não me contar que ele ainda vivia. Agora, ele estava morto de verdade. Era tarde demais.

Corri para o escritório de minha mãe aos gritos:

– Ele não estava morto. Você fez com que ele ficasse longe de mim. – Solucei cada acusação que passou pela minha cabeça. Que ela me escondia a verdade sobre as coisas que realmente importavam para mim. Que ela mentiu quando disse que eu era justamente a pessoa que ela esperava ver. Que ela me enganou sobre o almoço... Mamãe estava muda.

Pomba Dourada chegou correndo atrás de mim.

– Conte que você recebeu uma carta informando que o pai dela tinha acabado de morrer – ela falou para minha mãe.

Mamãe olhou fixamente para Pomba Dourada. Estaria com raiva? Será que ela botaria nós duas na rua, assim como fazia com todos que a desagradavam? Ela deixou de lado a terrível carta e me levou até o sofá, onde sentamos lado a lado, e então fez o que não fazia há muito tempo. Acariciou minha cabeça e sussurrou palavras suaves, que desataram de vez o meu choro.

– Violet, querida, todos esses anos eu realmente pensei que ele estivesse morto. Achava muito doloroso pensar sobre ele, conversar sobre ele. E agora, ao receber esta carta... – Seus olhos brilharam, úmidos, mas a barragem de suas emoções foi mais forte.

Quando consegui respirar novamente, fiz a ela pergunta após pergunta, e a cada uma delas minha mãe assentia com a cabeça e dizia sim. Ele era bonito? Ele era rico? Será que todo mundo gostava dele? Era mais velho do que ela? Ele me amava? Alguma vez ele brincou comigo? Disse meu nome? Mamãe prosseguia afagando meu cabelo e esfregando meus ombros. Eu me sentia muito triste e não queria que ela parasse de me confortar. Continuei perguntando até exaurir minha mente. Então, senti-me fraca por causa da fome. Pomba Dourada pediu que uma criada servisse meu almoço no boulevard.

– Sua mãe precisa ficar sozinha agora. – Mamãe me deu um beijo e foi para seu quarto.

Enquanto eu comia, Pomba Dourada me falou como foi difícil para minha mãe lutar pela sobrevivência sem um marido.

– Tudo o que ela construiu foi para você, Pequena Violet – garantiu. – Seja grata a sua mãe, seja gentil com ela. – Antes de sair, me sugeriu estudar bastante e ficar muito

inteligente, para demonstrar à minha mãe o quanto gostava dela. Em vez de estudar, no entanto, fiquei deitada na cama do boulevard, pensando sobre meu pai recém-falecido. Comecei a montar uma imagem dele: o cabelo castanho, os olhos verdes como os meus. E logo adormeci.

Ainda estava sonolenta e com a cabeça pesada quando ouvi uma discussão. Percebi que não estava em meu quarto, mas ainda no boulevard. Fui até a janela e olhei para o corredor a fim de identificar a causa do tumulto. Vi um céu cinza escuro, naquele momento suspenso entre a madrugada e a manhã. Os corredores pareciam vazios. As janelas de todo o pátio estavam escuras. Eu me volvei para dentro e notei um fragmento quente de luz escapando através de uma fresta nas cortinas das portas de vidro francesas. A voz irritada era de minha mãe. Espiei pela abertura das cortinas e identifiquei a parte de trás de sua cabeça. Ela tinha o cabelo solto e estava sentada no sofá. Provavelmente vinha da festa. Havia mais alguém na sala? Encostei minha orelha contra o vidro. Ela praguejava baixinho com uma voz estranha, parecida com o grunhido gutural de Carlota.

– Você é mesmo um covarde... um macaco dançante... tem tanto caráter quanto um ladrão imundo... – Ela jogou no chão um pedaço de papel dobrado, que aterrissou perto da lareira apagada. Era a carta que tinha recebido? Mamãe foi até a mesa, sentou-se, pegou o papel de carta e, em seguida, golpeou-o com a caneta gotejante. Então amassou a página escrita à metade e a lançou ao chão.

– Gostaria que você realmente tivesse morrido! – berrou.

Meu pai estava vivo! Ela havia mentido outra vez! Eu estava prestes a abrir a porta e exigir a verdade sobre o paradeiro dele. Mas, então, ela olhou para cima e eu quase gritei de susto. Seus olhos tinham mudado: as íris verdes tinham virado do avesso, revelando um branco inexpressivo. Pareciam os olhos de mendigos mortos que eu tinha visto caídos na sarjeta. Ela levantou-se abruptamente, apagou as lâmpadas e foi para seu quarto de dormir. Eu precisava ver a carta. Abri as portas francesas com cuidado. Estava escuro e tive que seguir às cegas, varrendo com minhas mãos para evitar bater nos móveis. Fiquei de joelhos. De repente, senti alguém me tocar e engasguei. Era Carlota. Ela empurrou a cabeça contra mim, ronronando. Agora eu podia sentir os azulejos da lareira. Tateei por ali. Nada. Quando achei as pernas da mesa, me levantei lentamente. Meus olhos estavam mais adaptados à escuridão, mas não vi sinal de qualquer coisa que se assemelhasse a uma carta. Arrastei-me para fora da sala, amargamente desapontada.

No dia seguinte, minha mãe comportou-se como sempre, ativa e lúcida, enquanto dava conta de suas tarefas. À noite, ela estava encantadora e falante, sorrindo para seus clientes como sempre. Enquanto ela e Pomba Dourada se ocupavam com a festa, furtivamente fui ao boulevard, abri as portas francesas apenas o suficiente para poder passar pelas cortinas baixadas e invadi o escritório de minha mãe. Acendi uma lâmpada de gás. Abri gavetas, e uma delas estava cheia de cartas cujos envelopes traziam estampados os nomes de empresas. Olhei debaixo do travesseiro, no pequeno armário ao lado da cama. Ergui a tampa do baú ao pé da cama. O cheiro de terebintina se espalhou. Vinha de duas pinturas enroladas. Desenrolei uma delas e fiquei surpresa ao ver um retrato de Mamãe quando menina. Coloquei-a no chão e a alisei. Minha mãe olhava para a frente, como se estivesse me encarando. Sobre o peito, ela segurava um pano marrom. Suas costas pálidas brilhavam como a luz fria da lua. Quem pintou esse quadro? Por que ela posara com tão pouca roupa?

Eu estava prestes a abrir a outra pintura quando me assustei com um ruído que se aproximava, a risada de Nuvem Fofa. A porta do boulevard foi aberta. Saltei para um canto do escritório onde ela não pudesse me ver. Ela arrulhou para que seu cliente se sentisse à vontade. Entre tantas noites, ela tinha de escolher justamente aquela para fazer um atendimento duplo! Nuvem Fofa fechou as portas francesas. Apressadamente, devolvi as pinturas ao baú e estava prestes a apagar a lâmpada e sair quando Pomba Dourada entrou no escritório.

Nós duas engasgamos ao mesmo tempo. Antes que ela pudesse falar, perguntei-lhe se tinha visto Carlota. Como se tivesse me ouvido, Carlota soltou um gemido alto por trás das portas, no boulevard. Nuvem Fofa amaldiçoou:

– Pensei que fosse um maldito gato fantasma sem cabeça!

Fui até as portas francesas e as abri ligeiramente, para que Carlota pudesse sair de lá.

Com Carlota em meus braços, rapidamente desci para a festa, imaginando que talvez pudesse flagrar meu pai à espreita entre os convidados. Mas então considerei que ele não ousaria dar as caras por ali. Minha mãe teria arrancado seus olhos. Fiquei observando os convidados, brincando de fingir que um homem após o outro fosse meu pai. Escolhia pelas características que mais apreciava – aqueles que riam com facilidade, os que trajavam as melhores roupas, os que eram tratados com mais respeito, os que piscavam o olho para mim. Até que meus olhos pousaram em um homem com expressão contraída e hostil, e em um outro, cujo rosto era tão rosado que parecia prestes a explodir.

Na cama, antes de dormir a cada noite, eu imaginava versões diferentes de meu pai: bonito ou feio, estimado ou odiado pelos outros. Imaginava que ele me amava muito. Imaginava que nunca me amou.

UM MÊS DEPOIS do meu aniversário de oito anos, entrei na sala comum para tomar café da manhã com as Belas Nuvens e suas assistentes. Fui sentar no lugar habitual à mesa, mas descobri que a mais nova cortesã, Nuvem Brumosa, havia colocado o traseiro na minha cadeira. Eu a encarei e recebi de volta um olhar de indiferença. Ela tinha feições em miniatura em um rosto cheio e redondo, que os homens, por algum motivo, consideravam atraente. Para mim, era a cara de um bebê feio colado em uma lua amarela.

– Esta é a minha cadeira – falei.

– Oyo! Sua cadeira? Seu nome está entalhado nela? Existe um decreto oficial? – Ela fingiu inspecionar os braços e pernas do móvel. – Não vejo o selo com seu nome. Todas as cadeiras são iguais.

Minhas têmporas latejavam.

– É a minha cadeira.

– Anh? O que faz você pensar que é a única que pode se sentar aqui?

– Lulu Mimi é minha mãe – acrescentei –, e eu sou americana como ela.

– Desde quando mestiços bastardos americanos têm tantos direitos?

Fiquei chocada. A raiva foi subindo por minha garganta. Duas das Belas taparam a boca com as mãos. Nuvem de Neve, de quem eu gostava mais entre todas elas, pediu calma para nós duas. Ela sugeriu que nos revezássemos naquela cadeira, quando eu esperava que ela me defendesse.

Gaguejei para Nuvem Brumosa:

– Você é um verme em um rabo de peixe morto.

As empregadas caíram na gargalhada.

– *Wah!* A mesticinha tem boca suja – espezinhou Nuvem Brumosa. Ela olhou em volta da mesa para as outras. – Se ela não é mestiça, como é que parece chinesa?

– Como você ousa dizer isso? – Chorei. – Eu sou americana. Não tem nada de chinês em mim.

– Então por que você está falando chinês?

Fiquei sem resposta de imediato porque, se respondesse, seria em chinês outra vez, e eu estaria dando razão a ela. Nuvem Brumosa apanhou um pequeno amendoim oleoso com a ponta de seu par de pauzinhos.

– Alguma de vocês sabe quem é o pai chinês dela? – E abocanhou o amendoim.

Minhas mãos tremiam de raiva e eu estava furiosa ao ver a calma com que ela comia.

– Minha mãe vai castigar você por dizer isso.

Ela repetiu o que eu disse me arremedando em tom zombeteiro e, em seguida, apanhou um picles de rabanete, que mastigou sem se preocupar em cobrir a boca.

– Se você é branca pura, então todas nós devemos ser também. Não é mesmo, minhas irmãs? – As outras Belas Nuvens e suas assistentes tentaram timidamente silenciá-la.

– Você é um buraco sujo! – xinguei.

Ela franziu o cenho.

– Qual é o problema, pirralha? Você tem tanta vergonha de ser chinesa que nem consegue reconhecer seu rosto no espelho?

As outras baixaram o olhar. Duas empregadas, lado a lado, trocaram olhares. Nuvem Revolta pôs a mão no braço de Nuvem Brumosa e suplicou para que parasse.

– Ela é nova demais para você falar sobre isso.

Por que Nuvem Revolta agia de modo tão protetor em relação a mim? Isso significava que ela acreditava no que Nuvem Brumosa tinha dito? Caí em um caldeirão de raiva e empurrei Nuvem Brumosa da cadeira. Ela foi ao chão e não se moveu por um momento, mas, em seguida, agarrou meus tornozelos e me puxou para baixo. Bati em seus ombros com meus punhos. Ela puxou meu cabelo e me jogou para longe.

– Sua louca, bastardinha mestiça. Você não é melhor do que qualquer uma de nós!

Eu me lancei contra ela e acertei o pulso em seu nariz. Uma de suas narinas começou a sangrar e, quando ela passou a mão pelo local e viu seus dedos tingidos de carmesim, jogou-se para cima de mim de novo e besuntou meu rosto de sangue. Eu berrei xingamentos e mordi a mão dela. Ela gritou, seus olhos quase saltando das órbitas, e, agarrando meu pescoço, tentou me sufocar. Na luta para respirar, e fortalecida pelo pânico por escapar dali, soquei seu olho. Ela saltou gritando de dor. Eu tinha acabado de presenteá-la com uma das piores coisas que podem acontecer a uma garota: um olho roxo. Ela não poderia aparecer nas festas durante todo o tempo que a contusão estivesse visível. Nuvem Brumosa ganiu e atacou de novo, me esbofeteando e jurando que me mataria. As outras meninas e atendentes berravam para que parássemos. Então, os criados chegaram e conseguiram nos separar.

De repente, todo mundo ficou em silêncio, e os únicos sons vinham de Nuvem Brumosa, que me amaldiçoava. Mamãe e Pomba Dourada apareceram. Pensei que minha mãe viera para me resgatar, mas, um momento depois, percebi seus olhos cinzentos como facas.

Nuvem Brumosa ensaiou um choro fingido:

– Ela machucou meu olho...

Levei a mão ao pescoço, como se estivesse doendo.

– Ela tentou me esganar até a morte!

– Quero dinheiro pelo meu olho! – Nuvem Brumosa guinchou para minha mãe. – Eu estava ganhando mais dinheiro para você do que as outras. Se não posso trabalhar até meu olho melhorar, quero o dinheiro que eu teria ganhado.

Mamãe olhou para ela.

– Se eu não der, o que você vai fazer?

– Vou sair por aí e contar a todos que essa fedelha é uma mestiça.

– Bem, nós não podemos deixar você sair por aí espalhando mentiras simplesmente porque está com raiva. Violet, peça desculpas a ela.

Nuvem Brumosa, triunfante, me deu um sorriso de escárnio.

– E o meu dinheiro? – Perguntou para minha mãe.

Mamãe virou-se e saiu da sala sem responder. Eu a segui, intrigada por ela não ter me defendido. Quando cheguei ao seu quarto, gritei:

– Ela me chamou de mestiça bastarda.

Ela praguejou baixinho. Normalmente, minha mãe apenas ria dos insultos das pessoas. Mas, daquela vez, seu silêncio me assustou. Eu queria que ela acabasse com os meus medos.

– É verdade? Sou metade chinesa? Tenho um pai chinês?

Ela voltou-se para mim com voz ameaçadora.

– Seu pai está morto. Eu já disse. Não fale sobre isso de novo, com ninguém.

O tom mortiço de suas palavras me aterrorizou, por acrescentar muitos medos em meu coração. O que era verdade? O que era pior?

No dia seguinte, Nuvem Brumosa tinha partido. Foi expulsa, disseram as outras. Não experimentei nenhum sentimento de vitória, só o mal-estar por ter infligido um mal maior do que podia imaginar. Eu sabia a razão pela qual ela foi embora. Ela tinha desvendado a verdade. Será que agora a espalharia onde quer que fosse?

Perguntei ao porteiro se ele sabia para onde Nuvem Brumosa tinha ido.

Ovo Rachado estava raspando a ferrugem de um parafuso.

– Ao sair daqui, ela estava ocupada demais xingando sua mãe. Não parou para me dar o novo endereço de onde vai trabalhar. Com o olho roxo, talvez ela não tenha para onde ir por algum tempo.

– Você ouviu do que ela me chamou? – Eu ansiava pela resposta, para poder saber o quanto a mentira havia se espalhado.

– *Ai-ya*. Não dê ouvidos a ela. É ela quem tem o sangue misturado – disse o porteiro. – Ela acha que a parte branca dela a torna tão boa quanto você.

Branca? Nuvem Brumosa tinha cabelo e olhos pretos. Ninguém poderia confundi-la com outra coisa que não chinesa pura.

– Você acha que eu pareço meio chinesa? – Perguntei em voz baixa.

Ele me olhou e riu.

– Você não se parece nada com ela. – E voltou a raspar o parafuso.

Fiquei aliviada.

Então ele emendou:

– Meio, certamente não. Talvez você tenha só algumas gotinhas de chinesa.

Um medo frio correu do couro cabeludo aos dedos do pés.

– Ei, é só brincadeira – falou ele em tom suave, que foi muito reconfortante.

– A mãe dela era meio sueca – ouvi Ovo Rachado contar a uma das empregadas, mais tarde – e casou-se com um xangainês, que logo morreu e a deixou sozinha com um bebê. A família do marido recusou-se a reconhecê-la como viúva e, como ela não tinha sua própria família, teve de sobreviver fazendo trambiques nas ruas. Até o dia em que, quando começou a reparar que os homens cobiçavam sua filha de onze anos, conseguiu vender Nuvem Brumosa para uma casa de cortesãs de primeira classe, onde, pelo menos, a menina teria alguma chance de melhorar de vida. Isso é o que ouvi do porteiro da Casa de Li, onde Nuvem Brumosa trabalhou antes de vir para cá. Se não tivesse brigado com a madame de lá, ela até poderia ter voltado.

Mais tarde, no meu quarto, passei uma hora sentada na cama com um espelho no colo, incapaz de erguê-lo até o meu rosto. E quando finalmente consegui, encontrei meus olhos verdes e meu cabelo castanho, e suspirei de alívio. Larguei o espelho. A preocupação logo voltou. Puxei o cabelo para trás e o amarrei com uma fita, para poder observar meu rosto com mais profundidade. Prendi a respiração e levantei o espelho. Novamente, não vi nada de chinês. Sorri, e assim que fiz isso, minhas bochechas rechonchudas puxaram as pontas externas de meus olhos. Essa mudança instantânea fez o coração bater forte. Reconheci muito claramente, então, os sinais de meu pai desconhecido: o nariz ligeiramente arredondado, as narinas inclinadas, a gordura abaixo das sobrancelhas, a circularidade suave da testa, as bochechas e os lábios cheios. Minha mãe não tinha nenhuma dessas características.

O que estava acontecendo comigo? Eu queria fugir e deixar para trás essa nova face. Minhas pernas pesavam. Olhei para o espelho de novo e de novo, esperando que meu rosto voltasse a ser aquilo que eu costumava ver. Então era por isso que minha mãe não tinha afeto especial por mim. A porção chinesa de meu pai chinês estava se espalhando por todo meu rosto como uma mancha. Se ela o odiava a ponto de desejar que não existisse, devia sentir o mesmo por mim. Desatei meu cabelo e sacudi os fios para que descessem como uma cortina escura sobre meu rosto.

Uma brisa fria lambeu meus braços. O Poeta Fantasma chegava para me dizer que sabia o tempo todo que eu era chinesa.

USEI UMA LUNETAS para observar cada convidado chinês do Caminho Oculto de Jade. Eles eram os homens mais educados, ricos e poderosos da cidade. Um deles seria o meu pai? Tentava captar se minha mãe demonstrava mais carinho, ou mais raiva, diante de algum chinês em especial. Mas, como de costume, ela aparentava distribuir suas atenções de modo igualitário. Dava a todos seu sorriso especial, sua gargalhada íntima, suas palavras sinceras e especiais, cuidadosamente ensaiadas e dirigidas especificamente a cada um deles.

Eu tinha consciência de que ela tratava apenas um homem chinês com total honestidade e respeito genuíno: Ovo Rachado, o porteiro. Ela o via todos os dias e, às vezes, até tomava chá com ele lá embaixo. Ovo Rachado sempre estava a par das últimas fofocas a respeito dos convidados de nossas festas. Os porteiros das casas de cortesãs viam e ouviam de tudo, e compartilhavam entre si as informações. Minha mãe várias vezes comentava com Pomba

Dourada acerca da lealdade e da argúcia de nosso porteiro.

Nunca consegui saber como Ovo Rachado ganhou esse nome. Ele não tinha nada de estúpido. O que quer que minha mãe lhe falasse sobre seus negócios, ele era capaz de reter na cabeça. Não sabia ler nem escrever mais do que algumas palavras, mas conseguia enxergar o caráter das pessoas. Possuía olhos aguçados para reconhecer qual convidado devia ser bem-vindo, e que posição social ocupava. Ele identificava os filhos de gente importante rondando do lado de fora do portão, envergonhados, e os atraía para dentro com especial cordialidade, sabedor de que aquela visita seria o marco de uma iniciação no mundo dos prazeres masculinos. Ele conhecia de cor os nomes dos ricos e poderosos que ainda não tinham nos visitado. Só de observar o grau de ansiedade que um homem exibía ao anunciar-se no portão, Ovo Rachado era capaz de dizer o que esse convidado desejava para aquela noite – cortejar uma Bela Nuvem ou arranjar parceiros para os negócios –, informação que imediatamente repassava à Mamãe. Ele reparava na aparência dos frequentadores – seu penteado, o salto de seus sapatos, os detalhes de alfaiataria de seus trajes, o conforto demonstrado ao vestir aquelas roupas. Ele distinguia os pequenos sinais do prestígio de longa data, aqueles que as fortunas recém-construídas ainda não conseguiam comprar. Em seus raros dias de folga, Ovo Rachado vestia ele mesmo um belo terno, abandonado na casa por um cliente. Graças a anos de atenta observação, ele podia imitar perfeitamente os modos de um cavalheiro, inclusive no discurso. Estava sempre arrumado, com barba feita, cabelo bem penteado e unhas limpas. Depois que Ovo Rachado me disse que eu tinha gotas de sangue chinês, considerei a possibilidade de ele ser meu pai. Ainda que gostasse dele, eu teria vergonha se fosse. E se fosse, talvez minha mãe tivesse muita vergonha de admitir. Mas como é que poderiam ter sido amantes? Ele não era educado nem bonito, como os outros amantes dela. Seu rosto era comprido, o nariz muito carnudo, e seus olhos bem distantes um do outro. Também era mais velho do que minha mãe, talvez tivesse quarenta anos. Não parecia combinar com ela. Além disso, felizmente, eu não era nada parecida com ele.

Mas e se fosse meu pai? Tinha bom caráter, e era isso que importava. Sempre foi gentil. Aos homens que chegavam ao portão, mas constavam da lista daqueles que não atendiam aos padrões da casa, ele pedia desculpas e alegava que um número excessivo de pessoas havia chegado inesperadamente para uma grande festa, razão pela qual ninguém mais poderia entrar. Aos jovens estudantes e marinheiros estrangeiros, dava um conselho de tio: “Cruze a Beaten Dog Bridge e procure uma casa de ópio chamada Sinos de Prata. Uma garota chamada Pluma vai atender você, é só comprar algumas cachimbadas”.

Ovo Rachado tinha carinho especial por Pluma, que trabalhara no Caminho Oculto de Jade até ficar velha demais para o nível da casa. Ela é como uma filha, dizia. Ele era o protetor de todas as meninas, as quais muitas vezes expressavam gratidão espalhando as histórias sobre os esforços dele para protegê-las. Ovo Rachado fingia então que nem estava ouvindo, mas as meninas sempre pediam sua confirmação sobre os relatos: “Não foi assim que você fez?” Ele se limitava a lhes dar seu olhar mais perplexo.

Se o meu pai era de fato chinês, passei a querer que ele fosse um pouco como Ovo Rachado. Até que ouvi Nuvem de Neve contar uma história, um mês depois do incidente com Nuvem Brumosa. Estávamos tomando café da manhã na sala comum.

“Ontem, um bêbado veio até o portão”, disse ela. “Eu estava sentada no jardim da

frente, fora da vista. Pelas roupas ordinárias e lustrosas, dava para ver que era alguém que havia se dado bem da noite para o dia, naquela sopa não havia carne, só um pouco de gordura amarela flutuando no caldo frio. Não era um visitante convidado e não teria sido autorizado a dar um passo portão adentro. Mas vocês sabem como Ovo Rachado é gentil com todo mundo”.

“O homem perguntou: ‘Ei, suas putas são boas em acrobacias?’. E deu uma palmadinha em uma carteira cheia de dinheiro. Ovo Rachado fez uma cara triste e disse que todas as meninas do Caminho Oculto de Jade usavam uma técnica chamada “cadáver rígido”. Ele passou a contar que nossos membros eram imobilizados em uma posição de *rigor mortis* e nossas bocas, congeladas em uma careta. Para desfrutar disso, ele informou ao homem, o cliente tinha de pagar três vezes mais do que para se divertir com as garotas de braços e pernas soltas do Salão das Andorinhas Cantoras, na Tranquility Lane. Então, o bêbado, todo feliz, tomou o rumo daquele bordel vagabundo, que, ouvi dizer, acabou de ter um surto de sífilis”.

Todo mundo riu ruidosamente.

“Pluma contou que Ovo Rachado a visitou na semana passada e fumou alguns cachimbos,” acrescentou. “Ele disse a ela para não chorar, que ela ainda era adorável. Ela chorou em seus braços. Ele sempre demonstra preocupação e generosidade em relação a ela. Toda vez que fazem sexo, ele insiste em pagar duas vezes o valor normal – segundo ela”.

Toda vez que fazem sexo. Imaginei Ovo Rachado rastejando sobre meu corpo, seu rosto comprido olhando para o meu, cheio de terror. Ele não era meu pai. Ele era o porteiro.

PEDI A MINHA mãe para visitar um orfanato de meninas mestiças abandonadas. Ela não hesitou em concordar que era uma boa ideia. Meu coração bateu alarmado. Ela juntou alguns de meus antigos vestidos e brinquedos. No orfanato, levei-os até uma grande sala, cheia de meninas de todas as idades. Algumas pareciam inteiramente chinesas e outras, cem por cento brancas, até sorrirem e seus olhos ficarem puxados.

A partir daí, sempre que minha mãe se mostrava ocupada demais para mim, passei a interpretar isso como evidência de que ela nunca me quis. Eu era sua filha meio americana, meio odiada, e adivinhei o motivo pelo qual ela nunca me dizia a verdade: se dissesse, teria de admitir que não me amava. Eu estava sempre na iminência de lhe perguntar sobre meu pai, mas a questão permaneceu alojada na garganta. Esse novo conhecimento aguçou minha mente. Sempre que as cortesãs ou os criados me observavam, eu imaginava zombarias. Quando os visitantes me olhavam de passagem, eu suspeitava de que se perguntassem por que eu parecia chinesa. Quanto mais envelhecesse, mais esse lado meu se evidenciaria, e eu temia que, ao longo do tempo, deixasse de ser vista como americana e passasse a receber o mesmo tratamento dado a outras meninas chinesas. Assim, procurei me livrar de tudo o que pudesse revelar meu segredo mestiço.

Parei de falar chinês com as Belas Nuvens e os criados. Usava apenas pidgin. Se falassem comigo em chinês, fingia não compreendê-los. Lembrava-lhes vez por outra que eu era americana. Eu queria que reconhecessem que nós não éramos iguais. Queria que eles me odiassem, pois isso seria uma prova de que eu não pertencia a seu mundo. E alguns deles passaram mesmo a me odiar. Ovo Rachado, porém, riu de mim e disse que já tinha sido maltratado tanto por chineses quanto por estrangeiros. Continuou a falar comigo em

xangainês, e tive de admitir que o entendia porque cabia a ele me dar os recados, dizendo quando minha mãe havia voltado da rua, quando ela queria falar comigo ou a que horas viria o transporte que nos levaria para almoçar em um restaurante.

Não importava o que fizesse, eu temia o pai estrangeiro que habitava o meu sangue. Será que sua personalidade também iria emergir e me tornar ainda mais chinesa? E se isso acontecesse, qual seria o meu lugar no mundo? O que eu poderia fazer? Será que alguém amaria uma menina odiada pela metade?

Capítulo 2

A nova República

Xangai
1912
Violet

Ao meio-dia e meia do dia em que completei catorze anos, eclodiram gritos de felicitação na frente de casa e fogos de artifício explodiram no pátio. Carlota abaixou as orelhas e voou para debaixo de minha cama.

Não era nosso costume comemorar aniversários com pompa, mas naquele ano, aparentemente, estavam dando um significado especial à data. Corri ao encontro de Mamãe. Ela estava no boulevard, olhando a Nanking Road pela janela. A intervalos de poucos segundos, novas baterias de fogos pipocavam à distância. Depois vieram os assobios dos foguetes, rasgando o ar, seguidos por explosões que repercutiam em meu peito. Os gritos de viva aumentaram num crescendo, em seguida decaíram e voltaram a ficar mais e mais entusiasmados. Ou seja, o barulho não tinha a ver com meu aniversário, afinal. Fui para o lado de minha mãe. Em vez de me dar parabéns, ela apontou:

– Veja só aqueles tolos!

Ovo Rachado corria para lá e para cá.

– Aconteceu – anunciava com voz rouca. – A notícia está nas ruas. A dinastia Qing acabou. Yuan Shikai em breve vai ser o presidente da nova República da China. – Ele tinha uma expressão selvagem nos olhos.

Era 12 de fevereiro de 1912 e a imperatriz viúva Longyu acabara de abdicar em favor de seu sobrinho de seis anos de idade, o imperador Pu Yi, com a condição de que eles permaneceriam no palácio e conservariam suas posses. O governo manchu chegava ao fim. Esperávamos esse dia desde outubro, quando o Novo Exército encenou um motim em Wuchang.

– Por que confiar mais em Yuan Shikai do que nos amigos do imperador? – Questionou minha mãe a Ovo Rachado. – Por que não mantiveram o doutor Sun como presidente?

– Yuan Shikai fez o governo Qing abrir mão do poder e, por isso, ganhou o direito de assumir a presidência.

– Ele era comandante em chefe da força militar Qing – ela disse – e ainda pode ter raízes imperiais. Ouvi alguns de nossos clientes dizerem que, com o tempo, ele vai agir como um imperador.

– Se Yuan Shikai for corrupto, não vamos ter de esperar dois mil anos para os republicanos largarem nossas bolas.

MESES ANTES DA abdicação, a casa tinha ficado agitada com a iminência da queda da dinastia Qing. Os convidados de Mamãe deixaram de compartilhar os mesmos ambientes das festas por vários dias: os ocidentais permaneciam em seu território, no clube social, enquanto os chineses se limitavam às dependências das cortesãs. Separadamente, mantinham incessantes conversas sobre a mudança no poder e suas possíveis vantagens e desvantagens para os negócios. Seus contatos no governo poderiam perder a influência. Seria preciso estabelecer novos relacionamentos. Planos tinham de ser feitos, considerando todos os cenários, da cobrança de novos impostos aos impactos positivos ou negativos de eventuais alterações nos tratados de comércio exterior. Mamãe se empenhou para reunir estrangeiros e chineses outra vez, lembrando-os de que oportunidades lucrativas costumam brotar do caos da mudança.

A febre da mudança também atingiu os criados. Eles recitavam um rosário de tragédias ocorridas sob o domínio imperial. O confisco das propriedades de suas famílias, despojadas de terra até para enterrar seus entes queridos. A punição a quem prestava obediência aos ancestrais. A corrupção do governo Qing sendo premiada. O enriquecimento dos estrangeiros com o comércio de ópio. O ópio transformando homens em mortos-vivos.

– Eles são capazes de vender a mãe por um punhado de goma! – Ouvi Ovo Rachado comentar.

Algumas das empregadas temiam a revolução. Queriam paz sem qualquer alteração, sem novas preocupações. Não acreditavam que um novo governo militar melhoraria suas vidas. Por experiência própria, desconfiavam que, quando havia mudança, havia sofrimento. Quando se casaram, por exemplo, a vida tornou-se pior. Quando seus maridos morreram, piorou novamente. Mudança era o que acontecia dentro de casa, e só elas sabiam o que significava estar lá para sofrer as consequências.

No mês anterior, no dia primeiro de janeiro, fiquei sabendo que a República tinha sido oficialmente declarada, com o doutor Sun Yat-sen no cargo de presidente provisório. Fairweather, o amante bajulador de Mamãe, passou pela mansão sem aviso prévio, como de costume. De todos os homens que frequentaram a cama dela, ele foi o único que permaneceu em sua vida, persistente como uma verruga. Eu o odiava muito mais agora do que na época em que minha mãe me usou como pretexto para livrar-se dos outros convidados e se encontrar com ele. Fairweather estava sentado em uma poltrona no salão, um copo de uísque em uma mão, o charuto na outra. Entre goles e baforadas, emitia seus pronunciamentos:

– Os criados de sua casa têm o fervor de pagãos recém-convertidos pelos missionários. Salvos! O doutor Sun pode ser cristão, mas será que seus criados realmente acreditam que ele é capaz de fazer o milagre de Deus de mudar a cor de suas peles amarelas? – Ele me viu e sorriu. – O que você diz, Violet?

Mamãe deve ter contado a ele que meu pai era chinês. Sem ter estômago para suportar a visão daquele verme, deixei o salão quase cega de raiva. Eu tinha andado pela Nanking Road. As laterais dos bondes britânicos estavam cobertas de jornais, que se agitavam com o vento. No último ano, havia entrado na moda a desobediência civil, uma espécie de

patriotismo temerário que endereçava bofetadas simbólicas aos imperialistas. Meu sangue chinês subiu, e eu queria dar um soco na cara de Fairweather. As ruas estavam cheias de estudantes que corriam de lado a lado para colar panfletos com notícias frescas nos muros e paredes à vista do público. A multidão seguia adiante enquanto os alfabetizados liam em voz alta o artigo sobre o novo presidente Sun Yat-sen. Suas palavras, visão e promessas tinham capturado a massa, inebriada de otimismo. “Ele é o pai da nova República”, escutei um homem dizer. Eu vasculhei os muros para colher uma imagem desse pai revolucionário. Pomba Dourada certa vez mencionara que é possível reconhecer o caráter de alguém apenas pela análise do rosto. Vi uma fotografia do doutor Sun e intuí que ele era honesto e gentil, calmo e inteligente. Já tinha ouvido falar que ele pronunciava um inglês perfeito, pois crescera no Havaí. Se ele fosse meu pai, eu teria orgulho de espalhar para todos que era metade chinesa. Esse último pensamento me apanhou de surpresa, e rapidamente o refreei.

Nunca fui capaz de falar com Mamãe sobre meus sentimentos quanto a ter um pai chinês. Nós não podíamos admitir uma à outra o que eu sabia. E, naqueles dias, ela reprimia seus verdadeiros sentimentos acerca de quase tudo. A China passava por uma revolução, e ela agia como uma espectadora de corridas de cavalo, atenta para apostar no provável vencedor. Ela manifestava confiança de que a nova República não teria qualquer influência sobre as questões do Assentamento Internacional, onde vivíamos. “O assentamento é um oásis próprio”, ela recordava a seus clientes, “com leis e governo próprios”.

No entanto, eu percebia que seu aparente desdém mascarava uma preocupação genuína. Ela, de fato, havia me equipado com a habilidade de discernir os verdadeiros sentimentos de uma pessoa a partir dos esforços que ela fazia para escondê-los. Eu escutara por alto, muitas vezes, as afiadas interpretações dela e de Pomba Dourada em relação a seus clientes: uma postura agressiva para compensar o medo, um floreio de cortesia mascarando traições, protestos de indignação que só confirmavam os malfeitos.

Eu mesma, ao dedicar enormes esforços para ocultar minha porção chinesa, acabava por entregar meu segredo justamente por estar sempre em guarda. Veja como facilmente sucumbi às minhas maquinações mentais: cheguei a projetar que o doutor Sun fosse meu pai. Eu julgava a mobilização política dos estudantes admirável. Estava cada vez mais difícil moldar o coração e a mente para me fazer passar por uma estrangeira por completo. Com frequência, eu me estudava no espelho para aprender a sorrir sem que meus olhos se amendoassem demais. Copiei a postura ereta de minha mãe, o jeito de andar, com a segurança de uma estrangeira ciente de seu lugar no mundo. Como ela, passei a me apresentar para as pessoas fitando-as diretamente nos olhos enquanto dizia:

“Eu sou Violet Minturn, é um prazer conhecer você”. Costumava usar o pidgin para elogiar a obediência e a destreza dos criados. Tratava as Belas Nuvens com mais cortesia do que quando era criança, mas não conversava com elas em chinês, a menos quando me distraía, o que fiz com mais frequência do que o desejado. Não me metia a esses atrevimentos, porém, com Pomba Dourada ou Ovo Rachado. E também deixava a frieza de lado com a ama de Nuvem de Neve, Piedade, cuja filha, Pequeno Oceano, era adorada por Carlota.

Desde a minha briga com Nuvem Brumosa, há seis anos, ninguém na casa nunca mais mencionou ou sugeriu que eu fosse mestiça. Até porque ninguém se atreveria a fazê-lo depois do que aconteceu com Nuvem Brumosa. No entanto, eu me apossei de uma constante

consciência do perigo de alguém me ferir com a terrível verdade. Sempre que conhecia estrangeiros, ficava abalada por quaisquer observações a respeito de minha aparência.

Isso havia acontecido não muito tempo atrás, quando fui apresentada a uma nova amiga de Mamãe, uma sufragista britânica que se dizia fascinada por estar em um “Palácio do Prazer”, como ela se referiu ao Caminho Oculto de Jade. Quando nos conhecemos, ela elogiou a cor incomum de meus olhos. “Nunca vi esse tom de verde”, admirou-se ela. “Me lembra serpentina: a cor muda de acordo com a luz”. Teria ela notado também o formato de meus olhos? Evitei sorrir. Meu nervosismo piorou um momento mais tarde, quando ela contou para minha mãe que tinha se voluntariado na arrecadação de recursos para um orfanato de meninas de raça mista.

– Elas nunca serão adotadas – constatou ela. – Se não fossem o orfanato e mulheres generosas como você, só restaria a rua para todas elas.

Mamãe prontamente abriu a bolsa e entregou uma doação à mulher.

NO DIA DA ABDICAÇÃO, saudei o fato de ser parte do odiado grupo dos estrangeiros. Deixe os chineses me desprezarem! Corri para a varanda da ala leste da nossa casa. Vi as faíscas de fogos de artifício e papel picado flutuando no ar. O papel era amarelo imperial, e não o vermelho festivo de costume, como que para sinalizar que a dinastia Qing se despedaçara.

A aglomeração foi crescendo a cada segundo, um mar de pessoas agitando bandeiras em triunfo, com os punhos erguidos e braçadeiras pretas pintadas com slogans antiestrangeiros. “Pelo fim dos tratados dos portos!” Um estrondo de aplausos eclodiu e repetiu as palavras. “Nunca mais *tra-la-la boom-dee-ay!*”^[1] O público caiu na gargalhada. “Expulsão daqueles que amam o estrangeiro!” Seguiu-se um alarido zombeteiro.

Quem ainda nos amava? Pomba Dourada? Ela nos amava o suficiente para arriscar ser expulsa da China?

As ruas estavam tão entupidas que os puxadores de riquixá já não conseguiam furar a multidão. Do meu poleiro, vi um deles, ocupado por um casal ocidental que acenava loucamente para seu condutor, incitando-o a atropelar quem estivesse bloqueando o caminho. O puxador, de repente, largou as manoplas do riquixá e ergueu os punhos para o ar, enquanto a cabine do veículo tombava para trás, quase lançando o casal ao chão. O homem e a mulher estrangeiros saltaram no meio da multidão e, embora eu não enxergasse seus rostos, sabia que deviam estar apavorados conforme eram confrontados e empurrados pela turba.

Virei-me para minha mãe:

– Estamos em perigo?

– Claro que não – ela retrucou. Entre suas sobranceiras, porém, havia se formado um nó. Ela estava mentindo.

– Os gananciosos não esperam um minuto para tirar vantagem, – disse Ovo Rachado. – Dá para ouvi-los em todos os lugares na praça do mercado. “Duas garrafas de vinho da nova República pelo preço de uma!” E então eles fazem piada: “Duas garrafas de vinho Qing pelo preço de três!” – Ele olhou para mim. – Não é seguro você sair agora. Está me ouvindo? – Ele entregou para minha mãe um pacote de cartas e um exemplar do North China Herald. – Consegui apanhar isso no correio antes de as ruas serem fechadas. Mas, se os tumultos continuarem, pode levar dias até a gente voltar a receber a correspondência.

– Faça o que puder para conseguir os jornais, ingleses ou chineses. Eles provavelmente são jogados no lixo das ruas no final do dia. Quero ver o que andam dizendo os quadrinhos e as matérias da imprensa mosquito^[2]. Isso nos dará uma ideia do que estamos enfrentando, antes que as coisas se agravem.

Procurei por toda a casa para ver se encontrava alguém preocupado. Três dos criados e o cozinheiro fumavam no pátio da frente. Os confetes de papel amarelo cobriam o chão. Eles foram os únicos empregados a soltar fogos de artifício, e agora se regozijavam falando sobre a impotência do pequeno imperador manchu e seus eunucos arrogantes. A imperatriz e seus cães pequineses enfim deixariam de ser mais importantes do que o povo faminto!

– Meu tio virou pugilista depois de ver metade de nossa família morrer de fome – disse um dos empregados. – Foi na pior enchente em cem anos, talvez duzentos anos. Ela caiu sobre nós tão rápida quanto o nevoeiro desce sobre o pântano. Depois veio um ano de seca. Nem uma gota de chuva. Um desastre após o outro. – Os criados passavam de mão em mão um fósforo aceso, para acender seus cachimbos.

O cozinheiro fez coro:

– Um homem que perde tudo luta sem medo.

– Nós expulsamos os Qing – falou outro empregado –, e os estrangeiros são os próximos.

Os quatro homens me lançaram olhares presunçosos. Isso foi chocante. O cozinheiro sempre fora cordial, perguntando-me o tempo todo se eu preferia comida americana no almoço ou no jantar. E os outros criados, da mesma forma, sempre foram educados ou pelo menos pacientes comigo, nos momentos em que eu atrapalhava seu serviço. Lembro-me de, uma vez, ter recebido uma leve repreensão da parte deles quando era pequena e fiz com que derrubassem os pratos que carregavam. Todas as crianças são sapecas, disseram eles à minha mãe. Nunca reclamavam abertamente, mas às vezes eu os ouvia se queixando no corredor, perto de minha janela, tarde da noite.

Naquele dia, agiam como se eu fosse outra pessoa. As expressões em seus rostos eram desagradáveis, e havia também algo esquisito, diferente em seu aspecto. Quando um deles virou-se para alcançar uma garrafa de vinho, eu vi. Eles tinham cortado suas tranças! Apenas um dos empregados homens, Pato Pequeno – o criado que atendia a porta e anunciava as pessoas que nos visitavam à tarde –, apresentava-se ao público sem trança, que mantinha enrolada e presa na parte de trás da cabeça. Certa vez, pedi a ele que mostrasse o comprimento da trança. Ao desenrolá-la, afirmou que aquele era o grande orgulho de sua mãe, que considerava o comprimento do cabelo proporcional ao respeito devotado ao imperador.

– Quando ela me disse isso, a trança batia na altura da minha cintura – contou ele. – Ela morreu bem antes de chegar a esse comprimento. – Estava quase chegando às panturrilhas.

O cozinheiro bufou para Pato Pequeno.

– Você é um legalista imperial? – Os outros riram, aproximando-se para cortar sua trança. Um dos criados ofereceu-lhe a faca que tinha usado para cortar o próprio cabelo.

Pato Pequeno olhou para a faca e, em seguida, para os homens, que não paravam de rir. Seus olhos se arregalaram, como se estivesse com medo. Então, ele caminhou rapidamente em direção ao muro, até chegar ao lado de um poço abandonado. Ele despreendeu o cabelo, mirou sua amada trança e, em seguida, a decepou. Os outros homens gritaram:

– Caramba! Muito bem! *Wah!* Parece até que ele cortou fora as bolas e virou eunuco!

Pato Pequeno trazia no rosto uma careta cheia de dor, como se tivesse matado sua mãe. Ele levantou a tampa do poço e balançou sua antiga glória sobre as profundezas. Suas mãos tremiam tanto que a trança se mexia como uma cobra viva. Finalmente, ele a largou e ficou olhando para baixo, a fim de observá-la naufragando. Por um momento, pensei que saltaria em seguida.

Ovo Rachado correu para o pátio.

– O que está acontecendo? O que está havendo com a comida? Por que a água não foi fervida? Lulu Mimi espera por seu chá. – Os homens permaneceram sentados, fumando.

– Ei! Quando passaram a faca nas tranças também cortaram uma parte do cérebro? Para quem vocês trabalham? Onde vão parar se esta casa fechar as portas? Vocês não vão se dar melhor do que aquele mendigo pernetta que fica junto ao muro. – Eles resmungaram e se ergueram.

O que estava acontecendo? O que aconteceria a seguir? Andei por toda a casa e vi a cozinha abandonada, com água parada nas pias, os legumes semipicados, as tinas de lavar com peças de roupa mergulhadas apenas pela metade, como se alguém as tivesse derrubado ali e se afogado.

Encontrei Pomba Dourada e as Belas Nuvens sentadas na sala comum. Nuvem de Verão derramava rios de lágrimas pelo fim da dinastia Qing, como se sua própria família estivesse morta.

– Ouvi dizer que as leis da nova República em breve vão fechar casas como a nossa – disse ela.

– Os políticos querem mostrar que têm princípios morais mais elevados do que os Qing e os estrangeiros.

– Nova moralidade. *Pah!* – Praguejou Pomba Dourada. – São os mesmos homens que sempre nos visitaram e se divertiam junto com os ocidentais.

– O que será de nós? – perguntou Nuvem de Verão em tom trágico. Ela ergueu as mãos brancas e macias e as examinou com ar infeliz. – Vou ter de lavar minhas próprias roupas, como uma lavadeira comum.

– Pare com essa bobagem – ordenou Pomba Dourada. – Os republicanos não têm controle sobre o Assentamento Internacional. Os Qing não tinham, e isso não vai mudar.

– Como você sabe? – Revidou Nuvem de Verão. – Você estava viva quando a dinastia Ming foi derrubada?

Ouvi minha mãe me chamando.

– Violet! Onde você está? – Ela se aproximou. – Aí está você. Venha ao meu escritório. Quero que fique perto de mim.

– Estamos com problemas?

– Nem um pouco. Só não quero você vagando pelas ruas. Há muita gente correndo por aí e você pode se machucar. – O chão de seu escritório estava forrado de jornais.

– Agora que o imperador se foi – perguntei –, vamos ser prejudicadas? Será que vão fechar a nossa casa?

– Venha cá. – Ela me acolheu em seus braços. – É o fim da dinastia. Isso tem pouco a ver com a gente. Mas os chineses estão muito excitados. Em breve, eles voltam a se acalmar.

No terceiro dia, a agitação das ruas de fato diminuiu, e minha mãe quis visitar alguns de seus clientes a fim de incentivá-los a voltar a frequentar nossa casa. Ovo Rachado alertou

que ainda era perigoso para uma mulher estrangeira ser vista porta afora. Patriotas embriagados percorriam as ruas armados de tesouras na mão, prontos para eliminar a trança de qualquer homem que ainda a possuísse. Os arruaceiros também tinham cortado o cabelo de algumas mulheres brancas apenas para se divertir. Minha mãe não era do tipo de recuar diante do medo. Vestiu um pesado casaco de pele, pediu uma carruagem e, ao lado de Pomba Dourada, armou-se com martelos de *croquet*, disposta a usá-los contra a cabeça de qualquer um que se aproximasse com uma tesoura na mão e um sorriso no rosto.

Todos os clientes ficaram afastados durante a primeira semana após a abdicação. Mamãe enviou mensagens pelos criados, avisando que havia retirado a placa que trazia em inglês o nome do Caminho Oculto de Jade. Mas os frequentadores ainda relutavam. O nome ocidental da casa era muito conhecido na cidade, assim como a denominação chinesa, Casa de Lulu Mimi. Os clientes estrangeiros não queriam mostrar seus rostos na rua; os chineses, por sua vez, tentavam esconder sua ligação com um local onde sabidamente se fechavam negócios de comércio exterior com ocidentais.

No domingo, dia 18, o Ano-Novo Chinês chegou, reacendendo o furor da semana anterior, mas dessa vez com barulho em dobro, em uma cacofonia de fogos de artifício, gongos, tambores e cânticos. Quando os guinchos dos foguetes cortavam o ar, minha mãe parava de falar, apertava as mandíbulas e encolhia os ombros à espera da inevitável explosão. Então, ela estourava com quem quer que estivesse conversando com ela, até mesmo Pomba Dourada. Ela andava furiosa com o medo estúpido que tomou conta dos clientes. Os homens vinham retornando lentamente – cinco numa noite, uma dúzia em outra –, e eram principalmente pretendentes chineses que haviam recebido cartas de suas cortesãs favoritas, pedindo para revê-los. No entanto, não havia mais atmosfera para a frivolidade. Pelos salões, os homens apartavam-se em grupos fechados de ocidentais ou chineses. Comentavam sombriamente que os protestos xenófobos eram um termômetro para o futuro dos negócios internacionais. Um deles reclamou: “Ouvi que muitos dos atuais líderes estudantis foram educados nos Estados Unidos. O governo Qing lhes deu essas malditas bolsas de estudo, e agora eles voltam com o conhecimento de como fazer uma revolução”.

Minha mãe atravessava a sala exalando confiança, embora esse sentimento fosse nulo até uma hora atrás, enquanto lia os jornais. Ela sorria e espalhava segurança.

– Sei de uma fonte confiável, muito bem posicionada atualmente, que a nova República está usando o alarido contra os estrangeiros como uma manobra temporária para unificar o país. Considere isso: muitos altos funcionários que trabalhavam sob o governo Qing devem manter seus cargos sob a República. Isso já foi anunciado. Então, nós ainda vamos ter nossos amigos por lá. E, além disso, por que a nova República expulsaria as empresas estrangeiras? Por que cortariam suas próprias mãos justo no momento em que elas estão tão perto do pote de dinheiro pelo qual são tão apaixonados? Isso tudo vai acabar em breve. Já aconteceu assim antes. Veja a história recente de tumultos desse tipo. O comércio exterior com o Ocidente sempre voltou, mais forte e proporcionando lucros maiores do que nunca. Tudo vai voltar a seu lugar em breve. Mas vai exigir um ajuste no início: coragem combinada com prevenção.

Alguns homens murmuravam, concordando. Mas a maioria parecia cética.

– Calcule quanto dinheiro as empresas estrangeiras trazem para a China – prosseguia

ela. – Como é que o novo governo pode nos ser hostil? Eu prevejo que assim que nós recolhermos nossos navios de riquezas, eles vão pedir para voltarmos, oferecendo tratados e tarifas ainda mais favoráveis. Se querem acabar com os senhores da guerra, eles vão precisar de muito dinheiro. Dinheiro nosso.

Mais resmungos se seguiram. Minha mãe persistiu com seu discurso otimista.

– Aqueles que ficarem vão poder pegar nas ruas o ouro que todos esses cétricos Tomás estão deixando para trás. E isso vai acontecer em todos os lugares, a qualquer hora. Este é um momento de oportunidade, não de medo nem de escrúpulos inúteis. Cavalheiros, planejem um futuro mais rico. O novo caminho está dado. Viva a nova República!

Os negócios, no entanto, permaneciam estagnados. O ouro nas ruas provavelmente estava onde ninguém se atrevia a pegá-lo.

No dia seguinte, minha mãe cessou os esforços para reavivar seu negócio. Uma carta chegou à casa pouco antes de nós sairmos para um bastante tardio almoço de comemoração de meu aniversário, em um restaurante. Quando já estava à porta, ouvi Mamãe praguejando com voz irritada. Olhei em volta e não vi ninguém. Ela falava consigo mesma. Quando eu era mais nova, esse costume já tinha me deixado sobressaltada. Mas nada de terrível adveio dessa tagarelice solitária. Suas pragas eram como alguém batendo num tapete. Serviam para que ela se purgasse, e, então, seu espírito readquiria a serenidade outra vez.

– Maldito seja o seu coração enfeitiçado! – ela murmurou.

– Covarde!

Pensei que sua raiva tivesse a ver com o que aconteceu com o imperador.

– Mãe – chamei suavemente.

Ela tomou um susto e se virou para mim, segurando uma carta junto ao peito. O texto estava em letra cursiva, não em caracteres chineses.

– Violet, querida, não podemos almoçar agora. Aconteceu uma coisa.

Ela não mencionou a carta, que eu sabia ser o motivo de sua contrariedade. Mamãe havia feito a mesma coisa no meu aniversário de oito anos. Dessa vez, porém, não fiquei com raiva, apenas ansiosa. Era novamente uma carta de meu pai, eu tinha certeza disso. A última, há seis anos, notificando sua morte, foi o que me levou a descobrir que ele esteve vivo ao longo de todos aqueles anos em que minha mãe negou que ele existisse. Sempre que eu trazia à tona o assunto de meu pai, ela me cortava com a mesma resposta: “Eu já lhe disse, ele está morto e ficar fazendo perguntas não vai mudar esse fato”. A questão sempre a tirava do sério, mas eu não podia deixar de perguntar, uma vez que a resposta nem sempre era a mesma.

– Vamos almoçar mais tarde? – Eu sabia a resposta, mas queria conferir o grau de cuidado que ela adotaria para responder.

– Tenho de sair para me encontrar com alguém – disse ela.

Eu não iria deixá-la escapar tão facilmente.

– Mas hoje era o meu almoço de aniversário – reclamei. – Você está sempre ocupada demais para cumprir as promessas que faz para mim.

Ela demonstrou um mínimo de culpa.

– Desculpe – pediu. – Tenho de fazer uma coisa, é urgente e muito importante. Amanhã vamos ter um almoço especial. Com champanhe.

– Eu também sou importante – sublinhei. Fui para meu quarto para ruminar sobre o que tinha se passado. A carta. Outro almoço de aniversário deixado de lado. Quem era mais importante?

Quando a ouvi sair de casa, invadi o boulevard e entrei em seu gabinete através das portas de vidro francesas. A carta não estava na gaveta, nem sob o colchão, nem dentro da fronha, nem nas latas que continham balinhas. Quando estava prestes a desistir, vi um canto de envelope saindo de um livro de poesias, sobre a mesa redonda à qual ela e Pomba Dourada se sentavam para discutir o dia a dia dos negócios. O envelope era de papel branco rígido. Estava endereçado em chinês para Madame Lulu Mimi. Mais embaixo, em inglês, letras cursivas acrescentavam: “Lucretia Minturn”. *Lucretia*. Nunca tinha visto alguém a chamar assim. Seria mesmo o nome dela? A carta propriamente dita se dirigia a outro nome que jamais vi minha mãe usar:

Minha querida Lucia,

Estou liberado da obrigação e finalmente posso oferecer o que é seu por direito.

Volto a Xangai em breve. Posso visitá-la no dia 23, ao meio-dia?

Saudações,

Lu Shing

Quem era esse homem chinês que escrevia em inglês? Ele a tinha chamado por dois nomes: Lucretia e Lucia. De onde ele estava voltando?

Antes que pudesse analisar mais a carta, Pomba Dourada entrou.

– O que está acontecendo aqui? – ela disse.

– Estou procurando um livro – improvisei rapidamente.

– Dê para mim – ordenou ela, sem se deixar enganar. Passou os olhos pela carta e concluiu: – Não diga a sua mãe que viu isto. Não diga a ninguém, ou vai se arrepender pelo resto de sua vida.

Minhas suspeitas estavam certas. Aquilo tinha algo a ver com meu pai. Temi que dali a poucos dias, no dia 23, minha vida mudaria para pior.

NO DIA 23, a mansão entrou em polvorosa com a notícia de que um certo visitante era esperado ao meio-dia. Escondida no balcão central, eu observava o burburinho abaixo, no salão. Em princípio eu devia estar estudando no meu próprio quarto, e não no boulevard, e tinha ordens expressas de Mamãe para não sair de lá sem permissão. Ela também me mandou colocar o vestido verde, que foi uma das melhores peças de roupa que já tive. Imaginei que isso significasse que eu seria apresentada ao tal homem.

Os ponteiros do relógio marcaram meio-dia e continuaram avançando lentamente minutos adiante. Tentei ouvir se alguém era anunciado à porta. Nada. Rastejei para o boulevard. Se alguém me flagrasse ali, era só dizer que tinha ido buscar um de meus livros escolares. Coloquei um deles sob a mesa, por precaução. Como esperava, minha mãe estava no escritório, do outro lado das portas francesas. Pomba Dourada lhe fazia companhia. Mamãe parecia irritadiça, soando ameaçadora como o estrondo que precede o raio. Eu podia pressentir perigo em sua voz. Pomba Dourada respondia a ela em tom macio, confortador. As palavras exatas se perdiam no aglomerado de sons. Era um grande risco

para mim ficar ali. Levei uma hora até juntar coragem para colar meu ouvido contra o vidro da porta.

Elas conversavam em inglês. Suas vozes eram demasiadamente baixas para que eu pudesse distinguir frases inteiras. Logo, o tom de raiva de minha mãe elevou-se bruscamente.

– Bastardo! – Ela chorou. – Um dever de família!

– Ele é covarde e ladrão, acho que você não deve acreditar em tudo o que ele tem a dizer – falou Pomba Dourada. – Se você encontrá-lo, pode apostar que ele vai partir seu coração no meio outra vez.

– Temos uma pistola na casa? Vou atirar nas bolas dele. Não ria. Eu atiro mesmo.

Os fragmentos de palavras ampliavam minha confusão.

O crepúsculo veio, e eu ouvi as vozes dos criados pedindo água quente. Um deles bateu à porta de minha mãe e anunciou a chegada do visitante, que a aguardava no vestíbulo. Mamãe se demorou por dez minutos no quarto antes de sair. Assim que ela se foi, empurrei as portas francesas uma polegada, e abri caminho na parte inferior das cortinas, abrindo-as ligeiramente. Corri para o meu esconderijo no balcão central, com vista para o Grand Salon.

Mamãe desceu alguns degraus da escadaria, parou e fez um gesto com a cabeça para Pato Pequeno, postado junto às cortinas de veludo que davam para o vestíbulo.

Pato Pequeno afastou as cortinas e anunciou:

– Mestre Lu Shing está aqui para ver Madame Lulu Mimi.

Era o mesmo nome do homem que enviara a carta. Prendi a respiração quando ele entrou. Num instante, eu saberia se aquele homem era quem eu pensava que fosse.

De imediato, ele passava a impressão de ser um cavalheiro totalmente moderno, com seus modos aristocráticos e a postura naturalmente ereta. Usava terno bem cortado e sapatos escuros bem polidos, cujo brilho podia ser visto do meu balcão. Seu cabelo era volumoso, bem aparado e penteado com pomada. Eu não conseguia ver seu rosto em detalhes, mas o julguei mais velho do que Mamãe – não era jovem, mas também não muito velho. Em um braço, ele trazia um comprido casaco de inverno e também um chapéu, ambos recolhidos rapidamente por um dos criados.

O senhor Lu examinou casualmente o salão, sem a perplexidade característica da maioria dos visitantes de primeira viagem da casa da minha mãe. O estilo ocidental tinha se tornado corrente na maioria das residências de primeira classe e até mesmo nas respeitáveis mansões da elite. Mas nossa casa tinha peças decorativas dificilmente encontradas em outro lugar: pinturas escandalosas, voluptuosos sofás com estofamento de pele de tigre, a escultura realista de uma fênix pousada em uma palmeira gigante da altura do teto. O homem esboçou um leve sorriso, como se nada disso o surpreendesse.

Nuvem Fofa veio e agachou-se perto de mim.

– Quem é esse? – sussurrou.

Eu lhe disse para ir espiar em outro lugar. Ela não se moveu. Eu estava prestes a descobrir quem era aquele homem, e quando isso acontecesse não queria Nuvem Fofa ao meu lado.

Minha mãe voltou a descer as escadas. Ela tinha escolhido um vestido estranho para a ocasião. Nunca o tinha visto, ela provavelmente o comprou na véspera. O modelo, sem

dúvida, era de última moda – Mamãe só se vestia assim –, mas as formas da peça não eram adequadas ao hábito que ela tinha de esvoaçar ao redor do salão. De lã, cor azul-pavão, era bem ajustado ao corpo, acentuando o busto e o quadril. A saia era apertada da cintura até a altura dos joelhos, o que restringia o caminhar de minha mãe a passos lentos e miúdos. O homem pacientemente esperou, olhando-a o tempo todo. Quando se aproximaram, ela não lhe deu a recepção efusiva com que cumprimentava outros homens. Eu não conseguia ouvir as palavras, mas seu tom era neutro, ainda que trêmulo. Ele curvou-se em uma pequena reverência, nem chinesa nem ocidental, e ergueu-se bem devagar, fitando-a solenemente até que, num rompante, ela girou nos calcanhares e voltou para subir a escada em sua marcha reprimida pelo vestido. Ele a seguiu. Mesmo à distância, eu podia dizer que a expressão dela era precisamente o que ela detestava ver no rosto de qualquer uma das Belas Nuvens. O queixo apontado ligeiramente para cima. Arrogância. Olhos semicerrados, mirando para baixo do nariz. Desdém. O homem agia como se não tivesse consciência de que ela estava aquém de ser amável. Ou, talvez, ele estivesse preparado para aquilo.

– *Wah!* – exclamou Nuvem Fofa. – É refinado. E deve ter muito dinheiro, também.

Lancei um olhar irritado para fazê-la ficar quieta. Sendo sete anos mais velha, ela armou uma cara amarga, demonstrando o habitual ressentimento diante de minhas repreensões.

Embora não conseguisse distinguir bem as feições daquele homem, senti que havia algo de familiar em seu rosto e quase desmaiei de nervosismo. Seria ele meu pai?

Quando eles estavam prestes a alcançar o topo da escada, rastejei para me afastar. Corri para o boulevard e me escondi debaixo da cama. Eu teria de permanecer lá por pelo menos quinze minutos, até que a noite caísse e escurecesse o ambiente, quando então eu não seria mais notada por trás das cortinas, enquanto espreitasse. O piso estava frio, e lamentei não ter me enrolado em uma colcha antes. Escutei a porta do escritório se abrindo e, em seguida, as vozes da minha mãe e de Pomba Dourada ficaram distinguíveis. Pomba Dourada perguntava se devia mandar servir refrescos. Em geral, conforme o convidado, haveria uma cesta de frutas ou biscoitos de manteiga com chá inglês. Mamãe disse que nada seria servido. Fiquei chocada com sua grosseria.

– Peço desculpas pelo atraso – disse o homem. Soava como um inglês. – Os revoltosos estão derrubando as muralhas da Cidade Velha e as estradas ficaram intransitáveis. Deixei minha charrete e vim a pé, sabendo que você estava esperando. Levei quase três horas só para chegar até a Avenida Paul Brunat.

Mamãe não respondeu à arenga sobre o esforço feito pelo visitante para cumprir o compromisso. Eles se dirigiram para o outro lado da sala. Mesmo com as portas francesas entreabertas, suas vozes ficaram indistinguíveis. A dele fluía fácil, em tom calmo. A de minha mãe era concisa e tensa. De vez em quando, um comentário dela em voz alta enchia o ar. “Duvido muito disso.” “Eu não os recebi.” “Ele não voltou.” De repente, ela gritou:

– Por que quer vê-la agora? Desde quando você se importa com ela? Você nunca enviou uma única palavra, um único dólar. Você nem teria ligado se ela e eu estivéssemos passando fome.

Eu sabia que ela estava falando de mim. Ele nunca havia perguntado sobre mim, nunca havia me amado. Bastardo. Imediatamente o odiei.

Ele murmurou palavras rápidas, que não consegui entender. Soavam frenéticas. Então, ouvi sua voz mais alta e clara.

– Eu estava arrasado, atormentado. Mas eles tornaram isso impossível.

– Covarde! Covarde desprezível! – Mamãe gritou.

– Ele estava com os representantes das Relações Exteriores...

– Ah, sim, o dever familiar. Tradição. Obrigação. Antepassados e oferendas. Admirável. –

Sua voz estava mais perto da porta.

– Depois de todos esses anos na China – replicou ele –, você ainda não entendeu o quanto a família é poderosa para um chinês? Tem o peso de dez mil lápides, e meu pai lançou tudo isso contra mim.

– Eu entendo muito bem. Conheci muitos homens, e a natureza deles é como a sua, totalmente previsível. Desejo e dever. Traição para ambos. Aqueles homens previsíveis me fizeram uma mulher muito bem-sucedida.

– Lucia – protestou ele, com voz triste.

– Não me chame assim!

– Você tem de me ouvir, por favor.

Escutei o som da porta do escritório sendo aberta. A voz de Pomba Dourada interrompeu a conversa.

– Com licença – disse ela em chinês. – Temos uma situação de urgência.

Lu Shing começou a apresentar-se em chinês, mas foi cortado por Pomba Dourada.

– Nós já nos conhecemos – ela retrucou. – Sei muito bem quem você é e o que fez. – Ela se voltou para minha mãe e disse em tom mais neutro. – Preciso falar com você. Sobre Violet.

– Ela está aqui, então – falou o homem em tom animado. – Por favor, deixe-me vê-la.

– Vou deixar quando você estiver morto – Mamãe respondeu.

Ainda furiosa, fiquei excitada por ele querer me ver. Se veio até aqui por mim, eu iria rejeitá-lo. Já estava escuro o suficiente para eu poder me esconder por trás das portas francesas. Queria ver a expressão dele. Eu estava a meio caminho de deixar meu esconderijo sob a cama quando ouvi Mamãe e Pomba Dourada fecharem a porta do escritório e caminharem pelo corredor. De repente, a porta do boulevard se abriu, e eu me enfiei para debaixo da cama, o mais perto possível da parede, e preendi a respiração.

– Isso é muito difícil para você suportar sozinha – disse Pomba Dourada baixinho, em inglês, para minha mãe. – Eu devia ter ficado com você.

– Prefiro fazer isso sozinha.

– Se precisar de mim, toque a sineta do chá. Vou esperar aqui no boulevard.

Meu coração ficou aflito. Em breve, eu me transformaria em um cadáver congelado.

– Não há necessidade – disse Mamãe. – Vá jantar com os outros.

– Pelo menos, deixe eu pedir para uma empregada lhe trazer chá.

– Sim, isso seria bom. Minha garganta ficou seca.

Elas enfim saíram. Voltei a respirar, tomando um grande fôlego.

Pouco depois, ouvi o ruído da empregada chegando, seguido pelo tilintar de xícaras de chá e palavras gentis. Quando saí de debaixo da cama, estava tremendo de frio e nervosismo. Esfreguei meus braços, puxei uma colcha da cama e me envolvi nela. Quando meus dentes pararam de bater, fui até as portas de vidro e olhei pela abertura da cortina.

Reconheci imediatamente aquele homem como meu pai ao ver nele minhas próprias características: os olhos, a boca, o formato do rosto. Senti uma onda nauseante de

resignação. Eu era metade chinesa. Eu sabia disso, mas o tempo todo havia permanecido agarrada à ambiguidade. Fora da mansão, eu nunca pertenceria a lugar algum. Outra sensação se apoderou de mim: eu me senti estranhamente vitoriosa por estar certa ao acreditar que Mamãe mentira para mim. Meu pai existia. Eu tinha trocado uma questão torturante por uma resposta terrível. Mas por que minha mãe o odeia tanto a ponto de ter se recusado a vê-lo por todos esses anos? Por que ela preferiu me dizer que ele estava morto? Certa vez, eu perguntei a ela se ele me amava, e a resposta foi sim. Poucos minutos atrás, porém, ela mesma o acusou de nunca ter se importado comigo.

O senhor Lu pousou a mão no braço de Mamãe, que se desvencilhou de imediato e gritou:

– Onde ele está? Apenas diga-me e saia daqui!

Quem era *ele*?

O homem tentou tocar-lhe o braço de novo. Levou um tapa no rosto. Em seguida, ela bateu com os punhos nos ombros dele, enquanto caía no choro. Ele não se afastou nem esboçou reação, ficando ali, imóvel, como um soldadinho de madeira. Ela parecia mais desesperada do que furiosa, o que me assustou, pois jamais a tinha visto assim. Quem era esse homem cujo paradeiro era tão importante para ela?

Mamãe finalmente interrompeu seu ataque e disse com voz alquebrada:

– Onde ele está? O que fizeram com meu filho? Ele está morto?

Apertei a mão sobre a boca para sufocar minha reação de surpresa. Ela tinha um filho e o amava tanto a ponto de chorar por ele.

– Ele está vivo e saudável – ele fez uma pausa. – E não sabe nada sobre isso.

– Nada sobre mim – Mamãe disse, sem rodeios.

Ela foi até a outra extremidade do escritório e chorou sacudindo os ombros. Ele ensaiou aproximar-se, mas ela fez sinal para que ficasse onde estava. Nunca tinha visto minha mãe chorar tanto. Era como se tivesse acabado de sofrer uma grande perda, quando, na verdade, ela enfim descobria justamente o contrário.

– Eles o levaram para longe de mim – contou ele. – Meu pai encomendou tudo. Não me disseram para onde. Eles o esconderam de mim e falaram que jamais me permitiriam vê-lo caso eu fizesse alguma coisa para prejudicar a reputação de meu pai. Como eu poderia ter ficado com você? Você certamente teria lutado. Você fez isso antes, e eles sabiam que você continuaria lutando. Aos olhos deles, você não respeitava nossas tradições. Você não entendia a posição deles na sociedade, sua reputação. Eu não podia contar nada a você, porque esse ato isolado significaria que eu nunca mais veria nosso filho. Você tem razão. Fui um covarde. Não lutei, como você teria feito. E o que é pior, traí você sob a justificativa de que fui obrigado a isso. Convenci a mim mesmo que se me curvasse à vontade deles, você teria pelo menos uma chance de ter nosso filho de volta. Mas eu sabia que não era verdade. Com aquilo, eu só estava matando o que era puro e confiante em seu coração. Fiquei atormentado por isso. A cada dia eu acordo pensando no que fiz a você. Posso mostrar meus diários. Todos os dias, nestes últimos doze anos, começo escrevendo uma frase antes de todas as outras: “Para me salvar, eu destruí outra pessoa, e, ao fazê-lo, eu me destruí”.

– Uma frase – Mamãe retrucou com voz fria. – Eu escrevi muito mais. – Ela voltou para o sofá e sentou-se com um olhar vago. – Por que você veio finalmente me dizer isso? Por que agora, e não antes?

– Meu pai está morto.

Ela se encolheu.

– Não posso dizer que sinto muito.

– Ele desabou no dia da abdicação e faleceu depois de seis dias. Escrevi para você no dia seguinte à morte. Senti como se um fardo tivesse sido tirado das minhas costas. Mas eu a aviso desde já: minha mãe tem uma personalidade tão forte quanto a de meu pai. Ele fez uso disso para possuir tudo o que quis. Ela, para proteger a família. Nosso filho não é apenas neto dela, mas também a próxima geração, o herdeiro de tudo o que remonta ao passado mais distante de nossa história familiar. Você talvez não respeite nossas tradições familiares, mas é bom entendê-las o bastante para ter medo delas.

Lu Shing entregou um envelope para Mamãe.

– Escrevi aqui o que eu tenho certeza que você quer saber.

Ela encaixou o abridor de cartas no papel, mas suas mãos tremiam tanto que deixaram o envelope cair no chão. Lu Shing o recuperou e o abriu. Ela tirou dali uma fotografia, e eu me esforcei para encontrar um ângulo que me permitisse vê-la também.

– O que tem de meu no rosto dele? – Perguntou Mamãe. – Este é mesmo Teddy? Ou você está armando um truque em mim? Sou capaz de lhe dar um tiro com a minha pistola...

Ele murmurou algo e apontou para a fotografia. O rosto angustiada dela abriu-se em sorrisos.

– Que expressão tão séria... Minha aparência é realmente assim? Ele puxou mais a você. Parece um menino chinês.

– Ele está com doze anos agora – informou Lu Shing. – É um menino feliz e também um pouco mimado demais. Sua avó o trata como um imperador.

Suas vozes baixaram até se converter em murmúrios suaves. Ele colocou a mão no braço dela e, dessa vez, não foi repudiado. Ela o olhou com uma expressão de mágoa. Ele acariciou seu rosto e ela desabou, abraçando-o enquanto chorava.

Eu me virei, afundei no chão e fiquei olhando para o vazio da escuridão, para todas as possibilidades que devia temer. Tudo havia mudado rapidamente. Aquele era o filho dela, mais amado do que ela jamais conseguira me amar. Foi o que entendi de tudo o que ela disse. Novas questões surgiram, uma mais preocupante do que a outra, me deixando enjoada. O menino também tinha sangue misturado, mas parecia chinês. E esse homem, meu pai, cujos olhos e bochechas eram iguais aos meus, não se preocupou em me levar para sua família. Ele nunca havia me amado.

Ouvi um sussurro no escritório de minha mãe e voltei a olhar pela abertura da cortina. Mamãe já apagara as lâmpadas. Eu não conseguia ver nada. A porta do escritório se fechou e, um momento depois, ouvi a porta do quarto abrir e fechar. Será que ela havia levado Lu Shing e a foto de Teddy para o quarto? Eu me senti abandonada, sozinha com minhas perguntas agoniantes. Queria estar em meu quarto para chorar por mim mesma. Tinha perdido meu lugar no mundo. Eu era a segunda melhor aos olhos de Mamãe, e uma enjeitada para Lu Shing. Mas não podia sair dali, agora que os criados se movimentavam pelo corredor. Se Pomba Dourada me apanhasse fora de meu quarto, exigiria saber o porquê, e eu não queria falar com ninguém sobre o que estava sentindo. Deitei na cama e me enrolei na colcha. Teria de esperar até a festa começar e todo mundo descer para o Grand Salon. E, ao longo desse tempo, precisaria enfrentar minha crise de autopiedade.

Horas mais tarde, acordei com o som de uma porta se abrindo, distante. Corri para a janela e olhei através da grade. O céu estava lavado de cinza escuro. O sol nasceria em breve. Ouvi a porta do escritório abrir e fechar. Fui para as portas de vidro. Ele estava de costas para mim e, por cima de seu ombro, dava para ver apenas o rosto dela. Ele murmurava suavemente. Ela respondia com voz de garotinha adulta. Eu me senti deprimida. Ela proporcionava tantos sentimentos para os outros, tanta gentileza e felicidade. Lu inclinou-se para a frente e ela lhe ofereceu a cabeça, recebendo um beijo na testa. Ele ergueu o rosto dela para cima e disse mais palavras suaves, que a fizeram sorrir. Ela parecia quase tímida. Nunca a havia visto assim tão diferente, tão ferida, tão desesperada, tão recatada.

Ele a abraçou com força. Quando a soltou, os olhos dela brilhavam de lágrimas e ela se virou. Ele silenciosamente deixou o quarto. Corri de volta para a janela, bem a tempo de vê-lo passar caminhando com uma expressão de prazer no rosto, o que me irritou. Tudo tinha acabado bem para ele.

Saí dali para voltar ao meu quarto, e imediatamente Carlota se aproximou de mim, esfregando-se em minhas pernas. Nos últimos sete anos ela havia se tornado gorda e lenta. Eu a peguei e a abracei. Só ela queria saber de mim.

NÃO CONSEGUI DORMIR, ou dormi mal, até ouvir a voz de minha mãe falando com um criado, instruindo-o a trazer um baú. Talvez não fossem nem dez da manhã. Fui encontrá-la no quarto, entretida mexendo em seus vestidos.

– Oh, Violet, fico contente que você esteja acordada. – Ela disse isso com uma voz luminosa e excitada. – Preciso que você separe quatro vestidos, dois para jantar, dois para o dia, além de sapatos e casacos combinando. Traga também o colar de granada e o medalhão de ouro, suas canetas, livros escolares e cadernos. Junte tudo o que for valioso. Não posso listar tudo para você, então escolha por si mesma. Já pedi que mandassem um baú para o seu quarto.

– Estamos fugindo?

Ela inclinou a cabeça, do jeito que fazia quando um convidado a brindava com uma nova ideia que, na verdade, considerasse imprópria. Sorriu.

– Nós estamos indo para os Estados Unidos, para São Francisco – revelou. – Vamos visitar seus avós. Seu avô está doente... recebi um telegrama... é muito sério.

Que mentira estúpida! Se ele estivesse mesmo doente, por que ela estaria tão feliz um minuto atrás? Ela não ia me contar a verdadeira razão, que nós iríamos viajar para ver seu filho querido, mas eu estava determinada a extrair a verdade dela.

– Qual é o nome de meu avô?

– John Minturn – respondeu com naturalidade. E continuou a colocar vestidos na cama.

– E a minha avó, é viva também?

– Sim... é claro. Ela enviou o telegrama. Harriet Minturn.

– Vamos partir em breve?

– Talvez amanhã, ou no dia seguinte. Ou pode ser daqui a uma semana a partir de hoje. Tudo está virado de cabeça para baixo e mais ninguém é confiável nos dias de hoje, mesmo sendo pago em dólares. Assim, pode ser que a gente não consiga se organizar imediatamente para embarcar no próximo vapor. Muitos ocidentais estão tentando sair da

cidade. Talvez tenhamos de nos contentar em viajar numa traineira que vá passar pelo Polo Norte!

– Quem era o homem que visitou você ontem?

– Alguém com quem fiz negócios, certa vez.

Eu disse com voz miúda:

– Eu sei que ele é meu pai. Vi o rosto dele enquanto subia as escadas. Eu me pareço com ele. E sei que estamos indo para São Francisco porque você tem um filho que mora lá. Ouvi os criados falando sobre isso.

Ela ouviu em silêncio, chocada.

– Você não pode negar isso – falei.

– Violet, querida, sinto muito por você estar magoada. Mantive isso em segredo porque não queria que soubesse que tinha sido abandonada. Ele levou Teddy logo depois do parto, e eu não o vi mais desde então. Agora eu tenho uma chance de reclamá-lo de volta, e é o que vou fazer. Ele é meu filho. Se você tivesse sido roubada de mim, eu lutaria da mesma forma para encontrá-la.

Lutar por mim? Eu duvidava disso.

Mas então ela se aproximou e pôs os braços em volta de mim.

– Você tem sido mais preciosa para mim do que imagina. – Uma lágrima se formou no canto de seu olho, e aquele pequeno cintilar de seu coração foi suficiente para que eu acreditasse nela. Eu fiquei aliviada.

No meu quarto, no entanto, percebi que ela não tinha dito nada sobre os sentimentos de Lu Shing em relação a mim. Eu o odiava. Nunca iria chamá-lo de “Pai”.

Pelo resto da manhã e pela tarde, enquanto enchíamos nossos baús, ela me falou sobre nossa nova casa em São Francisco. Até aquele dia, eu nunca tinha pensado muito sobre o passado dela. Mamãe tinha vivido em São Francisco. Era tudo o que eu sabia. Ao ouvir sobre meu novo destino, senti como se escutasse um conto de fadas. Gradualmente, minha raiva se transformou em excitação. Imaginei o Oceano Pacífico, suas águas límpidas e azuis com peixes prateados saltando das ondas, baleias expelindo água como fontes. Mamãe disse que meu avô era professor de história da arte, e eu o imaginei como um distinto cavalheiro de cabelos brancos, de pé diante de um cavalete. Ela contou que minha avó era cientista e estudava insetos, como o do âmbar que tentei destruir. Imaginei um quarto com gotas de âmbar penduradas no teto e uma mulher examinando cada uma delas com lupa. Enquanto Mamãe falava, agora com loquacidade, pude ver São Francisco em minha mente, com suas colinas próximas à água. Eu podia me imaginar escalando-as para ter uma vista da baía e suas ilhas. Eu me via subindo calçadas íngremes ladeadas por casas ocidentais, como os da Concessão Francesa, ocupadas por todos os tipos de pessoas, de todas as classes e nações.

– Mãe, há chineses em São Francisco?

– Muitos. Em sua maioria são criados ou trabalhadores comuns, tintureiros, coisas assim.

Ela foi ao seu guarda-roupa para escolher quais vestidos de noite iria levar. Selecionou dois, em seguida os devolveu e optou por outros dois. Ela pegou seus sapatos de couro branco, descobriu um pequeno arranhão na parte do calcanhar e os pôs de volta no lugar.

– Lá existem cortesãs estrangeiras ou são todas chinesas? Ela riu.

– As pessoas lá não são chamados de estrangeiras, a menos que sejam italianas, chinesas ou negras.

Senti uma ponta de humilhação. Aqui éramos estrangeiras por causa de nossa aparência. Um pensamento sombrio percorreu minhas veias. Será que em São Francisco vão achar que sou uma estrangeira chinesa? Quando as pessoas souberem que Teddy é meu irmão, saberão que sou tão chinesa quanto ele.

- Mãe, será que as pessoas vão me tratar bem quando notarem que sou mestiça?
- Ninguém vai achar que você é.
- E se as pessoas de lá descobrirem? Elas vão me evitar?
- Ninguém vai descobrir.

Fiquei incomodada com aquele excesso de confiança quanto a algo tão incerto. Eu teria de agir de modo tão confiante quanto ela para preservar o segredo de ser filha de chinês. Só que eu teria a constante preocupação de ser desmascarada. Ela permaneceria indiferente.

- Nós vamos viver em uma casa bonita – ela continuou.

Jamais a tinha visto tão feliz, tão afetuosa. Ela parecia até mais jovem, quase como se fosse uma pessoa diferente. Pomba Dourada ensinou certa vez que quando uma feiticeira possuía uma mulher dava para ver nos olhos dela. Brilhavam muito. Os olhos de Mamãe brilhavam. Ela não era mais a mesma, não depois de ter se encontrado com o senhor Lu.

- Meu avô construiu a casa pouco antes de eu nascer – disse ela.

– Não é tão grande como aqui, – continuou –, mas também não é tão fria ou barulhenta. É feita de madeira e é tão resistente que, mesmo depois do grande terremoto que sacudiu a cidade, a casa permaneceu de pé, sem nada fora do lugar. O estilo arquitetônico é bem diferente das casas estrangeiras nas concessões francesas e britânicas daqui. Por um lado, é mais acolhedor, sem aquelas muralhas altas e portarias. Em São Francisco, não precisamos defender nossa privacidade. Nós simplesmente a temos. Uma cerca frontal e um portão baixo de ferro é tudo de que precisamos, embora também seja costume cercar as laterais e os fundos das casas. Mas isso é para manter afastados os cães vadios e para ter grades por onde as trepadeiras possam crescer e florir. Temos um pequeno gramado, apenas o suficiente para servir como um tapete relvado nas laterais da calçada. Ao longo de uma das cercas há arbustos de rododendros. E, do outro lado, temos agapantos, rosas perfumadas, lírios e, é claro, violetas. Eu mesma plantei, e não apenas as do tipo comum, mas também as violetas doces, que têm uma fragrância deliciosa, o cheiro de um perfume vindo da França que certa vez usei. Eu tinha muitas roupas dessa cor e costumava comer doces feitos de violeta doce, polvilhados com açúcar. É minha cor e minha flor favorita: violeta doce, *sweet violet*. Mas minha mãe a chama de *johnny-jump-up*.

- É a favorita dela também?

– Não, ela desprezava violetas e reclamava que cresciam como ervas daninhas – Mamãe riu e prosseguiu falando, sem notar meu desalento. – Assim que pisa dentro de casa, você está no vestíbulo. De um lado está uma escada, como a que temos aqui, mas um pouco menor. E, do outro lado, fica uma cortina de cor caramelo, grossa, dependurada em uma haste de bronze, mas não tão grande como a que temos aqui. Atravessando a cortina você chega à sala de estar. O mobiliário é antiquado, o mesmo que minha avó colocou lá. Depois de uma grande porta, você entra na sala de jantar...

- Onde eu vou dormir?

– Você vai ter um quarto grande e lindo no segundo andar, com paredes amarelas. Era o meu quarto.

O quarto dela. Tive vontade de gritar de felicidade. Mas externei muito pouco desse sentimento.

– Há uma cama alta ao lado de grandes janelas. Uma janela fica perto de um velho carvalho. Você abre a janela e pode imitar os gaios pousados nos galhos. Pelo que me lembro são pássaros bem barulhentos e vinham comer amendoim na minha mão. Há uma abundância de outras aves... garças, falcões, tordos. Você pode procurá-los nos livros de ornitologia que minha mãe coleciona. O pai de sua avó era botânico e ilustrador naturalista. Eu também tenho uma bela coleção de bonecas, mas não das do tipo que você empurra em um carrinho de bebê. Elas são lindamente pintadas. E por toda a casa há paredes inteiras de livros, de cima a baixo. Você vai ter o que ler para o resto de sua vida, mesmo que consiga terminar dois livros por dia. Dá para levar os livros até a torre redonda de leitura. Quando menina, eu decorei o lugar com xales, almofadas e tapetes persas, para ficar parecido com um harém. Batizei com o nome de Pasha Palace. Também dá para olhar pelas janelas através de um telescópio e ver claramente o mar, a baía e as ilhas – existem várias delas –, e você pode brincar de contar as escunas e barcos de pesca...

Conforme ela falava, suas lembranças floresciam. Eu podia ver a casa na lanterna mágica da minha imaginação, um lugar que aos poucos assumia as cores e o movimento da vida. Fiquei deslumbrada com a ideia de ter paredes de livros em todas as salas, e de um quarto com janela ao lado de um carvalho.

Minha mãe agora se ocupava de retirar seus estojos de joias de dentro de um armário trancado. Ela tinha dúzias de colares, pulseiras, broches e alfinetes – presentes que ganhara ao longo dos anos. Ali estavam apenas suas peças favoritas ou mais valiosas, pois ela costumava vender a maior parte das joias presenteadas. Sem hesitar, ela pôs todos os estojos em sua valise. Nós não iríamos voltar mais?

– Depois de encontrarmos Teddy, ele vai voltar para Xangai com a gente?

Mais uma vez houve uma pausa estranha.

– Não sei. Não posso prever o que vai acontecer. Xangai mudou muito.

Um pensamento terrível veio à mente.

– Mãe, a Carlota viaja com a gente?

Ela imediatamente se ocupou com as caixas de chapéus, de modo que logo adivinhei a resposta.

– Eu não vou partir sem ela.

– Você ficaria para trás por uma gata?

– Eu me recuso a ir se não puder levá-la.

– O que é isso, Violet? Quer jogar fora o seu futuro por uma gata?

– Eu faria isso. Estou crescida o bastante para decidir por mim mesma – falei precipitadamente.

Todo o afeto abandonou seu rosto.

– Tudo bem. Fique, se quiser.

Fiquei frustrada.

– Como você pode me pedir para escolher? – falei com a voz abatida. – Carlota é o meu bebê. Ela é para mim o que Teddy é para você. Não posso deixá-la para trás. Não posso traí-la. Ela confia em mim.

– Não estou pedindo para você escolher, Violet. Não há escolha. Temos de partir, e

Carlota não pode vir. Nós não podemos mudar as regras do navio. O que você deve pensar, ao contrário, é que nós realmente podemos voltar. Quando chegarmos em São Francisco, vou ter uma ideia melhor sobre o que fazer. Mas até lá...

Ela continuou sua explicação, mas a dor já havia se estabelecido como um nó em minha garganta. Eu não poderia explicar a Carlota os motivos de estar partindo.

– Enquanto estivermos fora – ouvi minha mãe dizer através da névoa de minha tristeza –, Pomba Dourada pode cuidar dela.

– Pomba Dourada tem medo dela. Ninguém ama Carlota.

– A filha da empregada de Nuvem de Neve, Pequeno Oceano, a ama muito. E vai ficar contente por cuidar dela, especialmente se nós lhe dermos um pouco de dinheiro para fazer isso enquanto estivermos fora.

Isso era verdade. Mas minhas preocupações permaneceram. E se Carlota amasse a menina mais do que a mim? Ela poderia me esquecer e não se importaria se eu jamais retornasse. Caí em um estado de espírito trágico.

Embora minha mãe tivesse me limitado a quatro vestidos, ela rapidamente se tornou mais generosa quanto a sua própria bagagem. Logo constatou que os dois baús que possuía não eram grandes o bastante e que seus topos arredondados impediam que fossem empilhados, impondo limitações inaceitáveis à lista do que queria levar. Além disso, eram baús velhos, que ela trouxera de São Francisco para Xangai. Ela mandou Pomba Dourada providenciar a compra de quatro baús, os maiores que estivessem à venda.

– O senhor Malakar me disse no mês passado que havia contrabandeado um grande carregamento de baús Louis Vuitton desde a França até Bombaim. São os únicos de topo achatado, do tipo que quero. Também preciso de duas bolsas de mão, das pequenas. E diga a ele que é melhor nem pensar em me empurrar imitações, pois sei como identificar produtos falsificados...

Ela jogou sua seleção de vestidos sobre a cama. Eram tantos que presumi que ela fosse frequentar bailes assim que desembarcasse do navio. Então, ela chamou Pomba Dourada outra vez e lhe pediu para ser honesta ao dizer quais vestidos tinham melhor caimento, quais combinavam com a cor dos olhos, da pele e do cabelo castanho, quais causariam inveja às mulheres americanas e quais levariam os outros a pôr em dúvida sua conduta moral.

Pomba Dourada desaprovou todas as escolhas.

– Você desenhou todos esses vestidos para deslumbrar e atrair os homens para o seu lado. Quando as mulheres norte-americanas virem você passeando no parque, por exemplo, dava para perceber que dificilmente elas bateriam palmas de admiração.

Para se poupar da dificuldade da decisão, Mamã separou a maioria de seus vestidos de noite, assim como os mais novos, além de casacos e chapéus. Meus quatro vestidos se reduziram aos dois que eu usaria durante nossa jornada. Ela prometeu que muitos outros vestidos bonitos me aguardavam, melhores do que os que tinha. Meus livros favoritos também foram banidos da bagagem, bem como meus livros escolares, uma vez que poderiam ser facilmente substituídos em São Francisco, onde também haveria melhores professores do que os de Xangai. Eu deveria encarar a viagem como umas pequenas férias da escola.

Ela colocou em minha valise uma caixa marrom contendo minhas joias, duas outras

caixas que resgatou de uma gaveta, dois rolos de seda e alguns outros objetos de valor. Além disso, pôs entre minhas coisas uma estola de pele de raposa, talvez acreditando que poderia precisar de um pouco de glamour quando estivéssemos no convés assistindo Xangai perder-se em nosso campo de visão.

Enfim, terminamos. Mamãe agora precisava acionar sua rede de contatos estrangeiros em busca de alguém que pudesse nos arranjar as passagens para a América. Ovo Rachado foi incumbido de entregar uma dúzia de cartas.

Um dia se passou, depois uma semana. Os olhos enfeitiçados se foram, dando lugar à Mamãe de sempre, aquela que era agitada e irritadiça. Ela passou a Ovo Rachado outro maço de cartas. Duas cabines de navio eram tudo de que precisávamos.

O que havia de tão difícil nisso? Cada carta enviada obtinha a mesma resposta: seus compatriotas americanos, também ansiosos por deixar Xangai, haviam descoberto que muitos outros antes deles já tinham agarrado cada cabine disponível em todos os navios até o mês seguinte.

Durante nossa espera, mostrei a Pequeno Oceano como transformar minhas colchas de seda em um ninho para Carlota. A menina tinha oito anos, e enquanto acariciava Carlota, sussurrou:

– Eu serei sua ama obediente. – Carlota ronronou e rolou de costas. Meu peito doeu ao constatar como Carlota já estava feliz.

Depois de onze dias de espera, Fairweather, como sempre sem aviso, passeou pela porta do quarto de minha mãe. Ele tinha uma boa notícia.

ENTENDI, ENTÃO, POR QUE minha mãe já havia amado Fairweather. Quando ela se afundava no mau humor, ele era mestre em salvá-la. Era um homem divertido, uma cura certa para as preocupações, que a fazia rir e se sentir bonita. Dizia que a adorava pelas características e modos incomuns. Lançava-lhe olhares exagerados de amor confuso. Falava sobre suas emoções sinceras, as quais, ele assegurava, nunca tinha conhecido ao lado de qualquer outra mulher. E emprestava sua solidariedade em todos os momentos de infortúnio. Oferecia seu ombro e a aconselhava a chorar até esvaziar o coração do veneno da dor. Compartilhava da indignação que ela demonstrava diante de clientes que se valiam de informações privilegiadas que lhes haviam sido transmitidas sob promessa de sigilo.

Eles haviam se tornado amigos cerca de nove anos antes. Qualquer coisa de que ela precisasse, ele se prontificava a ajudá-la a conseguir. Costumavam mencionar tempos passados, quando ela, traída e sem confiança, tinha sérias preocupações com dinheiro. Ele sabia sobre a trajetória de sucesso dela, sobre a morte de um homem que a tinha levado pela primeira vez a Xangai. Lembre, lembre, lembre, recomendava ele a título de consolo, quando queria que ela purgasse emoções dolorosas do passado.

Eu odiava vê-lo tratando minha mãe com tanta familiaridade. Ele a chamava de “Lu”, “Linda Lulu”, “Lullaby “ e “Luxúria”. Quando ela estava brava, ele assumia o papel de um colegial açoitado ou de um cavaleiro andante e conseguia restaurar seu humor. Contava piadas bobas e ela voltava a rir. Gostava de deliberadamente embaraçá-la na frente dos outros – de formas lisonjeiras ou nojentas. Certa vez, num jantar, eu o vi mover a língua obscenamente ao redor dos lábios, alegando que havia algo preso no céu de sua boca. “Tire esse sorriso de chimpanzé da cara”, teria dito minha mãe, mais de uma vez. Ele dava uma

longa e sonora gargalhada, antes de se levantar e dar-lhe adeus com uma piscadela exagerada de personagem de história em quadrinhos. Ele, então, ia esperá-la no quarto. Com ele, ela era fraca, perdia o controle sobre si mesma. Agia como boba, bebia demais, ria além da conta. Como podia ser tão estúpida?

Todos os criados do Caminho Oculto de Jade gostavam de Fairweather porque ele os cumprimentava em xangainês e agradecia educadamente a cada pequena tarefa cumprida. Os outros clientes tratavam os empregados como apêndices das bandejas de chá. Toda a criadagem especulava a respeito de onde Fairweather teria aprendido a falar sua língua nativa. Com uma ama? Uma cortesã? Uma amante? Com certeza, alguma mulher havia sido responsável por lhe dar aquele bom coração chinês. Entre os homens chineses, Fairweather tinha ganhado o carinhoso título de “dignitário estrangeiro ao estilo chinês”. Embora seu charme fosse conhecido de todos, pouco se sabia a respeito dele. De que lugar dos Estados Unidos ele vinha? Era mesmo americano? Teria vindo fugido da América? Não se sabia o seu verdadeiro nome. Ele brincava, dizendo que deixara de usar o nome de batismo por tanto tempo que já o tinha esquecido. Ele simplesmente assumira em definitivo o apelido Fairweather, que seus colegas de fraternidade lhe haviam dado anos atrás, quando ele teria estudado em uma universidade cujo nome nunca era dito e que ele descrevia como “um daqueles venerandos salões”.

“O tempo bom, *fair weather*, sempre me acompanhou, aonde quer que fosse”, contava ele,” “assim como meus queridos amigos sempre me acolheram em todos os lugares”. Convidado a festas por toda a cidade de Xangai, ele costumava ser o último a sair, quando não passava a noite na casa anfitriã. No entanto, curiosamente, ninguém nunca notou que ele jamais promoveu suas próprias festas, em retribuição.

Sua popularidade, segundo uma das cortesãs, tinha a ver com um homem hábil em falsificar certificados de todos os tipos. Este homem inteligente fornecia vistos de viagem, certidões de nascimento, certidões de casamento e um valioso suprimento de documentos carimbados com o selo oficial consular, no qual ele havia inscrito em chinês e inglês os dizeres que atestavam que o portador daqueles papéis era uma “pessoa de bem” na avaliação do cônsul norte-americano. Fairweather vendia essas falsificações a seus “amigos chineses especiais”, como ele chamava – tão especiais que lhe pagavam um valor cinco vezes maior do que ele passava ao falsificador. E todos ficavam felizes ao lhe entregar o dinheiro. Qualquer chinês, fosse empresário, cortesã ou senhora da sociedade, poderia acenar seu certificado mágico de boa conduta em qualquer tribunal do Assentamento Internacional para mostrar que o governo ianque estava a seu lado. Nenhum burocrata chinês desperdiçava seu tempo contestando um parecer norte-americano, uma vez que nesses tribunais os chineses sempre eram derrotados. Como os documentos tinham validade de apenas um ano, Fairweather conseguia avaliar com regular rentabilidade o quanto seus amigos eram mesmo especiais.

Eu era a única pessoa que não me deixava seduzir por esse charme untuoso. Tinha experimentado uma grande dor ao constatar que Mamã preferia a companhia dele à minha. E a dor me permitiu ver como ele era falso. Fairweather usava sempre o mesmo repertório ensaiado de palavras de preocupação, gestos de empatia e ofertas cavalheirescas de ajuda. Para ele, as pessoas eram presas fáceis de abater. Eu sabia disso porque ele também tentou usar seus truques comigo, mesmo desconfiado de que eu tinha consciência de

seus joguinhos de sedução. Ele me polvilhava com gracejos e bajulações, exaltando meu cabelo bagunçado, minha elocução deficiente, o livro infantil que eu escolhera para ler. Eu não sorria para ele e era breve se fosse preciso lhe dizer alguma coisa. Minha mãe me repreendeu muitas vezes por ser rude com ele. Fairweather apenas ria. Com a expressão do rosto e a rigidez do corpo, deixava claro que o achava chato. Eu suspirava e revirava os olhos. Nunca demonstrei minha raiva, porque isso significaria uma vitória dele. Os presentes que ele me trazia eram largados sobre a mesa no escritório de minha mãe. Mais tarde, quando voltasse para a mesa, os presentes certamente teriam sumido.

Pouco tempo depois do Ano-Novo, Fairweather e minha mãe se desentenderam. Ela soube por Pomba Dourada que antes e depois de ter dormido em sua companhia, ele também frequentava a cama de Nuvem Fofa. Minha mãe nunca reivindicara exclusividade a ninguém. Afinal, ela mesma arranjava outros amantes de tempos em tempos. Mas Fairweather era o seu favorito, e ela tinha estabelecido que seus amantes não deviam se meter com subordinadas de sua própria casa. Escutei quando Pomba Dourada disse à minha mãe a verdade, repreendendo-a:

– Eu disse há nove anos que esse homem ia usar você como uma boba. O desejo nos deixa cegas depois que perdemos a cabeça na cama.

Pomba Dourada tinha extraído de sua ama todos os fatos e disse que não pouparia Mamãe dos detalhes até que ela finalmente resolvesse banir Fairweather de sua cama.

– Durante o ano passado, ele deu tanto prazer para Nuvem Fofa que toda a criadagem achava que seus gritos eram causados por algum cliente sádico. Todo mundo ouvia. Todos sabiam de tudo, as outras cortesãs, as amas, os criados. Ele era visto se esgueirando pelos corredores. E você desconfia como Nuvem Fofa ainda por cima faturava algum dinheiro com ele? Era o dinheiro que você emprestava para cobrir o que ele chamava de despesas insignificantes.

Mamãe ouviu cada pedacinho da revoltante verdade. Acho que ela sentiu aquilo que havia me ferido tantas vezes: alguém amado preferia outra pessoa. Fiquei feliz ao vê-la sentindo essa dor. Queria que ela conhecesse a infelicidade que tinha me causado. Queria que ela me desse o amor que havia dedicado àquele traidor.

Eu já tinha me posicionado no esconderijo do boulevard quando Fairweather chegou sem saber de sua condenação. Eu sentia cócegas de excitação. Mamãe vestira-se toda de preto, como se estivesse de luto. Era meio-dia e ele, sem dúvida vindo direto da cama de Nuvem Fofa, se surpreendeu ao constatar que minha mãe não estava dormindo, mas sentada à mesa do escritório e usando o que classificou como “um vestido inadequado”. Ofereceu ajuda para que ela o tirasse.

– Mantenha a calça abotoada e seu amiguinho dentro dela, – ela disse.

Eu exultei. Ela finalmente expressava a mesma repulsa que eu sempre sentira por ele. Minha mãe atacou seus negócios suspeitos. Fez pouco dele, chamando-o de bajulador mercenário. Afirmou que não passava de um parasita, vivendo de empréstimos que nunca eram pagos. Ela finalmente o via como ele sempre foi – segundo ela, um homem cujos “encantos baratos jorravam de sua mangueirinha de incêndio na boca ávida de Nuvem Fofa”.

Fairweather, por sua vez, colocou suas travessuras com Nuvem Fofa na conta de sua dependência do ópio. Ela o tinha seduzido com o cachimbo, nada mais do que isso. Suas

noites com ela haviam sido tão memoráveis quanto uma xícara de chá morno – desejei que Nuvem Fofa estivesse ouvindo o que ele dizia. Ele afirmou que, agora que via como minha mãe ficara magoada, sentia-se motivado a buscar a cura para seu vício do ópio e de Nuvem Fofa. Minha mãe permaneceu em silêncio. Eu me regozijava. Ele se embaralhou com as palavras, lembrou de sua paixão e disse que ela sabia que ele nunca amara tanto qualquer outra mulher.

– Somos feitos de um só coração, nunca poderemos ser separados.

Ele suplicou para que ela procurasse dentro do próprio coração até encontrá-lo. Ela rosnou uma forte dúvida, mas pude sentir que fraquejava.

Ele continuou murmurando:

– Querida, querida, minha querida Lu.

Ele a estava tocando? Tive vontade de gritar que ele a estava enganando outra vez. Tinha-lhe injetado, de novo, o veneno de seus encantos. Seu tom encheu-se de dor quando ela confessou o quanto se sentia magoada. Ela nunca admitira ter sido magoada por ninguém. Ele sussurrou mais agrados. Subitamente, a voz dela se levantou.

– Tire as mãos dos meus seios. Você enganou meu coração, seu bastardo, e deu meu dinheiro a uma cortesã de minha própria casa. Você me fez de boba, e eu não vou deixar isso acontecer de novo.

Fairweather voltou a falar de seu amor, reconhecendo que ela era mais sábia do que ele. Mas alegou que seus pecados não eram tão graves como ela fazia parecer. Havia sido uma estupidez, sem dúvida, mas não um roubo. Ele jamais comprometeria seu amor por causa de favores financeiros. Mas minha mãe lhe oferecia tanto, e ele estava tão carregado de gratidão e também de orgulho ferido, que se encontrava numa situação em que não podia nem recusar aqueles presentes de amor nem retribuí-los. Por esse motivo, ele estava anunciando naquele momento que não queria mais o empréstimo que ela lhe havia prometido alguns dias antes.

Minha mãe cuspiu xingamentos. Ela nunca concordara em lhe emprestar nem dez centavos. Fairweather insistiu que não era bem assim, e recordou uma conversa na qual dissera que a fábrica de cola na qual tinha investido seu capital estava precisando de dinheiro para a compra de novas máquinas.

– Você não se lembra? – questionou. – Você me perguntou quanto, e eu disse que eram dois mil dólares. Você até comentou: “Será que é mesmo tudo isso?”

– De onde você tirou que essa conversa foi uma promessa? – perguntou minha mãe. – Eu nunca teria concordado em emprestar dinheiro a um desses seus esquemas vigaristas. Antes era uma plantação de seringueiras, agora essa fábrica de cola.

– A plantação era rentável – defendeu-se ele –, até o tufão destruir nossas árvores. Já a fábrica de cola não corre tais riscos. Se soubesse que você nunca acreditou no negócio, eu não teria captado dinheiro entre tantos investidores, alguns dos quais, temo dizer, são seus clientes. Nós todos temos muito a perder, e eu espero que eles não confundam as coisas, achando que você também participa do negócio.

Juro que teria estourado aquelas portas de vidro se ela cedesse àquele arremedo de chantagem e lhe desse o dinheiro. Em vez disso, eu a ouvi dizer em voz alta e clara:

– Bem, não verei mais meus clientes depois de partir de Xangai. E também não verei mais você, a não ser guardado na minha memória como um charlatão.

Ele proferiu uma série de ofensas, numa enxurrada das piores combinações de palavras que já ouvi. Eu me sentia extasiada.

– Você nem era mesmo uma boa foda – decretou, ao final. Bateu a porta e continuou xingando enquanto se retirava pelo corredor.

Pomba Dourada apareceu imediatamente. A voz de minha mãe se alterava conforme ela fazia um relato sucinto do que havia acontecido.

– Você ainda ama esse homem?

– Se amar é ser burra, então sim. Quantas vezes você me avisou? Por que não enxerguei quem ele realmente era? Ele deve ter me hipnotizado, me lançado um feitiço. Toda a casa está rindo de mim pelas costas, mas ainda assim, se ele entrar por aquela porta de novo... Eu não sei. Na frente dele, eu amoleço.

Sussurros de fofocas flutuavam pelos corredores. Escutei da minha janela à noite. Os criados se entristeceram ao ver Fairweather ir. Ninguém culpou Nuvem Fofa. Por que Lulu Mimi seria mais merecedora de um homem? Além disso, Fairweather amava Nuvem Fofa havia se comprometido com ela. A cortesã mostrou a todos o anel que levava o selo da família dele, de alguma forma relacionada com o rei da Escócia. Os criados deram sua sentença: nenhuma mulher consegue controlar a fidelidade de um homem ou os impulsos naturais de sua masculinidade. Nuvem Fofa abandonou a casa antes que minha mãe pudesse expulsá-la. Levou com ela alguns poucos brindes de despedida – móveis e lâmpadas de seu quarto que não pertenciam a ela.

Achei que o vigarista sedutor fosse página virada. Mas, pouco tempo depois de Mamãe tomar a decisão de deixar Xangai, Fairweather estava novamente postado diante dela, no escritório. Como de costume, ela me mandou estudar em meu quarto, e eu fui para o boulevard grudar meu ouvido contra o vidro. Com voz desalentada, ele expressou tristeza por ela estar prestes a sair de Xangai. Disse que lamentava a perda, que uma mulher rara como ela jamais poderia ser substituída, que ela era a mulher que ele adoraria acompanhar na pobreza e na velhice. Naquele momento, ele não queria nada, a não ser lhe oferecer palavras verdadeiras para ela levar para sempre no peito, a fim de lembrá-las nos dias difíceis do futuro. Ele chorou para carregar a dramaticidade da cena e depois partiu, sem dúvida subjugado pela própria má atuação.

Minha mãe contou tudo a Pomba Dourada. Tinha a voz trêmula.

– Não foi outra tentativa de seduzir você? – Pomba Dourada perguntou.

– Ele nem me tocou, se é isso o que você quer dizer.

– Mas você ficou tentada a ceder?

O silêncio se seguiu.

– Da próxima vez que ele vier, vou ficar aqui na sala – advertiu Pomba Dourada.

Não tiveram de esperar muito tempo. Fairweather apareceu logo, com círculos escuros sob os olhos, cabelo desgrenhado e roupas em desalinho.

– Não consigo dormir desde que a vi pela última vez. Estou agoniado, Lu. Suas palavras me machucaram, e merecidamente, porque o que sinto é dor de verdade. Você nunca foi cruel, não por querer, pelo menos. Mas seu ódio por mim é insuportável. Sinto isso aqui, e aqui, e aqui. Sinto dia e noite, queimando como carvão e espetando como facas. Eu, entre todas as pessoas, sabia que você havia sido traída por Lu Shing e merecia o melhor. Você merecia a melhor parte de mim, e foi o que lhe dei. Eu era infiel com meu corpo, sim, mas o

coração e o espírito continuaram seus, completamente, constantemente. Lu, querida, eu não peço nada, exceto que você entenda e reconheça meu verdadeiro amor. Por favor, diga que acredita em mim. Acho que não vale a pena viver, se você não disser.

Mamãe riu para valer diante desse discurso. Ele saiu correndo dali. Mais tarde, ela contou a Pomba Dourada como havia sido a conversa e se mostrou satisfeita ao dizer que o havia rejeitado sem ajuda externa.

Ele apareceu no dia seguinte, com ar de quem acabara de se arrumar e envergando roupas elegantes.

– Estou de partida de Xangai rumo à América do Sul. Não há mais nada aqui para mim, agora que você está indo embora. – Sua voz era triste, mas calma. – Eu apenas vim dizer que não vou mais incomodá-la. Posso dar um beijo de adeus em sua mão?

Ele se pôs de joelhos. Ela suspirou e estendeu a mão. Depois de um rápido beijo, ele tomou a mão dela, pressionando-a contra seu rosto.

– Isso vai ter de me durar por toda a vida. Você sabe que eu não quis dizer o que disse sobre sua habilidade como amante. Só você foi capaz de me levar a espasmos de prazer que eu nem sabia que existiam. Tivemos bons tempos, não é? Espero que um dia você possa esquecer todos esses episódios feios e recorde apenas aqueles momentos em que não conseguíamos falar uma única palavra, de tão exaustos de prazer. Você lembra? Oh, meu Deus, Lu, como você pode tirar tanta doçura de mim? Você não pode me deixar com apenas mais uma lembrança? Não vai doer nada, não é mesmo? Eu não almejo nada mais do que lhe dar um último momento de prazer.

Ele continuou ajoelhado e ela não disse nada. Ele acariciou o joelho dela, e ela continuou em silêncio. Ele levantou a saia dela e beijou-a no joelho. Eu sabia exatamente o que aconteceria na sequência. Dava para ver nos olhos dela. Seu lado estúpido havia triunfado. Saí correndo de lá.

Na manhã seguinte, Pomba Dourada manifestou sua contrariedade.

– Dá para ver que ele está parasitado em seu corpo e em seu coração outra vez. Está nesses olhos brilhantes e nos sinais minúsculos nos cantos de sua boca. Você ainda está lembrando o que ele fez na noite passada, não é? Ele deve possuir a magia de mil homens para acender entre suas pernas o desejo suficiente para desligar seu cérebro.

– A noite passada não significou nada para mim – retrucou minha mãe. – Foi como coçar uma velha coceira. Tivemos nossa diversão entre os lençóis e agora está tudo terminado com ele.

Três semanas depois, Fairweather passou pela sala comum com seu sorriso de chimpanzé e dirigiu-se de braços abertos até minha mãe.

– É melhor você me dar um beijo, senhora Minturn, porque acabei de reservar duas cabines em um navio que parte daqui a dois dias. Isso não é uma prova de amor?

Os olhos dela se arregalaram, mas ela não se moveu. Ele disparou a contar que, por meio de amigos de amigos, tinha ouvido o pedido de ajuda dela. Embora ela ainda estivesse zangada com ele, e vice-versa, Fairweather disse que acreditava que aquela era uma oportunidade de resgatar a confiança perdida. E até de reconquistar o coração de minha mãe, ao proporcionar o que ela tanto queria.

Os dois saíram da sala comum e foram para o escritório. Terminei meu café da manhã rapidamente e, em seguida, segui para o boulevard, onde fingi estudar e organizar meus

livros e folhas de escrita sobre a mesa para, logo depois, colar meu ouvido no vidro frio. Ouvi a enjoativa falação sobre as mágoas de amor e de uma vida sem propósito, e de como o propósito se renovou quando ele encontrou uma maneira de ajudá-la. Ele ofereceu uma abundância de carinhos, acrescidos das juras habituais de dor eterna. E então mudou o rumo da conversa.

– Lu, querida, que divertida foi aquela noite, não? Meu Deus! Nunca tinha visto você tão fogosa. Sinto calor em meus quadris só de pensar nisso, você não? – Houve um longo silêncio, que eu esperava que não correspondesse a um beijo ou algo mais.

– Pare com isso – disse ela asperamente. – Quero ouvir mais sobre essa proposta de paz, em primeiro lugar.

Ele riu.

– Tudo bem. Mas não se esqueça de minha recompensa. E quando você souber o que encontrei para você, talvez considere até me premiar em dobro. Está pronta para ouvir? Tenho reservas para duas cabines no navio, uma viagem com apenas três escalas, em Hong Kong, Haiphong e Honolulu. Vinte e quatro dias até São Francisco. As cabines não são de primeira classe. Não sou Deus para conseguir esse milagre. Mas são acomodações decentes, a bombordo. Tudo de que preciso são seus passaportes. Não se preocupe. Tenho as reservas, mas sou obrigado a mostrar os passaportes até amanhã.

– Vou lhe dar o meu. Mas uma criança que viaja com a mãe não precisa de papéis.

– O agente de reservas do navio avisou que todos os passageiros – homens, mulheres e crianças – precisam apresentar o passaporte. Se Violet não tem é fácil emitir um, basta apresentar a certidão de nascimento dela no consulado americano. Ela tem certidão de nascimento, não tem?

– Claro. Eu guardo bem aqui.

Ouvi o arrastar dos pés da cadeira, o clique de uma chave na fechadura e o ruído de uma gaveta se abrindo.

– Mas onde será que foi parar? – exclamou ela.

– Quando foi a última vez que você viu a certidão?

– Nunca houve motivo para isso. Todos os meus documentos importantes estão aqui, a sete chaves. – Ela praguejou enquanto abria e fechava mais gavetas.

– Calma – pediu ele. – O consulado emite outra certidão.

Era difícil ouvir o que minha mãe dizia. Ela balbuciava para si mesma, falava algo sobre ter um escritório em ordem e nunca ter perdido nada.

– Você está perdendo a cabeça, Lulu – disse Fairweather. – Venha cá. Podemos ajeitar isso sem dificuldade.

Ela resmungou novamente e tudo o que consegui ouvir foi a palavra *roubada*.

– Vamos lá, Lu querida, seja racional. Por que alguém roubaria a certidão de nascimento da Violet? Não faz sentido. Pare de pensar nisso. Consigo providenciar a certidão de nascimento e o passaporte no consulado amanhã mesmo. Que nome você vai colocar na certidão de nascimento? Isso é tudo o que preciso saber.

Ouvi-a dizer um nome, “Tanner”, além das palavras “marido” e “americano”.

– Casada? – disse Fairweather. – Eu sabia que você o amava e que até viveram juntos. Mas você certamente chegou ao extremo por amor a Violet. Bem, melhor assim. Significa que ela é mesmo uma cidadã americana. Imagine só a dificuldade se você tivesse registrado

a menina com o nome do pai verdadeiro.

Senti-me golpeada por aquelas palavras. Como esse homem desprezível sabe tanto sobre mim?

À noite, Fairweather voltou com o rosto abatido. Ele e minha mãe foram para o escritório. Assumi minha posição habitual no boulevard. Eu já tivera o cuidado prévio de, no início do dia, deixar as portas entreabertas sob as cortinas.

– Eles não têm o registro de nascimento de Violet – informou ele.

– Isso é impossível. Tem certeza que apresentou o nome certo? – ela escreveu com fúria em uma folha de papel e mostrou a ele.

– Usei esse nome mesmo e soletei corretamente, do jeito que você escreveu. Não há registro de Violet e nenhuma criança como filha de Lulu Minturn. Eu conferi tudo pessoalmente.

– Como sou burra, – exclamou Mamãe. – Nós usamos o meu nome verdadeiro, Lucretia, tanto na certidão de casamento quanto na certidão de nascimento. Vou anotar direitinho para você.

– Lucretia! Devo confessar, o nome não combina com você. O que mais você tem escondido de mim? Outro marido? Há outros nomes que eu deva investigar?

– Isso é absurdo. Vou lá agora mesmo providenciar pessoalmente a maldita certidão.

– Lulu, minha querida, não há o que fazer quanto a isso. Eles provavelmente perderam uma caixa de registros, e nem com uma arma você vai fazer com que resolvam isso a tempo de sua partida de Xangai.

– Se não podemos conseguir um passaporte para ela – minha mãe disse –, nós não vamos partir. Simplesmente vamos ter de esperar.

Ela iria esperar por mim. Ela me amava. Era a prova que eu nunca tinha tido.

– Achei que você ia dizer isso, então vim com uma solução engatilhada. Tenho um conhecido que ocupa uma alta posição, um verdadeiro mandachuva, que concordou em nos ajudar. Não posso revelar sua identidade, de tão importante que ele é. Mas certa vez fiz um favor a ele e tenho mantido algo em segredo por muitos anos – uma indiscrição envolvendo o filho de um homem cujo nome você reconheceria, uma divindade celestial para muitos chineses. Enfim, esse mandachuva e eu somos excelentes amigos. Ele garante que podemos obter a documentação necessária para permitir o ingresso de Violet nos Estados Unidos. Eu apenas tenho de declarar que sou seu pai.

Quase gritei de nojo. Minha mãe riu.

– Que sorte que não é a verdade.

– Por que você insulta o salvador de sua filha? Tenho me metido em uma grande quantidade de problemas para ajudar.

– E eu estou esperando você me dizer como vai providenciar tudo isso e o que vai pedir em troca de sua paternidade inventada. Não vou enganar a mim mesma pensando que nossa tórrida paixão da outra noite é uma compensação suficiente para você.

– Outra noitada como aquela será. Não vou ficar com lucro algum. Preciso apenas do dinheiro para pagar as despesas.

– A propósito, uma vez que a honestidade está em questão aqui, qual é o seu nome verdadeiro, aquele que você se propõe a dar para Violet?

– Acredite ou não, é Fairweather mesmo. Arthur Fairweather. Eu transformei em piada

antes que outros o fizessem por mim.

O pai falso resumiu seu plano. Mamãe teria de lhe dar dinheiro para pagar as duas cabines no navio e para remunerar a boa vontade do mandachuva. Ele entregaria as passagens pela manhã e me levaria ao consulado. Ao meio-dia, minha mãe despacharia os baús para o navio e embarcaria mais cedo, a fim de garantir as cabines contra eventuais penetras. Fairweather soava sereno demais, seguro demais para estar dizendo a verdade. Ele queria o dinheiro dela.

– Você duvida que eu possa fazer isso?

– Eu não deveria ir ao consulado, como mãe?

– Perdoe-me por ser franco, Lulu querida, mas o governo americano não está inclinado a mostrar ao novo governo chinês que presta favores especiais a donas de estabelecimentos voltados para a felicidade carnal. Todo mundo, de repente, tornou-se defensor da moral por aqui. Você é famosa, muito famosa. Não acho que meu amigo mandachuva estaria disposto a se expor dessa maneira. Violet será registrada com meu nome, e eu posso dizer que a mãe é minha falecida esposa, Camille – sim, eu tinha uma esposa, mas não vou falar sobre ela agora. Uma vez com a certidão de nascimento e o passaporte em mãos, Violet e eu embarcamos no navio como pai e doce filha e, em seguida, nos reunimos. Por que está franzindo a testa? É claro que vou viajar com você, querida. Por que é que eu teria todo esse trabalho? Ainda não acredita que eu realmente amo você e quero ficar ao seu lado para sempre?

Houve um longo silêncio e eu imaginei que estavam se beijando. Por que ela acreditava nele sem duvidar de nada? Será que alguns beijos bastavam para esvaziar seu cérebro tão rapidamente? Ela estaria disposta a apresentar esse trapaceiro a seu filho como “o querido e dedicado pai de sua irmã”?

– Violet e eu vamos compartilhar uma cabine – minha mãe disse finalmente –, e você fica sozinho na outra, em consideração à falecida senhora Fairweather e a minha notoriedade, como você diz.

– Você quer ser cortejada por todo o caminho até São Francisco, é isso?

Outro silêncio se seguiu. Estavam se beijando de novo, eu tinha certeza.

– Vamos acabar logo com isso – falou ela. – O que eu devo por essa demonstração de carinho?

– É bastante simples: o custo dos camarotes, a gratidão monetária para o mandachuva mais o preço inflacionado de qualquer suborno que ele tiver de pagar internamente. Influências desse calibre não custam pouco. Quando você vê o total, pensa que as cabines devem ser folheadas a ouro. É uma conta dolorosa, e tem de ser paga no velho estilo dos dólares de prata. Ninguém sabe quanto tempo a nova moeda vai durar.

Mais silêncio. Minha mãe praguejava. Fairweather repassou todos os detalhes mais uma vez. Ela sutilmente perguntou quanto desse montante ia para o bolso dele, tendo como resposta um rugido de raiva pela ingratidão dela. Ele não só não estava cobrando por seus favores, declarou, como partia de Xangai quase na condição de um mendigo. Ele tinha uma grande soma a receber no prazo de duas semanas. Mas por ela, ele era capaz de deixar tudo para trás, inclusive algumas contas a pagar, o que significava que haveria poucas chances de voltar a dar as caras em Xangai novamente. Essa era a prova do quanto a amava.

Mais silêncio. Eu estava nervosa ao vê-la ceder às mentiras dele.

– Assim que estivermos no barco – ela disse, finalmente –, vou mostrar minha gratidão. E, se estiver me enganando, saberá que minha vingança não tem limites.

Na manhã seguinte, discuti com ela sobre o maldito plano. Mamãe já estava vestida com o traje escolhido para a viagem: saia azul e um casaco longo. O chapéu, os sapatos e as luvas eram beges. Parecia pronta para ir assistir às corridas de cavalos. Eu teria de usar uma saia e uma blusa de marinheiro ridículas, enviadas por Fairweather. Ele alegou que aquilo iria me fazer parecer uma típica garota americana, o que ajudaria a apagar quaisquer dúvidas quanto ao fato de eu ser branca como a neve. Mas eu estava certa de que ele queria que eu usasse aquela roupa barata só para me humilhar.

– Não confio nele – falei, enquanto Pomba Dourada me ajudava a entrar naquelas roupas. Desfiei meus argumentos. Alguém tinha ido ao consulado para verificar se o que ele disse era verdade? Talvez houvesse uma certidão de nascimento. E quem era o tal homem influente que ele afirmava conhecer? A única razão pela qual ele estava fazendo tudo aquilo era pelo dinheiro. Como Mamãe poderia ter certeza de que ele não fugiria com os bolsos cheios?

– Você realmente acha que não me fiz todas essas perguntas, pelo menos umas cinco vezes ou mais? – ela reagiu, irritada, mas percebi seus olhos vasculharem o ambiente, em busca do perigo escondido nos cantos escuros. Ela estava assustada. Tinha dúvidas.

– Já repassei tudo – ela continuou, falando rápido –, à procura dos possíveis furos nessa história. Ela divagava sobre suas suspeitas. Ovo Rachado tinha consultado algumas pessoas para saber se as passagens eram genuínas. Sim, as cabines estavam de fato reservadas, pagas por alguém que esperava ser reembolsado pelo dobro do custo, e não pelo triplo, conforme Fairweather dissera. Essa era a ganância costumeira dele, que estava disposta a ignorar desde que recebesse as passagens. Ela confirmou que os passaportes eram, de fato, necessários. E Pomba Dourada já tinha ido ao consulado checar se minha certidão de nascimento realmente se perdera. Infelizmente, eles não davam essa informação a ninguém, com exceção dos pais americanos da criança.

– Por que Fairweather se daria o trabalho de fazer tudo isso? – disse minha mãe, e um momento depois respondeu a si mesma. – Mexer os pauzinhos é o seu jogo favorito, maquinando esquemas um atrás do outro. O que você acha, Pomba Dourada? Devo confiar nele?

– Nunca no amor – disse ela. – Mas se ele vier aqui com as passagens é sinal de que pode cumprir com o que prometeu. Se ele não trouxer, Ovo Rachado vai conseguir de volta o dinheiro, além de uma fatia do nariz dele.

– Por que temos de sair tão rápido? – choraminguei. – Se esperarmos, não vamos precisar da ajuda dele. Tudo isso é por causa de Teddy. Por Teddy, eu tenho de fingir que Fairweather é meu pai. Por Teddy, eu tenho de desistir de Carlota e partir meu coração.

– Violet, não fique histérica. Isto é por todos nós. – Ela remexia as luvas. Também estava nervosa. – Se não conseguirmos seus documentos, a resposta é simples: não saímos de Xangai. – Caiu um botão de uma das luvas. Ela tirou-as das mãos e jogou em cima da mesa.

– Mas por que temos de correr tanto? Teddy não vai fugir de São Francisco. Ela estava de costas para mim.

– Xangai está mudando. Talvez não haja mais lugar para nós aqui. Em São Francisco vamos começar de novo.

Rezei para Fairweather não aparecer. Para que fugisse com o dinheiro e fizesse bom proveito. Mas ele apareceu pontualmente às nove, quando Pomba Dourada e eu estávamos no escritório de minha mãe. Sentou-se e entregou um envelope.

Mamãe franziu o rosto.

– Esta passagem é só para uma cabine com um beliche.

– Lulu, querida, será possível que você ainda não confia em mim? Se você ficar com as duas passagens, como é que a minha filhinha Violet e eu vamos embarcar depois? – Ele tirou do bolso o outro bilhete e mostrou. – Você só precisa bater na porta da minha cabine para verificar se sua filha e este humilde servo estarão lá. Ele se levantou e pôs o chapéu. – É melhor Violet e eu nos apressarmos, ou todo esse esforço será em vão.

Tudo estava acontecendo rápido demais. Olhei nos olhos da minha mãe. Não, não deixe que ele me leve, eu quis pedir. Ela me deu um olhar de resignação. Meu coração batia tão rápido que fiquei tonta. Peguei Carlota, que dormia debaixo da escrivaninha, e comecei a chorar, limpando as lágrimas no casaco. Um criado levou minha mala.

– Nenhuma lágrima por mim? – perguntou Pomba Dourada.

Eu nunca tinha nem sequer considerado que ela não iria conosco. Era claro que não. Ela e minha mãe tinham uma relação de irmãs. Ela era como uma tia para mim. Fui até ela e a abracei, agradecendo por seus cuidados. Parecia incompreensível o fato de que não a veria mais depois de hoje, talvez nunca mais.

– Você vai para São Francisco em breve? – perguntei entre lágrimas.

– Não tenho vontade de ir para lá. Você vai ter de voltar para Xangai para me ver.

Pomba Dourada e minha mãe desceram as escadas comigo. Agarrei Carlota tão forte que ela se contorceu. Ao portão, as cortesãs e suas amas já tinham se reunido para minha despedida. Agradei a Ovo Rachado por zelar por minha segurança. Ele sorriu, mas seus olhos estavam tristes. Pequeno Oceano, que amava Carlota, aguardava ali. Pressionei o rosto no pelo da gata:

– Sinto muito! Sinto muito!

Prometi amá-la para sempre e que voltaria para ela. Mas eu sabia que provavelmente nunca mais a veria. Pequeno Oceano estendeu os braços e Carlota rolou para eles. Ela não mostrou nenhuma reação ante minha partida, o que me machucou o coração. Mas, conforme minha mãe e eu nos dirigimos o portão, ouvi Carlota chorar.

Eu me virei e ela estava se contorcendo, tentando vir atrás de mim. Minha mãe colocou o braço em volta da minha cintura e me conduziu firmemente adiante. O portão se abriu e as Belas Nuvens gritaram:

– Volte quando puder! Não se esqueça de nós! Não fique muito gorda! Traga-me uma estrela da sorte!

– Não vai demorar muito – minha mãe me assegurou. Vi uma pequena ruga de preocupação em sua testa. Ela me acariciou o rosto. – Pedi a Ovo Rachado para esperar no consulado e me enviar uma mensagem assim que você tiver seu passaporte. Não vou embarcar até receber essa mensagem. Você e Fairweather vão diretamente para o porto, nós vamos procurar uma pela outra na parte traseira do navio e ficar juntas quando o barco zarpar.

– Mãe... – eu protestei.

– Não vou partir sem que você esteja ao meu lado – disse ela com firmeza. – Eu prometo.

– Ela beijou minha testa. – Não se preocupe.

Fairweather me levou para a charrete. Olhei para trás e vi minha mãe acenando. A preocupação continuava no rosto dela.

– Às cinco horas, na parte de trás do navio – ela gritou. Sobre suas palavras que se perdiam ao longe, ouvi o uivo de Carlota.

Capítulo 3

O Salão da Tranquilidade

Xangai
1912
Violeta – Vivi – Zizi

Quando desci da charrete, vi o portão de uma grande mansão e uma placa com caracteres chineses que soletravam “Salão da Tranquilidade”. Olhei para cima e para baixo na rua procurando algum edifício com a bandeira dos Estados Unidos.

– Aqui não é o lugar certo – disse a Fairweather.

Ele me devolveu um olhar de surpresa e perguntou ao motorista se aquele, de fato, era o endereço correto. O motorista confirmou. Fairweather pediu a assistência de algumas pessoas que estavam ao portão. Duas mulheres sorridentes avançaram. Uma disse para mim: “Está muito frio para você ficar aqui fora, irmãzinha. Venha depressa e logo você vai estar aquecida”.

Antes que pudesse responder, as duas me pegaram pela altura dos cotovelos e me empurraram para a frente. Eu relutei e expliquei que estávamos indo ao consulado, mas não me soltaram. Quando me virei para pedir que Fairweather me tirasse de lá, vi apenas um rastro cintilante de poeira flutuando nos raios de sol. A charrete se afastava velozmente pela estrada. Bastardo! Eu estava certa o tempo todo. Era uma armadilha. Antes mesmo de eu pensar em reagir, as duas mulheres travaram seus braços ao meu redor e me puxaram com força. Lutei e gritei para todos em volta – pessoas que passavam pela rua, o porteiro, criados, empregadas –, avisando que se não me soltassem minha mãe mandaria prendê-los por sequestro. Deram-me olhares inexpressivos. Por que não me obedeciam? Como ousavam tratar uma estrangeira daquele jeito?

Dentro do salão principal da mansão, vi bandeiras vermelhas penduradas nas paredes. “Bem-vinda, Irmãzinha Mimi.” Os caracteres de *mimi* eram iguais aos utilizados em “oculto” no nome da casa de minha mãe. Corri até uma das bandeiras e a puxei para baixo. Meu coração batia em disparada e o pânico me sufocava.

– Eu sou uma estrangeira – gritei em chinês. – Vocês não têm permissão para fazer isso comigo... – As cortesãs e suas pequenas amas me encararam com surpresa.

– Que estranho, ela fala chinês – uma empregada sussurrou.

– Danem-se todas vocês! – berrei em inglês.

Minha mente zunia, confusa, mas as pernas estavam moles e lentas. O que estava

acontecendo? Precisava avisar Mamãe sobre meu paradeiro. Precisava de uma charrete. Tinha de procurar a polícia o mais rápido possível. Falei a um criado:

– Pago cinco dólares se você me levar para o Caminho Oculto de Jade.

Um momento depois, percebi que não tinha dinheiro. Fiquei ainda mais confusa com minha impotência. Imaginei que me manteriam presa até às cinco da tarde, até o navio partir.

Uma ama sussurrou para sua colega que acreditava que uma cortesã virgem de primeira classe deveria usar roupas melhores do que aquele sujo traje ianque.

– Eu não sou uma cortesã virgem! – disse.

Uma mulher atarracada de cerca de cinquenta anos veio rebolando na minha direção. Pelas expressões nos rostos atentos de todos, adivinhei que ela era a madame da casa. Tinha um rosto largo e uma palidez doentia. Seus olhos eram negros como um corvo. Os fios de cabelo repuxados nas têmporas esticavam sua pele, alongando seus olhos e lhes dando um ar felino. De sua boca quase sem lábios, ela me saudou:

– Bem-vinda ao Salão da Tranquilidade!

Eu escarnei do orgulho com que ela proferiu esse nome. *Tranquilidade!* Minha mãe dizia que só casas de segunda classe adotam nomes assim, para transmitir falsas expectativas. Onde estava a tranquilidade? Todos pareciam apavorados. O mobiliário ocidental era lustroso e barato. As cortinas, muito curtas. Toda a decoração imitava algo que nunca poderia ser. Não havia como confundir: o Salão da Tranquilidade não passava de um bordel de reputação decadente.

– Minha mãe é uma americana muito importante – falei para a senhora. – Se não me deixar ir embora neste instante, ela vai procurar um tribunal de justiça americano e sua casa será fechada para sempre.

– Sim, nós sabemos tudo sobre sua mãe. Lulu Mimi. Que mulher importante.

A madame chamou suas seis cortesãs para virem ao meu encontro. Estavam vestidas de brilhantes tons de rosa e verde, como se ainda fosse o Festival da Primavera. Quatro delas pareciam ter dezessete ou dezoito anos, e as outras duas eram bem mais velhas, tinham pelo menos vinte e cinco. Uma ama, de não muito mais do que dez anos, trouxe toalhas fumegantes e uma bacia de água de rosas. Dei um safanão em tudo, e a porcelana se estilhaçou no piso com o som de mil sinetas. Enquanto recolhia os cacos, a assustada empregadinha pedia desculpas à madame, mas a velha nada disse no sentido de que não a responsabilizaria pelo prejuízo. Uma empregada mais velha me deu uma taça de chá de osmanto. Embora tivesse sede, peguei a taça e a atirei contra as bandeiras que me davam boas-vindas. Lágrimas negras de tinta escorreram dos caracteres manchados.

A madame me deu um sorriso indulgente.

– Ayo! Que temperamento.

Ela fez sinal para as cortesãs e, uma a uma, elas e suas amas educadamente me agradeceram por ter vindo para adicionar prestígio à casa. Não pareciam genuinamente acolhedoras. Quando a madame pegou meu cotovelo para me guiar em direção a uma mesa, puxei de volta meu braço.

– Não me toque.

– Shh, shh – ela tentou me acalmar. – Logo você vai ficar mais à vontade. Pode me chamar de mãe, e eu vou tratá-la como uma filha.

– Prostituta barata!

Seu sorriso desapareceu e ela voltou sua atenção para dez pratos com iguarias especiais colocados sobre uma mesa de chá.

– Nós vamos alimentar você pelos próximos anos – disse ela, e tagarelou outras palavras insinceras.

Vi pãozinhos recheados de carne e decidi poupar a comida de minha fúria destruidora. Uma empregada encheu um pequeno cálice com vinho e o colocou sobre a mesa. Peguei os pauzinhos e usei-os para alcançar um pão. A senhora bateu seus pauzinhos em cima do meus em advertência e meneou a cabeça.

– Você deve beber o vinho antes de comer. É o costume.

Engoli rapidamente o líquido sujo, e mais uma vez tentei pegar um pão. Ela bateu duas palmas e acenou com a mão, ordenando que a comida fosse retirada. Achei que fosse me mandar comer em outra sala.

Ela se voltou para mim e, ainda sorrindo, explicou:

– Fiz um pesado investimento em você. Agora, vai ter de trabalhar duro para compensar o fardo de ter de alimentá-la, não é?

Armei uma carranca, mas, antes que conseguisse xingá-la dos piores nomes, ela lançou o punho fechado contra o lado de minha cabeça, bem perto da orelha. O golpe forte quase arrancou minha cabeça do pescoço. Senti os olhos e os ouvidos perderem o foco. Nunca tinha sido socada desse jeito.

O rosto da mulher estava distorcido e seus gritos soavam distantes. Um de meus ouvidos não captava nada. Ela me deu um tapa no rosto, fazendo minhas lágrimas jorrarem.

– Você entendeu? – perguntou, com uma voz que ainda parecia vir de longe.

Não consegui coordenar meus sentidos a tempo para responder antes de tomar mais bofetadas. Atirei-me contra ela e teria atacado seu rosto, se os braços dos criados não me impedissem.

A mulher me estapeou de novo e de novo, praguejando. Pegou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás com violência.

– Sua pirralha, eu vou consertar esse seu gênio na pancada nem que precise matar você.

– Então, ela soltou meu cabelo e me empurrou com tanta força que perdi o equilíbrio, desabando no chão e para dentro de um lugar escuro e profundo.

ACORDEI EM UMA cama estranha, com uma colcha em cima de mim. Uma mulher adiantou-se em minha direção. Temendo que fosse a madame, protegi minha cabeça com os braços.

– Finalmente você acordou – disse a mulher. – Vivi, não se lembra mais de sua velha amiga? – Como ela sabia meu nome? Afastei os braços e abri os olhos para espiar. Ela tinha um rosto redondo, olhos grandes e uma sobrancelha levantada em tom interrogativo.

– Nuvem Mágica! – eu chorei. Era a Bela Nuvem que havia tolerado minhas travessuras de infância. Ela tinha voltado para me ajudar.

– Meu nome agora é Cabaça Mágica – corrigiu ela. – Sou uma cortesã daqui. Seu rosto parecia cansado, sua pele macilenta. Ela envelhecera muito desde que a tinha visto pela última vez, sete anos antes.

– Você precisa me ajudar – disse, afobada. – Minha mãe está me esperando no porto. O navio sai às cinco da tarde e, se eu não estiver lá, vai zarpar sem nós.

Ela franziu o cenho.

– Nenhuma palavra de felicidade por nosso reencontro? Você continua uma menina mimada, só que agora os braços e as pernas estão mais longos.

Por que ela criticava meus modos em um momento como aquele?

– Eu preciso ir para o porto imediatamente ou...

– O navio já partiu – interrompeu ela. – Mamãe Ma pôs uma poção sonífera em seu vinho. Você dormiu a maior parte do dia.

Fiquei atordoada. Imaginei minha mãe com seus baús novos empilhados no cais. As passagens tinham ido para o lixo. Ela ficaria furiosa quando soubesse que Fairweather a tinha traído com suas viscosas palavras de amor. Era o castigo por ter tanta pressa para ver seu filho, em São Francisco.

– Você tem de ir para o porto – falei para Cabaça Mágica – e contar para minha mãe onde estou.

– Oyo! Eu não sou sua criada. De qualquer forma, ela não está mais lá. Ela está no navio, viajando para São Francisco. Não dá para voltar atrás.

– Isso não é verdade! Ela nunca partiria sem mim. Ela prometeu.

– Um mensageiro garantiu a ela que você já tinha embarcado, e que Fairweather estava procurando por você.

– Mensageiro? Ovo Rachado? Mas ele não me viu nem entrar nem sair do consulado. – Para tudo o que Cabaça Mágica dissesse, eu rebatia com um protesto insensato: – Ela prometeu. Ela não iria mentir. – Quanto mais eu dizia isso, mais diminuía minha convicção de que fosse verdade.

– Você vai me levar de volta ao Caminho Oculto de Jade?

– Pequena Vivi, o que aconteceu é pior do que você pensa. Mamãe Ma pagou muitos dólares mexicanos para a Gangue Verde apagar qualquer rastro de sua passagem. A Gangue Verde também aterrorizou todo mundo no Caminho Oculto de Jade. Se as Belas Nuvens ajudarem você, vão ser desfiguradas. Ameaçaram cortar todos os músculos da perna de Ovo Rachado e abandoná-lo nas ruas, para ser atropelado pelos cavalos. E disseram a Pomba Dourada que, além de bombardearem a mansão, iriam perfurar seus olhos e ouvidos.

– Gangue Verde? Eles não tinham nada a ver com isso.

– Fairweather fez um acordo com eles para pagar suas dívidas de jogo. Ele tirou sua mãe da jogada para que a Gangue Verde pudesse assumir a casa sem interferência do consulado americano.

– Leve-me à polícia.

– Como você é ingênua. O chefe da polícia de Xangai é membro da Gangue Verde. A polícia sabe sobre sua situação. Se eu levar você para longe daqui, vão me matar da maneira mais dolorosa possível.

– Não me importa – eu chorei. – Você tem de me ajudar.

Cabaça Mágica olhou para mim de boca aberta.

– Você não se importa que eu seja torturada e morta? Que tipo de garota você vai ser quando crescer? Sua egoísta! – Ela saiu da sala.

Tive vergonha. Ela tinha sido minha única amiga. Não consegui explicar-lhe que eu estava com medo. Eu nunca mostrara medo ou fraqueza para ninguém. Estava acostumada a ter qualquer situação resolvida imediatamente por minha mãe. Eu queria desabafar para

Cabaça Mágica tudo o que sentia. Minha mãe não havia se preocupado o suficiente comigo e, ainda por cima, foi burra ao acreditar naquele mentiroso. Ela sempre fez isso, porque o amava mais do que a mim. Ela estaria com ele no navio? Voltaria para Xangai? Ela havia prometido não ir sem mim.

Examinei minha prisão. Quarto pequeno. Todos os móveis eram de má qualidade, gastos e sem possibilidade de conserto. Que tipo de homem era cliente desta casa? Enumerei todos os defeitos do quarto para um dia poder dizer a minha mãe o quanto havia sofrido. O tapete era fino e irregular. As cortinas que cercavam a janela, desbotadas e manchadas. A mesa de chá tinha uma perna torta e seu tampo, cheio de marcas de queimadura, se prestava apenas para lenha. Uma rachadura de verdade se destacava no vaso de vidro craquelado. O gesso do teto havia desaparecido e as lâmpadas nas paredes estavam tortas. O capacho de lã azul e laranja trazia os símbolos usuais de erudição, metade deles desgastada ou carcomida por traças. As poltronas ocidentais, raquíticas, revelavam desgastes profundos no tecido da borda do assento. Um nó cresceu em minha garganta. Ela realmente havia embarcado no navio? Estaria preocupada?

Eu ainda vestia o odiado uniforme de saia e blusa de marinheiro azul e branca, “a prova do meu patriotismo americano”, segundo Fairweather. Aquele homem diabólico estava me fazendo sofrer porque eu o odiava.

No fundo do guarda-roupa avistei um pequeno par de sapatos bordados, tão gastos que sua cobertura tinha mais sujeira do que seda rosa e azul. Os calcanhares estavam esmagados. O par havia sido feito para pés minúsculos. A dona dos sapatos provavelmente calçava a parte da frente dos pés e caminhava na ponta dos dedos para dar a impressão de ter pés enfaixados. Será que ela descansava os calcanhares na parte traseira dos sapatos quando ninguém estava olhando? Por que havia deixado os sapatos para trás em vez de jogá-los fora? Não dava nem para consertá-los. Imaginei a garota com rosto triste e pés grandes, cabelo fino e tez cinzenta, desgastada como os sapatos – uma menina prestes a ser descartada porque já não tinha mais utilidade. Senti um enjoo no estômago. Os sapatos tinham sido deixados ali como um presságio. Eu me tornaria essa menina. A madame nunca me deixaria sair. Abri a janela e joguei os sapatos no beco logo abaixo. Ouvei um grito e fui conferir. Atingido, um maltrapilho esfregava a cabeça, mas, em seguida, agarrou e apertou o par contra o peito. Olhou para mim com ar culpado e fugiu como um ladrão.

Tentei me lembrar se Mamãe tinha culpa no semblante no momento em que nos despedimos. Se sim, seria a prova de que concordara com o plano de Fairweather. Quando ameacei ficar em Xangai com Carlota, ela poderia ter usado isso como desculpa para partir sozinha. Poderia ter dito a si mesma que eu tinha escolhido ficar. Tentei me lembrar de outros fragmentos de conversas, de outras ameaças minhas, de outras promessas dela, dos protestos que fiz quando ela me decepcionava. Nesses fragmentos soltos, buscava a razão para eu estar ali.

Encontrei minha valise ao lado do guarda-roupa. O conteúdo revelaria as intenções de Mamãe. Se fossem roupas apropriadas para aquela minha nova vida, eu saberia que ela tinha me abandonado. Se fossem roupas dela, era sinal de que ela tinha sido enganada. Peguei a chave da valise, pendurada na correntinha prateada que levava ao pescoço. Prendi a respiração. Soltei o ar com gratidão ao ver um frasco do precioso perfume de Mamãe, com essência de rosas do Himalaia. Acaricieei sua estola de raposa. Sob ela estava seu vestido

favorito, lilás, usado em uma visita ao Shangai Club, quando corajosamente desfilou pelo salão até sentar-se à mesa de um homem rico e poderoso demais para que o advertissem que mulheres eram proibidas de entrar ali. Pendurei o transgressor vestido na porta do armário e ajeitei, logo abaixo dele, um par de sapatos de salto alto. A aparência ficou estranha, como a de um fantasma sem cabeça. Voltei para a valise. Achei a caixa de madrepérola com minhas joias: duas pulseiras, um medalhão de ouro e um colar e um anel de ametista. Abri outra caixinha, que continha pedaços de âmbar, o presente rejeitado do meu oitavo aniversário. Encontrei também dois relógios, um curto e outro longo. Desenrolei um após o outro. Não eram pergaminhos, mas pinturas a óleo sobre tela. Estendi a maior no chão.

Era o retrato de minha mãe quando jovem, a pintura descoberta por mim anos atrás, no meu oitavo aniversário, ao vasculhar o quarto dela em busca de uma carta recém-recebida que a abalara profundamente. Na época, tive tempo de dar apenas uma olhada antes de devolvê-la enrolada a seu lugar. Ao examiná-la outra vez, senti um desconforto peculiar, como se estivesse desvendando um terrível segredo sobre ela – ou talvez sobre mim –, e que isso representava perigo. A cabeça de Mamãe estava inclinada para trás, revelando suas narinas. A boca, fechada, não sorria. Sua expressão era a de alguém que, confrontado, tivesse acabado de aceitar um desafio sem hesitação. Mas também dava para intuir que aquele semblante traía, talvez, uma ponta de medo mal disfarçado. Seus olhos estavam arregalados, e o negro das pupilas dilatadas predominava sobre o verde das íris. O olhar de um gato medroso. Esta era ela antes de aprender a ocultar seus sentimentos com demonstrações de autoconfiança. Quem foi o pintor que se divertiu ao captar esse estado de temor?

A pintura tinha um estilo similar ao dos retratos europeus comprados como novidades pelos ricos de Xangai, sempre dispostos a possuir aquilo que os estrangeiros mais apreciavam, ainda que esses quadros fossem representações de antepassados de gente desconhecida posando com perucas empoadas ao lado de crianças enfeitadas com laços de fita, cockers spaniels e lebres. Essas obras costumavam ser comuns na decoração de saguões de hotel e casas de cortesãs de primeira linha. Mamãe classificava essas pinturas como mal executadas pretensões à arte. “Um retrato”, ela definia, “deve mostrar a pessoa respirando no momento em que foi pintada. Deve capturar cada uma daquelas respirações”.

Então, ela certamente prendera a respiração ao posar para aquele retrato. Quanto mais me demorava examinando seu rosto, mais e mais eu via as contradições na expressão de Mamãe. Enxerguei coragem, logo depois medo. Reconheci algo vago acerca da personalidade dela, algo que já vinha desde seus tempos de menina. E então consegui identificar: a arrogância em se achar melhor do que os outros, e mais esperta também. Ela acreditava que nunca estava errada. Quanto mais os outros a reprovavam, mais ela tinha de demonstrar sua reprovação aos outros. Quando passeávamos no parque, deparávamo-nos com todo o tipo de gente reprovável. Todos a reconheciam: “A Madame Branca”. Mamãe os brindava com uma lenta mirada da cabeça aos pés, seguida de uma fungada de desgosto, o que sempre me levava a um acesso de riso conforme o alvo de seu olhar reprovador se desconcertava e batia em retirada, sem palavras.

Normalmente, pessoas que a insultassem simplesmente deixavam de existir para ela. Mas no dia em que recebeu a última carta de Lu Shing sua raiva inflamou-se. “Você sabe o que é a moral, Violet? São as regras das outras pessoas. Você sabe o que é a consciência? É

a liberdade de usar a própria inteligência para determinar o que é certo ou errado. Você possui essa liberdade e ninguém pode roubá-la. Sempre que os outros a desaprovarem, você deve ignorá-los. Você é a única que pode julgar suas próprias decisões e ações...”. E assim ela prosseguiu, como se estivesse usando veneno para purificar uma velha ferida ainda aberta.

Lancei um olhar duro para a pintura. Que consciência ela tinha? Sua noção de certo e errado era guiada pelo egoísmo, pelo hábito de fazer sempre o que fosse melhor para ela.

“Pobre Violet”, eu a imaginava dizendo. “Ela seria ofendida em São Francisco como uma criança de raça questionável. Muito melhor para ela ficar em Xangai, onde pode viver feliz com Carlota”. Fiquei indignada. Ela sempre encontrava uma maneira de defender suas decisões, não importa quão erradas elas fossem. Quando mandava embora uma cortesã do Caminho Oculto de Jade, argumentava que era uma questão de necessidade. Quando não podia jantar comigo, também alegava uma questão de necessidade. Sua diversão com Fairweather sempre havia sido uma questão de necessidade.

Uma questão de necessidade. Era o que ela evocava para atender a seus propósitos. Uma desculpa para ser egoísta. Lembrei de um período em que me enojei com sua falta de consciência. Havia acontecido três anos antes, em um dia memorável por sua estranheza, em vários sentidos. Estávamos com Fairweather no Shanghai Race Club para assistir à exibição do voo de um avião, pilotado por um francês, sobre a pista. Não havia um só lugar vago. Ninguém nunca vira um avião voando, muito menos bem acima de suas cabeças. Quando a aeronave decolou, a multidão murmurou em uníssono. Achei que fosse mágica. De que outra maneira se poderia explicar aquilo? Assisti ao avião planar, mergulhar e, em seguida, adernar de um lado para o outro. Uma asa despencou. Depois, a outra. Pensei que tudo fazia parte da exibição, mas então o avião espatifou-se em pedaços no centro da pista. Uma nuvem de fumaça escura se avolumou, e as pessoas começaram a gritar. Quando o aviador, mutilado, foi arrastado para longe dos destroços, alguns homens e mulheres desmaiaram. Eu quase vomitei. A palavra *morto* ecoou pelas arquibancadas. Os restos do piloto foram levados embora, e despejou-se areia sobre o sangue. Um pouco mais tarde, os cavalos entraram na pista e as corridas tiveram início. Ouvi muitas pessoas se retirando, indignadas, dizendo que era imoral manter os páreos depois daquele acidente e vergonhoso que alguém pudesse apreciá-los. Pensei que também deveria sair. Como ficar ali depois de testemunhar a morte de um homem? Fiquei chocada com o fato de minha mãe e Fairweather permanecerem em seus assentos. Conforme os cavalos ganhavam a pista os dois aplaudiam, mas eu não conseguia tirar os olhos da terra úmida depositada sobre o sangue fresco. Mamãe não viu nada de errado em assistir às corridas. Eu não tinha escolha a não ser ficar, mas me sentia culpada e em dúvida se devia dizer a eles a minha opinião.

Naquela tarde, quando caminhávamos de volta para casa, uma menina chinesa mais ou menos da minha idade veio da escuridão por trás de uma porta e abordou Fairweather. Com um punhado de palavras em inglês, disse ser virgem e ter três furos a oferecer em troca de um dólar. A situação das meninas escravas era lastimável. Tinham de se dar para pelo menos vinte homens por dia, sob ameaça de ser espancadas até a morte. O que mais poderíamos lhes oferecer além de piedade? E até isso era difícil fazer, uma vez que havia muitas delas – se aglomeravam como galinhas nervosas, puxando a manga do casaco dos homens e disparando súplicas, a ponto de irritar. Tínhamos de apressar o passo e furar o

bloqueio sem olhar para os lados. Naquele dia, minha mãe reagiu de forma diferente. Assim que passamos pela menina, ela praguejou:

– O bastardo que vendeu essa garota devia ter o pinto decepado no cortador de charutos. Fairweather riu.

– Você, minha querida, tem comprado muitas meninas de gente que as vende.

– Há uma diferença entre vender e comprar uma menina – retrucou ela.

– O resultado é o mesmo – disse Fairweather. – A menina se prostitui. É um conluio de vendedor e comprador.

– Para uma garota, é muito melhor ser comprada e levada para minha casa do que se tornar uma escrava como essa e morrer antes de fazer quinze anos.

– A julgar pelas belas flores de sua casa, só as bonitas valem a pena ser salvas.

Ela parou de andar. A observação claramente a irritara.

– Isso não é um reflexo da minha consciência. É pragmatismo. Sou uma mulher de negócios, não uma missionária cuidando de um orfanato. O que faço é uma questão de necessidade, com base nas minhas atuais circunstâncias. E só eu sei quais são elas.

Aquelas palavras mais uma vez: *uma questão de necessidade*. Logo depois de ter falado, ela virou-se abruptamente, foi até a porta de onde a menina saíra e trocou palavras com a cafetina da garota, que estava sentada por ali. Deu à mulher algum dinheiro e, em seguida, pegou a garota pela mão e veio se reunir a nós. A menina estava petrificada, e olhou de volta para sua antiga proprietária.

– Pelo menos, o olhar dela não é entorpecido como o da maioria das escravas – comentou Mamãe.

– Então você acabou de comprar um pequena cortesã – ironizou Fairweather. – Mais uma salva das ruas. Que bom para você.

Minha mãe replicou:

– Ela não vai ser cortesã. Não preciso de mais uma e, mesmo se precisasse, ela nunca seria adequada. Já está em ruínas, deflorada mil vezes. Ela simplesmente se deita de costas com um olhar abatido de submissão. Vou levá-la como criada. Uma das minhas empregadas vai se casar e ir para a aldeia de seu marido.

Soube mais tarde que nenhuma criada estava para nos deixar. Pensei por um momento que Mamãe comprara a menina porque tinha bom coração. Mas daí percebi que era sua arrogância outra vez, tentando calar aqueles que ousassem reprová-la. Ela tinha permanecido nas corridas depois do acidente por esse motivo. Ela comprou a menina porque Fairweather havia zombado de sua consciência.

Examinei novamente a pintura a óleo, observando cada pincelada que havia criado aquele rosto jovem. Será que ela era mais compassiva com as pessoas quanto tinha minha idade? Será que ela havia sentido pena do piloto morto ou da menina escrava? Ela era contraditória, e suas assim chamadas questões de necessidade não faziam sentido. Ela podia ser leal ou desleal, boa ou péssima mãe. Talvez tivesse me amado às vezes, mas seu amor não era constante. Quando havia sido a última vez que ela provou que me amava? Achei que foi quando prometeu que não ia me deixar.

No verso da tela da pintura, encontrei os seguintes dizeres: “Para a senhorita Lucretia Minturn, por ocasião de seu aniversário de 17 anos”. Eu não sabia o dia do aniversário de minha mãe nem sua idade. Nós nunca festejamos a data e nunca houve qualquer razão para

saber. Eu tinha catorze anos. Se ela tivesse dado à luz a mim aos dezessete anos, àquela altura estaria com trinta e um.

Lucretia. Esse era o nome no envelope com a carta de Lu Shing. As palavras abaixo da dedicatória tinham sido relegadas ao esquecimento pelo grafite escuro de um lápis. Virei a pintura para cima e encontrei as iniciais “LS” no canto inferior direito. Lu Shing era o pintor. Tinha certeza disso.

Desenrolei a pintura menor. As iniciais “LS” também apareceram na parte inferior da tela. Era a paisagem de um vale visto a partir da borda de um penhasco. Os cumes das montanhas ao redor eram irregulares, e as silhuetas de suas sombras jaziam no fundo do vale. Nuvens penduravam-se no céu. Suas metades superiores eram cor-de-rosa, enquanto as nuvens mais ao fundo revelavam uma auréola dourada. Na extremidade do vale, uma fresta entre duas montanhas brilhava como a entrada para o paraíso. Parecia a alvorada. Ou seria o crepúsculo? Eu não saberia definir se estava prestes a chover naquele vale, ou se o mau tempo acabara de se afastar; se o quadro evocava a alegria de chegar ao local ou o alívio de partir de lá. A pintura, afinal, descrevia um sentimento de esperança ou de desespero? O observador estava de pé naquele penhasco demonstrando bravura ou tremendo diante daquilo que o aguardava? Ou talvez a pintura fosse sobre um tolo que perseguira aquele local depois de um sonho e, agora, olhava para aquele pote de ouro dos infernos que se derramara lá embaixo, fora de alcance. A pintura me lembrou as imagens que provocam ilusões de óptica conforme você as vira de cabeça para baixo ou para os lados, transformando um homem barbudo em uma árvore. Não dava para ver a pintura dos dois jeitos ao mesmo tempo, atribuindo-lhe significados diametralmente opostos. Apenas um deles deve ter sido originalmente pensado. Mas como saber ao certo sem ser o autor do quadro?

A pintura me despertou uma sensação incômoda. Era um presságio, como os sapatos gastos. Estava ali para que eu a encontrasse. O que aconteceria depois seria a salvação ou a perdição. Eu tive a certeza, então, de que a pintura retratava o ponto de vista de quem adentrava o vale, e não de quem o abandonava. A chuva estava mesmo por vir. Já anoitecia e a escuridão se instalava, decretando que não seria mais possível encontrar o caminho de volta.

Com as mãos trêmulas, virei a pintura do avesso. *Vale do Encantamento*, dizia o título, e logo abaixo vinha a dedicatória cheia de iniciais: “Para LM, de LS”. A data estava borrada. Devia ser “1897” ou “1899”. Eu havia nascido em 1898. Teria Mamãe recebido esse quadro junto com seu retrato? O que fazia antes de eu nascer? O que fez no ano seguinte? Se pintou essa tela em 1899, Lu Shing ainda devia estar com minha mãe quando eu tinha um ano de idade.

Eu joguei as duas pinturas para o outro lado do quarto. Um segundo depois, fui tomada pelo medo de que alguma parte de mim também fosse jogada fora e destruída, antes mesmo que eu pudesse identificá-la. Mamãe odiava Lu Shing por ter sido abandonada. Deve ter havido uma razão muito forte para que ela preservasse as pinturas intactas, em seu poder. Corri para pegar as pinturas de volta e chorei conforme as enrolava e, em seguida, as devolvi ao fundo da valise.

Cabaça Mágica voltou ao quarto. Colocou dois pijamas de algodão sobre uma cadeira – casacos e calças largas, verdes com listras rosadas –, roupas de criança pequena.

– Mamãe Ma imagina que essas roupas vão impedir que você fuja. Ela disse que você é vaidosa demais para se mostrar em público vestida como criada chinesa. Se continuar com seus modos arrogantes de ocidental, você vai levar surras muito piores do que as de hoje. Se seguir as regras, vai sofrer menos. Cabe a você decidir o quanto de dor quer suportar.

– Minha mãe vem atrás de mim – declarei. – Não vou ter de ficar aqui por muito tempo.

– Se ela fizer isso, não vai ser para já. É preciso um mês para ir de Xangai até São Francisco e mais um mês para voltar. Se for teimosa, você vai estar morta antes disso. Basta seguir o que a madame diz. Finja que aprende o que ela ensina. Você não vai morrer se fizer isso. Ela comprou você como cortesã virgem, e sua defloração deve demorar pelo menos um ano para acontecer. Nesse meio tempo, dá para planejar sua fuga.

– Eu não sou uma cortesã virgem.

– Não deixe o orgulho emburrecer você – disse ela. – Já é uma sorte que ela não a ponha para trabalhar de imediato. – Cabaça Mágica foi até a minha valise e retirou de lá a estola de raposa com suas patas pendentes.

– Não toque nas minhas coisas.

– Precisamos ser rápidas, Violet. A madame está vindo para se apossar de suas coisas. Quando comprou você, ela pagou também por todos os seus pertences. Tudo o que ela não quiser será vendido, inclusive você, se não se comportar. Então, se apresse. Pegue apenas o que for mais precioso. Se tirar coisas demais daí de dentro, ela vai descobrir que fez isso.

Eu me recusei a ceder. A que ponto o egoísmo da Mamãe tinha me levado: eu era uma cortesã virgem. Por que agarrar-me a meus pertences?

– Bem, se você não quer nada – retrucou Cabaça Mágica –, vou levar algumas coisas para mim.

Ela pegou o vestido lilás pendurado no guarda-roupa. Sufoquei um grito, enquanto ela o escondia, dobrado, sob o casaco. A cortesã abriu, em seguida, a caixa com as peças de âmbar.

– Isto aqui não vale nada, é tudo disforme. E as peças também estão sujas – *aiya!* –, tem até insetos por dentro. Por que carregar essas coisas na mala? Os americanos são tão estranhos.

Ela retirou outro pacote embrulhado. Havia ali uma roupinha de marinheiro: camisa e calça em azul e branco, bem como um chapéu, como os usados por marujos americanos. Ela deve ter comprado aquilo para Teddy quando ele ainda era um bebê, e planejava mostrar a ele como prova de seu amor infinito. Cabaça Mágica devolveu a roupa de marinheiro para a valise. A madame tinha um neto, explicou ela, enquanto voltava sua atenção para a pele de raposa com suas patas pendentes. Olhou para a estola com ar de resignada melancolia e a deixou de lado. Da caixa de joias, pegou somente um colar com pingente de ouro. Eu o tomei das mãos dela e o abri, removendo de lá duas minúsculas fotografias, uma de Mamãe e outra minha.

Então, ela alcançou o fundo da valise e retirou as duas pinturas. Desenrolou o retrato de minha mãe e riu.

– Que atrevida! – comentou. Abriu depois a pintura com a paisagem sombria. – É tão realista. Nunca vi um pôr de sol tão bonito assim. – E pôs as telas enroladas na pilha de seu butim.

Enquanto eu me vestia, ela recitou os nomes das cortesãs da casa. Broto de Primavera,

Folha da Primavera, Pétala, Camélia e Kumquat.

– Você não tem de se lembrar de todos os nomes por enquanto. Apenas chame-as de suas irmãs flores. Você vai identificá-las em breve, por suas personalidades. – A conversa prosseguiu. – Folha de Primavera e Broto de Primavera são irmãs. Uma é esperta e a outra, tola. As duas têm bom coração, mas uma é triste e não gosta de homens. Vou deixar você adivinhar quem é quem. Pétala finge ser gentil mas é sorrateira, faz de tudo para ser a favorita de Madame Ma. Camélia é muito inteligente. Sabe ler e escrever, e a cada mês gasta um pouco de dinheiro para comprar um romance ou papel para escrever seus poemas: ela tem audácia na ponta da pena, além de tinta. Gosto dela, é muito honesta. Kumquat tem uma beleza clássica, com seu rosto em forma de pêsego. Também age feito criança, fazendo o que quer sem pensar nas consequências. Cinco anos atrás, quando trabalhava em uma casa de primeira classe, ela se apaixonou por um amante e seus ganhos se reduziram a nada. Mais uma daquelas histórias costumeiras entre nós.

– Essa foi a razão pela qual você saiu de nossa casa, não foi? – perguntei. – Você tinha um amante.

Ela bufou.

– Foi isso que você ouviu dizer? – E mergulhou em silêncio, enquanto seus olhos entravam num devaneio. – Tive muitos amantes ao longo dos anos, às vezes quando tinha patronos, às vezes quando não tinha. Dei muito dinheiro para um deles. Mas meu último amante nunca me enganou com dinheiro. Ele me amou com um coração verdadeiro. – Ela olhou para mim. – Você o conhece. Pan, o Poeta.

Senti uma brisa fresca sobre a pele e estremeci.

– Fofocaram para meu patrono que eu fazia sexo com um fantasma que estava aprisionado no meu corpo. Meu patrono nunca mais quis me tocar e pediu de volta o dinheiro de seu contrato. Nuvem Fofa espalhou esse boato. “Essa menina tem algo de errado em seu coração.” Em toda casa de cortesãs sempre há alguém desse tipo.

– O Poeta Fantasma está mesmo dentro de seu corpo?

– Que pergunta mais estúpida! Nós não fizemos sexo. Como seria possível? Era um fantasma. Nós compartilhamos somente nosso espírito, e foi mais do que suficiente. Muitas meninas nesse negócio nunca experimentam o amor verdadeiro. Apenas arranjam amantes e patronos, esperando tornarem-se concubinas para que possam ser chamadas de segunda Esposa, terceira Esposa, até mesmo Décima Esposa, quando estão desesperadas. Mas isso não é amor. Elas só estão à procura de uma mudança de sorte. Com Pan, o Poeta, senti somente amor, e ele sentia o mesmo por mim. Não tínhamos nada a ganhar um com o outro. Foi por isso que soube que era verdadeiro. Quando saí do Caminho Oculto de Jade, ele teve de permanecer porque era parte da casa. Sem ele, eu me senti sem vida. Quis me matar para me juntar a ele... Você acha que sou louca. Posso ver isso em seu rosto de senhorita americana bem educada... Você não sabe de nada. Vista-se agora. Se você se atrasar, a madame vai abrir outra narina na sua cara. – Ela me entregou um pijama. – Madame quer que todas as meninas a chamem de Mamãe. Mamãe Ma. É apenas um nome, sem nenhum significado verdadeiro. É só dizer e repetir mais e mais vezes, até que você consiga engoli-lo sem engasgar. Mamãe Ma, Mamãe Ma. Pelas costas, nós a chamamos de abetarda velha.

Cabaça Mágica imitou uma grande ave batendo asas e cacarejando enquanto procura

proteger seu bando. Em seguida, a cortesã avisou:

– Mamãe Ma não gostou de seu nome, Vivi. Ela disse que não faz sentido. Para ela, são apenas dois sons. Sugeri trocar pela palavra chinesa para a flor violeta.

Ela pronunciou a palavra “violeta” como *zizi*, algo parecido com o som de um mosquito. *Zzzzzz! Zzzzz!*

– É só uma palavra – disse ela. – É melhor que a chamem assim. Afinal, você não é essa pessoa. Assim, dá para manter um nome secreto, que seja só seu, seu apelido americano, Vivi, ou o nome da flor que sua mãe escolheu para você. Meu nome de cortesã agora é Cabaça Mágica, mas no fundo do meu coração eu me chamo Tesouro Dourado. Eu mesma me dei esse nome.

No café da manhã, fiz como Cabaça Mágica havia aconselhado.

– Bom dia, Mamãe Ma. Bom dia, irmãs flores.

A velha abetarda teve prazer ao me ver nas minhas roupas novas.

– Veja só, o destino muda quando você muda suas roupas.

Com seus dedos em pinça no meu queixo, ela me fez virar o rosto para a direita e para a esquerda. Senti nojo ao ser tocada por ela. Seus dedos eram frios e cinzentos como os de um cadáver.

– Conheci uma garota de Harbin que tinha a sua cor – comentou. – Os mesmos olhos, também. Ela tinha sangue manchu. Nos velhos tempos, aqueles manchus eram como cachorros que estupravam qualquer garota, russa, japonesa, coreana, de olhos verdes, olhos azuis, olhos castanhos, loura ou ruiva, grande ou pequena, que estivesse ao alcance de ser agarrada conforme galopavam em seus cavalos. – Ela segurou meu rosto novamente. – Quem quer que fosse o seu pai, ele tinha a linhagem manchu, isso é certo. Dá para ver isso em sua mandíbula e no afunilado mongol dos olhos, e por sua cor verde. Ouvi falar que uma das concubinas do imperador Qianlong tinha olhos verdes. Vamos dizer que você é descendente dela.

Sobre a mesa posta havia pratos doces, salgados e picantes – brotos de bambu, raiz de lótus ao mel, conserva de rabanete e peixe defumado –, várias comidas saborosas. Eu estava faminta, mas comi com moderação, utilizando as maneiras delicadas que tinha visto as cortesãs praticarem no Caminho Oculto de Jade. Queria mostrar a madame que ela nada tinha a me ensinar. Colhi um pequeno amendoim com meus pauzinhos de marfim, levei-o aos meus lábios e o acomodei na língua como se fosse uma pérola sobre uma almofada de brocado.

– Sua educação mostra – disse a velha abetarda –, que daqui a um ano, quando fizer sua estreia, você vai enfeitiçar os homens e levá-los perto da loucura. O que me diz sobre isso?

– Obrigada, Mamãe Ma.

– Vocês veem – ela se dirigiu às outras com um sorriso satisfeito. – Agora, ela obedece.

Quando Mamãe Ma apanhou seus pauzinhos, prestei atenção a seus dedos. Pareciam bananas apodrecendo. Observei-a ciscar os restinhos de comida de seu prato. A sorrateira Pétala levantou-se e rapidamente ofereceu para a madame mais peixe e brotos de bambu, deixando de lado a última raiz de lótus. Quando Broto de Primavera ia se servir dessa derradeira peça, Pétala a repreendeu:

– Dê isso para minha mãe. Você sabe o quanto ela ama doces.

Para concluir a cena, transferiu os próprios pedaços de raiz de lótus para o prato de

Madame Ma, que elogiou a cortesã por tratá-la como uma verdadeira mãe. Broto de Primavera manteve-se inexpressiva, sem olhar para ninguém. Cabaça Mágica olhou de lado para mim e sussurrou:

– Ela está furiosa.

Ao erguer-se da cadeira, Mamãe Ma vacilou e Pétala correu para ampará-la. Irritada, a senhora golpeou a cortesã com o leque.

– Não sou uma velha fraca. São apenas meus pés. Estes sapatos são muito apertados. Peçam ao sapateiro para vir aqui.

Ela ergueu a saia. Seus tornozelos eram cinzentos e inchados. Imaginei que os pés abaixo deles estivessem ainda em pior estado.

Assim que a senhora deixou a mesa, Camélia dirigiu-se à Cabaça Mágica num tom excessivamente polido.

– Minha irmã, não posso deixar de dizer que o tom pêssego de seu novo casaco favorece a coloração de sua pele. Um novo cliente acharia você dez anos mais jovem do que é.

Cabaça Mágica fingiu-se de brava pelo gracejo. Camélia sorriu e foi embora.

– Nós nos provocamos assim o tempo todo – assinalou Cabaça Mágica. – Eu bajulo seu cabelo fino, ela elogia minha aparência e nós rimos, em vez de chorar por causa de nossa idade. Os anos passam.

Fiquei tentada a dizer a ela que a cor pêssego não a favorecia. Quando uma mulher mais madura usa as cores de uma jovem só faz ressaltar a idade que finge não ter.

Eu seguia o conselho de Cabaça Mágica. Fazia exatamente o que madame esperava de mim. Dava-lhe meus cumprimentos bajulatórios e respondia educadamente quando ela se dirigia a mim. Cumpria com os rituais de respeito às irmãs flores. Era fácil ser hipócrita. Logo no início, recebi algumas bofetadas ao fazer expressões faciais que Mamãe Ma julgava “americanas”. Eu não sabia que fazia isso até sentir os golpes e ouvir a ameaça dela de triturar qualquer coisa minha que lhe fizesse lembrar de estrangeiros. Enquanto ela me repreendia, devo ter olhado para ela de um jeito errado, pois logo tomei outro tapa. Aprendi que a expressão que ela desejava era a que demonstrasse respeito acovardado.

Uma manhã, quando já estava há quase um mês no Salão da Tranquilidade, Cabaça Mágica me disse que eu seria transferida para um novo quarto em poucos dias. O quarto que eu ocupava até então servira apenas para me humilhar. Era um lugar para armazenar móveis antigos.

– Você vai ficar com o meu quarto – disse ela. – É quase tão bom quanto o que eu tinha no Caminho Oculto de Jade. Vou me mudar para outro lugar.

Eu sabia o que isso significava. Ela estava indo para um lugar pior. Eu não teria nenhum aliado se isso acontecesse.

– Vamos dividir o quarto – sugeri.

– E como vou poder namorar com você na sala brincando com bonecas? Ora, não se preocupe comigo. Eu tenho um amigo na Concessão Japonesa. Estamos alugando um *shikumen* de dois andares que vai funcionar como uma casa de ópio, só nós dois, sem nenhuma madame para ficar com os lucros e nos cobrar por cada prato de comida...

Ela estava decaindo para o nível de uma prostituta comum. Os clientes iriam a esse lugar dar algumas cachimbadas de ópio e, então, ela se deitaria de pernas abertas para homens como Ovo Rachado.

Cabaça Mágica franziu a testa, adivinhando meus pensamentos.

– Não se atreva a ter pena de mim. Eu não tenho vergonha. Por que deveria ter?

– É a Concessão Japonesa – eu disse.

– O que há de errado com isso?

– Lá eles odeiam o povo chinês.

– Quem disse isso?

– Minha mãe. Era por isso que ela não permitia clientes japoneses em casa.

– Ela não permitia porque sabia que eles ficariam com as melhores oportunidades de negócios. As pessoas os odeiam porque invejam seu sucesso. Mas o que isso importa para mim? Meu amigo me disse que eles não são piores do que outros estrangeiros, mas morrem de medo da varíola sifilítica. Inspecionam todo mundo, até mesmo em casas de primeira classe. Você consegue imaginar?

Três dias depois, Cabaça Mágica saiu da mansão, mas por apenas três horas. Ela voltou e deixou cair um presente aos meus pés, que caiu com um baque surdo familiar. Era Carlota. Imediatamente explodi em lágrimas e agarrei minha gata, esmagando-a em meu abraço.

– O quê? Sem agradecimentos para mim? – perguntou Cabaça Mágica. Pedi desculpas e declarei que ela era uma verdadeira amiga, um coração bondoso, um afeto imortal. – Chega, chega.

– Vou ter de encontrar uma maneira de escondê-la – disse.

– Ha! Quando a madame descobrir, não ficarei surpresa se ela pendurar faixas vermelhas sobre a porta e soltar uma centena de fogos de artifício para saudar essa deusa da guerra. Duas noites atrás, soltei alguns ratos no quarto da velha abetarda. Ouviu seus gritos? Um dos criados pensou que era um incêndio e correu para chamar os bombeiros. Eu me fingi de chocada quando me contaram o motivo da gritaria. E disse a ela: “Pena não termos um gato. Violet tinha uma gata, caçadora feroz, mas a mulher que agora é a madame no Caminho Oculto de Jade não vai deixar que o bicho saia de lá”. A velha abetarda me enviou imediatamente para avisar Pomba Dourada que havia pagado por você e por todos os seus pertences, incluindo o gato.

Pomba Dourada ficou feliz em se livrar da pequena fera, Cabaça Mágica relatou, enquanto Pequeno Oceano chorou lágrimas copiosas, prova que tinha tratado Carlota com carinho. Mas Cabaça Mágica havia trazido mais do que a gatinha. Tinha notícias sobre Fairweather e minha mãe.

– Ele tinha o hábito de jogar, uma queda para o ópio e uma montanha de dívidas. Todo mundo sabia. Ele usava o dinheiro que as pessoas investiam em suas empresas para jogar, apostando que poderia ganhar o suficiente para compensar seus prejuízos comerciais anteriores. Conforme suas dívidas se empilhavam, ele mentia aos investidores, dizendo que um tufão ou incêndio tinha arrasado a fábrica, ou que um senhor da guerra estava interferido nos negócios. Ele sempre tinha uma resposta e, às vezes, usava a mesma desculpa para justificar as perdas de suas diferentes empresas. O que ele não sabia é que um investidor de uma de suas empresas era membro da Gangue Verde. E que outro integrante do bando, por azar, também era investidor de outra de suas companhias. Os dois foram notificados da incrível quantidade de tufões do ano passado, mas uma coisa é iludir pessoas comuns e outra é enganar um bandido. Os dois investidores mandaram capturar Fairweather e o penduraram de cabeça para baixo sobre um monte de brasas. Foi então que

ele disse que havia um jeito de lhes devolver o dinheiro: afastando a madame americana do Caminho Oculto de Jade. *Ai-ya*. Como uma mulher tão inteligente pode se tornar tão tola? É uma fraqueza em muitas pessoas, até mesmo as mais ricas, poderosas e respeitadas. Arriscam tudo para atender ao desejo do corpo com a crença de que são as pessoas mais especiais da Terra, só porque um mentiroso lhes disse isso. Assim que sua mãe partiu, a Gangue Verde imprimiu um documento falso atestando que sua mãe tinha vendido o Caminho Oculto de Jade para um homem que também fazia parte do bando. Registraram o papel junto a uma autoridade do Assentamento Internacional, que também era membro da quadrilha. O que Pomba Dourada poderia fazer? Ela não podia denunciar isso para o consulado americano. Não possuía nenhum documento de posse em nome dela, pois sua mãe combinara de enviá-lo pelo correio, depois que chegasse a São Francisco. Uma das cortesãs disse a Pomba Dourada que Nuvem Fofa se gabara de que ela e Fairweather tinham ficado ricos. Fairweather havia trocado as passagens do navio para São Francisco por dois bilhetes de primeira classe para Hong Kong. O plano era que se apresentassem como pessoas da alta sociedade de Xangai que buscavam Hong Kong para investir em novas empresas, em nome de estrelas ocidentais de cinema! Pomba Dourada estava muito irritada quando me contou isso. *Oyo!* Achei que seus olhos fossem explodir, de tantas lágrimas. Ela disse que a gangue da Tríade não liga para os padrões de uma casa de alta classe. Eles comandam um consórcio de uma dúzia de casas que oferecem altos lucros a baixo custo. Não há mais espaço para que as cortesãs sejam cortejadas, não há mais requinte, apenas dinheiro. As Belas Nuvens teriam dado o fora, mas os bandidos lhes ofereceram dinheiro extra para permanecer, e agora elas estão aprisionadas na armadilha das dívidas. A gangue fez de Ovo Rachado um criado comum, e agora os clientes da casa são burocratas arrogantes e negociantes que acabaram de enriquecer com empresas insignificantes. Estes homens hoje recebem a atenção das mesmas garotas que antes eram assediadas por gente muito mais importante. Não há maneira mais rápida de acabar com a reputação de uma casa do que permitir que subalternos compartilhem as mesmas vaginas com seus patrões. A água corre para a vala mais baixa.

– Eles não têm o direito – disse eu, mais de uma vez.

– Somente os americanos pensam que têm direitos – respondeu Cabaça Mágica. – Quais são as leis do céu que lhes dão mais direitos e permitem que vocês os mantenham para sempre? São só palavras no papel inventadas por homens. Um dia, podem ser esquecidas tão facilmente quanto foram escritas.

Ela pegou minhas mãos.

– Violet, preciso lhe contar sobre algumas mensagens trocadas daqui com São Francisco. Alguém enviou uma carta para sua mãe dizendo que era do consulado americano, com a informação de que você morreu em um acidente, atropelada ou coisa assim. Incluíram na correspondência um atestado de óbito cheio de carimbos e selos citando seu nome verdadeiro, e não aquele que Fairweather afirmou que lhe daria. Sua mãe enviou um telegrama a Pomba Dourada para perguntar se era verdade. E Pomba Dourada teve de decidir se contava que o atestado de óbito era falso ou se mentia para poupar as Belas Nuvens, você e ela mesma de serem torturadas, mutiladas ou até assassinadas. Realmente não havia escolha.

Cabaça Mágica retirou uma carta da manga do casaco. Li o texto sem respirar. Vinha de

minha mãe. A carta divagava sobre seus sentimentos ao receber a notícia de minha morte, sua descrença, sua agonia à espera da confirmação de Pomba Dourada.

Estou atormentada pela suposição de que Violet acreditasse que eu a havia abandonado deliberadamente. Pela hipótese de que essa ideia infeliz tenha sido seu último pensamento antes de morrer!

Eu fervia por dentro. Ela escolheu acreditar que eu havia embarcado porque estava ansiosa para navegar rumo à nova vida com Teddy e Lu Shing. Pedi que Cabaça Mágica me desse papel para que pudesse escrever uma carta em resposta. Eu diria a Mamãe que suas mentiras e falsa tristeza não me iludiam. Cabaça Mágica me falou que qualquer carta ou telegrama meus jamais sairiam de Xangai. Os bandidos fariam de tudo para assegurar isso. A carta de Pomba Dourada só chegou às mãos de minha mãe porque continha as mentiras que eles a obrigaram a escrever.

EU ME TORNEI uma garota diferente, uma garota perdida sem uma mãe. Não era americana nem chinesa. Não era Violet, Vivi ou Zizi. Passei a habitar o espaço invisível feito de minha própria respiração – como não se podia vê-lo, ninguém conseguiria arrancar-me dali.

Por quanto tempo minha mãe ficou esperando de pé na popa do navio? Fazia frio no convés? Ela teria sentido falta da estola de raposa que ficou na minha valise? Será que ela foi capaz de esperar até que sua pele se arrepiasse, antes de desistir e entrar na cabine? Quanto tempo levou para escolher o vestido para seu primeiro jantar no mar? Foi o de tule e renda? Quanto esperou na cabine pelas batidas na porta que nunca aconteceram? Quantas horas permaneceu acordada, deitada sobre a cama e encarando a escuridão? Ela viu meu rosto no breu? Ela imaginou o pior? Teria ficado em claro até o sol nascer ou dormiu até depois do meio-dia? Por quantos dias se desesperou ao notar que ficava onda após onda mais distante de mim? Em quanto tempo chegou a São Francisco, seu lar? Qual seria a duração da viagem pela rota mais rápida? E pela mais lenta? Quanto teve de esperar até ter Teddy em seus braços? Quantas noites sonhou comigo ao dormir no quarto com paredes amarelas como o sol? A cama ainda estaria ao lado da janela que dava para uma árvore cheia de galhos? Quantas aves ela contou, sabendo que seriam os pássaros que eu deveria estar vendo?

Quanto tempo demoraria para voltar de navio? Quanto tempo pela via mais rápida, pelo caminho mais lento?

Como passaram devagar aqueles dias em que eu esperava para saber qual caminho ela tomaria. Como foi longo o período em que os navios mais lentos chegavam e partiam daqui, todos eles, um a um.

NO DIA SEGUINTE, eu me mudei para o quarto de Cabaça Mágica. Tive de segurar o choro enquanto minha amiga arrumava sua bagagem. Ela ergueu com as mãos o vestido de minha mãe e as duas pinturas enroladas e perguntou se poderia levá-los. Assenti com a cabeça. E então ela se foi. A única parte que restava de meu passado era Carlota.

Uma hora mais tarde, Cabaça Mágica irrompeu no quarto.

– Não vou mais embora, afinal – ela anunciou –, graças aos dedos pretos da velha abetarda.

Ela havia bolado um plano há dois dias e agora, orgulhosamente, revelava como tinha sido bem-sucedida. Pouco antes de partir, ela se reuniu com Mamãe Ma na sala comum para liquidar suas dívidas. Quando a madame começou a fazer suas contas no ábaco, Cabaça Mágica deu o alarme.

“Eu disse a ela: ‘Ai-ya! Seus dedos! Eles pioraram, olhe só. Isso é terrível. Você não merece esse infortúnio de saúde’. A velha abetarda levantou as mãos e explicou que sua cor se devia aos comprimidos de fígado que ela tomara. Eu disse que ficava aliviada, porque achava que o motivo era outro e estava quase a ponto de lhe sugerir que experimentasse o tratamento com mercúrio. É claro que ela sabe tão bem quanto qualquer um que o mercúrio é usado nos casos de sífilis. Então ela me disse: ‘Nunca tive varíola sífilítica, não comece a espalhar rumores de que estou doente’.

“Eu a tranquilizei: ‘Tenha calma. Minhas palavras só saltaram da minha boca por causa de uma história que acabei de ouvir sobre Caqui, uma cortesã que já trabalhou aqui no Salão da Tranquilidade. Parece que já faz tempo, cerca de vinte anos atrás, mas a senhora, mamãe, já estava aqui. Um dos clientes passou a doença para ela, que até se livrou das feridas de início. Mas depois elas voltaram, e seus dedos escureceram, assim como o seus’.

“Mamãe Ma falou que não conheceu nenhuma cortesã chamada Caqui no Salão da Tranquilidade. Claro que não conheceu. Foi uma invenção minha. Passei a dizer, então, que talvez se tratasse de uma criada e não de uma cortesã, por isso não era de admirar que madame não se lembrasse dela pelo nome. Eu a descrevi como uma moça de rosto com formato de caqui, olhos pequenos, nariz largo, boca pequena. A velha abetarda insistiu que sua memória era melhor do que a minha. Mas, logo em seguida, as nuvens das recordações se dissiparam”. ‘Era uma garota gordinha, de pele escura, que falava com sotaque de Fujian?’, ela perguntou.

“Eu confirmei: ‘É, é essa a garota!’. Daí comecei a contar que um cliente costumava escapar pela porta dos fundos para usufruir dos favores dessa criada, mais baratos do que os de uma cortesã. Ela precisava do dinheiro porque o marido era um beberrão viciado em ópio e seus filhos passavam fome. Mamãe Ma e eu resmungamos um pouco a respeito de empregadas traiçoeiras. Daí eu ressaltei que o cliente de Caqui também tinha sua parcela de culpa nessa história. Ele se chamava Comissário Li e, segundo as fofocas, era amante secreto de uma das cortesãs. Ao ouvir isso, a velha abetarda enrijeceu as costas em posição de alerta. Era sabido entre as antigas cortesãs que a velha abetarda tinha tomado o comissário como amante”.

“A mamãe se lembra desse homem?”, perguntei. Ela tentou disfarçar seu incômodo.”

“Era um homem importante. Todo mundo o conhecia’ respondeu”.

“Então, eu avancei um pouco mais. ‘Se ele era chamado de Comissário, onde é que trabalhava?’.”

“E ela disse: ‘Tinha algo a ver com os bancos estrangeiros. Ganhava um monte de dinheiro para aconselhá-los’.”

“Daí eu aproveitei a deixa: ‘Que estranho. Ninguém me disse isso. Será que ele só contou para você, mamãe?’.”

“Ela se apressou a negar: ‘Não, não, ele não me contou nada. Ouvi isso de alguém’.”

“Pus um ar de desconfiança em meu rosto antes de prosseguir: ‘Gostaria de saber quem disse isso. Os rumores sobre ele e Caqui se espalharam na época, mas todo mundo achava que ele era importante demais para ser confrontado. Uma das antigas cortesãs admitiu que, se ele dissesse que tinha dez metros de altura, todos concordariam, por medo de questioná-lo. Ele se sentava à mesa com as pernas bem abertas e armava uma carranca no rosto, como se fosse o duque dos céus e das montanhas’. Na verdade, esse é o jeito de sentar de todos os homens importantes, então é claro que ao falar disso devo ter despertado algumas lembranças na mente da madame.”

“A velha abetarda disse: ‘Por que eu me lembraria disso?’.”

“Para escapar da armadilha, acrescentei: ‘Acontece que ele era uma farsa, não um comissário de verdade’.”

“Madame pulou da cadeira com uma exclamação: ‘*Wah!*’. Mas de imediato voltou a fingir que aquela história não significava nada para ela. ‘Um inseto mordeu minha perna, foi por isso que pulei desse jeito’, mentiu. E, para reforçar a pantomima, coçou a pele da perna.

“Eu lhe dei mais motivos para se coçar: ‘Dizem que ele nunca veio com os amigos para promover suas próprias festas. Lembra disso? Mas as pessoas o esperavam para convidá-lo para as festas delas assim que ele chegava. Era uma honra! Todo mundo queria agradá-lo. Uma das cortesãs ficou tão impressionada com seu título que chegou a se desfazer dos próprios bens na crença de que ele iria transformá-la em Sra. Comissária. Ela o levou para o quarto sem nem sequer desconfiar que ele já tinha se deitado com Caqui poucos momentos atrás’.

“Os olhos da velha abetarda se arregalaram. Comecei a sentir um pouco de pena, mas tinha de seguir em frente. ‘E é ainda pior do que isso’, e continuei contando fofocas sobre o Comissário Li em torno de fatos que ela certamente lembraria. ‘Sempre que dividia a cama com essa cortesã, ele dizia para ela anotar na conta dele a taxa normal de três dólares – tudo seria pago numa festa que ele promoveria, embora nunca tivesse organizado nenhuma. Ele alegava que não queria que ela perdesse dinheiro por passar tanto tempo em sua companhia, quando poderia estar faturando com outros pretendentes. Qualquer um pensaria que ele era de uma generosidade incrível. Até o Ano-Novo, sua conta estava em cerca de duzentos dólares. Como você sabe, é praxe entre os clientes da casa liquidar suas dívidas nesse dia. Mas ele nunca fez. Foi o único a nunca pagar. Jamais mostrou seu rosto aqui outra vez. Uma conta de duzentos dólares em fodas’.

“Vi a boca da velha abetarda trancar-se em uma expressão de amargura. Acho que ela estava tentando conter-se para não amaldiçoar o antigo amante. Daí eu acrescentei o que sabia que ela estava pensando: ‘O pau de homens como esse devia murchar até cair’. Ela assentiu com a cabeça vigorosamente. Continuei. ‘Dizem que o único presente que a cortesã dele ganhou foram as feridas sifilíticas. As pessoas presumiram que a doença fosse dele, uma vez que a criada Caqui também tinha sido contagiada – uma ferida na boca, depois outra na bochecha e quem sabe em quantos lugares mais que ficavam escondidas’.

“O sangue sumiu do rosto da velha abetarda, que retrucou: ‘Talvez a sífilis tenha sido passada pelo marido da empregada’.

“Aquilo me pegou de surpresa, de modo que tive de pensar rápido. ‘Todo mundo sabia que o velho beberrão mal podia se inclinar para o lado da cama na hora de mijar. Era um

saco de ossos. Mas que diferença fazia quem contagiou quem? No final, ambos tinham sífilis, e todo mundo achou que a cortesã também, embora provavelmente nem soubesse. Caqui bebia chá mahuang todos os dias, sem sucesso. Quando começou a soltar pus pelos mamilos, ela os cobriu com mercúrio e ficou muito doente. Depois que as feridas secaram, ela pensou que estava curada. Mas seis meses atrás suas mãos ficaram pretas, e então ela morreu’.

“A velha abetarda me olhou como se um pote tivesse caído sobre sua cabeça. Realmente senti pena dela, mas eu tinha de ser implacável. Precisava me salvar. De qualquer forma, parei por ali, ainda que tivesse planejado acrescentar que alguém ouvira falar que o Comissário das Mentiras também falecera da doença das mãos pretas. Só expliquei, enfim, que aquela era a razão pela qual havia me impressionado com o estado das mãos dela. Madame resmungou que não tinha nada a ver com doença, só com os malditos comprimidos para o fígado. Fiz um olhar compreensivo e propus pedir a um médico que verificasse seus dedos a fim de livrá-la do problema, uma vez que aqueles comprimidos não lhe faziam bem. Concluí: ‘Espero que ninguém acredite que você tem a varíola. Mentiras se espalham rápido demais. Se as pessoas a virem tocando as garotas com os dedos pretos, podem fofocar que a casa inteira está contaminada. Daí os burocratas da saúde pública vão vir aqui fechar a casa até examinar todo mundo e garantir que o lugar está limpo. Quem quer isso? Eu não ia querer ninguém me espiando de graça, a pretexto de me examinar. E ainda que todas nós estejamos limpas, esses bastardos corruptos vão pedir dinheiro para não denunciar a casa num relatório’.”

“Deixei esses comentários pairando no ar antes de dizer aquilo que desejava o tempo todo. ‘Mamãe Ma, acaba de me ocorrer que posso ajudá-la a evitar que esse rumor se inicie. Até conseguir corrigir seu desequilíbrio no fígado, deixe-me servir de professora e assistente de Violet. Posso ensinar a ela todas as coisas que sei. Como você se lembra, fui uma das dez maiores Belas de meu tempo’.”

“A velha abetarda cedeu. E assentiu com a cabeça, fracamente. Para garantir, eu ainda falei: ‘Pode ter certeza de que, se essa pirralha precisar de correção, vou ser rápida em lhe aplicar uma surra. Sempre que a ouvir gritando por misericórdia, vai saber que estou fazendo bons progressos’.”

– O que acha disso, Violet? Inteligente, não? Agora, tudo o que você tem a fazer é ficar perto da porta uma ou duas vezes por dia, pedindo perdão aos gritos.

NÃO HOUVE UM único momento em que tenha aceitado o fato de me tornar uma cortesã. Eu apenas deixei de lutar tanto contra isso. Era como alguém na prisão prestes a ser executado. Parei de atirar no chão as roupas que me davam. Eu simplesmente as vestia, sem protestar. Quando recebi jaquetas de verão e calças de seda leve, fiquei contente com seu conforto e frescor. Mas não tive qualquer prazer com suas cores ou estilo. O mundo era maçante. Eu não sabia o que acontecia fora daquelas paredes, se ainda havia manifestantes nas ruas, se todos os estrangeiros tinham sido expulsos. Eu era uma garota americana sequestrada em meio a uma história de aventura cujos últimos capítulos tinham sido arrancados.

Um dia, quando chovia forte, Cabaça Mágica me questionou:

– Violet, quando era pequena você fingia ser uma cortesã. Flertava com os clientes, atraía seus favoritos. E agora você vem me dizer que nunca imaginou ser uma de verdade?

- Eu sou americana. Garotas americanas não se tornam cortesãs.
- Sua mãe era a madame de uma casa cortesã de primeira classe.
- Ela não era cortesã.

– Como você sabe disso? Todas as madames chinesas começaram como cortesãs. De que outra forma elas aprenderiam o negócio?

Eu me enojava só de pensar. Ela poderia ter sido mesmo uma cortesã – ou pior, uma prostituta comum da região do porto. Ela não era casta. Ela tinha amantes.

- Ela escolheu a vida dela – eu disse, por fim. – Ninguém disse a ela o que fazer.
- Como sabe que ela escolheu entrar nessa vida?
- Mamãe nunca teria permitido que alguém a forçasse a fazer qualquer coisa – falei, completando em pensamento: “E veja só o que me aconteceu”.
- Você despreza os que nunca puderam escolher o que fazer na vida?
- Tenho pena deles – disse. Eu me recusava a me incluir nesse lamentável contingente.

Eu iria escapar.

- Tem pena de mim? Conseguir respeitar alguém por quem tem pena?
- Você me protege e sou muito grata por isso.
- Isso não é respeito. Você acha que somos iguais?
- Você e eu somos diferentes... pela raça e pelo país a que pertencemos. Não podemos esperar o mesmo da vida. Portanto, não somos iguais.
- Quer dizer, eu tenho de esperar menos da vida do que você.
- Isso não é culpa minha.

De repente, seu rosto ficou vermelho.

– Eu não sou pior do que você! Sou melhor. Posso esperar por mais, ao contrário de você. Sabe como as pessoas vão vê-la a partir de agora? Olhe para meu rosto: vai ser assim. Você e eu não somos melhores do que os atores, os cantores de ópera e os acrobatas. Agora, esta é a sua vida. Antes, o destino a fez americana. Agora, o destino levou isso embora. Você é a metade bastarda de seu pai, o que quer que ele fosse – han, manchu, cantonês. Você é uma flor que vai ser arrancada do chão uma vez, e outra e mais outra. Você agora está no degrau mais baixo da sociedade.

– Eu sou americana e ninguém pode me forçar a mudar isso, mesmo que esteja aqui contra a minha vontade.

– Oyo! Pobre Violet, é a única no mundo cujas circunstâncias mudaram contra a sua vontade. – Cabaça Mágica se sentou e continuou a fungar de raiva, lançando-me olhares de repugnância. – Contra a sua vontade... ninguém pode me forçar... Oyo! Que sofrimento ela está passando... Você é igual a todas aqui, porque agora tem as mesmas preocupações. Talvez eu devesse fazer o que prometi a Mamãe Ma e lhe dar uma surra para que você aprenda qual é o seu lugar. – Ela emudeceu e eu fiquei aliviada com o fim do discurso.

Mas ela voltou a falar, agora com uma voz suave e triste, em um tom quase infantil. Desviando o olhar para o vazio, lembrou-se de quando suas circunstâncias mudaram.

Cabaça Mágica

Eu tinha cinco anos, era uma menininha, quando meu tio me levou para longe de minha família e me vendeu como escrava à mulher de um comerciante. Meu tio contou que estava

apenas cumprindo ordens do meu pai e da minha mãe. Até hoje não acredito que era verdade. Se acreditasse, meu coração ficaria completamente amargo e frio. Talvez meu pai até quisesse se livrar de mim. Mas minha mãe deve ter ficado angustiada quando deu por minha falta. Tenho certeza que ficou. Tenho uma lembrança de que ficou. Mas como poderia ter essa lembrança se não a vi mais depois de ter sido vendida? Venho pensando nisso por muitos anos. Se minha mãe realmente não me queria, por que aquele filho da puta me levou embora no meio da noite? Por que ficou se esgueirando na escuridão?

Eu chorei ao longo de todo o caminho até a casa do rico comerciante. Meu tio negociou minha venda como se eu fosse um leitão que cresceria gordo e saboroso. O mercador tinha uma esposa, como resultado de um casamento arranjado, e três concubinas. A concubina do meio, chamada de terceira Esposa, era a primeira no coração dele. Foi ela quem me tomou como criada. O comerciante, logo descobri, arranjava desculpas para ir ao quarto dela com mais frequência do que aos outros. Olhando para trás, parece estranho que ela exercesse tamanho poder sobre ele. Ela era a mais velha entre aquelas mulheres. Seus seios e lábios eram maiores do que o ideal. Seu rosto não era delicado. Mas havia algo nela que hipnotizava o marido. Ela falava com a cabeça ligeiramente inclinada e com uma maciez melodiosa na voz. Sabia dizer a coisa certa para acalmar a mente dele, para reanimá-lo. Ouvi as outras concubinas dizerem que ela viera de um bordel em Soochow e havia trançado as pernas em torno de mil homens, tendo sugado o cérebro e o bom senso de cada um deles. Como elas tinham muita inveja da minha patroa, não dava para saber se era fofoca ou verdade.

Tal como minha senhora, eu não nasci com grande beleza. Os olhos grandes eram a minha melhor característica. Os pés grandes, a pior. Eles eram enfaixados como de costume, mas estouraram as faixas logo depois que cheguei à casa do mercador. Ninguém percebeu, pois eu só andava na ponta dos pés, e eu não contei a ninguém porque não queria mais enfaixá-los. Ao contrário das outras criadas, eu não era só obediente, mas também ansiosa por agradar a patroa. Sentia orgulho de ser a empregada da favorita do comerciante, da mais valorizada das esposas. Eu colhia flores de ameixa para ela colocar no cabelo. Cuidava para que seu chá estivesse escaldante. Trazia-lhe amendoim cozido e outros petiscos ao longo do dia.

Por conta desse comportamento, minha senhora decidiu que no futuro eu poderia ser uma concubina adequada para um de seus filhos mais jovens – não como segunda esposa, mas talvez terceira. Imagine, eu sendo chamada de Terceira Esposa! A partir de então, ela passou a me tratar com mais gentileza, dando-me o melhor que havia para se comer. Ganhei roupas mais bonitas, casacos e calças muito benfeitos. Ela corrigia meus modos e o jeito com que me expressava, para me preparar como concubina. E é o que eu teria me tornado, se o mercador, aquele filho da puta, um dia não tivesse me mandado tirar a roupa para poder ser o primeiro a me usar. Eu tinha nove anos. Não podia recusar. Aquela era a minha vida: obedecer ao senhor da casa porque minha patroa obedecia a ele. Quando acabou, eu sangrava e mal conseguia ficar de pé, quase desmaiando por causa da dor. O patrão mandou que eu fosse pegar toalhas quentes e me fez limpá-lo, para remover de seu corpo todos os meus vestígios.

Sempre que ele visitava minha senhora, eu ficava do lado de fora do quarto, esperando. Conseguia ouvir as provocações dela em voz alta e os murmúrios sufocados dele: “Isso é

bom, isso é bom. Suas pregas molhadas são como uma flor de lótus branca”. Ele gostava de falar sobre os órgãos sexuais, dele e dela. Enquanto ele grunhia, ela dava gritinhos de menina, num misto de medo e prazer. Em seguida, ambos se calavam e eu corria para pegar as toalhas quentes, de modo que pudesse entregá-las assim que fossem solicitadas pela minha patroa.

Então, eu fingia não ver o patrão por trás da cortina transparente que envolvia a cama. Eu via as sombras da minha senhora limpando o marido. Ela jogava as toalhas sujas no chão, e eu me apressava a recolhê-las, nauseada pelos cheiros dos dois. Daí, tinha de voltar e esperar. Quando minha patroa saía, eu entrava. Ele me deitava de costas ou de barriga para baixo e fazia o que queria. Às vezes, eu desmaiava de dor. Isso passou a fazer parte das minhas circunstâncias. Abrir minhas pernas, trazer toalhas quentes, remover meu cheiro do corpo dele e só então voltar ao meu quarto para esfregar o cheiro dele para fora de mim.

Aos onze anos fiquei grávida, e foi assim que minha patroa descobriu o que seu marido fazia comigo. Ela não culpou nem a mim nem a ele. Muitos patrões fazem isso com criadas. Ela simplesmente disse que eu não era mais adequada para ser concubina de seu filho. Outra empregada, então, trouxe um caldo e despejou-o num tubo de vidro longo, que foi inserido em mim. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo até sentir que aquilo me furava por dentro. Comecei a gritar, e alguns criados homens tiveram de me segurar. Mais tarde, tive cólicas terríveis por dois dias até meu corpo expelir uma bola sangrenta. Desmaiei. Acordei febril, agonizando. Minhas entranhas estavam para fora, tão inchadas que achei que o bebê, em vez de ser expulso, havia crescido. Descobri, mais tarde, que a criada tinha me costurado com pelo de rabo de cavalo para que eu pudesse fingir ser desvirginada outra vez. Mas agora o pus se acumulava no local onde deveria haver um bebê.

Durante meus dias de febre não pude sair da cama. Às vezes, ouvia as pessoas dizerem que eu estava verde e que morreria em pouco tempo. Eu já tinha visto um cadáver verde uma vez, e me imaginei com a mesma aparência. Eu teria medo de mim mesma. “Fantasma verde, fantasma verde”, eu dizia. O patrão veio me ver. Ao perceber sua presença através das fendas de meus olhos, gritei de medo. Pensei que seria estuprada de novo. Ele parecia nervoso e disse palavras suaves, afirmando que sempre tentou cuidar bem de mim e que eu deveria me lembrar que nunca apanhei dele. Talvez ele me achasse estúpida a ponto de ficar agradecida e não voltar para assombrá-lo como fantasma. Eu já tinha prometido a mim mesma que o faria. Um médico chegou e ordenou que amarrassem meus braços e pernas, antes de inserir em meu corpo remédios que me queimavam como rochas incandescentes. Implorei que me deixassem morrer. A febre parou depois de uma semana, e a patroa me deixou ficar lá por mais um mês, até minhas entranhas voltarem para o lugar e o pelo de rabo de cavalo sumir. Então ela me vendeu para um bordel. Felizmente, foi para uma casa de primeira classe, na qual ela havia trabalhado antes de o comerciante tomá-la como concubina. A madame de lá me inspecionou de alto a baixo e enfiou o dedo na abertura da minha vagina. Ficou convencida de que eu era intocada.

Ganhei o nome de Gota de Orvalho. Todo mundo dizia que eu era muito inteligente, porque rapidamente aprendi a cantar e a recitar poesia. Os homens me admiravam, mas não me tocavam. Falavam que eu era preciosa, uma florzinha – um monte de coisas que me fizeram realmente feliz pela primeira vez na vida. Eu estava tão faminta de afeto que nem

conseguia digerir tudo o que recebia. Quando eu tinha treze anos, minha defloração foi vendida a um rico erudito. Tive medo de que ele descobrisse a verdade. E se percebesse que eu tinha sido costurada? Certamente ficaria com raiva e me espancaria até a morte, e, ainda que não fizesse isso, a madame que se encarregaria de me bater até me matar. Mas o que eu poderia fazer?

Quando o erudito enlaçou meus quadris, juntei minhas pernas com medo de logo ser desmascarada. Mas quando ele finalmente rompeu a abertura cerzida a pelo de cavalo, foi tão doloroso quanto da primeira vez. Gritei e chorei lágrimas genuínas. O sangue se derramou. Mais tarde, ao inspecionar os danos que havia causado, ele encontrou o fio que denunciava a farsa.

“Ah, nos encontramos de novo”, exclamou ele olhando para o pelo de cavalo. Não era a primeira vez que o ardil tinha sido aplicado contra ele. Tremendo e chorando, contei-lhe que o patrão de minha antiga casa me mandava buscar toalhas quentes quando eu tinha nove anos, e que a minha patroa me costurou depois que o bebê saiu.

Balbuciei detalhes sobre minha febre e como eu quase me tornara um fantasma verde.

O erudito levantou-se e vestiu-se. A criada trouxe toalhas quentes, e ele disse que iria se limpar por conta própria. Parecia triste. Depois que saiu, esperei pela madame e pela surra que iria tomar. Imaginei que seria expulsa. Em vez disso, ela veio até mim e examinou o sangue na cama. “Sangrou muito!”, exclamou, com voz satisfeita.

Ela me passou um dólar e disse que o erudito havia dado aquele presente extra para mim. Era um homem muito gentil, e fiquei triste ao saber que morreu alguns anos depois, de uma febre alta.

Então, isso é ser sequestrada e depois levada para o submundo dos vivos. Você não é a única. Um dia, se sua defloração acontecer aqui ou nos braços de um amante ou marido, você provavelmente não vai precisar que um rabo de cavalo faça parte de seu leito conjugal.

UM MÊS DEPOIS de Cabaça Mágica ter contado a história da sífilis para Mamãe Ma, a velha voltou a piorar e todos concordaram que talvez ela não durasse até o Festival da Primavera. Não só os dedos permaneceram pretos como também as pernas escureceram. Por causa da história criada por Cabaça Mágica, ela realmente temia sofrer da doença. Nós não sabíamos o que ela realmente tinha. Talvez fossem os comprimidos de fígado. Talvez fosse mesmo a sífilis.

Um dia, a criada da velha abetarda veio até a sala comum quando tomávamos o café da manhã. Ela nos contou que, mais cedo, enquanto carregava o penico da patroa, deu um tropeção e algumas gotas da urina lhe atingiram o rosto e a boca. O gosto era doce. Outra empregada havia dito que um ex-amante também tinha xixi doce e que, da mesma forma, possuía mãos e pés escuros. Descobrimos, então, que a madame sofria da doença do açúcar no sangue.

Um médico chegou e, sob protestos de Mamãe Ma, arrancou as faixas que cobriam suas lesões. Seus pés apresentavam um tom preto esverdeado e escorriam pus. Ela se recusou a ir para o hospital. Assim, o médico amputou seus pés ali mesmo. Ela não gritou. Ela perdeu o juízo.

Três dias depois, fui chamada para me sentar com ela no jardim, onde arejava as pernas

sem pés. Eu tinha ouvido falar que ela vinha tentando se redimir com todo mundo. Acreditava que a doença havia sido causada por seu carma e que talvez não fosse tarde demais para reverter as coisas.

– Ah, Violet – disse ela docemente. – Soube que você aprendeu boas maneiras. Não coma muitos alimentos gordurosos. Isso pode arruinar sua compleição. – Ela tocou no meu rosto com suavidade. – Você está tão triste. Manter falsas esperanças é prolongar a infelicidade. Assim você vai crescer odiando tudo e todos, e a loucura é certa. Já fui como você. Eu era filha de uma família de eruditos e aos doze anos fui sequestrada e levada para uma casa de cortesãs de primeira classe. Resisti, chorei e ameacei me matar tomando veneno de rato. Mas, então, passei a ter clientes muito agradáveis, patronos gentis. Eu era a favorita de muitos. Tinha muitas liberdades. Aos quinze anos, minha família me resgatou. Fui levada para longe e, como já não era pura, me arranjaram uma posição de concubina de um homem gentil, mas que possuía uma mãe cruel. Era pior do que ser escrava! Fugi e voltei para a casa de cortesãs. Fiquei muito feliz e grata por retornar à boa vida. Até mesmo meu marido ficou contente por mim e se tornou um de meus melhores clientes. Esta é a bela história que, um dia, você pode contar a uma jovem cortesã sobre sua própria vida.

Como qualquer garota poderia achar que aquela era uma vida de sorte? E, no entanto, se eu fosse chinesa e comparasse todas as minhas possibilidades de destino, eu também poderia acreditar ao longo do tempo que era uma sorte estar ali. Mas eu era apenas metade chinesa. E a minha metade americana ainda acreditava que havia outras opções.

O médico retornou poucos dias depois e amputou uma perna de Mamãe Ma. No dia seguinte, decepou a outra perna. Sem poder se deslocar, ela passou a ser carregada de um lado para outro em um pequeno palanquim. Uma semana depois, perdeu os dedos negros e, em seguida, as mãos. Parte após parte foi retirada até não sobrar nada além do tronco e da cabeça. Ela dizia a todos que não ia morrer. Ela afirmava que queria viver para poder nos tratar bem, como filhas. Ela prometia nos mimar. Conforme enfraquecia, tornava-se mais amável e gentil. Distribuía elogios. Louvava o talento musical de Cabaça Mágica.

De um dia para outro, Mamãe Ma não lembrava mais quem eu era. Não lembrava mais nada. Tudo havia desaparecido, como palavras engolidas pela respiração. Ela falava em meio aos sonhos e gritava que os fantasmas de Caqui e do Comissário Li tinham vindo para levá-la ao inferno.

– Disseram que estou quase tão preta quanto eles e que nós três vamos viver juntos, consolando um ao outro. Então, estou pronta para ir.

Cabaça Mágica sentiu-se muito mal por Mamãe Ma seguir acreditando naquela mentira até o fim.

– *Shh, shh* – disse ela para a madame. – Vou lhe trazer uma sopa para sua pele voltar a clarear.

Mas, pela manhã, a velha senhora estava morta.

– Dificuldades podem endurecer até a melhor das pessoas – disse Cabaça Mágica. – Lembre-se, Violet. Se eu acabar desse jeito, lembre-se das coisas boas que lhe fiz e esqueça as feridas.

Enquanto lavava o corpo de Madame Ma para prepará-la para o outro mundo, ela agradeceu: “Mamãe, vou sempre me lembrar que você disse que eu tocava cítara especialmente bem”.

POMBA DOURADA VEIO para a mansão uma semana depois da morte de Mamãe Ma. Fazia apenas cinco meses que eu não a via, mas ela parecia ter envelhecido muito. Senti um lampejo de raiva de início. Ela tivera a oportunidade de informar minha mãe que eu estava viva. Ao não aproveitá-la, eliminou minha chance de ser salva. Eu estava prestes a pedir que escrevesse de novo para minha mãe quando me dei conta de minha atitude de criança egoísta. Nunca houve uma oportunidade real para ela me salvar. Todos nós teríamos sofrido as consequências. Desde a chegada ao Salão da Tranquilidade, eu tinha ouvido muitas histórias sobre gente que acabou morta por contrariar a vontade da Gangue Verde. Então, simplesmente caí nos braços de Pomba Dourada sem dizer nada. Ela sabia da vida que eu tivera com a minha mãe. Ela sabia de todas as maneiras pelas quais eu fui espoliada. Ela sabia o quanto eu tinha sofrido quando criança, acreditando que minha mãe não me amava mais.

Durante o chá, ela nos disse que nossa casa havia perdido o brilho. Havia montes de sujeira pelos cantos, os lustres acumulavam camadas de poeira. Depois de apenas alguns meses, o mobiliário ficou surrado, e tudo o que era incomum e ousado na mansão de minha mãe tornou-se apenas estranho. Imaginei meu quarto, minha cama, minha caixa de tesouros de penas e canetas, minhas prateleiras de livros. Revi em minha mente a sala em que tinha aulas, na qual espionei pelas frestas das cortinas das portas de vidro francesas e vi minha mãe e Lu Shing falando baixinho, decidindo o que fazer.

– Estou deixando Xangai – anunciou Pomba Dourada. – Vou para Soochow, onde a vida é mais suave com quem está envelhecendo. Tenho um pouco de dinheiro. Talvez eu abra uma loja de algum tipo. Ou talvez não faça nada além de tomar chá com amigas e jogar *mahjong* como as velhas matriarcas.

Uma coisa era certa em sua cabeça: ela não voltaria a ser a madame de outra casa de cortesãs.

– Hoje em dia, uma madame tem de ser cruel e mesquinha. Tem de botar medo nas pessoas. Se não for dura desse jeito, é melhor abrir as portas e deixar os ratos e os rufiões entrarem para fazer o que quiserem.

Ela me deu notícias de Fairweather. Ele era o tema favorito das conversas entre patronos e cortesãs nas festas. Depois que ele enganou a minha mãe, todos passaram a exaltar como ele era bonito e astuto. Ninguém achou que tivesse feito algo errado. Era só um americano que tinha tapeado uma compatriota. Fiquei magoada ao ouvir como as pessoas se revelavam hostis à minha mãe. Nunca tinha percebido o quanto não gostavam dela.

Em Hong Kong, Fairweather e Nuvem Fofa foram morar em uma casa de campo no meio de uma montanha. Em um mês, devido à compulsão dele para o jogo e ao vício dela pelo ópio, ficaram sem dinheiro. Nuvem Fofa voltou a trabalhar num bordel, enquanto Fairweather mais uma vez tentou enganar um investidor, no caso um magnata estrangeiro ligado a outra gangue criminosa da Tríade.

– Fairweather não conseguiu roubar o dinheiro do ricoço. Mas roubou o coração e a virgindade da filha dele. Todos os boatos apontam na mesma direção: Fairweather foi enfiado de cabeça para baixo em uma grande saca de arroz e, ainda agitando os pés no ar, foi atirado no porto, afundando imediatamente no mar. Imaginar isso me faz mal, mas não a ponto de lamentar saber que ele teve uma morte horrível.

Quando Cabaça Mágica saiu para providenciar mais chá e lanches, Pomba Dourada falou comigo em inglês para evitar ser entendida por eventuais bisbilhoteiros.

– Eu conheço você desde o dia em que nasceu. Você é como sua mãe, de muitas formas. Quase sempre você vê tudo com muita clareza. Mas, às vezes, vê mais do que o que está lá. E, às vezes, também vê muito menos do que deveria. Nunca está satisfeita com a quantidade ou o tipo de amor que recebe. Sempre quer mais e sofre por nunca ter o suficiente. E por mais que as coisas estejam debaixo do seu nariz, você não as vê. Está sofrendo muito agora por não conseguir escapar dessa prisão. Mas vai encontrar uma maneira de sair daqui. Este é um lugar de sofrimento temporário. Só espero que você não sofra para sempre, mantendo o amor fora de seu coração por causa de tudo o que aconteceu. Isso poderia ter acontecido com sua mãe, mas você a salvou depois que ela foi traída. Todo o amor que ela foi capaz de sentir é porque você nasceu e conseguiu abrir seu coração fechado. Um dia, quando deixar este lugar, venha me visitar em Soochow. Eu estarei esperando.

– TIRE SEUS SAPATOS – Cabaça Mágica ordenou. – As meias também. – Ela fez uma careta. – Fique na ponta dos dedos. – Ela suspirou, meneou a cabeça e continuou a olhar para meus pés como se quisesse fazê-los desaparecer apenas com o pensamento.

A nova madame da casa chegaria em dois dias, e Cabaça Mágica estava ansiosa por obter permissão para continuar na casa e, também, parar permanecer como minha assistente. Ela tinha encomendado ao sapateiro um par de sapatos rígidos que me obrigava a apoiar no chão apenas as pontas dos pés. Ela acrescentou bainhas ao calçado para disfarçar os calcanhares e envolveu meus tornozelos com fitas vermelhas. Assim, os sapatos criavam a ilusão de que eu possuía minúsculos pés enfaixados.

– Caminhe pela sala – ela mandou.

Saltei como uma bailarina. Depois de cinco minutos, eu mancava rigidamente como um pato sem pés. Desabei em uma cadeira e me recusei a tentar outra vez por um tempo. Cabaça Mágica beliscou meu braço com força para me fazer levantar. Assim que dei um passo, tombei e derrubei um arranjo de flores e seu vaso.

– Sua dor não é nada comparada com o que eu tinha de suportar. Ninguém me deixava sentar. Ninguém me deixava tirar aqueles sapatos. Eu caí, bati a cabeça e machuquei meu braço. E foi tudo por nada.

Ela ergueu um de seus pés deformados. Era quase tão grande quanto os meus naturais. O peito do pé era uma corcunda.

– Quando fui vendida para a família do mercador, ninguém se preocupou em manter meus pés enfaixados, e na época eu fiquei feliz. Só mais tarde percebi que meus pés ficaram prejudicados de dois jeitos: além de feios, grandes. Quando comecei neste negócio, pés de lírio faziam toda a diferença. Se os meus pés fossem menores, eu poderia ter sido eleita a beleza número um de Xangai. Como usava sapatos como esses seus, só cheguei a ser número seis. – Ela ficou em silêncio por um momento. – É claro que ser a número seis não foi assim tão ruim.

Na parte da tarde, ela tingiu meu cabelo de preto, untou-o com óleo e o puxou com força para que ficasse totalmente liso. Nesse meio tempo, não parou de falar.

– Ninguém está aqui para agradar você. Não espere isso de mim. Você está aqui para agradar aos outros. Você nunca deve desagradar ninguém, nem os homens que vierem

visitá-la, nem a madame, nem suas irmãs flores. Ah, talvez não seja necessário agradar aos criados e criadas. Mas nunca faça com que fiquem contra você. Agradar aos outros facilita sua vida. Desagradar, dificulta. Mostre para a nova madame que você entende isso. Você deve ser a garota que ela quer manter. Uma coisa eu garanto: se for enviada para uma outra casa, sua vida vai piorar. Você não vai subir em popularidade e conforto, só cair, cair e cair. Para cima e para baixo – assim é a nossa vida. Você monta o palco e faz tudo para que os homens a amem. Mais tarde eles vão se lembrar dos momentos a seu lado. Mas não vão se recordar de você, e sim da sensação de que eram imortais, pois o seu papel é fazer com que se sintam deuses. Lembre-se disso, Violet: quando pisa no palco você não é amada por ser quem você é. E quando pisa fora do palco, você provavelmente não será amada por ninguém. – Ela espalhou pó no meu rosto, erguendo finas nuvens brancas. Ela leu meu rosto. – Sei que não acredita em mim agora. – Ela pincelou kohl sobre minhas sobrancelhas e pintou meus lábios. – Terei de dizer essas coisas muitas vezes.

Ela estava errada. Eu acreditei nela. Sabia que a vida podia ser cruel. Já tinha visto a decadência de muitas cortesãs. Acreditava que algo cruel havia acontecido com minha mãe. Era por isso que ela não tinha amor para dar e não podia realmente amar alguém, nem mesmo eu. Só podia ser egoísta. O que quer que acontecesse comigo no futuro, eu não ficaria com ela.

Cabaça Mágica trouxe uma tiara.

– Eu usava isso quando tinha a sua idade. Estas pérolas são minúsculas, mas, com o tempo, você vai ter sua própria tiara, talvez com pérolas de verdade. – Ela ajustou a faixa em torno da parte de trás da minha cabeça e empurrou a joia com firmeza até prendê-la no cabelo.

– Está muito apertado – reclamei. – Está repuxando os cantos dos meus olhos.

Ela deu um tapa de leve no topo da minha cabeça.

– Oyo! Você não consegue aguentar nem um pouquinho de dor? – Ela deu um passo para trás, examinou severamente o resultado e depois sorriu. – Bom. Olhos de fênix, o formato mais atraente. Veja no espelho. Olhos em forma de amêndoa, com os cantos voltados para cima. Não importa o quanto eu puxar para trás os lados de meu cabelo, não consigo fazer um olho de fênix. Isso deve ter vindo da família de seu pai.

Eu não conseguia parar de olhar para mim mesma no espelho, inclinando a cabeça, abrindo e fechando a boca. Meu rosto, onde estava ele? Toquei minhas faces. Por que pareciam maiores? A faixa de cabeça formara um V na minha testa, emoldurando meu rosto em formato bem ovalado. Minhas sobrancelhas também tinham as extremidades voltadas para cima. O centro dos meus lábios foi pintado com um toque de vermelho, e meu rosto estava clareado pelo pó branco. Com esses poucos toques, minha metade ocidental havia desaparecido. Eu me tornara um exemplar da raça que cheguei a considerar inferior à minha. Mexi meus lábios e ergui as sobrancelhas. Eu tinha o rosto de uma cortesã. Nem belo, nem feio, só estranho. À noite lavei esse novo rosto e, quando olhei no espelho, vi como meu cabelo estava preto. Meu verdadeiro rosto ainda estava lá, mostrando aquilo que sempre esteve lá: os olhos de fênix.

No dia seguinte, Cabaça Mágica me ensinou a usar pó e rouge. A mesma máscara chinesa apareceu. Fiquei surpresa, mas não chocada, naquele momento. Já tinha percebido que todas as cortesãs pareciam diferentes depois de maquiar seus rostos para a noite. Elas

usavam máscaras. Durante todo o dia, fui ao espelho olhar para a minha. Adicionei mais pó e pressionei a faixa na cabeça como se quisesse arrancar meus olhos, de tanto repuxá-los. Ninguém, nem mesmo minha mãe, teria me reconhecido.

A NOVA MADAME chamava-se Li, e ela trouxe consigo uma cortesã que havia comprado quando a menina tinha apenas quatro anos. Sob a tutela de Madame Li, Escarlata crescera para se tornar uma afamada cortesã, agora com dezenove anos de idade. Ela ganhou o carinho da senhora, que a chamava de “filha”. Tinham vindo de Soochow, onde Madame Li possuía uma casa de primeira classe. Havia um consenso de que as cortesãs de Soochow eram as melhores. Era a opinião de todos, e não apenas daqueles que frequentavam nosso mundo. As meninas de Soochow tinham jeito suave, agradável de se mover, e suas vozes eram doces e macias. Muitas flores de Xangai mentiam, fingindo ser de Soochow. Mas na presença de uma cortesã realmente vinda de lá, a farsa desmoronava. Madame Li acreditava que poderia ter sucesso ainda maior em Xangai, para onde o dinheiro fluía através do mar. Depois de comprar o Salão da Tranquilidade, de acordo com o costume de dar nome da patroa ou de sua principal estrela para as casas de primeira classe, Madame Li optou por homenagear a filha e rebatizou a mansão como Casa de Escarlata. Era uma boa publicidade, também. Todas as cortesãs foram mandadas embora. Como ainda não era cortesã, fui preservada porque não possuía um histórico de segunda classe a ser apagado. Houve muito choro e xingamentos entre as irmãs flores que partiram, na medida em que seus baús eram revistados para assegurar que não estavam levando peles e vestidos pertencentes à casa. A cortesã Pétala me lançou um olhar de ódio.

– Por que ela ficou com você? Lugar de mestiça é nas ruas, não em uma casa de alta classe.

– Ah é? E quanto à cortesã Brisa? – eu rebati.

Cabaça Mágica tinha me contado recentemente a história dela, para me dar ânimo. Brisa também era parte chinesa e parte americana.

– A quantidade de sangue de cada lado não é conhecida – disse Cabaça Mágica. – E houve outros rumores de que tinha sido não só uma cortesã, mas, no início, uma prostituta comum. Quem quer que fosse, ela trabalhou passo a passo para sempre progredir para um estágio melhor. De acordo com o planejado, ela atraiu a afeição de um homem ocidental rico que a tomou como esposa. Agora, ela é poderosa demais para qualquer pessoa falar abertamente sobre seu passado. Isso é o que você deve fazer. Passo a passo, subir cada vez mais.

Madame Li convidou três cortesãs das casas mais bem classificadas de Xangai. Elas foram atraídas por um acordo que lhes permitia ficar com todo o dinheiro ganho nos primeiros três meses de trabalho, sem compartilhá-lo com a casa.

– Muito inteligente da parte de Madame Li – Cabaça Mágica avaliou. – Essas meninas vão trabalhar duro para tirar proveito do acordo e, com isso, a Casa do Escarlata vai começar a toda.

A decoração e os móveis baratos foram substituídos no primeiro dia por mobiliário mais novo e condizente com a moda. Os quartos das cortesãs passaram por suntuosa remodelação, ganhando muito veludo, seda, lâmpadas de vidro pintadas, cadeiras esculpidas de encosto alto com franjas e cortinas de renda para ocultar a área de toalete e

banheira.

Meu quarto permaneceu igual.

– Você não vai entreter nenhum convidado em seu quarto por pelo menos um ano – explicou Cabaça Mágica –, e ainda temos de pagar aluguel. Por que acumular nossa dívida?

Notei que ela tinha dito “nossa dívida”, deixando claro que também queria dizer “nosso dinheiro”.

– O que tenho nesta sala – ela continuou –, é muito melhor do que as outras meninas tinham. O estilo da decoração é razoável, e está tudo pago – concluiu, apontando o mobiliário deselegante e desgastado.

No segundo dia, estávamos sentadas à mesa com Madame Li e Escarlata. Cabaça Mágica já tinha me avisado para permanecer em silêncio, sob pena de levar um beliscão na coxa.

– Você sabe por que a mantive aqui? – a senhora perguntou para Cabaça Mágica.

– Por causa de sua bondade em acolher esta infeliz criança abandonada e por reconhecer nela uma promessa para o futuro. Somos muito gratas.

– Bondade? *Pah!* Vou mantê-la aqui apenas como um favor para minha velha irmã flor Pomba Dourada, só isso. Devo isso a ela por algo que aconteceu há muitos anos, e ela veio cobrar a dívida de mim quando se mudou para Soochow.

Agora, quem estava em dívida com Pomba Dourada era eu. Madame Li olhou fixamente para mim.

– É melhor você se comportar. Não prometi que você ficaria aqui para sempre.

Cabaça Mágica agradeceu com eloquência. Garantiu que seria uma assistente e tutora digna. Tagarelou sobre sua experiência como cortesã de primeira classe e citou sua classificação como uma das dez mais belas de Xangai.

A madame cortou o discurso.

– Não preciso ouvir mais dessas vanglórias. Isso não vai mudar o fato de que ela é mestiça. E não quero que Violet se gabe para os convidados de que é filha de Lulu Mimi. Todo mundo está rindo da madame branca que caiu na armadilha do amante americano, um condenado que havia fugido da prisão antes de vir para Xangai.

Fairweather, um condenado?

– Como a senhora sabe que... – comecei a falar até sentir o beliscão na perna.

Cabaça Mágica disse para a madame:

– Como pode ver, ela não se parece nada com uma ocidental agora. Ninguém vai reconhecê-la. Nós a chamamos de Violet.

Madame Li fez uma careta.

– E o que fazer com esses olhos verdes? Como explicar isso? Cabaça Mágica já havia preparado uma resposta.

– Isso pode ser uma vantagem literária – respondeu em um tom excessivamente elegante. – O grande poeta e pintor Luo Ping supostamente tinha olhos verdes e viu as qualidades mais profundas do espírito.

Madame Li bufou.

– Ele também viu os fantasmas do outro mundo. – Fez uma pausa. – Não quero pinturas de fantasmas penduradas no quarto dela. Isso assusta qualquer homem.

Escarlate interrompeu.

– Mamãe, sugiro que nós simplesmente expliquemos que o pai dela era um manchu cuja

família vinha do norte. Muitos na fronteira têm sangue estrangeiro e olhos claros. E podemos acrescentar que o pai, já falecido, era um funcionário de alto nível do Ministério das Relações Exteriores. É perto o suficiente da verdade, de qualquer maneira.

Madame Li olhou para mim como se avaliasse se aquelas mentiras se encaixavam no meu rosto.

– Não me lembro de Pomba Dourada nos contando essas coisas – retrucou a senhora.

– Na verdade, ela contou que a mãe do pai da garota tinha sangue manchu, e que o avô havia sido um funcionário de alto nível. O pai foi apenas uma grande decepção para toda a família. Contar a verdade completa, no caso, não é uma vantagem para nós – justificou Escarlate.

Sangue manchu! Uma decepção para a família! Fiquei espantada que Pomba Dourada tivesse dito isso sobre o meu pai. Ela nunca me dera esses detalhes.

– Não devemos citar o Ministério das Relações Exteriores – acrescentou Madame Li. – As pessoas podem brincar que a menina foi fruto de relações com um estrangeiro. Pomba Dourada chegou a dizer qual é o nome do pai?

– Não consegui tirar isso dela – disse Escarlate. – No entanto, nossa explicação já é suficiente para transformar sua dívida com Pomba Dourada em uma oportunidade. Alguns de nossos clientes ainda são leais aos Qing. E uma vez que os imperadores e imperatrizes Qing eram manchu, a história sobre a ascendência da menina pode ser útil. Além disso, as mulheres manchu não costumam enfaixar os pés, o que pode facilmente explicar por que os pés da garota não são pequenos.

– Nós ainda precisamos criar uma história sobre a mãe – lembrou Madame Li –, caso ninguém mais saiba da verdade.

– Podíamos dizer que também tinha sangue manchu – arriscou Escarlate.

– E que se matou depois da morte do marido – adicionou Cabaça Mágica. – Uma viúva honrada, uma inocente órfã.

Escarlate a ignorou.

– Podemos recorrer ao motivo de sempre. Depois da morte do pai, o irmão mais novo dele perdeu toda a fortuna da família no jogo, deixando a viúva e sua filhinha na sarjeta.

Madame Li deu um tapinha no braço dela.

– Sei que ainda é amargurada quanto a isso, mas sou feliz por sua mãe ter vendido você para mim. – A senhora então virou-se para mim. – Você ouviu o que dissemos sobre seu pai e sua mãe? Encaixa na sua cabeça?

Cabaça Mágica falou rapidamente.

– Eu posso testá-la para garantir que aprendeu todos os detalhes de cor, sem cometer erros.

– Ela tem de estar pronta no prazo de um mês para participar de sua primeira festa. Não será ainda um anúncio oficial de que ela é nossa cortesã virgem, apenas uma aparição para despertar a atenção.

Senti como se ela tivesse dito que eu morreria em breve.

– Não se preocupe – disse Cabaça Mágica. – Ela é uma boa menina, e eu vou eliminar qualquer mau comportamento que ainda restar.

Madame Li olhou fixamente para cada uma de nós e, em seguida, relaxou.

– Você pode me chamar de Mamãe Li.

Quando ela saiu, Cabaça Mágica beliscou meu braço.

– Não há nada mais importante do que um bom começo. Você quer uma vida boa? Quer ser de primeira classe? Amanhã mesmo vou começar suas aulas. Um dia, quando for cobiçada por todos e estiver coberta de joias brilhantes, você vai me dizer: “Cabaça Mágica, você estava certa, obrigada por me dar uma vida feliz”.

A etiqueta das belas de alcova

Sobre como Cabaça Mágica ensina a jovem Violet a se tornar uma cortesã popular e a evitar homens avarentos, amores falsos e o suicídio

Xangai

1912

Cabaça Mágica

Você quer acabar com suas entranhas gastas aos dezesseis anos? Claro que não. Então aprenda bem essas lições.

Enquanto ainda é uma cortesã virgem, você deve aprender todas as artes da sedução e dominar o equilíbrio entre expectativa e reticência. Sua defloração não vai acontecer até o Ano-Novo, quando você completa quinze anos, e espero que você tenha muitos pretendentes ardentes até lá porque a Madame está pronta para vender sua florzinha.

Você pode estar pensando: *O que minha assistente, a velha Cabaça Mágica, sabe sobre romance?* Aos dezenove anos, eu era uma das dez cortesãs mais belas de Xangai. E não são muitas as que duram no ofício até os trinta e dois. Então, como você vê, sei mais do que a maioria.

REPUTAÇÃO

Lembre-se sempre, pequena Violet: você está criando um mundo de romance e ilusão. Quando tocar cítara, a música deve ser um acompanhamento divertido ou doloroso de seu poema-canção. Cante para seu pretendente como se ninguém mais estivesse na sala, como se fosse o destino que os tivesse unido naquele momento, naquele lugar. Não se limite apenas a arranhar as cordas de seda ou derramar palavras decoradas através de sua boca. Se sua interpretação não tiver sentimento, você só vai empurrá-lo direto para um bordel qualquer, onde ninguém se preocupa com fantasias ou prelúdios.

A maioria das cortesãs aprende apenas dez poemas-canções ao longo da carreira. Você não vai ser como a maioria. Você será incomum. No próximo ano, vai aprender três

melodias sobre refúgios na montanha, três baladas campestres acerca de donzelas e rapazes que se encontram nas montanhas, três poemas-canções clássicos sobre o retorno da guerra e matar tigres, um canto falado na medida para fazer convidados rirem, alguma coisa animada para celebrações felizes, e um hino de despedida sobre companheiros que se afastam, o que torna o final de uma festa mais caloroso e se estende como um convite para todos se embebedarem de novo.

Você é uma menina educada, portanto, sei que é capaz de aprender rapidamente se for disciplinada. Se quiser se tornar uma das dez melhores cortesãs de Xangai, seu repertório deve ser vasto o suficiente para que cada pretendente recebido em um jantar em sua honra seja brindado com uma música diferente. Quando você cantar, ele vai esquecer todas as outras mulheres. Na hora em que os clientes indicam as dez melhores cortesãs entre todas as casas de primeira classe, você acha que a maioria dos votos é influenciada só pela beleza? A cada mês, então, você vai aprender uma nova música, e seu canto deve soar natural e honesto, como se a canção fluísse de seu coração. Vou acompanhá-la na cítara até suas notas mais agudas não soarem como dois gatos gritando sobre o mesmo rato morto.

Vamos escolher os poemas-canções com cuidado. Ignore os poemas sobre o inverno na montanha, eles nunca são calorosos nem bem-humorados. Já aqueles que têm a ver com o degelo da primavera são bons porque falam de renovação e abundância, o oposto de morte e solidão. Canções sobre o verão dando passagem ao outono são aceitáveis, especialmente se incluem a degustação de frutas de que seu pretendente gosta. Mas certifique-se que a fruta não esteja muito madura, para não correr o risco de ela ter vermes. O som da andorinha fazendo o ninho tem o significado de promessa, mas evite músicas que tenham a ver com a chegada da pega ou a partida da fênix, uma vez que simbolizam más notícias e a retirada da vida.

Mais tarde, quando sua defloração estiver próxima, você vai aprender poemas-canções sobre a morte de meninas bonitas. Sei que parece estranho escolher canções tristes, mas a tragédia abre o coração dolorido e aumenta a saudade, a paixão e o desespero. Um homem fará de tudo para afastar o pesar e sentir a amada de volta em seus braços. Mesmo que nunca tenha perdido alguém que amava, ele vai compartilhar desse sentimento e deitar-se a seu lado como se quisesse se unir ao espírito ausente para deleitar-se, uma vez mais, no auge da paixão. As gorjetas para as amas e criadas ficam especialmente boas quando há músicas trágicas, isso sem falar dos presentes que serão colocados aos seus pés de deusa.

Com o tempo, vamos adicionar ao repertório poemas-canções que falem à consciência da autoimportância de cada homem. O pretendente é um erudito, um homem de negócios ou um político? Essas são canções que você deve interpretar para seu homem na frente dos amigos dele, e, quanto mais canções você souber, melhor poderá cantar louvores – não só aos eruditos, mas ao presidente da universidade; não apenas para o negociante, mas também para o magnata. Há muitos capitães da indústria, e você precisa saber o que se faz em seus ramos de negócio. Ocasionalmente, você pode até ter de entreter o abade de um templo. Isso é fácil, pois ele provavelmente amará as músicas em louvor aos deuses. Quando cantadas com intimismo, as palavras sussurradas soam verdadeiras, e o peito dele vai inchar, sabendo que todos os outros presentes estão ouvindo esses honestos elogios. O efeito é o mesmo para qualquer homem: ele se sente mais poderoso, mais viril, e seu humor se torna mais generoso, ainda mais se tiver bebido muito vinho. Esteja sempre atenta para encher o

copo meio vazio.

Madame disse que você participará de seu primeiro jantar em um mês. Não é sua estreia formal. Madame quer só apresentar você para espalhar as fofocas até a imprensa mosquito. O rumor dos homens presentes à festa vai espalhar a ansiedade entre os outros por novas festas de estreia, noite após noite. Mas não faça nada que dê margem a fofocas picantes – por que você acha que chamam esses jornais de imprensa mosquito? Cada festa vai render novas matérias no *Social Shanghai*. O modo como você se comportar daqui a um mês pode definir o rumo de sua carreira. Não quero que você aja como menininha nem como sedutora. E não mostre sua refinada educação ocidental ou suas opiniões inteligentes. Ao rir, cubra a boca. Você nunca se lembra de fazer isso. Nenhum homem na festa vai querer ver o que é feio dentro de sua boca. Se os homens mais velhos se tornarem impertinentes, chame-os de vovô. Alguns deles vão tentar puxá-la para seus colos. Bastardos. Se isso acontecer, vire-se rapidamente e diga: “O senhor Wu está esperando por nós na East Prosperity Road.” Eu sempre vou dizer isso quanto tiver de livrar você de uma situação indesejável. Então, não cometa a burrice de perguntar quem é o senhor Wu.

A primeira festa vai ser promovida para um homem importante chamado Loyalty Fang. *Importante* quer dizer muito rico. Ele está oferecendo um grande banquete e quer duas cortesãs para cada um dos oito convidados. Isso já demonstra como ele é importante. É bom para você começar na festa de um homem rico. Você vai ver como a competição será acirrada. Todas as quatro belezas da nossa casa estarão lá, e também doze cortesãs de outras casas. Ele perguntou se nossa casa tinha alguma cortesã virgem, e Madame ficou contente ao anunciar que sim, que havia uma nova, fresca e ingênua flor entre nós. O homem, satisfeito, comentou que apreciava a variedade de idades. Talvez ele tenha um gosto especial por virgens. Mesmo assim, não jogue seu charme. Madame está de olho nele como possível marido para Escarlata. Se você cometer pequenos erros de etiqueta dessa vez, todos serão indulgentes. Vão até considerar uma prova de que você é pura e inocente. Mas se for desajeitada, estúpida ou arrogante, lá se vai toda a possibilidade de uma vida confortável: você vai ter sorte se Madame permitir que fique aqui como empregada doméstica, para pagar sua dívida.

Você não deve ser convidada a fazer nada de especial, mas isso não significa que não deva fazer alguma coisa. Primeiro, observe e aprenda com as minhas sugestões. Cumprimente os convidados, pergunte ao cliente que estará sob seus cuidados se ele deseja mais chá ou algum prato em particular, e, em seguida, me informe o pedido. Vou trazer o que ele ordenou. Duvido que o anfitrião lhe peça para proporcionar algum entretenimento aos convidados, pois haverá ali várias cortesãs conhecidas nos salões como boas contadoras de histórias, mas já fui pega de surpresa antes, e não foi nada bom. Só por precaução, tenho uma história que você pode aprender ao longo da próxima semana. Você pode contá-la enquanto eu a acompanho na cítara.

A história é sobre a eterna juventude. Se contada da maneira certa, vai fazer os homens ouvintes desejarem se esfregar em sua juventude, Violet. Mas não vai acontecer esfregação nenhuma, claro, até a data de sua defloração. A história vai servir apenas para você criar uma promessa para o futuro. Imortalidade. O conto vem prometendo imortalidade por mais de mil anos. É chamado de “Flor de Pêssego da Primavera”, e até mesmo uma criança pode recitá-lo.

Por se tratar de uma história contada e recontada várias vezes, você deve usar seu talento especial ao interpretá-la. Muita expressividade – tristeza, espanto, surpresa, arrependimento genuíno, e assim por diante. De vez em quando, faça uma pausa e olhe ao redor, movendo os olhos de um lado a outro para aumentar a expectativa. Quando era jovem, muitos homens disseram que nunca se sentiram tão perto da imortalidade do que quando me ouviram interpretando esse conto. Até as outras cortesãs admitiam isso, e não é costume delas elogiar uma concorrente, a não ser quando movidas pela sinceridade.

Minha versão é mais ou menos assim: um pobre pescador adormece em seu barco, que flutua em uma gruta secreta. Ele emerge do sonho em um paraíso onde as pessoas se vestem e falam no estilo de uma época passada. Elas são livres da guerra e da preocupação, do ódio e da inveja, da doença e da velhice. Há apenas uma estação, a primavera. As moças são todas virgens, o vinho é sempre doce, as peônias estão sempre florindo. Em cada encosta de montanha há árvores cujos ramos se curvam pelo peso de pêssegos carnudos.

“Que lugar é este?”, pergunta o pescador a uma jovem donzela, que responde, “Flor de Pêssego de Primavera”, antes de lhe proporcionar prazeres de maneiras que ele jamais imaginou serem possíveis. (“Com vinho e música”, você deve completar, com ar de inocência; todo mundo vai dar boas risadas.) O tempo não passa nesse paraíso na Terra. Ele se renova, assim como a insaciabilidade do homem. Enfim, o pescador desperta do sonho e se lembra de que todo mundo em casa devia estar preocupado com sua ausência. Ele navega para o lar carregado com deliciosos peixes e frutas para sua mãe, seu pai e sua esposa. E vai dizer a seus amigos para, da próxima vez, o acompanharem naquela utopia. O barco está cheio de vazamentos quando ele alcança sua terra natal. Metade da aldeia foi consumida por um incêndio, o pagode local ruiu e as pessoas se assustam com sua aparência, a barba e os cabelos longos e emaranhados. O pescador descobre que duzentos anos se passaram, três guerras civis foram perdidas e sua família e seus amigos morreram há muito tempo. Pesarosamente, ele retorna ao barco e navega de volta para a gruta. Muitos anos se passam, e ele até hoje continua navegando, sem conseguir reencontrar Flor de Pêssego de Primavera.

Essa é a história que todo mundo conhece, mas eu gosto de acrescentar um final feliz. É assim: o pescador está prestes a se afogar quando vê, na margem do rio, a mesma bela donzela comendo um pêssigo tão enorme que é obrigada a usar as duas mãos para levar a fruta até os lábios cor de cereja. Ela acena para ele, e juntos os dois navegam através da gruta para Flor de Pêssego de Primavera. Lá, nada mudou. As donzelas. Os pessegueiros. O tempo. A alegria. O pescador está novamente jovem e bonito e, é claro, se parece muito com o anfitrião da festa. E a moça se parece com você.

Quando recitei esse final, mencionei os prazeres eróticos de que o homem de sorte iria desfrutar. Todo mundo os conhece. Nadar com o Peixe Dourado, Provar a Melancia, Escalar o Pessegueiro. Com frequência, eram os prazeres que eu já havia descoberto que eram amados pelo anfitrião. Claro que, enquanto você for uma cortesã virgem, não deve mencionar detalhes desse tipo. Talvez apenas no próximo ano. Como vou acompanhá-la na cítara, minha execução da música vai ajudar você a criar a atmosfera da história: um pouco de glissando sinaliza a surpresa da chegada; *tremolo* para a escalada da paixão; uma varredura sobre todas as vinte e uma cordas de seda para significar o retorno ao passado. Nas próximas semanas, vou treiná-la para entregar cada palavra com expressões precisas

do rosto e do corpo até que se tornem naturais e espontâneas, como se a história se desenrolasse diante de você, como se todas as suas emoções fossem genuínas e inesperadas. Você vai aprender a fazer a voz melodiosa de garota inocente, com seus trinados doces para cima e para baixo, seu ritmo hesitante ou tornado subitamente rápido, na pressa prazerosa de contar determinada passagem.

Há uma outra qualidade que define uma interpretação de primeira linha. Algumas meninas fazem a contação com toda a habilidade, mas sem emoção. Podem ser mestres da técnica, mas fecham o rosto em uma carranca de concentração. Eu chamo isso de estilo “Olhar para a Flecha e Não para o Alvo.” Tão chato. Depois de três minutos, os homens não veem a hora de a história terminar para que possam retomar a festa barulhenta.

Outro estilo é o “Dedilhar as Cordas do Próprio Coração”. A cortesã desse tipo fecha os olhos e conta história parecendo estar presa em um outro mundo. Seu rosto transmite prazer, e ela pode levantar um pouco as sobrancelhas ou sorrir para si mesma, demonstrando satisfação com a forma como ela executa a música. Pura vaidade.

Eu chamo o terceiro estilo de “Flutuar Juntos no Arrebatamento”. É esse que você vai aprender. Pense na história como eu lhe disser para fazer. Você vai começar com os olhos parcialmente abertos, suas pálpebras ainda pesadas de sonhos. Seu olhar vai estar vago, movendo-se à deriva por todos os cantos até encontrar o olhar do anfitrião da festa. Tente isso agora. Não, não, mais *devagar* com o movimento dos olhos. Se movê-los rápido assim, pode parecer desconfiada. Agora, você vai olhar para o anfitrião com uma expressão cheia de saudade. Deixe suas pálpebras cair até ficarem semicerradas outra vez – não, assim foi demais, parece que você está dormindo. Olhe como se você tivesse adentrado o paraíso junto com o pescador. Deixe sua boca relaxar, separe os lábios de leve. Agora, mantenha seus olhos sobre o anfitrião, conforme seu rosto se resplandece com os prazeres descontrolados. De repente, comece a arfar – *suavemente*, de prazer, não de medo – e mostre incerteza – não, não, sem fazer careta –, faça uma expressão interrogativa, que muda conforme acontece a aceitação do destino. Com esse sonho dele em seus olhos, você está sendo arrastada para longe. Você é uma garota inocente, um pouco assustada porque não sabe para onde está indo. Feche os olhos, respire rapidamente, gorjeie, descontrolada, em harmonia com o *tremolo* da cítara. Em seguida, de olhos ainda cerrados, solte um “Ah!” de êxtase, como se tivesse assolado os seus sentidos. Isso significa que você deve usar uma expressão um pouco dolorosa, como se tivesse morrido, mas é uma pequena dor, uma morte temporária – por isso, não se mova por alguns segundos. Não ranja os dentes. A dor é o que você sente em seu coração. Por fim, deixe o rosto relaxar e, quando seus olhos sonhadores voltarem a se cruzar com os do anfitrião, ele vai estar afrouxando os cordões da bolsa de dinheiro com a mesma rapidez com que gostaria de assegurar o posto de escolhido para desvirginar você.

Entenda que a história de Flor de Pêssego de Primavera não é simplesmente sobre o desejo de imortalidade. É também sobre o lugar secreto no passado de um homem, o lugar onde ele se sentia mais vivo e que agora lhe escapa. Quando pensa sobre isso, ele percebe que sua vida tem sido estéril e solitária. Ele é sentimental, arrependido e muito consciente de anos decorridos.

Sua nostalgia pode estar relacionada a algum episódio marcante de sua juventude. Isso é típico. Teria tido um romance com uma prima casada? Ou teria sido seduzido por uma

garota mais velha? O que ele viu quando molhou o dedo e fez um buraco na janela de papel para espiar sua jovem tia? Ela estava com seu tio, com seu pai ou com um menino de sua idade? O que ela fez quando o flagrou? Será que o puniu? Será que ele tomou gosto por punições? Que memória erótica faz com que ele até hoje vá às alturas?

Lembre-se que um homem adulto também pode ter nostalgia de si mesmo, quer dizer, da imagem ideal que em algum momento fez de si mesmo. Supõe-se que ele deva deixar um legado de moralidade que o torne admirado por seus descendentes, que vão louvar a reputação construída. Mas poucos homens são capazes de construir ou preservar seu eu idealizado. Qual erudito não sacrificou princípios filosóficos em nome da ambição? Qual banqueiro não ignorou o compromisso com a honestidade para se sujar com práticas ilícitas? Qual político não teve a consciência cívica amaciada por subornos? No entanto, cabe a você cultivar a aspiração de glória moral do seu pretendente e ajudá-lo a valorizar o mito que ele um dia almejou ser. Se conseguir fazer isso, você poderá assegurar a frequência dele aqui por pelo menos uma ou duas temporadas inteiras.

Você ainda é muito jovem para saber o significado verdadeiro da nostalgia. Leva tempo para alguém se tornar sentimental. Mas, em nome de seu sucesso, você vai aprender isso rapidamente. Quando você toca a nostalgia de um homem, ele é seu.

PATRONOS E AVARENTOS

Como cortesã, você deve trabalhar para atender às Quatro Necessidades: joias, móveis, um contrato sazonal com soldo combinado e uma confortável aposentadoria. Esqueça o amor. Você o receberá muitas vezes, mas nada será duradouro. Não se pode comê-lo, ainda que ele leve ao casamento. E, a menos que se torne famosa, você não teria como almejar nada além de ser mais uma concubina – jamais uma segunda esposa, mas talvez quarta, quinta ou sexta. Você teria de comer o que a primeira esposa escolhesse. Ao pensar em aposentadoria, considere o que ainda poderia lhe proporcionar um pouco da liberdade de que você desfruta agora. Nada seria melhor, por exemplo, do que ser dona de uma casa de cortesãs, uma madame como sua mãe. Você pode odiá-la agora, mas isso não tem nada a ver com a sua liberdade e seu conforto no futuro.

Para atender às Quatro Necessidades, você deve ser popular e desejada por muitos pretendentes, que vão lhe dar presentes caros. Você tem de ser lúcida, firme, perspicaz e ter a rapidez de raciocínio de um empresário. Nunca barganhe, nunca aceite menos do que você vale. Você vai entender como funcionam as coisas depois do primeiro ano de sua defloração. Se não seguir meu conselho, vai diminuir seu valor, e até mesmo meus esforços podem não ser suficientes para reerguê-lo.

Meu dever é acirrar a competição entre os pretendentes antes de Madame decidir quem vai desfrutar do privilégio de ser seu primeiro homem. Vou estar presente como sua ama em todas as festas, e em todas as vezes em que você for convidada a aparecer em outras casas. Vou sugerir a seus pretendentes que há muitos homens na disputa, ao comentar de passagem sobre algum presente caro que você esteja usando – um grampo de cabelo cravejado de diamantes, um anel de jade verde imperial, por exemplo. A cada semana, você vai usar uma joia um pouco mais valiosa do que a da semana anterior. São coisas que tenho como pegar emprestadas. Vou dizer que sua cor favorita é o verde, para que ganhe muitas

joias de jade ou esmeralda. Não me contradiga dizendo que prefere cor-de-rosa. Seria uma sinceridade burra, pois levaria os homens a lhe presentear com flores. Alguns pretendentes devem ser atraídos aos poucos, não importa quão ricos sejam. Mesmo um milionário vai precisar se esforçar para agradar você no começo. Hábitos permanecem. Quando ele lhe der presentes suficientes para provar a sinceridade de sua paixão, vou preparar o quarto e deixar no ar que ele é bem-vindo para tomar um chá com você no fim da noite. Apenas pretendentes sérios serão convidados, e só para tomar chá e, quem sabe, ser brindado com uma canção. Eles vão ver indícios de que a casa está cheia de alcovas nas quais o prazer faz um homem perder a cabeça.

Vamos desenvolver uma linguagem só nossa, usando os olhos e as sobrancelhas ou pequenos movimentos dos dedos sobre os leques e colares. Você saberá quando ser sutil para que eu aja de maneira clara. Quando mencionar uma festa do senhor Wu, significa que quero levá-la para longe. Sempre que citar o senhor Lu de Pebble Road, quer dizer que o homem que está de olho em você é pretendente de Escarlata. Vou chamar sua atenção para os clientes mais generosos. Se o desejo de um homem por você crescer, o mesmo acontecerá com o número de presentes que ele vai lhe dar. E se os presentes se tornarem mais numerosos, o valor de cada um também tende a aumentar. E quanto mais altos os valores, mais favores Madame lhe fará. Conquiste um patrono rico, e ela a tratará como filha. Fique sem patrono e sem pretendentes, e ela vai chamar você de parasita e ameaçá-la de expulsão desta casa.

Digo essas coisas para que você, mais tarde, não tenha de enfrentar a dor de verdade. Nosso mundo é cheio de promessas temporárias e falsidades. Ele é necessariamente assim. Não somos pessoas más – esta é apenas a forma como sobrevivemos. Apenas alguns passos separam o sucesso do fracasso. Entenda isso e você não sofrerá com a desilusão tantas vezes como eu sofri.

É claro que você terá alguns favoritos entre os pretendentes para sua primeira vez – os mais charmosos, os mais bonitos. Vou tentar estimulá-los a insistir na disputa. Mas cabe a Madame escolher quem ela acredita ser o homem ideal para deflorar você. Será o que tem mais a oferecer. Se o escolhido for repugnante, pedirei para Madame lhe conceder o direito de se divertir com alguém mais agradável em sua segunda noite. Desse jeito, caso seu primeiro homem seja horrível, pelo menos você terá o consolo de que o melhor ainda está por vir.

Lembre-se, a primeira semana é a mais rentável. Depois, você não será mais virgem. O interesse sobre você vai diminuir, os presentes também. É o que acontece com todas as jovens beldades. Uma vez que sua inexperiência completa é vendida, ninguém mais quer saber das garotas inexperientes. Mas você vai surpreender a todos. Isso é o que estou ensinando a você: a utilizar seu cérebro com a mesma habilidade com que usa os quadris e a boca.

Na Casa de Escarlata, todos os anfitriões de festas e jantares serão necessariamente ricos, assim como os do Caminho Oculto de Jade. Já os convidados talvez tenham dinheiro, talvez não. É aí que minhas habilidades vão fazer diferença. Posso descobrir isso rapidamente. Como fazemos parte de uma nova casa de cortesãs, de início vamos depender da fama de Escarlata para estabelecer nossa reputação de estabelecimento de primeira classe. Portanto, nada de roubar os patronos dela, ou eu mesma lhe trago o cordão de seda

para você se enforçar. As notícias sobre a Casa de Escarlate já estão circulando na imprensa mosquito, e Madame garante que isso é só o começo. Os tabloides gostam de fofocas e amam escândalos. Vivem atrás dessas histórias de caipiras que alegam ter sido enganados por cortesãs desonestas. Para mim, esses homens, em sua maioria, não passam de sovinas que imaginam que basta gastar um dólar para ter o caule acariciado, como se estivessem lidando com prostitutas baratas numa casa de ópio. Ou, então, pensam que o amor em uma casa de cortesã é amor de verdade, e depois se sentem traídos. Mas algumas cortesãs são mesmo desonestas e coniventes. Quando são apanhadas, é o fim de suas carreiras em Xangai: têm de se deslocar para outra província em busca de novos clientes incautos. Eu desprezo essa gente. São elas que espalham a fama de que toda cortesã é uma punguista do coração dos homens. Nesta casa, não há nenhuma garota dessa espécie, portanto nem pense em se tornar uma delas.

Vou tentar postergar sua defloração espalhando rumores positivos nos tabloides. O editor de um dos mais populares diários da imprensa mosquito foi um antigo amante meu e, como não cobre nada dele em muitos de nossos encontros, posso lhe pedir para publicar algumas notas em nosso favor. Vamos ter de inventar algum boato, para começar. “Um conhecido magnata garante que vale a pena visitar a Casa de Escarlate para admirar sua jovem cortesã virgem, antes que ela faça sua estreia oficial”, por exemplo. Isso vai causar interesse, bem como sublinhar que você está em uma casa de primeira classe, não em um bordel que cobra um dólar aqui e dois dólares ali. Isso era o que a velha abetarda fazia, quando nos rebaixou a um estabelecimento de segunda linha, incentivando os clientes a pechincharem por sexo. Agora, nós não negociamos preço. É três dólares para entrar na festa e pronto, e isso não inclui garotas cavalgando no tronco de ninguém. Sem discussão.

Os serviços extras na Casa de Escarlate custam um pouco mais do que na maioria dos lugares. Sua mãe fazia o mesmo, e é uma boa estratégia. Preços mais elevados e belezas de classe superior fazem o homem sentir-se um privilegiado. Nossa casa tem um estoque de vinhos franceses e cogumelos afrodisíacos. Um bom anfitrião nunca negaria a seus convidados o vinho fino recomendado por sua cortesã. No entanto, ela nunca deve tentar elevar as despesas tão descaradamente a ponto de incentivar o homem a exercitar sua generosidade em outro lugar. Certa vez, um cliente denunciou uma gananciosa casa de cortesãs à imprensa e causou um estrago nos negócios, o que obrigou o estabelecimento a fechar as portas e a começar vida nova com um nome diferente. A fábrica daquele homem, mais tarde, foi arrasada por um incêndio criminoso e, afortunadamente, ninguém conseguiu relacionar o desastre ao rancor da rediviva casa de cortesãs.

Na festa do próximo mês, haverá duas belezas postadas atrás de cada comensal do jantar. O anfitrião ou a madame devem distribuir os lugares e as respectivas garotas. Qualquer que seja o homem sob seus cuidados, esteja certa que ele não tem nenhum direito especial sobre você. Se tentar passar a mão na sua perna, afaste-se e peça desculpas por ter se aproximado tanto. Mesmo assim, continue atenta às demandas dele por mais vinho ou mais chá. Todos os convidados esperam ser mimados, e é fácil notar quando a garota não está disposta a fazê-lo. Às vezes, eles brincam entre si de jogos de adivinhação, em que o perdedor tem de entornar uma taça de vinho, e é comum que se obrigue uma cortesã a pagar esse castigo.

Isso aconteceu bastante na casa de sua mãe. Você sabe por quê? Porque o homem não

gosta de beber? Porque quer ficar sóbrio enquanto joga? Nada disso. É porque gostam de ver a mulher ser punida em seu lugar. E, afinal de contas, um cálice de vinho não é uma surra. Mas o álcool a enfraquece um pouco, a embriaga a ponto de fazer com que perca seus modos calculistas, em especial na alcova. Quer dizer, isso é o que eles pensam. Eles não sabem como somos astuciosas. Quando uma beldade aceita o castigo, sua colega ao lado logo se encarrega de lhe passar um cálice vazio em vez do cheio, o qual, discretamente, é esvaziado em algum vaso de plantas próximo dali. Alguma vez você já se perguntou por que há tantos vasos e escarradeiras nos salões de festa? Vê agora por que não é sensato criar inimizade com outras garotas da casa? Quero que pratique bem esse truque de prestidigitação. Não quero que ninguém a veja bêbada e doente. Isso causaria uma impressão duradoura.

Para atrair um convidado com os olhos, espere até que ele a encare. Devolva-lhe o olhar por um instante, antes de desviá-lo para outro lado. Conforme a noite avança, deixe seus olhos descansarem nos dele cada vez mais. Deixe o sorriso aflorar também, isso fará bem à confiança dele. Esqueça aquela velha técnica recatada de lançar os olhos para baixo, fingindo-se perturbada. Isso pode ter funcionado dez anos atrás. Agora, essa falsa timidez só confunde os homens. Você não precisa ser descarada, mas apenas passar uma mensagem clara. Alguns de meus clientes chegaram às alturas só com nossa troca de olhares. Você acha que isso é uma vitória? *Bah!* Uma vez que seu pau se encolhe ao tamanho normal, o homem deixa de ter urgências. Fica contente em voltar para casa.

Cuidado com os avarentos. Eles podem vir como convidados do anfitrião: um primo do interior, um antigo colega de escola, tipos que costumam frequentar casas de segunda classe ou coisa pior. Você consegue identificá-los porque eles desconhecem as regras: abordam cortesãs que já têm clientes, acham que podem levar uma beldade para a cama na primeira noite, não se preocupam em dar gorjetas para atendentes ou criadas. São o que há de pior. Serei rápida em tirá-la de tais festas: vou anunciar que você foi chamada com urgência para uma festa organizada pelo sempre útil senhor Wu, da East Prosperity Road. Alguns desses avarentos, porém, podem ser novos ricos que não conhecem nossos costumes. Para esses casos, tenho um panfleto que já foi usado por muitas cortesãs: “Conselhos para Visitantes de Casas de Flores”, escrito por Li Shangyin. Testado e aprovado por centenas de anos. *Um homem não deve se gabar do tamanho de seu tronco. Ele não deve fazer falsas promessas. Ele não deve mijar na frente da cortesã.* E assim por diante. Acrescentei por minha conta que o homem deve dar generosas gorjetas para atendentes e criadas. Por que não? Assim, todos são poupados em tempo e constrangimento.

É preciso ter atenção redobrada com aqueles convidados do tipo aproveitador, que não desgruda dos outros, desonesto mesmo. Alguns têm modos refinados de bem-nascidos, mas já dilapidaram a riqueza da família no jogo. Ou queimaram o dinheiro na fumaça de ópio. Eles vivem das joias roubadas das próprias mães, irmãs ou esposas. E, pior, também roubam as joias que encontram nas alcovas das cortesãs que seduzem com suas mentiras. Levam pulseiras e anéis de uma casa para outra. Uma amiga minha perdeu tudo o que havia economizado para sua aposentadoria por causa de um ladrão desse tipo. Todas concordamos na época que ele precisava ser capturado, para que seu membro fosse cortado e virasse comida para os cães. A madame da casa também pensava assim. Ela contratou uma gangue para fazer o serviço, e tudo o que posso dizer é que os cachorros foram

alimentados com muito mais do que um pinto decepado. Eu estarei sempre de olho nesses canalhas e ladrões. Quando notar que quero afastá-la logo de um homem, pode ser essa a razão. Nunca questione o que faço, do contrário logo vai estar de joelhos diante de assassinos e seus amigos implorando para que eles a vinguem.

Há também os jovens tentadores, ricos e bonitos, mas mimados e sem coração. Eles gostam de se exhibir para os amigos. Distribuem presentes – grampos de cabelo com joias para uma cortesã, pulseiras valiosas para outra. Fazem galanteios tão apaixonados que as beldades disputam entre si para passar a noite ao lado deles. Essas garotas sonham em convertê-los em seus patronos. Cedem tudo para elas na primeira noite, para no dia seguinte vê-los cortejando outra cortesã. Eles querem apenas possuir o máximo de mulheres que puderem. Competem uns com os outros e se gabam do pouco tempo gasto para fazer suas conquistas. Descrevem com detalhes a vagina da cortesã, como prova de que adentraram por aquela porta. É por isso que, qualquer que seja seu pretendente, quero que ele a corteje por pelo menos um mês antes que aconteça alguma coisa. Você pode ter apenas três ou quatro pretendentes íntimos durante esse período, e apenas aqueles que podem realmente se tornar clientes. É o suficiente para mantê-la ocupada.

Há um outro tipo de pretendente que vou ajudá-la a evitar. É o tipo garanhão, que parece não se esgotar nunca. Nem bem você se recupera e ele está pronto para montar novamente. Com homens desse estilo, você não terá forças para acordar a tempo de tomar chá com os convidados de primeira viagem, que sempre representam novas oportunidades. Sua aparência não vai ser das melhores quando passear de carruagem. E você já sabe o que a imprensa mosquito vai dizer: já terá chegado o outono para a flor Violet?

As atitudes de um homem podem se mostrar impecáveis, até que ele vá parar em sua cama. Há aquele tipo que se acha no direito de pedir qualquer variante de sexo como quem escolhe um prato no cardápio. Traz seu livro de cabeceira e quer que vocês repitam as posições bizarras ilustradas ali. Bem, uma coisa é amarrar os braços da mulher na cabeceira da cama, outra é pendurá-la de cabeça para baixo como um macaco no lustre. Ele nem se importa se o lustre despencar no chão ou se há algum braço da peça mal fixado no teto. Sei de uma menina que caiu de cabeça e, depois disso, passou a vestir suas roupas pelo avesso e nunca mais disse duas palavras que fizessem sentido. A casa não podia mantê-la nesse estado, e não sei onde ela foi parar.

O mais perigoso é o Amante dos Gritos de Terror. Não se pode deixar enganar, é lobo sob pele de cordeiro. Homens desse tipo geralmente buscam prostitutas baratas. Mas os ricos podem pagar para torturar até a mais famosa das cortesãs. Ele gostam de causar dor, e não estou falando de tapas nas nádegas. As meninas vaidosas são suas favoritas. Elas costumam não aceitar de início, mas logo sucumbem ao dinheiro – só as mais inocentes se deixam levar logo de cara. Esse estilo de amante só se dá por satisfeito quando vê os olhos da beldade inchados e percebe que ela não têm mais fôlego para gritar por socorro. Há alguns anos, isso aconteceu com uma cortesã na Casa da Vitalidade. Ela era jovem e ingênua como você, tinha só dezessete anos. Era metida a saber de tudo, ninguém podia dizer a ela o que fazer. Até que surgiu um demônio para encorajar ainda mais essa soberba. O cliente pedia para ser seu humilde servo. Veio carregado de presentes e ofereceu um banquete em sua honra. A ama da cortesã logo o convidou para ir à alcova. Na manhã seguinte, a mesma ama encontrou a jovem beldade morta e enlouqueceu. Não vou descrever

o que o monstro fez. Já vejo que você ficou assustada o bastante.

Os pretendentes que encontrarei para você vão tratá-la como um lírio de jade branco. Alguns serão tão respeitosos que vão entediá-la até as lágrimas, esperando por sua permissão antes de lhe dar um olhar ou um toque. Homens velhos e ricos podem estar entre os melhores pretendentes e patronos. São experientes, generosos e sabem dar gorjetas. Gostam de agrados, mas dispensam bajulação a noite toda. Você vai saber quem são eles pela forma calorosa como vou recepcioná-los. – “Venha se sentar aqui”, direi. “É o seu lugar de honra, perto da janela. Prove isto, é o seu lanche favorito. Beba este vinho, vai fazer bem para sua saúde. Violet vai cantar sua canção preferida.” Na alcova, eles vão tratá-la como a Deusa da Misericórdia de um templo sagrado. Vão depositar oferendas sobre seu ventre para que você conceda uma vida mais longa a seus membros. Talvez você tenha mesmo de lhes aplicar algumas ervas para que consigam manter o pau ereto, e eu tenho algumas poções que quase sempre funcionam. Muitas vezes, porém, eles simplesmente adormecem e sonham com aquilo que já não podem mais fazer. Diga-lhes que não foi sonho, que eles de fato fizeram. Há uma outra boa característica nos velhos: são leais. Não ficam correndo atrás das cortesãs, uma depois da outra, pois isso os obrigaria a ensinar cada nova garota a respeito de suas limitações e incapacidades. O único problema é que eles morrem, às vezes de repente. Você bem que poderia ter um patrono velho, que lhe garantisse uma bela renda. Mas é um dia muito triste quando alguém vem com a notícia de que os filhos dele estão queimando incenso no templo familiar. A partir daí, esteja certa de que a viúva não vai continuar bancando seu salário.

Com todas essas coisas em mente, vou escolher os melhores pretendentes e patronos, que ficarão loucos para ter você. Meu plano é pagar nossa dívida com Madame em três anos, ou menos. Ela pagou muito caro por você, Violet. Além disso, alguns de seus móveis e roupas são fornecidos pela casa, o que acrescenta à conta cento e cinquenta dólares – dólares de prata mexicanos, não o novo dinheiro republicano. E, não se esqueça, você também tem de pagar seu aluguel mensal, sem mencionar a alimentação e uso da liteira. Como você pode ver, devemos ter muito cuidado com o dinheiro. Algumas meninas gastam, gastam e gastam, e sua dívida sobe, sobe, sobe. Quando têm de deixar a casa, saem sem nada além das lágrimas nos olhos. Quando estiver livre de dívidas, você pode fazer o que quiser, contanto que pague o aluguel e repasse uma parcela de seus ganhos para a Madame. Quando suas economias permitirem, podemos alugar uma casa e começar nosso próprio negócio. Já tenho um projeto em mente, e não é uma casa de ópio.

Por ocasião de sua defloração, gostaria que você ganhasse um jogo completo de joias. Em sua maioria, as beldades ficam felizes com as duas pulseiras de ouro habituais e um rolo de seda. Se for do meu jeito, você receberá muito mais. Um anel ou colar bem caros podem ser o suficiente, mas vou sugerir que, assim que adentrar seu quarto, o pretendente lhe dê o resto do conjunto de joias em uma espécie de celebração íntima. Após essa primeira noite, vamos precisar trabalhar duro para acumular novos conjuntos. Para isso, talvez tenhamos de alugar joias de cortesãs mais velhas que estejam precisando de dinheiro. Ao exhibir um monte de colares e pulseiras em público, você mostrará a seus futuros patronos como já é popular e requisitada. Quando um homem se tornar seu patrono, use sempre o conjunto mais caro que ele tiver dado a você. Seja generosa ao elogiar a qualidade das joias, mas adicione algum pequeno comentário crítico. Diga, por exemplo, que rubis escuros não

favorecem sua tez. Mencione que, talvez, o estilo daquelas peças parece um pouco antiquado para alguém tão jovem como você. Comente o bom gosto do patrono de outra cortesã, que acabou de ser presenteada com joias que estão na última moda. Dessa maneira, Violet, você abre uma oportunidade para que ele lhe dê joias mais a seu gosto. Se ele não se manifestar a respeito, que seja então a última noite que visita a alcova até reaprender a demonstrar sua admiração de forma adequada.

Caso um pretendente a convide para ir a uma loja de joias, certifique-se de que ele sabe que a Oito Virtudes, na Felicity Lane, não só tem as melhores peças como também age com honestidade e nunca vende ouro sobre prata como se fosse ouro puro, ao contrário do que se faz no Jardim das Oito Preciosidades, na Fourth Avenue. Conheço o proprietário da Oito Virtudes, o senhor Gao, e eu poderia pedir a ele, antecipadamente, para reservar dois conjuntos – um caríssimo e outro nem tanto, mas também muito bom. Daí, assim que chegássemos, o senhor Gao perguntaria o que o pretendente está procurando. Se ele não fizer nenhum pedido específico, o comerciante traria o conjunto mais caro – pulseira, colar, anel e enfeite de cabelo. Nessa hora, você deve balbuciar que, se ganhasse tudo aquilo, abandonaria na hora as joias que estivesse usando naquele momento. Se o pretendente pedir para você experimentar o novo conjunto, livre-se das joias velhas, ponha-as sobre o balcão e diga ao senhor Gao para doá-las ao fundo do memorial das viúvas castas. (Não se preocupe, mais tarde o senhor Gao nos devolveria tudo, seria só uma encenação.) Mas, diante de tal ato, o que mais o pretendente poderia fazer? Só restaria a ele comprar o conjunto que você tanto amou, para demonstrar que ele a valoriza mais do que qualquer outro homem. E, uma vez que você valorizará aquelas joias mais do que quaisquer outras, o sentimento é mútuo. O conjunto que ele comprar, claro, deve valer mais do que aquele que você doar para as viúvas. Não aceite nada menos do que isso.

No entanto, é importante não se mostrar gananciosa nem interesseira aos olhos de um eventual futuro patrono. Eu mesma posso negociar com o senhor Gao em nome de seu pretendente. Vou, por exemplo, pedir para que você tire o colar que acabou de experimentar, para examiná-lo mais de perto. Vou chamar a atenção para algum eventual defeito na joia. O senhor Gao, consternado, vai concordar e, de pronto, oferecer um desconto no preço. Então, será sua vez de admitir que mesmo assim adora o conjunto, embora não tenha certeza se é o caso de comprá-lo. Peça que o pretendente diga o que pensa: será que ainda vale a pena? Observe, Violet, como a questão é formulada – você não está pedindo a ele para comprar; você está perguntando se a compra vale a pena. Se ele não responder de imediato, o senhor Gao vai baixar o preço de novo, alegando que não está habituado a ver clientes reclamando de falha na mercadoria. Ele acrescentará que está disposto a vender o conjunto por aquele preço só porque você demonstrou gostar mais daquilo do que qualquer outra joia que já possuiu. Dirá, ainda, que ninguém jamais imaginará que ela pagou tão pouco por um conjunto que visivelmente vale um preço tão alto quanto o anunciado na loja. Ou seja, o negócio seria bom para todos. A essa altura, seu pretendente provavelmente vai se decidir pela compra. Afinal, ela é uma barganha pela qual ele nem sequer teve de negociar.

Por outro lado, ele poderia recusar-se a comprar o conjunto, e até teria um argumento para justificar isso sem se sentir humilhado – o conjunto é imperfeito, você mesma ouviu. Então, pergunte ao senhor Gao se há algo semelhante em estilo, mas sem falhas. O

comerciante vai trazer o segundo jogo de joias que selecionei com antecedência. Será mais barato do que o preço cheio (mas mais caro do que o preço barganhado) do primeiro conjunto. Você deve exclamar que é uma oferta incrível. O pretendente provavelmente vai fechar a compra de imediato. Se não o fizer, o que isso significa? Qualquer que seja o significado, não perca a linha. Examine as joias com mais vagar e encontre algo que não está a seu gosto e que não havia notado antes. Então, perguntarei ao senhor Gao se ele terá novos produtos na semana seguinte. Ele responderá que sim, e eu vou sugerir que deixemos a compra para outro dia. Daí, é questão de ver o que acontece em seguida. Você pode se surpreender.

Uma garota me contou que certa vez foi confrontada com uma situação humilhante parecida. Ela caminhou em direção à saída e fez uma última tentativa, parando para admirar uma tiara decorada com pequenas pérolas. Custava muito para um enfeite de cabeça, mas não uma exorbitância. O pretendente disse que aquela peça não seria dela. Desanimada, ela já se conformava em ir embora de mãos vazias quando o homem chamou o senhor Gao e pediu que trouxesse a tiara que havia visto dias atrás. Quando a beldade viu do que se tratava, chorou. Era toda incrustada com pérolas e diamantes, e valia mais do que o conjunto de joias que lhe tinha sido apresentado inicialmente. O senhor Gao tinha sido cúmplice nessa encenação. O pretendente sabia como as cortesãs jogam o jogo, mas realmente amava aquela garota e quis mostrar que não foram apenas os truques dela que haviam conquistado seu coração. Ao se tornar seu patrono, deu a ela dinheiro suficiente para quitar suas dívidas e abrir uma casa própria. Ela era devotada a esse homem. Quando ele morreu subitamente, ela se matou para ficar a seu lado. Nenhuma de suas esposas fez isso.

Como você pode ver, as estratégias para obter o compromisso de um patrono devem ser cuidadosamente aplicadas. Você não vai querer voltar para casa várias vezes de mãos vazias. É por isso que devo acompanhá-la em todas as visitas à joalheria. E, enquanto não faz por merecer sua própria tiara de alto luxo, examine a peça que Escarlata possui no porta-joias. É quase tão valiosa quanto a que acabei de descrever: cravejada de pérolas e diamantes, molda-se à perfeição para favorecer a testa arredondada e o ângulo dos olhos de fênix da beldade. Expresse para todos sua admiração por essa tiara. Diga em voz alta como ela é preciosa. Louve o bom gosto do patrono que a comprou. Escarlata vai apreciar seus elogios, pois revelarão aos outros homens que ela é uma cortesã cobiçada e que os presentes de seus futuros pretendentes terão de ser à altura daquela joia que lhe adorna a cabeça. Até mesmo o patrono dela se sentirá motivado a comprar outro presente inesquecível. Mais tarde, Escarlata fará o mesmo por você, Violet: vai elogiar abertamente alguma joia sua, no intuito de ajudá-la a ganhar presentes cada vez mais valiosos de pretendentes a uma vaga em seu coração. Conforme sua popularidade crescer, você poderá ganhar uma tiara que valha até dez vezes mais do que a peça que lhe dei.

Meu defeito sempre foi me contentar com pouco. Você tem a sorte de poder se beneficiar de meus erros.

AS ILUSÕES

A ilusão do romance depende da disposição de um homem para acreditar no amor, e sua

vontade se origina dos desejos frustrados. Todas as ilusões devem levar a uma meta: fazer com que ele se apaixone por você. Se isso acontecer, ele sentirá o tempo parar sempre que estiver com você. Ele se imaginará imortal e estará inclinado a desistir de todos os bens mundanos por você.

Alguns poucos homens podem desejar ilusões especiais. Eu chamo uma delas de Ilusão do Amor Trágico. Lembra-se das músicas que você deve aprender? Lembra daquela sobre donzelas que morreram jovens? Você pode assumir o papel da garota por quem ele chora, alguém a quem ele secretamente prometeu amar. Você vai se tornar essa garota para que ele possa se imaginar cumprindo essa promessa ou sendo liberado desse compromisso. Ele ainda pode lhe pedir para fingir ser a prima que morre no romance *Sonho de Mansões Vermelhas*, ou da amante do erudito da ópera *A Lenda da Cobra Branca*. Uma choradeira só. Isso vai exigir robes diáfanos como figurino e muito pó branco no rosto para um efeito fantasmagórico. Você deve memorizar cenas do romance e dominar as expressões faciais de traição e perdão. É mais difícil do que pensa. Você não vai querer ficar parecida com uma assassina ou com uma tola. Mas se dominar a arte da expressão da tragédia, você pode fazer uma fortuna. Se você realmente já perdeu alguém, como eu perdi, não precisa fingir. Basta lembrar. Algum dia, vou contar tudo sobre ele. Não posso nem falar dele sem que as lágrimas do meu coração transbordem de meus olhos.

O pedido mais comum dos pretendentes é a Ilusão da Nobre Donzela. Nesse caso, você tem de assumir os ares de filha de um membro da nobreza enquanto seu parceiro desempenha o papel de seduzi-la, numa trama obscena sem a intromissão de nenhuma sogra tagarela. Para encarnar a nobre donzela, você tem de vestir roupas vistosas, que sejam refinadas, mas também tenham um toque de ousadia. Mas a roupa íntima deve ser sumária, talvez de uma bem-humorada cor vermelha.

Algumas cortesãs são convidadas a brincar de Ilusão da Noite Erudita. Aí, é preciso passar um pouco de *kohl* para escurecer as sobrancelhas e envergar as vestes longas e o chapéu Ming de um filósofo. Se o cliente quiser que você interprete um guerreiro, o cabelo tem de ser oleado, repartido ao meio, penteado sobre a testa e atado firmemente na parte de trás. A Ilusão da Noite Erudita se tornou popular hoje em dia, mesmo em algumas casas de primeira classe. Não sei se as cortesãs daqui fazem isso. Antes, costumava se restringir às casas de segunda classe: a velha abetarda permitia isso no Salão da Tranquilidade. Certa vez, um cliente pediu uma Noite Erudita, e ela convocou a cortesã que era conhecida por desempenhar o papel com algum entusiasmo – atribuído, em grande parte, ao fato de ela estar em fim de carreira e ávida por uma última chance de fazer um bom dinheiro. De fato, os clientes despejaram presentes para ela por alguns dias, e os portões do paraíso pareciam ter se aberto. Quando completei trinta anos, eu me tornei a Noite Erudita solicitada com mais frequência, apesar de não me parecer nem um pouco com um homem. Não há vergonha quando você faz isso em seu próprio quarto. Eu não me vanglorio disso ao contar histórias nos salões.

A velha abetarda criou uma variante para atrair mais negócios: com dois “eruditos”. Eu interpretava um deles e o outro papel ficava com a cortesã que estivesse menos ocupada. Os clientes faziam a abordagem de costume, mas com nós duas ao mesmo tempo, ainda como beldades no salão. Uma de nós reclamava: “Ei, mas eu vou fazer todo o trabalho. Por que ela deve receber o mesmo que eu?”. Daí, a outra replicava, dizendo que ela sim é quem

faria a maior parte do trabalho. Era só um subterfúgio para aumentar nosso pagamento. Mas nós fazíamos valer a pena para o homem. O cliente entrava na alcova tremendo de excitação e ficava prestes a explodir quando nos via caracterizadas como dois austeros sábios confucionistas. Eu segurava as cordas e ajudava minha colega a vestir um cinturão que, no lugar da fivela, tinha uma rígida haste de marfim. Então, jogava algumas roupas de baixo de seda na cara do homem e mandava que ele as vestisse, chamando-o de esposa-puta. Enquanto ele obedecia, nós nos sentávamos à mesa de chá, com as pernas cruzadas e fumando charutos ocidentais. Mandávamos ele pôr uma faixa na cabeça, aplicar pó no rosto e rouge nos lábios. Oyo! Ele se transformava na mais feia das cortesãs. Ainda assim, nós elogiávamos sua beleza e sua juventude, e o chamávamos de “Pequeno Lótus Rosado”. De sua parte, ele tinha de se dirigir a nós como “Senhores Eruditos”. Eu, então, ordenava que se sentasse na cadeira e o amarrava ali, com as pernas erguidas para cima, pendentes por sobre os braços da cadeira. Ele começava a chorar e implorar, mas, infelizmente, não adiantava nada: a outra cortesã o penetrava com a haste de marfim. Por onde? Mas que pergunta! Como você pode ser tão estúpida? Por onde mais uma haste entra em um homem? Pelo pequeno lótus rosa!

No caso de um cliente mais generoso, nós permitíamos que descansasse um pouco e, em seguida, o brindávamos com outra haste, maior, dizendo que agora ele tinha de nos chamar de “Mestres Professores”. Era a minha vez, então, de enfiar o marfim nele. Já os clientes extremamente generosos tinham direito a um terceiro bastão, geralmente chamada de “Tio” ou “Irmão”. Era um pedido: a família ficava sempre para o fim, mais excitante.

Alguns homens só o faziam porque apreciavam um pouco de variedade. Outros eram homossexuais enrustidos, temerosos de revelar sua verdadeira natureza aos homens de negócios frequentadores da casa. Eles só não sabiam que muitos desses homens de negócios compartilhavam do mesmo segredo. Éramos muito discretas. Sabíamos exatamente quem costumava chapinhar no orvalho com os cantores de ópera mais bonitos, uma vez que alguns desses artistas eram nossos amantes. Os cantores não apreciavam seu trabalho, mas o dinheiro era bom. Nos meus tempos de cortesã no Salão da Tranquilidade, havia um velho que gostava tanto de ser penetrado pela haste de marfim quanto de me penetrar com aquilo. Era o tipo de cliente com que uma madame de casa de segunda classe costuma lidar. Eu tinha de usar as roupas da Noite Erudita e aplicar pomada Chuvas Celestiais para fazer o antigo guerreiro daquele homem se levantar. E, por ter gozado rapidamente, ele quis fazer mais coisas usando o bastão de marfim em mim. Ele até me deu um presente extra, mas ainda assim não gostei. Aqueles consolos não tem nada de maciez. Foi muito trabalho.

A única razão pela qual estou dizendo isso é para que você esteja preparada caso um homem lhe peça coisas do gênero. Se souber exatamente o que eles querem com antecedência, não há risco de você ficar tentada por ofertas de dinheiro extra quando já estiverem em sua alcova. Não quero que você faça papel de homem. Você é de primeira classe. Sua reputação ainda é a de uma jovem beleza. Talvez Nuvem Fofa tenha feito esse papel. Ela provavelmente era louca por isso. Quando um homem der a entender que gostaria de usar suas roupas ou mencionar algo sobre uma haste de marfim em um cinto, interrompa a conversa, vá para trás do biombo e toque a sineta para mim. Os clientes sabem muito bem que devem tratar de seus pedidos e preferências com a ama, antes de ir para a alcova. Vou apenas informá-lo educadamente que você não está disponível para uma

Noite Erudita, mas que eu, como professora dele, posso cuidar de todas as lições de que precisar. Se ele tiver urgência, vai aceitar minha oferta. Eu não me importarei de fazer isso de vez em quando. Várias amas que já foram cortesãs exercem especialidades que mais ninguém quer fazer. Eu ainda tenho um cinturão e hastes de diferentes tamanhos no meu baú. Quanto maior for o pagamento, maior o consolo – é assim que normalmente funciona. É uma pena que nunca tive muito talento para fazer as vezes de erudito. Isso nunca me entusiasmou realmente.

Em certas ocasiões, podemos ter clientes em busca de iniciação ou aprendizado. A maioria é inexperiente: monges que abandonaram a vida nos templos, filhos de clientes nossos, ou jovens que simplesmente querem se tornar amantes melhores para seduzir esposas alheias. Se você se deparar com homens assim, avise-me. Na verdade, iniciar meninos era minha especialidade. Os pais traziam seus filhos para mim porque se lembravam de como eu havia sido encorajadora quando eles mesmos eram jovens. Vou às lágrimas quando esses rapazes voltam como homens feitos e me agradecem: “Por causa de você, minha esposa e minhas concubinas estão contentes”. Muitas vezes, eles pedem uma lição a mais, em nome dos velhos tempos. Você pode me deixar cuidar de clientes assim. Eles não são tão exigentes quanto à idade da cortesã. O que importa, para eles, é ganhar um conhecimento que vai durar a vida inteira.

Qualquer que seja a solicitação do homem, você nunca deve desprezá-lo por seus desejos, nem deve aceitar ser degradada. Se um cliente estiver bêbado e mijar em você, toque a sineta e eu virei retirá-lo do quarto. Não aceite que ele faça coisas assim em troca de dinheiro extra. Sabe o que acontece com uma mulher que se deixa degradar? Ela acaba sob as ordens de um cafetão, deitada no chão de um restaurante barato, onde puxadores de riquixá e trabalhadores braçais vão esfregar sua brutalidade no corpo dela, um depois do outro, centenas por dia. Ela nunca vai ter tempo de fechar as pernas ou a boca, sendo pilada como carne crua até morrer. Sempre me perguntei por que essas mulheres não se matam. Talvez achem que esse é seu destino e que, se suportarem, sua próxima vida será melhor. Eu prefiro me matar e voltar a nascer como mosca.

MODA

Não emagreça demais. Nenhum homem gosta de braços e pernas ossudos a lhe cutucar. E é mau negócio, pois um pretendente mais animado pode, sem querer, quebrar uma costela da garota. Pouco antes de você vir para o Salão da Tranquilidade, foi o que aconteceu com uma beldade. Ela gritou tão alto que a Madame, a ama e dois criados correram para o quarto, na suposição de que estava sendo morta pelo cliente. Os criados jogaram o homem na rua, ainda nu. A velha abetarda soube depois que ele era um burocrata que lidava com as taxas para licenciar todo tipo de negócio. O episódio não acabou bem para ninguém.

A cortesã gorda também não tem nenhum apelo. O excesso de peso limita as posições sexuais que ela pode assumir sem rachar o homem ao meio. Agora você está em boa forma. Só acho que seus seios ainda vão crescer e ficar um pouco maiores do que o ideal. Seios grandes não eram considerados atraentes quando comecei minha carreira, e quem era peituda costumava enfaixá-los, para disfarçar. Mas hoje em dia, os homens mais jovens acham os seios fartos excitantes e atraentes. É a influência dos cartões-postais pornográficos

do Ocidente. Eu ainda associo seios grandes e balançantes às amas de leite. Portanto, não faça nada com o propósito de aumentá-los.

Quando se trata de roupas, tudo o que vestir deve deixar claro que você é uma cortesã de alto escalão. As melhores peças devem ser usadas em público – nos passeios de carruagem, em restaurantes, no teatro. Os casacos têm de ser bem justos, para todos conferirem sua silhueta. As saias devem ter um corte que não exija esforço de imaginação para se adivinhar as curvas de seu traseiro. Podemos usar chocantes detalhes ocidentais: botões em vez de fechos, babados e pregas. Ou talvez calças masculinas, quem sabe uma saia ocidental. Nessa área, você deve usar a imaginação. Ao passear pela rua com seu pretendente, pense em si mesma num palco, como uma atriz. Todos os olhos estarão em você. Seus pretendentes e patronos terão orgulho em exibi-la. Vai estar na cara deles o prazer de causar inveja em outros homens.

Você às vezes vai ter de compartilhar a carruagem com outra cortesã, e vou fazer o meu melhor para evitar seu emparelhamento com uma beldade que possa chamar mais a atenção. Você não é a mais bela das flores, ainda não, e ninguém sabe se algum dia será. Nos passeios de charrete, graciosidade e roupas da moda são tudo o que o público vai ver, e não habilidades íntimas de sedução. Portanto, outros meios serão necessários para atrair a atenção quando você estiver em público.

Tenho várias ideias para usar nos próximos meses. E vamos ter de mantê-las em segredo para as outras beldades não as roubarem. Em primeiro lugar, vou encomendar ao alfaiate um traje com as cores da família imperial. Nós usamos amarelo dourado no passado, mas apenas em roupas íntimas, e, para muitos homens, isso por si só os levava a paroxismos de prazer. Agora que o imperador se foi, quais leis vão nos proibir de usar qualquer cor onde quer que nos agrade? Imagine a impressão que uma jaqueta amarelo-imperial e calças de cor azul martim-pescador vão causar em um pretendente e em cada legalista que a vir em público. Vamos ter trajes feitos em violeta imperial, no tom exato. Espero que sejamos as primeiras a ostentar essas cores. Vamos ser assunto na imprensa mosquito: a cortesã Violet veste roupas violeta!

Também estive pensando que você deveria usar um chapéu de estilo europeu. Vi um muito estranho. Era do tamanho de uma almofada de assento e tinha como enfeite um leque de penas de filhote de avestruz tingidas de violeta. Com ele, você ficaria visível a quarteirões de distância, e, com a cor evocando seu nome, daria o que falar nos tabloides a cada aparição nas ruas. É um chapéu caro, então vou ver se consigo fazer uma cópia dele. Mais uma vez, se esperarmos demais corremos o risco de outra cortesã comprar e usar o chapéu, o que acabaria com o ineditismo: você não pode ser vista imitando outra cortesã. Isso também renderia notas nos tabloides.

Os vestidos de jantares e festas vão depender do anfitrião e das outras cortesãs presentes. Como eu disse, você não pode ofuscar Escarlata. Mas, para uma festa em sua honra, deve usar seus melhores trajes de noite. A trama do tecido entrou na moda. É um padrão que só os mais hábeis artesãos podem fazer. Vamos ter de esperar um pouco antes para poder pagar o que tenho em mente. O tecido parece feito de camadas de pétalas. Roupas feitas com panos assim vão lhe custar os lucros de um mês, pelo menos. Portanto, nunca coma nada numa festa. Uma mancha de gordura pode estragar um vestido, e a gula acabaria saindo bem cara. Para cobrir manchas, algumas garotas costumam bordar sobre

elas um padrão florido, mas não adianta: todo mundo sabe por que, de repente, um ramo de flores de ameixa brota na área dos seios.

No inverno, a seda deve ser espessa e tão brilhante como uma pérola. O colo fica mais bem destacado quando envolvido por uma pele de chinchila ou de raposa branca. Mas a de coelho vai entrar na moda este ano. No verão, a seda será delicada, um tecido fino perfeitamente tramado, leve e ao mesmo tempo volumoso. Você não vai querer parecer murcha. Cada detalhe deve ser perfeito, desde o fecho na garganta até os babados da bainha.

Na rua, as mulheres vão invejar e admirar suas roupas por causa da inteligência nos detalhes. Você gostará disso. Para muitas jovens, você estará proporcionando um vislumbre da maior emoção de suas vidas. Elas vão falar de você até ficarem velhas e irem para a sepultura. Garotas ricas prestarão atenção quando passarmos de carruagem e vão correr para os mesmos alfaiates que costuraram para nós, para implorar por um traje igual ao da famosa cortesã Violet. É irritante que meninas ricas nos imitem, mas também é lisonjeiro. Se isso acontecer, seu prestígio vai aumentar ainda mais. Os homens não são os únicos que nos fazem populares. Olhe para as moças que são escolhidas como dez melhores cortesãs de cada ano. São as mais bonitas? Não. São as que entendem a natureza humana, dos homens e das mulheres. Elas sabem como atrair atenção e inveja, revertendo tudo em proveito próprio.

Não se surpreenda se algumas esposas lhe oferecerem um dinheiro generoso para visitar seu quarto – para conferir seu guarda-roupa e seus produtos de maquiagem e até mesmo para aprender as posições incomuns apreciadas por seus maridos. Mostre tudo. Elas acham que tudo se resume à cópula, e não de sedução prolongada que acaba numa congestão de prazer de dois amantes cúmplices. Elas não são mais cortejadas. Seus maridos dão ordens, e elas cumprem. Por isso, não precisa se preocupar em passar seus segredos nem temer que as esposas de seus patronos consigam satisfazer aos maridos e mantê-los dentro de casa. Mas, de qualquer forma, não se esqueça de cobrar bem quando abrir sua alcova para a curiosidade de uma esposa, pelo menos cinco dólares.

Lembre-se de que a inveja é um dos maiores defeitos da humanidade. Leva o invejoso à imprudência e o invejado à possessividade. Assim, é possível usar um pretendente para aumentar o ardor de outro. Mas cuidado para não fazer isso entre irmãos ou com amigos que agem como irmãos. Caso eles se desentendam, as pessoas vão dizer que você, com sua força de vaca puxando arado, foi capaz de separar dois irmãos.

Depois de frequentar algumas festas aqui e em outras casas, você vai entender mais sobre a inveja entre cortesãs. Talvez já tenha percebido isso na casa de sua mãe. Você se sente como se fosse mordida. A inveja é uma cobra venenosa em volta de seu tornozelo. Faz você odiar sua concorrente, seu pretendente. Faz você querer destruir sua colega, seu amante e até a si mesma. Tome nota desse sentimento. Outra cortesã pode sentir isso em relação a você, e fará de tudo para provocar sua queda. Mas, quando se inspira inveja em todo mundo, uma coisa estranha acontece. A inveja acaba se transformando em respeito, em reconhecimento da superioridade do invejado. No entanto, não seja exibida com suas vitórias. As mesmas rivais que a invejam num dia podem comemorar sua morte no dia seguinte.

Acabo de me lembrar: devemos mandar fazer uma foto de recordação sua e escolher um

apelido para distinguir você das outras.

Se não escolhermos nós mesmas, as pessoas logo vão inventar um. Já ouvi uma das cortesãs daqui chamá-la de “Hemerocale Branca”. Muitas virgens são chamadas por esse doce nome. Mas você não pode ficar presa a ele para sempre, ou vai ser alvo de piadas do tipo “já não é tão branca assim”. Um apelido deve ser exclusivo. Sei de beldades que se comparam com as aves. “A Voz de um Pardal.” Uma garota escolheu esse, embora tivesse voz áspera. Além disso, pardais são muito comuns e irritantes com seu barulho, toda manhã. Outra garota que conheci escolheu a descrição “Clássica como um Salgueiro-chorão”. Acho que ela se inspirou no cenário pintado no estúdio de fotografia, que mostrava um salgueiro e um lago. O que há de tão especial em “Salgueiro-chorão”? Por acaso ela é feita de madeira, ou será que chora até os olhos ficarem vermelhos e inchados como ovos? Não são traços que os homens apreciam. Acho que seu apelido pode ser “Um Sonho Cachoeira”. Soa bem. Um homem pode se imaginar apaixonado, varrido por um amor torrencial. Algo assim. Podemos achar um significado exato mais tarde, quando eu definir quem você realmente é.

Você é jovem e inexperiente, Violet. Ninguém a inveja em nada hoje. As outras são muito mais belas e astutas. Então não tente competir. Basta observar. Poucas meninas recebem o tipo de conselho que estou dando a você. Elas aprendem mais tarde, como eu fiz, por meio de erros dolorosos. Elas acreditam que beleza, poesia e voz doce duram para sempre. Elas dependem disso. Não percebem que o que mais importa é uma mistura de estratégia, astúcia, honestidade, paciência e prontidão para agarrar todas as oportunidades. Acima de tudo, uma garota deve sempre estar disposta a fazer o que é necessário.

INCIDENTES

Roupas são como uma cortina de teatro. Algumas cortesãs sempre mantêm essa cortina fechada até abrirem as cortinas da cama. Seguem as regras antigas. Sem toques de mãos. Tudo muito respeitável, como se fossem noivas respeitáveis. Que chatice. O homem já tem isso com sua esposa. Esse tipo de pudor pode ter sido a praxe anos atrás, mas estes são tempos modernos. Ofertar um vislumbre de futuro não vulgariza ninguém. Você ainda está segurando a cortina. Na verdade, quanto mais você deixar o homem espreitar, mais ele vai querer o que há por trás da cortina. Só é preciso lembrar que oferecer um vislumbre do espetáculo é uma coisa, enquanto permitir que o exame da mercadoria em detalhes é outra, bem diferente.

Alguns dos melhores vislumbres acontecem por ocasião de pequenos incidentes durante um passeio no jardim. Tudo deve parecer muito inocente. Por exemplo, imagine-se vestindo jaqueta e calça justa, cuja costura se encaixa no vinco de sua vagina. Você e seu pretendente caminham pelos jardins ornamentais da lagoa, engajados em uma conversa animada. De repente, você grita e finge que pisou numa pedra afiada, colocada naquele lugar por mim, antecipadamente. Senta-se num banco de jardim e cruza as pernas para examinar a ferida imaginária. A suposta dor faz com que você nem perceba a lascívia de sua posição. Ao flagrar o homem olhando para suas partes, aja com embaraço no início, e depois com timidez. Ele agirá como cavalheiro galante, que insiste em examinar a ferida para garantir que não ficará aleijada por toda a vida. Esse truque de sucesso era utilizado

apenas por meninas cujos pés atados eram tocos de sete centímetros. Mas, hoje em dia, nem mesmo as filhas de famílias eruditas têm seus pés enfaixados. Portanto, não se envergonhe de seus pés grandes. Claro, alguns homens se desapontarão, especialmente os mais antigos. Se perceber de antemão que o cliente é desse tipo, convém deixar de lado o estratagema do pé machucado.

Outro truque é pedir que o pretendente colha uma flor para você enfeitar o cabelo. Afaste-se dele conforme tenta ajeitar a flor, prendendo o cabo por atrás da orelha. Em seguida, deixe-a cair. Em sua pressa de recuperar a flor, você se curva na direção do chão – e o casaco que mal cobre seus quadris automaticamente se levanta, como se fosse uma nuvem se afastando para revelar a lua. Certifique-se de que ele tenha uma boa visão de sua bunda por pelo menos três segundos. Ao se reerguer e ver o rosto dele, cubra a boca com a flor e ria. Lance-lhe um olhar maroto e feliz, de cumplicidade. Quando ele se postar de pé a seu lado novamente, enfie seu dedo no centro da flor e mencione que lá dentro a cor é mais escura e a fragrância, mais profunda. A essa altura, o homem estará quase louco, a menos que a flor tenha perdido as pétalas e se despedaçado ao cair.

Existem outros truques simples que você pode experimentar no jardim. Aproxime-se de uma árvore e, enquanto a toca como se estivesse admirando sua força e idade, escarranche-se no tronco sutilmente. As colunas também são boas para essa finalidade.

Assim que você perder a virgindade, vou lhe emprestar algumas das minhas saias especiais. Aqui está uma de sua cor, um rico violeta-imperial. A brancura de sua pele fica melhor contra uma saia escura. A saia tem uma abertura, como a divisão entre duas cortinas, a qual se mantêm unidas por meio de uma fileira de fechos. Mas você também pode deixar alguns fechos abertos para exibir os joelhos, as coxas e até algo mais. Esta saia é só para pretendentes muito especiais ou patronos que gostam de se mostrar em público. Nunca se desmereça revelando o que está por baixo da saia se seu pretendente pedir para dar uma olhada. Esta é uma saia perfeita para “incidentes” controlados. Quanto mais generoso o pretendente, mais incidentes você deve ter: a saia pode ficar presa no braço da cadeira e exibir lampejos da brancura de sua pele, e com seu olhar tímido de surpresa você vai presentear seu patrono com dois segundos de excitação. Uma variação é a deixar os fechos meio soltos, de forma que fiquem fáceis de arrancar.

Esses incidentes com a saia também costumam ocorrer no teatro. Patronos gostam muito deles, especialmente quando acontecem em um camarote fechado. Assim que a brecha na saia for descoberta, você pode permitir que ele explore suas partes enquanto o espetáculo transcorre no palco, mas somente se ele lhe der um bom presente naquela noite. Descidas e subidas da carruagem também são boas oportunidades para instigar pretendentes que precisam apenas de um empurrãozinho para se tornar patronos. Dias tempestuosos são igualmente propícios. Deixe seus dedos ajudarem as rajadas de vento a levantar sua saia. Se o homem já é seu patrono, permita-lhe outros privilégios. Quando estiver em um banquete em sua honra, deixe que a mão dele, sob a mesa, deslize entre suas pernas para explorar o proibido na frente de todos os convidados. Continue conversando animadamente, mas hesite de vez em quando, e deixe os olhos semicerrados daquele jeito que você aprendeu, ao interpretar suas canções. Os outros vão saber o que está acontecendo. Nada se disse de maneira aberta, mas todos vão saber. Mantenha sempre a aparência de decoro. Dessa forma, você pode aumentar a agonia do desejo em seu patrono e em seus convidados

invejosos. Garanto que, assim, a festa acaba mais cedo do que o habitual.

PREPARAÇÃO DA ALCOVA

Mobiliei meu quarto com todo o conforto como um cenário para fazer sexo. Como você reparou, eu já tinha deslocado sua cama mais para o meio da sala, para poder abrir e fechar o biombo treliçado que esconde o vaso sanitário e banheira. Antes, estava atulhado e desconfortável. E como você pode se sentir limpo tendo uma banheira que se parece com um caixote velho? O vaso era tão baixo que os velhos de pernas enferrujadas iriam demorar horas para se abaixar e depois se erguer de novo. Não sei por que nunca reparei nisso quando esta era minha alcova. Agora, você e seu pretendente vão poder se refrescar e se aliviar em um ambiente mais amplo. O novo vaso é de porcelana, marrom-avermelhado, fácil de limpar, e tem assento esculpido com braços. Encomendei uma nova banheira, de estilo ocidental, de cobre, com pés de leão. Muito na moda. Ela já chegou, mas só vai dar para instalá-la em seu quarto na próxima semana. Escarlata quer a mesma banheira, e ela deve ser a primeira da casa a tê-la. Haverá um cabideiro ocidental para as suas vestes, um banco adornado e uma mesa com pomadas, perfumes e frascos de rapé contendo pó revigorante. Para chamar os criados e pedir que arrumem o quarto, basta tocar as quatro barras do carrilhão que comprei para você. É o mesmo instrumento utilizado pelas melhores companhias ferroviárias para anunciar que o jantar está servido.

Estou planejando agregar mais luxo e mais decorações. É o que eu deveria ter pensado para agradar meus próprios pretendentes. Anos atrás, decorei meu quarto de um jeito e nunca mais mudei nada. Conforme eu envelhecia, meu quarto parecia cada vez mais fora de moda. Reconheço isso agora. Os móveis, contudo, ainda são de alta qualidade, e tenho certeza de que posso vendê-los por um bom preço. Mas para comprar a mobília de que precisamos, vamos ter de pedir presentes em dinheiro. Veja só o quanto é importante você se sair bem nas festas desde o começo. Não podemos tomar dinheiro emprestado da Madame sem parar, ou seremos eternas escravas dela. Então, ao menos vou encapar as cadeiras e o sofá e providenciar novas cortinas para a cama. Usarei cambraia de seda em amarelo-imperador, com bordados azuis representando a longevidade. Comprei fitas amarelas e azuis e dezenas de sininhos. Eles vão ser amarrados nos cantos e acima da cama, para soar alegremente ao menor balançar de seus quadris, sinalizando para o homem que ele está indo em direção ao êxtase celestial. É um toque inteligente. Para saber quando o cliente da vez está terminando sua visita, basta apenas que eu ouça o som dos sinos.

QUATRO MANEIRAS DE PREJUDICAR SUA CARREIRA

Você pode se ver excluída desse ramo de negócio por um curto período, por um longo tempo ou para sempre, e há quatro maneiras de isso acontecer.

A primeira tem a ver com seu fluxo mensal. Nada é mais indesejável do que se levantar da cadeira em uma festa e descobrir um mapa vermelho da ilha Chongming desenhado no brocado do assento e na traseira de sua saia. Vou lhe dar um conjunto de esponjas marinhas especiais, para você se tampar. Se o seu fluxo é intenso, tente se prevenir adicionando um

saquinho de seda com musgo na porta de sua vagina. Nunca tenha relações íntimas com um pretendente nesse período. Apenas flerte, mas de modo tímido, nas festas. Reúna-se com os novos pretendentes somente no chá da tarde. Com relação a um patrono, a coisa muda de figura. Alguns deles podem se comprazer do derramamento de sangue, imaginando uma defloração de faz de conta. Nesses casos, vale pedir um pequeno presente em troca de tornar essa fantasia mais realista. Você vai ter de fingir relutância enquanto o patrono a despe e, depois, é só repetir o que fizer em sua primeira vez de verdade, mas não grite muito alto.

Se o patrono não se interessar por isso, talvez ele peça que você o satisfaça com a boca. Ou, então, prefira só espiar enquanto você se toca, ou qualquer outra coisa – não precisamos falar disso agora. Só serviria para assustá-la. Se um patrono quiser algo incomum, eu posso aconselhar você sobre o que fazer, sobre o que não fazer de maneira alguma e sobre o que pode ser feito mediante alguma negociação.

A segunda maneira de sair do negócio é ter um bebê. Você pode evitar isso se for diligente ao seguir minhas instruções a cada vez que tiver relações íntimas. Antes de trazer um homem para sua alcova, vou sempre lhe trazer uma sopa quente de almíscar e *dong quai*. Também vou lembrá-la de enfiar dentro de você uma pequena bolsa de seda contendo minhas ervas secretas. Não há nada ali nocivo para sua vagina ou que faça o pau do homem murchar ou arder. Ouvi dizer que esses efeitos, de imediato ou ao longo do tempo, já foram produzidos por misturas utilizadas em outras casas. Nunca dê ouvidos ao conselho de usar fatias de caqui lá dentro. Essa é uma velha peça que algumas cortesãs gostam de pregar nas colegas mais inexperientes. O caqui resseca a vagina a ponto de impossibilitar a penetração. Quando o pretendente estiver satisfeito, você deve ir rapidamente para trás da tela para lavar as partes com água de açafraão. Se esquecer de usar a bolsinha com meus ingredientes secretos, você terá de tomar um caldo forte de *quai dong*, o que vai lhe causar câibras e interromper qualquer processo que porventura já tenha começado. Se passar por dois meses sem as regras, chamarei uma mulher para cuidar do problema. Ela é muito boa no que faz, ainda que ao longo dos anos algumas meninas que passaram por suas mãos tenham sofrido com a febre – nem todas tiveram a sorte de escapar com vida, como eu.

A terceira maneira de sair do negócio é justamente morrer de febre. Então, não fique grávida. Existem muitas outras doenças. Não confie que um homem muito doente se disponha a permanecer em casa. Aqueles que sabem que não terão muito mais tempo neste mundo vão querer um último momento de prazer. É um sentimento forte como o instinto. Se notar o cliente tossindo e escarrando, incapaz de recuperar o fôlego, não beba da mesma taça de vinho, não importa o quanto ele insistir. Pode ser tuberculose. Se o homem estiver com os olhos vermelhos e vomitando, talvez não seja só efeito da bebedeira, mas febre tifoide. Tenha cuidado especial com as doenças sexuais, como a sífilis. Examine rapidamente cada homem que for para sua cama e veja se ele não tem feridas. Finja admirar o membro dele e o elogie, enquanto faz uma inspeção completa. Até mesmo uma pequena ferida sinaliza perigo. Ao encontrar uma, disfarce e, de repente, simule tonturas ou ânsias de vômito e, em seguida, me chame. É uma doença feia. Com o tempo, feridas grandes como peônias vermelhas aparecem. Em seguida, essas flores venenosas comem a carne e apodrecem o cérebro do doente. Você sabe do que estou falando, já viu mendigos na rua sofrendo disso. Se ficar doente, não dê ouvidos a quem lhe disser para tomar mercúrio

ou veneno de rato. Muitas meninas tomam isso, às vezes demais, e depois ficam horas gritando em agonia até morrer. Sei de um remédio melhor, que às vezes funciona. Não vou dizer o que é porque não quero que você fique negligente, confiando que a velha Cabaça Mágica pode curar facilmente a doença. Uma última coisa: nunca toque em um estrangeiro. Eles trouxeram a varíola para a China, e acredito que muitos deles estão contaminados.

A quarta forma de sair do negócio é perder a cabeça. Cuidado com o ópio. Quem se vicia perde a capacidade de cuidar dos clientes, fica dormindo o tempo todo. Cuidado com a bebida, também. Ela faz você rir de defeitos de um homem. Não chore o tempo todo na frente dos outros. Todos temos razões para ficar tristes. Se você chorar constantemente, é como se estivesse se vangloriando de ter uma tristeza mais triste do que a dos outros. Isso faz sentido? Se chorar na frente dos pretendentes, eles podem desconfiar de chateações no futuro caso tenham sucesso em conquistar seu afeto. Bem diferente é soltar algumas lágrimas diante de um patrono, que pode se sentir estimulado a ser mais gentil e generoso. Mas, no caso, o choro só é eficaz quando moderado. Sentimentos genuínos causam o choro, não só a tristeza, e seu patrono vai adorar ver lágrimas de felicidade em seu rosto.

PREPARAÇÃO DA VAGINA

Amanhã, a ama de Escarlate virá aqui depilar sua vagina, suas axilas e seu buço. Uma virgem deve ser totalmente lisa, e você está peluda como um homem. Os pelos enrolados lá de baixo não são nada atraentes, parecem algas, não tem maciez. Vamos ter de chamar a ama de Escarlate uma vez por semana para manter o seu pequeno monte de Vênus como uma tigresa branca. Não caia na tentação de usar pomadas e cataplasmas recomendados por outras cortesãs como tendo o poder de remover os pelos para sempre. Eles podem murchar a vagina de uma mulher, fazendo com que se pareça com a rachadura de uma velha. Um desses supostos remédios corroe a pele de uma garota, deixando a área em carne viva. As cortesãs que a aconselharam juraram que não sabiam desse risco para a saúde, mas não era verdade – fizeram aquilo por vingança. Portanto, se alguém vier até você empurrando poções de qualquer tipo, seja para depilar pelos, seja para aumentar seu apetite sexual ou o do seu amante, me chame imediatamente, conte tudo e mostre o que ela lhe ofereceu. Vou ameaçar derramar toda aquela porcaria sobre ela até que confesse qual é a artimanha.

Para o próximo ano, você vai aprender uma dúzia de posições sexuais a cada mês. Nunca faça apenas uma posição. É preciso usar uma combinação delas, em rodízio, para surpreender o cliente. Você deve fornecer o inesperado, mesmo na sua primeira noite. O estilo “inocente assustada” logo cansa. Nunca seja preguiçosa e inativa, esperando apenas que o cliente se sirva de você, a menos, claro, que seja isso o que ele procura. Quando um homem compra uma defloração, ele deseja inocência, alguma hesitação e gritos de dor como prova de que é realmente o primeiro a penetrar aquele território. Ao mesmo tempo, ele não quer o constrangimento da inexperiência nem uma menina berrando a noite toda. Qual homem vai querer se intrometer com uma garota de pernas e braços cruzados que não dá o menor sinal de que a coisa vai progredir ao longo da noite? Os homens são românticos. O que eles imaginam como o ideal não é o que vem naturalmente para as mulheres. Durante o próximo ano, vou lhe ensinar possibilidades de fazer amor que vão convencer seu primeiro

homem de que você valeu cada moeda paga. Há uma piada famosa contada em bordéis. Dois sujeitos perguntam a um homem que acabara de deflorar uma virgem: “Como foi a batalha para abrir o portão do pavilhão? Embriagante como dez taças de vinho?” – O homem responde: “Abrir o portão foi fácil, mas lá dentro só havia meia taça”. Meia taça. Isso é o que alguns homens dizem quando pagam caro e recebem pouco.

Sei que você conhece bem a aparência de um homem em estado de total satisfação. Quando trabalhava no Caminho Oculto de Jade, eu costumava vê-la espreitar através de minha janela. Você era como uma pequena mariposa, e eu não podia gritar com você sem estragar a excitação do homem. Tenho certeza de que suas espiadelas continuaram ao longo dos anos, mas agora você mesma vai praticar aquilo tudo que tanto lhe interessava anos atrás. Contratei um jovem da trupe de ópera. É um ator talentoso, capaz de fazer qualquer coisa que eu ordene a ele. Conhece todas as posições, os dramas, as ilusões – e faz de tudo, mas sem perfurar sua florzinha. E não há nenhuma chance de que ele vá tentar. Ele é homossexual, não encontra prazer no corpo de uma mulher, só na arte do ator. Você vai chamá-lo por nomes que variam conforme a lição aprendida: senhor Yang, o Eremita, o Sábio, o Marquês e qualquer outro personagem que for evocado. Ele vai chamá-la de senhorita Delícia, madame Li, viúva Li, senhora Li, Fada Donzela, Jovem Escrava e assim por diante.

Não precisa se envergonhar: vocês dois vão estar vestidos com pijamas folgados, embora às vezes ele tenha de usar bandagens para cobrir o pênis e as bolas e vestir o cinto com a haste falsa, para que você preste atenção em como as coisas funcionam. Ele não vai tocar em você, é claro, só apontar na direção certa. Como não gosta de mulher e não vai se excitar vendo você, vou pedir que ele acaricie o próprio corpo para que você observe as mudanças no tom da pele, na respiração, no tamanho das pupilas, na tensão e no relaxamento de seus membros. Como as bandagens serão bem apertadas, não há perigo de alguma coisa saltar para fora delas.

Para começar, você vai aprender os Quatro Básicos: abraço, abertura, penetração e rolamento. Podem parecer óbvios, mas há uma arte, um ritmo e uma graciosidade em cada um deles. As habilidades de paciência e graciosidade se aplicam a todas as posições. Vamos praticar a arte de todos os seus movimentos – a rapidez para mover os membros, o momento de arquear as costas. Cada cortesã tem uma centena de métodos à sua disposição. Para cima, para trás, sentada, de pé, com os pés pressionados no estômago do homem, de pernas para o ar, Cavalinho, Balanço do Bambuzal, Tigresa e Dragão, Ostras no Casco da Tartaruga – todas as maneiras criadas ao longo de cinco mil anos de sexo, excitação e tédio. A aprendizagem leva uma vida. Para melhorar sua reputação, nós mesmas vamos inventar algumas posições.

O ator vai lhe dar lições sobre expressões convincentes para que você possa simular as Nove Exortações – lamúria, gemido, súplica e assim por diante, mas não todas elas na primeira noite. Mas, pela segunda noite, você já vai ter de dominar pelo menos até a oitava delas para provar ao homem que ele despertou a donzela na gruta. O ator também vai imitar para você as Duas Reações do macho: gemido de desejo e, em seguida, grunhido de satisfação. A gratidão deve ser a terceira reação, e um belo presente, a quarta.

Vou costurar saquinhos com formato de dedo – alguns finos, outros mais grossos – recheados de arroz cru. O ator pode usá-los para lhe mostrar como agradar os homens cujo

pau não levanta, parece adormecido. Para aumentar a confiança desse tipo de cliente, você deve se referir ao pênis dele como Guerreiro, ou Cabeça de Dragão. Os homens se satisfazem facilmente com palavras assim. Você vai reparar que, às vezes, um homem parece bastante viril numa festa, mas acaba envergonhado na alcova, quando seu guerreiro se revela um soldado raso. Para esses dois casos, o ator vai mostrar como usar anéis e cliques, de modo que o arroz se empilhe e ponha de pé um tronco reto e grosso. Muitos clientes também se favoreceram de nossas fitas douradas e azul-martim-pescador. Eles costumavam ficar excitados quando usavam as cores do imperador. Agora que o soberano abdicou, talvez as cores não causem o mesmo efeito. Além disso, vou deixar no seu quarto poções que despertam a luxúria. Use somente as minhas, jamais aquelas presenteadas por outra cortesã, que podem conter qualquer coisa, de vinagre a óleo de pimenta. Um produto de boa marca é Felicidade no Pavilhão, que com certeza não vai fazer o pretendente pular em agonia, enquanto seu pau parece estar em chamas. Isso já foi provocado por outras marcas. Alguns homens pensam que quanto mais poções beberem, mais seu tronco vai crescer, mas isso só vai fazer com que vomitem a noite toda. Portanto, preste atenção à dosagem.

A cada noite, quero que você deite na cama e tente despertar seu próprio apetite. Vou lhe dar um polidor de pérolas e uma loção chamada Portões Bem Abertos. Quando não conseguir mais parar de usar, você entenderá o nome do produto. Mas se nem essas coisas a levarem às alturas, vou pedir ao ator para ajudá-la a ensaiar as expressões que você deve fazer. Ele é muito profissional. Quando um homem vê uma mulher com urgência no rosto, acha que é por amor a ele. Acho que você vai se dar bem com o polidor de pérolas. Muitos pretendentes trazem para a alcova seus próprios brinquedinhos, e os polidores de pérolas são os favoritos dos homens que gostam de ver uma mulher se contorcendo de prazer como um peixe fora d'água. Você saberá mais tarde do que estou falando. Ao longo dos anos, ganhei de presente alguns desses polidores de pérolas. Francamente, preferia um corte de seda.

Talvez, no começo, você perceba que sente pouco prazer. Muitas beldades mais novas não apreciam o sexo. Às vezes, o primeiro pretendente é bruto, ou o velho patrono não tem muita habilidade ou energia para fazer amor. Ou, então, é muito mimado e faz exigências ridículas, como se você fosse a babá de uma criança chata. Seja paciente. Nem todos eles são terríveis. Conto sobre os maus exemplos para que, se essas situações acontecerem, você não seja surpreendida. Se não tiver expectativas românticas quanto a esse trabalho, você não será esmagada por ele.

Mas quem sabe? Depois de seu primeiro patrono, você pode se surpreender com um segundo amante que a trate com tanta ternura que lhe fará encarar a carreira como uma diversão, e não como trabalho. Isso raramente acontece com o primeiro, no entanto. Quem compra uma defloração não se preocupa com ternura ao atravessar seus portões fechados. Se chorar, ele não vai parar o que está fazendo para consolá-la. Não vai pedir desculpas.

Mais tarde, porém, haverá pretendentes que agem como verdadeiros amantes, talvez sinceramente empenhados em lhe dar prazer. Um homem assim gosta de assistir uma mulher alcançar as alturas imortais. Ele se sente poderoso quando seduz uma cortesã usando os mesmos artifícios que ela domina. Você ficará tentada a acreditar que esse homem não a vê apenas como cortesã. Vai entregar-se a ele livremente, sem pensar no dinheiro. Vai

acreditar de todo o coração que essa felicidade durará para sempre. O cheiro desse homem fará você abandonar tudo o que ensinei. Isso vai acontecer muitas vezes, com muitos homens.

E eu vou estar lá para abrir seus olhos.

Capítulo 5

A memória do desejo

Xangai
Agosto de 1912
Violet

No banquete de Loyalty Fang, Cabaça Mágica e eu ficamos junto à parede, perto da extremidade de uma longa mesa lotada de comensais. Madame Li disse que eu não faria nada na festa além de ser “apenas um pequeno adorno”, e precisaria apenas manter um sorriso e uma postura simpática.

– Nada mais – alertou e piscou o olho, numa advertência ameaçadora.

Ela estava nervosa porque a festa ficou maior do que o previsto, o salão se mostrou muito pequeno e algumas das cortesãs convidadas de outras casas não atendiam aos padrões de primeira classe em termos de vestuário e maneiras. Também se irritou com o fato de cada uma ter trazido sua atendente, e deixou bem claro que aquela não era uma ocasião para tratar de negócios, de modo que as amas tiveram de permanecer fora da sala.

Fazia quase seis meses desde que eu tinha sido sequestrada e, ao longo desse período, minhas esperanças tinham se calcificado em uma branda aceitação de tudo, menos o fracasso de minha mãe em voltar para Xangai. Eu a culpava pela ingenuidade e pela falta de escrúpulos que me relegaram a uma vida no inferno. Nos meses anteriores, eu tinha jurado preservar quem eu era – uma pensadora independente devotada ao conhecimento, a garota americana que usava a criatividade para resolver qualquer problema. Esse meu antigo eu se desfez rapidamente. Cabaça Mágica estava certa: minha determinação não passava de arrogância, e quando minhas liberdades foram tomadas de mim eu não era igual nem sequer a uma cortesã. Na noite do banquete, eu estava feliz por ser pouco mais que um ornamento. Não haveria expectativas nem críticas. Gostaria apenas de ver a noite passar como se eu estivesse num teatro, ser mais uma vez a garotinha de sete anos no balcão, espiando os convidados do Caminho Oculto de Jade.

Antes da festa, Madame Li repassou com as cortesãs a lista de convidados, os negócios que cada um mantinha, se eram casados e tinham concubinas, qual tipo de lisonja mais gostavam de ouvir. Loyalty Fang, o anfitrião, era o melhor partido entre todos eles. Madame Li não teve de dizer nada sobre ele para as beldades. Ele era um celebrado *habitué* das casas de cortesãs. Perguntei a Cabaça Mágica por que houve tanto clamor diante do anúncio de que ele promoveria uma festa.

– Além de ser rico – começou ela –, ele é bem-educado e vem de uma família de intelectuais com senso empresarial moderno. Tem vinte e quatro anos e ainda não se casou nem tem filhos, o que é uma grande preocupação para sua mãe. Toda cortesã, é claro, gostaria de aliviar tal preocupação fornecendo a essa senhora a próxima geração da família.

– Como ele é?

– Ele não é exatamente bonito. Mas quando entra na sala, dá para ver a aura de quem vem de uma família de elite. Sua cultura fica demonstrada pelos modos, mas não é um esnobe. Ele fica à vontade em qualquer situação e imediatamente se destaca ao longo da noite nas festas. Seus olhos e sua boca são sensuais, não pelo formato, mas pelo jeito como se movem e expressam alegria e imaginação sexual. Isso é o que todo mundo diz. Não tenho como verificar se o que ele parece expressar equivale ao que desempenha na cama. Mas muitas disseram que, quando ele olha para uma mulher, ela instantaneamente imagina-se embaixo dele. Você vai ver o efeito que ele exerce sobre as mulheres hoje à noite.

Como um general do exército, Madame Li definiu nossas posições. Duas cortesãs ficariam na retaguarda de cada um dos oito homens sentados à mesa. Madame Li colocou a filha Escarlata no lado oposto ao lugar de Loyalty Fang. Ele seria capaz de desfrutar de todos os atributos e da graciosidade da garota, do rosto sorridente aos quadris bamboleantes. E ela teria oportunidades para capturar sua atenção e emitir sua suave voz com perfeito sotaque de Soochow. Madame Li colocaria uma cortesã de outra casa ao lado de Escarlata, alguém com muito menos atributos. Nossas outras três cortesãs, Pequena Fênix, Ameixa Verde e Relva de Primavera, estariam também de frente para os outros bons partidos convidados: Eminent Tang, Unison Pan e Perceptive Lu.

De meu ponto de vista, pude observar livremente toda a cena. Já tinha visto muitos homens bonitos no Caminho Oculto de Jade, ocidentais e chineses, jovens e velhos, os que fingiam ser importantes e os que realmente eram. Loyalty Fang entrou na sala, e foi como se a temperatura e a luminosidade do ambiente tivessem aumentado. Examinei seu rosto para ver por que sua beleza era tão comentada. Nos trajés, ele adotava um visual ocidental e moderno. Mas isso era típico de muitos convidados. Seu cabelo estava penteado e besuntado no estilo que aparecia em revistas de moda. Nada de anormal nisso. Seu rosto era alongado e, na minha opinião, as feições eram comuns. Poucos minutos depois, porém, elas estavam bem diferentes. Eu não conseguiria apontar a diferença exata, porque a cada instante suas feições se modificavam. Suas sobrancelhas se arqueavam em atenção ao que diziam seus amigos. Quando sorria, seus olhos se plissavam, mas se tornavam grandes e escuros se a conversa ficasse séria. Depois de estudá-lo um pouco mais, desconfiei que ele parecia um nobre que eu tinha visto em uma pintura. Eu vi como seu olhar descia sobre as mulheres e as capturava. A cada vez, as sobrancelhas se erguiam um pouco, como se fosse a primeira vez que ele tivesse visto a beleza da cortesã, e o sorriso que se seguia era travesso, misterioso e promissor. Ele olharia para ela, dando-lhe toda a atenção, o que nunca durava mais do que alguns segundos. Mas naqueles segundos ficava claro que a cortesã acabara de ser engolfada pelo desejo. Mesmo a beldade que não tivesse qualquer desejo sexual por homens ficaria lisonjeada por ser notada por ele. Então vi que ele também dedicou longos olhares para as atendentes, e muitas delas, que tinham sido cortesãs na juventude, há muito tempo não desfrutavam de uma atenção como aquela. Ele revitalizou todas elas.

Seu jeito carismático se estendia da mesma forma aos homens, mas, no caso, se expressavam mais pelo jeito descontraído e pela atenção que dedicava a cada convidado, como se o tivesse escolhido como seu confidente mais confiável. Ao introduzir seus pares num determinado assunto, ninguém era deixado de fora. Ele formulava perguntas aos outros, ouvia com deferência, destacava a modéstia alheia e citava as proezas de cada um, sem aparente bajulação. Hipnotizada, acreditei que ele era genuíno ao se apresentar como era.

Observei qual mulher havia merecido maior atenção dele, qual era a dona do rosto no qual seu olhar se demorara por mais tempo, qual recebera o sorriso mais sugestivo. Como o esperado, até ali essa mulher era Escarlata.

– Nas centenas de festas de que participei – ela disse –, nunca vi comida tão esplêndida. Toda nossa gratidão ao anfitrião, por sua generosidade.

Loyalty, por sua vez, agradeceu a Madame Li pela organização do banquete. Eu me perguntei se ele percebera que o elogio de Escarlata era falso. Ela não tinha provado nada. Nós não fomos autorizadas a comer. Com sorte, daria para experimentar sobras dos pratos quando a noite tivesse acabado.

Um convidado bêbado me chamou.

– Ei, pequena flor! Coma! Divirta-se!

Pegou uma vieira reluzente com seus pauzinhos, aproximou-se de mim e a levou até minha boca. Como eu poderia negar ao homem aquela chance de exibir sua generosidade? No momento em que ia tocar meus lábios entreabertos, a vieira escapou do par de pauzinhos e deslizou pelo meu casaco novo, do peito para colo. O homem murmurou desculpas e Madame Li o reconduziu de volta a seu lugar, garantindo-lhe que a culpa não era dele, mas da menina desajeitada. Cabaça Mágica estava boquiaberta. A mancha oleosa havia se espalhado como rastro de lesma.

– Um mês de salário – ela resmungou. Recusei-me a assumir a culpa. Não fui responsável por aquilo.

Um momento depois, ouvi um alvoroço. Duas cortesãs – as mesmas que já tinham desagradado Madame Li – estavam discutindo. Um vento de sussurros rodopiou pela mesa e pude perceber que elas disputavam os favores do mesmo convidado, um homem corpulento em cuja retaguarda ambas tinham sido posicionadas ao longo dos últimos dois anos. Madame Li rapidamente escoltou as duas exaltadas mulheres para fora da sala de jantar. O homem que era alvo dos ciúmes se virou conforme elas saíam e fingiu estar confuso, como se não tivesse nada a ver com aquilo. Quando Madame Li voltou, dirigiu-se a Cabaça Mágica.

– Depressa. Assumam os lugares, vocês duas.

Cabaça Mágica me cutucou para a frente. Eu fiquei à direita do convidado corpulento, enquanto Cabaça Mágica posicionou-se à esquerda dele. Sem querer, eu me juntara àquele teatro, e agora tinha de ter cuidado para não cometer erros. A melhor maneira de fazer isso era não fazer nada.

Pus um sorriso simplório no rosto, e até já me contentava com minha atuação quando Cabaça Mágica me beliscou, entregando-me uma garrafa de vinho de arroz. – Rápido, encha a taça dele. – Então, veio outro beliscão. – Depressa. Ofereça-se para colocar mais peixe no prato. – Ela me beliscou mais uma vez. – Recolha as espinhas.

Ela não parava de me apressar para fazer isso e aquilo. Quando levei outro beliscão por fazer cara feia para ela, finalmente me descontrolei e a belisquei de volta. Ela gritou. Os homens riram e espalhou-se uma onda de murmúrios divertidos entre as cortesãs. Cabaça Mágica inventou que eu havia pisado em seu pé. Escarlata e Madame Li cerraram os lábios, como que para evitar uma explosão de raiva. Meu rosto estava queimando, e quando vi Cabaça Mágica me fitando, desviei o olhar, envergonhada. Foi aí que vi Loyalty Fang sorrindo para mim.

– Ela tem uma personalidade e tanto – disse ele, com os olhos fixos nos meus. Será que estava sendo sarcástico?

Madame Li apressou-se a pedir desculpas:

– Nossa cortesã virgem tem muito a aprender. Como pode ver, Violet ainda é muito jovem.

– Ela está aprendendo a recitar histórias ou poemas? – ele questionou.

– Ela está aprendendo tudo.

– Permita que ela recite alguma coisa, então. Uma história, uma canção, um poema. Ela pode escolher.

Madame Li objetou. Ela assistira a um ensaio meu outro dia e criticou Cabaça Mágica por minha má formação.

– Ela ainda não está pronta – disse a senhora –, não para os seus ouvidos. Espere mais alguns meses. Uma de nossas outras beldades pode tocar cítara para vocês esta noite.

Ela se virou para Escarlata e, com os olhos brilhando, acenou de leve com a cabeça para sinalizar que sua grande chance havia chegado.

Mas Loyalty Fang agiu como se não a tivesse ouvido e me convocou a ir até onde a cítara de Escarlata estava pousada.

– Leve o tempo que precisar para se preparar – recomendou.

Então, ele incitou os homens a cantarem uma balada sobre juventude e tigres. Cabaça Mágica aproximou-se e se sentou para tocar a cítara. Ela tinha a aparência de quem estava prestes a ser executada.

– Vamos fazer ‘Flor de Pêssego de Primavera’ – aconselhou.

Protestei, dizendo que não conseguiria. Eu não me lembrava da maior parte das palavras.

– Preste atenção no que eu tocar na cítara – disse ela. – Tremule com o *tremolo*, balance com o glissando e leve o olhar para cima conforme a música sobe. Não se esqueça de ser natural. E não me envergonhe – advertiu –, ou acabaremos dormindo na rua esta noite. Essa é a oportunidade de construir sua reputação. Poderá ser boa ou ruim, tudo depende do que você fizer.

A sala silenciou. Todos os olhos estavam sobre mim. Loyalty Fang abriu um largo sorriso, como se estivesse orgulhoso de ter descoberto uma talentosa cantora. Cabaça Mágica varreu a cítara e arrancou as primeiras notas. Fechei os olhos e abri a boca para falar a primeira frase. Nada saiu da minha garganta. As palavras estavam presas. Tentei por vários minutos, e Cabaça Mágica continuou a varrer toda a cítara, produzindo algumas deixas para que eu começasse a história. Finalmente emiti um som estrangulado e as palavras saíram trêmulas:

– Alguém já ouviu a história da Flor de Pêssego da Primavera? – Claro que todo mundo

tinha ouvido. Crianças de três anos de idade conheciam a trama. – Pois vou contá-la agora como ela nunca foi contada antes – falei.

Loyalty Fang escancarou o sorriso e seus convidados se voltaram para ele, elogiando a escolha da artista.

– Isso vai ser especial. Excelente escolha.

Iniciei com um jorro atrapalhado de palavras. Quando descrevi como o barco do pescador derivava preguiçosamente corrente abaixo rumo ao paraíso, emiti uma torrente de frases que poderiam ter virado a embarcação. Cabaça Mágica fez sinal para eu ir mais devagar e seguir a música da cítara. Tentei obedecer rigidamente, mas me perdia a toda hora na melodia e fiquei insegura de minhas expressões não estarem de acordo com a história. Quando contei a chegada do pescador em Flor de Pêssego de Primavera, esforcei-me para lembrar que expressão facial devia fazer – pálpebras semicerradas, lábios entreabertos, ou inclinação de cabeça como se fosse desmaiar? Fiz todas as três em sequência e, quando vi Cabaça Mágica, seus olhos estavam arregalados de pânico. Ela repetiu um *tremolo*. Nesse ponto, eu estava tão confusa que minha memória congelou e fiquei parecendo uma estúpida. Avancei pela parte da história que se passava no paraíso como se fosse uma refugiada aterrorizada.

– O pescador encontra sua esposa ainda viva duzentos anos mais tarde... ainda que todos os outros estivessem mortos... e a aldeia arrasada pelo incêndio. Eles ficam no barco e voltam juntos para o paraíso, onde donzelas saúdam o pescador e lhe proporcionam prazer imediato...

Os homens explodiram em rugidos.

– Prazer imediato? *Wah!* Este é o paraíso para onde quero ir. Lá não é preciso cortejar ninguém.

Com voz vacilante, acrescentei que o prazer era proporcionado por deliciosos pêssegos e um bom vinho, que o pescador compartilhou com sua esposa. Isso provocou ainda mais risos. Cabaça Mágica piscava os olhos com a boca bem aberta, como se estivesse gritando silenciosamente. As caras de Escarlata e da senhora pareciam estátuas de pedra. As cortesãs de outras casas mal conseguiam conter sua satisfação, sabendo que eu não seria uma futura competidora com a qual teriam de se preocupar.

Voltei para a extremidade da mesa a fim de retomar o meu lugar de “pequeno ornamento”. Cabaça Mágica ficou ao meu lado e murmurou para si mesma:

– Ela me envergonhou. Ela me fez de boba. O que será de mim?

Fiquei indignada. Envergonhada? Por acaso era dela que estavam rindo?

Um criado me trouxe uma taça de vinho. Como assim? Nenhuma das outras mulheres havia sido servida. Loyalty Fang levantou-se e ergueu sua taça:

– Uma única flor, um enxame de abelhas, um único perfurar, dez mil mortos. – Era uma zombaria feita para soar como um gracejo clássico de mil anos atrás. – Hoje à noite, pequena Violet – ele continuou –, com uma música, você perfurou todos os nossos corações e nos fez querermos matar uns aos outros em uma batalha para conquistá-la.

Os homens urraram em concordância, cada um entornando sua taça. Cabaça Mágica me cutucou, para que fizesse o mesmo. A crueldade era me fazer brindar meu fiasco. Em meio a aplausos, drenei minha taça de humilhação com um só gole. Feito! Sorri. Eu não ligava para o que eles pensavam.

– E agora, florzinha – Loyalty disse –, sente-se aqui ao meu lado.

O que isso significa? Olhei na direção de Madame Li. Ela franziu a testa e apressou um criado para que colocasse uma cadeira ao lado do anfitrião. Escarlata ocupava-se de conversar com o homem ao qual estava encarregada de servir. Ela era tão boa atriz que sabia agir como se não estivesse se importando com o que acontecia. Olhei para a outra extremidade da mesa onde Cabaça havia ficado. Ela me deu um sorriso murcho. Estava intrigada, também. Puxaram a cadeira para mim. Vi duas beldades sussurrando entre si, olhando-me descaradamente. Loyalty pediu que alguma cortesã cantasse uma balada animada, e Madame Li convocou uma das meninas mais novas da casa, conhecida por ser boa cantora. Todo mundo fingiu ouvir, mas eu sabia que grande parte da atenção estava em mim. Sabia o que estavam pensando. Era estranho que ele tivesse escolhido uma garota tão boba para se sentar ao lado dele. O ambiente ficou mais ruidoso. A cada refrão da balada, os homens levantavam suas taças para um brinde. Loyalty Fang me incentivou a beber, mas sem exigir que eu tomasse toda a taça. Um prato cheio de comida foi posto na minha frente. Loyalty Fang acenou, convidando-me a comer. Olhei para Madame Li, e ela assentiu com a cabeça. Provei um prato, e depois outro. O peixe estava suculento e os camarões, doces.

Senti Loyalty Fang inclinar-se para mim.

– Há sete anos, fui ao Caminho Oculto de Jade. Eu tinha dezessete anos e pensei que havia entrado em um mundo de sonhos. Mulheres bonitas. Um cenário ocidental. Uma madame americana. Eu nunca tinha visto um estrangeiro. Então, ouvi uma garota malcriada gritando enquanto um gato corria na minha direção. O gato voou para baixo do sofá. Você se lembra?

Olhei para o rosto dele e, depois de alguns segundos, vi em seu semblante de adulto traços do garoto desajeitado que tinha olhado para mim.

– É você! – exclamei. – Mas eu tinha ouvido dizer que você tinha morrido!

– Que notícia terrível. Por que fui o último a saber?

O garoto desajeitado tinha crescido e se tornado um homem sensual e autoconfiante.

Lembrei-me, então, do resto do incidente. Carlota mordeu a mão dele e, em seguida, deslizou as unhas por todo o braço, deixando longos sulcos de sangue. Ele tentou fingir que a medonha ferida não estava doendo, mas, segundos depois, empalideceu, seus dentes se cerraram, seus olhos saíram de órbita e ele tombou de joelhos antes de se esparramar pelo chão. Uma multidão se reuniu em sua volta, e alguém gritou para seu pai vir imediatamente. Pouco depois, seu corpo inerte foi levado por dois homens. No dia seguinte, uma das cortesãs disse que o rapaz tinha morrido. Temi que Carlota fosse acusada de assassinato e eu, de ser cúmplice!

– Você se lembra do que eu disse naquela noite pouco antes de “morrer”? – perguntou. – Não? Eu perguntei, em meu péssimo inglês, se você era uma estrangeira. E qual foi sua resposta? Você se lembra?

Eu não me lembrava da conversa, mas a única resposta que eu poderia ter dado era sim.

Ele continuou:

– Você falou em chinês que não entendia o que eu estava dizendo. E, então, abaixou-se para procurar o seu gato. Eu vi a cauda sacudindo debaixo do sofá e a agarrei para puxar o gato para fora. Eis aqui a lembrança desse erro.

Loyalty Fang puxou para cima a manga da camisa.

– Violet Minturn – ele disse em seu inglês precário. – Olhe o que seu gato me fez.

Tremi ao ver aquelas cicatrizes brancas. Ele falou novamente, dessa vez em bem articulado chinês.

– Esperei muito tempo pelo seu pedido de desculpas, Violet. E agora sinto que fui mais do que compensado pela minha dor.

Então, ele tinha realmente a intenção de me humilhar.

– Peço desculpas a você pelo gato e pela péssima história que recitei esta noite – falei, lacônica.

– Não foi isso o que quis dizer. Eu gostei do jeito como contou a história. Sei que foi sua primeira performance. E foi para mim. Foi verdadeiramente encantador.

Não acreditei.

Ele assumiu uma expressão séria.

– Quando eu tinha dezessete anos, meu pai me levou para o Caminho Oculto de Jade para me iniciar no mundo das flores. Eu me senti como se estivesse em uma terra de sonhos, fadas e deuses. Ele disse que, quando me tornasse bem-sucedido, eu poderia voltar para aquele lugar quantas vezes quisesse. Ter estado lá me acendeu um excruciante desejo por romance, e também me enraiveceu, pois meu pai havia me mostrado as delícias para, em seguida, me negá-las. Fiquei determinado a ser mais rico do que ele para, um dia, ter todas as belezas que desejasse naquele mundo dos sonhos. Fui fiel a essa meta. Em alguns anos, tornei-me bem-sucedido nos negócios e pude ter todas as mulheres bonitas que desejei. Mas me esqueci da terra dos sonhos que tanto me havia motivado. Esqueci de voltar para satisfazer aquele desejo do garoto de dezessete anos de idade. Cresci complacente, mas não realizado. Sempre estive ocupado demais para notar que algo me fazia falta.

– Ao longo dos últimos dois anos, tenho me sentido um tanto entediado e vagamente insatisfeito. Ainda gosto da minha vida, mas sinto que não estou me movendo para a frente. Não há nada a me mover para a frente. Percebi que precisava despertar, instigar meus tendões, minha mente, meu espírito. Mas como? Até descobrir, esse mal-estar me acompanharia como uma incômoda dor de dente.

– Alguns meses atrás, eu estava em uma festa com um dos meus velhos companheiros de escola, Eminent Tang – aquele que está sentado à ponta da mesa. Ele me contava sobre os negócios que tinham sido tomados tanto pelos japoneses quanto pela Gangue Verde, e o Caminho Oculto de Jade era um desses estabelecimentos. Assim que ele mencionou o nome, lembrei-me do sonho e de minha promessa de voltar. Corri até o lugar com sete anos de expectativas guardados em meu corpo. Mas a terra dos sonhos havia se acabado. A casa não era mais a mesma.

– Comentei com Eminent sobre minha decepção e perguntei o que tinha acontecido com a madame norte-americana. Ele me contou a história. Realmente sinto muito, Violet. Eu admirava muito sua mãe e o mundo que ela criou. Mas devo ser honesto: quando ouvi dizer que você estava vivendo na Casa de Escarlata, senti fogos de artifício na minha cabeça, anunciando o retorno do sonho. Sei que não veio aqui por vontade própria, e garanto que não pensei em você de maneira lasciva. Afinal, em minha mente, você ainda era uma pirralha de sete anos de idade. O que percebi sobre a terra dos sonhos, no entanto, foi algo muito forte que, uma vez instalado, simplesmente ficou retido em mim. Deixou saudade – e criou um propósito, também. Dei o melhor de mim para cumprir esse propósito: diligência,

inteligência e uma compreensão de mim mesmo e dos outros. Tive de pesar oportunidade e moralidade, ambição e justiça. Minha determinação precoce de ser bem-sucedido e independente veio da fome do desejo, que ainda tinha de ser saciada.

– Como eu esperava, assim que vi você aqui a memória do desejo voltou, a força da excitação me percorreu, e sinto que ela vai me impulsionar adiante outra vez – para onde, ainda não sei. Com você, sinto a profunda dor de um novo desejo. O desejo é o sonho indescritível que vai me infundir um novo propósito. Sem propósito, não consigo ver meu futuro. Estou preso ao presente, contando os dias de hoje, com a mortalidade me encarando.

Meu coração batia forte de orgulho e emoção, mas eu também me sentia confusa. Eu não queria cometer erros ao concretizar – ou ao não concretizar – o sonho dele.

– Você quer pensar em mim como alguém que não é real? É isso?

– Oh, você é muito real. Mas também é o sonho que era minha pedra de toque, e ainda pode ser. Você é a minha memória do desejo. Importa-se de eu pensar em você desse jeito? Alguém que vou desejar para sempre, baseado nas minhas lembranças de juventude?

– Tenho certeza de que posso ajudá-lo a manter seu sonho forte. O que devo fazer para me negar a você? Devo ignorá-lo?

– Nada disso! Você deve ser tão charmosa quanto é agora. Na verdade, você deve fazer o que puder para aumentar meu desejo. Vou usar minha força de vontade e fazer de tudo para controlá-lo. Dê a ele os seus melhores esforços. Quanto mais forte o meu desejo, mais poderosa será a minha força de vontade, e mais significativo o meu propósito na vida. É disso que preciso para me livrar dessa tediosa complacência.

Ele queria um romance não consumado. Fiquei um pouco desapontada. Imaginei o que seria negado a ele – nossos corpos pressionados um contra o outro, braços e pernas entrelaçados, expressões de carinho, uma soneca a dois. Naquele momento, eu ansiava por ele – e um segundo pensamento veio em seguida. Eu ansiava por um homem chinês, e até aquele exato momento eu não tinha nem sequer considerado qual era sua raça. Que estranho! Eu havia praticado as artes da sedução acreditando que nunca teria de usá-las aqui. Nunca tinha imaginado que poderia desejar um dos clientes da casa. Eu queria romance, queria saber a respeito dele, queria os nossos corpos juntos. Senti-me libertada, aliviada e alegre por ser descompromissada. Eu tinha lutado anos contra a minha metade chinesa, me ressentia de tê-la comigo. Mas naquele momento senti que não estava mais oscilando entre minhas duas metades. Eu pisara no limite entre as identidades americana e chinesa apenas para descobrir que não havia qualquer linha divisória. Eu ainda era eu mesma, não tinha mudado, mas não precisava mais negar quem era. Ele me desejava inteira, e não pela metade. Eu ansiava por tudo dele. Que tragédia para nós dois! Éramos frade e freira um para o outro. Pelo sofrimento do desejo, nós nos ajudaríamos a – o que foi que ele disse mesmo? – revigorar nosso propósito? Bem, então eu teria de encontrar o meu. Mas pelo menos Loyalty Fang era meu aquela noite, e todo mundo podia ver isso.

Senti-me confiante a seu lado enquanto ele conversava com os amigos. Eu admirava sua forma serena de discursar, típica de famílias eruditas, perfeitamente articulada, sem nenhuma pitada de rebarbas regionais e embelezada com algumas frases arcaicas. Este era o homem que desejava para mim. Ele mencionava casualmente heróis e donzelas de romances para enfatizar um ponto de vista bem-humorado. Falava sobre seu trabalho com

um consórcio envolvendo o novo governo chinês e os Estados Unidos. Pedia aos convidados opiniões sobre o novo presidente e reformulava as respostas recebidas, de modo a fazer parecer que cada um estava mais bem informado do que realmente era. Esse homem, que discutia com conhecimento de causa até sobre as razões para a falência das fábricas de borracha, tinha um desejo infinito por mim. Ele se dirigia aos amigos, mas me fitava e sorria para mim com frequência. Eu era o seu sonho.

– Pequena Violet – ele me chamou, de repente. – Diga-nos o que você pensa. Devo investir em empresas japonesas com novos equipamentos, como os banqueiros me aconselham? Ou devo comprar empresas chinesas em falência, equipá-las com novas máquinas e investir em sua gestão? Qual o caminho para ganhar dinheiro suficiente para pagar por este caríssimo banquete?

Cabaça Mágica me dissera que, sempre que pedissem minha opinião, eu deveria responder de modo a referendar o domínio do meu homem acerca de determinado assunto. Concordar com ele, sem delongas. Qualquer outra coisa sinalizaria que eu era estúpida por me julgar mais sabida do que ele e prenunciaria que provavelmente eu também seria uma irritante tagarela na cama. Mas eu estava embriagada de ousadia, decorrente da recente confissão dele e, também, de duas taças de vinho. Já havia presenciado inúmeras discussões acaloradas entre minha mãe e seus clientes sobre investimentos estrangeiros. Achava aquelas conversas tediosas. Os convidados faziam as mesmas perguntas. Mamãe dava as mesmas respostas, repletas de fatos e números, previsões e projeções. Ela costumava ensaiar isso com Pomba Dourada, que lhe corrigia a gesticulação das mãos. Eu ouvia tudo através da porta do boulevard e depois imitava as falas para Carlota, que ronronava de felicidade ao me ouvir.

Então, imitei minha mãe mais uma vez. Levantei-me da cadeira e, com postura bem ereta, entreguei as frases decoradas acompanhadas de eloquentes gestos das mãos – com muito mais facilidade do que tinha feito na lamentável interpretação de “Flor de Pêssego de Primavera”. Eu me imaginei sendo Mamãe, confiante e ativa, conforme falava com seu teatral tom otimista:

– Eu recomendo uma abordagem perspicaz para a resposta. Quem se beneficia quando sua empresa contribui para os japoneses expandirem seus negócios, patrimônio e rentabilidade? É um investimento que favorece nossa nascente República? Claro que um homem de negócios não pode tomar decisões com base apenas no nacionalismo. Mas acredito que a nova República representa uma oportunidade sem precedentes. Compre usinas de algodão chinesas à beira da falência e selecione novas parcerias com empresas de investimento norte-americanas, valendo-se das novas políticas instauradas sob a República. Então, reequipando as usinas com equipamentos modernos e lhes impondo uma nova administração, você pode obter uma parcela de lucros maior do que a proporcionada pelo investimento em uma empresa japonesa. O crescimento das companhias japonesas é o crescimento do poder japonês, e todos nós devemos olhar para o futuro com cautela. Você pode ser um modelo para o comércio na nova República: um exemplo progressista, de controle chinês, e apoiador de políticas de comércio exterior que beneficiem a República. – E voltei a me sentar.

Loyalty Fang assentiu solenemente. Os homens à mesa ficaram quietos, atordoados. Ninguém concordava ou discordava. As cortesãs estavam confusas, e eu sabia o que se

passava em suas mentes: aquela ostentação de conhecimento era positiva ou iria me prejudicar?

Loyalty sorriu.

– O que você disse é exatamente o que pretendo fazer. Estou deslumbrado com seu conhecimento e, mais ainda, com sua personalidade, sua preciosa vivacidade, tão cheia de surpresas.

No final da noite, Loyalty Fang deu à Cabaça Mágica uma generosa gratificação. Pediu desculpas pelo comportamento de seu irmão mais novo, aquele homem bêbado que derrubara a vieira em minha roupa. E acrescentou à gorjeta uma soma de dinheiro suficiente para comprar três novas peças para substituir a que foi estragada.

– Lago verde – disse ele –, essa cor combinaria bem com os olhos dela.

Em seguida, voltou-se para Madame Li e anunciou que queria ser o primeiro a organizar uma festa em honra da cortesã virgem Violet.

– Espero que você não exagere na sua generosidade – provoquei –, uma vez que nunca poderá ter a mim.

– Por que não posso ter você?

– Você disse que quer me desejar para sempre, para que o sonho seja preservado.

– Ah! Isso está certo. No sonho, é assim. Mas estamos acordados e podemos controlar nossas vidas. Posso ansiar por você, posso cortejar você e, eventualmente, também posso, com sua permissão, materializar meu desejo em sua cama – a menos que você ainda tenha aquele gato.

De volta ao nosso quarto, Cabaça Mágica borbulhava de satisfação com nosso sucesso.

– A história da Flor de Pêssego de Primavera precisa de mais polimento, é claro. Mas, agora, não precisa esconder sua origem mestiça. Todo mundo está falando sobre o seu sangue eurasiático como uma vantagem.

Foi a primeira vez que ouvi usarem a palavra *eurasiático*.

– Ouvi Loyalty e outro homem descrevê-la dessa forma. Eles não disseram isso como um insulto, mas como meio de elevar seu valor. Foi por isso que os homens a acharam tão cativante quando você contou a história. Você é eurasiática, mas fala chinês muito bem, todos comentaram. E agora ele vai promover a sua festa de estreia! Isso deve significar que ele vai comprar sua defloração.

Não contei a Cabaça Mágica o que Loyalty tinha me dito. Ela ficaria arrasada ao interpretar o que aquela história de terra dos sonhos significava.

Peguei Carlota no colo. Conforme ela ronronava, eu a lembrava do menino que ela quase havia matado. Ela ficou tão feliz quanto eu ao saber que ele estava de volta.

Os rumores sobre a primeira festa se espalharam por todos os tabloides. “Ela é eurasiática e fluente em duas línguas.” “Sua contação de história foi encantadora e natural com sua graça improvisada.” “Ela se sentiu à vontade ao entreter homens importantes, revelando-se conhecedora de todos os assuntos, inclusive os relativos ao controle estrangeiro.” Todos os tabloides divulgaram os nomes dos convidados famosos e poderosos. Eminent Tang, que constituía uma parceria com vários bancos para financiar a construção de novos edifícios ao longo do Bund. Perceptive Lu, cujo pai havia se encontrado com o cônsul-geral dos Estados Unidos para discutir empréstimos estrangeiros. Um homem que saía com uma atriz famosa. Outro que possuía uma invejável coleção de pinturas raras.

A maior parte dos mexericos envolvia Loyalty Fang, o anfitrião. As colunas de fofocas da imprensa mosquito mencionaram as companhias de navegação que ele possuía, as rotas comerciais favoráveis que conseguira negociar. Listaram suas fábricas de porcelana em Hong Kong e Macau. Sublinharam que sua família estava entre as mais ilustres de Xangai e que tinha sido importante na construção da nova República. E cada um dos tabloides divulgou que a cortesã virgem Violet tinha rosto chinês e olhos verdes ocidentais, herdados da mãe, a célebre norte-americana Lulu Mimi. “Que sorte a Casa de Escarlata ter sido capaz de acolher essa flor incomum. Que presentes ele vai levar para ela da próxima vez? Serão xícaras e pires ou grandes terrinas com emblemas da família estrangeira? Qual emblema de família seria o dela? O da família de sua mãe norte-americana?”

A aparência eurásiana se tornara uma vantagem, não uma falha. Além de Loyalty, onze homens promoveram festas em minha homenagem. Madame Li se vangloriava desse número, dizendo que, depois da segunda festa, os eventos já não poderiam mais ser chamados de estreias. Até porque nenhum evento foi mais pródigo que o primeiro deles, patrocinado por Loyalty. Sentei-me à mesa ao lado dele. As cortesãs sentaram-se atrás dos homens convidados pelo anfitrião. O cardápio era ainda mais raro do que o do banquete anterior – ninguém ali havia provado antes aquelas comidas dos deuses. Loyalty contratou músicos e, em minha honra, entre eles foi incluído um americano que tocava banjo, um instrumento do qual nunca tinha ouvido falar e que me soou como uma cítara ensandecida.

Eu achava que Loyalty viria diariamente me cobrir de presentes para aumentar seu desejo de antecipar a minha defloração. Em vez disso, ele passou a vir a intervalos de cinco ou seis dias, às vezes ausentando-se por uma ou duas semanas sem nem mesmo enviar um cartão ao longo desse período. Cabaça Mágica enviava mensagens para a casa dele sob qualquer pretexto. “Violet vai executar uma nova canção hoje à noite.” “Violet estreará a jaqueta que é fruto de sua generosidade.” A resposta era sempre a mesma: “Ele está fora de Xangai”.

Sem aviso, ele poderia aparecer no final da tarde, quando a casa estava em silêncio. Sempre trazia um presente incomum. Um deles foi um peixe dourado em um aquário grande, com sete peixes dourados pintados no interior.

– Este oitavo peixinho é sortudo. Com tantos peixes pintados, ele nunca estará sozinho.

– Você tem de me deixar com sete réplicas suas também, para que eu não fique sozinha.

Depois disso, não o vi por dez dias. Quando reapareceu – inesperadamente, como de costume – tive de conter minha irritação crescente. Eu não estava em posição de fazer exigências. Nosso romance era nublado pelos negócios. Ele gastava dinheiro comigo, dava gorjetas para Cabaça Mágica, me oferecia presentes. Enquanto isso, Madame Li e Cabaça Mágica contabilizavam os valores e estimavam quanto mais ele estaria disposto a gastar.

– Não podemos esperar que o volume seja tão grande quanto o que Escarlata tem recebido – disse Madame Li.

De volta ao meu quarto, Cabaça Mágica anunciou:

– Você vai faturar mais do que Escarlata. Vamos mostrar a Madame Li que ela nunca deve nos subestimar.

Dois meses e meio antes da minha programada defloração, Loyalty me visitou e ficou apenas uma hora. Contou a Cabaça Mágica que viajaria para os Estados Unidos a negócios. Disse isso com indiferença. Eu sabia que ele demoraria um mês só para chegar a São

Francisco! Se partisse mesmo, ele talvez não voltasse a tempo para postular minha primeira vez. Talvez ele nunca mais voltasse, como Mamãe.

Eu tinha sonhado demais. Ele queria um romance não consumado. Tinha sido ingênua. Não entendia nada sobre ele ou sobre os homens chineses, ou sobre a compra de favores sexuais.

– Você vai ficar fora tanto tempo – comentei –, é provável que perca meu aniversário de quinze anos, em doze de fevereiro.

Ele franziu o cenho.

– Quando voltar, vou compensar com um presente de aniversário bem bonito.

– Madame Li quer que minha defloração aconteça nessa ocasião.

Ele franziu a testa novamente.

– Não tinha me dado conta... é um problema lamentável. Sei que é decepcionante. – Ele tomou a minha mão, mas não disse que cancelaria a viagem. Emudeci de desapontamento.

Cabaça Mágica tentou dissuadir Loyalty de fazer a viagem. Chegou a citar o recente naufrágio do *Titanic*. Um navio japonês também havia afundado, pouco tempo atrás. As geleiras e os tufões andavam terríveis naquele ano.

Um mês mais tarde, Madame Li me informou que os onze anfitriões das festas em minha homenagem estavam ansiosos por comprar minha defloração. Loyalty Fang não estava entre eles. Ela deu um tapinha no meu braço.

– Eu telefonei e pedi que a secretária dele enviasse um telegrama, para que considerasse a oportunidade. A secretária disse que era difícil alcançá-lo até mesmo por telegrama, mas garantiu que iria tentar.

Madame Li passou a revisar a lista dos homens em disputa. Pela primeira vez, tive de enfrentar o fato de que um deles ganharia o privilégio de me inaugurar naquele ramo de negócio. Não conseguia me lembrar de um único entre eles que não me causasse repulsa. Seria o fanfarrão ou o homem com idade para ser meu avô? Seria aquele coberto de suor oleoso, mesmo nos dias mais frios? Ou o idiota com opiniões ridículas? Houve um que me assustou: um homem magro, com olhos pequenos e olhar penetrante. Ele nunca sorria. Pensei que fosse um bandido. Havia alguns que não teriam sido desagradáveis para as outras cortesãs. Elas não se importam com nada, desde que os clientes tenham dinheiro. Esses homens não pediam a minha opinião. Não esperavam que eu compreendesse suas conversas com os amigos. Não elogiavam minha personalidade singular. Não estavam interessados em mim, somente no prêmio entre as minhas pernas. Em suas festas, pediram apenas que eu contasse a história “Flor de Pêssego de Primavera” – tinham lido nos tabloides que eu fazia isso muito bem.

A data de minha defloração foi anunciada: 12 de fevereiro de 1913, dia do meu aniversário de quinze anos, data que marcava um ano da abdicação do imperador. Um dia duplamente auspicioso para comemorações. Fiz um cálculo rápido. Havia cinco semanas até lá. Loyalty estaria a caminho de casa?

Mais festas foram promovidas em minha homenagem. Mas Madame Li reclamou que eu estive apática, a ponto de ela ter de mentir aos anfitriões que eu vinha sofrendo de dores de cabeça.

Os candidatos foram autorizados a tomar chá em meu quarto. Cabaça Mágica estava sempre presente para garantir que nenhum deles se atrevesse a tirar proveito de mim antes

do tempo. Eu não podia mais ignorar o inevitável. Imaginei cada homem tocando meu corpo virgem. Todos pareciam revoltantes transgressores.

Os dias se passaram com velocidade implacável. Sempre fui consciente de que Madame Li logo tomaria sua decisão final com base nas ofertas recebidas. Pedi para que considerasse meus sentimentos e esperasse pelo retorno de Loyalty Fang. Eu não seria capaz de esconder meu desagrado diante de quaisquer dos atuais candidatos, expliquei, e eles se sentiriam enganados. Se o homem fosse bruto, eu nunca poderia superar o horror da primeira vez. Isso me arruinaria para quaisquer romances futuros. Pela primeira vez, ela pareceu um pouco compreensiva.

– Senti a mesma coisa em minha defloração – disse Madame Li. – Eu esperava um pretendente e ganhei outro, um homem com idade para ser meu avô. Pensei em me matar. Quando chegou a hora, fiquei de olhos fechados e fingi que o homem era outra pessoa. Fingi que eu era outra pessoa. Que estava em outro lugar. Quando ele arrombou meus portões, senti tanta dor que realmente esqueci quem eu era. Percebi que a dor teria sido a mesma, independentemente de quem tivesse me arrombado. Quando o homem disse, logo depois, que estava ficando de pé outra vez, gritei para ele pegar de volta seu dinheiro. Então, desmaiei. O homem ficou satisfeito, viu no desmaio a prova de que eu era mesmo virgem. Você pode fingir desmaiar. Ou talvez aconteça isso sem que precise fingir.

As palavras de Madame Li não foram nada consoladoras.

Uma tarde, a menos de duas semanas da data marcada para minha defloração, Madame Li citou um pretendente, dono de sete empresas que fabricavam peças para coisas diversas: de faróis para automóveis a correntes de descarga para vasos sanitários de porcelana, e assim por diante. Todos os anos, sua fortuna triplicava. Ele não vinha de uma família muito prestigiada, mas, na Xangai de então, prestígio podia ser comprado e não se dava muita importância para as origens de ninguém. A proposta dele por minha virgindade era tão superior às outras que seria insensato recusar. Até então, ela nunca havia me dito qual oferta era a mais alta. Tratava-se de uma questão com a qual eu não devia me preocupar. Mas, agora, a elevada oferta mexia com seus nervos. O homem frisou que a oferta valeria apenas por mais três dias e, se não houvesse respostas, seria retirada. Se isso acontecesse e a notícia se espalhasse, os outros candidatos também retirariam suas propostas. E o leilão começaria novamente, num patamar mais baixo de valores, pois os homens se aproveitariam da urgência do tempo para levar seu prêmio pagando menos do que imaginavam inicialmente. Com uma expressão de quem pede desculpas, ela me revelou que o provável comprador de minha inocência era o homem magro que jamais sorria.

– Não é uma tragédia. Se agradá-lo, você pode arrancar sorrisos dele – disse a senhora. – Então, ele será menos desagradável.

Por dois dias, não consegui dormir ou comer. Eu só me lamentava. No segundo dia, eu me odiei. Na manhã do terceiro dia, recordei o que Madame Li dissera sobre fechar os olhos e fingir ser outra pessoa. Eu não queria ser uma garota que não tinha vontade própria. Isso seria uma morte em vida. Eu não ia ficar por ali como um ornamento, ostentando um sorriso simplório a noite toda. Eu não queria que o alívio se tornasse minha mais feliz emoção.

Lembrei-me da odiosa expressão usada por minha mãe. “Uma questão de necessidade.” Já cheguei a pensar que ela usava esses termos como uma lona para encobrir seus desejos

egoístas. Ocorreu-me que ela também recorria a essa expressão para aceitar uma situação ruim. Ela fazia o que quer que fosse uma questão de necessidade. “Cada situação difícil tem suas circunstâncias particulares”, ela dizia, “e só você sabe quais são elas. Só você pode decidir o que é necessário para alcançar o melhor resultado possível.” Pensei em minhas circunstâncias. Eu não enxergava qual poderia ser o melhor resultado possível. Não sabia o que seria definido como necessário para alcançá-lo. Mas resolvi que não iria me matar nem me perder. E, com isso, já não sentia pena nem ódio de mim mesma. Já não tinha o espírito indefeso. O que não eliminava minha repulsa ao homem severo e ossudo.

Naquela tarde, um pouco antes de Madame Li dar a resposta para esse candidato, chegou um telegrama de Loyalty notificando Madame Li que uma carta chegaria naquele dia. “Trata-se do privilégio da defloração de Violet. Por favor, perdoe o atraso da minha oferta. Vou explicar o porquê pessoalmente.”

Por duas horas, andei de um lado para outro me perguntando se a oferta dele seria alta o suficiente. Quando a carta chegou, Madame Li trancou-se em sua sala. Um minuto depois, saiu e rapidamente acenou com a cabeça, abrindo um grande sorriso.

– Tudo conforme o seu desejo – disse ela.

Eu deveria ter ficado exultante. Mas o medo me arrepiou. Começamos nosso romance acreditando que sempre desejaríamos um ao outro e nunca conseguiríamos nos satisfazer. Tudo o que desejei talvez não corresponda a tudo o que receberei. Eu tinha medo de confiar na felicidade. Por que não tenho notícias dele há tanto tempo? Deitei-me na minha cama, longe de todos, para pensar. E eu tinha um pensamento preocupante: eu estava ingressando na vida de cortesã – voluntariamente. Antes, não havia escolha a não ser me tornar cortesã mesmo. Mas agora eu escolhia ser uma cortesã para estar com Loyalty. Dentro daquela vida, era tudo o que eu desejava. Mas eu também sabia o que estava por vir: todas as mudanças futuras envolvendo o fato de ser uma cortesã. Mesmo que pudesse deixar aquele mundo um dia, eu não seria capaz de apagar completamente que tinha sido cortesã – não na minha mente, nem na mente dos outros.

Dois dias antes do meu aniversário, Loyalty retornou, implorando perdão pelo tormento que me fizera passar. Ele tinha preparado sua oferta há muito tempo, disse, e ordenou que sua secretária a enviasse para Madame Li. Mas ela nunca o fez. Em vez disso, deixou um bilhete para ele. Loyalty mostrou o conteúdo para mim:

Sou uma mulher virtuosa e uma empregada fiel. Durante três anos, tenho feito tudo o que pede, sem queixa, sem erro. Por minha própria desgraça e culpa, nutri amor por você, o que se tornou cada vez mais insuportável na medida em que meu sentimento não era notado. Eu poderia ter continuado na obscuridade. Mas não suportaria vê-lo dar-se a uma criatura sem moral, que não quer sua bondade, mas só seu dinheiro. Peço desculpas por não ter feito o que você pediu. Foi a única vez que o desobedei.

– Ela se enforcou no meu escritório depois que todos saíram no final do dia – lamentou ele. – Foi assim que descobri que minha proposta por você não tinha sido enviada.

Fiquei horrorizada. Imaginei a dor da secretária. Eu também nutria amor por Loyalty, e não teria sido capaz de escondê-lo por três anos. Mas não teria me matado.

Para a cerimônia de defloração, Madame Li, com o incentivo de Cabaça Mágica, escolheu simular um casamento ocidental. A oferta de Loyalty incluía um contrato que o

tornava meu patrono por um ano. Eu me permiti acreditar que não seria apenas uma noiva, mas uma esposa. Eu já tinha começado a desejar ser uma de verdade.

Um dia antes do casamento, o vestido chegou, presente de Loyalty. Era americano, feito em Nova York, todo de seda marfim com pérolas, que fluía em uma só peça do busto até os tornozelos, envolvendo a silhueta do meu corpo. Loyalty também me deu sapatos de cetim com salto alto, e fui instruída por escrito a deixar meu cabelo solto, apenas com o véu de organza frisado de pérolas sobre o rosto. Quando olhei no espelho, não me reconheci. Eu não era uma menina ingênua. Parecia sofisticada e moderna, elegante e alongada. Virei meus quadris para um lado e para o outro. O véu flutuava sobre minhas faces, e eu engasguei ao ver no espelho um rosto diferente. Olhei de novo, e ele não estava mais lá. Eu me virei de lado e mais uma vez captei um rosto com peculiaridades inéditas: reconheci em mim as feições de minha mãe. Nunca as tinha percebido tão claramente. Aquele era o tipo de vestido que ela usaria. Aquelas viradas de quadril eram típicas dela. Essa era a expressão de seu rosto ao conhecer um chinês – meu pai – que logo se deitaria com ela.

Loyalty ficou contente ao me ver trajada para o casamento. Ele usava um terno inglês feito sob medida. Debrucei-me sobre ele e sussurrei que naquela noite eu seria sua fada donzela, aquela que ele sempre desejou cortejar no Caminho Oculto de Jade. Depois dos doze pratos do banquete, os presentes de casamento de Loyalty foram revelados, e me permitiriam remobiliar todo o meu quarto: mesa de jantar e cadeiras em estilo moderno ocidental, um jogo de poltrona, sofá e *chaise longue*, três carrinhos de flores, uma escrivaninha, uma estante de livros, romances em inglês, uma cômoda, dois guarda-roupas, uma cama de dossel ocidental, um tapete persa, três luminárias Tiffany e uma vitrola. No final da cerimônia, ele colocou no meu dedo um anel de jade e diamante. Discretamente, deixou também em um dos carrinhos de flores um envelope vermelho de seda, com dinheiro, que vi ser recolhido por Madame Li.

Agradecemos os convidados da cerimônia e tomamos o caminho de minha alcova. Quando passei, Cabaça Mágica me deu um aceno de encorajamento, mas seu rosto manifestava preocupação. Ou era compaixão por saber o que me esperava?

Dezenas de bandeiras vermelhas enfeitavam a porta, e vasos de flores lotavam a entrada. No interior, duas lâmpadas brilhavam e a sala cheirava a rosas e jasmim. O leito conjugal estava oculto por cortinas douradas de cambraia de seda.

Cabaça Mágica pediu licença e entrou trazendo toalhas quentes e chá. Ela apanhou os fósforos para acender a Iluminação das Velas Grandes.

– Nós não precisamos desses costumes antiquados – interrompeu Loyalty.

Fiquei decepcionada. Eu gostava dos rituais de casamento que tinha visto quando criança. Ele deu uma gorjeta para Cabaça Mágica, indicando que ela deveria sair. A porta se fechou e, pela primeira vez, ficamos sozinhos.

– Minha pequena cativa – disse, me olhando da cabeça aos pés.

Ele me beijou. Cabaça Mágica não havia permitido que o ator fizesse isso. Ele passou as mãos nas minhas costas e beijou meu pescoço, e a sensação me deixou a vista nublada. Ele voltou a procurar minha boca. Esse era o sentimento do amor. Senti meu vestido sendo desabotoado. Tudo estava acontecendo tão rapidamente que eu não conseguia me lembrar do que deveria fazer. Fiquei feliz por ele não ter me pedido para cantar uma música. O vestido caiu aos meus tornozelos. Ele continuou tirando o resto de minha roupa, beijando

cada porção recém-revelada de meu corpo. Foi livremente inspecionada, meus seios tocados. Esse era o amor.

Ele fez sinal para irmos para a cama. Eu deslizei por trás da cortinas e deitei de lado tão graciosamente quanto pude. Através da transparência dourada, assisti a sua sombra livrar-se vagarosamente das roupas. Vi que ele já estava excitado ao abrir a cortina. Eu esperava que isso só fosse acontecer mais tarde. De repente, fiquei assustada. Sabia o que viria, a quebra da melancia, as rochas incandescentes, a Flor de Pêssego de Primavera jorrando sangue. Ele se deitou do meu lado, inspecionou meu rosto e acariciou as encostas de minhas bochechas, o queixo, o nariz, a testa. Quando tocou a minha boca trêmula, meus lábios naturalmente se entreabriram.

– Mantenha seus lábios fechados. Não os abra, não importa o que eu faça. Não emita nenhum som. Ele novamente traçou as curvas de meu rosto, e eu fechei os olhos. De repente, senti sua mão em concha sobre minha vagina. Dei um suspiro de alarme e, em seguida, murmurei que estava arrependida.

Ele riu.

– Ah, muito bom, isso não foi ensaiado. É genuinamente você – e me lembrou de manter a boca fechada.

Ele apertou minha vulva suavemente, como quem examina um pêssego maduro. Apertei os olhos fechados enquanto ele abria os lábios de minha vagina.

– Aí está, a pérola, o centro de você – sussurrou ele. – Que lindo tom rosa pálido. Escolhi a cor do seu colar de pérolas corretamente.

Ele me mostrou o colar e, em seguida, enfiou as contas ao longo da minha fenda.

– Isso mesmo – ele disse –, pérolas junto com a pérola.

De repente, ele puxou o colar para cima, e eu perdi minha respiração em um espasmo de surpresa.

– Mantenha a boca fechada – ordenou com firmeza.

Eu o estava decepcionando. Apertei meus lábios com força, e mais e mais eles se abriam, apesar dos meus esforços. Ele pôs travesseiros sob meus quadris para exibir bem minha vagina. Meu pânico crescia. Essa seria a posição Escalada da Montanha? Ele afastou as minhas pernas e pressionou-as para ficarem bem abertas. Seria o Pássaro de Asa Dupla? Asas de Gaivota na Beira do Precipício? Ele se ajoelhou entre meus joelhos. Senti seu membro cutucar minha abertura, a ponta sendo empurrada lentamente. Eu me preparei para a dor. Mas, de repente, já estávamos balançando de um lado para o outro. Par de Águias Rasantes. Sorri para ele, pensando que ele já tinha me penetrado. Ele afastou seus quadris. Talvez ele fosse um desses homens que terminam tudo rapidamente. Não importa. A defloração havia sido um sucesso. Eu diria a Cabaça Mágica que ela estava errada. Não havia dor.

Então, de repente, ele empurrou seu tronco com força para dentro de mim, dessa vez bem mais fundo, através de meu centro, eviscerando-me. Contra tudo o que Cabaça Mágica me alertara para não fazer, gritei de dor e tentei empurrá-lo para fora. Ele prendeu meus braços firmemente e fitou meus lábios.

– Agora você pode abrir a boca. A outra boca já está aberta, também.

Nada tinha me preparado para isso. As instruções de Cabaça Mágica, suas advertências, sua nostalgia, meus impulsos, as lições do ator, o nosso desejo insatisfeito e preenchido –

tudo desaparecia enquanto eu implorava para ele parar.

Mas por que deveria parar? Aquilo não se tratava de romance nem de desejo. Ele havia pagado pela minha dor. Aquilo era um negócio.

ANSEIO INSATISFEITO

Tudo o que havia desejado se tornou uma ilusão no momento em que ele me desvirginou e vi a vitória em seu rosto. Ele tinha satisfeito instantaneamente seu próprio sonho de menino de dezessete anos de idade – possuir uma das flores que ele desejara no Caminho Oculto de Jade. Pensei que nosso envolvimento era por amor, mas foi o comércio do romance, que havia nos unido, que também pautaria a vigência de seu contrato como meu patrono.

Enquanto eu estava deitada, encolhida de dor, ele murmurou:

– Você foi cara, Violet, quase o dobro do valor que paguei por outra cortesã muito disputada.

Ele provavelmente achou que eu ficaria lisonjeada ao ouvir tal tipo de comparação. Em vez disso, senti que tinha me tornado uma prostituta. Ele tinha me cortejado, como qualquer pretendente faria com sua cortesã favorita. Ele queria a sensação de caça e captura, com autonegação e agonia simulada no meio. Minha agonia era real.

Cabaça Mágica me trouxe uma sopa com ervas especiais que, ela disse, aliviariam meu sofrimento e me permitiriam dormir. Só então Loyalty mostrou surpresa e perguntou se sentia dor. Ele não havia considerado que o êxtase dele não tinha correspondido ao meu. Então, ajudou-me a levantar e me levou para o divã. Cada passo que ele dava repercutia em meu corpo machucado. Cabaça Mágica recolheu os lençóis ensanguentados e a colcha. Loyalty observou com interesse solene.

– Eu não sabia que haveria tanto sangue.

Na manhã seguinte, quando acordei, imaginei que balançava dentro de um barco. Cabaça Mágica estava por perto.

– Eu lhe dei muita sopa.

A dor escaldante tinha dado lugar a uma dor surda. Loyalty saíra para uma reunião de negócios, e ela providenciou para que o jantar fosse trazido para meu quarto quando ele voltasse à noite. Pijamas persas e um robe estavam postos sobre a cama arrumada.

– Descanse – disse ela. – Sinto muito por você ter sofrido tanto. Algumas meninas têm um pouco de dor, que logo passa. Outras são como você e eu. Você tinha seu portão trancado com dois parafusos. É o mais difícil de arrombar, o que mais dói. Mas vai se sentir melhor amanhã.

Não acreditei nela.

– Será que tenho de suportar isso de novo hoje à noite?

– Vou conversar com ele. Vocês têm um ano de contrato. Vou sugerir que hoje ele explore apenas a sua boca. Talvez ele seja gentil e simplesmente a deixe descansar.

Naquela noite, ele de fato foi gentil. Fez muitas perguntas sobre a dor, se era em pontadas, se era escaldante... Parecia quase orgulhoso por ter me machucado. Ele estava deitado na cama, de frente para mim. Não havia mais qualquer necessidade de ser galante ou misterioso. Essa tinha sido a nossa intimidade, e eu ainda não sabia o que iria substituí-la. Eu não era mais virgem e não sabia a quem deveria imitar. Seu rosto parecia maior e

suas feições tinham mudado um pouco, como se ele fosse o irmão do homem que outrora havia sofrido por mim.

– Foi meu espírito livre que fez você pensar que eu era mais valiosa do que a outra cortesã? – Perguntei.

Ele riu.

– Seu espírito sempre me revigora... subitamente.

Seu pênis estava de pé como um soldado em guarda.

– Que parte do meu espírito você mais gostou? – eu disse secamente. – Foi o meu conselho sobre os negócios? Fez dinheiro com meu conselho e por isso pagou mais por mim?

Diante de seu silêncio, voltei meu rosto para ele.

– Violet, eu julguei você mal. Você não estava pronta para esta vida, e agora acha humilhante estar aqui. Mas não me humilhe como se eu fosse um cliente qualquer.

– Você pagou pelo meu selo, não pelo meu espírito.

– Minhas palavras sempre são verdadeiras. Você é o meu sonho vivo. Eu a conheci quando era o garoto desajeitado. Hoje sou o homem bem-sucedido e estou ao seu lado agora. Você me levou de volta para meu passado, e quando estou com você, sinto que me conhece – ou me conhecia, até que me tornei seu patrono e fiz você se arrepender dessa mudança.

– Por favor, me leve para longe daqui.

– Como posso fazer isso? Para onde você iria?

– Sua casa.

– Agora você está pedindo o impossível.

Ele estava dizendo que eu não pertencia a sua sociedade. Ele nunca me tomaria como esposa e, uma vez que ainda não tinha mulher, não poderia me levar nem mesmo como concubina. Eu teria me recusado a ser uma, de qualquer maneira.

– Nós temos um ano juntos, Violet. Prometemos fidelidade. Aqui somos amantes, juntos em um mundo como o da Flor de Pêssego de Primavera. Podemos desfrutar livremente o romance e os prazeres. Você está livre de preocupações por um ano. Vamos ser felizes.

– A liberdade da preocupação é a felicidade? E o que acontece no final desse ano?

– Quando o contrato acabar – disse ele com cuidado –, o meu carinho por você permanecerá. As expectativas é que vão ser diferentes. Mas eu ainda virei visitá-la, caso você permita.

– Será que você tem afeição por outra mulher e a visita também?

– Essa conversa tornou-se um absurdo! Você morou em uma casa de cortesãs quase toda a sua vida. Viu a natureza desse mundo. No entanto, agora não consegue entender que pertence a ele. Privilégio ianque? Não vou dar isso de volta para você. E eu não quero falar sobre isso novamente.

– Eu não posso falar? Por acaso também comprou meu cérebro e minhas palavras?

Ele se vestiu e, quando estava à porta, disse com suavidade surpreendente:

– Você está exausta e minha presença torna tudo pior. Então, vou deixá-la refletir sozinha sobre o que eu disse ao longo desses meses desde que nos reencontramos. Pergunte-se se eu já fui desonesto. Eu iludi você? Por que estou aqui? Eu ganhei seu coração porque você ganhou o meu.

Tive medo de que ele estivesse saindo para sempre e que fosse pedir a Madame para

cancelar o contrato.

Mas então ele disse:

– Amanhã você estará mais descansada e sua mente, mais clara. Tenho um presentinho para você, mas prefiro esperar até amanhã.

Na noite seguinte, fingi estar calma. Pedi desculpas. Disse que era verdade que eu achava difícil aceitar meu novo lugar na vida. Ele me deu um bracelete trançado de ouro. Senti só um pouco de dor quando ele entrou em mim dessa vez, e ele murmurou palavras de carinho, o que acalmou meu corpo e minha cabeça:

– Você é o meu sonho eterno... nossos espíritos estão juntos. – Ele me agradeceu com ternura por suportar a dor e pela ignorância dele acerca de meu sofrimento. Afirmou que eu seria sempre seu sonho intemporal.

Ao longo do ano, tivemos muitas discussões. Quando ele pagava meu generoso soldo mensal, em vez de sentir gratidão eu remoía o fato de ter sido comprada. Ele não me visitava todos os dias. Às vezes, não o via por uma semana. “Negócios em Soochow”, dizia ele.

Soochow – a cidade das cortesãs mais desejadas, com suas vozes suaves. Muitas cortesãs de Xangai mentiam, fingindo terem vindo de Soochow. E ele foi para lá a negócios! Eu queria que ele me levasse. Madame Li tinha me liberado para passeios de carruagem com ele no campo, acreditando que eu não tinha vontade de fugir de casa. Mas eu queria ir para longe, para a casa dele, se ele me levasse. Eu tinha esperança de que ele mudasse de ideia. Eu era fiel, claro, mas não acreditava que ele fosse. Nas festas, eu o via lançando seu olhar sedutor para muitas mulheres – até mesmo para as amas. Ele me garantiu que não tinha “olhos hipnotizantes”, como eu dizia. “Tenho dois olhos como todo mundo”.

Pensar que ele teria prazer com outras mulheres me atormentava. Outra mulher sentiria esse mesmo prazer com ele. Ela teria seu olhar sedutor, palavras íntimas, a boca, a língua e o pênis, sua compreensão, seu amor. Ela iria convencê-lo de que não poderia viver sem ela, uma mulher que fosse chinesa pura e não tivesse de suportar o estigma da mestiçagem em meio à elite da sociedade. A cada onda de alegria sobrevinha outra de medo. Talvez o amor dele fosse passageiro, assim como o esplendor de uma estação.

– Isto é o ciúme, eu avisei você – disse Cabaça Mágica. – É uma doença. Vai destruir tudo. Você verá em breve, se não conseguir dominar isso.

Ela repetia suas advertências a cada dia, e elas ficavam na minha cabeça como zumbido de mosquito em meus ouvidos.

O barulho na minha cabeça desapareceu no verão. Como se fosse um sinal de nosso futuro juntos, Carlota esfregou-se contra ele e lhe permitiu pegá-la no colo. Tivemos um período sereno, de calma nas preocupações. Ele me visitava quase todas as noites. Nas festas, lançava seu olhar apenas para mim. Nós ríamos, sem discutir. Fiz um esforço para lhe mostrar a alegria sem fim que tínhamos ao longo de uma vida de Flor de Pêssego de Primavera. Ele se mostrava mais atencioso comigo e eu estava desligada do que imaginava serem seus defeitos.

Nas tardes quentes, deitados nus sobre os lençóis, nos revezávamos abanando um ao outro. Esparramados na banheira, despejávamos água fria sobre nossas nuças. Em algumas noites, eu o provocava e seduzia. Em outras, ele era o sedutor e eu sucumbia. Falávamos sobre o passado, sobre nossas infâncias. Recontamos muitas vezes como nos conhecemos no

Caminho Oculto de Jade. No dia seguinte, enriquecíamos a história com mais detalhes. Ele projetava as delícias que teria experimentado se Carlota não o ferisse. Tudo o que ele imaginava, eu cumpria. De minha parte, eu lhe contava sobre minha solidão, meu abandono tanto por meu pai quanto por minha mãe. Só de falar sobre ela, minha solidão desaparecia. Ele ria quando eu contava as maldades que fiz para as cortesãs quando era criança. Perguntava sobre detalhes da minha vida como americana, como era a famosa Lulu Mimi?

– Ela era dirigida pelo sucesso – eu disse – como você.

Ele acendia espirais de incenso para manter os mosquitos afastados, e eu interpretava esses pequenos gestos como amor. Ele dizia muitas vezes as palavras que eu queria ouvir. “Sou consumido por você.” “Eu sofro por você.” “Eu adoro você.” “Eu te amo.” “Você é o maior tesouro da minha vida.” Eu nunca tinha sentido o amor em tamanha amplitude.

E então os medos voltaram quando o vi falar com outra cortesã, sua ex-favorita, em uma festa. Ela flertava, e ele parecia encantado. Discutimos à noite, e eu o pressionei a comparar seus sentimentos por mim e por outras mulheres, perguntas que ele se recusou a responder porque, segundo ele, era como jogar pedras em um poço profundo. Ele sabia o quanto eu podia ficar brava, um conhecimento que ele levaria consigo quando fosse embora, junto com os segredos que eu havia confessado sobre a infância, a solidão e as travessuras. Ele possuía uma profunda compreensão de minhas necessidades, e ainda assim sem dúvida iria trançar seu corpo na cama com outra mulher depois que eu me tornasse mais uma ex-favorita em sua vida de conquistas generosamente remuneradas.

– Fico magoado, Violet – disse ele –, por ser a fonte de sua grande infelicidade depois de ter sido justamente o oposto.

Dois meses antes do final do contrato, quando estávamos tomando o habitual chá de fim de noite, entre lanches e discussões, ele disse que não queria mais ser sufocado pela minha infinita infelicidade.

– Fiquei encantado com seu espírito livre, mas o ciúme matou isso em você. Você vive em uma prisão de medo e desconfiança. A verdade é que perdoei você de maneira que nenhum outro patrono teria feito. Você diz que minhas palavras não eram genuínas. Um patrono não é obrigado a ser genuíno, e ainda assim eu tenho sido. Sei que você nunca vai parar com essa arenga, a menos que eu a peça em casamento, coisa que nunca vou fazer. Mesmo se a sociedade aceitasse, eu não me comprometeria com uma esposa que me repreende, imaginando coisas que não existem. Uma vez que estamos tão infelizes, acho melhor não visitá-la mais. Use esses dois meses restantes de contrato e prepare-se para ser uma cortesã de verdade. Você vai aprender a diferença e, com o tempo, espero que olhe para trás e reconheça meus sentimentos por você. – Ele pegou o casaco e o chapéu. – Aceite o amor quando ele lhe é oferecido, Violet. Dê amor de volta, e não desconfiança. Só então você poderá receber mais.

Ele continuou a pagar o soldo mensal. Esperei que sua ira diminuísse, como sempre, e ele voltasse para mim. Esperei por dois meses. Ele foi atencioso o suficiente para esperar o contrato terminar oficialmente antes de assediar uma cortesã popular. Quando ouvi a notícia, eu me proibi de ficar magoada. Todos os dias eu me proibia.

TRÊS MESES DEPOIS do fim do contrato, fui convidada a participar de uma festa organizada por

um amigo de Loyalty, Eminent Tang. Ele disse que já se interessara por mim quando me viu na festa de Loyalty, mas preferiu não dizer nada ao perceber como o amigo estava obcecado.

Cabaça Mágica logo veio me dizer que Eminent Tang era uma boa aposta. Ela lembrou que ele havia feito fortuna com a construção de edifícios na região do Bund. O aumento de sua riqueza estava associado ao crescimento de Xangai. Conforme ela previu, Eminent se tornou meu pretendente mais ardoroso. Foi o meu primeiro cliente de verdade, e não alguém que eu amava ou desejava. Quando o imaginei me tocando, não senti medo nem emoção.

– Você está ficando cega? – irritou-se Cabaça Mágica. – Dá para ficar olhando aquele homem charmoso o dia todo, sem pestanejar. Depois de ter ficado de joelhos por tanto tempo, você devia se prostrar diante dos deuses por finalmente ter um cliente que não obrigará você a fingir que é outra pessoa.

Ele tinha trinta e dois anos. Cada vez que o vi, reparei, ele usava sapatos feitos de diferentes tipos de couro – cordeiro, bezerro, filhote de cobra, filhote de jacaré, filhote de avestruz... Quantas vezes seria preciso vê-lo até que se esgotasse sua exposição de peles de animaizinhos. Os sapatos me fizeram achar que se tratava de um excêntrico. Só esperava que não fosse membro da Gangue Verde. Se fosse, eu não conseguiria suportar tocá-lo. Eu havia aceitado minha vida no mundo das cortesãs, mas nunca perdoaria o que os bandidos fizeram para me trazer aqui.

– Se você se recusar a cada homem que tenha alguma relação com a Gangue Verde – avisou Cabaça Mágica –, ficará sem metade de seus clientes. Esses bandidos estão no governo e nas empresas. Até policiais graduados são membros do bando. Nem todos são pessoas horríveis. Em qualquer sociedade há pessoas boas e ruins.

Ela exaltou, então, as boas qualidades de Eminent Tang. Era o cliente favorito de muitas casas de cortesãs em Xangai e tinha em sua lista de conquistas grandes beldades. Se conseguisse transformá-lo em meu patrono, eu aumentaria ainda mais meu prestígio. Mas, a meu ver, isso soava como uma recomendação de boas qualidades.

– Ele é enfadonho – eu disse.

– Oyo! Ele não tem de entreter ninguém. Você, sim, é que não pode ser enfadonha. Cabe a você proporcionar emoção de um jeito que ele deseje, mas ainda não tenha descoberto qual é. Não é como estar com Loyalty Fang. Com ele, era diferente. Vocês eram amantes. Isso não acontece muitas vezes.

Ela permitiu que Eminent fosse ao meu quarto para tomar chá. A alcova estava por trás de um biombo de doze folhas, e Cabaça Mágica o tinha posicionado de modo que parte do leito ficasse aparente, brilhando à luz da lamparina. Ela deu uma desculpa qualquer para se retirar, avisando que voltaria em dez minutos. Isso o advertia para que não ousasse bancar o patrono sem antes ter assinado um contrato. Eminent apressou-se em dizer o quanto eu ocupava seus pensamentos. Ele nunca esqueceu o conselho de negócios que eu dera na festa de Loyalty, no ano anterior. Na verdade, confessou, a cada vez que ele recordava o episódio sua admiração por mim crescia – essa mesma expressão era usada por Loyalty de maneira bem-humorada, quando ele tinha uma ereção. Eminent Tang, no entanto, falava com tanta seriedade que eu sabia que se referia à admiração mesmo, sem duplo sentido, e portanto segurei o riso.

Ele solicitou minha presença em festas promovidas por seus amigos em outras casas de cortesãs. Seus modos práticos de homem de negócios se estendiam às relações com todas as pessoas, exceto eu. Quando seus olhos encontravam os meus, ele sorria e virava menino. Cabaça Mágica havia me contado que todo pretendente apaixonado por uma cortesã resgata a si mesmo em seus anos de juventude, com toda aquela urgência de apelos sexuais. Quando pretendentes voltam a ser garotos, tornam-se imprudentes, mais vulneráveis à generosidade.

Eminent Tang tinha me dado presentes extravagantes ao longo do mês anterior, incluindo um anel de raro jade verde-imperial e diamantes. Eu lhe permiti visitar meu quarto mais duas vezes – apenas para lancha e tomar chá. Ele admitiu que estava obcecado por mim, à beira da loucura, e tudo o que mais queria era me agradar. Entendi a mensagem: ele queria me agradar na cama. Que polidez tediosa. Cabaça Mágica me aconselhou a convidá-lo para passar a noite comigo quando nos encontrássemos na próxima festa promovida por ele.

– Mas adote a mesma sutileza que ele usa com você. Ao elogiar a comida do banquete, diga que gostaria de aprender sobre a culinária xangainesa da mãe dele e saber quais são seus pratos favoritos. Esse assunto é sempre muito especial para um homem. Todos acolhem esse tipo de conversa de maneira calorosa. Caso ele pergunte quando pode ver você de novo, basta dizer: “Esta noite mesmo, se não estiver muito cansado para conversar.”

Como Cabaça Mágica previu, o tema da culinária materna despertou a imaginação erótica de Eminent. A festa terminou mais cedo naquela noite.

Cabaça Mágica já havia preparado o quarto, deixando os presentes dados por outros pretendentes em lugares bem à vista. Espirais antimosquito foram acesas, para que pudéssemos ficar nus confortavelmente, sem tapas nem coceiras.

– Vamos brindá-lo com favores íntimos nesta primeira noite, mas depois ele terá de esperar por mais três dias. Então, ele será brindado uma segunda vez. Se necessário, podemos deixá-lo desfrutar de uma terceira oportunidade. Mas, se for esse o caso, não dê tudo o que ele pedir. Protele o prazer, sem parecer óbvia. Prometa se dar mais na próxima vez, mas, em seguida, deixe no ar que receberá outro pretendente na noite seguinte. É provável então que ele se ofereça para ser seu patrono, para não ter mais de dividir suas atenções com ninguém.

– Talvez ele perca toda sua admiração por mim na primeira noite e não se importe se eu me fizer de difícil na vez seguinte – refutei.

Eu tinha certeza de que não conseguiria reproduzir o sentimento íntimo e a emoção experimentados com Loyalty. Ele seria apenas um cliente.

No início da noite, apenas uma hora antes da festa, Cabaça Mágica me avisou que Loyalty também estaria presente.

– Afinal, ele é amigo de Eminent Tang.

– Ele deve saber que estarei lá. Todo mundo sabe que Eminent Tang vem me cortejando.

Em voz mais baixa, ela completou que Loyalty estaria acompanhado de sua cortesã favorita.

– O que me importa se ele vai levar uma garota?

Fiquei com raiva por Cabaça Mágica contar aquilo e, depois, tentar me consolar. Ele era um cliente do passado. E só. Eu era inexperiente na época e me permiti esperar demais.

– Madame Li errou ao deixar que Loyalty firmasse um contrato de um ano. Você tinha os olhos brilhantes de uma garota que pensa que vai se casar. Loyalty deixou que pensasse isso porque acreditou que lhe fazia bem. Claro que você confundiu tudo com amor. Se Eminent Tang tornar-se seu patrono, aja como uma verdadeira cortesã e faça-o tão feliz que ele só terá elogios para você, diante daqueles que adoram espalhar fofocas.

Eminent Tang cumprimentou-me com seu apatetado rosto de menino. Fui convidada a sentar-me ao lado dele, em vez de me postar de pé, às suas costas. Ele encorajou-me a experimentar os pratos especiais que havia encomendado. Eu estava prestes a convidá-lo para passar a noite comigo quando vi Loyalty chegar com sua favorita. Ele veio na minha direção, mas apenas para cumprimentar educadamente Eminent Tang, o anfitrião. Só então voltou-se para mim e me cumprimentou com afeto, ainda que preservando a distância da polidez. Elogiou meu casaco, por sinal, um dos três que eu havia comprado com o dinheiro que ele mesmo me dera, como reparação pela roupa estragada por seu irmão. Lamentei essa coincidência, mas agradei o elogio.

– A cor combina com você – disse ele.

Não precisei pensar em nenhuma resposta. Uma cortesã de bochechas rechonchudas e olhos grandes postou-se ao lado dele e informou alegremente que, depois da festa de Eminent, todos iriam brincar de um jogo com bebidas na casa dela. Quem quisesse, poderia jogar até cair embriagado e passar a noite por lá. A garota deixou claro que Loyalty estava suscetível a se tornar seu patrono. Ele iria para uma festa de beber. Eu teria uma conversa sobre a culinária da mãe de Eminent. Loyalty disse mais algumas de suas costumeiras palavras educadas, na prática desnecessárias, antes de ser puxado para longe por sua favorita. Como as outras cortesãs aceitam a humilhação de ver um amante com outra garota? Poucos minutos depois, convidei Eminent Tang para ir ao meu quarto, onde eu o ensinaria um jogo de cartas norte-americano. Ele aceitou imediatamente.

Fiel à sua palavra, ele não queria nada além de me agradar. Foi educado e perguntou se podia me tocar: o rosto, o braço, a perna, o seio, a vulva. Era entediante, mas fiquei contente por poder antecipar o que ele faria. Quando tirei a roupa, ele se mostrou agradecido, e não carregado do desejo que Loyalty e eu costumávamos compartilhar. Prendi meus olhos no rosto de Eminent para apagar Loyalty da mente. Ele era gentil, suave e educado. Dificilmente seria um gangster. Fechei os olhos, e a cada vez que os abria estudava mais seu rosto. Ele era atraente, mas eu não sentia desejo. Apenas fingia ser a virgem cujo corpo despertava lentamente para o prazer. Meus olhos se arregalavam de insegurança simulada enquanto ele se apertava contra mim. Fechei os olhos e deixei que ele se movesse dentro de mim. Com suas estocadas rítmicas e previsíveis, senti-me aliviada e comecei a chorar.

Antes que ele acordasse de manhã, eu já tinha me banhado e vestido uma túnica larga. Ele parecia um menino dormindo. Seu corpo era magro e jovem. Eu estava prestes a pedir para trazerem o café da manhã, quando fui puxada na direção dele e começamos tudo de novo. Tive o cuidado de equilibrar meu desempenho: o despertar da virgem havia ficado para trás, agora eu era a garota recém-acordada. Lembrei-me das cortesãs do Caminho Oculto de Jade que sabiam o que servir a seus clientes. Eu costumava imitá-las, reproduzindo as palavras que diziam a cada pretendente. Mas não consegui encontrar o que dizer naquele momento. Estava orgulhosa de minha habilidade. Sabia que Eminent Tang

queria sentir que havia vencido minha relutância, e o seduzi justamente por convencê-lo de que conseguiu.

Naquela tarde, Eminent Tang reuniu-se com Madame Li e propôs um contrato por duas temporadas. Fiquei surpresa por ter meus serviços requisitados apenas para o verão e o outono. Cabaça Mágica assegurou que se tratava de uma boa oferta, melhor do que se envolvesse mais estações. Assim, se o patrono se revela insuportável, você não fica presa a ele por muito tempo.

– Você pode achar que ele é fácil de agradar agora. Depois de assinar o contrato, ele vai querer muito mais. Faça o que puder para mantê-lo encantado pelo máximo de tempo ao longo dessas duas estações. Dessa forma, não terá de trabalhar muito duro. Ao fim de duas temporadas, ele não vai estar mais obcecado por você. E vai procurar outra cortesã capaz de encantá-lo mais uma vez.

– Você já conheceu um homem cujo amor era genuíno e durou mais do que algumas estações?

– Toda cortesã deseja encontrar um homem como esse – respondeu ela. – Até que chega o dia em que aprendemos a não desejar. Mas a esperança se tornou realidade para mim duas vezes. Uma vez foi com o Poeta Fantasma, você sabe. A outra foi com um homem vivo. Não era tão rico como a maioria, tinha uma pequena fábrica de papel. Já era casado e mantinha duas concubinas, mas declarou que me amava. Repetiu isso muitas vezes, e me apontou todos os motivos. Não era por causa do meu talento ou da minha habilidade em ser lisonjeira, nem pelo meu conhecimento dos diferentes prazeres. Ele amava a força da minha personalidade, meu coração genuíno, minha natureza simples. Gastei boa parte de minhas economias para lhe dar um relógio de ouro, que, ele me disse, era consultado a cada meia hora, para conferir se seus empregados na fábrica mantinham o ritmo de trabalho. Um dia, ele foi morto por dois operários. Antes de serem executados pelo crime, os trabalhadores confessaram que mataram o patrão por causa do relógio e dos maus-tratos que sofriam. A viúva de meu amante ficou com o relógio. Eu não o queria de volta, de qualquer forma. Achei que o relógio o matara. Enfim, creio que esse foi um amor verdadeiro. Pode acontecer.

1915

Nos anos seguintes, descobri que os homens são iguais em muitos aspectos. Gostam que elogiem seu caráter e a forma como o expressam na cama. Sua liderança. Seu trabalho duro. Sua generosidade. Sua perseverança e diligência. Sua superioridade. A maioria precisa de um fluxo contínuo de elogios de muitas mulheres. Aprendi isso. Desde o início, também descobri quanto tempo se manteria o interesse de um patrono ao longo da duração do contrato. Isso deixou de me surpreender, e também de me incomodar, ainda que, em alguns casos, senti satisfação ao ter um acordo prorrogado por mais uma temporada. Em outros casos, porém, ficava agradecida quando o contrato terminava.

Cada homem tinha suas fantasias eróticas particulares, que na prática pareciam similares. Podia ser uma carícia nas costas – a ser feita com um dedo da mão, o dedão do pé, os seios, a língua, o espanador, o mata-moscas ou o chicote. Quanto mais me qualificava em reconhecer essas sutis preferências, mais identificava novos meios de intensificar o prazer, usando esse conhecimento para obter vantagens. Eu apresentava a novidade ao

cliente, me negava a repeti-la quando ele demonstrava ter gostado, e só a oferecia outra vez sem aviso prévio ou em troca de um bom presente. Um homem gostava de lavar minha vagina. Outro adorava examinar o fundo da minha boca. Um pedia para que, pelada e de costas para ele, cantasse uma canção de donzela montanhesa. Outro queria ficar escondido atrás da cortina, me titilando com o polidor de pérolas que ele mesmo havia acabado de me dar. Eu contava para Cabaça Mágica as excentricidades que agradavam cada homem, achando que eram inéditas. “Isso não é novidade para mim”, era a resposta de sempre.

Fiquei orgulhosa quando finalmente contei sobre um fetiche que ela nunca tinha experimentado e nem sequer conhecia. Consistia em usar trajes formais de estilo ocidental e dizer em inglês ao cliente que eu não entendia suas exigências sexuais, repetidas em chinês. Então, o homem me jogava para baixo – eu preferia a cama ao chão –, saltava sobre mim e me cavalgava até que eu declarasse em chinês que agora eu conseguia entendê-lo perfeitamente porque seu vigoroso cavaleiro havia atravessado meus portões, unindo nossas mentes.

QUASE TRÊS ANOS DEPOIS da minha defloração, Loyalty Fang enviou um bilhete pedindo um encontro. Pensei se deveria ou não aceitar.

Eu não era mais orgulhosa e ingênua, espirituosa e estúpida. Nunca mais tinha deixado meus sentimentos interferirem, confundindo romance pago com amor. Eu era uma cortesã cobiçada e tinha o orgulho de simular o romance mais convincente possível para cada homem dentro dos limites de tempo combinados, fosse por uma estação ou duas. Nunca aceitei um contrato mais longo do que isso. Não era aconselhável ficar fora de circulação. Havia construído uma reputação de cortesã honesta com seus clientes. Se um pretendente fazia promessas, eu não acreditava, mas também não tratava seus sentimentos com cinismo. Lembrei-me de tudo isso ao considerar o pedido de Loyalty. Mas meu coração ainda batia mais rápido.

Já tinha visto Loyalty em festas ao longo desse período, acompanhado ou não de cortesãs. Ele sempre se portou com educação e cada vez mais fui voltando a ficar à vontade diante dele, até perceber que podia cumprimentá-lo com o débil afeto que se dedica a um ex-amigo. Enfim, eu estava pronta para me encontrar com ele sem amargura ou humilhação. Como Loyalty mesmo previu, um dia eu o reconheceria como um patrono que me tratou muito bem, melhor do que a maioria.

Comentei sobre o pedido com Cabaça Mágica. Seus lábios assumiram a forma da letra O e ela franziu as sobrancelhas para parecer bem-humorada.

– Será que ele deseja cortejar você?

Eu o recebi em meu quarto. Resolvi que não haveria favores em nome dos velhos tempos.

– Vi você por quase três anos – ele disse –, e não sem vontade de ainda estarmos juntos, usufruindo um ao outro. Eu temia, no entanto, que a velha mágoa voltasse.

– Eu era jovem e ingênua – disse.

– Você aprende rápido e sabe mais do que a maioria, suponho. Vejo que resgatou seu espírito, sua independência. Gostaria de saber se realmente me perdoou. Se tivéssemos nos conhecido agora, sinto que você seria capaz de me ver apenas como patrono, e poderíamos apreciar nosso tempo juntos sem a pressão de tantas expectativas.

– Você não precisa de perdão. Não fez nada de errado. Eu é que deveria pedir que me desculpe. Eu era insuportável, não? Olho para trás e me pergunto como você me suportou por tanto tempo.

– Você tinha quinze anos. – Ele então me deu aquele conhecido olhar. – Violet, eu gostaria de ser seu patrono por uma temporada. Você aceitaria, apesar de seu antigo ressentimento em relação a mim?

Eu não disse nada. Geralmente tinha uma resposta pronta para qualquer pedido vindo de um homem. Mas essa questão envolvia meu coração partido, que tivera de ser reconstituído com todo o cuidado. Eu havia me tornado uma pessoa diferente. Meu desejo por ele era tão forte que seria fácil me perder outra vez. No momento seguinte, porém, refleti: por que não desfrutar de uma estação inteira sem ter de fingir orgasmos, como eu fazia com os outros homens? Seria como um período de férias. O que quer que acontecesse, mesmo que a mágoa viesse depois, tive vontade de reincidir no velho vício do amor.

– Antes que responda, preciso dizer mais uma coisa – prosseguiu. – Eu tenho uma esposa. A velha dor voltou instantaneamente.

– Nós não nos casamos por amor – ele explicou. – Nossas famílias se conhecem há três gerações e crescemos lado a lado, como irmãos. Desde os cinco anos de idade, estávamos destinados a nos casar. Ela adiou o quanto pôde, e você vai ficar feliz em saber o motivo. Ela não tem desejo por homens. Ambas as famílias acreditam que ela é o espírito reencarnado de uma freira, mas todos esperavam que eu seria capaz de mudar suas tendências religiosas. Mas a verdade é que ela ama uma mulher, minha prima, que ela conhece desde a infância. Depois que minha esposa deu à luz um filho, todos ficaram felizes, e essas duas freiras reencarnadas passaram a viver juntas em outra parte da casa. No entanto, ela ainda é minha esposa. Digo isso, Violet, de modo que você saiba que não há nenhuma outra cortesã no caminho, interessada em se casar comigo. Já sou casado e não quero o caos de ter concubinas em minha vida.

Conforme o prometido, ele tornou-se meu patrono por uma temporada. Nesse período, não tive de interpretar nenhum papel. Eu simplesmente cedi ao amor e ao prazer, deixando de lado a consciência de que mais tarde eu voltaria a ser infeliz.

Quando o contrato acabou, Loyalty fez uma promessa diferente.

– Sempre serei seu amigo leal. Se entrar em apuros, pode contar comigo.

– Mesmo quando for velha e enrugada?

– Mesmo assim.

Ele tinha acabado de me prometer amizade para toda a vida. Ele estava me dando lealdade, o significado de seu nome. Ele sempre me ajudaria. Isso não era o mesmo que amor? Não era isso o que realmente contava em todas as estações ao longo da vida? Ele passou a me visitar uma ou duas noites por semana. A cada vez que o via, eu esperava um outro contrato. Deixei outros pretendentes impacientes à espera de se tornarem meus patronos, a fim de ficar disponível para ele. Por fim, repreendi-o suavemente.

– Em vez de ter uma noite comigo aqui e ali, quando não estou ocupada, por que não faz um contrato para me ter à disposição sempre que quiser?

– Violet, meu amor, já disse muitas vezes que você me conhece melhor do que ninguém. Eu não tenho espelho, mas você realmente me vê. Quando estou com você, sinto o velho anseio, a força vital, e, se eu não impedir, isso pode tomar conta de mim, me satisfazendo

totalmente e me distraíndo das coisas pela qual devo me empenhar ao máximo. E então eu sentiria a passagem do tempo, bem como o terror de que algo importante me escapou, meu melhor propósito de vida, que eu nunca mais encontraria até a morte. Eu sentiria os dias passando, o fim da vida se aproximando. Não tenho mais o que dizer. Você me conhece melhor do que eu mesmo.

– Só sei que tudo o que você acabou de dizer fede a peido de cachorro. Se o conhecesse tão bem assim, você faria o que eu quero.

Ele riu.

A cada pergunta que fazia, ele me dava uma resposta melhor do que eu esperava. Todas continham em si, porém, o pior: um enigma de esperança. Ele próprio havia se comprometido comigo para a vida toda, ainda que não quisesse sentir-se inteiramente realizado ao meu lado, o que implicava permanecermos separados. O que ele entendia como satisfação? Por que eu não podia simplesmente deixar de satisfazê-lo? E os meus anseios? Senti como se estivesse correndo em um labirinto, atrás de algo que não podia ver, mas acreditava ser importante. Senti que essa coisa estava ao alcance da mão, mas, de repente, desaparecia numa curva do labirinto me deixando perdida. Eu tinha de decidir o que fazer em seguida, para onde ir, descobrir o que precisava para sair daquele lugar confuso. Se parasse de correr e ficasse parada, eu estaria aceitando que o que tinha era o máximo que poderia conseguir. E então eu não estaria mais perdida, uma vez que não haveria outro lugar para ir.

Conforme o tempo passou, descobri o que era aquela coisa estranha que eu vinha perseguindo: era o meu eu mais feliz, capaz de afugentar todo o descontentamento e todas as preocupações. Deixei para trás meus anseios e segui adiante, a mente mais afiada e os olhos mais límpidos, pronta para assumir o que viesse pela frente.

Capítulo 6

Um pardal canoro

Xangai
Março de 1918
Violet

O Festival da Primavera veio e se foi, e Cabaça Mágica lamentou que mais uma vez eu não tivesse figurado entre as dez melhores cortesãs de Xangai. Eu não tinha nem sequer rendido uma boa fofoca que valesse a pena ser citada na imprensa marrom, ela frisou. Estava errando nas cores das roupas. Não tinha conseguido cultivar clientes mais influentes.

– Você acha que aquelas garotas que ganham são mais bonitas ou talentosas do que você? Nem um pouco! Mas eles também não ficam acomodadas, pensando que sua fama cresce sozinha e nunca declina.

O concurso de popularidade das cortesãs era uma farsa, mas ela se recusava a acreditar. As beldades vencedoras trabalhavam nas casas administradas pela Gangue Verde, e cada voto dado por um membro do bando valia por dez.

– Ainda que o concurso não fosse uma fraude – justifiquei –, tenho vinte anos, sou um pêssego colhido, já não sou nova e intrigante. E ser eurásiana já não é uma vantagem.

Ela deu uma fungada de desprezo.

– Se pensa assim, então é melhor pensar rápido em alguma forma de atrair mais atenção, ou vai acabar como ama de uma menina tão ingrata quanto você.

O mundo das flores cortesãs agora estava tomado por cinquenta por cento de ervas daninhas eurásianas de um centena de variedades – mestiças de chineses com sangue americano, inglês, alemão, francês, e assim por diante. As casas de segunda classe haviam proliferado, e mais ainda as casas de ópio. Todas nós, das casas de primeira classe, nos ressentíamos da migração, tanto de residentes temporários quanto daqueles que vinham com a esperança de se enraizar e buscar oportunidades. Eles estavam mudando Xangai e alimentando uma ganância sem fim. Os japoneses tinham tomado mais empresas, edifícios e mansões das mãos dos chineses. Possuíam pequenas lojas e grandes estabelecimentos. As gueixas desfrutavam de mais prestígio do que as cortesãs de primeira classe, mesmo oferecendo música que soava como pingos de chuva e nada de sexo. Por que tanto sucesso? Se nossas beldades fizessem só isso, teriam de tocar melodias na bacia de bronze dos mendigos.

Na semana anterior, havíamos sido surpreendidas com a notícia de que três das melhores

casas de primeira classe já recebiam estrangeiros como clientes. No antigo Caminho Oculto de Jade, os estrangeiros vinham todas as noites para o clube mas não eram admitidos na casa das cortesãs, exceto quando convidados por um cliente chinês – e, mesmo assim, só podiam olhar as garotas. Ouvimos rumores de que os ocidentais que visitavam as casas de primeira classe não seguiam os costumes e protocolos. Não tinham paciência para cortejar beldades por um mês. Não competiam com outros homens. Eles apenas flertavam, jogavam, bebiam, comiam e ouviam alguma beldade cantar. Os mais poderosos e generosos foram convidados para a alcova na mesma noite. Em nossa opinião, esses locais tinham decaído abaixo dos padrões das casas de segunda classe. Por outro lado, os ocidentais deixavam presentes consideráveis, geralmente em dólares de prata. A rentabilidade das casas havia declinado nos últimos anos. Não admira que estivessem abrindo precedentes humilhantes. As joias dadas pelos pretendentes chineses podiam custar mais do que aqueles dólares, mas quando as cortesãs as negociavam em uma joalheira ou loja de penhores recebiam um valor subavaliado e, ainda por cima, em yuan chinês. Muitos temiam uma desvalorização da moeda nacional por causa do pequeno problema entre os caudilhos locais e os republicanos, mas era antipatriótico dizer isso em voz alta.

O que aconteceria com nossa casa? Se não admitíssemos estrangeiros, o que mais poderíamos fazer? Havia mais de mil e quinhentas casas de primeira classe, e muitas delas eram equipadas com mobiliário novo e de acordo com a moda, mais jogos de cartas, rádios e vitrolas espalhados pelos quartos, além de modernos toaletes que levavam as águas sujas embora mediante um simples puxão de corrente. Madame Li disse que não podia se dar ao luxo de trocar os móveis e a decoração sempre que uma brisa fresca passava.

Nas casas menos conceituadas e nas ruas, as opções de sexo libertino superavam os limites da imaginação. Nada era sagrado ou precioso demais para não ser profanado. Algumas prostitutas eram – ou assim se diziam – viúvas de nobres que permitiam aos homens comuns se esfregarem em seu glamour. Havia esposas que se autodenominavam “semiabertas”: recebiam homens de manhã e à tarde, quando seus maridos estavam fora de casa. Uma mulher de idade alegava ter sido uma cantora famosa, e tinha decorado seu quarto com cartazes da época de seu apogeu. Não acreditávamos que ela de fato fosse a artista que tanto tínhamos admirado no passado, mas descobrimos que era verdade, quando a visitamos. Para os estrangeiros, abundavam garotas eurásia-nas que alegavam ser filhas de diplomatas, pálidas meninas brancas que se diziam filhas de missionários, muitos pares de gêmeas virgens, e belíssimas cortesãs que, na realidade, eram homens. Mas essas mentiras convenciam os estrangeiros, demasiadamente ignorantes para desconfiar que estavam sendo enganados ou envergonhados demais para, depois, admitir que haviam caído no engodo. Aqueles estrangeiros, nós imaginávamos, seriam os mesmos que em breve poderiam estar cruzando as portas de nossa casa.

Escarlate estava com quase vinte e cinco anos, e seu brilho e frescor se perdiam. Ela recusava-se a admitir. Sua reputação tinha se espalhado, e ela ainda atraía pretendentes à moda antiga, que promoviam festas e lhe pediam para tocar cítara e cantar. Mas, agora, ninguém mais tinha de esperar semanas para que ela estivesse disponível. E nem todos os pretendentes eram tão poderosos e ricos como outrora, embora, felizmente, alguns dos clientes de longa data tenham permanecido conosco.

Vi seus olhos se arregalarem de horror no dia em que Madame Li a abordou com a ideia

de acolher estrangeiros respeitados, mas só os ricos, ela assegurou, nada de marinheiros ou funcionários.

– Tornou-se não apenas aceitável, mas está na moda – disse a mãe. – Nós ainda vamos ser seletivas quanto à clientela. Um estrangeiro teria de ser introduzido por um cliente de longa data da casa, capaz de atestar a boa posição do convidado.

Os olhos de Escarlata pareciam estar prestes a lançar chamas.

– Eles são uns brutos – ela protestou –, e carregam gonorreia, sífilis e doenças que podem cobrir a gente de feridas vermelhas da cabeça aos pés. É isso que você quer para mim, sua filha amada, virar uma puta doente da noite para o dia?

Os olhos de Madame Li se estreitaram.

– Se quiser herdar esta casa – respondeu –, de agora em diante é melhor arranjar patronos que sejam gângsteres.

NA SEMANA SEGUINTE, Loyalty Fang disse a Madame Li que tinha a satisfação de lhe apresentar a um convidado estrangeiro. Era o filho americano de uma família distinta, cuja empresa de transportes atuava na China há mais de cinquenta anos. Loyalty afirmou ser ele mesmo muito bem atendido por essa firma, que transportava sua porcelana para a Europa e os Estados Unidos. Essa recomendação atestava o caráter do pai e, aparentemente, do filho.

– O rapaz vive na China há quase um ano – ele me contou, quando tomamos chá. – É muito sério, mas ocidental demais no modo de pensar. Diz que está aprendendo chinês sozinho, mas devo dizer que, qualquer que seja a língua que venha tentando falar, soa tão atroz que é impossível de entender. Costumo recorrer ao inglês para conversar com ele, mas, como estou um pouco enferrujado, nossas conversas se limitam a comentários sobre o clima, o lugar onde sua família vive, sua saúde, a época em que seu avô morreu, a comida de Xangai, e se houve algum prato exótico de que tenha gostado. É difícil entabular até um curto diálogo. Sempre tenho de usar aquele maldito dicionário chinês-inglês que você me deu. Sei como dizer em inglês *vegetable*, *meat* e *fruit*. Mas como dizer *repolho*, *carne de porco* e *kumquat*? De qualquer forma, a partir dessas poucas conversas, posso assegurar que é educado, humilde e tímido, ou seja, um americano realmente incomum, não acha? Da última vez em que nos falamos, ele disse que queria conhecer uma chinesa que falasse inglês bem o suficiente para lhe proporcionar conversas interessantes. Pensei em você, claro.

– Então, quer dizer que não sou mais sua linda belezinha eurásiana – eu disse. – Para seu amigo, eu me tornei chinesa?

– Ei, você tem vergonha de ser chinesa? Não? Então, por que tanta rapidez em me criticar? Quando nos conhecemos, você era a princesa eurásiana de Lulu Mimi. Era assim que todo mundo via. Desde então, nunca vi em você uma raça ou duas. Você é simplesmente quem é – a megera de cabeça quente que nunca me perdoará – e por que, você nunca vai me dizer.

– Não sei por que ainda me incomodo em falar com você – repliquei.

– Violet, por favor, não vamos discutir agora. Tenho um compromisso em breve, em trinta minutos. De qualquer forma, esse meu amigo disse que queria uma conversa interessante. Espero que não seja este tipo de diálogo que você vá proporcionar a ele.

Agora que não estava mais apaixonada por Loyalty, podia ver claramente seus defeitos, ofensas e arrogância, o que havia de pior em sua negligência quanto aos sentimentos que

nutri por ele no passado. Ele me cumprimentava nas festas alheias com um olhar de intimidade, mas não pedia minha presença nas festas que promovia. Em um desses encontros, brincamos de flertar como na época de minha defloração. Interpretei isso como sinal de que ele queria passar a noite comigo. Quando corajosamente o convidei a reviver o passado, ele pediu para ser liberado, alegando estar exausto por ter acabado de voltar de Soochow. Fiquei humilhada.

– Ah, Soochow, terra de cortesãs bonitas – murmurei. – Não é à toa que está esgotado.

Ele respondeu que eu não estava reconhecendo o esforço que fizera para me visitar. Retruquei que o esforço foi para participar da festa onde, por acaso, eu estava. Na última vez em que ele demonstrara interesse em passar a noite comigo, aleguei que estava cansada demais e ele ficou furioso. Loyalty sabia por que eu tinha respondido daquela forma: andávamos brigando por quase dois anos, e ainda não nos víamos livres um do outro. Eu suspeitava que seus sentimentos por mim eram mínimos, a ponto de ele não hesitar em me empurrar aquele americano, ciente de que o sujeito iria querer sexo comigo assim que aprendesse algumas frases úteis em chinês.

No final da tarde, um criado anunciou a chegada do estrangeiro. Ele estava uma hora atrasado, o que já nos fez pressentir que não seríamos tratadas com respeito. Meu humor estava azedo quando entrei no salão. O homem levantou-se. Olhei para o relógio no aparador e, com falsa surpresa, exclamei em inglês:

– Oh meu Deus, já são quatro horas? Espero não tê-lo deixado esperando. Pensamos que você viria às três.

Dei um leve sorriso, esperando que ele se desculpasse pelo atraso.

– Não precisa se desculpar. Loyalty Fang me disse para vir às quatro.

Maldito Loyalty e seu inglês de merda. O americano olhou para mim, sem dúvida decepcionado por eu não ser a flor exótica que ele esperava.

– Sou meio chinesa – disse, sem rodeios.

Madame Li e Cabaça Mágica já estavam sentadas à mesa. Escarlate não, como ela mesma avisara. Brilhante e Serena logo se juntaram a nós. Elas eram novas na casa – irmãs egressas de outra casa de primeira classe, que entrara em decadência depois da morte de sua madame. Madame Li achava importante que elas vissem como os ocidentais se comportam. Eu fiquei tentada a me vestir como ocidental, mas decidi que não devia deixar a irritação com Loyalty influenciar minhas escolhas. Meu cabelo estava penteado para trás, preso em um coque, e meu vestido era em estilo chinês moderno, longo e justo, com gola alta. Ele tomou seu lugar em uma poltrona e eu me sentei diante dele. Pelas expressões duras e lábios cerrados nos rostos das outras cortesãs, senti que estavam tensas ao ver aquele primeiro estrangeiro na casa. A presença dele mudava o status de nosso estabelecimento. Ele não demonstrava o ar sofisticado dos americanos nem as maneiras dos ricos homens de negócios que minha mãe costumava entreter.

Seu nome era Bosson Edward Ivory III. Loyalty havia estimado sua idade em vinte e cinco anos, mas parecia mais. Sua constituição era frágil e o rosto tinha características ósseas típicas de um anglo-saxão. A cabeça revelava o formato de um nabo – ampla no topo, com uma grande testa, e que se afinava até acabar no queixo alongado. Possuía olhos castanhos e o cabelo ondulado cor de areia estava desalinhado, assim como seu bigode, característica nos homens que me fazia lembrar de uma vassoura. Suas roupas estavam bem

adaptadas e nítidas com o amido, mas também amarrotada. A aparência desgrenhada sempre era um sinal de desrespeito, a menos que você fosse um mendigo faminto.

– Por favor, me chame apenas de Edward – ele disse, e beijou a mão de cada cortesã com uma risível medida.

– Edward é um nome difícil para os chineses pronunciarem – avisei. – Bosson é muito mais fácil.

– Bosson é o nome de meus antepassados mortos e carrega os ônus do sucesso e do trabalho duro, coisas que não têm a ver comigo.

Eu sabia que ele estava apenas tentando fazer graça, mas traduzi literalmente sua fala, sem acrescentar essa ressalva.

– Ele é muito honesto – comentou Cabaça Mágica.

– Mas, claro, se é mais fácil para elas – disse o estrangeiro –, fico satisfeito se me chamarem de Bosson.

Eu disse para elas em chinês: “bo-sen”: *bo* significa “rabanete” e *sen* quer dizer “enorme”. Rabanete gigante! Elas adoraram meu gracejo.

O chá foi servido, acompanhado de um pequeno jarro de leite e um prato de biscoitos de manteiga e geleia. Madame Li comentou que precisou ir até o mercado dos estrangeiros só para encontrar aquele leite que estragaria nosso chá.

O americano e eu entabulamos uma conversa sobre sua estada na China e sobre o que ele vira no país. De vez em quando, fazia breves traduções para as convivas. Ele contou que chegara ao país há um ano, mas não tinha visto tanto quanto gostaria. Seu plano era permanecer por um bom tempo, talvez anos. Recostou-se no sofá, ficando sentado de pernas afastadas como se estivesse em um *saloon*. Não parecia tímido como Loyalty havia descrito. Na verdade, estava muito à vontade.

– Gostaria de visitar lugares onde as pessoas normalmente não vão – falou. – A maioria dos americanos não é aventureira no que diz respeito a explorar o estrangeiro.

– Na China, o estrangeiro é você.

– *Ha!* Depois de um ano aqui, ainda não me acostumei com isso. Talvez nos próximos cinco anos, eu pegue o jeito da coisa.

– Cinco anos é muito tempo para um visitante. Ou você pretende viver aqui?

– Vim para cá com a mente totalmente aberta. Tudo o que sei é que não irei embora tão cedo.

– Você se sente confortável no lugar onde está instalado? Isso é sempre importante em uma estada mais prolongada. Do contrário, você só terá coisas ruins a dizer sobre Xangai, o que seria uma pena, uma vez que é fácil descobrir o quanto a cidade é celestial.

– Estou completamente à vontade. Moro em uma pousada não muito longe daqui, na Bubbling Well Road. O local pertence a um velho amigo de meu pai, um camarada chinês, o senhor Shing. Quando estudante, ele viveu com nossa família em Nova York. Eu era pequeno e não me lembro de muito sobre ele, fora a impressão de que era um misterioso ser do Velho Mundo, ainda que na época fosse jovem e muito amigável. Acho que ele é a razão do meu interesse pela China.

Conforme ele falava, eu traduzia para as beldades, abreviando cada vez mais à medida que a ladainha avançava. Sua família possuía uma companhia de navegação, fundada por seu bisavô oitenta anos atrás.

– Sinto muito em dizer, mas a família Ivory fez fortuna com o ópio. Nos dias atuais, felizmente transportamos produtos manufaturados, como as xícaras de chá e louças produzidas por Loyalty Fang.

A família o havia enviado a Xangai para se familiarizar com o negócio que, um dia, ele herdaria. Traduzi isso para as garotas, que ficaram mais interessadas.

– Essa foi a história que ele contou – acrescentei –, mas os americanos são conhecidos por contar vantagem quando estão longe de outras pessoas que os conheçam bem.

– A verdade é que não aprendi nada sobre o negócio – admitiu ele. – Fujo de responsabilidades, a melhor descrição para mim é a de um vagabundo sem planos. Gostaria de descobrir a China de forma espontânea, e não por meio dos horários de visita a santuários e pagodes. Não quero ler um guia que me diga o que vou encontrar e que serei transportado para os dias dos primeiros imperadores. – Ele sacou um caderno de couro do bolso do casaco. – Estou escrevendo um livro de viagens... para derrubar os pastiches das paisagens daqui, as quais venho ilustrando com esboços feitos a lápis.

– Você vai publicá-los? – perguntei educadamente.

– Vou, se meu pai comprar uma editora.

O sujeito era incapaz de ter um pensamento sério em seu cérebro.

– Eu escrevo para mim mesmo – disse. – Não vou impingir minhas rudes historinhas aos outros. Seria crueldade.

– Você dá títulos para os livros que escreve para si mesmo?

– Este vai se chamar *Ao Extremo do Extremo Oriente*. Tive essa ideia na semana passada. Você é a primeira a saber. Claro, pensei em uma dúzia de títulos antes desse, assim como posso pensar em outro depois. Esse é o problema quando não se tem objetivo nem destino, nem leitores.

– Qual o ponto mais extremo do Oriente que você conheceu?

– Não muito longe. Apenas os limites a sudoeste de Xangai. No entanto, o que quero dizer com o título não tem a ver com distância, mas com um estado de espírito. Você conhece *Folhas de Relva*, de Walt Whitman?

– Em Xangai temos muitas coisas de todo o mundo, mas, infelizmente, nem todos os livros em inglês foram publicados aqui.

– O senhor Whitman é admirado por todos. Seus poemas me servem como guia de viagem, por assim dizer. Como este:

Nem eu nem ninguém vai percorrer essa estrada por você.

Você tem de percorrê-la sozinho.

Não é longe. Está ao seu alcance.

Talvez você tenha andado nela desde que nasceu, e nem saiba.

Talvez a estrada esteja por toda parte – sobre a água e na terra.

Eu nunca tinha lido o poema, mas vivera a angústia daqueles palavras – a solidão de estar em uma estrada para um lugar desconhecido, definido sem nenhuma razão compreensível. Era como a pintura do vale entre as montanhas, com as nuvens tanto escuras quanto róseas, e uma reluzente paisagem adiante que podia ser um paraíso fulgurante ou um lago em chamas.

– Pelo seu rosto, acredito que o poema não seja de seu gosto – disse Edward Ivory.

– Não, ao contrário. Gostaria de lê-lo um dia.

Cabaça Mágica interrompeu:

– Pergunte se ele planeja vender uma história sobre sua visita a esta casa de cortesãs.

Ele respondeu a ela diretamente, como se minha ama entendesse inglês:

– Se escrever sobre você, provavelmente será o suficiente para vender muitos exemplares.

Traduzi o galanteio e Cabaça Mágica retrucou:

– Diga que o mentiroso me fez sentir jovem e bonita.

Edward Ivory riu. Brilhante e Serena sorriram, mesmo sem entender o que estava sendo dito.

– Meninas encantadoras – disse ele. – A da esquerda parece um pouco mais do que uma criança. Tão jovem e já caiu nessa vida.

Uma pedra formou-se na minha garganta. Quem era ele para ter pena de nós?

– Não me vejo como uma mulher caída – disse.

Ele engasgou com o biscoito.

– Má escolha de palavras. E eu não estava me referindo a você, claro. Você não é uma delas.

– Eu sou de fato uma delas, como você diz. Mas não precisa ter pena de nós. Vivemos muito bem, como pode ver. Temos nossa liberdade, ao contrário das americanas, que não podem ir a nenhum lugar sem marido ou uma tia velha para pajeá-las.

Seu rosto ficou sério pela primeira vez.

– Eu peço desculpas. Tenho um hábito não intencional de ofender as pessoas.

Decidi colocar um fim ao malsucedido encontro.

– Acho que conversamos o suficiente, não é?

Levantei-me, o que o obrigou a ficar de pé, e esperei por seus agradecimentos e despedidas.

Ele me deu um olhar de surpresa. Em seguida, enfiou a mão no bolso do colete e tirou um envelope para mim. Continha vinte dólares de prata norte-americanos.

Maldito Loyalty!

– Senhor Ivory, parece que o senhor Fang não lhe explicou que esta é uma casa de cortesãs, não um bordel com prostitutas com as quais você se deita assim que atravessa a porta com algumas moedas tilintando no bolso.

Virei o envelope para derramar os dólares de prata, que caíram sobre a mesa e o tapete.

Madame Li e Cabaça Mágica praguejaram. As beldades gritaram que Escarlata estava certo sobre os estrangeiros e suas mentes e corpos doentes. Todas se retiraram da sala.

Edward ficou perplexo.

– Não é o suficiente?

– Vinte dólares é o valor cobrado por suas putas ianques nos barcos pintados do porto. Agradeço por pensar que valem a mesma coisa. No entanto, fechamos para os negócios hoje.

QUANDO LOYALTY CHEGOU à noite, Cabaça Mágica o conduziu diretamente para meu quarto a fim de evitar que outras pessoas testemunhassem minha ira. Não esperei a porta fechar para gritar:

– Aquele demônio estrangeiro me tratou como uma puta do cais! Você está espalhando por aí que nós somos um bordel vagabundo?

Seu rosto mostrava angústia.

– A culpa é minha, Violet, e, para você, sei que não é difícil acreditar. Não foi bem o que você pensou. O homem e eu conversamos em inglês sobre sua vontade de encontrar uma companhia que falasse inglês. Eu disse que conhecia uma mulher incomum e a descrevi com elogios completamente verdadeiros, que você fala inglês perfeito, é bonita, culta, inteligente, educada.

– Bajulação suficiente – disse.

– Então, contei a Edward que você era uma cortesã e perguntei se ele sabia o que era uma casa de cortesãs de primeira classe. Pelo menos, isso foi o que pensei ter dito. Ele afirmou que sim. Perguntei se ele conhecia os costumes. Acontece que, em vez de dizer casa de cortesãs de primeira classe em inglês, recorri ao dicionário que você me deu e traduzi como “bordel número um”. Depois, de passagem pelo American Bar, Edward perguntou a um homem que vivia há muitos anos na cidade como era um bordel xangainês. O homem garantiu que as fantasias mais selvagens de Edward seriam satisfeitas depois de um pouco de conversa e da oferta de um ou dois dólares por uma visita regular, subindo para dez no caso de ele desejar algo especial. Agora há pouco, Edward reencontrou esse mesmo homem e contou sobre o fiasco de hoje à tarde. O homem riu, explicou como funcionava uma casa de cortesãs e garantiu que meu amigo jamais seria admitido novamente numa delas. Edward imediatamente me ligou para contar tudo. Violet, quando você disse que já tinham conversado o suficiente, ele achou que estava pronto para realizar suas fantasias no quarto. Não dá para culpar a mim ou a ele inteiramente. Parte da culpa é do maldito dicionário. Não é a primeira vez que ele me leva a cometer erros embaraçosos. Posso mostrar a você se não acredita em mim, o que tem acontecido muito nos últimos dias. Não podemos ter uma trégua?

Loyalty depositou duas caixas elegantemente embrulhadas sobre a mesa de chá.

– Edward me pediu para trazer esses presentes e para implorar seu perdão. Ele temia que você ficasse com raiva de mim também. Eu o tranquilizei: “Não se preocupe. Ela tem raiva de mim há anos”. – Vamos lá, Violet, será que não vou conseguir arrancar um sorriso seu?

A caixa maior continha um livro encapado em couro verde, com título em relevo dourado: *Folhas de Relva*. Brotando das letras do título, trepadeiras e gavinhas avançavam livremente para as bordas. Encontrei uma grossa moldura de papel com o trecho do poema que tinha achado tão familiar.

A caixa menor continha uma pulseira de ouro com rubis e diamantes, um presente extravagante para alguém que provavelmente jamais veria a pessoa presenteada outra vez. Li o bilhete anexo.

Cara senhorita Minturn, estou profundamente envergonhado por meu rude e involuntário comportamento. Não posso esperar seu perdão, mas espero que acredite na sinceridade de meu pedido de desculpas. Seu, B. Edward Ivory III

Cabaça Mágica foi com Madame Li até a joalheria do senhor Gao, onde descobriram que Edward pagara dois mil yuan pela joia. Gao disse que teria cobrado metade do preço se o

estrangeiro se dispusesse a negociar. No entanto, consideramos o valor cheio como uma prova de respeito demonstrada por Edward Ivory.

– A pulseira vale o perdão – decretou Cabaça Mágica –, até porque a culpa maior é de Loyalty, para começar. – Madame Li e eu concordamos nisso. Ela acrescentou: – O estrangeiro não deve esperar por nada além do perdão, a menos, claro, que você queira mais alguma coisa dele, e nesse caso a pulseira é um bom começo.

Loyalty apareceu dois dias depois. Perguntou se poderia promover um pequeno jantar e trazer Edward como um de seus convidados.

– Para ser honesto, Violet, ele mesmo pediu que eu fizesse isso. Ele recebeu o bilhete com seu perdão, mas ainda está deprimido. Não tem dormido nem comido, fica dizendo absurdos sobre como magoa todo mundo que cruza seu caminho. Eu lhe disse que era culpa minha, não dele. Não bastou. Parece que, quando sofrem de melancolia, os americanos agem como se tivessem enlouquecido. Realmente achei que ele fosse se atirar no rio, e não quero a visita de seu fantasma me dizendo que está arrependido.

Seu raciocínio era sempre irritante.

– Então, em vez disso, você está jogando para mim a responsabilidade caso um homem louco se mate, é isso? Por que veio me dizer isso? Faça sua festa. Estarei lá para aceitar as suas desculpas pessoalmente. Se ele se afogar mais tarde, não serei mais responsabilizada. Quanto a você, deveria ter aprendido inglês comigo quando teve a chance.

Loyalty trouxe Edward e outras quatro pessoas, número suficiente para uma ruidosa festa de bebedeira e jogos. Edward ficou em silêncio e, de início, não se dirigiu a mim a não ser para dizer “por favor”, “obrigado” e “você é muito gentil”. Manteve uma cautelosa distância, como se eu fosse um escorpião. Mas eu sentia-o me olhando. Era solícito com Madame, Escarlata e Cabaça Mágica, e se mostrou excessivamente educado com as outras beldades. Elas sorriam como se estivessem entendendo as palavras em inglês. No final da noite, deu gorjetas generosas para Cabaça Mágica e outras amas e, em seguida, colocou outro presente diante de mim, envolto em seda verde. Curvou-se gravemente e foi embora. Abri o pacote em privado, longe da curiosidade de Cabaça Mágica. Dessa vez era uma pulseira de esmeraldas e diamantes. O cartão dizia:

Cara senhorita Minturn, sou grato pela permissão de desfrutar de sua companhia novamente. Seu, B. Edward Ivory III

Há quase dois anos eu não recebia um presente tão extravagante. Na noite seguinte, usei a pulseira nas três festas de que participei. No passeio vespertino de carruagem ao lado de Brilhante e Serena, fiz questão de apontar o tempo todo para belos pássaros e nuvens no céu, para que as pessoas na calçada pudessem ver a chamativa conquista pendurada no meu pulso.

NA MANHÃ SEGUINTE, Madame Li me chamou para atender o americano ao telefone. Edward pediu desculpas pela intrusão, bem como pela presunção de que eu falaria com ele. O senhor Shing, na casa de quem estava hospedado, havia advertido que convites devem ser feitos por escrito, com uma semana de antecedência. Mas ele esperava que eu compreendesse sua pressa. O gerente da companhia de navegação tinha reservado dois

lugares em seu camarote no Shanghai Race Club, mas pegou uma gripe que o impossibilitava de assistir às corridas, e acabou oferecendo os assentos para Edward. O governador de Hong Kong, Sir Francis May, também estaria presente, sentado a dois camarotes de distância.

– Pensei que talvez pudesse abusar de minha sorte e tentar convencê-la...

A oportunidade de conhecer o governador! Imediatamente me arrependi da atitude fria com que vinha tratando Edward.

– Seria um prazer vê-lo outra vez – disse eu –, para agradecer pessoalmente por seus presentes encantadores.

Como os chineses não eram admitidos no clube de corrida, Cabaça Mágica advertiu que não poderíamos deixar qualquer margem a dúvidas sobre meu direito de estar lá. Ela tirou do armário o vestido lilás que minha mãe usava no Shanghai Club. Ainda parecia novo e elegante. Visualizei a última vez que minha mãe o vestiu. A velha dor no coração permanecia e poderia a qualquer momento explodir em raiva. Aleguei para Cabaça Mágica que o tempo estava muito frio. Escolhi outro vestido, um traje de passeio em veludo azul, que havia feito sucesso quando fui outro dia a um restaurante ocidental. Era formado por capa e saia estreita com uma provocativa cascata de dobras na parte de trás. Experimentei um chapéu de abas largas com algumas penas discretas. Quando me lembrei que estaria sentada entre estrangeiros que disputariam a atenção do governador, troquei a modéstia por uma plumagem que me desse mais confiança. Meu cabelo ficaria semipreso e eu usaria o colar de pérolas dado por Loyalty em minha primeira noite. Uma hora mais tarde, Edward chegou dirigindo um automóvel de capô alongado – um claro contraste com os modelos pretos em formato de caixa cujos motores engasgavam e chiavam ruidosamente. Ele disse, meio que se desculpando, que seu pai havia enviado de navio aquele Pierce-Arrow, como um presente pelo seu vigésimo quarto aniversário. Então, ele tinha vinte e quatro anos, quatro a mais do que eu. Enquanto nos dirigíamos para o clube de corrida, notei que não precisava fazer nada para despertar inveja e atrair atenção. Nas ruas, as pessoas paravam para ver o carro passar.

Quando o governador de Hong Kong chegou, um burburinho se ergueu, e as pessoas o seguiam como abelhas rumo à colmeia. Nós assistíamos a tudo de nossos lugares. Quando o governador virou-se em minha direção, acenou com a cabeça e sorriu.

– Que bom vê-la aqui, senhorita Minturn.

Isso levantou novo burburinho. “Quem é ela?” “Será sua amante secreta?” Perplexa por ele saber meu nome, fiquei imediatamente tomada de felicidade por toda aquela fama temporária entre os estrangeiros. Edward ficou impressionado e me serviu várias taças de um delicioso vinho frio, o suficiente para me deixar tonta. Logo passei a perceber uma beleza especial em tudo ao nosso redor: os músculos dos cavalos, o céu azul brilhante, o mar de chapéus, dos quais o meu era o mais lindo. No meu estado de ébria euforia, eu poderia ter confundido estrume com perfume. Após a terceira corrida, o governador se pôs de pé e, mais uma vez, olhou na minha direção, sorriu e tirou o chapéu.

– Boa tarde, senhorita Minturn.

Então, eu o reconheci. Ele tinha sido um dos clientes favoritos de minha mãe, um homem gentil que me cumprimentava calorosamente sempre que me via vagando pelas festas. Ele perdera uma filha da minha idade, Mamãe me contaria mais tarde. Não fiquei feliz com a

descoberta, mas o desconforto dessa constatação foi plenamente compensado pelo reconhecimento que conquistei no clube de corrida. Eu tinha sido elevada a uma pessoa de importância. Marotamente, Edward espalhou o boato entre algumas pessoas próximas de que o governador era um amigo de minha família.

– Ela não vai confirmar, mas acredito que o pai dela foi o governador antes de Sir May.

Edward me perguntou naquele dia se poderíamos ser amigos. Disse que teria prazer em me servir como acompanhante, uma escolta nas visitas a lugares que uma garota americana gostaria de conhecer, mas que não poderia fazê-lo sozinha. Presumi que era um pedido para ser meu pretendente. Se fosse, ele seria o meu primeiro estrangeiro.

LOGO DESCOBRI QUE a oferta de Edward para ser meu companheiro se restringia exatamente a isso, e nada mais. Durante a primeira semana, caminhamos pelo parque, jantamos em um restaurante e visitamos livrarias americanas. Sabia que ele gostava de mim, mas em nenhum momento insinuou que queria se tornar mais do que amigo. Imaginei que estava com medo de ir longe demais, dado o nosso início desastroso. Ou, talvez, ele soubesse que eu tinha outros pretendentes e achava impróprio, como estrangeiro, entrar na disputa. Talvez achasse que Loyalty era um dos pretendentes.

Na segunda semana ele me levou para ver um templo, mas, assim que chegamos, ele sentiu uma forte dor de cabeça e teve de voltar rapidamente para casa. Sofria de enxaqueca desde a infância, ele contou. Eu temia, no entanto, que ele tivesse pego a nova gripe espanhola. Discretamente, a Ivory Shipping Company havia relatado a chegada de três homens doentes aos Estados Unidos. Quase imediatamente, o gerente do escritório de Xangai também adoeceu. Eles se recuperaram, e ninguém sabia ao certo se aquela gripe era mortal, mas por precaução a Ivory Shipping Company colocou todos os seus empregados em quarentena, mas Edward, a rigor, não era um empregado. Se estivesse doente, ele poderia me infectar e, em seguida, todos na Casa de Escarlata estariam sob risco e as portas seriam fechadas. Todos os dias líamos histórias terríveis sobre o número de vítimas fatais da gripe em outros países. Até mesmo o rei espanhol quase sucumbira à doença. Esperávamos que a onda de morte chegasse a Xangai a qualquer momento. Até então, sem contar as famílias de locais mais pobres da cidade, conhecíamos poucas pessoas que haviam adoecido. Na casa, passamos a beber tigelas e tigelas de infusões de ervas amargas, e redobramos a atenção a convidados que apresentassem tontura ou rosto ruborizado, sintomas facilmente confundidos com embriaguez. Quando um homem tossia, Madame Li rapidamente cobria a boca e o nariz com um lenço e pedia ao convidado para voltar em outra ocasião. Ninguém se sentia ofendido. Os bondes eram lavados a cada noite com água e cal, e Madame Li seguia a mesma precaução, mandando os criados usarem a mesma solução para lavar diariamente o pátio que conduzia à casa.

Edward se recuperou de sua enxaqueca, mas alguns dias depois voltou a ter uma crise. Disse que se sentia como se veneno tivesse entrado em seu cérebro. Tudo começava com a sensação de agulhadas nos olhos. Em seguida, a dor se espalhava pelo crânio como fogo. Seu humor se nublava pouco antes de um ataque, e foi assim que ele aprendeu a antecipar suas crises. Ele se ausentava por dias, e depois voltava, brilhante como sempre. Ele me disse que só suportava ficar em um quarto escuro. Não podia fazer quase nada, nem mesmo pensar. Conseguir se sentar era o sinal de que estava ficando melhor. Então, aproveitava

para escrever em seu diário de viagem. Isso ajudava a aliviar o mal-estar, como se as palavras escritas purificassem as últimas gotas de veneno em seu cérebro.

Quando ele sugeriu que fizéssemos uma longa excursão de carro, perguntei se aquilo era prudente. Se ele sofresse um ataque, como voltaríamos? Foi então que ele decidiu me ensinar a dirigir.

Na minha primeira lição, dirigi devagar, e ele confessou o quanto estava feliz pela oportunidade de admirar a paisagem do banco do passageiro. Para mim, tudo parecia monótono. Não havia um pedaço de terra plana que não tivesse sido lavrado e plantado. Ele me fez treinar as curvas em cada cruzamento. Lançava uma moeda para o alto: se desse cara, eu virava à direita, se saísse coroa, dobrava à esquerda. Edward assumiu o volante quando tivemos de ir pela contramão, num ponto onde a estrada estava bloqueada por búfalas ou por pilhas de pedras colocadas ali pelos lavradores por alguma estranha e desconhecida razão. Onde quer que fosse, atraímos a atenção dos camponeses. Edward buzina e acenava. Eles paravam o trabalho, erguiam-se e olhavam solenemente para nós, sem acenar de volta. Aqui e ali, vimos casas com paredes caiadas. Passamos por aldeias onde os homens estavam cortando troncos para fazer caixões. Vimos uma fila de pessoas vestidas de branco nas trilhas estreitas entre campos de arroz, seguindo até um cemitério na colina. Sentindo-me mais confiante ao volante, passei a dirigir mais rápido. As páginas do livro de Edward se abriram, agitadas, e uma carta escapou do meio delas, voando para longe antes que ele pudesse pegá-la. Perguntei se devíamos retornar, mas ele disse que não tinha necessidade de recuperar a carta. Conhecia bem seu conteúdo. Tinha sido escrita por sua esposa, informando sobre a fragilidade do estado de saúde do pai dele.

Fiquei desapontada ao saber que ele era casado. Mas não muito surpresa. A maioria dos meus pretendentes tinha esposa, pelo menos uma, e sempre que um homem mencionava isso me fazia recordar de minha posição de diversão momentânea, de passatempo imediato, que não necessariamente se prolongaria no futuro. Para muitos homens, eu era uma mulher que existia apenas em determinado lugar, como um pardal cantando na gaiola.

– O estado de seu pai é grave? – perguntei.

– Minerva sempre faz parecer que sim. Ela usa a saúde de meu pai para me atrair para casa, mas não morde essa isca. Sei que parece insensível. Mas só eu sei do que Minerva é capaz. Nosso casamento nunca foi feliz. Foi um erro e eu vou dizer por quê.

Ele falou com franqueza. Muitos homens faziam isso, assumindo que se tratava de parte do trabalho das cortesãs ouvir tais confissões. Mas, daquela vez, senti que ele confiou em mim também como amiga, como alguém de quem ele esperava compreensão. Quando tinha dezoito anos, contou, ele estava andando junto a uma cerca, do lado de fora de uma pastagem de cavalos. De lá, uma menina de cabelos loiros acenou e correu ao seu encontro. Tinha aparência simples e o encarava com paixão. Ela sabia seu nome e de que família era, o que soou estranho.

– Era Minerva – disse ele. – Seu pai era o veterinário que tratava de nossos cavalos. Ela o acompanhou duas vezes à nossa casa.

Edward a convenceu a pular a cerca e a levou para a floresta próxima, sem ter bem certeza do que ambos fariam. Ela levantou a saia e disse que sabia o que fazer. Sem dizer mais uma palavra, os dois fizeram sexo. Ele quis parar antes de gozar para não engravidá-la, mas ela pediu para que fosse em frente, garantindo que depois ela se lavaria de um jeito

especial, que um tio havia ensinado. Ela disse com despreocupação, como se fosse normal. Por dois anos, eles se encontraram na floresta. Ela sempre trazia um pequeno cano e um frasco de solução de quinino, que seu pai costumava usar para tratar dos cavalos. Assim que terminavam, ela, deitada, introduzia a solução em sua vagina. Então, levantava-se e saltitava várias vezes por meio minuto, a fim de lavar o sêmen dele. Ela não se constrangia, mas ele geralmente dava as costas para a cena. Os dois quase nunca se falavam, a não ser para combinar o encontro seguinte.

Um dia, o veterinário, sua esposa e Minerva se apresentaram na sala de estar da família Ivory, exigindo que Edward se casasse com a garota grávida. Edward ficou surpreso porque Minerva sempre havia usado o quinino. O senhor Ivory declarou que seu filho não poderia ser o pai. Tentou intimidar Minerva para que admitisse ter se deitado com outros rapazes. Num ato de rebeldia contra o pai, e não em defesa de Minerva, Edward reconheceu o filho como seu. O pai, então, ofereceu à família uma grande soma de dinheiro para que desistisse da ideia do matrimônio e sumisse de suas vistas, o que só fez Edward insistir em se casar com Minerva. A menina chorava, incrédula, assim como a mãe de Edward, que, por sua vez, se sentia orgulhoso por confrontar o pai – até a noite do casamento, uma semana mais tarde. Ele ficou chocado ao encontrar a idolatrada menina deitada de costas na cama dele, e não na floresta, sem o frasco de quinino por perto. Logo depois do casamento, Minerva confessou à mãe que nunca esteve grávida e temia o que Edward faria quando o bebê não viesse. A mãe a aconselhou a esperar um mês e, então, alegar um aborto espontâneo. Foi o que ela fez, com lágrimas e soluços, e ele, compassivo, declarou-lhe “amor” para amenizar sua tristeza. Ela acreditou que ele falava a sério. E, então, admitiu a farsa de sua gravidez, imaginando que ele até apreciaria a eficácia desse subterfúgio. Edward perguntou se mais alguém sabia a verdade, e ela disse que só a havia contado para a mãe.

– Pensei que estava sendo moralmente correto ao me casar com ela – ele disse –, mas Deus me puniu. Eu disse a Minerva que nunca iria amá-la. E ela, por sua vez, ameaçou se matar caso eu tentasse me divorciar, e para provar que falava a sério correu para a noite gelada vestindo apenas uma camisola. Mais tarde, depois de ela voltar e ser reaquecida, anunciei que eu iria embora. Ela poderia se divorciar de mim em razão do abandono e, se não o fizesse, viveria seus dias como uma viúva sem filhos. Saí de casa e retornei apenas ocasionalmente, sempre que recebia cartas avisando que meu pai ou minha mãe estavam gravemente doentes. Nós nunca mais nos deitamos juntos. Isso foi há seis anos. Minha mãe realmente afeiçãoou-se a Minerva e passou a me pedir que voltasse de onde minhas aventuras tinham me levado para, enfim, gerar uma criança. É um arranjo triste, e todos temos um papel a desempenhar nessa história.

– Incluindo o tio dela – eu disse.

Na hora de voltar do passeio, eu não tinha ideia de como retomar o caminho para Xangai. Edward, logo aprendi, tinha uma memória geográfica indelével. Era como uma bússola e um mapa vivos. Lembrou-se de todas as curvas, dos desvios, dos buracos, e dos pequenos marcos de nosso trajeto – uma árvore entalhada, uma grande pedra, o número de casas esbranquiçadas de cada aldeia. Ele explicou que sua memória não funcionava para memorizar suas leituras. Teve de trabalhar duro para decorar os poemas de *Folhas de Relva*, contou. Mas, depois de ter aprendido todos eles, agora era capaz de lembrar de qualquer trecho que combinasse perfeitamente com a vista da paisagem ao redor ou com nosso

estado de humor.

Meu afeto por ele crescia. Ele dependia de minha companhia, e eu estava feliz por fornecê-la porque era tratada como amiga. No entanto, eu também me preocupava com a possibilidade de, um dia, ele desejar se tornar meu pretendente, e então não seríamos mais amigos, mas apenas uma cortesã e seu cliente, com expectativas diferentes acerca daquela relação. Esse tipo de intimidade não favorecia a amizade.

Falávamos com frequência sobre a guerra. Subíamos a Bubbling Well Road duas ou três vezes por dia para ir ao café ou ao bar a fim de ouvir os últimos relatos. Ele admirava os líderes da República da China, Sun Yatsen e Wellington Koo. Apreciava ainda mais Woodrow Wilson. Em sua opinião, os três tinham o que era necessário para finalmente devolver a Concessão Alemã e a província de Xandong para a China. Ele esperava se alistar no serviço militar. Se não conseguisse encontrar um posto de recrutamento da marinha, em Xangai, poderia pegar carona a bordo de um dos navios que levavam trabalhadores chineses para a França.

– Por que você não se alistou enquanto estava em Nova York? – perguntei.

– Eu tentei. Mas meu pai e minha mãe não queriam que eu fosse recrutado nem o risco de ter seu único filho morto em batalha. Meu pai enviou uma carta a um general figurão. Disse que eu tinha um grave sopro no coração, atestado por um médico bem conhecido. Mentiu. E eu não tive permissão para participar.

– Você tem mesmo um sopro no coração?

– Duvido muito.

– Você nem mesmo sabe ao certo?

– Meu pai transforma mentira em verdade oficial. Mesmo se não houvesse nada de errado com meu coração, o médico não me diria se eu perguntasse.

Uma tarde, ao me trazer de volta para casa, ele perguntou se eu tinha algumas noites disponíveis. Eu já tinha visto os sinais em seus olhos. Havia chegado o momento, e eu estava triste porque iríamos trocar a amizade pelos negócios. Ele sabia que minhas noites estavam comprometidas com as festas, e que eu tinha pretendentes que convidava para minha alcova. Ele certamente já me dera presentes suficientes para ser tratado com privilégios.

– Posso reservar a noite que preferir – anunciei.

– Maravilhoso! – exclamou. – Quero levá-la para ver uma peça que o clube americano está apresentando.

Eu me senti estranhamente desapontada.

NO PRIMEIRO DIA quente de primavera, dois meses depois de nos conhecermos, fomos para Tianmashan, a montanha do Cavalo Celeste, no sudoeste de Xangai. Não era muito alta, mas se espalhava amplamente com um gracioso sopé cheio de árvores verdes, arbustos e flores silvestres. Edward disse que poderíamos caminhar até uma caverna em forma de túnel, que nos levaria a um mundo diferente do outro lado. Ele já tinha ido uma vez, sozinho. À medida que nossa caminhada avançava, pensei no poema que ele recitou quando nos conhecemos.

Nem eu nem ninguém vai percorrer essa estrada por você.

Você tem de percorrê-la sozinho.

Não é longe. Está ao seu alcance.

Talvez você tenha andado nela desde que nasceu, e nem saiba.

Talvez a estrada esteja por toda parte – sobre a água e na terra.

Desta vez, não senti o fantasma da solidão. Eu estava com um amigo que me acalmava. Caminhamos lado a lado por uma floresta de bambus, carvalhos brancos e sombrinhas chinesas. A floresta era cheia de arbustos e perfumada pelo jasmim selvagem. Quando o caminho se estreitou, segui atrás dele. Edward levava uma mochila, que deixava à vista um canto da capa de couro marrom de seu diário. Eu o via dar passos largos à medida que a subida se tornava mais íngreme. O caminho se tornou rochoso, difícil. Nossa caminhada se revelava mais árdua do que eu imaginava. Tirei minha jaqueta curta, pois minha blusa já estava úmida de suor. Minha saia pesava, inadequada. Quando finalmente chegamos à caverna, propus um lanche, e nós nos sentamos em grandes pedras. Enquanto comíamos nossos sanduíches, vi o diário de viagem pousado ao lado da mochila e o peguei.

– Posso?

Ele pareceu hesitante no início, mas assentiu. Abri o volume na página onde o lápis estava inserido. Sua caligrafia era adoravelmente suave e demonstrava um ritmo seguro, como se ele nunca titubeasse ao escrever as palavras.

Quando os campos de arroz inundaram e se transformaram em trilhas nos lentos rios de lama, nossos animais de carga – homens e mula – afundaram e ficaram atolados. Os carroceiros praguejaram. Eu ainda estava sobre a carroça e vi que, quando ela afundou, uma prancha de madeira na lateral do veículo tinha se soltado. Media cerca de cinco metros de comprimento. Bolei imediatamente um plano. Eu colocaria a prancha sobre a lama. Caminharia até uma ponta dela e a moveria como um ponteiro de relógio. Depois, iria até a outra ponta e a moveria da mesma forma outra vez, até posicionar a prancha diante da mula. A ideia era incentivá-la a dar o primeiro passo: com uma pata fora da lama, ela teria apoio para escapar do atoleiro.

Quando pisei em cima da prancha, um dos carroceiros levantou as mãos e gesticulou para que eu parasse. Eu o ignorei. Os homens me olharam com o ceticismo gravado em seus rostos. Murmurou algo de um para o outro e sorriram. Eu não precisava falar chinês para saber que estavam menosprezando minha ideia.

Concluí a segunda etapa, depois a terceira. Meu plano era claramente bom. Que rapaz inteligente eu era! A velha engenhosidade ianque. Leitor, estou certo de que, como é mais esperto do que eu, você já adivinhou o que estava prestes a me acontecer. Quando me agachei para mover a ponta da prancha, ouvi um barulho de sucção alto: era a madeira se desgrudando subitamente da lama. Deu-se um efeito gangorra que me derrubou de cara no barro, e eu ainda levei uma pancada da prancha na parte de trás da cabeça, o que me ensinou a nunca mais ignorar os conselhos dos chineses.

Acabei a leitura dando boas risadas, e vi o quão satisfeito Edward ficou por causa disso.

– A estupidez deve ser apresentada com sutileza – falou.

Voltei às páginas para ler mais, mas ele tomou o diário de minhas mãos.

– Gostaria de ler em voz alta para você mais tarde, quando visitar os lugares que inspiraram as palavras.

Fiquei feliz por ele ter mencionado aventuras futuras. Haveria muitas páginas ainda por ler. Terminamos nosso lanche. Ele pegou minha mão conforme adentramos a caverna escura. O frio da gruta se embrenhou em minhas roupas úmidas. No meio do caminho, não conseguia mais ver Edward na minha frente. Sentindo essa apreensão, ele apertou minha mão. Ele avançava constantemente, e eu estava feliz por poder contar com sua serenidade. Essas sensações de segurança e confiança eram tudo o que eu queria guardar no meu coração. Eu queria simplesmente ficar naquele lugar escuro com Edward segurando minha mão. Mas nós continuamos a avançar, e em pouco tempo vi a luz suave de uma abertura depois de uma curva. Saímos em uma bela floresta de bambu, com uma luminosidade verde e amarela. Era outro mundo, um lugar tranquilo, mais lindo do que o paraíso afundado em sexo de Flor de Pêssego de Primavera. Seguimos adiante por um caminho escorregadio. Ele entrelaçou os dedos com mais firmeza nos meus. Sua mão era quente. Minha blusa úmida, que antes parecia insuportavelmente quente, agora me enregelava. “Cuidado!”, alertava de vez em quando, apertando minha mão. O chão da floresta estava coberto de vegetação. Não sabia por onde ir, mas tinha confiança de que Edward saberia como retornar. Naquele momento, eu estava cheia de desejo por ele. Não era sexual. Eu queria o conforto físico de ser abraçada. Queria me sentir protegida e segura. Dar meu corpo era a única maneira de poder expressar essa minha necessidade. E, no entanto, no passado, quando o fiz, os breves conforto e segurança que os homens me deram logo se converteram em algo vulgar, de mera satisfação sexual, fazendo com que me sentisse mais tola e solitária do que nunca. Pomba Dourada tinha me avisado para não fechar meu coração por causa da amargura. Loyalty me aconselhara a aceitar o amor e a bondade quando eles me fossem oferecidos. Havia amor no que me foi oferecido? Ele garantiu que sim. Era um amor contratual? Um amor de inconstância? Talvez não existisse o tipo de amor capaz de me confortar. Talvez eu esperasse demais do amor, de modo que não havia ninguém que pudesse saciar minha profunda e incessante carência. E certamente eu não iria encontrar isso em um desocupado que jamais assumia qualquer responsabilidade. Mas, ainda assim, eu queria os braços dele em volta de mim.

– Está gelado aqui na sombra – falei e estremei. Não era mentira.

– Você está com frio? – ele perguntou.

– Você pode me abraçar para me aquecer?

Sem hesitar, seus braços me envolveram. Afundei meu rosto em seu peito. Ficamos sob a luz verde, calmos e quietos. Eu podia ouvir seu coração batendo rápido. Senti seu hálito quente em minha nuca. Seu pênis rígido se avolumou contra meu corpo.

– Violet – disse ele. – Acho que você sabe como você me faz feliz.

– Eu sei. Estou feliz também.

– Quero ser seu amigo para sempre. – Ele parou e ficou quieto. Seu coração batia cada vez mais rápido. – Violet, eu nunca disse nada porque não quero que pense que meus sentimentos de amizade por você não são verdadeiros. Mas agora que me deixou abraçar seu corpo, preciso dizer que também desejo você.

Fiquei tonta, antecipando o que viria a seguir. Permaneci quieta. Ele inclinou-se para

meu rosto, e talvez não tenha enxergado a expressão que esperava ver.

– Desculpe. Eu não devia ter presumido que você também me queria.

Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás. Vi seu rosto migrar da confusão para a gratidão conforme eu desabotoava a roupa para revelar os meus seios. Ele beijou cada um deles, depois meus lábios e pálpebras. Abraçou-me mais uma vez.

– Você me faz tão feliz – repetiu.

Entramos mais fundo na floresta até encontrarmos uma velha árvore com um tronco grosso. Nós nos apressamos em direção a ela. Gentilmente, ele me encostou contra o tronco e ergueu minha saia.

Nosso amor foi simples e necessariamente breve, dado o desconforto da cama arbórea vertical compartilhada com as formigas. Não perdi a cabeça para o desejo sexual selvagem, como eu tinha experimentado com Loyalty. Mas eu exultava por sentir que a nossa amizade, tão cara a nós dois, havia cruzado com segurança o limite da intimidade. Tínhamos compartilhado a mesma carência. Ficamos felizes de deixar a solidão ir embora. Ficamos felizes em proporcionar felicidade um ao outro.

Ao longo de todo o caminho de casa, conversamos exuberantemente sobre lugares que queríamos visitar, sobre as emoções que experimentávamos ao amanhecer e no crepúsculo – as expectativas de um novo dia, o devaneio ao cair da tarde –, muitas vezes tropeçando nas palavras um do outro. Mas quando voltamos para a casa, nosso humor mudou. A noite vinha chegando, e eu tinha de me preparar para as festas. Mais uma vez, eu me tornaria uma cortesã com pretendentes à espera de minha atenção e de meus favores na cama. Decidi que naquela noite não haveria pretendentes.

– Você pode vir para o meu quarto? – perguntei. – Terei de participar de algumas festas, mas vou voltar sozinha.

Naquela noite, ele memorizou minha geografia íntima: a circunferência mutável de meus membros, a distância entre dois pontos amados, as cavidades, ondulações e curvas, a profundidade de nossos corações apertados. Nós nos agarrávamos e nos apartávamos o tempo todo, para poder ver a alegria nos olhos um do outro antes de nos abraçarmos mais uma vez. Dormi enfiada nele, que me envolveu completamente com os braços e pernas e, pela primeira vez na vida, senti que estava realmente amando.

No meio da noite, senti um grande tremor seguido por outros três, menores. Eu me virei. Ele chorava.

– Estou com medo de perder você – ele disse.

– Por que sentir medo agora? – Acariciei e beijei seu rosto.

– Eu quero que amemos um ao outro tão profundamente a ponto de sofrermos com a plenitude do amor.

Ele havia expressado o tipo de amor que eu praticamente tinha me convencido de que não existia, um amor que só seria encontrado numa alma gêmea.

Ele ficou em silêncio, respirou fundo, saiu da cama e começou a se vestir.

– Você vai embora?

– Eu estou me preparando para você me pedir para sair. Ele se sentou em uma cadeira dura e escondeu o rosto entre as mãos. E então olhou para mim e sentenciou em voz cavernosa:

– Estou danificado, Violet. Minha alma está danificada, e se tivéssemos de juntar nossas

almas, eu prejudicaria você. Há algo sobre mim que você tem de saber. Nunca disse isso a ninguém, mas se eu continuasse a esconder de você, eu me sentiria vil e indigno do seu amor. Assim que descobrir o que tenho escondido, isso envenenaria sua alma. Como posso deixar que isso aconteça? Eu amo você.

Imediatamente ergui as antigas muralhas em torno de meu coração e esperei. Eu ainda queria acreditar que nada do que ele dissesse poderia ser tão terrível quanto ele julgava.

Edward me olhou no rosto.

– Eu já disse que minha família é rica. Fui privilegiado, estragado. Meus pais e avós me deram tudo o que eu queria. Nunca tive de assumir a responsabilidade por qualquer coisa. Eles agiam como se eu nunca pudesse fazer nada de mal. Eu não os estou culpando pelo que fiz. Aos doze anos, eu tinha consciência. Poderia ter escolhido fazer o certo ou o errado. O que eu fiz aconteceu em um belo dia de verão. Meus pais e eu tínhamos ido caminhar nas montanhas, para um lugar chamado Inspiration Point, onde teríamos uma visão clara das Haines Falls. Meu pai tinha uma pintura daquela cachoeira. Na verdade, ele possuía muitas pinturas de cachoeiras, e a da Haines nem estava entre as mais especiais. Quando chegamos, vimos que outra família já ocupara o local e havia montado um piquenique. Ouvi meu pai sussurrar “caramba”, bem baixinho. Era exatamente onde ele planejava ficar para apreciar a cachoeira: um afloramento de rocha plana, afastado a uma distância segura do penhasco, cerca de vinte metros. O homem e a mulher nos cumprimentaram. Eles tinham um filho da minha idade e uma menina de seis ou sete anos. Ela tinha uma grande boneca de porcelana sentada ao lado dela. Eram parecidas: o mesmo vestido azul, o cabelo loiro encaracolado. Sempre fui um brincalhão e gostava de assustar as pessoas. Apreciava sua angústia. Naquele dia, peguei a boneca da menina e a balancei no ar. A menina gritou, como eu esperava que fizesse, e então eu peguei a boneca a tempo. A garota ficou aliviada e veio na minha direção para recuperar a boneca. Eu a joguei no ar novamente. Mais uma vez, a menina gritou e pediu: “Não deixe ela cair! Ela vai quebrar”. Ela começou a chorar e eu estava prestes a parar quando o irmão levantou-se e gritou para mim: “Largue essa boneca agora”. Ninguém nunca havia me dado ordens! Eu disse a ele: “O que você vai fazer se eu não largar?”. Ele respondeu: “Vou te dar um olho roxo e um nariz sangrando. Devolva”. A menina gritava, e seu pai disse algo em tom de advertência. Toda essa excitação me tornou determinado a manter o que estava fazendo. Os pais da garota se levantaram e vieram na minha direção. Eu gritei: “Se algum de vocês der mais um passo, vou deixar a boneca cair dessa rocha”. Eles não se mexeram. Lembro-me da sensação de poder ao vê-los angustiados e impotentes. Eu fiquei balançando aquela linda boneca no ar. Enquanto isso, meu pai foi para o local que a família tinha desocupado, onde ficou olhando para a cachoeira com seus binóculos. O garoto deu um passo em minha direção e eu balancei a boneca pelo braço para lançá-la mais alto. Mas, então, o braço do brinquedo se soltou, o que me surpreendeu. Olhei para aquele pequeno braço estranho na minha mão, sem me dar conta de que a boneca estava no ar, até ver o garoto correndo para mim, o rosto virado para o alto, estendendo os braços no ar. Eu ainda posso ver cada pedacinho do que aconteceu a seguir: a boneca estava caindo de cabeça. A boca da menina estava aberta, horrorizada. O rosto do menino tinha uma feroz expressão heroica. “Eu pego!”, ele gritou para a irmã, ainda olhando para cima. De repente, vi que a boneca estava caindo mais longe do que antes. Talvez por conta do braço dilacerado, ela tinha guinado para a direita e

despencava na direção do penhasco. Vi a boneca sumir depois do penhasco. O menino conseguiu parar na borda e ficou desequilibrado, batendo os braços como asas de frango. Torci para que ele se inclinasse para trás, em segurança. Em vez disso, seu corpo inclinou-se para frente e ele gemeu – era um som horrível que vinha de suas entranhas, e de repente ele não estava mais lá, apenas o azul claro do céu. Meus pulmões perderam todo o ar. Não podia ser verdade, eu disse a mim mesmo. Ouvi o pai do menino chamar bruscamente: “Tom”, como que pedindo para o menino voltar. Sua mãe chamou também: “Tom?”, como se perguntasse se ele estava ferido. A menina gritava: “Tommy! Tommy! Tommy!”. Eu ouvi o nome diversas vezes. A mãe e o pai foram para a borda. Não sei se ele ainda estava caindo e eles puderam ver isso. Não parava de dizer o nome dele, mais alto e mais alto. Eu tremia. Esperava que houvesse outra borda logo abaixo, e que ele ainda estivesse vivo. Caminhei lentamente em direção ao penhasco. Foi quando meu pai me agarrou pelo braço e me levou para longe. Minha mãe imediatamente juntou-se a nós. O homem nos viu e gritou: “Parem! Vocês aí, parem! Vocês não podem fugir assim!”. Meu pai nem olhou para trás. Só gritou: “Ele não fez nada errado”. E me empurrou para frente para me apressar. Minha mãe me disse: “Foi um acidente”. Meu pai acrescentou: “Que tipo de menino corre para um precipício sem olhar?”. E então eu ouvi o lamento da mulher: “Meu filho, meu filho! Ele se foi! Ele está morto!”. Então eu soube. Meu pai não precisou me empurrar mais. Eu estava correndo o mais rápido que podia. Em casa, eles não disseram mais nada sobre o que tinha acontecido. Tudo correu como de costume. Mas eu sabia que eles ainda pensavam no assunto. Fui para o meu quarto e vomitei. Eu estava apavorado, não conseguia parar de ver o menino caindo. Continuava a ouvir o chamado da menina “Tommy! Tommy!” Ele se foi e eu estava vivo, mas mal. Dois dias depois, vi meu pai rasgar uma página do jornal, amassá-la e jogá-la na lareira. Ele acendeu o fogo e não se incomodou em vê-la queimar. Apenas deu as costas, da mesma forma que tinha se afastado daquela família e do meu malfeito. Ocorreu-me, então, que ele havia visto toda a cena. Como poderia permanecer assim, sem ser afetado por aquilo que havia presenciado? No entanto, ele não disse nada, nem eu. Eu me odiava por não ser capaz de falar. Ele me salvou da responsabilidade por aquela morte, e eu fui um covarde por permitir isso. Nunca confessei o que fiz a ninguém. Tenho vivido com isso por treze anos e, não importa para onde vá, a memória do que aconteceu segue comigo. É como se esse menino fosse meu companheiro constante. Da forma como eu imagino, ele está olhando para mim, tranquilo, esperando pela minha confissão de que o matei. Na minha mente, eu digo a ele que foi minha culpa, que eu fui cruel. Mas ele não me perdoa. Ele quer que eu diga a todo mundo, e eu preciso fazer isso, mas não consigo. Todos os dias, ao redor de mim, vejo lembretes daquela tragédia – o céu azul claro, uma menininha, um jornal sobre a mesa, pinturas de cachoeiras – e acho que não é por acaso. Eu quis ser cruel. Eu causei tudo aquilo, e eu nunca admiti a ninguém.

Seus olhos pareciam vazios de vida. Eu estava de pé do outro lado da sala no momento em que ele terminou.

Eu não conseguia parar de imaginar o menino. Eu me pus no lugar da garotinha, assistindo a sua boneca e seu irmão desaparecerem no abismo. Fiquei enojada com aquela confissão. Eu tinha me permitido confiar nele, e agora aquela confiança se transformava, de fato, em um veneno no meu cérebro.

– Pode me condenar – disse ele.

– Não me venha com essa carga – disse. Eu estava tremendo, de repente senti muito frio.

– Essa menina é o seu juiz. Vá encontrá-la.

– Eu tentei. Pesquisei a reportagem do jornal. Perguntei quem vivia naquela área.

Edward vestiu o casaco e recolheu seus pertences. Eu já não podia mais vê-lo. Ele estava me deixando com sua confissão. Tinha confiado seu segredo para mim, e eu queria que ele nunca tivesse feito isso. Ele pode apenas ter sido cruel com aquela garota, mas a morte do rapaz ainda era culpa dele. Sua intenção na época foi má o suficiente – sua necessidade egoísta, seu desrespeito aos outros. Minha mãe tencionou ir para São Francisco ver seu filho. Não deve ter tido a intenção de me deixar para trás. Ou talvez tivesse. Em qualquer hipótese, o resultado foi o mesmo e ela deve arcar com a culpa por tudo isso, e não me importa as desculpas que ela tenha para apresentar. Mesmo que fosse vítima de uma trapaça, ela não era menos culpada. Bastava olhar para a minha vida. Eu jamais voltaria a ser a garota de antes, assim como a menina que perdeu sua boneca. Eu sempre me sentiria traída. Edward sempre levaria a culpa, e era assim que deveria ser. Nós entendíamos isso, eu como vítima, ele como culpado. Ambos sofriamos com um buraco em nossas almas, e apenas duas almas avariadas conseguiam entender o que significava o sofrimento daquele vazio.

Ele perguntou se deveria sair. Balancei minha cabeça.

– Oh, Edward – eu disse. – E agora?

Permiti que ele me abraçasse. Senti seu peito arfando e tremendo. Ele queria um amor tão grande que causasse sofrimento em sua plenitude. Eu sofria, sabendo que seria menos do que isso.

AO LONGO DOS dias seguintes, Edward e eu conversamos sobre nossas feridas.

– Tive acessos de raiva – disse ele – e quando me via neles não conseguia pensar em mais nada, todo o meu corpo estava envenenado. Por que o amor acaba tão rapidamente e o ódio dura sem fim?

– Você conseguiria odiar sem machucar tanto? – Ele se perguntava. – Será que não há alívio? Será que o amor constante pode encher sua mente com pensamentos de outro tipo, de modo que não haja mais espaço para a raiva?

Edward perguntou se eu confiava nele o suficiente para deixar o mundo das cortesãs e viver com ele. O pedido correspondia ao que eu desejava há tempos. No entanto, eu não estava pronta para trocar uma vida incerta por outra. Ele já tinha sido imprudente com corações e vidas de outras pessoas. Em vez de acreditar que ele iria me dar segurança, minha necessidade dele me fez frágil. Eu precisava de honestidade, e eu tinha medo de ouvir qual seria sua próxima confissão. Eu precisava de total confiança nele, mas não conseguia me livrar das dúvidas. Em vez de amá-lo livremente, me contive, incapaz de deixar as coisas acontecerem.

Ao longo das semanas, eu lentamente resgatei meu desejo de me entregar ao amor. Ele confessou todas as transgressões de que foi capaz de se lembrar, para provar que não esconderia nada de mim. Ele teve de conter a si mesmo depois de seu ato desprezível e passou por tempestades mentais, como eu, mas as suas carregavam uma culpa tão feroz que ele pensou que enlouqueceria. Não havia ninguém para dividir essa angústia. Quando seus pais contrataram tutores para escrever seus trabalhos escolares, Edward confessou, ele não

se importou. Quando encontrou Minerva, fez sexo no campo e chegou a nutrir algum sentimento por ela. Visitou prostitutas depois de deixar a esposa. Passou por vários períodos de embriaguez. Masturbou-se. Tive de rir dessa confissão. Confiei a ele minha solidão quando criança e o terrível medo que tinha de ser meio chinesa. Conte-lhe a história de meu pai inflamando minha mãe com emoções que eu nunca vira nela. Falei sobre meu choque ao descobrir que ela tivera um filho, que lhe parecia mais importante do que eu jamais tinha sido. Falei da crueldade dela em me deixar nas mãos de seu amante, um homem em quem nem ela confiava, e que se revelou um animal capaz de devorar a própria mãe. Falei brevemente daqueles dias em que acreditava que minha mãe voltaria, de como alternei esperança e ódio até desistir e ficar apenas com o ódio.

Ele me confortou. Queria entender minha tristeza e minha raiva. Mas como é que alguém pode realmente compreender o sofrimento alheio, a menos que tenha sentido a mesma dor e assistido à perda da confiança na mesma circunstância? Ele não podia voltar atrás no tempo e habitar minha mente de criança, quando meu coração inocente sofria espasmos de incerteza dia após dia, noite após noite. Como poderia ele realmente entender o que era o amor fugaz como as aves migratórias, a sensação de horror de nunca ter sido amado, de nunca vir a ser amado? Ele sentiu apenas a minha tristeza, apenas o rescaldo. E teria sido suficiente se eu não tivesse ouvido sua confissão. Agora, sempre haveria dúvidas e a confiança não seria completa. Nosso amor nunca iria aumentar com mais presentes de um para o outro. Nosso amor seria consolo, companheirismo e cuidado na cura das feridas.

CONTINUEI A PARTICIPAR de festas e atender homens que poderiam se tornar pretendentes. Eu era uma boa atriz aprisionada entre o amor e a necessidade. Loyalty aparecia de vez em quando e tentava resgatar nossos melhores dias, como ele os chamava. “Devo me arrepender de tê-la apresentado ao americano?”

O clima úmido e quente de junho me fez sentir pesada e apática. Tirei do armário meus vestidos mais leves. Um deles era muito usado em festas, mas também bom para as tardes ociosas. Escorreguei para dentro dele. Estranho: eu não conseguia atar os fechos do corpete. Teria engordado? Provavelmente andara comendo pickles demais. Observei os meus seios. Os mamilos tinham crescido. Outro pensamento veio em seguida. Tentei me lembrar de quando havia menstruado pela última vez: há sete semanas, pouco antes de uma grande festa. Ou seriam oito? Recentemente eu tinha me queixado ao cozinheiro de que a comida dele me fez passar mal.

Eu estava grávida. Cabaça Mágica sempre falou sobre gravidez como se fosse uma doença transmitida pelos homens por meio do sexo. Era o bebê de Edward, era meu bebê, e eu gostaria de dar amor, confiança e devoção completa a ele. No momento em que me vi grávida, sabia que seria menina. Podia vê-la abrindo os olhos pela primeira vez. Eram verdes, num tom entre os meus próprios olhos verdes e os castanhos de Edward. Imaginei-a aos quatro anos, caminhando ao meu lado no parque, apontando para pássaros e flores e me pedindo para nomeá-los. E então ela tinha seis anos, e lia um livro em voz alta para mim. Vislumbrei-a aos doze anos, aprendendo história e oratória, e não truques para seduzir um homem. Enxerguei-a aos vinte anos, a minha idade, com homens disputando sua atenção, não para ganhar sua virgindade, mas para pedi-la em casamento. Ou talvez ela não se casasse aos vinte anos. Ou talvez ela nunca se casasse. Ela administraria os negócios

da família Ivory. Ela seria herdeira de Edward. Essa menina teria muitas opções na vida. Seria quem eu supostamente deveria ter sido.

Quando contei a Cabaça Mágica que estava grávida, ela lamentou e olhou para minha barriga.

– *Ai-ya!* Você não furou os saquinhos de ervas dentro de você? Você tomou a sopa? Ou fez isso de propósito? Sabe o problema que está criando? Quantas semanas? Diga-me a verdade. Se for menos de seis meses, ainda posso enfiar mais ervas dentro de você...

– Eu quero este bebê.

– O quê? Você quer assistir a sua barriga crescendo como uma melancia e seus seios ficarem do tamanho de dois melões? Em breve você vai estar tão grande que nem mesmo um homem com pau de cavalo será capaz de alcançar seu portal precioso. Bebê! Qual homem vai querer cavalgar uma babá com tetas esguichando leite para todo lado? Você vai perder seus pretendentes, seu dinheiro, sua posição nesta casa, ser chutada para fora. Em breve, vai virar puta...

– ... deitada num barraco imundo com as pernas bem abertas para cães e puxadores de riquixá. Você não precisa me dizer mais nada.

– Ótimo. Agora vejo que recobrou o bom senso. Vou chamar uma mulher que tomou conta desse mesmo problema para um monte de meninas descuidadas. E você não dê ouvidos para essas criadas do interior, que vão lhe aconselhar a tomar sopa de girinos. Essa receita vale só para gêmeos...

– É o bebê de Edward. Quero ficar com ele.

– *Wah!* De Edward? Que diferença faz? Você o conhece há apenas quatro meses e já está disposta a estragar seu corpo e jogar sua vida fora por um americano mimado que abandonou a esposa. Quantas vezes você já ouviu que a lealdade de um homem nunca dura mais do que algumas estações? Olhe para Loyalty. Ele disse que não poderia viver sem você. Disse que você o conhecia melhor do que ele mesmo. Foi seu patrono por quatro temporadas, então passou a vir por uma ou duas noites, contratou mais uma temporada, e de novo voltou ao ritmo de uma noite aqui, outra lá. Agora é só “como vai” e “até logo”. Você o amava, Violet. Levou muito tempo para superar as mágoas. E agora você ama Edward, que foi desleal com a esposa.

Lamentei ter dividido com ela parte da confissão de Edward. Mas só fiz isso para deixá-la saber que não havia perspectiva de casamento com ele.

– Quão leal será Edward daqui a um ou cinco anos, quando você não tiver mais a mesma aparência nem seus pretendentes? E como é que você sabe que o bebê é dele? E se seu bebê nascer com cabelo preto, chorando *wah-wah* em chinês? Seu Edward é tão burro a ponto de achar que é o único a plantar sementes em você?

– Nenhum outro homem poderia ser o pai – eu disse.

– Bobagem. Você ainda estava vendo Auspicious Liang no mês passado. Você provavelmente estava com preguiça de usar os saquinhos de ervas com ele, também. Ou apenas recitaram poesia juntos e olharam para a lua?

– Nós fizemos outras coisas. Não há nenhuma possibilidade de ele ser o pai.

– E quem vai cuidar de seu bastardo ianque e chorão? Não espere que eu banque a babá dessa criança.

– Vou contratar uma babá. Vou viver com Edward. Ele me convidou muito antes disso

tudo acontecer.

– Você já contou a ele?

– Vou contar hoje à noite.

Cabaça Mágica caminhou lentamente ao redor da sala falando consigo mesma:

– *Ai-ya!* Pequena Violet, por que devo me preocupar tanto? É claro que ele quer que você viva com ele. Por que pagar quando pode ter tudo de graça? Você não pode confiar em um só homem para sua estabilidade. Se depender de um só, fica dependente também do azar. A vida de Edward é como algas à deriva. Ele não tem um plano. Ele pode voltar para a América a qualquer momento. Se deixar esta casa, Violet, você talvez não possa voltar quando perceber seu erro. Você tem vinte anos. Nessa idade, os anos começam a voar. E os homens que vão gostar de você quando for mais velha serão, com frequência, os mais rudes e cruéis.

A criada anunciou que meu banho estava preparado. Fui para trás do biombo e rapidamente mergulhei. Gostaria de decidir o que fazer da minha vida sozinha, sem Cabaça Mágica tagarelando. E eu já tinha decidido que teria o bebê. Mas assim que disse isso a mim mesma, me encharquei de pavor. As preocupações de Cabaça Mágica surgiram diante de mim. Edward disse que me amava. Mas ela estava certa. Tínhamos nos conhecido há apenas quatro meses. Ele havia sido um menino cruel e mimado, características que podiam ser inatas ou adquiridas. Ele talvez tivesse segredos que ainda não me tinham sido revelados. E havia muito o quê ele ignorava sobre mim, o número de homens que tinham visitado minha cama, e tudo o que eu fizera com eles. Não é difícil que, em determinada noite, ele se surpreenda na cama e me pergunte: “Ei, onde aprendeu a fazer isso? Quem gozou desses seus talentos? O que mais você sabe fazer?”. Se eu lhe disser a verdade, ele ficaria chocado e enojado. Talvez tão abalado a ponto de retomar sua natureza cruel. Ou, talvez, se voltasse para a religião. Muitos norte-americanos o fazem quando confrontados com mágoa e o sofrimento. Ou, quem sabe, o filho pródigo voltaria para sua família quando seu dinheiro acabasse. Atraído pelo baú familiar, ele faria as pazes com a esposa e, enfim, lhe daria um bebê de verdade. Ele estaria com sua própria gente, um homem maduro na sociedade a qual pertence. Sua felicidade seria maior do que comigo.

Afastei esses pensamentos terríveis. Um futuro diferente apareceu diante de mim. Um navio. Eu viajaria pelo mar para onde deveria ter ido há seis anos. Edward poderia me conseguir um visto. Fairweather mentira. Minha certidão de nascimento provavelmente esteve no consulado o tempo todo. Se agíssemos rápido o suficiente, o bebê poderia até nascer nos Estados Unidos, e na América ninguém saberia sobre meu passado, exceto minha mãe. Ela não teria nenhuma maneira de saber que eu estava nos Estados Unidos. Eu a deixaria continuar pensando que havia morrido em Xangai. E onde eu viveria na América? A família de Edward não iria me receber.

O rosto presunçoso de Cabaça Mágica veio à mente. “Você vê. Você não se encaixa no mundo dele. Nunca se encaixará.” Ela também não. E se ela falasse sem pensar e se gabasse de ter me ensinado os truques de cortesã? Eu cairia para sempre ante a sociedade. Edward me defenderia no início, mas que tipo de coragem ele tinha? Seria perigoso levar Cabaça Mágica comigo. De qualquer modo, não haveria propina suficiente que pudesse comprar a papelada para liberar sua viagem a América. E mesmo se eu lhe providenciasse um visto, ela nunca deixaria Xangai para viver no estrangeiro. Ela sempre se queixou de Edward

falar comigo em inglês. Faríamos um combinado, então. Ela ficaria em Xangai, e eu lhe daria dinheiro para que iniciasse um negócio. Talvez ela pudesse alugar quartos em uma pequena casa e treinar uma cortesã virgem. Eu me certificaria de deixá-la numa situação confortável. Edward contribuiria para tornar isso possível, com certeza. Com a culpa dissipada, eu poderia livremente imaginar a vida sem as incessantes formas de intromissão de Cabaça Mágica – suas críticas, conselhos indesejados e reclamações por não seguir o que ela dizia. Eu não teria de ver o triunfo em seu rosto quando os perigos que ela havia anunciado viessem a se materializar. Por mais terrível que fosse dizer isso, seria um alívio estar livre dela.

Como se tivesse me ouvido, Cabaça Mágica disse:

– Sei que você nunca gosta de ouvir o que tenho a dizer. – Sua voz soava cansada e triste. – Você acha que o bebê crescendo dentro de você preencherá o vazio que sua mãe deixou para trás. Mas ouça-me, Violet. Você daria a esse bebê o seu mau destino e, em seguida, vocês dois compartilhariam o mesmo vazio. Sei que não quer ouvir isso. Mas só estou sendo honesta, e quem mais poderia lhe dizer a verdade?

Eu não respondi.

– Se você decidir ter o bebê e viver com Edward, não vou dizer mais nada. Não vou ficar feliz por você, mas sempre estarei aqui para ajudá-la quando estiver com problemas, a menos que eu já tenha perecido nas ruas.

NA MANHÃ SEGUINTE, revelei de forma simples a Edward que eu estava grávida.

– Esse não é o seu fardo – eu disse –, e não há nada que você tenha de decidir, porque eu já tomei uma decisão.

– O que você decidiu?

– Eu vou ter o bebê e vou criá-lo.

Vi seu rosto mudar do choque para o júbilo.

– Violet, você não tem ideia de como me fez feliz. Se pudesse ir até a lua para mostrar isso a você, eu o faria. – Ele me pegou em seus braços e me embalou. – Uma bebezinha linda e inocente criada por nosso amor. Ela é parte de nós, a melhor parte de nós, o que significa que é mais você do que eu, mas vou reivindicar como meu o que eu puder: um polegar, um dedo do pé, um sorriso...

Ele disse *ela*.

– Como sabe que é uma menina?

Ele fez uma pausa, claramente surpreso com seu deslize.

– Eu imediatamente vi em minha mente que você... Deve ser porque eu estava desejando hoje que pudéssemos começar nossa vida desde o início. Eu estava desejando ter conhecido você por toda a sua vida e a minha.

Qual seria o destino de Edward se não tivesse sido cruel quando menino? Ele não teria me encontrado na China. Teria permanecido na casa de sua família, teria se casado com uma mulher que amava, teria tido filhos com ela, e nunca teria deixado o país. Nunca teria sentido a necessidade de companheirismo adicional. Ele não teria vindo à Casa de Escarlate com vinte dólares de prata. Eu nunca o teria conhecido. Mas conheci. Nosso destinos e naturezas, falhos e feridos, nos reuniram.

Edward pegou minha mão e a beijou.

– Violet, sei que você não tinha a intenção de engravidar. Estou profundamente grato por ter decidido ficar com o bebê. Vamos começar de novo, sem a velha tristeza. Ela vai ser o nosso futuro. Nós amaremos o nosso bebê completamente e, talvez, sejamos capazes de amar um ao outro da mesma forma, plenamente. Podemos viver juntos, nós três? Já imaginou isso? Sei que não há nada que eu possa fazer para que você, sem sombra de dúvida, confie em mim. Mas se você me der uma chance, eu provarei isso todos os dias.

Na tarde seguinte, Edward voltou com boas notícias. Ele havia dito a seu anfitrião, o senhor Shing, que partiria em breve.

– Eu disse que ia me casar. Não é mentira. Sinto que há mais verdade em nossa união do que houve com minha esposa legal. Ninguém em Xangai sabe que fui casado. E agora pretendo pressionar mais fortemente pelo divórcio. Nesse meio tempo, você será minha senhora Ivory e teremos um lugar maravilhoso para criar nossa filha. O senhor Shing gentilmente ofereceu sua própria casa – não a moradia dos hóspedes, mas a mansão. Eu queria apenas seu conselho sobre onde procurar uma casa adequada para alugar. Ele quase me bateu, insistindo para que me mudasse para a casa dele. Disse que ia se mudar para Hong Kong em breve e teria de ficar lá por pelo menos dois anos. Se quisermos continuar a viver na mansão quando ele voltar, o senhor Shing ocuparia a casa de hóspedes, que é a sua preferida mesmo. A casa principal, diz ele, é grande demais para um homem que passa apenas algumas semanas por ano em Xangai.

Eu me senti desconfortável. Um favor assim era generoso demais para ser confiável. Esse senhor Shing talvez fosse um gangster buscando enredar Edward em uma dívida.

– O senhor Shing sabe com quem está se casando? Está consciente de que eu sou uma cortesã?

– Eu contei sobre você a ele no início, logo após nosso primeiro encontro malsucedido. Na época, falei que você era eurásiana, mas poderia passar por italiana. O senhor Shing achou interessante que eu tivesse me apaixonado por uma cortesã. Disse que não era difícil de acreditar, uma vez que cortesãs tendem a ser muito mais interessantes do que a maioria das mulheres que passam a vida limitadas a fazer apenas o que a sociedade impõe. Ele fez todo tipo de pergunta sobre você, todas elas adequadas. Seu nome, sua idade, os dados habituais. Ele já ouviu falar de sua mãe. Lembrou que ela era bem conhecida, mas disse que não sabia o que tinha acontecido com sua filha.

Edward se ajoelhou.

– Agora que estamos no limiar de uma nova vida, eu gostaria que você fizesse de mim um homem honrado. – Tirou do bolso um anel. Era um grande diamante oval cercado por diamantes menores. – Violet – ele começou, e em seguida caiu em lágrimas.

Senti vergonha por já ter duvidado de Edward. Eu não estava acostumada com a magnitude de tal amor. Por influência de Cabaça Mágica, havia me habituado a duvidar de qualquer coisa que um homem pudesse dizer para tocar meu coração.

Nesse momento, Cabaça Mágica entrou na sala.

– O que está acontecendo aqui?

– Edward me pediu para morar com ele – falei. – Ele me deu um anel.

Eu o mostrei a ela. O tamanho do diamante falava por si só.

Seu rosto ficou rígido.

– Estou muito feliz por você ter me mostrado que eu estava errada. – E saiu da sala.

Meia hora depois, ela voltou com os olhos vermelhos e a mandíbula cerrada. Era uma emoção que ela nunca expressara na minha frente, e eu sabia que, se fosse preciso contê-la, ela o faria. Ela dispôs sobre a cama as joias que tinha posto em custódia para mim. Em seguida, pôs sobre o divã os presentes que eu dera a ela ao longo dos anos: o casaco, o chapéu, os sapatos, o colar, a pulseira, o espelho, a valise com o vestido de minha mãe e as duas pinturas.

– Olhe bem e me diga se está tudo aí. Não quero que depois me acusem de ter roubado você.

– Pare de falar bobagem – eu disse.

– Em breve você não terá mais de ouvir minhas tolices.

– O que está havendo? – perguntou Edward. – Por que ela está com raiva? Achei que ela ficaria satisfeita.

Respondi em inglês.

– Ela está me acusando de abandoná-la.

– Bem, isso é fácil de resolver. A casa é, certamente, grande o suficiente. Ela pode ter uma ala inteira para si mesma, se quiser.

Eu estava atordoada. Não tive tempo de dizer a Edward o que eu planejava fazer por Cabaça Mágica. Agora ela estava de pé na nossa frente. Ela perceberia o que estava se passando, bem como a perplexidade de Edward se eu recusasse aquela oferta. Por outro lado, eu tinha de traduzir o que ele havia me dito. Cabaça Mágica já me falara que jamais viveria com um estrangeiro.

– Ele tem quartos vazios? – questionou Cabaça Mágica. – E você tem um coração vazio. Ele ofereceu que você me levasse para a nova casa. Mas pude ver o seu rosto, sorrateiro, tentando imaginar como podia se livrar de mim. Bem, não se preocupe. Eu não viveria com dois estrangeiros, mesmo que me implorassem.

Se eu não implorasse, então tudo estaria resolvido. E seria uma decisão dela, de modo que eu não precisaria me sentir culpada. Edward fez a oferta e eu a traduzi. Mas uma sensação horrível tomou conta de mim. Se eu não implorasse seria o mesmo que matá-la. Eu tinha uma dívida de gratidão com ela. Muito mais que gratidão.

Eu finalmente via o que sempre esteve lá. Ela tinha sido mais do que uma atendente, mais do que uma amiga, mais do que uma irmã. Ela tinha sido uma mãe. Preocupou-se, protegeu-me do perigo, guiou-me na direção do que era melhor para mim. Olhou para o meu futuro, avaliou o quanto cada pessoa que encontrávamos valeria a pena na minha vida. E dessa forma, tinha me assumido como seu propósito de vida, a pessoa que lhe proporcionava significado. Eu tinha tido amor constante o tempo todo. Ao reconhecer isso, caí no choro.

– Como pode querer sair da minha vida? – Eu disse a ela. – Se você não vir comigo, eu estarei perdida. Ninguém se preocuparia comigo tanto quanto você. Ninguém mais me conhece tão bem, sabe tanto do meu passado e é capaz de entender o que essa nova vida significa. – Eu deveria ter dito isso há muito tempo. As lágrimas inundavam meus olhos. Ela manteve os lábios selados, mas seu queixo tremia. – Você é a única pessoa leal na minha vida, a única em quem posso confiar.

Lágrimas escorreram de seus olhos também.

– Agora você sabe. Eu sempre fui a única.

– Nós nos amamos – eu disse com uma risada. – Apesar de todo o trabalho que dei, você ficou comigo. Deve ser por isso que você me amou como uma mãe.

– *Wah!* Mãe? Não tenho idade para ser sua mãe – ela chorava e ria ao mesmo tempo. Eu poderia dizer que era exatamente isso o que ela queria que eu percebesse e o que ela queria ouvir. – Sou só doze anos mais velha. Como poderia ser sua mãe? Talvez uma irmã mais velha.

Ela se fez ainda mais jovem do que da última vez que havia mentido sobre sua idade.

– Você tem sido uma mãe para mim – repeti.

– Isso não pode ser. Não, não, eu sou jovem demais.

Tive de repetir uma terceira e última vez para que ela finalmente aceitasse isso, e não tenho dúvida de que eu estava sendo genuína.

– Ninguém poderia ter me amado mais, exceto uma mãe.

– Nem Edward?

– Ninguém. Somente uma mãe. Só você.

CABAÇA MÁGICA E eu tivemos de separar rapidamente os pertences que iríamos levar na mudança. Vendemos os móveis, incluindo as peças que Loyalty me dera por ocasião de minha defloração. Cabaça Mágica manteve algumas bugigangas. Os vestidos que mais amava nunca poderiam ser usados em qualquer lugar que não fosse uma casa de cortesãs. Tive de classificá-los por ordem de valor. No começo foi simples decidir. Separei as roupas com manchas e rasgos e pedi para as criadas costurarem e limparem o melhor que pudessem. Cabaça Mágica os levou para a casa de penhores, que ofereceu um montante ridiculamente baixo. Como não tínhamos tempo para negociar ao longo da semana, decidimos dá-los para as criadas que os tinham recuperado. Achei que ficariam gratas além das lágrimas, mas elas aceitaram a doação com um olhar decepcionado. Assegurei-lhes que também receberiam a gorjeta habitual, e foi o que bastou para que admirassem as roupas ganhas e me elogiassem por ser mais generosa do que outras cortesãs que haviam deixado a casa para viver como concubinas de homens ricos.

Dei um traje de inverno muito bom para Brilhante. Era bem cortado, de boa seda, e tinha um formato exagerado na manga que se assemelhava a um lírio. Dei outro traje para Serena. Era um vestido para usar em passeios de carruagem, vistoso, com gola de pele de alta. Um costume lindo, enfim, exceto pela cor, um tom estranho de malva que não combinava com minha pele. Sempre que o usei, tive má sorte com pretendentes que não pagavam suas contas ou com o desprezo de Loyalty. Mas a cor ficava bem na pele pálida de Serena, e provavelmente lhe daria melhor sorte. Ela foi tomada pela emoção quando recebeu o presente. Ela me disse que eu era uma boa pessoa. Acreditei que estava sendo genuína.

Para a Madame dei um envoltório da pele e para Escarlata, um casaco ópera longo. Eu já tinha saldado minha dívida com Madame, que incluiu a taxa que ela havia pagado originalmente por mim, juros e outras despesas, as quais eu ignorava que existiam, incluindo uma porcentagem dos “serviços de proteção” fornecidos pela Gangue Verde e os impostos especiais cobrados pela administração do Assentamento Internacional. Minhas economias para aposentadoria caíram para um quarto do que eu havia poupado. Deixei com o alfaiate algumas roupas em estado bom o bastante para serem vendidas como novas.

Concordamos em dividir o valor das vendas meio a meio. Eu sabia que ele iria me enganar, me pagando um quarto, e não a metade, então também o fiz concordar em me oferecer bons preços quando voltasse para encomendar roupas novas, em estilo ocidental. Quando o fizesse, eu salientaria o baixo valor recebido em troca das vendas consignadas, e pleitearia descontos ainda maiores.

Havia um vestido que eu não podia descartar. Era um modelo que havia me dado sorte, pois me trouxera vários pretendentes e dois patronos, incluindo meu segundo contrato com Loyalty. Era de seda verde, a metade superior chinesa com pérolas nos fechos e costurada com fio de ouro ao longo do colarinho e das bordas das mangas. O colarinho chinês vertical era levemente alargado, para exibir uma indício de revestimento de renda ocidental. Este estava bem colocado em volta do corpete. Abaixo da cintura, havia uma cônica e ampla saia ocidental, com grandes pregas plissadas. Uma falsa bainha terminava na altura dos joelhos, e abaixo dela havia três camadas de seda recortadas, com um tom esmeralda escuro. O vestido lembrava as dobras de uma cortina de teatro sendo levantadas.

Aquela havia sido a minha maior conquista na moda, que eu criara sem interferência de Cabaça Mágica. Seu sucesso criou uma onda nas casas de cortesãs. Do dia em que estreei o vestido até o fim de semana seguinte, algumas beldades já haviam copiado várias de suas características – a renda, a falsa bainha, o formato do colarinho. Mas, como eu tinha planejado, ninguém foi capaz de imitar os caros fechos com pérolas ou o acabamento em delicado fio de ouro, que tinha exigido semanas de costura cuidadosa. Como resultado, os modelos copiados por outras cortesãs pareciam apenas réplicas baratas.

Quando o assunto era moda, eu não tinha apenas sorte, mas também um sentimento de confiança e calma, que agreguei a meu verdadeiro eu. Eu tive medo de deixar o vestido para trás. No entanto, guardá-lo comigo implicava o risco de voltar para minha antiga vida, quisesse eu ou não. Havia, embrenhado em mim, um medo de que teria de voltar por quaisquer razões, imaginadas uma centena de vezes. Por fim, conservei o vestido. Eu poderia fazer alguns ajustes para adaptá-lo para uma vida sem pretendentes.

Refleti sobre qual vestido devia usar por ocasião da chegada à casa. Devia ser ocidental. Os chineses em geral tratavam os ocidentais com respeito, ou pelo menos com o medo. Mas o vestido não podia ser muito extravagante, para não parecer que eu estava me esforçando para me adaptar a minha nova condição de vida. Por fim, escolhi um traje de passeio azul escuro.

Cabaça Mágica apareceu à porta e tive de me segurar para não rir. Ela usava um vestido ocidental marrom com um blusão que escondia os seios e a cintura. Explicou que o vestido era feio, mas adequado a nossa nova vida. Embora tivesse se aposentado como cortesã há seis anos, ela havia conservado suas melhores características: a pele perfeita e o caminhar ondulante e gracioso, com amplo balanço dos quadris. Quando me treinou como cortesã virgem, ela demonstrou esse jeito de andar, enfatizando sutileza e lascívia, o qual nunca consegui reproduzir. Vi homens a admirando, conforme ela os hipnotizava com os movimentos provocativos de uma cortesã aposentada que, de outra forma, nem seria notada numa festa.

– Estou muito velha para vestir roupas bonitas. Já tenho trinta e cinco.

Agora, ela já admitia um pouco mais de idade em relação a outro dia. Mas, pelo meu palpite, ela devia estar perto dos quarenta e cinco. Com o passar dos anos, envelhecia mais

rapidamente. Aprendi a admirar o modo como ela conseguiu prolongar sua carreira.

Ela colocou uma valise no sofá. Dentro havia bolsas de joias, dela e minhas. Ela separou as peças que achava que eu deveria vender: as mais vistosas e menos caras. Pegou um anel presenteado por Loyalty Fang e me olhou com ar interrogativo. Ela e eu sabíamos que a resposta revelaria meus sentimentos por ele. Se mantivesse o anel, eu me sentiria infiel a Edward.

– Venda-o – disse eu.

Havia peças mais valiosas que ela entendia como preciosas demais para serem postas nos baús: uma pequena escultura em jade, um par de cães de porcelana e um pequeno relógio mantel. Vi que ela incluía entre esses objetos dois rolos envoltos em tecido. Notei que não eram pergaminhos, mas, sim, as malditas telas pintadas por Lu Shing e que haviam pertencido a minha mãe.

– Pensei que tivesse jogado isso fora – comentei.

– Naquele dia, eu falei que queria elas para mim. Gosto do estilo de pintura e não me importo com quem seja o autor.

– Só se certifique de pendurá-las em um lugar onde eu não possa vê-las.

Cabaça Mágica franziu o cenho.

– Seu coração é bom, mas duro. Agora que tem uma vida nova com Edward, tente amolecer seu coração um pouco, dê um descanso para ele. Você não tem de ser como eu.

O CARRO CHEGOU para nos levar para a nova casa. Edward tinha ido na frente para se certificar de que tudo estava em ordem. Meu coração bateu mais rápido, dando-me vontade de correr para acompanhar seu ritmo. Eu finalmente estava deixando minha vida de cortesã, ainda que percebesse em toda parte presságios de que se tratava de um erro: o grasnar de um pássaro, um rasgo na barra da saia, uma brisa repentina. Sempre que tentei arduamente evitar a má sorte, ela veio de qualquer maneira. E sempre que ignorei os sinais de sua vinda, o resultado foi o mesmo.

CRUZAMOS OS PORTÕES e adentramos o pátio. A casa era alta, como o Caminho Oculto de Jade, e as paredes de pedra lhe davam um aspecto de uma fortaleza.

Edward correu até o carro e abriu a porta. Primeiro, ajudou Cabaça Mágica a descer.

– Você acha que você pode ser feliz aqui? – Ele tinha um sorriso de menino.

Olhei para a mansão e para a pequena residência de hóspedes em frente. À esquerda do terreno, estendiam-se jardins e vários edifícios menores, em estilo similar. A impressão era a de que as antigas alas de pedra que supostamente integravam aqueles locais à mansão haviam sido removidas. Pequenas roseiras ocupavam ambos os lados da trilha que levava até a residência. Abaixo delas havia violetas roxas e amarelas. Não eram flores muito comuns, e interpretei isso como o bom sinal que me faria parar de enxergar mau agouro em tudo o que via.

– O senhor Shing está? Devemos agradecê-lo de imediato.

– Ele já saiu – disse Edward. – Nós podemos lhe enviar uma carta. Depois de entrar, você vai ver o quanto há para agradecer.

Atravessamos as portas cuja altura era o dobro da nossa e entramos em um vestíbulo

frio. Um criado aproximou-se discretamente e levou nossos casacos longos. Cabaça Mágica não quis lhe entregar a pequena valise com seus objetos de valor. O frio penetrou minha pele até os ossos, e eu estava prestes a pedir o casaco de volta quando Edward nos levou através de uma outra porta para um grande salão quadrado, confortavelmente aquecido. Do outro lado do ambiente havia uma lareira e, acima dela, um espelho enorme, daqueles encontrados em saguões de hotel. Fui em direção a ele e vi meu rosto. Era assim que eu realmente parecia: tímida e perdida? Reuni a confiança que sempre tive como beldade cobiçada. Mas não conseguia afastar a sensação de que não pertencia àquele lugar e nunca pertenceria. A casa era escassamente mobiliada, mas cada cadeira, sofá ou mesa evidenciavam bom gosto e altíssimo preço. Não havia escarradeiras ou cortinas de veludo descendo em cascata até o chão. O ar era acre e parecia mais fino. Cabaça Mágica andava pela sala timidamente, como se seus passos fossem quebrar o chão de ladrilhos.

Passei a mão pelos contornos da lareira. Seus cantos arredondados e laterais em mármore tinham a aparência de cera derretida em suaves ondulações. As chamas estavam altas e brilhantes, e conforme eu me aquecia gradativamente passei a ficar mais à vontade.

– Olhe como aquele criado me encara – Cabaça Mágica sibilou –, como se dissesse que sou inferior a ele. – Olhou-se no espelho. – Este vestido é ainda mais feio do que eu pensava. Parece barato.

Edward fez sinal para que o criado abrisse as telas pintadas em painéis sanfonados que davam para sala de jantar, cujo mobiliário era de madeira dourada. As pernas dos móveis foram esculpidas com os mesmos padrões de cera ondulada da lareira. Em uma extremidade do ambiente havia um lago chinês com jardins ornamentais em miniatura. Quando Cabaça Mágica se aproximou da água, um grupo de peixes nadou em nossa direção com as bocas abertas, como cães pedindo comida.

– Querem nos comer vivos – exclamou Cabaça Mágica. Ela foi para uma cadeira e sentou-se pesadamente. – Toda essa excitação me cansou. Preciso trocar de roupa. Onde está o meu quarto?

Edward sinalizou para uma criada, que, por sua vez, chamou: – Mousie!

Surgiu correndo uma menina de cerca de dez anos, que se ofereceu para carregar a valise de Cabaça Mágica, que outra vez recusou a ajuda. A criada repreendeu a garotinha por não ter sido útil para a tia.

– Aquela mulher me chamou de tia – exclamou Cabaça Mágica –, como se ela fosse mais jovem do que eu. Vou dizer a ela que sou a senhora Wang, que sou a viúva respeitável de um homem rico e educado... e muito bonito também. Por que meu marido imaginário seria velho e feio?

Edward me levou até uma grande escadaria, que dava em uma biblioteca com paredes forradas de livros. Em uma das extremidades do lugar havia uma mesa de bilhar adornada em sua volta com uma franja de tecido verde e vermelho. Na outra, um conjunto de dois sofás de veludo marrom, um frente para o outro, ladeado por poltronas, mesas quadradas empilhadas com livros e abajures para leitura.

Caminhamos para o outro lado do corredor até uma porta fechada. Edward disse que era nosso quarto. Ele abriu a porta e revelou uma pequena sala com apenas uma mesinha. Fiquei intrigada. Ele então me conduziu para uma outra porta e a abriu lentamente. Revelou-se para mim um grande ambiente, escurecido por cortinas verdes fechadas. Era

imponente, mas sem excessos, e expressava o poder do dono da casa. Uma cama enorme com cabeceira entalhada e estribo estava diante da porta. Isso não era bom segundo o *feng shui*, podia trazer desarmonia e afastar a sorte... Cortei esses pensamentos, precisava parar com aquilo. Examinei rapidamente o resto: paredes cobertas de seda verde, um grosso tapete persa, uma lareira de mármore rosa, mesinhas, castiçais em forma de tulipa. Flagrei Edward me observando.

– Você está satisfeita?

– Sim, é claro. Mas me sinto uma intrusa. Levará algum tempo para sentir que pertence a este lugar.

Ele me levou por uma porta até um grande camarim com um divã coberto de rosas e duas paredes de armários. Além disso, o lugar tinha um toailete com piso e paredes em mármore branco e brilhantes torneiras prateadas, que lembravam uma coleção de pistolas. A pia de pedestal parecia uma fonte de aves e, de fato, era adornada por uma pomba de mármore em cada canto. Havia ali mais uma porta. Abri e entrei em outro quarto, decorado em tons de rosa.

– É para o bebê?

– O quarto do bebê está mais adiante no corredor. Este é o seu quarto de dormir privado.

– Por que eu teria um quarto privado separado do seu?

– É um ridículo costume americano dos muito ricos. Quanto mais dinheiro você tem, mais precisa de privacidade. Você não vai dormir aqui, é claro. Mas pode usar este espaço para guardar seus pertences pessoais, vestidos, coisas assim. Tenho quartos semelhantes do outro lado do quarto principal.

– Olhe para aquele lustre enorme e aquela escrivaninha. Tudo parece tão apropriado e, ao mesmo tempo, sem vida, como se nenhuma pessoa respirasse ou dormisse aqui.

Meus olhos se fixaram em uma pintura na parede ao lado da cama. Parecia familiar: a terra sombreada, as montanhas escarpadas, um falso brilho de vida que logo se extinguiu. Aproximei-me para ler a assinatura do artista: Lu Shing. Meu coração acelerou. No outro canto da tela, o título dizia *Vale do Encantamento*. Alguém tinha tirado aquilo da mala de Cabaça Mágica. Mas como tinham enquadrado a tela tão rapidamente? Não fazia sentido. Alguém estava zombando de mim.

Edward aproximou-se por trás de mim.

– A arte do senhor Shing não é tão terrível como ele diz.

Quase saltei para fora da minha pele.

– Senhor Shing? Lu Shing é o dono desta casa?

– O próprio. Também fiquei impressionado com a pintura. Tínhamos uma similar em casa, só que muito maior. Ele pintou quando foi nosso hóspede. É o ponto de vista sudoeste do vale visto da nossa casa. Ele deve ter pintado este quadro menor como um estudo para uma tela maior.

Eu ofegava, incapaz de recuperar o fôlego. Como muitos ocidentais, Edward tinha equivocadamente entendido que o prenome era Lu e o nome da família, Shing. Na verdade, o “senhor Shing” deveria ter sido chamado de “senhor Lu”.

Por que Edward vivia na casa dele? Era um plano secreto? Só então Cabaça Mágica apareceu.

– A cama é tão macia como uma pilha de folhas de outono. A lareira não é tão

iluminada, mas é quente como um forno. – Então, ela me olhou. – *Ai-ya!* O que há de errado? Você está se sentindo mal? É enjoo ou febre? – Ela me pegou pelo braço e me guiou até a cama, quando também viu a pintura. – Ei, como isso veio parar aqui? Será que alguém roubou minha valise?

– Esta casa pertence a Lu Shing – consegui dizer. – Ele é o anfitrião de Edward, o tal senhor Shing.

Os olhos dela se arregalaram.

– Como pode ser isso? Tem certeza que é a mesma pessoa? – Ela estudou a pintura de canto a canto, pôs o dedo sobre o título.

Edward não entendia o que estávamos dizendo.

– Ela gosta mesmo do quadro, parece.

Pedi que Cabaça Mágica me desse um pouco de privacidade. Ela saiu rapidamente, dando um olhar de despedida para Edward.

– Eu não sei qual é o plano de Lu Shing ou qual a razão para nos deixar ficar aqui, mas não posso viver nesta casa.

– O que há de errado? Violet, você está tremendo. Você está doente? – Ele me sentou na cama.

– Seu anfitrião generoso, o senhor Shing, como você o chama, é na verdade o senhor Lu, meu pai, o homem que abandonou minha mãe quando eu era bebê e que, anos mais tarde, convenceu minha mãe a trocar Xangai pelos Estados Unidos, em busca de um filho há muito desaparecido. Ele é a razão de eu ter acabado numa casa de cortesãs.

Edward caiu em silêncio, mirando a pintura com os olhos vagos. Começou a falar várias vezes, depois parou.

– Será que ele tem alguma coisa a ver com a nossa união? – Questionei. – Teria sido um plano que você e ele tramaram?

– Não, não. Violet, como pode pensar isso? Se Lu Shing tinha um plano, eu não sabia de nada. Fico doente só de pensar que ele sabia quem você era e me usou para enganá-la e trazê-la para cá. Será que ele achou que não íamos descobrir?

Edward levantou-se.

– É claro, temos de sair daqui. Vou mandar os criados retirarem nossas coisas de imediato.

E teríamos feito exatamente isso, se Cabaça Mágica não tivesse caído doente com a gripe espanhola.

Capítulo 7

Uma doença azul

Xangai
Junho de 1918
Violet

Eu nunca tinha visto Cabaça Mágica tão indefesa. Ela gemeu que queria voltar, que não queria morrer na casa de um estranho. Quando tinha dificuldade de respirar, apenas me fitava com os olhos esbugalhados, brilhantes de lágrimas.

Edward chamou um médico do hospital americano. Um homem corpulento e prestativo, um inglês, chegou com uma máscara branca cobrindo o rosto barbado. Apresentou-se como doutor Albee, nome cujo som infelizmente lembrava as palavras chinesas que significavam “sofrimento eterno”. Cabaça Mágica disse a ele:

– Rei do Inferno, eu sou chinesa. Não me leve para a fogueira onde os estrangeiros queimam para sempre.

Mais tarde, ela mentiu que era cristã e que merecia ir para o céu. Fez uma lista de suas boas ações, que consistiam principalmente em ter lidado com a minha atitude arrogante, ensinando-me bem e sendo paciente quando eu não seguia seus conselhos. Fiquei cheia de remorso por ela deixar este mundo pensando em mim como uma ingrata. Além disso, ela cortou meu coração ao dizer que eu era a sua amada irmã mais nova, manifestando preocupação com o que aconteceria comigo depois que ela se fosse. A isso se seguiu seu pedido aos céus, suplicando para ficar viva até que eu me tornasse uma das dez maiores beldades de Xangai.

O doutor Albee disse que não havia nada a fazer a não ser incentivá-la a beber água e deixá-la confortável. Aconselhou que todos na casa deveriam usar máscaras e, na despedida, nos informou que estávamos de quarentena por duas semanas. Ninguém estava autorizado a sair. Só então me lembrei da decisão de deixar a casa no momento em que soube que pertencia a Lu Shing. Nada disso importava agora. Quando a febre aumentou, Cabaça Mágica me confundiu com sua mãe: seu rosto brilhava e, delirando, ela explicava porque não havia voltado à aldeia antes para me visitar. Eu apenas respondi que estava feliz que tivesse voltado. Quando ela contou em detalhes os maus-tratos que sofrera por parte do marido de sua antiga patroa, caí no choro.

Um médico chinês também foi chamado, e pedi que ele se apresentasse a Cabaça Mágica com um nome chinês que soava como “boa saúde”. Ele receitou uma sopa amarga e um

emplastro de cânfora, a ser aplicado sobre o peito. A respiração dela logo melhorou. Eu me instalei ao lado dela e sussurrei:

– Mãe está aqui. Agora, você tem de ficar boa para permanecer mais tempo na Terra e cuidar de mim na minha velhice.

Seus olhos rolaram para mim e ela franziu a testa.

– Você ficou louca? Você não é minha mãe. Olhe no espelho. Você é a Violet. E por que eu deveria cuidar de você? Você é que tem de cuidar de mim, depois de todos os problemas que me causou.

Percebi de imediato que ela iria se recuperar.

O médico chinês disse aos criados para lavarem o chão, cuidadosamente e todos os dias, com uma solução de água de cal, para ninguém mais ficar doente. Mas, naquela mesma noite, de repente senti calor e frio ao mesmo tempo. Senti que meus ossos iam se quebrar a qualquer momento. O quarto flutuava e Edward parecia encolhido ao tamanho de uma boneca. Acordei e vi uma menina sentada ao lado da cama, cochilando. Não reconheci o quarto de início, e pensei que Fairweather tinha me sequestrado novamente e me deixado em uma outra casa de cortesãs. Pelo menos, era de primeira classe, aparentemente. Então vi a pintura de Lu Shing e lembrei de onde estava. Em um instante fui tomada pelo medo.

– Onde está Edward?

A menina despertou, sentou-se e, em seguida, correu para fora. Momentos depois, Edward acariciava minha testa, murmurando palavras carinhosas e molhando meu rosto com suas lágrimas. Disse a ele para não me tocar pois eu poderia infectá-lo, mas ele me garantiu que a fase de contágio já havia passado. Ninguém mais adoeceria. Todos tinham bebido a sopa amarga noite e dia.

– É péssima, mas Cabaça Mágica me fez beber a poção diariamente. Cheguei à conclusão de que quem consegue sobreviver àquele gosto horrível sobrevive a qualquer gripe.

Quando fiquei bem o suficiente para conseguir me sentar, Edward me levou ao jardim, para descansar em uma *chaise longue* colocada à sombra de uma árvore.

– Já enviei uma carta a Lu Shing lastimando o abandono que você sofreu e me queixando por ele ter escondido de mim quem realmente era. Esclareci que, assim que você se recuperasse da doença, iríamos embora. Ele enviou uma resposta.

Pedi a Edward para lê-la em voz alta, enquanto me deitava na *chaise longue*, preparando-me para ouvi-la.

– Minha querida Violet – Edward começou. – Acredito que não existem justificativas para a imoralidade. Não espero perdão. Nunca consegui promover as reparações adequadas. Só posso tentar lher proporcionar mais conforto...

A carta seguia dizendo que eu poderia ficar na casa o quanto desejasse. Ele arcaria com todas as despesas e com a manutenção dos criados. Seu desejo era me fazer herdeira da propriedade, mas, para isso, seria necessário reconhecer que ele era meu pai. Se estivesse disposta a fazê-lo, ele providenciaria os documentos nos quais expressaria sua vontade. O texto terminou perguntando se eu gostaria de conhecê-lo, mesmo que fosse apenas para desabafar minha raiva. Mas, a menos que aceitasse vê-lo, ele não voltaria para a casa enquanto estivéssemos ali, para não me aborrecer. O envelope mostrou que a carta havia sido postada em Hong Kong. Despedia-se com: “Seu, Lu Shing”.

– Eu vou fazer o que você decidir – disse Edward.

– Bastardo. Não disse nada sobre minha mãe. Não disse se ela ou ele sabiam que eu estava viva todos esses anos.

Logo fiquei exausta e Edward me levou para dentro, para que eu pudesse dormir um pouco. Na manhã seguinte, ele me disse que tinha escrito uma carta a Lu Shing exigindo respostas para minhas perguntas. Ele sempre encontrava maneiras de mostrar que me amava e me protegia, assim como havia prometido. Coloquei meus braços em torno dele e me aninhei como se fosse uma criança.

– Eu não quero saber as respostas – respondi. – Já refleti sobre todos os motivos e circunstâncias possíveis para justificar por que minha mãe não voltou para me salvar, e não encontrei ninguém forte o suficiente para me amparar. A menos que ele diga que minha mãe morreu antes mesmo de pôr os pés em solo americano. E, ainda que ele afirme isso, jamais terei certeza se estaria dizendo a verdade. Toda aquela dor me consumiu por muito tempo. Não quero sentir isso outra vez. Se mudar de ideia mais tarde, vou pedir para que você leia para mim o que aquele covarde respondeu.

Seguindo minha vontade, quando a segunda carta de Lu Shing chegou, Edward a jogou fora.

Travei uma pequena guerra comigo mesma sobre o que fazer com a casa. Meu impulso imediato era sair e recusar a herança. Tentei não pensar no conforto de que desfrutávamos. Claro, uma de minhas primeiras providências foi remover a repugnante pintura do quarto. Por necessidade, permaneci ali, para que pudesse me recuperar totalmente. Como também passei a sofrer com os enjoos matinais diários, transferir-me do quarto talvez fosse prejudicial ao bebê. Eu estava preocupada com a possibilidade de a doença ter afetado a saúde da criança. Então, finalmente, fiz as pazes com a ideia de viver naquela casa. Se os pais de Edward parassem de lhe mandar dinheiro, o que já havia acontecido antes, não seríamos lançados na pobreza nem ficaríamos sem um teto. Disse a Edward que ficaríamos.

Mais tarde, ele admitiu seu alívio com minha decisão, pois se preocupava com o futuro do nosso filho. Se acontecesse alguma coisa, se ele ficasse doente ou não estivesse por perto, onde o bebê e eu moraríamos? Recorremos ao advogado da Ivory Shipping Company para pedir conselhos. Era um homem de aparência estranha, com cabelo e barba muito espessos e sobrancelhas grossas, que lembravam a cauda de um esquilo. Edward me apresentou como esposa, a “senhora Ivory”, e explicou que eu tinha um excêntrico tio americano em Soochow, o qual havia enviado uma carta dizendo que queria deixar aquela propriedade para mim.

– Nós não queremos parecer interesseiros, pedindo que esse desejo seja registrado num testamento – disse Edward. – Mas será que só aquela carta teria valor legal caso o inevitável viesse a acontecer?

O advogado acreditava que o testamento era melhor, mas disse que a carta poderia ser suficiente, desde que fosse datada, escrita de próprio punho e não houvesse descendentes, como algum filho não reconhecido. Quando voltamos para casa, verificamos que as duas cartas de Lu Shing estavam datadas. Edward guardou-as em um lugar seguro, onde ninguém mais pudesse encontrá-las.

Passamos a viver em nosso pequeno mundo, na intimidade aconchegante da vida de casados. Quando o tempo esfriava, ficávamos abraçados em silêncio diante da lareira, adivinhando o que o outro estava pensando, sobre a felicidade presente e futura e sobre a

sorte de termos nos encontrado. Liámos em voz alta na biblioteca – jornais, romances ou os livros de poemas favoritos de Edward. Em dias de chuva, dançávamos ao som da música na vitrola, observados por Cabaça Mágica. Edward sempre gesticulava para ela, convidando-a para dançar. Ela de início recusava o pedido, mas, assim que Edward apontava para mim e fazia o gesto de que minha barriga estava grande demais para muito esforço, ela alegremente cedia. Era divertido vê-los se comunicando em um jogo de mímica que, muitas vezes, resultava em hilariantes mal-entendidos. Em certa ocasião, quando íamos conhecer uma nova loja rua abaixo, Edward fez uma pantomima para sugerir que tomássemos um sorvete, fingindo lambe e morder uma varinha. Cabaça Mágica entendeu que um cão vadio tinha comido no prato dele e fugido. Tive de intervir como intérprete, para esclarecer as coisas. Encontramos caixas com vários jogos e diversões, incluindo ténis de mesa. Cabaça Mágica provou ser rápida e ágil e Edward, surpreendentemente desajeitado e lento. Mas ele não se importou que caíssemos na gargalhada a cada erro dele. Soube, mais tarde, que ele na verdade era bem habilidoso, mas fingiu o contrário porque adorava nos ver rir. Caminhávamos duas vezes por dia para ir aos cafés onde se discutiam as últimas notícias sobre a guerra: a vitória se aproximava, e todos estavam impacientes pelo fim do conflito. Na cama, à noite, nós dois conversávamos sobre nossas infâncias, lembrando de detalhes. Queríamos conhecer tudo sobre a vida um do outro, e com mais profundidade do que qualquer outra pessoa. Ficávamos nos perguntando se a nossa união era resultado da sorte chinesa ou do destino americano. Nosso encontro, afinal, era tão improvável quanto duas folhas de árvores diferentes se fundirem ao serem sopradas pelo vento.

A única mancha que impedia que tivéssemos uma vida perfeita era Lu Shing. Minha raiva dele e de minha mãe costumava me consumir. Nada, nunca, seria suficiente para superar isso. Como eles poderiam me devolver a vida que eu deveria ter? Agora, porém, eu tinha a vida que sempre quis. Nunca perdoaria Lu Shing. Mas enquanto vivia alegremente em sua mansão, eu já não me alimentava de suas ações desprezíveis que haviam mudado minha vida.

A EPIDEMIA ACABOU no verão de 1918. E, quando a guerra chegou ao fim, em novembro, tivemos uma segunda razão para comemorar. Embora o Assentamento Internacional tivesse declarado neutralidade durante o conflito, agora as bandeiras de diferentes nacionalidades voltavam a exibir suas cores para sinalizar que o mundo estava em paz. Os ocidentais abriram o champanhe francês há muito guardado, e as pessoas nas ruas trocaram beijos com estrangeiros. E também trocaram germes, de modo que os beijos foram mais tarde apontados como origem de uma nova onda de gripe, ainda mais virulenta e contagiosa. Xangai não foi tão afetada como outros lugares do mundo. Pelo menos, era o que se lia nos jornais, que registravam um número maior de homens e mulheres jovens entre as vítimas, à semelhança da epidemia anterior. Curiosamente, os mais aptos do ponto de vista físico estavam mais propensos a adoecer.

Cabaça Mágica e eu, que já tínhamos sofrido com a gripe, não corríamos risco de infecção. Mas Edward havia escapado na primeira rodada. Eu estava no sétimo mês de gravidez e, por conta da proximidade da vinda do bebê, redobramos na casa os cuidados com a higiene. Quando Edward e eu saíamos da casa, ele usava máscara, embora evitássemos cafés e restaurantes lotados. Apesar dessas precauções, Edward caiu doente, e

eu entrei em ação, já tendo lido tudo sobre o que era necessário para tratar um paciente. Fervemos água com cânfora e eucalipto e o fizemos tomar chá quente e um caldo de ervas amargas chinesas. Preparamos várias toalhas molhadas para o caso de febre alta, mas Edward as recusava na maioria das vezes, alegando que seus sintomas eram muito leves, a ponto de ele gracejar que talvez já fosse fraco e velho demais para se enquadrar na categoria de risco composta pelos jovens e fortes. Ficou de cama por apenas um dia e desdenhou da doença, comparando-a a um resfriado comum. Sua rápida recuperação aliviou nossas preocupações. Agora que também estava livre do risco de infecção, ele não precisava mais se preocupar com a chance de contagiar nosso bebê.

Em um dia frio e reluzente de janeiro, nossa menina nasceu. A Conferência de Paz de Paris começou no mesmo dia, o que tomamos como sinal de que ela seria um bebê calmo. Isso provou ser verdadeiro. Ela tinha a pele bem clara e se parecia mais com Edward do que comigo. Seus olhos eram castanhos e seus cabelos ralo, castanho-claro. Identifiquei a espiral no cocoruto da cabeça igual à minha, bem como a marca de nascença azulada no traseiro, que muitos bebês chineses tinham. Os lóbulos e curvas das orelhas delicadas imitavam os de Edward. Mas reivindiquei o queixo arredondado como meu. Edward disse que o jeito de franzir a testa durante o sono era semelhante a minha expressão de preocupação. Eu observei que as narinas dela de vez em quando se alargavam do mesmo modo que as dele, no momento em que a comida era servida na mesa. Edward a declarou “a réplica mais perfeita da mulher mais perfeita em toda a eternidade”. Ao receber essa declaração encharcada de amor, pedi que ele escolhesse o nome dela. Edward pensou durante dois dias. O nome seria parte de nosso novo legado de família, sentenciou. Bosson não seria sua herança.

– O nome dela será Flora – decidiu, enfim. – Violet e a Pequena Flora. Ele a embalou no colo e colou sua face ao rosto sonolento dela.

– Minha Pequena Flora.

Eu fiquei secretamente devastada. Na China, as cortesãs eram chamadas também de “flores”. A vida toda tive sentimentos ambíguos em relação ao meu nome. A violeta era a flor mais amada por minha mãe, com seu aspecto frágil, mas que não exigia muitos cuidados para crescer. Eu tinha mudado meu nome ao longo dos anos de Violet para Vivi e Zizi, com muitos apelidos no meio. Agora voltava a ser Violet. Era como uma sina. Eu não poderia mudá-lo indefinidamente. Na biblioteca, outro dia, ouvi uma ária de ópera, a mais linda de todas. Li o libreto que acompanhava a capa do disco. Aquela passagem era cantada pela personagem Violetta, uma cortesã, informava o papel, que acrescentava: “nessa fase de sua vida, uma flor caída”.

Edward estava cantando docemente em sua voz de tenor: “Flora, oh, doce Flora. Gota de orvalho de manhã. Botão de rosa à tarde”.

– Veja os olhos dela! – disse. – Veja como ela fica alerta quando eu digo seu nome. Ela já o reconhece. Pequena Flora, Pequena Flora.

Como eu poderia lhe pedir para escolher outro nome?

Nós não suportávamos ter Flora longe de nossas vistas, de modo que decidimos mantê-la conosco, e não no quarto dela, com a babá. No meio da noite, eu acordava com seus grunhidos e suaves queixumes, a tirava do berço e a aninhava junto ao meu peito. Cantava baixinho para ela:

– Flora, oh, doce Flora. Gota de orvalho de manhã. Botão de rosa à tarde.

Ela se acalmava, seus olhos procuravam os meus e lá permaneciam, fixos. Nesse pequeno momento de reconhecimento, encontrei a minha maior alegria.

Março de 1919

Em março, a gripe espanhola voltou mais uma vez.

– A guerra acabou, e isso deveria ter acabado também – lamentou Cabaça Mágica.

Todo mundo dizia que a epidemia estava ainda mais forte. Havia menos doentes, mas quem era contagiado sofria mais e morria mais rápido.

Edward, Cabaça Mágica e eu, que já tínhamos contraído a doença, não corríamos perigo. Mas a pequena Flora tinha apenas dois meses. Nunca adoecera, e estávamos extremamente cautelosos. Todos usávamos máscaras de gaze ao sair de casa. Ao voltar da rua, antes de entrar, deixávamos as máscaras usadas em uma panela ao lado da porta, para depois serem lavadas em água fervente e mergulhadas em água com cânfora, antes de serem reutilizadas. Quando levávamos Flora para passear ao ar livre, cobríamos o carrinho de bebê com gaze embebida em cânfora. Evitávamos lugares lotados. Grandes sinais de alerta estavam em todos os lugares: muitas pesadas seriam impostas a quem fosse pego cuspiendo, tossindo ou espirrando em locais públicos ou em carros de bonde. Dois internatos de rapazes e um de moças foram fechados devido a surtos nos dormitórios. Ao longo da Bubbling Well Road, lojas e barracas vendiam remédios para prevenir ou curar a gripe. A melhor maneira de evitar a doença, anunciavam, era beber o elixir do doutor Chu oito vezes por dia, ou fazer gargarejos com a poção da senhora Parker, ou ainda banhar-se em água quente com cebolas. Aos que caíam doentes restava repousar e beber: quanto melhor o uísque, maior a eficácia.

Duas semanas depois, ficamos sabendo que apenas uma centena de estrangeiros do Assentamento Internacional havia morrido, e pelo menos metade deles era composta por japoneses. As escolas reabriram. Em vez de pilhas de corpos ao longo das calçadas, havia pilhas de máscaras encalhadas no comércio. Deixamos de lado a preocupação e os cuidados.

Alguns dias depois, quando desenvolveu um resfriado, Edward foi o primeiro a dizer que deveria ficar afastado da Pequena Flora. De qualquer forma, estava mesmo sem apetite e resolveu não se juntar a nós para jantar.

Como eu era vulnerável a pegar resfriados, naquela noite dormimos separados, cada um em seu quarto privado. O criado de Edward, Pequeno Carneiro, levou um copo de uísque para sua mesa de cabeceira. Na manhã seguinte, quando fui ver Edward, fiquei alarmada ao notar aros vermelhos em torno de seus olhos. Ele estava pálido e suado. Reclamou do calor e da umidade da última noite. Mas, na verdade, o tempo estava frio. Ele tossiu até se engasgar e alegou que a Nanking Road estava cheia de poeira dos edifícios que vinham sendo demolidos. Em seguida, teve uma crise de dor de cabeça por causa do esforço causado pela tosse.

– É a doença chinesa – brincou.

Os norte-americanos e britânicos davam o nome de “doença chinesa” a todo tipo de enfermidade e de “desconfortos do estômago” a qualquer outro mal não identificado, especialmente quando fatal.

À tarde, fui para o quarto privado de Edward e me assustei ao verificar que a febre

aumentara ainda mais. Ele tossia com tanta violência que mal podia respirar ou manter-se de pé.

– Eu já disse. É a febre do pântano de Xangai – ele conseguiu brincar. – Por favor, não se preocupe. Vou tomar um banho frio.

Uma hora depois, ele me pediu para chamar um médico do hospital americano, para que lhe receitasse um medicamento para a tosse. Precisou da ajuda de dois criados para sair da banheira e voltar para a cama.

O doutor Albee chegou e foi reconhecido por Cabaça Mágica.

– É o Rei do Inferno – ela falou, acrescentando que também chamaria o médico chinês que havia cuidado de nós quando ficamos doentes.

Ele provavelmente teria melhores remédios do que aquele doutor, que dizia não ter muito mais a fazer a não ser cruzar os dedos.

Assegurei ao doutor Albee que Edward havia superado a gripe durante o segundo surto. Então, dessa vez só podia ser outro tipo de doença. Febre tifoide? Ele examinou a boca, o nariz e os ouvidos de Edward, apalpou seu pescoço, bateu em suas costas. Por fim, anunciou com grande autoridade:

– O paciente tem uma infecção das adenoides.

Ele despejou láudano de uma garrafa maior para uma menor. Serviu uma dose pequena para aliviar a tosse de Edward e lhe deu aspirina para combater a febre. Além disso, recomendou trocar os lençóis para aumentar a sensação de conforto, diminuir o mal-estar e, assim, acelerar a recuperação da saúde. Para desobstruir a respiração de Edward, sugeriu usar uma seringa para recolher um pouco do muco. Enquanto mexia em seus instrumentos, disse a Edward que, uma vez curada a infecção, ele deveria fazer uma cirurgia para remover as adenoides.

– Isso promove a boa saúde e clareia a mente – garantiu ele alegremente. – A remoção também pode curar doenças como enurese, falta de apetite e retardo mental. Todo mundo deveria se livrar delas. Se você e sua esposa seguirem meu conselho, não há ninguém melhor do que eu para fazer a operação. Já tirei as adenoides de centenas de pacientes.

Ele inseriu a seringa em uma das narinas de Edward. Quando o médico olhou para o material retirado, sua expressão assumiu um ar de obscura perplexidade. O líquido estava grosso e tingido de sangue. Ele me assegurou que não era grave. Edward tossiu escarro. Mais manchas vermelhas.

O médico passou apenas a balbuciar conforme Edward tossia violentamente e tentava recuperar o fôlego.

– Esse tipo de secreção sanguinolenta é típico – comentou rapidamente o doutor Albee, em tom profissional. – O tecido glandular fica irritado e sangra. – Ele recomendou alimentar Edward com muito de chá, sem leite. Fiquei aliviada ao ver o médico partir muito alegremente.

Sentei-me ao lado da cama de Edward e li o jornal em voz alta. Uma hora mais tarde, uma espuma sangrenta borbulhou para fora das narinas de Edward.

– Malditas adenoides! – eu chorei. – Maldito médico!

Cabaça Mágica veio voando e viu Edward.

– Qual é o problema com ele?

Eu tremia e ofegava tanto que mal conseguia falar.

– Edward disse no outono passado que achou que a gripe espanhola não era pior do que um resfriado comum. Pois eu acho que foi isso o que ele teve na época. Ele não chegou a pegar a gripe. Não estava a salvo de ser infectado.

Eu queria que Cabaça Mágica me dissesse que ele já estava melhor e passaria bem a noite. Em vez disso, seus olhos se arregalaram de medo.

O médico chinês examinou Edward brevemente:

– É gripe espanhola, e feroz. – Ele acrescentou: – Nós tivemos muitos mais casos do que os médicos americanos têm mencionado. Foram mil e quinhentos até agora. Só eu tenho atendido centenas de pessoas. Não há dúvida, é a gripe.

Ele pediu que um criado removesse o pijama de Edward, que estava úmido de suor da febre. Mandou uma empregada trazer panos limpos, toalhas grandes, o máximo que encontrasse. O médico virou-se para mim e disse:

– Nós podemos tentar.

Tentar? O que ele queria dizer com aquela tênua palavra, tentar?

– Se melhorar até amanhã de manhã, ele tem uma chance. Ele nos deu vários pacotes de remédios, os quais deveríamos deixar ferver durante uma hora.

O médico passou a aplicar agulhas de acupuntura finas como fios de cabelo no corpo de Edward. Logo, a careta rígida dele relaxou, em uma inconsciente rendição. Ele passou a respirar de forma regular, mais lenta e profundamente. Abriu os olhos, sorriu e sussurrou com voz rouca:

– Muito melhor. Obrigado, meu amor.

Chorei de alívio. O dia era novo, o mundo era diferente. Peguei sua mão e beijei sua testa úmida. Tínhamos dobrado a esquina daquela crise.

– Você me assustou – reclamei com carinho.

Edward esfregou a garganta.

– Está preso aqui – ele sussurrou.

Eu acariciei sua mão.

– O quê?

– Um pedaço de carne.

– Meu querido, você não jantou. Não há nada em sua garganta.

O médico falou em chinês.

– Uma sensação de algo alojado na garganta, muitos se queixam disso.

– O que pode ser feito para tirar isso da garganta dele?

– É um sintoma. – Ele disse em tom grave, e então balançou a cabeça.

– É aqui – disse Edward, agora ofegante, apontando para seu pescoço.

Ele olhou para o médico e falou em inglês:

– Doutor, se puder fazer essa gentileza, por favor, dê-me um remédio para que eu possa engolir.

O médico respondeu em chinês:

– Você não vai sofrer muito mais tempo. Seja paciente.

Antes de sair, o doutor disse que se uma cor azulada se espalhasse por todo o corpo era um sinal muito ruim.

Seu cabelo estava molhado como se um balde de água tivesse sido derramado sobre sua cabeça. Ele já não estava em chamas. Sentia frio. Suas pálpebras pareciam folgadas.

– Edward – eu sussurrei, – não me deixe.

Ele virou a cabeça um pouco, mas não conseguia encontrar meu rosto. Pousei minha mão na sua palma. Seus dedos se moveram. Ele resmungou, sem mover os lábios. Achei ter ouvido: “Meu querido amor”. Nós pusemos cataplasmas sobre seu corpo, puxamos o ar venenoso para fora de seus pulmões com ventosas. Ele tomou cem comprimidos minúsculos que rolaram por sua língua. A tosse veio imediatamente, com expectoração de sangue. Ele respirava com dificuldade, rápida e superficialmente, e quando exalava o ar, parecia que havia papel vibrando em seu peito. Pusemos Edward sentado e batemos em suas costas, até mesmo com os punhos, para expulsar o escarro da gripe demoníaca. Eu cuidava dele sem sentir meu corpo. Não via nem ouvia nada além de Edward, desejando mantê-lo vivo. Eu o impulsionava a capturar o ar, um pouco de cada vez. Não podia ser desatenta, nem por um momento. Ele dependia de mim. Permaneci firme e segura, sentada perto dele, elogiando-o conforme seus pulmões se enchiam de ar. Ele voltava à consciência, abria os olhos de vez em quando e ficava surpreso ao me ver. Ouvi-o murmurar:

– Que menina destemida você é – e, em seguida: – Eu te amo, eu te amo... – E adormecia novamente.

No final da tarde, o rosto de Edward apresentou as tão temidas manchas azuladas. Seus lábios estavam frios e seus olhos, secos. Cabaça Mágica puxou o lençol para trocá-lo por roupa de cama limpa. As pernas dele estavam manchadas de cinza. Uma onda escura vinha subindo em seu corpo a partir delas. Eu o chamei e disse que estaria curado na manhã seguinte.

– Você acredita em mim?

Prendi a respiração quando ele sugou ruidosamente o ar. Eu estava sufocando. Mas me recusei a chorar; isso significaria a derrota. Contei para ele todos os momentos maravilhosos que nos uniam. Falei sem parar para sustentar o fio entre nós.

– Você se lembra do dia em que saímos da caverna para aquele paraíso verde? Eu amei você ali. Você sabia disso? Edward, você se lembra?

E então eu percebi que gritava. O quarto estava tranquilo e eu podia ouvir com clareza assustadora o borbulhar e o sibilar, o estalo da sangrenta espuma fluindo de suas narinas, de sua boca e de seus ouvidos. À noite, logo após o pôr do sol, quando seu rosto ficou cinza como as sombras, ele borbulhou mais uma vez e se afogou.

Fiquei com ele a noite toda. No começo, não conseguia soltar sua mão. A força da vida talvez ainda estivesse em suas veias, e eu poderia ser capaz de espremê-la de volta para seu corpo. Mas, sem ar, ele esvaziara, tinha covas em suas bochechas. Seus olhos se afundaram, ele todo naufragou. Sua mão ficou fria. Eu não conseguia emprestar meu calor para ele.

– Como você pôde ter ido embora? Como você pôde ter ido embora? – murmurei até chegar a um lamento: – Como você pôde ter ido embora?

A agonia ainda se mostrava em seu rosto e eu tive raiva. Onde estava a despedida pacífica que vem com a morte, da qual todo mundo fala? Chorei de raiva e, depois, de desespero e tristeza. Cobri o rosto dele e chorei, imaginando-o como ele foi em vida, e não naquele silêncio.

A porta se abriu e a luz se derramou sobre mim. Cabaça Mágica parecia aflita. Eu pulei. Como pude me esquecer da Pequena Flora?

– Ela está doente? – eu chorei. – Será que ela vai me deixar também?

– Ela está com a babá na outra ala, e está ótima. Mas você não pode vê-la antes de se lavar completamente. Precisamos queimar suas roupas, as roupas de Edward e também lençóis, toalhas e até sapatos.

Assenti com a cabeça.

– Tenha cuidado para que os criados não guardem as roupas para si mesmos.

– A maioria dos empregados foi embora. – Ela disse isso tão normalmente que não a entendi, num primeiro momento. – Fugiram depois que Edward morreu. Ficaram poucos: a babá, os criados Luminoso e Pequeno Carneiro, o chofer Pronto. Eles pegaram a gripe na primeira epidemia, de modo que não têm mais medo. Vou pedir que os homens lavem o corpo.

Corpo. Como era insensível aquela palavra.

– Use água morna – pedi, e depois a deixei para tomar meu próprio banho solitário.

Lágrimas caíram na água em que me lavei. Quando me levantei da banheira fiquei tonta e tive de me sentar na cama. Eu me absteve de chorar com um pensamento: tinha de parecer calma para Flora. Fechei os olhos para concatenar meus pensamentos. Ela devia se sentir sempre segura e protegida.

Acordei seis horas mais tarde, no período da tarde. Edward não estava mais no quarto. O som de sua voz havia silenciado. Desci as escadas.

Cabaça Mágica saiu da sala de jantar, onde Edward estava agora. Ela me levou para lá.

– Você tem de se despedir rapidamente. Luminoso disse que na Cidade Velha Chinesa estão empilhando corpos e os depositando em um grande túmulo. As famílias não podem enviar seus familiares mortos para suas aldeias natais. Você pode imaginar o pranto que eclodiu quando ouviram isso. Nós não sabemos o que os estrangeiros estão fazendo com os corpos, mas é preciso se adiantar para que eles não decidam por nós.

Era cedo demais para me separar de Edward. Eu teria atrasado essa separação ao máximo, mas Cabaça Mágica estava certa. Ela tinha amado Edward e eu sabia que ela seria carinhosa e sábia em relação ao sepultamento. Estava grata por não ter de pensar nisso. Luminoso e Pequeno Carneiro tinham improvisado um caixão a partir de um grande armário. Eles usariam cera de vela para selar a parte superior e as laterais. Eles já tinham escavado a lagoa para fazer um túmulo. Era o local onde Edward e eu nos sentávamos nos dias quentes para ler sob o olmo ou para brincar de jogar água um no outro.

– O Rei do Inferno veio para ver como Edward estava – disse Cabaça Mágica. – Aqui está a certidão de óbito. Não consigo acreditar no que aquele cachorro escreveu.

Pneumonia, secundária à gripe. Ele admitiu seu erro e, provavelmente, relatou a morte de Edward para o consulado americano e as autoridades do Assentamento Internacional. A babá trouxe Flora para mim. Examinei seu rosto e senti sua testa. Seus olhos límpidos procuraram os meus. Fitei o rosto dela mais uma vez, as orelhas, as sobrancelhas, o cabelo e os olhos, o legado de Edward.

Cabaça Mágica me conduziu para a sala de jantar, “pronta para pegar o bebê”, garantiu, “se eu desmaiasse”. A grande mesa tinha dado lugar ao caixão. A pele de Edward ainda tinha uma palidez cinzenta. Vestiram-no com um terno que ele usava em nossas caminhadas. Acaricieei seu rosto.

– Você está frio – eu disse. – Eu sinto muito.

Pedi desculpas por todas as dúvidas que lancei sobre sua bondade, sua honestidade e seu

amor. Disse que, antes, eu me acreditava incapaz de dar amor a ele porque não sabia como fazer isso, apenas precisava fazer isso. Ele me mostrou como era natural receber o amor, como era natural dar o amor. E agora minha dor insuportável era uma prova de que nos amávamos completamente. Ajeitei Flora em meu colo, de modo que ela olhasse para ele.

– A nossa filha, nossa maior alegria, me mostrou que eu poderia amar cada vez mais profundamente. Vou dizer a ela que você a embalava todos os dias, cantando.

O homem de face azulada nada disse. Não era mais Edward. Eu não queria deixar que os torturantes momentos dos últimos dois dias se tornassem minha lembrança mais forte dele. Entreguei Flora para Cabaça Mágica e subi para a biblioteca.

Sentei-me num dos sofás e lembrei nossas conversas: a sagacidade dele, sua seriedade, seu senso de humor e até mesmo os sentimentos obscuros que às vezes o abatiam quando falávamos sobre o que ele chamava de sua alma e seu eu moral. Qual foi a redenção? Para onde ele iria ao nos deixar? Achei o novo diário que ele começara a escrever na semana anterior e o apertei contra meu peito. Era isso que ele era. Mas também não era. Há algo de triste e belo em saber que uma pessoa não pode ser encontrada em nenhum outro lugar que não o seu próprio espírito.

Antes de chegar ao topo da escada, ouvi vozes difusas e um grito de criança. Corri para baixo. Dois policiais chineses estavam no corredor. Cada um deles segurava um braço de Mousie, a filha de minha criada pessoal, a menina assustadiça de cerca de dez anos de idade, que se encolhia diante de qualquer som ou movimento súbito. Cabaça Mágica e eu suspeitávamos há tempos que a mãe batia nela regularmente. Os policiais puxavam a garotinha. O branco dos olhos dela era visível de longe.

– Minha mãe me obrigou a levar aquilo para a loja – gritava ela, batendo os dentes. – Ela disse que eu ia apanhar até morrer se não fizesse isso.

Um dos policiais disse que a menina tinha levado um valioso colar para avaliação na loja de um joalheiro importante chamado senhor Gao. Ele afirmou que suspeitou imediatamente de roubo ao ver o colar, pois sabia a quem pertencia. Levou a joia até a delegacia de polícia para não ser acusado de ladrão. Embora parecesse estar dizendo a verdade, ele estava retido na delegacia até sua denúncia ser verificada.

– Por favor – gritou Mousie. – Não deixe que eles me matem!

– Alguém aqui pode descrever o colar desaparecido – inquiriu o policial mais severo.

Cabaça Mágica foi para o meu quarto e checou a caixa de joias para ver se havia alguma peça faltando.

Ela voltou.

– O colar é repleto de pequenas esmeraldas. Dois arabescos juntam-se com um terceiro no meio...

O policial entregou o colar. Cabaça Mágica examinou-o para checar se havia sido danificado. Ela, então, repreendeu a menina.

– Ela nasceu com pouco cérebro – eu rapidamente expliquei aos policiais. – Ela pensa como criança, não tem bom senso. Temos o colar de volta, então nenhum prejuízo aconteceu. Vamos cuidar da menina e das joias com mais cuidado. E posso garantir que o senhor Gao é um velho conhecido nosso e um profissional muito confiável.

– A menina nos contou que um estrangeiro morreu aqui de uma doença azul – um dos homens disse gravemente. – Nós não lidamos com questões relacionadas com estrangeiros,

mas, se for a gripe, um médico americano deve examinar o corpo e verificar a causa da morte. Vamos relatar ao consulado americano.

– Nós já temos uma certidão de óbito assinada pelo doutor Albee, do hospital americano. Ele tratou o Sr. Ivory.

Os homens pediram para ver Edward, a fim de verificar se o morto era mesmo estrangeiro, e não chinês. Estancaram assim que viram o corpo.

– *Ai!* A face azul – um deles murmurou.

Uma hora mais tarde, um detetive da delegacia da polícia britânica veio, seguido por um funcionário do consulado americano. Ofereceram breves condolências e desculpas pela intromissão.

– Quem é o morto? – perguntou o americano.

– Bosson Edward Ivory III. – As palavras ressoaram como uma sentença de morte. Entreguei-lhes a certidão de óbito. Eles examinaram Edward e pediram seu passaporte. Fui até a mesa de Edward, apanhei o documento e, antes de entregá-lo, olhei para a foto. Tão sombrio, tão jovem. Então, vi logo abaixo da inscrição de seu nome a palavra casado. Sob o campo nome da esposa estava escrito: “Minerva Lamp Ivory”. Naquele momento, saltei para uma nova vida.

Os homens examinaram o passaporte.

– Eu sou a viúva, Minerva Lamp Ivory. Eles anotaram a informação.

– Podemos ver o seu passaporte? – pediu o americano.

Eu hesitei.

– É apenas uma formalidade.

Pedi licença e fui para meu quarto, supostamente para recuperar o passaporte inexistente. Fiz barulho abrindo e fechando gavetas vazias, procurando em minha mente alguma desculpa plausível.

Voltei a eles com ar perplexo.

– Meu passaporte sumiu. Procurei nos locais habituais e não o encontro. Um dos criados deve ter roubado.

– Por favor, não se preocupe. Como eu disse, é apenas uma formalidade. Se tiver sumido, podemos ajudá-la a obter um novo documento. Gostaria de notificar a família?

Pensei rápido.

– Seria melhor eu mesma fazer isso. Vai ser um choque para o pai e a mãe. Preciso usar as palavras certas para suavizar o golpe, dizer-lhes que ele não sofreu – e como eu gostaria que isso fosse verdade. – Sei que eles também vão pedir que o corpo de Edward seja devolvido à terra natal, em Nova York.

– Sinto muito informá-la, mas isso não é possível – disse o oficial consular. – Os corpos daqueles que morreram de gripe não podem ser trasladados para fora da cidade.

– Já tinha ouvido falar, é por isso que tenho de resolver as coisas com jeito. Preciso dizer aos pais, com muito tato, que vamos enterrá-lo aqui mesmo, em casa. Seu corpo não sairá de dentro dos muros do jardim.

– Você é afortunada por dispor de terreno para o enterro. Mil e quinhentos chineses morreram até agora e estão sendo enterrados em vala comum. Alguns chineses estão jogando os corpos no rio. A preocupação é que a água potável tenha sido contaminada com o vírus *influenza*. Ferva a água muito bem antes de beber. Também recomendo evitar o

consumo de peixe.

A Pequena Flora começou a inquietar-se e choramingar. Senti sua testa. Eu temia o tempo todo que ela ficasse doente.

O detetive britânico deu-lhe um sorriso de palhaço e revirou os olhos para fazê-la rir. Ela chorou.

– Uma pena perder o pai tão jovem – disse ele.

Uma hora depois que eles saíram, enterramos Edward no jardim, sob a grande árvore. Ao túmulo, Pequeno Carneiro e Luminoso falaram palavras de gratidão. Cabaça Mágica fez uma oferenda com uma tigela de frutas e acendeu um punhado de incenso. Os dois homens encheram a cova com terra úmida escura. Depois que se afastaram, eu desenterrei as violetas que ladeavam a trilha até a porta de casa e as replantei no lugar onde estava a sepultura.

Voltei-me para a página familiar em *Folhas de Relva* e li em voz alta e firme.

Nem eu nem ninguém vai percorrer essa estrada por você.

Você tem de percorrê-la sozinho.

Não é longe. Está ao seu alcance.

Talvez você tenha andado nela desde que nasceu, e nem saiba.

Talvez a estrada esteja por toda parte – sobre a água e na terra.

Capítulo 8

As duas senhoras Ivory

Xangai
Março de 1919
Violet

Depois que Edward morreu, todos os dias eu me sentava no banco de pedra e lia para pequena Flora, falava sobre o amor de seu pai por ela e me admirava com seu olhar concentrado, como se estivesse entendendo tudo o que eu dizia. No quarto dia após a morte dele, ouvi batidas no portão. Abandonei meu livro e fui atender. Era um homem solene, que parecia um agente funerário.

Ele tirou o chapéu e apresentou-se como o senhor Douglas, dos escritórios de advocacia Massey & Massey, que representavam a Ivory Shipping Company.

– Minhas mais profundas condolências – disse. – Estou triste por revê-la em circunstâncias tão trágicas.

Procurei na minha memória. Era o advogado que Edward e eu havíamos consultado para determinar se a carta em que Lu Shing me ofereceu a casa teria validade no caso de uma futura reivindicação da propriedade. Mas o homem que vimos naquela ocasião parecia diferente desse que se apresentava agora.

– Eu deveria ter vindo mais cedo – ele falou. – Levou tempo para elaborar os documentos. Como sabe, o senhor Ivory tomou providências financeiras em relação a sua filha e a senhora.

Eu sabia que Edward tinha escrito uma carta aos seus advogados, enviada por intermédio de Pequeno Carneiro. A data era de seis dias antes, justamente quando ele começou a se sentir mal e reclamou de perda de apetite. Ele já intuía que talvez fosse morrer.

O advogado colocou os documentos diante de mim. Edward estipulara que, no caso de sua morte, a totalidade de seus fundos bancários em Xangai seria imediatamente transferida para uma nova conta, em nome de sua filha, Flora Ivory. Sua esposa, a mãe de sua filha, teria autoridade plena como signatária. Assim deveria ser, para além de qualquer quantia fornecida posteriormente por herança.

O senhor Douglas inclinou-se na direção da pequena Flora.

– Que criança bonita. Dá para ver a semelhança com a senhora e com o falecido senhor Ivory.

Ele me entregou uma folha de papel coberta de caracteres impressos e nomes escritos à mão, além da indicação da soma de 53.765 dólares.

– É preciso apenas assinar aqui para aceitar.

Era uma quantia impressionante de dinheiro, suficiente para durar uma vida. Edward havia sido sábio ao transferir o dinheiro para o nome de Flora. Era sua herdeira, e o dinheiro nunca poderia ser tirado dela. Olhei para o nome inscrito ao pé da página: Minerva Lamp Ivory.

– Suponho que seu nome esteja escrito corretamente – disse o advogado. – Essa é a informação que os advogados da empresa têm em seus registros. Só precisamos verificar seu passaporte.

Edward nunca teria registrado Minerva como mãe de sua filha. Isso o teria enraivecido, tanto quanto eu me sentia agora. Quis dizer a verdade, mas sabia que seria temerário.

– O nome está correto, senhor Douglas. Mas não tenho o passaporte para a averiguação. Um criado o roubou. Mencionei a um oficial do consulado que em breve eu providenciaria um novo... mas... tem sido difícil... – Verti lágrimas genuínas. Não conseguia mais falar.

– Podemos oferecer ajuda? – perguntou o senhor Douglas. – Dificilmente se esperaria que uma viúva recente saísse de seu recolhimento. O consulado pode facilmente encontrar o registro do passaporte e do visto. Uma fotografia é tudo de que precisavam.

– O senhor é muito gentil. No entanto, lamento dizer que nunca registrei meu passaporte no consulado. Quando desembarquei do navio estava ansiosa para ver meu marido, mas havia uma longa fila na alfândega. Pedi a um guarda que me apontasse urgentemente o banheiro mais próximo, fingindo que estava nauseada. Foi errado da minha parte, eu sei. Mas em nenhum momento vi algum mal em deixar o registro para depois. Edward e eu estávamos tentando remediar isso e registrar Flora como cidadã americana também. Foi quando descobri que o passaporte desapareceu de minha gaveta. Suspeito de uma empregada que havia nos deixado um mês antes.

– Não é a primeira vez que esse tipo de problema acontece. Passaportes americanos valem muito. Podemos obter um novo com a ajuda de um conhecido meu que trabalha no consulado. Ele sabe que minha palavra é de confiança. Vou pessoalmente atestar que a senhora é Minerva Lamp Ivory. Afinal, o próprio senhor Ivory a apresentou para mim como sua esposa. A propósito, foi feito algo a respeito da vontade de seu tio em lhe deixar a propriedade?

Foi só então que confirmei que, de fato, já tínhamos nos visto antes. Desde aquele primeiro encontro, ele havia aparado o cabelo desgrenhado e raspado a barba.

– Vamos aproveitar para registrar uma certidão de nascimento ao mesmo tempo – sugeri o agora escanhado senhor Douglas. – Qual é o nome completo da criança?

– Flora Violet Ivory – eu disse, sem hesitação. – Meu marido escolheu o nome.

– Um bom nome. Doce e delicado. Preciso apenas de sua fotografia. Por acaso há alguma disponível?

Fui para meu quarto e encontrei um cartão de lembrança para pretendentes e patronos. Eu trajava uma capa fina e estava recostada provocativamente contra um pedestal, em um estúdio. Recortei cuidadosamente a foto para ficar apenas com a parte do rosto, e entreguei ao homem uma imagem menos atrevida mostrando uma Minerva Lamp Ivory bem melhorada em relação à original.

Depois que ele saiu, voltei ao banco de pedra, tonta com o esforço exigido pelo meu ardil. Eu era uma atriz experiente nas artimanhas de uma casa de cortesãs, mas não em questões envolvendo luto e o futuro de minha filha. Pequeno Carneiro me trouxe chá. Perguntei se ele tinha visto Edward escrever a carta.

Ele assentiu com a cabeça.

– Ele me disse para não lhe contar. Não queria perturbá-la. Eu não sabia o que dizia a carta.

– Ele estava muito mal ao escrever?

– Tinha febre e dor de cabeça. Pediu uma aspirina. Mas sua mente estava clara.

Naquela noite, tive uma visão beatífica de Edward escrevendo a carta. Ele brilhava no início, mas, conforme avançava para o final da página, começava a se desvanecer até desaparecer nas sombras. De repente, ele apareceu de novo, radiante. Dessa vez, quando a imagem voltou a se diluir, fiquei com uma sensação de paz. Eu sabia que poderia invocá-la. Admiti a possibilidade de que tinha adormecido e sonhado toda a cena. Não importava. O que eu sentia era verdadeiro.

Só ele poderia me ajudar a escrever uma carta para a família Ivory informando sobre sua morte. Seus pais idolatravam o único filho. Qual disfarce deveria assumir? Que tom de linguagem usar? O de um médico, como o ineficaz doutor Albee? O de um burocrata que define regras e regulamentos para lidar com os corpos?

Cabaça Mágica me trouxe um envelope.

– É da parte de Lu Shing. Se quiser, posso jogar fora.

– Eu não preciso mais ser protegida de qualquer coisa que Lu Shing venha a dizer. O pior já aconteceu. Tudo vai parecer pequeno na comparação.

Cara Sra. Ivory,

Estou profundamente triste com a morte de seu marido, filho de amigos que conheci há mais de vinte anos. Espero que continue a residir na casa. Todos os arranjos foram feitos para preservar seu conforto. Se necessitar de qualquer assistência, qualquer que seja a dimensão do problema, por favor, não hesite em me avisar prontamente.

Seu,

Lu Shing

Ele me chamou de “senhora Ivory”. Reconheceu tanto a distância respeitosa entre nós quanto minha condição de esposa de Edward. Enviei uma resposta pedindo-lhe para escrever a carta para a família Ivory – seus bons amigos de mais de vinte anos –, informando-os da morte de Edward. Eles deveriam saber que seu filho amado, Edward, sucumbira à gripe de forma rápida e sem sofrimento. Recomendei que Lu Shing não fizesse menção a mim e a Flora.

Eu já tinha ficado ofendida por Lu Shing não tomar conhecimento de minha existência. Agora, estava pedindo para que continuasse a fazê-lo.

Meu passaporte chegou no dia seguinte, bem como a certidão de nascimento de Flora. Fiquei enojada ao ver a metade inferior do documento.

Flora Violet Ivory, nascida em 18 de janeiro de 1919, em Xangai, China.

Pai: Bosson Edward Ivory III, empresário

Idade: 26. Raça: Branca. Local de nascimento: Croton-on-Hudson, Nova York.

Mãe: Minerva Lamp Ivory, dona de casa

Idade: 23. Raça: Branca. Local de nascimento: Albany, Nova York.

Devotei-me ao futuro da pequena Flora. Ela nunca saberia do meu passado nem das circunstâncias de seu nascimento. Eu havia me transformado na esposa e viúva de Edward, Minerva Lamp Ivory. Para representar meu papel e não levantar suspeitas, a nova senhora Ivory não falava chinês em público. Usava um penteado diferente do meu, repartido no lado oposto ao natural do meu cabelo. Seu cabelo foi cortado e ondulado. Suas roupas foram adaptadas para um estilo conservador, fora de moda para os meus padrões. E ela se associou ao clube americano, onde participava de tediosos almoços de donas de casa, acompanhava palestras sobre a compra de porcelana e se oferecia para ajudar em bailes beneficentes, para angariar dinheiro para os refugiados russos. Lá ela explicou várias vezes, com dor genuína, que seu marido morreria de gripe e que ela morava em uma casa na Bubbling Well Road, com sua filha única. A menção ao endereço revelava às pessoas que a senhora Ivory estava bem de vida.

Durante o dia, Flora e eu visitávamos o parque, frequentávamos a sala de cinema de estrangeiros e passeávamos de carro pela região de Bund, muitas vezes passando em frente ao edifício da Ivory Shipping Company. De início, ficava muito nervosa ao desempenhar o papel de senhora Minerva Ivory. No meio da multidão, de repente flagrava o rosto de alguma mulher me encarando. A expressão de reprovação diferia de um caso para outro, mas todas eram estrangeiras e pareciam estar afirmando que sabiam que eu não era quem eu dizia. Lembrei-me de minha mãe, que me aconselhava a ignorar quem me desaprovasse. Eu tinha a liberdade de pensar por mim mesma. Mas isso não era verdade agora. Eu tinha de pensar também pela pequena Flora.

Eu não tinha amigos de verdade, além de Cabaça Mágica. Desde a morte de Edward, ela se mostrava mais suave, manifestando muito mais preocupações do que críticas. Antes de Flora nascer, ela jurou que não seria babá da criança. Mas agora implicava que a babá de minha filha parecia estar ficando surda. Outro dia, havia chamado várias vezes a moça, que, virada para outro lado, não atendeu. E se a pequena Flora caísse e gritasse por ajuda? Cabaça Mágica insistiu em se juntar aos nossos passeios como acompanhante do bebê.

– Se você pode fingir ser uma mulher que não quer ser – ela justificou –, então também posso fingir ser uma babá.

Nas lojas, ela comprou um bom chá para nós e novelos de linha brilhante para a babá. Dia e noite, a babá tricotava blusas, vestidos, sapatos, chapéus, casacos, cobertores e luvas para Flora. Nem bem minha filha crescia e perdia as roupinhas, havia outros conjuntos prontos. Levamos as roupas usadas para o clube americano, que fazia doações para uma série de instituições de caridade. Descobri que uma delas era o orfanato de meninas mestiças, e fiquei feliz.

– Será que alguma dessas meninas não passaria por branca? – perguntei para a mulher responsável pelas doações de caridade.

– Já vi algumas que, à primeira vista, parecem tão brancas quanto você ou eu – disse ela. – Mas, num segundo olhar, veem-se os olhos levemente puxados, os lábios grossos ou a pele em tom amarelado.

Por sua resposta, percebi que ela acreditava que as meninas de sangue chinês eram

inferiores. Eu costumava me preocupar incessantemente em ser confundida com uma chinesa, por esse motivo. Tinha sofrido quando criança, sentindo-me envergonhada ou suspeitando estar sendo insultada. Eu não pertencia à sociedade americana nem à chinesa. Pequena Flora nunca teria dúvidas quanto a que mundo pertencia.

Uma tarde, voltei para casa e ouvi gritinhos e risos de Flora na biblioteca. Ela e Cabaça Mágica estavam ajoelhadas diante de uma mesa baixa, sobre a qual estavam dispostos uma foto de Edward, tigelas de incenso, pratos de frutas frescas e doces. Cabaça Mágica segurava bastões de incenso que expeliam linhas curvas de fumaça.

– Se o seu Edward estivesse vivo pelo menos para ouvir meus agradecimentos – disse ela para mim. – De qualquer modo, desse jeito posso lhe enviar a minha admiração, onde quer que esteja.

Edward teria achado aquele tributo encantador. Eu me perguntava se um dia Flora veria as cerimônias para espíritos chineses como superstições fora de moda.

Setembro de 1922

Três anos e meio se passaram desde a morte de Edward.

A vivacidade dele se extinguia dentro de mim. Um mês após sua morte, eu sentia que ele tinha ido embora há muito tempo e, ao mesmo tempo, que tudo ocorrera apenas um momento atrás. Vi o passar dos meses pelas roupas novas de tricô que a babá fazia para Flora: verde e amarelo em abril, amarelo e azul em julho, lilás e cor-de-rosa em setembro. Notei cada semana em que as flores apareciam, cada período em que as árvores se desfolhavam, cada etapa em que brotos verdes brilhantes surgiam nos galhos. Contei o número de vezes que Flora pediu colo, virou a cabeça para sorrir para mim ou veio correndo com suas perninhas ágeis chamando meu nome – um número tão grande quanto o tempo desde a partida de Edward.

Reencontrei o diário que ele começara a escrever, pouco antes de morrer. É triste que ele não tenha tido tempo suficiente para encher uma centena deles. Usei o volume para registrar novas palavras aprendidas por Flora, suas frases engraçadas e ideias precoces. Logo, não conseguia mais acompanhar. Eu teria de passar o dia inteiro escrevendo tudo o que a tornava especial. Eu amei, junto com ela, a sucessão de brinquedos que passaram por suas mãos: a boneca de pano, as bolas que se encaixavam em furos numa placa de madeira e, quando ela fez três anos, o bloco de desenho e lápis de cor, em que ela rabiscava uma chuva de cores e linhas curvas.

Mantive o hábito de ler os jornais de Edward. Pequeno Carneiro me trazia dois por dia, um chinês e um ocidental. Eu não tinha ninguém, exceto Cabaça Mágica, para discutir os acontecimentos. A princípio, ela não se interessava. Até que surgiu um fato de grande impacto – o assassinato de uma criança ocidental e o consequente tumulto que isso causou entre os estrangeiros do Assentamento Internacional. Ela protestou que mil meninas chinesas poderiam ser assassinadas e ninguém se importaria. Concordei que era verdade, mas confessei que temia que o assassino, que seguia à solta, pudesse ser uma ameaça para Flora. Depois disso, quando lia as notícias para Cabaça Mágica, ela tinha uma opinião sobre tudo.

Fora de nosso refúgio, Xangai se tornava um lugar diferente. Havia mais de tudo – modernidade, elegância, luxo, bizarrice e emoção. As residências ficavam maiores e os

carros se multiplicavam, transformando-se em sinal de prosperidade pessoal. E havia as estrelas de cinema. O que quer que fizessem ganhava popularidade instantânea. Cabaça Mágica e eu vimos três filmes sobre jovens inocentes atraídas para a cidade grande e obrigadas a se prostituir. Cabaça Mágica chorou durante todo o primeiro filme, sussurrando:

– Essa é a minha história –, mas no final reclamou: – Esse tipo de final feliz nunca acontece.

No final do filme seguinte, ela disse:

– Muitas meninas se matam pela mesma razão.

Eu via o que acontecia em Xangai através dos olhos de uma mãe. Para proteger Flora, precisava saber onde moravam os perigos. Xangai estava sendo puxada e esticada, com a tensão crescente de estrangeiros e chineses vivendo lado a lado, mas desprezando-se uns aos outros. Havia dias em que achávamos a atmosfera entre eles tão carregada que poderia explodir em algo grave a qualquer momento. Os universitários protestavam contra os direitos dos estrangeiros e os maus-tratos aos trabalhadores chineses. Uma campanha anticristã se ergueu, e ficamos atentas para verificar se ela iria se espalhar e se converter em algo mais dramático, como tinha acontecido na Revolta dos Boxers. Eu tinha medo de que a violência eclodisse, pondo Flora em perigo. Minha vida mudara quando o imperador abdicou, anos atrás. Durante a revolução, houve heróis e inimigos, mas também arruaceiros que saquearam o que podiam enquanto os demais lutavam. Os protestos do momento, porém, levavam a greves, mas não à violência. E o mais longo protesto começou logo depois da assinatura do Tratado de Paz de Paris.

– Se eu tivesse sido educada – disse Cabaça Mágica –, eu provavelmente me tornaria uma revolucionária agorinha mesmo.

Fiquei imaginando o que Edward estaria pensando de Woodrow Wilson agora. Em vez de devolver a província de Xandong para a China, os aliados decidiram deixar os japoneses continuarem a ocupar e controlar a região. Nos Estados Unidos e na Europa, todos celebraram o tratado de paz. Em Xangai, os estudantes pediram greve geral, e universidades, trabalhadores e comerciantes se uniram e pararam a cidade. Como o movimento se estendeu por meses, Cabaça Mágica brincou que também ela entraria em greve. Nós não podíamos fazer compras ou ir ao cinema. Não havia gasolina para o carro. Eu me preocupei com o que ouvi nos almoços de senhoras do clube americano. Elas não viam nada de errado com o fato de a província de Xandong continuar sob o jugo do Japão. Afinal, os japoneses juntaram-se à guerra contra a Alemanha mais cedo do que os chineses. Ademais, haviam se mostrado bons administradores. Aquelas senhoras não entendiam por que o governo chinês tinha acreditado que a devolução da província aconteceria.

Eu fiquei intrigada com minha própria reação. Independentemente de sentir americana ou chinesa no fundo de meu coração, a meu ver a decisão dos aliados estava equivocada. Ou seja, eu provavelmente não era uma patriota americana, pois me ressentia com o que Woodrow Wilson havia feito.

O que Edward acharia disso? Eu não conseguia adivinhar. Já havíamos sido capazes de adivinhar os pensamentos um do outro. Agora, com ele morto há mais tempo do que havia durado nossa convivência, sentia que mal o conhecera. Eu sabia cada vez menos a respeito dele, na medida em que crescia meu interesse por descobri-lo. Ele seria sempre muito amado, meu romântico salvador, a pessoa que mais bem me conhecia e de cujo amor nunca

pude duvidar.

Através da pequena Flora, ele voltava para mim. Eu pensava nele em situações que me supreeendiam, as quais passava a associar como momentos típicos de Edward. Naquela manhã, por exemplo, uma mosca pousou na torrada de Flora. Ela me perguntou por que eu achava aquilo nojento: afinal, a mosca estava claramente lavando as mãos ao esfregar as patinhas dianteiras. O que era comum e até desagradável se tornava engraçado e imaginativo. Edward teria gargalhado, eu podia até visualizar isso de maneira bem nítida.

Na aparência e na forma, ela era filha de Edward. Seu cabelo liso tinha o tom do trigo maduro, com suas variações de sombra e luz, e balançava ao vento quando ela corria com suas perninhas rechonchudas. Os olhos cor de avelã eram profundos. Tinha orelhas finas, de uma cor rosa quase transparente. Edward certa vez dissera que as expressões do rosto eram minhas: as carrancas de preocupação ou descontentamento, o sorriso relutante, o queixo duro denotando teimosia, a boca aberta de surpresa.

Um dia, no jardim, eu a vi arrancar uma hortênsia do caule para examinar suas centenas de pétalas. Ela apertou a flor entre as mãozinhas, olhou o resultado e, em seguida, a exibiu como se tivesse descoberto o segredo da vida. Edward me lançava esse mesmo olhar quando examinava meu rosto.

Eu queria que ela tivesse o que havia de melhor em mim: a honestidade, a perseverança e o espírito curioso. E queria que ficasse longe daquilo que eu tinha de pior, dos defeitos contraditórios que também me habitavam: a desonestidade, a desesperança e o ceticismo. Eu não queria que ela vacilasse, como eu, entre o que acreditava ser verdade sobre si mesma e o julgamento do outros. Ela não seria uma figura cativa em uma pintura, como minha mãe tinha sido.

Antes de ela nascer, eu acreditava que seria a garota que eu supostamente deveria ter sido. Mas não. Ela era ela mesma. Que sorte.

TIVEMOS TRÊS VISITANTES inesperados, que vieram no mais comum dos dias.

Era dezesseis de setembro, num meio de tarde quente. Estávamos no jardim, sob a sombra do olmo. Pequeno Carneiro tinha plantado um gramado ao redor da árvore. As violetas que eu plantara na sepultura, três anos e meio atrás, tinham se espalhado sob o banco de pedra, em volta do gramado e no caminho para casa. Tínhamos levado para fora um sofá e duas cadeiras de vime, mesinhas e uma colcha. Nosso piquenique terminara, e eu estava no sofá lendo uma matéria de uma revista. Flora dormia com a cabeça no meu colo. Usava duas fitas da pervinca no cabelo. Cabaça Mágica abanava-se furiosamente. A babá cochilava, ainda segurando as agulhas de tricô e o início de um novo vestido para Flora. Acima do zumbido dos insetos de verão, ouvi o ruído de pneus sobre o cascalho, um chamado ao portão e vozes difusas. Pequeno Carneiro deu um grito e, um momento depois, correu em nossa direção. Só teve tempo de dizer que três pessoas forçaram a passagem no portão, aos empurrões, pedindo para me ver imediatamente.

Ali estavam eles, três ocidentais em roupas inadequadas para um dia tão quente: um homem alto de óculos e bigode, uma mulher com mandíbula masculina e testa alta arredondada, e uma segunda mulher, mais jovem, loura e de semblante suave. Seus olhos alternavam-se nervosamente entre mim e Flora. Eu não os convidei para virem até a sombra. Peguei Flora no colo e a apertei contra mim. Ela acordou e resmungou enquanto

era arrastada para longe dos sonhos.

– Você é Minerva Lamp Ivory? – Quis saber o homem. Quando assenti, a mulher de queixo quadrado adiantou-se:

– É mentira. Esta é Minerva Lamp Ivory. – E apontou para a jovem loura. – Bosson Edward Ivory III era marido dela.

Edward havia descrito Minerva com precisão. Não havia nada nela capaz de cativá-lo. Os olhos da moça não demonstravam nem sequer uma faísca de inteligência, e dificilmente expressariam qualquer coisa que não perplexidade e desconforto. Seus lábios estavam cerrados firmemente, à maneira de uma criança ordenada a fazer silêncio. Aparentava trinta e cinco anos de idade, embora eu soubesse que era mais jovem, e vestia-se como uma colegial, com blusa branca e saia cinza plissada. Uma franja úmida de cabelo loiro pálido achatava-se contra sua testa.

O homem se apresentou como o senhor Tillman, um advogado americano residente em Xangai. Ele me entregou um documento com blocos de pequenas palavras pretas e pronunciou acusações contra mim com uma voz sem emoção:

Representação da esposa de Bosson Edward Ivory, Minerva Lamp Ivory, peculato, fraude e roubo, e tutela ilegal de Flora Violet Ivory, filha de Bosson Edward Ivory III e Minerva Lamp Ivory.

Tive de usar todas as minhas forças para não parecer abalada. Eu de certa forma esperava por aquele dia, tinha imaginado muitas versões dele.

– Vocês estão aqui sem terem sido convidados, portanto devem sair – eu disse. – Se quiserem discutir qualquer coisa, podemos providenciar uma reunião nos escritórios de seus advogados.

Fiz um gesto na direção da porta, em seguida informei a Cabaça Mágica, em poucas palavras, o que estava acontecendo e disse para nos apressarmos para dentro de casa assim que Pequeno Carneiro trancasse os portões. Fiz menção de me retirar quando Tillman bloqueou minha passagem e ordenou, em inglês, que eu largasse a criança. Cabaça Mágica se agigantou, como se ela pudesse se esticar até a altura do homem.

– Foda-se, seu cão – disse em chinês.

Pequena Flora, também em chinês, disse para Cabaça Mágica que aquelas palavras eram feias. Cabaça Mágica apontou para as três pessoas e explicou:

– Eles são pessoas más e você deve dizer a eles para saírem daqui.

Flora virou-se para os intrusos e repetiu as palavras chinesas de Cabaça Mágica. As duas mulheres se assustaram. Flora voltou-se, colocou os braços em volta do meu pescoço e resmungou algumas queixas sobre o calor do sol. Sussurrei que, assim que aquelas pessoas fossem embora, nós poderíamos ir até a sorveteria.

Flora olhou para eles e ordenou em inglês:

– Vão embora.

Mais uma vez, as mulheres ficaram atordoadas. A pequena Flora tinha os poderes de um duende. A mulher mais velha cutucou a mais jovem.

– Flora – Minerva chamou fracamente, e deu um passo em nossa direção. Flora olhou-a com desconfiança.

– Não se atreva a chegar perto de minha filha – eu disse. – Você a está assustando.

– Nós temos uma prova de que você não é a mãe dessa criança – o advogado disse em tom lacônico, e exibiu dois pedaços de papel. – Esta é a certidão de nascimento de Minerva Lamp Ivory.

Ele me entregou a folha e eu a deixei cair no chão.

– E esta é Minerva Lamp Ivory.

O homem fez um gesto em direção a Minerva e, em seguida, pegou o papel do chão.

A mulher mais velha interrompeu:

– Você vai encontrar meu nome gravado naquela certidão como mãe de Minerva.

Mildred Racine Lamp. – Ela sorriu e acrescentou para mim: – Não há dúvida de que eu sou sua mãe.

– Fico feliz em ouvir isso, senhora Lamp. – Recebi a reação que eu esperava.

O senhor Tillman pegou outro pedaço de papel.

– Esta é a certidão de nascimento de Flora Violet Ivory.

Recusei-me a olhar para ele.

– O pai é Bosson Edward Ivory III. O nome gravado da mãe é Minerva Lamp Ivory. Acho que a senhora já viu esse documento antes. Nós o recebemos do consulado americano.

Falei diretamente com Minerva. Ela era a mais fraca do trio.

– Estão dizendo que você deu à luz minha filha em Nova York? Que ela se derramou de dentro do seu ventre? Qual milagre religioso explicaria isso?

Minerva começou a balbuciar algo quando sua mãe a cortou e disse que o advogado falaria por ela.

– Estamos nos referindo ao registro legal, não à biologia – defendeu-se Tillman. – A senhora contesta que os nomes nos documentos não estão corretos? Se assim for, essa declaração terá de ser defendida perante o tribunal americano em Xangai.

– A única declaração aqui é que vocês estão roubando minha filha.

Vi que a senhora Lamp usava uma correntinha com uma pequena cruz de prata.

– Isso é um pecado condenado por Deus.

– Quem é você para nos acusar de cometer pecado? – retrucou a senhora Lamp. – Você roubou o nome de Minerva para roubar o dinheiro de Edward. Minerva Ivory é o nome que está no passaporte de Edward, na certidão de nascimento e na conta bancária. Minerva Ivory, esposa de Bosson Edward Ivory III. Temos a certidão de casamento. Você era só a amante mestiça. Uma mulher que o atraiu para se tornar sua concubina. Essa é a palavra que se usa aqui, não é?

– Um relacionamento informal – Tillman adicionou –, não confere direitos legais sobre o dinheiro. Todos os direitos pertencem à pessoa citada nos registros.

Rebati com voz entrecortada:

– Edward escreveu uma carta. Foi escrita à mão e afirma que seu último desejo é que o dinheiro seja transferido para sua filha, Flora Ivory, e pede que a mãe de Flora seja a signatária. Eu sou a mãe desta criança. Você não pode mudar isso por meio de um abracadabra legal.

Eu me senti de volta ao chão, confiante.

– Nós examinamos a carta no escritório da Massey e Massey. O senhor Douglas nos apresentou o documento quando isso se tornou um caso de fraude, no qual ele foi envolvido sem saber. A carta não cita qualquer nome, exceto o de Flora.

– Você viveu muito bem com o dinheiro de Edward e Minerva – acusou a senhora Lamp.
– Uma grande mansão – ela passou a mão por uma arcada. – Com criados, e com um automóvel caro que pertencia a Edward Ivory, agora propriedade de sua viúva, Minerva Ivory, a verdadeira.

– Esta casa pertence a meu pai, Lu Shing.

– Nunca ouvi falar de nenhum Lu Shing.

– Você deve conhecê-lo como Shing Lu, seu nome invertido.

Tillman deu um leve aceno para a senhora Lamp e Minerva.

– É praxe chinesa colocar o nome da família antes do primeiro nome – explicou, e elas pareceram decepcionadas.

Enfim, eu tinha ganhado algum terreno.

– Ele me garantiu o usufruto da casa durante o tempo que eu desejasse – continuei. – E eu também herdarei a propriedade. Tenho isso por escrito.

A carta, onde estava mesmo? Edward disse que guardaria as duas cartas de Lu Shing onde ninguém mais as encontraria. Onde?

– Filhas chinesas de concubinas não estão na linha de sucessão de bens imóveis neste país – confrontou Tillman. – Os homens são os herdeiros legais.

– Nós temos tanto um direito legal quanto uma obrigação moral – animou-se a senhora Lamp. – Flora merece ser criada com dignidade, respeito, legitimidade e ter uma educação decente, e não a fornecida por uma prostituta. Se a ama de verdade, como pode ser tão egoísta de querer que ela fique com você?

Tillman cortou.

– Devemos terminar com outros assuntos em primeiro lugar.

Ele fez um sinal com a mão. Devia haver outras questões relacionadas e era preciso seguir o roteiro de armadilhas legais.

– Se existe uma carta assinada pelo senhor Lu Shing, ela procede. Ele reconhece a senhora como filha, legal ou ilegítima? Não encontramos nenhum registro de seu nascimento nem no consulado americano nem nos vários escritórios de registros chineses. É difícil fazer reivindicações legais quando não se tem qualquer prova de que você sequer existe.

A senhora Lamp riu.

Fiquei furiosa. Eu tinha uma certidão de nascimento, a minha mãe disse que ela fora roubada. O registro estava no nome de alguém com que ela havia se casado quando eu nasci, um nome que soava como “Tanner”. Tinha sido difícil de entender quando eu o escutei, escondida no boulevard. E a carta de Lu Shing... eu lutava para me lembrar de seu teor exato. Minha prova estava fragmentada na memória.

– Outro ponto que o tribunal levará em consideração: Edward Ivory tinha um forte relacionamento anterior com o senhor Lu Shing, que era conhecido da família Ivory há mais de vinte anos. Chegou até a morar com eles, como seu protegido. Trocavam cartas de amizade. O senhor Lu Shing ofereceu ao filho do senhor Ivory, Edward, um lugar para viver em Xangai por causa dessa amizade. Há cartas que atestam bem o fato.

– Pergunte, então, diretamente ao senhor Lu Shing – repliquei. – Fale com ele. Tenho o número de telefone do escritório da empresa dele.

Passei a depender do remorso de Lu Shing para salvar o dia.

– Nós fizemos contato com o escritório da empresa – disse Tillman.

– O senhor Lu Shing já não possui o negócio, que foi tomado por uma companhia japonesa há dois meses. Ele faliu e deixou o país. Sua última comunicação com seu ex-gerente foi feita dos Estados Unidos.

– Diga logo que sabemos o que ela fazia para viver – falou a senhora Lamp ao advogado.

– Nós descobrimos seu envolvimento nessa profissão de cortesã. Isso não é ilegal no Assentamento Internacional, como sabe. Não podemos acusá-la disso. No entanto, gostaríamos de trazer à baila sua idoneidade moral, bem como o ambiente em que Flora seria forçada a viver se a senhora insistir em mantê-la a seu lado.

Cabaça Mágica gritava para eu chamar a polícia e chutar aquelas bundas estrangeiras para fora de casa.

– Seja razoável, senhorita Minturn – continuou Tillman. Ele nem sequer sabia meu nome. – A família do Ivory fez uma oferta generosa: retira todas as acusações e dispensa o reembolso de dinheiro retirado da conta bancária ao longo desse tempo todo se você abrir mão da guarda de Flora hoje. Em breve, você não terá casa nem dinheiro. Não tem como se defender legalmente dessas acusações: seria derrotada no tribunal e acabaria presa por roubo. E Flora seria dada para a família Ivory. Se tentar fugir com ela, será perseguida pelo sequestro de uma criança que legalmente pertence aos Ivory. Os agentes da polícia já estão aqui, do lado de fora do portão. No entanto, se abrir mão dela agora, você vai fazer o melhor pela criança, que vai ter uma vida cheia de privilégios nos Estados Unidos. Ela vai ter legitimidade e a chance de uma vida adequada, com uma família decente.

Cabaça Mágica seguia balbuciando que devíamos chutar os intrusos para fora. Ela não sabia ainda da devastação que pairava sobre mim e Flora.

– Eu posso acolher em meu coração que o que você diz é o melhor para ela. Mas me pergunto: como posso deixar minha filha aos cuidados de pessoas que Edward desprezava? Ele veio parar na China porque queria fugir de você. De você, Minerva, que enganou Edward se dizendo grávida só para ganhar o dinheiro e o prestígio da família Ivory. Sua mãe a instruiu a fingir um aborto espontâneo. Vocês duas trapacearam e manipularam e mentiram para forçar Edward a fazer o que ele considerava certo. Ele quis apenas ser bom e agir de maneira honrada. Quando você contou toda a trama a ele, foi como se estivesse caçoando de sua bondade. Você o repugnava em todos os sentidos. No entanto, nunca parou de tramar para tê-lo de volta. Mas ele jamais tocaria em você.

O senhor Tillman olhou para as duas mulheres. Minerva estava em choque. A senhora Lamp, por sua vez, falou em tom apressado de quem teme a verdade:

– São mentiras, não vamos ouvir mais isso. Minerva, não dê ouvidos. Pegue Flora, para que possamos sair.

Mas Minerva congelara, e seu lábio inferior tremia.

– Você sabe que o que estou dizendo é verdade. Ele abandonou você e os pais dele porque estava farto de seu egoísmo, de suas manipulações. Você quer roubar Flora de mim, e isso só comprova que você é mesmo tudo o que ele mais odiava. Os documentos e certidões com seus nomes e dados odiosos estão com você. Mas são só palavras, e todo o resto é falso. Edward nunca iria permitir que sua filha convivesse com as mesmas pessoas a quem ele detestava e abandonou. Ele e eu geramos essa criança com amor. Você quer cobri-

la com sua teia e tecer ainda mais mentiras ao redor, até sufocar a alma de Flora. Não vou dá-la a você. Pode me trancar na prisão. Mas nunca a darei a você de bom grado.

Eu não conseguia mais olhar para eles, sabendo que em breve me tomariam Flora. Abracei minha filha mais apertado, sentindo o peso dela. Ela escondeu o rosto em meu ombro. Então, eu corri. Cabaça Mágica saiu comigo. Ouvi a senhora Lamp gritar. Tillman disse:

– Deixe. Os policiais vão buscá-las.

A pequena Flora choramingou:

– Estou com medo.

Respondi com voz entrecortada:

– Não tenha medo. Não tenha medo.

Precipitei-me na em direção ao portão dos fundos e ouvi gritos ordenando o envio de policiais para aquele lado. Eu sabia que a fuga era impossível. Para onde eu iria? Onde poderia me esconder? Mas estava determinada a lutar por ela enquanto pudesse.

Alcansei o portão e o atravessei em disparada. Dois policiais *sikh* me agarraram pelos ombros e Flora gritou enquanto suas mãos escorregavam para longe do meu pescoço, enquanto seu corpo era erguido por braços alheios. Seus olhos estavam fixos nos meus.

O policial que a levou afastou-se bruscamente e um outro homem me segurava. Eu não podia mais ver seu rosto. Mas a ouvia soluçar:

– Não! Me solta! Mama! Mama!

Eu chamava:

– Flora! Flora! – e segui gritando seu nome por muito tempo depois que ela se foi.

Não sei quanto tempo permaneci ali antes de permitir que Cabaça Mágica me levasse embora. Eu estava confusa e eu só conseguia pensar que deveria esperar. Ela me fez entrar em casa e fomos para o quarto da pequena Flora. Tive uma esperança louca de que Pequeno Carneiro a tivesse resgatado e estaria ali, para recolocá-la em meus braços. O quarto estava silencioso e sufocante sem ela. Cabaça Mágica entrou, respirando com dificuldade. Pequeno Carneiro disse que viu a senhora Lamp e Minerva entrarem em um automóvel preto que arrancou pela Nanking Road. Um policial estava vigiando o carro de Edward, de modo que os criados correram a pé atrás do automóvel preto até perdê-lo de vista. Cabaça Mágica mordeu os lábios e chorou enquanto caminhava pelo quarto. Ela encontrou uma pulseira de prata que tinha dado a Flora quando ela nasceu, para simbolicamente estreitar seus laços com a terra natal.

– Eu deveria tê-la feito usar isto.

Há alguns instantes, a cabeça de Flora estava pousada em meu colo e eu acariciava o cabelo dela. Em nenhum momento a senhora Lamp e Minerva olharam para ela com ar maternal. Para elas, Flora não passava de um documento legal. Eu tinha sido ingênua ao não ter percebido o perigo. Ela era a filha de Edward, sua única filha. E Edward tinha sido filho único da família Ivory, seu amado filho, que não podia cometer erros. Flora era agora a filha legítima de Edward e Minerva, e herdeira das posses da família Ivory, as quais Minerva iria ajudar a dilapidar. A pequena Flora tinha lugar na árvore genealógica dos Ivory, e sua falsa mãe também.

Fui até o quarto de Edward e fechei a porta. Eu me revoltava com as leis americanas, com o deus surdo, com a cegueira do destino e a crueldade dos seres humanos. Pedi a

Edward para me dizer que aqueles monstros não estragariam Flora. Eu andava pelo quarto rogando a Edward, como se ele fosse o próprio Deus onisciente, que pudesse fazer promessas e baixar decretos. Não deixe Flora perder sua curiosidade. Não deixe que Minerva obscureça sua mente. Faça a senhora Lamp cair morta. Traga Flora de volta para mim agora. Deixe-me encontrá-la. Diga-me como.

Passei a mão sobre as cerdas macias de um pincel de barba que outrora tocava diariamente a mandíbula de Edward. Eu costumava observá-lo nesses momentos. Como ele pode ter ido embora enquanto seu pincel de barba permanecia? Peguei o relógio de bolso de ouro de Edward, com sua pesada corrente. Encontrei abotoaduras guardadas no bolso de um colete. Ele era ao mesmo tempo meticuloso e negligente.

Fiquei imaginando qual das minhas manias Flora herdaria se tivesse permanecido comigo. Através de qual caleidoscópio ela veria o mundo? Teria ela herdado a consciência de Edward, sua humildade e seu humor, suas expressões mais amplas e profundas de amor? Eu me remoía de vontade de saber quem ela seria daqui a dez anos. Deixe-a que continue curiosa, que tenha um temperamento forte. Se pudesse dar qualquer coisa que ela mantivesse para sempre, seria a capacidade de reconhecer que é amada, para ter também a capacidade de amar.

Coloquei sua foto ao lado da de Edward e examinei o rosto dela. E então vi que ela estava usando a medalha em forma de coração que Edward e eu tínhamos comprado assim que ela nasceu. Dentro dela havia pequenos retratos, um meu e outro de Edward. Eu selei a medalha para que, quando Flora o usasse, nossos três corações ficassem sempre juntos, inseparáveis. Flora amava essa joia, e gritava se alguém tentasse tirá-la. Ela certamente gritaria muito com sua falsa mãe.

Beije o rosto de Edward na fotografia e agradei seu amor por mim e pela pequena Flora. Beije o rosto de Flora na fotografia e agradei por ela ter me mostrado o quão profunda e livremente eu era capaz de amar. Recitei para ela as palavras de Whitman que Edward adorava citar, como o lema que lhe permitiu deixar sua família para encontrar a si mesmo:

– Resista muito, obedeça pouco.

RECEBEMOS UMA NOTIFICAÇÃO de despejo alguns dias depois. Sem dúvida, encaminhava-se o plano completo da família Ivory de me arrancar daqui como uma erva daninha. Um representante da Ivory Shipping Company confiscou o carro de Edward. Alguém da empresa japonesa fez uma lista de todos os pertences da casa. Quando tentaram reivindicar as pinturas de Lu Shing que Cabaça Mágica tinha preservado, ela apontou para a dedicatória no verso de cada tela, indicando que eram presentes dados para minha mãe.

Providenciei novos empregos para a babá, Pequeno Carneiro e Luminoso com a ajuda de uma gentil mulher do clube americano, que os recomendou como criados para famílias recém-chegadas de São Francisco. Cabaça Mágica e eu reunimos tudo o que tínhamos de valor: minhas joias, os vestidos, as esculturas e tudo o mais, e os listamos por ordem do que deveria ser vendido primeiro. Não quis que os pertences de Edward e Flora entrassem na lista. Eu não teria coragem de vendê-los, mas tampouco os deixaria para trás, para serem vendidos por outra pessoa.

– Quando chegar a hora – disse Cabaça Mágica –, vou encontrar um uso para eles e você

nem vai saber.

O pertence de Edward que eu mais queria manter comigo era o diário de capa de couro, com suas palavras, seus pensamentos, sua visão do mundo e de si mesmo. Eu o procurava desde que Edward tinha morrido. Precisava encontrá-lo agora, a qualquer custo. Cabaça Mágica e eu vasculhamos armários e olhamos debaixo das camas, a de casal e aquela sobre a qual ele morreu. Espiamos atrás dos móveis e até mesmo atrás do pesado guarda-roupa. Inspecionamos todos os livros da biblioteca e apalpamos as prateleiras por trás dos volumes. As capas de couro marrom eram quase indistinguíveis entre aqueles milhares de livros. Nosso insucesso me deixou abatida. Eu já tinha separado as canetas de Edward, os lápis, o mata-borrão, o belo volume de couro verde de *Folhas de Relva* que ele me dera como pedido de desculpas logo depois de nos conhecermos. Mais acima, havia um exemplar bem gasto do mesmo título, que ele comprara para si mesmo. Alcancei-o. Ele tinha escondido aquele livro. Abri o volume e comecei a chorar ao ver o que havia ali dentro. As páginas originais haviam sido removidas e, em seu lugar, estava o diário secreto de Edward. Ali estava ele diante de mim: suas palavras, seus pensamentos, suas emoções. Folheei as páginas não com tristeza, mas alegre ao recordar os momentos que ele havia lido aquelas palavras para mim. Ali estava a história de seus atos heroicos que terminavam com ele e seu rosto na lama. Ele tinha ficado contente ao me fazer rir. Li uma outra passagem, mais adiante. Não a reconheci, e fiquei com medo de que havia alguma razão para que ele a tivesse ocultado de mim. Talvez fosse uma confissão de que ele sentia algo diferente em relação a mim.

Violet dirigia devagar. Era sua primeira vez atrás do volante e ela mantinha os olhos fixos na estrada enquanto eu apreciava a paisagem. Passamos por aldeias onde vi os rostos sombrios de lavradores que jamais tinham visto nada tão rápido quanto um carro. Nós transpirávamos vitalidade e alegria. Mas então percebi as paredes caiadas das casas, como se as cores da vida tivessem sido escaldadas pela morte. Observei um cortejo de carpideiras vestidas de branco, caminhando até uma colina. A doença se espalhava como negra pestilência no campo. Pedi para Violeta dirigir mais rápido, para sentir o vento da vida que vem com a velocidade. Eu queria passar ao largo da tristeza no dia em que estava com quem eu amava.

Ele me amava, então. Só tinha sido cuidadoso, para esconder de mim sua tristeza. Virei as páginas e vi apenas o borrão de lágrimas. Na parte de trás, encontrei duas cartas presas entre as páginas. Eram de Lu Shing. Edward prometera guardá-las onde ninguém poderia encontrar até que eu me sentisse pronta para ler seu conteúdo. Abri uma delas, endereçada simplesmente com "Violet". O texto me oferecia a mansão. Também dizia que se fosse necessário alterar seu testamento, isso exigiria que eu permitisse que ele fosse reconhecido como meu pai. Ele pedia minha permissão para fazê-lo. Eu nunca tinha respondido. A segunda carta era a que eu me recusara a ler:

Minha querida Violet,

Há muitos anos quero dizer estas palavras. Tenho vergonha de elas terem demorado tanto para chegar até você. Eu lhe darei algumas respostas como uma confissão, e não como uma explicação, pois não há desculpas para o meu abandono da sua felicidade e

segurança.

Desde o dia em que nasceu, eu a amei, mas de forma inadequada. Eu amava sua mãe, mas de forma inadequada. Por falta de caráter e coragem, eu não me ergui contra a minha família. Eu me rendi às exigências alheias para realizar meus deveres de primogênito. Quando sua mãe deu à luz ao nosso filho, minha família o tomou: ele era o filho primogênito da geração seguinte. Sua mãe não sabia onde encontrá-lo e eu não podia dizer a ela. Se o fizesse, minha família ameaçava que eu nunca mais poria os olhos no meu filho.

Quando meu pai morreu, em 1912, finalmente consegui contar a sua mãe que o menino estava em São Francisco. Ela nada sabia sobre o mal que a aguardava. Por meio de uma série de ardis, ela embarcou no navio. Por meio de outros ardis, mais tarde ela foi convencida de que você estava morta.

Agora eu confesso o grande mal que causei a você. Cinco anos atrás, eu estava na festa organizada pelo meu amigo Loyalty Fang quando você contou sua primeira história. Só então eu soube que você estava viva. Fiquei horrorizado pelo fato de minhas ações a levarem para aquela vida. Mas, então, vi como você estava apaixonada por Loyalty, e também ouvi vários homens comentarem que nunca tinham visto Loyalty tão apaixonado e que não seria surpresa se ele se tornasse seu patrono, ou mesmo seu marido. Como eu poderia afastá-la dessa oportunidade? Aquele era o mundo interno, que você conhecia. Se eu aparecesse para levá-la para o mundo externo, declarando que era minha filha, você teria me evitado. Eu realmente acreditava que você encontraria a felicidade com Loyalty.

Adotei essa crença como vergonhosa razão para, mais uma vez, fugir de minha responsabilidade. Eu nunca disse a ninguém que era seu pai antes de sair de Xangai.

Alguns anos se passaram antes que eu voltasse para cá. Como sabe, a família Ivory pediu que eu hospedasse seu filho, Edward, que não conhecia ninguém na cidade nem sabia falar chinês. Apresentei-o a Loyalty, que sabia um pouco de inglês. Loyalty lhe apresentou a Edward, e o resto você sabe. Sou grato além das palavras por você ter encontrado a felicidade que sempre mereceu. No entanto, também sei que sua felicidade não me absolve de meus defeitos morais.

Eu não tenho visto ou falado com sua mãe desde nosso encontro em Xangai. Ela não me encontrou em São Francisco, como o planejado. Depois de eu ter escrito suas numerosas cartas, ela finalmente me enviou uma única resposta. Disse que não tinha vontade de me ver nem a nosso filho. Disse que tinha apenas uma filha, e que sofria por ela todos os dias. Você. Se quiser entrar em contato com ela, prometo que farei o meu melhor. Mas nada vou dizer caso você não queira abrir portas que julgava permanentemente fechadas. Espero que esta carta tenha fornecido as respostas de que precisava. Temo, porém, que ela também possa despertar algum tumulto.

Por favor, deixe-me saber de seus desejos. Estou pronto a servir como seu pai e seu devedor.

*Seu,
Lu Shing*

A carta era um pálido resumo de sua própria agonia espiritual. Além de suas alegações de que não merecia perdão, ele também havia desistido do final feliz. Como é que iria servir

como meu devedor se não havia qualquer meio para alcançá-lo? A única surpresa foi a menção que minha mãe não tinha encontrado seu filho. Ela me deixou a troco de nada. Lu Shing tinha fornecido respostas para as perguntas que me atormentaram ao longo dos anos. Mas, para além dos fatos, eu conhecia agora a natureza de duas pessoas a quem passara anos odiando. Eles eram apenas fracos, egoístas e negligentes. Eu queria afastá-los da minha mente. Minha dor não deixava espaço para eles. E agora eu tinha que determinar rapidamente qual seria meu próximo passo. Pela primeira vez desde meus catorze anos, eu poderia escolher. Era hora de avaliar minhas habilidades e combiná-las para aproveitar as chances. Eu era mais inteligente do que a maioria. Eu era perseverante.

Mas, como logo aprendi, essas qualidades não podiam fazer o mundo girar em sentido diferente. Procurei emprego como professora de inglês em uma escola para tradutores chineses. Os alunos eram homens, de modo que não podiam contratar uma mulher. Eu me ofereci como governanta, mas já havia circulado pelo clube americano que eu tinha sido cortesã e viúva ilegítima. As senhoras americanas ficaram horrorizadas com a ideia de ter uma prostituta educando seus filhos. Busquei uma vaga em escolas dirigidas por canadenses e australianos, na esperança de que não estivessem a par dos relatos acerca de meu passado. Se estavam, disfarçaram bem, alegando que não contratavam professores sem experiência.

Minha única opção era voltar ao mundo das cortesãs. Mas agora eu me sentia como aos catorze anos. Não queria me contaminar, oferecendo-me aos homens. Eu me sentiria traindo Edward. Mesmo se voltasse, poderia sobreviver do ofício por apenas mais alguns anos. E depois? Fiquei arrasada ao perceber que eu realmente não tinha escolha. Tive de aceitar a derrota.

Cabaça Mágica sugeriu que abrissemos uma pequena casa de cortesãs. Poderíamos chamá-la de casa de chá privada, para nos diferenciar das casas de ópio. Ela imaginava um local refinado, capaz de atrair homens com boas maneiras e dispostos a cortejar as flores, mesmo que não por tanto tempo quanto numa casa de primeira classe. De qualquer forma, tínhamos ouvido que mesmo em casas de primeira classe o tempo de cortejos e galanteios tinha sido drasticamente abreviado. Poderíamos ter quatro ambientes, uma para ela, como madame, uma para mim, como artista e cortesã, e outros dois quartos para duas cortesãs a serem recrutadas. Escutei o plano com atenção, mas respondi que era prematuro pensar nisso. Ela me disse para descansar. E saiu em busca de um local adequado para alugar. Ela se inteirou do valor das taxas a serem pagas para a Gangue Verde a título de proteção, bem como os impostos vigentes no Assentamento Internacional. Computados até o custo para mobiliar uma casa de chá refinada. Pedimos para o senhor Gao fazer uma cotação do preço de nossas joias. E descobrimos, por fim, que nossos recursos poderiam pagar uma xícara, e não uma casa de chá.

Cabaça Mágica teve outra ideia:

- Loyalty Fang prometeu ajuda caso você estivesse em apuros. Você pode recorrer a ele.
- Isso foi há sete anos – eu lembrei. – Provavelmente ele não vai se lembrar do que disse e, se lembrar, não saberá para qual garota fez a promessa.
- Ele lhe deu um grande anel para provar que sua promessa era verdadeira.
- Ele deu anéis para muitas cortesãs como prova de alguma coisa que era verdadeira naquele momento. Você mesma me disse: conforme o tempo passa, o anel deixa de ser uma

promessa para se tornar uma lembrança.

– Você se lembra quando eu perguntei se devíamos manter o anel ou vendê-lo com qualquer outra joia indesejada? Eu vi o seu olhar. Você hesitou por tempo demais antes de me dizer para vendê-lo. Então, eu não vendi.

– Então você deve vendê-lo agora.

– É o orgulho que a impede de pedir ajuda a ele. Você não precisa pedir dinheiro. Peça apenas para nos ajudar a obter uma posição em uma casa de primeira classe. Isso é tudo. Ele precisaria de apenas de dois minutos ao telefone, derramando bajulação para cima de alguma madame.

Eu nunca tinha agradecido a Loyalty por ter me apresentado Edward. Não havia nada a agradecer no início. Ele é quem teve de se desculpar pelo comportamento inicial inadequado de Edward. Ocorreu-me mais tarde que eu deveria ter sido amigável com Loyalty e sua esposa, que talvez devesse tê-los convidado para jantar, mas então percebi que não daria certo, pois aquilo me lembraria meu passado. Disse isso a Edward, e ele me entendeu. De sua parte, Loyalty talvez tivesse gostado de lembrar não só do meu passado, mas também do período em que fui apaixonada por ele. Loyalty me conhecia íntima, sexual e emocionalmente. Sabia das minhas fraquezas, sabia como me fazer sucumbir. Eu nunca o tinha amado profundamente, como amei Edward. Mas se eu o visse, e ele fizesse aquela expressão que outrora me fez acreditar que o amava, eu ficaria pálida ou teria lembranças de certas noites eróticas. Ele me conhecia muito bem. Cabaça Mágica estava certa. Era meu orgulho. Seria estúpido não pedir ajuda a ele apenas porque não queria lembrar meu passado. O pior que podia fazer era deixar de lembrar de sua promessa. Eu me sentiria humilhada, e pronto. Eu não podia me dar ao luxo de ter orgulho.

Quando finalmente telefonei para Loyalty, desculpei-me rapidamente pelos anos que se passaram sem qualquer agradecimento a ele. Fui honesta e confessei que era a tentativa de deixar o passado para trás. Contei-lhe sobre a morte de Edward.

– Quando soube, senti uma grande tristeza por você. De verdade. Imaginei sua dor.

Então, falei a ele sobre o sequestro da pequena Flora. Ele gemeu.

– Eu não sabia, não tenho palavras para expressar o quanto estou triste. Só posso dizer que, se isso tivesse acontecido com meu filho, eu encontraria o responsável e arrancaria seus membros. Ainda bem que você ainda tem Cabaça Mágica para lhe fazer companhia. Ela tem sido uma boa amiga por todos esses anos.

– Como uma mãe – eu disse.

– A propósito, você ainda tem aquele gato que tentou comer meu braço?

– Você me perguntou isso sete anos atrás. Carlota morreu.

Um pequeno nó de velha tristeza subiu na minha garganta.

– Faz tanto tempo assim?

– Tanto tempo que talvez você tenha se esquecido de algo que me disse na época. E se esqueceu, eu não vou lembrá-lo...

Ele caiu em si.

– Eu já adivinhava a razão pela qual você me procurou – disse ele.

Achei que ele disse isso em tom de crítica.

– Sei que você teve de passar por cima do orgulho e de velhas feridas para me telefonar.

– Você não é obrigado a me ajudar. Foi há muitos anos.

– Ah, Violet, você ainda resiste à bondade. Mas eu gostaria, sim, de ajudar, se eu puder. Fale livremente.

– Preciso voltar ao meu antigo emprego. Eu não sei se a Casa de Escarlata me aceitaria de volta. Estou com quase vinte e cinco anos, e não há como ser jovem novamente, não importa o quanto você louve meu nome para a madame. O luto e a preocupação me fizeram mais mal do que a passagem dos anos. Mas diante de sua palavra, creio que a madame pelo menos me consideraria. Sou realista. Agradeço muito qualquer coisa que puder fazer por mim sem ter de mentir, pelo menos não muito.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, e eu tinha certeza que estava preparando uma resposta diplomática para explicar que não poderia me socorrer.

– Deixe-me pensar mais sobre o que posso fazer. Pode vir ao meu escritório amanhã?

Imaginei que quisesse conferir os estragos que o tempo havia me causado, para avaliar se podia me indicar para alguma casa de cortesãs. No dia seguinte, ele mandou seu motorista me levar até o escritório. Fiquei surpresa com a modéstia e a bagunça do lugar, que tinha uma mesa, duas cadeiras duras, um pequeno sofá, poltrona e mesinhas baixas.

Ele beijou minha mão rapidamente.

– Violet, sempre fico feliz ao ver você. – E me lançou seu famoso olhar, por longo tempo. – Você está linda como nunca.

– Obrigado. E você continua galante como sempre.

Dei-lhe um sorriso amistoso, simpático, mas sem flerte. Vi que ele já avaliava minha aparência de forma mais crítica.

Ele sentou-se, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. Fez uma pose de superioridade de homem de negócios.

– Pensei muito sobre o que posso fazer. Eis minha proposta. Vou falar com Escarlata, ela agora é a dona da casa. Direi que você decidiu voltar e vai escolher uma casa em breve. Então, confessarei que estou ansioso para ser um de seus pretendentes e, uma vez que a Casa de Escarlata é a minha favorita, eu espero que ela faça o que puder para convencê-la a voltar.

– Isso é muito generoso. – Eu estava tentando decifrar o que ele realmente queria.

– Em qualquer negociação comercial, é melhor fazer a outra parte achar que está se beneficiando mais do que você. Nunca denigra a si mesma, Violet. Você é linda e sabe compreender os homens, ser gentil com suas falhas. Sei que deve estar hesitante, dado os seus sentimentos por Edward. Minha proposta real é que você me dê aulas de inglês em seu quarto. Falo sério. Eu deveria ter melhorado meu inglês anos atrás. Meu negócio exige. Estou tendo de confiar em intérpretes, mas não sei se dizem o que eu pretendo. Proponho que eu a visite duas ou três vezes por semana em seu quarto. Preciso que seja uma professora rigorosa e me faça praticar. Sem desculpas. Vou pagar pelas aulas, e será um valor igual ao que um pretendente pode lhe dar. Se eu não praticar duro o suficiente, você pode me multar. Naturalmente, como não sou um pretendente de verdade, vou continuar a cortejar outras mulheres em outras casas, é claro. Isso a deixa livre para voltar a receber pretendentes quando estiver readaptada à vida na casa. Temos de ter claro que isso é um acordo. Não há nenhuma outra intenção oculta.

Quero apenas ajudá-la como um velho amigo. E quero aprender inglês bem o bastante para não ter de usar o dicionário que me faça confundir uma casa de cortesãs com um

bordel de prostitutas de dez dólares.

LOYALTY FOI UM mau aluno e me pagou muitas multas. Depois de duas semanas, reativamos nossos velhos hábitos e nos reencontramos na minha cama. Eu me sentiria desconfortável com qualquer outro, mas com ele estava familiarizada. Depois de mais quatro semanas, voltamos a discutir todas as noites sobre os mesmos equívocos entre o que era dito e o que havia sido feito. Ele arranjava desculpas quando não podia me ver em algumas ocasiões. Eu sabia que estava visitando outra cortesã.

– Se você soubesse antes – disse ele, exasperado –, teria ficado com raiva de mim mais cedo. Fazendo do meu jeito, você ficou feliz comigo por duas semanas a mais.

– Eu não me importo de você visitar as outras. Só não me insulte com desonestidade.

– Não sou obrigado a lher dizer tudo.

Nos velhos tempos de minha paixão, ele me causara sérios estragos emocionais. Agora suas travessuras só me enraiveciam. Eu não estava apaixonada por ele, mas seu egoísmo me cansava. Meu coração desejava apenas Edward e Flora. Eu os queria de volta. O sentimento que tinha por Loyalty era o de uma virgem de quinze anos que cresceu acreditando que se casaria com seu primeiro homem. Eu ficava feliz por estar livre dessa ilusão.

– Nós nunca vamos entender um ao outro – eu disse. Não estava nem zangada nem triste. Falei isso apenas como se estivesse recitando uma lição que havia acabado de aprender. – Devemos admitir que você nunca vai mudar, nem eu. Um faz o outro infeliz. É hora de parar.

– Concordo. Talvez daqui a um mês nós dois consigamos ser mais razoáveis...

– Nós nunca seremos razoáveis. Nós somos o que somos. Quero terminar. Não vou mudar de ideia.

– Você é muito importante para mim, Violet. Você é a única que me conhece. Eu nem sempre sei fazer você feliz. Mas, entre uma briga e outra, você fica feliz. Você me disse que sim. Vamos tentar ter mais felicidade e menos brigas...

– Eu não posso continuar assim. Meu coração está cansado.

– Você nunca mais quer me ver?

– Vou vê-lo como meu aluno e você pode me ver como sua professora de inglês.

A calma desceu sobre mim. Não senti nenhuma animosidade para com Loyalty. Por muitos anos, eu esperara por uma prova de amor dele. Nem a mais infinita paciência me traria isso, uma vez que eu não sabia o que era amor, só conhecia o descontentamento de não tê-lo. Agora eu sabia, e percebi que nunca encontraria o amor duradouro com Loyalty. Seu grande amor durou apenas o tempo em que estive a seu lado. Eu queria um amor mais profundo, uma relação na qual um sente que nunca saberá o suficiente do outro, sobre seus corações, suas mentes e suas formas de ver o mundo. Finalmente, entendi que isso era uma vitória sobre mim mesma.

Capítulo 9

Anos de areia movediça

Xangai
Março de 1925
Violet

Loyalty foi a uma grande festa na Casa de Lin, em comemoração aos quinze anos de idade da cortesã virgem Céu de Rubi, cuja defloração, a se realizar em breve, ele havia comprado por um preço ainda mais alto do que havia pagado pela minha. Tal como na festa em que o conheci, ele havia convidado sete amigos, mas não havia na casa um número compatível de cortesãs. Como de costume, ele pediu a minha presença e, como de costume, avalei a oportunidade de negócio.

Ao longo dos últimos anos, eu trabalhara duro para melhorar minhas habilidades de citarista e de cantora de músicas ocidentais. Loyalty propagandeava meus talentos musicais entre seus amigos, incentivando-os a solicitar meus serviços nas festas que promoviam. Na verdade, meus dotes eram apenas razoáveis. Apesar da divulgação feita por Loyalty, minha mesa nunca ficou com pilhas de convites. Entre os clientes mais jovens, quem ia preferir a tradicional execução de cítara quando se podia contar com a praticidade da vitrola? A maioria ansiava pelo moderno, Xangai respirava modernidade. Como vantagem diferencial, acrescentei o canto de músicas no melódico estilo ocidental, usando a cítara apenas para fazer a harmonia. Um convidado que havia visitado os Estados Unidos disse que o resultado soava como se eu estivesse tocando banjo, um instrumento norte-americano, de modo que mais tarde passei a me anunciar como uma cantora de banjo “muito procurada para festas de atmosfera alegre”.

A madame da Casa de Lin havia trabalhado no Caminho Oculto de Jade: eu a conheci com o nome de Nuvem Revolta. Ela cumprimentou-me com vivo entusiasmo.

– Estou muito agradecida por você não ter outros compromissos para hoje à noite – exclamou antes da chegada dos outros. – Eu devia convidar você com mais frequência. Nossas meninas estão ocupadas todas as noites.

O comentário não deixava de ser ofensivo, ao insinuar que eu não tinha pretendentes regulares. Cabaça Mágica sugeriu que Nuvem Revolta sempre considerasse me chamar quando fosse o caso de dar um toque animado a uma festa. Entrei na sala de jantar e vi Loyalty com sua nova favorita. Ele olhava para ela com a mesma expressão terna que me encantou quando fui sua virgem e acreditei em sua declaração de que nenhuma outra garota

lhe despertara tantas emoções novas e surpreendentes.

Loyalty veio até nós e cumprimentou Cabaça Mágica e a mim com cortesia britânica: um beijo na mão e uma ligeira mesura. Eu elogiei a beleza da nova flor a quem ele homenageava. Ela me lançou um olhar desconfiado. Cabaça Mágica havia se queixado antes de problemas de estômago, mas ainda assim insistiu em vir porque tinha o pressentimento de que eu faria uma nova conquista.

No meio da festa, Loyalty implorou-me para entreter a todos. Comecei minha apresentação com duas canções sentimentais chinesas, seguidas por músicas ao estilo banjo: “Always”, “Tea for Two” e “Swanee River”. Esta última era meu melhor número, por causa de um trocadilho que descobri: *suh-wan-nee*, em chinês, significa “pensar em agarrar você”, enquanto aquele *fa fa e wei* quer dizer, na primeira vez em que é cantado, “mostrar a você a beleza da nuvens ascendentes”, e na segunda vez, “mostrar a você minha fome pelo seu fogo furioso”. A canção sempre encerrava a festa com uma atmosfera de excitação, generosas gorjetas e, ocasionalmente, um novo pretendente para mim.

Loyalty pôs-se de pé num salto.

– Obrigado, Maestro! – agradeceu, utilizando o termo tradicionalmente reservado às famosas cortesãs cantoras do Salão das Contadoras de Histórias. – Você nos faz delirar, você levanta nossos espíritos. Devemos demonstrar nossa aprovação.

Ergueu um brinde para mim e me passou um envelope com dinheiro, praticamente obrigando os outros convidados a fazer o mesmo. Então, Loyalty ergueu outro brinde. Mais palmas compulsórias e urros de admiração se seguiram.

Um homem que ocupava a ponta da mesa oposta ao lugar de Loyalty se mostrava especialmente efusivo.

– Nunca ouvi tal combinação de notas delicadas e fortes serem ressuscitadas da cítara, do jeito como seus dedos fizeram esta noite. Ainda mais você sendo estrangeira!

Mais uma vez, aquela velha menção ao fato de ser estrangeira.

– Apenas metade – expliquei, em tom de desculpa. – Mas ainda assim tento impressionar.

– Não tive a intenção de sugerir que seu talento está relacionado a questões de raça. Só quis dizer que era um benefício adicional você saber cantar também em inglês. Na verdade, nunca ouvi um desempenho ao banjo tão deslumbrante.

Era o elogio banal de sempre. Eu duvidava que ele nunca tivesse ouvido outra cortesã tocando aquele tipo de música, mas respondi com a modéstia ritual.

– Eu não tenho tanta habilidade, mas fico feliz que tenha gostado, de qualquer forma.

– Minha admiração é genuína. Não estou buscando o favor de ser convidado para sua alcova. Falo porque respeito e conheço as artes.

Ele parecia ter trinta anos, mas trazia a expressão séria de um rapazola inseguro ao visitar uma casa de cortesãs pela primeira vez. E os rapazolas só querem conhecer as artes da cama. As baboseiras ditas por aquele homem eram um truque que eu conhecia há anos. Ele se apresentou como Perpetual, da família Sheng, da província de An-hwei. Era primo em segundo grau de Mansion, um dos amigos de Loyalty.

Embora fosse de An-hwei, ele falava sem sotaque, o que significava que tinha boa instrução. Quanto à aparência, comparado com Loyalty, não era nada desprezível, embora também não fosse o primeiro homem a atrair o olhar de quem entrasse naquela sala com

perspectivas românticas. Conforme continuou a me elogiar, passei a considerá-lo um pouco mais atraente e agradável, mas num nível normal: não tinha características que me repugnassem. Ele não tinha os ombros estreitos e ossudos nem a compleição ampla dos mongóis. Os olhos não eram furtivos como os de um avarento. As narinas não eram grandes como as de um fanfarrão. Os lábios não eram grossos e insinuantes. Ele não tinha a dentição incompleta de um homem cuja higiene negligenciada provavelmente se estendia para partes menos visíveis do corpo. Não tinha as características grosseiras de alguém de moral duvidosa. Não tinha sobrancelhas desiguais, como as de um sífilítico. Seu cabelo, abundante, mas não tão grosso a ponto de sugerir que tivesse sangue tribal, estava aparado com esmero e alisado para trás com brilhantina sedosa. Por tudo o que ele não era, e pelo pouco que parecia não ser, eu o achei um pouco atraente.

Não havia como determinar se era um homem próspero. Ele veio como convidado de Mansion. Suas roupas estavam limpas, porém um pouco amassadas, mas esse era um problema dos ternos de linho ocidentais, feitos para clima quente. Suas unhas se mostravam bem aparadas. Não havia a característica unha comprida no dedo mínimo, que os viciados em ópio usavam com ferramenta para escavar o resíduo grudento do cachimbo e a cera dos ouvidos. Ele tornou a falar com voz grave:

– Seus dedos delicados dançam como fadas e tornam a música ainda mais fascinante.

Aquilo já era demais.

– Você pertence a uma das sociedades literárias de Xangai?

– Está tentando descobrir se sou digno de sua companhia?

Ele sorriu, mas apenas com a boca, não com os olhos. Mantive a calma e esperei pacientemente por sua resposta.

– Eu não prezo essas sociedades de intelectuais que têm todos a mesma opinião – revelou ele. – Sou um pintor e poeta que prefere a solidão. Como vê, tenho um estado de espírito que não é bem visto em público. Essa personalidade confere às minhas pinturas uma atmosfera melancólica, pouco popular entre a maioria dos colecionadores.

– A maioria dos colecionadores pensa que popularidade é um estilo – eu disse.

– Qualquer um pode ter estilo original – ele respondeu. – E, no entanto, ninguém realmente é original. Somos influenciados por aqueles que vieram antes de nós, começando pelos pintores que há milhares de anos imitavam a natureza.

Que camponês pretensioso!

– Por que os eruditos sempre se desculpam pela ignorância? – perguntei.

– Você insiste em querer saber se venho de uma família erudita... Ah, agora posso dizer que irritei você.

– Nem um pouco – eu disse suavemente. – Nós, cortesãs, gostamos de brincadeiras lúdicas. É disso que você gosta e eu fico feliz em entretê-lo.

Voltei-me para Cabaça Mágica, que estava de pé um pouco atrás de mim.

– Está quente. Preciso do meu leque.

Se mais tarde eu colocasse o leque no colo, era o sinal combinado para Cabaça Mágica me chamar de lado para informar que alguém enviara uma mensagem e que precisávamos partir com urgência. Ela sempre mantinha um bilhete falso em seu bolso para dar verossimilhança à encenação. Eu tinha certeza agora que Perpetual não era um cliente promissor. Ainda que possuísse algum dinheiro, eu teria de me esforçar demais para tomá-

lo. Já fazia duas horas que eu participava da festa, e parecia improvável que outro candidato de maior interesse monetário viesse me abordar.

Voltei-me para Perpetual.

– Está pronto para confessar? Tem um navio carregado de ouro?

– Confesso. De fato, sou de uma família de eruditos... e sou um perdulário.

– Você já esbanjou toda sua fortuna? Não sobrou nem um pouco para mim?

– Não foi dinheiro o que desperdicei. Foi minha educação. Passei há cinco anos pelos exames de terceiro nível, quando tinha vinte e seis anos, e até agora não tenho nada para mostrar a minha família.

– Vinte e seis anos! Não conheço nenhum homem com menos de trinta que tenha passado por esse nível, e isso inclui os trapaceiros.

– Desde o momento em que saí do ventre de minha mãe, comecei a estudar para passar nos exames de nível nacional. Quando ainda mamava no peito, meu pai estabeleceu o plano para a minha vida, o típico planejamento dos velhos tempos da dinastia Qing: ocupar um alto cargo público em um pequeno distrito, obedecer estritamente às normas e, ao final de dois anos da nomeação, conseguir transferência para postos mais elevados em cidades e províncias mais importantes. Foi o que meu pai fez.

– E o que aconteceu depois que você desmamou?

– Eu me destaquei nas seis artes. E era péssimo em assuntos como receita pública e impostos. Eu me recusava a usar minha mente a serviço de um sistema que roubava os pobres para enriquecer os ricos.

– Que são assuntos pouco excitantes, eu concordo. – Pousei o leque no colo. Logo eu estaria livre desse homem maçante.

– O sistema Qing era injusto. Mas e quanto ao novo sistema? Bem, agora são só mãos diferentes roubando o dinheiro.

Que idiota ele era. Os homens naquela sala podiam se sentir caluniados com tais comentários.

Mansion gritou de seu lugar:

– Ei, primo, já está atormentando a moça com sua ladainha revolucionária de sempre? Vamos esquecer as injustiças esta noite. Você pode consertar o mundo amanhã.

Perpetual manteve os olhos em mim.

– Minha crítica ao sistema antigo me deixou desempregado. Como muitos desocupados, eu me denominei pintor e poeta. E agora você tem sua resposta. Sou pobre demais para ser seu pretendente. Não estaria aqui se meu primo não tivesse me convidado.

– Não sou tão mercenária como você julga – retruquei, recorrendo a uma fala já tantas vezes repetida por mim. – Recite um poema para compensar meu tempo.

– *Escute agora mesmo o chamado do vendedor de rua pela janela, ele louva as virtudes da sopa de arroz fermentado.* – Esse é um dos meus poemas.

– Sua humildade é insondável. Não vou lhe deixar em paz até que recite um poema para mim. Basta escolher um que não tenha nada a ver com burocratas ou sopa de arroz fermentado.

Ele fez uma pausa e disse:

– Eis um poema adequado para você. – E fixou seus olhos nos meus.

Foi um tempo infinito antes de nos conhecermos, mas ainda maior desde que ela se

foi.

*Um vento vem do leste, soprando uma centena de flores em voo,
E os bichos-da-seda da primavera começam a tecer, tecem até perecer.
Em seu espelho da manhã, ela vê seu halo de cabelo mudar de cor,
E, no entanto, ela zomba do frio do luar com sua canção noturna.
E na noite alta as velas choram sob suas mechas.
Não é longe, não é tão longe a sua Montanha Encantada.
Pássaros azuis, ouçam com cuidado o que ela diz e tragam suas palavras para mim.*

Fiquei aturdida, quase às lágrimas. Ele tocou a tristeza em relação a minha separação de Flora. Perdemos uma à outra, o tempo passou, e ela estava viva em outro lugar. Aquele homem tinha me despertado do cansaço de uma rotina sem sentido.

– É magnífico – exclamei. – De verdade. Não estou sendo educada. É vívido, mas sem exagero, e tão natural que parece escrito sem esforço. Não há nada forçado, nenhum efeito de estilo. Tratam-se apenas de emoções verdadeiras. Eu sinto o vento, vejo a vela. O poema me lembra os escritos de Li Shangyn. É tão bom quanto os dele.

Cabaça Mágica veio naquele momento me contar sobre a minha simulada mensagem urgente. Saímos do alcance dos ouvidos dele.

– Vou ficar. Ele é interessante, o poema que recitou é surpreendentemente comovente. Quero recitá-lo esta noite. Pode aumentar o interesse em mim.

– Ele é promissor?

– Tem o bolso raso de um erudito do século passado. Mas pode me entreter.

– Meu estômago ainda me incomoda, vou voltar para casa.

Voltei para o lado de Perpetual, e suas sobranceiras se ergueram.

– O que foi? Está bolando alguma desculpa educada para me abandonar?

– Não, quero ouvir mais poemas.

– Eu não me atreveria. Seu ouvido é bom demais. Você gostou do primeiro, mas talvez me diga que os outros soam como lixo descartado por trupes de menestréis. Eu sofreria muito com seu mau juízo a meu respeito.

– Crítica, a morte por meio da opinião alheia.

– Só algumas poucas pessoas já ouviram meus poemas. Em sua maioria, parentes que opinam com a mesma propriedade com que se queixam dos furúnculos e do mau tempo: “Ai, é triste demais, vai acabar logo?”. Minha esposa foi minha melhor crítica. Tinha opiniões fortes e viu o bom e o ruim no que eu escrevia. Podíamos falar livremente sobre tudo porque tínhamos visões de mundo semelhantes. O nome dela era Azure, como o azul do céu em que ela habita. – Ele silenciou-se e virou a cabeça para o outro lado. – Morreu de tifo, há cinco anos. – Permaneceu quieto, e eu não me senti à vontade para interrompê-lo. – Peço desculpas – disse ele, por fim. – Eu não deveria chateá-la com minha tristeza. Você nem me conhece.

– Não são muitos que compreendem o que é a perda de um amor profundo – disse eu. – Meu marido morreu há seis anos, e minha filha foi roubada de mim há três. Edward e Flora.

– Eles eram estrangeiros?

– Edward era americano. Flora nasceu em Xangai.

– Notei algo diferente em você, como se parte de sua alma estivesse ausente. Seus olhos veem, mas pararam de olhar. A dor.

Tal entendimento era incomum em um homem.

– No meu caso – ele continuou, – a dor não diminuiu ao longo do tempo. Renovava-se a cada manhã quando acordava e descobria que minha esposa não estava ao meu lado. Era como se eu descobrisse, a cada vez, que ela estava morta. Eu subia o morro até seu túmulo todos os dias para me lembrar que ela se foi. Recitei meus poemas para a lápide, lembrando que os tinha lido para ela quando ainda respirava ao meu lado, na cama.

– Eu falo com meu marido, também. Sinto consolo ao fazer isso, mas quando ele não responde, sinto-me arrasada.

– Pensei muitas vezes em me matar para reencontrar minha esposa. Só meu filho pequeno me mantém ligado à vida. Meu primo praticamente me obrigou a vir aqui. “Venha ver mulheres bonitas em vez de sepulturas”, ele disse. E agora você sabe, eu não tenho vontade de buscar prazeres de qualquer espécie, mesmo que pudesse me dar ao luxo. Mas esta noite você acordou uma parte amortecida de meu espírito. Você fala abertamente sobre as coisas. Era a natureza dela, também.

– A sua dor deu profundidade ao poema. Ele me despertou. Você me autoriza a recitá-lo hoje à noite para nossos clientes?

– Gentil de sua parte pedir isso. Mas acho que os outros não querem essa intrusão.

– Haverá uma pausa na festa agora, e é meu papel trazer algum entretenimento. Será que vou ser a primeira cortesã a recitar esse poema em público?

– Minha esposa, em seu túmulo, foi a única que o escutou.

Fui até Loyalty e perguntei se ele gostaria de me ouvir recitar o poema de Perpetual como parte da festa. Conforme o lia, senti uma profunda saudade de Edward e Flora. Imaginei a pequena Flora esperando por mim. Perpetual ficou surpreso com a forma como capturei a intenção de seus versos.

Naquela noite, recebi elogios, dinheiro e presentes como há muito tempo não acontecia. Fui imediatamente convidada para inúmeras festas a serem realizadas na semana seguinte. Conforme os pedidos se acumulavam, tive de dizer a meus anfitriões que poderia participar apenas por um breve período de tempo, devido ao volume de compromissos agendados. Eu tinha voltado para os dias em que os homens me cobiçavam e me enchiam de agrados, disputando minha simpatia. Três homens me perseguiram com especial interesse, em busca de meus favores.

No final da segunda semana, um desses pretendentes saiu do páreo. Uma semana mais tarde, o furor que eu tinha momentaneamente despertado se dissipou à medida que uma dúzia de cortesãs passou a recitar o poema de Perpetual. Revivi o terror de não ter mais clientes, nem mesmo os ocasionais. E para aqueles que se apresentavam, passei a admitir cortejos mais breves, de poucos dias, e não mais semanas. Um homem tinha muitas opções além de ficar esperando ser escolhido por uma cortesã. Podia se encontrar, de graça, com universitárias modernas, que não se envergonhavam do escândalo. Elas ainda levavam, presos a suas calcinhas, saquinhos de ervas para evitar a gravidez, que eram enfiados vagina adentro no momento oportuno. Na primeira vez que levei para o quarto um homem que havia conhecido na mesma noite, Cabaça Mágica me repreendeu, dizendo que eu não estava me comportando melhor do que uma prostituta de casa de ópio. Tinha razão: dois homens me abordaram já na noite seguinte, dizendo-se amigos daquele que encontrara tamanha facilidade na véspera.

– Viu só? – ralhou Cabaça Mágica. – Você está atraindo avarentos como fruta podre chamando moscas. Não há maneira mais rápida de arruinar uma reputação.

Pelo menos continuei a receber pedidos para participar de festas, o mais recente deles de Mansion, o primo de Perpetual. Ele queria homenagear dois homens importantes que privavam da intimidade do presidente da República. Disseram-me que eles apreciavam especialmente as canções americanas.

– Será que seu primo Perpetual estará lá? – perguntei a Mansion. – Quero agradecer mais uma vez por seu poema, que causou tanta repercussão. Eu também esperava que ele me deixasse recitar outro de seus poemas.

– Vou convidá-lo quando o encontrar. Ele vem e vai o tempo todo. Acho que tem algum tipo de negócio fora de Xangai. Ou talvez esteja ocupado com uma cortesã em outra casa. Ele é muito reservado.

Um negócio. Talvez ele não seja tão pobre como se faz passar. E eu sabia que não era verdade que estava com alguma cortesã de outra casa. Pobre homem.

ALGUMAS NOITES DEPOIS, Perpetual reapareceu como convidado de Mansion em uma pequena reunião de amigos movida a bebida e jogo. Cabaça Mágica correu e me disse para extrair outro poema dele.

– Você acha que eu sou estúpida a ponto de já não ter pensado nisso? Cumprimentei Perpetual com alegria genuína. Depois de minha apresentação, sentei-me ao lado dele.

– Estou feliz por Mansion tê-lo obrigado a sair de casa.

– Eu certamente não precisava de muita persuasão. Sua música elevou meu espírito naquela noite e eu gostei muito de nossa conversa.

Mansion e seus amigos começaram a jogar, mas Perpetual preferiu se abster. Disse que não gostava de jogos de azar. Apenas assistimos a algumas rodadas. Mas então eu vi seu rosto tornar-se sombrio. Ele se virou e me fitou com os olhos nublados.

– Tem sido difícil para mim desde que a vi. Fiquei grato por poder falar abertamente sobre minha esposa, mas a conversa reavivou uma tristeza quase insuportável. Desesperado para aliviar minha dor, vaguei pelas ruas por horas até acabar numa casa de ópio. Estava escuro lá dentro, e a sombra de uma mulher me conduziu a um divã. Ouvi as vozes de outros homens e mulheres. Traguei duas vezes o cachimbo, a dor diminuiu e eu entrei num céu de fumaça azul. Toda a alegria que eu já havia experimentado na vida voltou para mim de uma vez só. Não creio que tenha sentido maior felicidade, até que senti uma mão no meu braço. Azure estava sentada ao meu lado. Juro, foi tão vívido quanto vê-la aqui. Beije seu rosto e o acariciei, para certificar-me de que era real. Ela me garantiu que sim. Deitou-se no divã, suas roupas sumiram e se revelou seu corpo pálido e belo, ondulado de ânsia por mim. Mais uma vez estávamos unidos em mente, coração, corpo e espírito. Ela deu os mesmos gritos de prazer de sempre, acompanhados pelos repiques de guizos atados a seus tornozelos. Nós rodamos sem peso pelo ar. Subimos para as alturas, mais alto do que jamais tínhamos alcançado, e depois de cada pico recomeçávamos a subir. Toda vez que eu a penetrava... – ele parou de falar. – Perdão. O que é precioso para mim deve soar obsceno para você.

– Nada me choca – eu o tranquilizei. Considerei secretamente a possibilidade de também recorrer ao ópio para trazer Edward de volta, ainda que como ilusão viva.

– A alegria não durou tempo suficiente – contou ele. – A fumaça azul enfim se desvaneceu e a realidade emergiu muito mais dura do que antes. Num momento eu estava deitado com minha esposa. No momento seguinte, eu estava fitando os olhos de um vampiro: a menina não tinha mais de vinte anos, idade de minha esposa quando ela se foi. Outros homens a teriam achado bonita, mas eu fiquei revoltado com a troca de minha esposa por aquela cabeça oca que falava com um bebê choramingando. Procurei minhas roupas, queria sair dali o mais rápido possível. Então eu senti uma mão firme nas minhas partes íntimas. Repugnado, quis pedir para me largar, mas então minha revolta aumentou ainda mais porque senti meu pênis endurecendo ao toque de sua mão. Sou um homem normal e havia cinco anos que não tocava uma mulher. A garota deitou-se no divã, ergueu o vestido e abriu as pernas. Eu não pude repelir o desejo. Eu me precipitei sobre ela... e então o que eu fiz... – O peito de Perpetual arfava, como se ele se segurasse para não chorar. Baixou o olhar. – Fiz uma coisa revoltante, que me deixa doente só de pensar nisso. – Ele balançou a cabeça.

Esperei que continuasse. Mas ele se levantou.

– Não posso falar sobre isso. – Olhou ao redor. – Se alguém me ouvir, vai pensar que sou um lunático. Acho que submeti você a coisas demais a respeito da minha vida miserável. Você foi extraordinariamente gentil por ouvir.

– Não há necessidade de se desculpar. Verdade. É necessário purgar o pior que a dor traz. Talvez você possa fazê-lo escrevendo mais poemas.

– É uma necessidade. Muito do que essa tagarelice sentimental. Da próxima vez que meu primo me convidar, vou trazer alguma coisa escrita. Então você poderá dar boas risadas. Não vou falar mais dessas lembranças autoindulgentes e sombrias.

– Você não precisa esperar até que ele convide você – eu disse, pensando rapidamente. – Volte amanhã, no final da tarde. Posso ouvir seus poemas na privacidade da minha sala de estar enquanto tomamos chá.

Assim que ele saiu, Cabaça Mágica veio correndo.

– Ele lhe deu algum poema?

– Amanhã à tarde. Ele vem para o chá.

– Se ele der um poema, você vai recebê-lo em sua cama?

– O quê? E fazê-lo pensar que sou uma prostituta?

ELE CHEGOU NO dia seguinte trajando roupas chinesas. Fiquei um pouco surpresa. Só alguns poucos clientes, mais velhos, ainda não tinham aderido à moda ocidental. Aquilo denotava sua origem provinciana, em An-hwei. Como se adivinhasse meus pensamentos, ele comentou que “roupas ocidentais não se comparam com as vestes longas chinesas em termos de conforto. Olhe para mim. Não estou mais parecido com um poeta agora?”. Estava mesmo. Também o achei mais bonito, talvez porque se mostrasse relaxado.

Convidei-o a sentar-se na poltrona. Ocupei o sofá em seguida, esperando por um momento oportuno para pedir um poema. Esperei que ele me falasse sobre os novos problemas enfrentados em Xangai. Esperei que recontasse as injustiças impingidas aos trabalhadores e camponeses. Tentei demonstrar interesse, mas comecei a ficar impaciente. Pedi que Cabaça Mágica trouxesse vinho em vez de chá. Finalmente, a conversa se voltou para sua tristeza e seu tormento. Seu discurso se arrastava.

– Ontem eu hesitei em lhe contar o que aconteceu na casa de ópio porque tive medo que pensasse que eu tivesse enlouquecido. Sei que posso falar francamente com você. Vou dizer o que aconteceu, mas, por favor, seja honesta e me diga se acha que perdi a cabeça ou apenas me tornei um homem mau.

Dei-lhe meu olhar mais encorajador e jurei honestidade.

– Eu já contei sobre minha esposa e a menina. Como dizia, a garota estava deitada de costas, comigo em cima dela, cobrindo-a apenas para satisfazer minha necessidade instintiva. Ela sorria. De repente, não conseguia mais suportar ver seu rosto. Pedi para ela se virar e fechar os olhos. Então, senti nossos corpos se movendo como se fossem um só. Mandei que ela parasse de se mexer, apenas continuasse deitada. Também ordenei que não fizesse barulho. Fechei meus olhos e imaginei que aquele corpo era o cadáver de minha esposa. Comecei a chorar de alegria e vergonha, porque eu me juntara a minha amada de novo, mas agora ela estava morta. Eu a esmagava mais e mais, como se pudesse preenchê-la com vida. Mas ela continuava imóvel como um cadáver, o que me encheu de angústia, até que parei. Pedi que a garota me passasse o cachimbo. Logo eu estava no céu de fumaça azul, com a ilusão de minha esposa totalmente viva. Que alegria eu senti quando escorreguei entre as dobras macias e familiares de sua câmara secreta. Fiz amor com aquele corpo ilusoriamente vivo. Horas mais tarde, recobrei meus sentidos, vi a prostituta e mais uma vez mandei que assumisse o papel de cadáver da minha esposa. Fiquei lá três dias. Não conseguia parar porque a felicidade aumentava o tormento, e o tormento aumentava a necessidade de alívio... Você acha isso repulsivo?

– Nem um pouco – menti.

Suas fantasias eram revoltantes. No entanto, era admirável que um homem sofresse tanto por sua esposa, a ponto de recorrer a expedientes tão horríveis para diminuir sua saudade. A esposa morta deveria estar lisonjeada.

Ele apertou minhas mãos em sinal de gratidão.

– Eu sabia que você entenderia. Você me disse que já imaginou seu marido enquanto era penetrada por outro homem.

Na verdade, eu não havia dito nada daquilo, e achei sua frase um tanto bruta com aquele “penetrada”. Eu só imaginava Edward quando estava sozinha, revivendo nossos momentos de silêncio e lembrando as coisas que ele dizia.

Perpetual olhou o quarto a sua volta e me cumprimentou pela decoração de bom gosto.

– Quando você imagina seu marido – disse ele –, visualiza apenas o rosto?

– O que mais me lembro é do som de sua voz – eu disse –, e de determinadas conversas que tivemos. Também rememoro seus diferentes sorrisos, o de satisfação, o de alívio, o de surpresa, ou a maneira como ele olhou para nossa filha quando ela nasceu.

– Expressões! Interessante. E os cheiros, o odor do corpo dele e de sua respiração?

– Não é o que retorna para mim inconscientemente. Com esforço, agora, consigo lembrar um pouco disso.

– Eu me lembro de tudo, especialmente o cheiro do sexo, de nós dois juntos. É a minha natureza de poeta lembrar e imaginar o proibido. A infelicidade é a fonte dos meus poemas.

Eis a minha chance, finalmente.

– Você sabia que seu último poema desencadeou uma enxurrada de convites para eu recitá-lo novamente em outras casas?

– Mansion me disse. Fico contente. Procurei entre as centenas que eu escrevi, tentando decidir o que mais você poderia gostar.

Centenas. Minha carreira estava salva.

– Escolhi um de meus poemas mais recentes, parte de uma coleção que eu chamo de Cidade de Dois Milhões de Vidas. Seja franca ao dar sua opinião sobre ele. Estou sempre trabalhando para melhorar meus versos. Ele limpou a garganta.

*O poder rico avança como um rio inundado, e lava a jusante a honra dos homens.
Sobre as ondas do mar, os estrangeiros desembarcam
e corroem a costa de nossa pátria.
Seus hinos se tornam nossos cantos fúnebres
por antepassados que se afogaram em sua maré crescente.
Eles fazem nossos heróis jazerem em suas camas
e então proclamam: “Xangai é nossa escrava bastarda!”.*

Eu emudeci. Não tinha nada a ver com aquele belo primeiro poema. Aquilo parecia um discurso feito para os estudantes da Nanking Road. Abaixo o imperialismo! Pelo fim dos tratados dos portos! Levem de volta as concessões!

– É muito poderoso – consegui dizer –, inspirador... excelente comentário sobre os problemas que nossa Xangai enfrenta.

– Você pode recitá-lo quando quiser – disse ele, orgulhoso. – Hoje à noite, inclusive. Meu primo me convidou para vir a uma festa, e eu já lhe adiantei que tinha um novo poema.

Tive de ser sincera.

– Só que esse não é o poema mais indicado para os nossos clientes ouvirem. Não percebe que eles são as pessoas que seu poema denuncia?

– Onde eu estava com a cabeça? É verdade. Vou pensar em outra coisa mais adequada. O que você teria em mente?

– Talvez um poema sobre o amor melancólico – sugeri – como o último, que falava da dolorosa suspensão entre o que se tem e o que se deseja. Juventude é outro bom tema. Nossos convidados podem gostar de lembrar seus primeiros amores.

Na semana seguinte, Perpetual me deu um novo poema, que ele afirmou ser sobre o amor melancólico.

*Pela janela de meu estúdio,
Vejo peônias ainda desfraldadas.
Vejo o caminho, a ponte por cruzar.
Como anseio ouvir seus passos
E tocar seus pezinhos uma vez mais!
Como anseio abraçar seu corpo
e observar seu robe se desfraldar!
Mas, ai de mim, minha respiração se condensa na janela
e nubla toda a memória, exceto a do dia
em que ela cruzou a ponte para o mundo dos mortos.*

Pelo menos não tinha nada a ver com a corrupção da sociedade. Cabaça Mágica sugeriu

que eu suprimisse as palavras *para o mundo dos mortos*, de modo a sugerir que a dama do poema estaria atrasada, e não morta. Contra meu próprio julgamento, eu recitei o poema, naquela noite, da forma como foi escrito. Um manto de silêncio caiu sobre a sala. Apenas um homem o aprovou. Ele tinha acabado de perder sua concubina favorita, que se suicidara.

Menti ao relatar que o poema fora bem recebido, para manter Perpetual estimulado. Ele me trouxe outro, ainda mais melancólico.

*As folhas já se esvoaçaram, como fez meu coração.
Os ramos nus estão agora carregados de neve.
E os bichos-da-seda tecelões se foram,
Mas seu robe de seda permanece ao lado da banheira vazia.
Sob o luar frio, não mais dourado,
Mas alvo como o cadáver dela em sua nova cama de laje.*

Fiquei horrorizada. O cadáver de sua esposa, mais uma vez. Fiz efusivos elogios, observando quão belamente ele contrastou as folhas esvoaçantes e os ramos cheios de neve, quão dolorosa era a imagem da brancura dos bichos-da-seda, da neve e, por fim, do cadáver.

Cabaça Mágica e eu debatemos a conveniência de declamar o poema. Por fim, concordamos que era tão ruim que só iria inspirar risos e prejudicar minha carreira. Eu mentiria mais uma vez para ele, dizendo que o poema tivera sucesso.

Apesar de desapontada, Cabaça Mágica não entregara os pontos.

– Se ele tem centenas de poemas, como diz, talvez possa lhe mostrar todos para que você mesma escolha o que preferir. Poetas são cegos para o que é bom ou ruim em seus versos. Você já o conhece há mais de um mês. Deveria ter sido capaz de extrair alguns bons poemas dele sobre a ânsia do amor, o amor melancólico, o amor realizado, qualquer coisa que não seja o amor trágico. Acho que a melhor maneira de fazer isso é levá-lo para a cama. Ele precisa de uma nova inspiração para pôr no lugar do tema cansativo da esposa morta.

– TEMO QUE MINHA mente esteja murchando – eu disse a Perpetual alguns dias depois, quando ele voltou para Xangai depois de um período que entendi como uma viagem de negócios. – Você estaria disposto a me dar aulas de caligrafia? Talvez eu pudesse praticar copiando os seus poemas. Isso me daria disciplina e inspiração.

Como eu esperava, ele ficou lisonjeado e imediatamente concordou em ajudar. Eu já tinha comprado pincéis, tinta e uma pilha de papel de arroz. Ele tomou seu papel de professor a sério. Afirmou que eu tinha de preparar minha mente, preparar a tinta e preparar os traços de cada ideograma, observando o fluxo das pinceladas necessárias. Eu me preparei para seduzi-lo.

– Você não pode escrever o ideograma aos pedaços, isoladamente – ensinou ele, depois do meu primeiro esforço. – Tem de ser feito com ritmo e quietude. A mão não pode estar trêmula nem rígida.

Ele me mostrou como segurar o pincel perpendicularmente ao papel, e eu me inclinei de maneira provocativa. Ele colocou sua mão quente ao redor da minha e me guiou os

movimentos. De propósito, deixei meu braço duro e desajeitado, para forçá-lo a continuar atrás de mim para orientar minhas pinceladas. Eu rebojava meus quadris no ritmo de suas orientações e roçava sua coxa. A maioria dos homens teria se excitado, me convidando para terminar a lição imediatamente na cama. Perpetual, o viúvo fiel, apenas afastou-se.

O poema copiado foi aquela bombástica diatribe da coleção Cidade de Dois Milhões de Vidas. Xangai é nossa escrava bastarda! Perpetual havia defendido que o verdadeiro amor vinha da partilha das mais elevadas ideias, e aquele poema continha uma variedade bastante pesada delas. Mas eu tinha de mostrar interesse naquilo se fosse competir com uma mulher morta que já inspirara cinco anos de castidade.

– As pessoas devem querer viver por ideias mais elevadas: o altruísmo, o autossacrifício, a honra e a integridade. Não podem ceder e simplesmente dizer: “Oh, já que isso é impossível, vou ser ganancioso como todos os outros”.

– Mas os homens devem ser pragmáticos. Ideias não alimentam bocas nem criam progresso.

Isso o instigou a me explicar o que ele queria dizer. Parei de escutar depois de dez minutos, e ele prosseguiu por uma hora. Meus planos para seduzi-lo fracassavam. Ele estava animado, mas não da maneira que eu tinha planejado. Sugeri parar a aula e retomar nossas lições no dia seguinte.

– Esses encontros têm me feito bem. É bom falar em voz alta sobre essas ideias. Minha esposa e eu costumávamos fazer isso o tempo todo.

Mais tarde, admiti para Cabaça Mágica que qualquer inspiração que eu tivesse sobre seus poemas não seria suficiente para competir com a força de suas ideias elevadas compartilhadas com a esposa morta. Era inútil e dispendioso, dado o quanto ele gostava de lanches com chá. Quando Perpetual veio para a segunda aula, eu lhe disse que um novo pretendente passaria a me visitar no período da tarde. Deixei em aberto quando poderíamos retomar as aulas de caligrafia. Ele não conseguiu esconder a decepção.

– Você foi gentil demais ao ter passado tanto tempo comigo – disse, de uma maneira formal.

As tardes foram se passando, sem visitantes. Li um romance, depois outro. Pedia a um criado para comprar os jornais, um em chinês e um em inglês. Embora a conversa política de Perpetual me cansasse, agora eu me encontrava lendo as notícias a partir de seu ponto de vista, avesso ao progresso: mais navios, mais edifícios, mais cortes solenes de fita, mais apertos de mão entre magnatas que se tornavam cada vez mais ricos. Pensei na minha mãe dizendo para cada cliente: “é justamente você quem eu esperava ver”, o que servia como prelúdio para negociações entre poderosos. Ao ler os jornais, eu me perguntei qual visão era a melhor: a de Mamãe ou a de Perpetual? Qual estava mais a serviço das pessoas? Qual era a mais destrutiva para aqueles que ficavam à margem?

Quando Perpetual retornou duas semanas depois, fiquei realmente satisfeita ao vê-lo. Eu tinha me sentido solitária. Ele apressadamente disse que sabia que eu estava ocupada e só queria me dizer que eu o havia inspirado a escrever novos poemas. Poemas mais ao estilo do primeiro que ele me mostrara, na noite em que nos conhecemos.

– Poemas que se elevam a partir da força das emoções – disse ele. – Isso surgiu de nossa separação. Senti falta de sua companhia, em seguida ansiava por ela e, depois de um tempo, já sofria com a saudade. Foi aí que os poemas sobre melancolia jorraram sem parar.

Por essa razão, sou grato por ter ficado longe de você. Mas também devo confessar algo um tanto chocante. Tenho sido desonesto. Eu disse que o sofrimento por minha esposa bloqueou o desejo por outras mulheres. Logo depois que conheci você, não demorou para perceber como o cadáver de minha esposa havia sido uma ilusão aprisionante para mim. Você foi a responsável por isso. Assim, toda essa desonestidade vergonhosa, combinada com meu desejo por você, resultou nos poemas mais poderosos que escrevi em muitos anos. Ainda são muito pobres, eu sei, mas, se quiser, eu os ofereço a você como gratidão pela inspiração poética e pelo sentimento de amor que pensei que jamais experimentaria novamente. Esteja certa, não espero nada em troca. Permanecerei seu admirador, uma vez que sou pobre demais para almejar ser algo mais do que isso. A dor do amor sem reciprocidade resultará em poemas ainda mais poderosos no futuro.

De todos os homens tímidos que conheci, ele certamente revelava a forma mais estranha de dizer que me queria na cama. Imagine só: eu era mais desejada do que o cadáver de sua esposa! No entanto, eu estava ansiosa para ver os poemas que havia inspirado.

– Se eu lhe desse o que tanto deseja – provoquei –, você perderia sua inspiração?

Seu rosto contorceu-se em agonia de desejo.

– Os poemas seriam diferentes, mas não menos poderosos. Talvez até fossem melhores, dada a força do meu amor.

Silenciei enquanto pensava sobre essa perspectiva. Se o admitisse na minha cama, eu teria conversas para preencher minhas tardes solitárias. Além disso, receberia uma enxurrada de poemas para escolher. Já eram razões suficientes, no entanto havia mais uma. Eu também gostaria de suprir meu próprio desejo por amor... e não era por ele. Eu queria me sentir amada mais uma vez, e por alguém que ansiasse por mim.

– Gostaria de ver os poemas melancólicos que escreveu – eu decidi –, bem como os que você vai escrever daqui para frente.

Eu me deitei na cama e deixei os novos poemas começarem a nascer.

SEUS POEMAS SOBRE SEU desejo por mim não eram ruins, mas ainda não se mostravam bons o suficiente para ser declamados em público. Ao menos, não eram políticos. Ele me visitava três ou quatro tardes por semana. Depois de um mês sem poemas que tivessem justificado meu empenho, Cabaça Mágica disse que Perpetual talvez fosse um fiasco como poeta. Ela lamentou ter me aconselhado a seduzi-lo.

– Olhe quanto tempo perdido, e ele nem sequer pagou pelo chá e pelos lanches. Muito menos pelas tardes em que alegremente se esbaldou em sua cama.

Naturalmente, eu estava desapontada com a minha incapacidade de inspirar poemas melhores. Era uma questão de orgulho. Mas não senti aquelas tardes íntimas como perda de tempo. De um lado, minha caligrafia melhorara muito. Eu tinha o que ele chamava de “um estilo literário como o brilho de um relâmpago”. Também apreciava ser tratada como igual durante nossos debates sobre temas que pouco conhecia: antifeudalismo, realismo social, os trabalhadores rurais, e assim por diante. Os assuntos aborrecidos se tornaram excitantes, agora que eu conseguia argumentar ativamente. Também tive uma sensação de realização por ter quebrado o período de cinco anos de castidade, ajudando-o a enterrar de vez o cadáver de sua esposa. Como toda cortesã sabe, obter um casamento na condição de primeira esposa seria o melhor final de carreira possível. Casar com Perpetual, no entanto,

significaria viver em algum lugar na província de An-hwei, e eu não conseguia extrair dele se a casa de sua família ficava a oitenta ou a duzentos e quarenta quilômetros de distância de Xangai. Ele ainda mantinha segredo sobre suas finanças. Alegava ser pobre, mas Mansion dissera que tinha negócios em algum lugar. Obviamente, isso não envolvia o comércio exterior, mas pelo menos ele tinha meios de fazer dinheiro. Além disso, era desnecessário lembrar que qualquer família com dez gerações de eruditos teria acumulado certo grau de riqueza ao longo dos anos.

Se eu estivesse amando profunda e loucamente, qualquer distância de Xangai não teria a menor importância. Mas eu não o amava. Apenas tinha um sentimento por ele que era quase como o amor. Esse quase amor era bem diferente da paixão tempestuosa que eu tivera por Loyalty. Não era comparável ao que Edward e eu havíamos compartilhado. Era um tipo de amor baseado num crescente contentamento que poderia ser adorado pelo resto da vida. Não importava que o sexo com Perpetual não fosse tão emocionante. Ele era inexperiente, eu raciocinei, só tinha feito amor com uma mulher. Eu poderia ensiná-lo sem ele mesmo perceber. Eu não me importaria de ter noites de sexo menos satisfatório. Depois de anos de trabalho, a aposentadoria teria seus prazeres também, assim como as afrodisíacas palavras de *Dez Gerações de Eruditos de Sucesso*, que conjuraram em minha mente o poder confiante de dez gerações de homens importantes e respeitáveis.

PERPETUAL E EU estávamos envolvidos em outro de nossos debates de ideias elevadas quando ouvi o grito de nosso porteiro:

– Os bastardos atiraram nele!

Corremos para o pátio da frente, onde quase todos se aglomeravam.

– Ele está morto? – perguntou Escarlata.

– Ninguém sabe ao certo – disse um criado.

Um estrondo distante de vozes ficou mais alto. Cabaça Mágica nos disse que as pessoas estavam revoltadas, a ponto de explodir em violência, porque a polícia britânica tinha disparado contra uma multidão de estudantes reunidos em uma manifestação, diante da delegacia de Louza, pela libertação do líder do protesto antiestrangeiro. Nenhum de nós sabia quantos foram feridos ou mortos, só que nosso criado Pequeno Boi tinha saído para cumprir uma tarefa e até agora não havia voltado. Cinco minutos antes, um criado da casa do outro lado da rua disse a Velho Pinheiro que Pequeno Boi estava deitado na rua. Não se sabia se estava morto. Velho Pinheiro era tio de Pequeno Boi, e o havia criado desde pequeno. Ele gemia:

– Ele deve ter ido para a Nanking Road só para ver o tamanho da manifestação. Por que motivo mais ele iria lá? Malditos bastardos!

Abrimos o portão e olhamos para fora. Um fluxo de pessoas entoando refrãos corria. O barulho aumentava a cada segundo.

– Nós temos de encontrá-lo! – disse Velho Pinheiro, juntando-se à massa em movimento.

– Vou com ele – anunciou Perpetual.

Ele olhou para mim, como que pedindo para segui-lo. Era um momento que representava tudo o que tínhamos discutido: justiça, equidade, unidade para promover a mudança. Hesitei por talvez três segundos, e então peguei a mão dele.

– Não vá! – Cabaça Mágica gritou. – Garota estúpida. Quer cair deitada ao lado de

Pequeno Boi?

Perpetual e eu alcançamos uma área tão lotada que praticamente ninguém se movia. Acabamos encaixotados em meio a massa raivosa. Perpetual gritou:

– Deixe-nos passar! Meu irmão foi baleado!

Abrimos caminho aos empurrões.

Fui a primeira a ver Pequeno Boi caído de barriga para baixo. Eu o reconheci pela cicatriz na parte de trás de sua cabeça. Vimos Velho Pinheiro aproximar-se dele, cair de joelhos, virar a cabeça do sobrinho para ver seu rosto e, em seguida, soltar um lamento. Um gemido de dor coletivo ecoou. Então, o chão tremeu com uma explosão e, em um instante, fui arrastada pela debandada dos manifestantes. Senti uma mão nas minhas costas. Cabaça Mágica gritava:

– Não caia! Não caia!

Eu não podia nem me virar, pois tinha medo de fazer exatamente o que ela me pedia para evitar, o que me levaria a ser pisoteada pela multidão. Deixei-me ser levada pela massa. Em torno de mim estavam estudantes com braçadeiras, trabalhadores sem camisa, criados em jaquetas brancas, puxadores de riquixá e prostitutas. Eu poderia morrer com esses estranhos e senti a dormência da aceitação e o estranho desânimo de que meu cadáver seria encontrado com um vestido de que eu não gostava. Ocorreu-me, então, que havia perdido Perpetual de vista.

Ao longo das calçadas, os manifestantes atiravam pedras nas vitrines de lojas com ideogramas japoneses e as invadiam para saqueá-las. “Fora, japoneses.” “Abaixo os britânicos.” “Vamos expulsar os ianques.”

Quando me aproximei da Casa de Escarlate, fiquei aliviada ao ver Velho Pinheiro em pé perto do portão. Ele olhava para o alto, na direção de uma efígie em chamas com um cartaz que representava o comissário de polícia.

– Ensinaaram ao bastardo uma última lição que ele nunca vai aprender.

Sua visão vinha piorando ao longo dos anos. De uma distância de três metros, ele não conseguia distinguir entre um *sikh* de turbante branco e um missionário de cabelos grisalhos. Ele ficou desapontado quando lhe disse que o comissário não havia sido queimado e viveria para aprender mais algumas lições. Nós batemos no portão, e a voz assustada de Escarlate perguntou quem éramos antes de abrir a última tranca. Corremos para o grande salão de recepção. Minhas irmãs cortesãs agruparam-se em um canto. Eu estava prestes a lhes dar a triste notícia sobre Pequeno Boi quando uma pedra rompeu uma janela, e todo mundo correu para a parte de trás da casa. Ouvimos uma gritaria. Velho Pinheiro disse que os manifestantes acharam que nossa casa era a residência do diplomata britânico. Quase arreventaram o portão. Há dois dias, o diplomata tinha golpeado com a bengala um vendedor de panquecas que não lhe abria caminho, e uma multidão indignada o agrediu em represália, quebrando suas pernas. Quando se espalhou o rumor de que o vendedor de panquecas havia morrido, o furor popular irrompeu em loucura. E agora isso! Um boato de que o maldito diplomata vivia em nossa casa.

As meninas correram para seus quartos para tirar suas joias dos esconderijos, no caso de precisarem fugir. Para onde iriam? O que aconteceria se fossem pegas com essas bugigangas suadamente conquistadas? Eu fiquei tranquila porque minhas joias estavam num fundo falso que eu fizera debaixo da cama. Só Cabaça Mágica sabia a localização exata

dos estojos e quais painéis tinham de ser deslizados para chegar até eles. Só então percebi a ausência de Cabaça Mágica. Para mim, ela já tinha voltado para casa.

– Onde está a Cabaça Mágica? – gritei em voz alta enquanto corria pela sala. – Ela ainda não voltou? – Fui até Velho Pinheiro: – Você a viu?

Ele balançou a cabeça. Claro que não a tinha visto. Ele era quase cego!

– Abra o portão! Eu tenho de sair para encontrá-la.

Ele se recusou. Era muito perigoso.

– Saiam daqui! – ouvi Cabaça Mágica gritando do outro lado do portão. – Vocês estão cegos ou são estúpidos? Não conseguem ver a placa? É só ler: Casa de Escarlata. Todo mundo aqui é da roça e ninguém sabe ler? Você aí, que parece estudante. Você conhece este lugar ou ainda está mamando o leite da mãe? Esta é uma casa de cortesãs de primeira classe. Onde está escrito que é a casa do diplomata britânico? Mostre! – Nós ouvimos batidas no portão. – Velho Pinheiro, deixe-me entrar agora.

Quando ele abriu, apenas alguns jovens acanhados estavam do lado de fora e esticaram o pescoço para espiar o interior.

O rosto angustiado do Perpetual apareceu de repente. Ele me agarrou e me abraçou tão forte que pensei que ia quebrar minhas costelas.

– Você está segura! Eu estava prestes a me matar, certo de que tinha morrido. – Ele me soltou. Seu rosto ficou confuso. – Você não estava preocupada comigo? – perguntou.

– É claro – eu disse. – Estava apavorada.

Secretamente me dei conta de que não tinha nem me lembrado dele. Segurei a manga rasgada de sua camisa e mantive meu rosto baixo. Eu podia sentir seus olhos em mim. Quando ergui meu olhar, ele seguia me fitando fixamente, decepcionado, quase bravo. Nós sabíamos que eu deveria ter explodido em lágrimas de alívio ao ver que ele estava seguro.

DURANTE A SEMANA de tumultos, Perpetual não voltou. Fazia sentido, já que havia perigo em andar nas ruas, pois os tumultos eclodiam sem aviso prévio. A versão sobre como tudo começou era que o comissário de polícia havia ido desfrutar de uma tarde de corridas de cavalos no Shangai Club e deixara seu subalterno imediato no comando da delegacia de Louza. Seu substituto entrou em pânico ao ver os estudantes se manifestarem diante de sua porta e mandou os policiais abrirem fogo. Doze foram mortos e houve muitos feridos. Demoraria algum tempo até as coisas se acalmarem no bairro.

As festas foram canceladas. Escarlata telefonou para nossos patronos mais importantes, um por um, e afirmou que assim que tudo se tranquilizasse haveria um grande banquete para celebrar os tempos de paz. As flores cortesãs, por sua vez, ligaram para pretendentes e ex-clientes, salientando a inconveniência das visitas naqueles dias turbulentos. Os fatos comprovavam. Naquela manhã mesmo, o cadáver de um velho havia sido depositado de frente ao nosso portão. Escarlata não queria que seu fantasma viesse desfrutar da vida após a morte em nossa casa.

– Que ele vá tratar disso no Salão dos Portões do Prazer, no fim da rua – praguejou ela, e todo mundo riu, exceto Velho Pinheiro, que recebeu a ordem de remover o corpo.

Ele se recusou.

– Não vou deixar o fantasma desse homem encarnar no meu corpo para foder as meninas com meu pau.

Vi um mendigo do outro lado da rua.

– Ei, vovô! Dou dez centavos para você levar este corpo para longe daqui.

– Vá se foder – disse o homem com voz grossa, bêbado. – Eu era prefeito desta cidade.

Me dê um dólar.

Depois de algumas discussões, pagamos o dólar.

À medida que os dias passavam, ouvimos rumores de que alguns de nossos clientes foram à bancarrota. Os empréstimos bancários foram suspensos e as fábricas, incendiadas. Empresas abandonadas em outras províncias acabaram confiscadas por líderes armados. Abundavam os relatos de que os japoneses estavam tirando vantagem do caos e de que logo haveria um patrão nipônico atrás da porta de cada estabelecimento, como se já não estivessem por toda a parte. O que estava acontecendo? O mundo tinha enlouquecido.

Escarlate fez um balanço das finanças da casa, listando as festas que haviam sido canceladas e as cortesãs cujos patronos respondiam por rendimentos regulares. Ela calculou o quanto isso representava em dinheiro para cada garota e para seu próprio bolso. Ouvi com o coração apertado ela observar que meus pretendentes figuravam entre os menos rentáveis e bem-sucedidos. E, como não havia mais festas, haviam cessado os convites para tocar cítara e cantar. Perpetual se mantinha à distância, provavelmente com raiva de mim. Mas eu não podia me preocupar com ele agora. Ele não me ajudaria com minhas finanças. Sua contribuição resumiu-se a um bom poema.

Quando, finalmente, os tumultos cessaram e voltamos a receber visitantes, eles já não eram os mesmos homens poderosos de antes. Os novos clientes tinham dinheiro, mas não se mostravam pródigos conosco. Queriam que provássemos na alcova – e não no salão de festas – que éramos melhores do que as cortesãs das outras casas. Mas, mesmo com os negócios em baixa, Escarlate esperava de nós o pagamento pleno do aluguel e das despesas da casa. Logo percebeu, contudo, que se expulsasse toda garota que não tinha como arcar com suas dívidas no fim do mês, em breve não restaria mais nenhuma cortesã por ali. Eu queimava minhas economias para manter meu quarto.

Senti um grande alívio quando Escarlate me trouxe um novo cliente. Mansion queria realizar uma festa privada em sua casa, em homenagem a um parceiro de negócios de meia-idade chamado Endeavor Yan. O convidado expressara interesse específico em uma cortesã hábil em contar histórias. Escarlate disse que ninguém era experiente como eu nas artes literárias. Fiquei lisonjeada e lhe agradei por ter me escolhido.

Perguntei-me, é claro, se Perpetual estaria na festa de Mansion. Se sim, seria uma boa oportunidade para mostrar secretamente meus afetos e pedir perdão por minha negligência em relação a ele durante o pior dos tumultos. Naquela noite, eu me vesti com roupas chinesas ocidentalizadas, uma mescla de antigo e moderno. Também levei minha cítara. Fiquei feliz ao ver que Perpetual, de fato, estava presente. Lancei um olhar apaixonado na sua direção, sem deixar de ficar atenta ao convidado de honra. Na hora de contar histórias, minhas sugestões foram repelidas. Endeavor Yan pediu que eu narrasse *A Ameixa no Vaso Dourado*. Fiquei surpresa: era um romance pornográfico. A história era contada nas casas de cortesãs, mas só depois de o pretendente ter sido convidado para a alcova. Eu nunca tinha sido instada a contá-la num jantar formal, diante de um grupo de homens. Perpetual desviou o olhar. Mais vinho foi servido a todos. Mansion aproximou-se e sussurrou que tinha persuadido Endeavor Yan a concordar em ouvir a história privatamente, no meu quarto.

– Ele está aqui por apenas três noites – informou Mansion –, e eu sugeri que ele lhe ofereça presentes equivalentes ao valor de cinquenta dólares, para obter seus favores hoje mesmo. Mas ele pode pedir para vê-la de novo. Sei que estou pedindo muito, Violet. Perdoe-me se achar que isso é um insulto.

Antes que pudesse responder, Perpetual veio até Mansion desejar-lhe boa-noite. Disse que estava feliz em me ver e, em seguida, saiu. Interpretei sua partida como reprovação ao que eu estava prestes a fazer – ainda que, nos últimos meses, eu tenha proporcionado prazer àquele idiota pomposo sem cobrar nada pelo privilégio. Garanti a Mansion, então, que não haveria problema em receber seu parceiro de negócios. Felizmente Cabaça Mágica não testemunhou minha concordância em levar um homem para o quarto sem nem sequer uma noite de cortejo. Eu já tinha lido cenas daquele livro antes, mas apenas para clientes conhecidos. A decisão daquela noite assinalava um radical declínio em minha carreira.

Endeavor foi gentil e preocupou-se com meu conforto. Estava muito frio? Aceitaria um chá? Conversamos por alguns minutos sobre nada em particular e, em seguida, ele me trouxe o livro. Queria que interpretássemos uma passagem seguinte à traição que a personagem Lótus Dourada impõe a seu mestre, encontrando-se lascivamente com o jovem jardineiro. Ele disse que gostaria de interpretar os papéis tanto do jardineiro quanto do senhor da casa. Trouxe uma escova de cabelo com um longo cabo cônico, a ser usado para punir o atrevido, porém complacente jardineiro. Depois que lhe apliquei alguns golpes, ele agradeceu e apresentou um chicote. Ele assumiria o papel de senhor da casa e eu, de Lótus Dourada. Com raiva, ele me acusou de infidelidade e eu fingi chorar, declarando que nada me ligava ao jardineiro, exceto as aulas de horticultura. Conforme a encenação evoluiu, porém, meus apelos deixaram de ter efeito: Endeavor empunhou o chicote e eu tive de gritar, implorando clemência para que ele não me matasse. O chicote tinha sido projetado para não provocar muita dor, mas mesmo assim me senti roída de humilhação quando Endeavor pediu para que eu me contorcêsse mais e gritasse mais alto. Ao fim do meu número, ele voltou a ser solícito e perguntar se eu sentia frio. Pediu, então, para me ver outra vez.

Na noite seguinte, meus gritos comprados soaram ainda mais realistas. Mansion me deu um presente extravagante, para expressar sua gratidão por ter satisfeito seu parceiro de negócios. Escarlata ficou contente por tudo ter corrido bem, e eu suspeitei que ela soubesse desde o início que aquilo havia sido reservado para mim. Esperei aquelas duas noites passarem antes de contar a Cabaça Mágica o que tinha acontecido. Ela ficou possessa. Era a minha atendente e deveria cuidar de mim. Eu esvaziara o seu propósito na vida. Mas não condenou o acordo em si, e assim percebi sua resignação em aceitar tudo o que tivesse de ser feito para que sobrevivêssemos.

Dois dias mais tarde, Perpetual veio no período da tarde. Não fez qualquer menção à festa de Mansion. Conversamos animadamente sobre os assuntos habituais. Eu era alguém igual e estava grata por ele ter renovado minha autoestima. Para ele, eu não tinha de gritar e me humilhar. Recebi-o na minha cama e, ao deitar-me em seus braços, recebi um novo poema. Ele me pediu para ler em voz alta, para que pudesse ver a forma como as palavras se derramavam de meus lindos lábios.

O papel intocado é céu incolor.

Quando lavado pelo pincel, carapaças surgem,

*grandes montanhas se elevam úmidas contra as nuvens secas.
Com uma única cerda e escassa tinta,
sou um eremita num velho desfiladeiro
perguntando aos deuses onde se oculta a imortalidade.
Mas as sombras da montanha e as escarpas do penhasco
agora bloqueiam a vista do céu celestial.*

Chorei. Era um poema magistral. Seu talento voltara. Eu tinha começado a duvidar dele, mas agora não mais. Dei a notícia para Cabaça Mágica. Mandei que se sentasse enquanto eu lia os versos.

– É pretensioso – sentenciou ela quando terminei. – O que você viu demais nele? Sua mente não ficou nebulosa depois do sexo? O poema só mostra o quão importante ele pensa que é, tão grande quanto a montanha e o céu, os quais ele acredita ter criado com seu pincel de caligrafia. Será que ele é mesmo um erudito? Começo a suspeitar que aquele primeiro poema não foi escrito por ele.

Eu me resenti desse menosprezo. O que ela sabia para avaliar se um poema era bom ou um ruim? Era uma ignorante. Além disso, suas suspeitas sobre o caráter dele beiravam o ridículo. Eu nunca tinha visto um homem mais transparente. Suas confissões sobre a esposa eram de uma honestidade de cortar o coração.

– Se ele a pedir em casamento, não responda na hora – recomendou ela. – Você não sabe quase nada sobre ele além dessa ladainha sobre ideias inúteis e de que ele é autor de um único bom poema. Por que ele fica na casa de Mansion? Onde mora sua família? Ele disse que é de An-hwei, mas de onde exatamente? De onde tira dinheiro?

– Ele tem um negócio – disse.

– Mansion supõe que ele tenha. Agora você dá isso como certo? Cadê a prova?

– Ele não pode ser pobre, é de uma família erudita há dez...

– Dez, dez, dez... Isso é o que você ama: esse número de gerações. Minha desconfiança em relação a ele só cresce. Sinto no estômago o que você sente em seu coração. Ele se diz um homem de ideias elevadas. Ideias são como ar. O que ele faz com elas? Só dá opiniões, sentindo-se importante diante de você, que é o público que o aplaude na cama. Ele sabe criticar os próprios poemas, mas lhe entrega alguns dos piores entre os que avalia como adequados para ser recitados em festas. E o luto em relação à esposa, aquela história de cinco anos sem sexo até conhecer você? Só pode haver algo errado com a cabeça dele: é muito provável que seja outra mentira. Pense nisso: ele nunca lhe deu nada, nem dinheiro para pagar o chá e os lanches que comeu. Escarlata me disse esperar que ele compense essas despesas com alguns bons poemas. E avisou que vai nos cobrar isso, pois sua generosidade é temporária. Pense, Violet. Não caia na tentação de se casar com este homem. Ele não é a resposta para seu futuro.

Até Cabaça Mágica revelar suas desconfianças, eu tinha dúvidas sobre meus sentimentos por ele. Mas cada suspeita que ela listava, meu amor, por teimosia, ficava mais forte. Ponderei que minhas conversas com Perpetual sobre ideias elevadas eram muito melhores do que ouvir um homem falar sobre tratados portuários e impostos. Ele admirava algo que eu teria para sempre, a minha mente, enquanto a maioria dos homens só se interessava por minhas palavras de louvor a sua virilidade. Quando minha aparência murchasse, esses homens iriam direcionar sua virilidade para outros corpos. Já Perpetual me amaria,

estivesse eu dormindo na cama, ao lado dele, ou no túmulo. Cabaça Mágica queria esperar até que um homem rico e repulsivo me acolhesse como concubina. Preferia, para mim, a encenação de trechos degradantes de romances pornográficos à récita de poemas melancólicos.

No dia seguinte, recebi uma carta do Perpetual e outro poema. Era outra obra-prima.

*Nuvens vaporosas escondem a montanha,
a lagoa clara reflete sua majestade.*

Ele disse ser a montanha que ninguém entendia, enquanto eu era o lago, cuja profundidade de sentimento refletia suas melhores qualidades. Essas duas linhas eram a declaração de amor com a qual Perpetual expressava seu desejo de me desposar. Esperei três dias antes de contar a Cabaça Mágica que havia decidido me casar com ele. Eu não queria que ela estragasse minha recém-descoberta felicidade com suas advertências. E elas vieram com contundência.

– Essas mentiras deslavadas afetaram totalmente seu juízo? – irritou-se Cabaça Mágica. – Nuvens vaporosas? Majestade? Que tipo de poema é esse? Ele colocou você no lugar da lagoa e se acha majestoso por isso? Se acredita mesmo que esse poema é uma obra-prima, está provado que sua cabeça está cheia de nuvens poéticas e não consegue mais pensar.

No dia seguinte, chegou uma carta:

Querido Reflexo da Minha Alma,

Na aldeia de Moon Pond, você não será mais incomodada com a decadência de Xangai. Não terá de tolerar o assédio diário de estrangeiros arrogantes, com seus hábitos grosseiros, exigências e ofensas. Não precisará entreter homens de moral desenraizada. Não haverá madames coniventes nem disputas desleais.

Minha aldeia natal é pacífica. Você estará com pessoas que pensam como você. Todos os dias, poderá ver o momento de glória do crepúsculo, com o sol em chamas se pondo contra um céu cor-de-rosa livre dos obstáculos dos altos edifícios construídos pelos estrangeiros.

Imagine, minha querida, que juntos vamos ter todas as riquezas de que precisamos: a beleza das montanhas, da lagoa e do céu que inspirou os poemas que escrevi para você. Você desfrutará do respeito de ser a esposa em uma casa erudita, com cinco gerações da família sob o mesmo teto harmonioso.

Nossa vida será simples, pode ter certeza. Vocês estão acostumadas a uma rotina de excitação muito maior. Mas sinto que ela poderá propiciar muito mais além de tudo o que contei até agora. É o que quero lhe dar: muito mais do que o que você me deu ao me conduzir da dor para a alegria. Vou banhá-la com poemas de louvor, que lerei antes de você cair no sono e assim que despertar, quando compartilharemos cada novo dia como o início do amor.

Cabaça Mágica ergueu uma sobrancelha.

– Ele certamente tem palavras persuasivas. Tudo tão fácil. A vida tranquila na aldeia de que ele tanto se gaba – *oyo!* –, nunca ouvi atribuírem tantas vantagens ao tédio à beira d'água! Claro que essas cinco gerações vão mantê-la pisando em ovos: muitas pessoas a

serem agradadas e muitas discussões, assim como em uma casa de cortesãs. E você vai ficar o dia todo acendendo incensos e curvando-se para reverenciar dez gerações de eruditos. Sua mesa de altar vai ter pelo menos dez metros de comprimento. Não responda a carta.

– Já fiz isso. Eu aceitei.

– Então você vai ter de procurá-lo e dizer que mudou de ideia.

– Por que você acha que pode decidir sobre a minha vida?

– Porque falei com Mansion hoje. Perguntei sobre o negócio de Perpetual. Ele disse que não sabia se o primo tinha mesmo um negócio, pois nunca falava sobre isso. Perguntei, então, sobre a família de Perpetual. Mansion admitiu que não a conhecia. Só sabia que ele era seu primo de segundo grau, por parte de um tio materno cuja esposa era irmã de uma das tias de Perpetual. Mansion disse que sua mãe tinha mais informações, mas ela já estava morta muito tempo antes de ele conhecer Perpetual. Perguntei se ele sabia algo sobre a falecida mulher de Perpetual. Ele ficou surpreso ao saber que Perpetual havia sido casado, pois nada, nunca, lhe fora dito nesse sentido. Mansion acrescentou que, entre homens, não soaria bem tocar nessas questões de parentesco. Seria como acusar o primo de estar ocultando alguma coisa. E é exatamente isso que eu acho que Perpetual está fazendo.

Cabaça Mágica não mudaria de ideia. Mas no que eu iria me tornar se não aproveitasse aquela oportunidade? O que restaria de minha autoestima? Aguardar por algo melhor do que isso era um luxo reservado às garotas mais novas. Eu tinha a chance de manter minha autoestima e também o respeito alheio. Poderia passar os dias sem me preocupar com onde seria minha casa no próximo mês, no próximo ano, na velhice. Teria tempo livre para sentar-me em um jardim e refletir sobre minha vida, meu caráter e minhas memórias de Edward e Flora. Poderia formar opiniões e compartilhá-las com meu marido. Nenhum homem era perfeito. Eu não era perfeita. Nós dois combinaríamos nossos defeitos e, juntos, aprenderíamos a nos perdoar e a aceitar inadequações. Falaríamos sobre nossas dores e consolaríamos um ao outro. Conversaríamos sobre nossas esperanças individuais, algumas impossíveis, algumas sentimentais, e encontraríamos aquelas que pudessem ser compartilhadas e cumpridas... quem sabe, até com uma criança. Ainda que não tivéssemos grande riqueza, teríamos afinidade espiritual, que não pode ser comprada. E teríamos amor, não o sentimento profundo que dividi com Edward, mas algo que seria só nosso. Um amor que nos permitiria apoiar um ao outro na medida em que enfrentássemos qualquer tipo de problema.

Eu me sentia profundamente grata por tudo o que Cabaça Mágica fizera por mim. Ela era uma mãe para mim. Mas eu não precisava de sua aprovação. Ela já havia me ameaçado não me acompanhar até a casa de meu marido. Suas ameaças ao longo do tempo geralmente se mostravam falsas. Daquela vez, porém, ela realmente poderia cumprir o que prometera, em especial depois de ser surpreendida, assim como eu, com a recente informação de que a residência da família de Perpetual, na pequena aldeia de Moon Pond, ficava a mais de 450 quilômetros de distância de Xangai.

Capítulo 10

Vilarejo de Moon Pond

De Xangai a Moon Pond
1925
Violet

O calor do verão invadia o meu corpo e escapava do meu rosto como se fosse uma febre úmida, transformando a poeira que cobria as minhas faces em lágrimas de lama. Em seguida, a chuva voltou a cair e diluiu as lágrimas, suavizou as estradas e aprofundou os buracos, até que, mais uma vez, a carroça não podia prosseguir.

Nossa jornada para Moon Pond tinha começado três semanas antes. Perpetual havia dito que iria nos acompanhar, para ter certeza de que estaríamos seguras e confortáveis. Poucos dias antes da partida, porém, precisou se afastar de Xangai. Ele tinha negócios em algum lugar no sul e, segundo ele, eram assuntos muito importantes. Iria fazer outro caminho para ir a Moon Pond e, com um pouco de sorte, chegaria até mesmo antes de nós. Ele garantiu que seria perfeitamente seguro viajar sozinhas; o caminho era fácil e ele nunca tinha ouvido falar de problemas com bandidos ou qualquer coisa assim.

– O pior que pode acontecer é vocês ficarem entediadas – assegurou.

Ele estava certo. Eu já estava cansada da viagem e me perguntava como faria para suportar o trecho que faltava. Estávamos sempre em movimento rumo ao oeste e para o interior, fazendo um trajeto em zigue-zague que nenhum demônio gostaria de enfrentar, passando por cidades, vilarejos e depois povoados cada vez menores até não ver mais nenhum trem ou caminhão, nem balsas ou barcos de pesca que pudessem nos transportar de um lugar para outro. Na última cidade às margens do rio, Cabaça Mágica encontrou um carroceiro à espera de trouxas na beira do cais. Ele tinha um ar confiável e se apresentou como Salto Ágil, um nome que sugeria bastante experiência. Ele afirmou que tinha os melhores veículos de cinco províncias, e que um deles havia pertencido a um militar. Ela negociou a carruagem tão elogiada, que vinha com dois burros, um carrinho adicional, os serviços do homem e os ombros de dois jovens fortes, na verdade, os dois filhos atrapalhados do negociante. Em pouco tempo estávamos balançando e pulando a cada buraco, sentadas no banco do veículo, um assento quebrado que tinha sido tirado do veículo do rico ex-proprietário e amarrado a uma carroça, coberta com um esfarrapado dossel de lona e seda comida por traças. O carroceiro insistiu que o veículo era mesmo o melhor e que, se estivesse duvidando, Cabaça Mágica deveria percorrer todas as outras cinco

províncias para ver que ele estava falando a verdade.

Todas as manhãs ela amaldiçoava Salto Ágil e seus dois filhos por causa da desonestidade deles, e por sorrir quando não havia motivo para isso, a não ser zombar dela.

– Eles são o tipo de idiotas que vivem em um lugar que deve seu nome a uma lagoa – concluiu. – Você não tem noção de como é a vida em uma aldeia, Pequena Violet. Você pode mudar de ideia, mas isso é tudo o que você consegue mudar. As mulheres se matam em lugares assim, porque não tem outro jeito de sair de lá.

Naquele dia havia vento e, para se proteger da poeira, ela usava um lenço ao redor do pescoço e cobria o rosto. Com apenas os dois olhos à mostra, Cabaça Mágica parecia uma múmia. O vento ganhou força e desarrumou o lenço. Apenas alguns momentos antes, o céu estava repleto de nuvens que pareciam flores, mas agora lembrava mais um mar de cogumelos pretos. Eu cheguei a achar que estávamos deixando os problemas para trás, mas talvez estivéssemos caminhando direto ao encontro deles. Não faltavam sinais de que o melhor a fazer era voltar atrás. Dois dias antes, uma das rodas da carruagem soltou e o conserto levou mais de duas horas. Mais atraso. No dia anterior, parecia que um burro tinha se machucado, pois durante várias horas ele se recusou a sair do lugar. O vento soprava o cabelo solto sobre o meu rosto e pingos de chuva do tamanho de folhas caíam sobre nossas cabeças. Antes que pudéssemos pular para nos proteger embaixo da carruagem, um relâmpago atingiu os campos amarelados pelas plantações de arroz. A vegetação espessa balançava de um lado para outro, como se a paisagem fosse uma criatura viva, que respirara fundo conforme mudava da cor amarela para a verde. Em meio a outro raio assustador, a chuva desabou de vez, lavando meu rosto sujo e encharcando minhas roupas. Em poucos minutos a água amoleceu o chão e aprofundou os buracos e, quando tentamos nos mover, acabamos afundando, sem conseguir sair no lugar. Edward havia escrito sobre uma situação semelhante em seu diário de viagem. Ele usou umas madeiras, que balançaram como se fossem os ponteiros de um relógio e, em seguida, caiu de cara na lama. Eu ri alto só de lembrar, o que fez Salto Ágil achar que eu estava zombando dos esforços dele para nos tirar do atoleiro.

Cabaça Mágica tirou o pé do sapato e depois puxou-o da lama.

– Talvez esse seja o seu destino, mas o que eu tenho a ver com isso? Que mal eu fiz para você em alguma vida passada? Preciso saber para fazer as pazes e depois poder seguir o meu caminho. Não quero voltar como seu burro na minha próxima vida, para você ficar olhando para a minha bunda e me mandando ir mais rápido.

Quando finalmente estávamos a caminho, ela disse:

– Por que essa pressa para chegar? Para encontrar um bando de caipiras com pretensões literárias?

ANTES DE SAIRMOS de Xangai, Cabaça Mágica me apresentou todos os tipos de argumento para me fazer reconsiderar minha decisão.

– Deve ser o tipo de gente confucionista até as pontas dos dedos – falou ela –, daqueles que agarram os cabelos de quem demora a obedecer às ordens. Você vai ter de reverenciar cada membro da família na ordem certa e com o grau ideal de obediência, dos mais velhos aos mais jovens. Sua condição será ainda pior do que a das galinhas. Você acha que a Mamãe Ma era cruel? Espere até ver como é trabalhar como escrava para uma sogra! Você

não consegue nem imaginar como é. Eu passei por isso, apenas por pouco tempo. Aquele canalha de conversa doce me prometeu uma velhice sem preocupações e a ida para o céu, mas não contou que antes eu faria um desvio pelo inferno que era aquela aldeia. Eu não consegui aguentar nem um mês. Eu perguntei a mim mesma: por que morrer por causa da mãe desse idiota? Prefiro ser prostituta do que concubina de alguém.

– Eu vou ser a esposa do Perpetual e não uma concubina.

– Oyo! Você acha que eles vão tratar você melhor, uma mulher extravagante vinda de Xangai e com cara de americana? Basta lembrar dos seus pés grandes. Esse pessoal da roça vai ficar em choque só de olhar para eles. E esses olhos verdes da cor dos lagartos? Eles vão achar que você é uma assombração. Vão atacar a cada erro que você cometer. Você vai ter de suportar acusações falsas, vai ter de falar com moderação e nunca reclamar, ouvir fofocas sobre você sem demonstrar raiva e concordar plenamente que as antigas soluções são as melhores. – Ela imitou uma voz cordial: – Sim, minha sogra, você é sábia por me bater para que eu possa aprender. – As mãos dela imitavam os passos de alguém recuando. – É melhor começar a treinar desde já.

Com certeza existiam sogras gentis e sogras cruéis. Mas, se a mãe de Perpetual fosse cruel, eu poderia mudar aos poucos o que não gostasse. Eu era inteligente e seria apenas uma questão de tempo. Além disso, sogras não vivem para sempre. Minha maior preocupação era o tédio.

Para desempenhar meu papel de esposa de Perpetual, fui até o alfaiate e encomendei uma roupa adequada para a mulher de um estudioso e de nora dedicada.

– Esposa! Oyo! – o alfaiate se admirou. – As outras cortesãs devem estar morrendo de inveja de você. Fiz roupas para pouquíssimas mulheres que conseguiram uma posição como a sua.

– Vou viver na propriedade rural deles em An-hwei, lar tradicional de uma família de gente letrada. Dez gerações. Você sabia que muitos estudiosos famosos vêm de An-hwei? Pode não ser tão glamoroso como Xangai, mas é civilizado, algo como o refúgio de pessoas cultas. As roupas não podem ser muito extravagantes ou modernas. Nada de detalhes ocidentais, como peças da última moda. Imagino que eles sejam tradicionais por lá. Claro que isso não significa que a minha roupa deve ser totalmente antiquada.

– Vou criar peças com um estilo mais histórico, como as das heroínas dos romances.

– Não se inspire nos personagens trágicos – eu pedi. – Não quero usar nada que atraia má sorte.

O alfaiate fez quatro trajes especiais, um para cada estação. O trabalho tinha a qualidade habitual, confeccionado com a melhor seda, lisa porém sem ser escorregadia, vistosa mas não brilhante. Mas, em minha opinião, as peças não tinham nada de histórico. Eram deselegantes, como as roupas que as fiéis viúvas usavam para não incitar a luxúria, e tão grandes que podiam acomodar duas de mim. O alfaiate me garantiu que eu parecia o melhor exemplo de uma senhora de origem nobre. Ele também fez três trajes simples para uso diário, sem bordados. Os casacos de inverno tinha uma camada de seda em vez de algodão espesso. As roupas de verão incluíam um forro de algodão fino como o cabelo de um bebê, e a armação era feita com o mesmo tecido leve. A forma do casaco parecia com outro que eu tive muitos anos antes, em um estilo que Cabaça Mágica chamava de “alegre”. Era mais justo na parte superior e se abria na parte inferior. E as aberturas laterais

passavam pela minha cintura e se mantinham unidas por um conjunto de pequenos grampos. As roupas de fato tinham aparência suave e pareciam adequadas para uma vida de repouso e contato com a natureza. No último minuto, botei na mala alguns dos meus *chips*, preferindo os que não tinham gola muito alta ou abertura lateral longa demais. Talvez o vilarejo de Moon Pond não fosse tão pacato como eu pensava.

Perpetual tinha escolhido meu novo nome na noite anterior de sua partida para a viagem de negócios: Xi Yu, ou “Chuva Fina”, inspirado nos famosos versos do poeta Li Shangyin, da dinastia Tang, que nós dois admirávamos muito. A escolha sugeria que eu vinha de uma família de gente estudada – o que, sob alguns aspectos, era verdade. Minha mãe ocidental tinha sido educada nos Estados Unidos, e tanto ela como meus professores haviam me preparado para ler e escrever em chinês e em inglês. Mas a gente não ia explicar isso para a família dele. Mais tarde, eu praguejei quando lembrei que Li Shangyin ficou famoso por romantizar os amores ilícitos. Se a família era de gente estudada, eles conseguiriam reconhecer as origens do meu nome. Era tarde demais para pedir a Perpetual para escolher outro.

Além do nome inadequado, eu me preocupava com a reação de sua família à minha aparência um pouco ocidental. Perpetual tinha me dito que iria pensar em uma maneira de tornar isso mais aceitável. Se eles fizessem objeções, eu certamente seria capaz de contorná-las. Eu teria vindo de uma linhagem inventada de uma família manchu com conexão distante com a realeza, de uma parte do norte da China onde, mil anos antes, haviam passado invasores de todas as raças. Para reforçar a história, Cabaça Mágica pintou meus cabelos de preto.

Quando eu acabava de solucionar um problema, Cabaça Mágica aparecia com outro:

– A mãe dele vai perguntar por que você está tão velha e nunca se casou. No meu caso, é fácil. Vou dizer que eu sou a viúva de um burocrata honrado que nunca aceitou subornos. Portanto, na condição de uma mulher de posses modestas, tenho levado uma vida tradicional, silenciosa e triste. Como a virtude exige, nunca cedi aos homens que propuseram que eu voltasse a me casar.

– Você terá dificuldade em convencê-los de que isso é verdade se não controlar seu temperamento e essa boca suja.

– E é melhor não dizer que você é viúva. E você também vai ter que explicar qual a nossa relação.

– Mãe e filha – respondi, esperando que ela falasse algo sobre sua idade.

– Como eu poderia ter idade suficiente para ser sua mãe? Temos apenas doze anos de diferença. Posso passar por sua irmã mais velha, quem sabe. – Rapidamente, ela se corrigiu. – Isso se eu decidir ir mesmo com você. Não me lembro de você ter pedido.

Essa era uma acusação constante desde que eu caí na besteira de perguntar:

– Onde mais você poderia ir?

Ela me acusou de dispensar a ela a pena que se sente por um mendigo. Falei que já tinha explicado para Perpetual que não poderia ir para a aldeia dele sem levar a minha acompanhante e não uma mendiga. Ela disse que “acompanhante” poderia ser qualquer coisa, até mesmo um gato. Eu poderia encontrar muitos companheiros novos na minha nova casa.

– Você vai pra lá para ser a esposa de Perpetual. Tem um objetivo. Se eu não sirvo para

nada, não devo ir. Não quero ir até lá para descobrir isso. Eu posso achar meu próprio caminho na vida. Você não precisa ter pena de mim. – Poucos minutos depois, ela disse: – Mas, se houver um bom motivo e eu decidir ir, também vou precisar de um nome.

Ela falou as possibilidades em voz alta. Alguns eram chamativos, outros literários demais para o nível de instrução dela. E finalmente escolheu Wan Xia, ou “Brilho do Crepúsculo”, que, em minha opinião, era ridículo. Não havia nada nela que parecesse desaparecer aos poucos. Relâmpago ou Tempestade teriam sido escolhas melhores.

Cabaça Mágica esperou até a véspera da partida para vir com seus motivos louváveis para me acompanhar:

– Pequena Violet, eu acabei de ouvir algo terrível de uma das empregadas. Ela trabalhou para uma família de um estudioso chinês há cerca de vinte e cinco anos. Uma garota americana tornou-se concubina do filho mais velho, que a levou para casa e a mãe dele tratava como uma escrava. Não importava o que a garota americana fizesse, não agradava ninguém na família, nem ao marido. Logo depois que ela chegou, a sogra bateu nela até matá-la e ninguém fez nada para impedir. Os americanos disseram que não podiam interferir em assuntos familiares chineses e por isso desestimulavam o casamento entre americanos e chineses. Os chineses disseram que ela merecia a morte, porque era insolente. É verdade! Ela morreu por causa da insolência americana do seu sangue e não havia ninguém para protegê-la.

Ela esperou minha reação. Eu tinha contado essa história para ela alguns anos antes. Ouvi minha mãe e Pomba Dourada falarem sobre isso. Mas eu sabia o que ela queria ouvir.

– Estou tão feliz por você vir comigo! Você tem de me proteger para que não aconteça nada assim. Você está disposta a fazer isso por mim, não está?

DURANTE A VIAGEM, Cabaça Mágica me dava conselhos fraternais que seriam úteis para a adaptação à minha nova vida.

– Logo você não vai precisar do livro que está lendo. Você vai estar ocupada demais bordando lenços até seus olhos secarem e ficarem cegos. E pode esquecer isso de comer o que quiser e quando quiser. Não há restaurante nesses lugares nem jeito de conseguir o que o seu paladar deseja. Você não pode devolver a sopa para a cozinha só porque está gordurosa. O que você vai receber é a comida de ontem que ninguém quis porque já estava podre. E agora vem o pior: vai ter de levantar de madrugada todos os dias. As únicas vezes em que você viu o nascer do sol foi quando sequer tinha ido se deitar. Mas a vida no campo é assim, eu me lembro bem.

Foi interrompida pelas gargalhadas dos dois moleques, que estava contando piadas.

– ... e aí aquele burro de Dog Tail Village acreditou no farsante, pagou dois centavos pelas penas voadoras e pulou de um penhasco. O idiota disse que duvidava que as penas funcionassem, mas não queria desperdiçar dois centavos.

O velho carroceiro se aproximou e bateu nos filhos com um pedaço de pau.

– Eu vou arrebentar a cabeça de vocês e arrancar esse monte de merda e mijo que ocupa o lugar do cérebro e deixa vocês dois burros demais para entender que está na hora de trabalhar!

– Vá se acostumando... – falou Cabaça Mágica. – Esse é o tipo de diálogo elegante que você vai ouvir daqui para frente.

Cabaça Mágica parecia ter enlouquecido. Era como se sentisse uma coceira inacessível que a fizesse falar o tempo todo de fugas e tentativas de suicídio. Se ela não parasse com aquilo, eu ia enlouquecer também.

– Tínhamos tanta liberdade em Xangai – falou ela, com voz saudosa.

Cabaça Mágica começou a repetir os argumentos que me apresentou quando ainda estávamos em Xangai, com as mesmas as palavras:

– Você deveria ter seguido o meu conselho e usado suas economias para montar sua própria casa de flores. Poderíamos ir para outra cidade, onde o aluguel é mais barato e a concorrência é menor. Mas, em vez disso, você preferiu se tornar uma esposa de respeito. Deu todo o seu dinheiro para ele? E as suas joias? E para quê? Para ser respeitável em um lugar que os eremitas escolhem para morrer? Com os nossos cérebros, poderíamos ter pensado em algo...

– Nossos cérebros? Essas ideias não têm cabimento, são tão estúpidas quanto o meu sonho de me casar. O que teria acontecido se eu tivesse seguido o seu plano? Se desse errado, o que seria de nós? Estamos muito velhas para começar uma casa de flores. Você já tem quase cinquenta anos.

– O quê? Quase cinquenta? Agora você está aumentando minha idade para me insultar?

– Se a gente tivesse ficado em Xangai, logo eu seria levada para um bordel barato na área de concessão japonesa, onde seria obrigada a abrir as pernas assim que um cliente chamasse meu nome. É para um lugar desses que você teria ido se eu não deixasse você virar minha ama.

Cabaça Mágica se inclinou.

– Oyo! Você me deixou ser sua ama? – Ela bufou e pendurou o corpo para fora da carruagem. – Quanta ingratidão! Se você não quer me ouvir, tudo bem. Nunca mais vou falar sobre isso. Eu não vou dizer mais nada para você o resto da minha vida. Para mim, você morreu. Assim que a gente chegar na próxima cidade, vou pegar o caminho de volta para Xangai e sumir da sua vida. Juro que vou. Vou desaparecer para sempre, está ouvindo? E aí nós duas poderemos ser felizes!

Ao longo dos anos, muitas vezes ela me recompensou com alguns dias de silêncio. Daquela vez, porém, só tinham passado duas horas quando ela quebrou a promessa e recomeçou a tagarelar.

– Um dia, você vai chorar sobre o meu túmulo e reconhecer, “Cabaça Mágica, você estava certa. Fui tão estúpida! Se eu tivesse ouvido você, eu não estaria metida nesse barraco miserável em Moon Pond, deixando os camponeses se divertirem comigo por apenas dois centavos. Eu ainda seria um ser humano com um nome e uma mente capaz de pensar no que poderia ter sido diferente...”

Eu parei de escutar. Já tinha me atormentado muito com as coisas que ela vinha falando, mas agora não suportava mais ouvir. Eu tinha mudado a minha vida tantas vezes, tinha voltado ao palco tantas vezes para criar uma ilusão de amor que eu já não lembrava o que era amor de verdade. Olhei para o anel que Perpetual tinha me dado: era bem fininho e bem fácil de amassar. E eu estava viajando quase quinhentos quilômetros para fingir ser alguém que não era, para viver com um homem que eu tinha me forçado a acreditar que amava. Estava correndo atrás da felicidade, de uma falsa salvação, rumo a um lugar desolado. Talvez não encontrasse a felicidade. E, se a encontrasse, talvez não passasse de

uma ilusão que eu tinha criado na minha mente, mas, se eu me agarrasse a ela como se fosse de verdade, eu seria apenas parte dessa ilusão.

No passado, cheguei a temer que isso pudesse acontecer com a Pequena Flora. Eu costumava olhar para as fotografias dela e de Edward todas as noites, até Perpetual dizer que se incomodava com a possibilidade de eu estar pensando em Edward enquanto fazíamos amor (ou em qualquer outro momento), comparando-o a Edward e desejando estar com Flora. Por isso, guardei as fotos, mas ainda recitava para minha filha as palavras que iriam mantê-la forte até que eu pudesse reencontrá-la:

– Resista muito e obedeça pouco.

CONFORME OS DIAS se arrastavam, eu me arrependia por não ter levado roupas adequadas para suportar o sol quente ou a chuva torrencial. Entre os meus casacos de verão, eu tinha escolhido o meu favorito, feito de seda verde. Fiquei desolada quando vi as primeiras manchas de sujeira nas mangas. As abas do casaco pareciam faixas fúnebres conforme o vento as jogava para o lado.

Cabaça Mágica estava mais sentimental e não parava de inventariar todos os confortos e prazeres que estávamos deixando para trás: as histórias, a diversão, a música, o canto, a nossa liberdade para rir e também nossas roupas ousadas, que deixavam um rastro de inveja entre as mulheres que se diziam de respeito. E as apostas que fazíamos para os nossos clientes na mesa de jogo? E o dinheiro que ganhávamos quando a aposta dava sorte?

– Lembra dos passeios de carruagem que fizemos com nossos clientes – falou ela –, e como a gente se divertia passeando pela cidade, acenando para mulheres devotas que levavam oferendas para os templos? E como a gente ria quando as mulheres estrangeiras faziam caretas enquanto seus maridos riam para nós? Pense nos muitos homens que a admiravam, ficavam atônitos só de olhar para você e enchiam você de presentes. Era um tempo tão feliz e agora ficou tudo no passado...

Fechei os olhos e fingi que estava dormindo.

A carroça parou e, quando abri os olhos, percebi que tinha cochilado de verdade. O lado direito da estrada seguia a encosta íngreme de uma montanha. À esquerda, ficava um penhasco. Cerca de cem metros à frente, a estrada estava bloqueada por um deslizamento de terra que havia desabado sobre uma carruagem apenas dez minutos antes, informou um rapaz. Uma família inteira com seis pessoas estava passando quando a carruagem virou um barco, que os conduziu para a morte em uma cachoeira de lama.

– Não dá para ver nenhum deles – explicou –, só um braço e parte de cima de uma cabeça. O braço parou de se mexer há pouco tempo.

Ele fez um gesto para que a gente fosse lá olhar. Todo mundo foi, até Cabaça Mágica, mas eu fiquei no veículo. Por que eu preciso ir ver a má sorte dos outros? Para me sentir feliz por não ser comigo? Para me assustar pensando no que ainda poderia acontecer?

A estrada estava intransitável, avisou Salto Ágil. Seria preciso voltar, mas ele conhecia um atalho que iria poupar um tempão. Logo descobrimos que o tal atalho não era exatamente uma estrada, mas uma trilha no meio de uma plantação de canola, tão estreita que permitia apenas a passagem das rodas da carruagem. Conforme a gente avançava, Salto Ágil se gabava:

– Vocês estão vendo? Que livro iria dizer por onde a gente deveria ir?

Alguma hora mais tarde, escutamos os xingamentos de Salto Ágil e os burros pararam de andar. O caminho era cortado por um zigue-zague de fossos que seria impossível que a roda de carroça ou uma perna de burro não caísse dentro de um. Demos meia-volta e seguimos por outro campo e, horas depois, demos de cara com uma barreira de pedras enormes que, para serem movidas, exigiriam a força de dez homens.

Pegamos outro caminho. Algum fazendeiro havia cavado um labirinto de buracos recheados com cacos de barro, à espera de que alguém caísse ali.

– O ódio deixa os homens inteligentes – murmurou Salto Ágil.

Estávamos três dias atrasados em relação à previsão original, e voltando, porque não havia condições de seguir em frente. Nesse ritmo, Perpetual provavelmente chegaria em casa antes de nós e eu preferia isso.

Alguns dias depois, Salto Ágil anunciou:

– Tenho uma boa notícia. Em breve vamos chegar ao Canal Magnífico, onde vamos pegar uma balsa para atravessar o rio. Aí estaremos a apenas dois dias de Moon Pond.

A cidade, segundo ele, era um porto movimentado e uma localidade importante. O rio estava repleto de barcos e *sampans*, que traziam alimentos de todos os tipos. Poderíamos escolher entre uma dúzia de hospedarias.

– Todas boas o bastante para agradar até você – falou ele, olhando para Cabaça Mágica. – A última vez em que estive por lá eu era jovem, mas ainda me lembro como se fosse ontem. O teatro ao ar livre e aqueles acrobatas, meninos apoiados uns sobre as mãos dos outros, depois sobre os pés e de novo sobre as mãos. As meninas eram mais bonitas do que todas que eu tinha visto em qualquer outro lugar. Bonitas e tímidas. Ah, e aquela comida saborosa... ainda sinto o gosto dela desde aquela época.

Tudo o que ele tinha provado continuaria existindo só nas lembranças dele. O Canal Magnífico não tinha nenhum canal, nenhum rio e sequer um curso de água: era uma planície coberta de lodo. Salto Ágil não se conformava e praguejava:

– Devo ter tomado o caminho errado.

Um homem parado em uma entrada escura garantiu:

– O lugar é esse mesmo.

Soubemos que, vinte anos antes, o rio que alimentava o canal inundou e mudou de curso, cobrindo várias aldeias tanto no trajeto antigo como no novo. Quando as águas baixaram, revelou uma cidade fantasma e sem cor. Os únicos habitantes eram pessoas de idade que queria ser enterradas no lugar em que nasceram, ao lado dos membros da família que haviam morrido afogados.

– Qual maldito destino me trouxe aqui para ver isso? – perguntou Cabaça Mágica. – Por que, alguém me explica?

Salto Ágil se defendeu:

– Não venham me culpar! Vocês acham que sei de todos os desastres que aconteceram nos últimos vinte anos?

Uma rua da cidade havia sobrevivido, mas as construções estavam cobertas de uma fuligem que parecia saída dos fogões, o que dava à cidade a aparência de ter escapado de um incêndio. Uma casa de chá caindo aos pedaços parecia apoiada em um feixe de madeira lascada. Qual era o problema? Se alguém entrasse no lugar, a construção serviria de caixão. O palco do teatro de acrobatas havia cedido e a cavidade virou depósito de tudo o que a

enchente trouxe: baldes quebrados, foices e fezes. Tremi ao pensar que os donos daqueles objetos banais poderiam estar embaixo da pilha de destroços.

O dono da estalagem ficou muito feliz ao nos ver, os primeiros clientes que ele recebia em mais de vinte anos. Quando nos levou até os nossos aposentos, ficou vangloriando-se da ocasião em que um duque passou pelo Canal Magnífico.

– Construimos um grande arco pintado de vermelho e dourado, com dragões esculpidos nos cantos. Também alargamos a rua, plantamos árvores, enfeitamos o templo, lavamos e consertamos as estátuas dos deuses... Mas aí veio a inundação.

Quando ele abriu a porta do nosso quarto surgiram redemoinhos de pó cor-de-rosa, como se um inquilino fantasma tivesse despertado. A cama de madeiras esqueléticas acomodava um ninho de ratos mortos e a cobertura não passava de um monte de penas. O lugar sequer era o pior que tínhamos visto ao longo de nossa jornada, pois em outros os ratos ainda estavam vivos. Cabaça Mágica e eu arrumamos a bagunça e limpamos o chão. Estendemos nossos colchonetes sobre o estrado descoberto das camas. Dormi um sono interrompido. Cabaça Mágica gritou muitas vezes e me acordou, uma das vezes afirmando que tinha aberto os olhos e visto um rato mexendo os bigodes, como se estivesse decidindo qual das orelhas dela ele iria roer primeiro. Soltei um grito quando vi o bicho acima de nós, correndo sobre uma viga. Na manhã seguinte, vimos Salto Ágil conversando com um dos agricultores da região, um homem com belas feições e rosto tão curtido pelo sol que poderia ter qualquer idade entre trinta e cinquenta anos. Ele olhou para mim e ouvi quando Salto Ágil explicou que, embora parecesse estrangeira, eu era chinesa.

– Boa notícia, senhorita – falou Salto Ágil, com um sorriso largo.

– Este homem sabe exatamente como ir daqui até lá. Tem uma estrada com barro firme logo à frente. A enxurrada lavou as rochas e encheu os buracos e a seca endureceu a lama. Quase ninguém passa lá, por isso ela é lisinha.

– Se é tão boa assim, porque ninguém usa? – perguntei.

– Todo mundo a chama de Estrada Fantasma – explicou o homem –, porque uma aldeia inteira que ficava em cima dela desceu montanha abaixo: casas, moradores, pessoas e vacas, varridas até o patamar seguinte, onde esse lodo trágico se transformou em uma estrada branca e lisa. Pelo menos, é o que as pessoas dizem.

Salto Ágil parou de sorrir.

– Mas você já andou nessa estrada?

O homem fez silêncio.

– Não tenho motivo nenhum para passar por lá – falou ele. – Também dá para pegar outro caminho rumo ao leste, mas é um dia a mais de viagem. A estrada não é tão boa e, nos últimos anos, alguns ladrões andaram atacando os viajantes. Ouvi dizer que, só esse ano, eles mataram algumas pessoas. No passado o problema era pior, por causa da fome. Não dá para culpar, né? Eles não tinham o que comer. Se decidir ir por esse caminho, não se preocupe muito: eles costumam usar umas espingardas velhas deixadas por uns caçadores estrangeiros que morreram, mas na maioria das vezes não atiram. De qualquer jeito, a escolha é de vocês.

Salto Ágil concordou, com ar inquieto.

– Vamos pelo caminho mais curto.

– Então, é a Estrada Fantasma. Ouçam com atenção: vocês devem pegar o caminho rumo

ao oeste e, na próxima aldeia, onde a estrada se divide, sigam para o oeste novamente. Isso deve ficar a uns dois dias daqui. Aí vocês vão chegar ao trecho branco com os ossos que eu falei, que deve levar mais dois dias. Quando chegar a um lugar em que dá para continuar para o oeste, na Estrada Fantasma, ou virar para o norte e pegar um caminho acidentado, siga para o norte, subindo por mais dois dias. Quando a estrada se dividir, pegue a esquerda, em direção às Colinas Onduladas. Não dá para errar, elas parecem umas bundas e umas tetas, e vocês vão passar uns dias no meio delas. – Ele olhou para Cabaça Mágica e para mim: – Desculpem-me. – Ele sorriu para Salto Ágil. – Passe pela abertura estreita no meio das duas colinas. Assim que sair das montanhas, vocês vão olhar para baixo e ver um longo vale estreito, entre colinas baixas e um rio correndo pelo meio. No final do vale ficam cinco montanhas e Moon Pond está no sopé delas. Você saberá que chegou porque a estrada termina aí. São montanhas altas, por isso não se iludam pensando que estão chegando: vocês vão precisar de um dia inteiro só para cruzar as Colinas Onduladas. É melhor levar bastante corda presa nas laterais da carroça, porque a descida é mais íngreme do que parece. No pé tem uma aldeia, e vocês podem ficar lá ou continuar mais umas sete ou oito horas até chegar a Moon Pond.

Dois dias depois, quando chegamos à Estrada Fantasma, Cabaça Mágica, Salto Ágil e os filhos dele ficaram em silêncio. Eles olhavam para o chão branco, mas para mim a estrada parecia ser feita de barro comum.

– Ela é mais branca – falou Cabaça Mágica –, como os ossos desenterrados pelos ladrões de túmulos. Vi ossos dessa cor na aldeia em que eu morava com aquela sogra desalmada.

Seguimos em frente. Uma das rodas rangia como um animal ferido. Cada vez que ouvíamos sons na mata, Cabaça Mágica engasgava e agarrava o meu braço. Senti um arrepio percorrer minha espinha antes de falar para ela parar de ser ridícula. Salto Ágil deixou os burros descansarem por um tempo e eles protestaram quando alguém tirou a água que eles estavam bebendo.

– Como você pode acreditar numa besteira dessas? – perguntei para Cabaça Mágica.

– O que é besteira em Xangai não é besteira aqui no fim do mundo. Quem não dá ouvido aos avisos, não sobrevive para se lamentar por não ter sido mais prudente.

Quando a noite caiu, Salto Ágil e os filhos discutiram se era melhor continuar ou parar para dormir e deixar um deles de guarda. Os burros empacaram e tomaram a decisão por nós. Se eles morressem de exaustão, ficaríamos presos ali para sempre. Sempre que ouvíamos ruídos vindos dos arbustos, os dois filhos gritavam e cortavam o ar com suas longas facas, como se pudessem matar um fantasma que já estava morto.

Retomamos a viagem pouco antes do amanhecer e, no meio da manhã, as rodas rangiam ruidosamente sobre os buracos e as pedras. Tínhamos saído da Estrada Fantasma e estávamos na dura via que levava ao norte. Passamos pelas Colinas Onduladas. Pouco antes do anoitecer do dia seguinte, chegamos na estreita passagem entre as duas montanhas e vimos o vale lá embaixo, com um rio correndo até lá longe. Ao lado ficavam colinas mais baixas que haviam sido esculpidas com arrozais, agora exibindo a cor dourada da colheita. Na outra ponta estavam as sombras de quatro montanhas, cada uma mais alta do que a outra. Entre a segunda e a terceira, havia uma nuvem escura com um úbere rosa. A luz do sol passava por ela e a terra logo abaixo brilhava. Moon Pond ficava no meio daquela luz.

Era lindo, mas senti uma sensação sinistra. De repente, entendi o motivo: eu já tinha

visto um vale como aquele muitas vezes, pintado nos quadros que Lu Shing tinha dado à minha mãe e a Edward. Eu estava olhando para *Vale do Encantamento*. Seria meu destino vir aqui? Dezenas de vezes eu tinha observado aquela pintura em segredo.

Edward acreditava que o vale tinha a luz do amanhecer, na hora de despertar. Eu achava que era o anoitecer, quando a vida se recolhe. Ele dizia que as nuvens escuras estavam indo embora, após a tempestade. Eu tinha a impressão de que ela estava prestes a começar. Nós dois estávamos certos e errados ao mesmo tempo: era um anoitecer e a tempestade começava a ir embora.

– São quatro montanhas e não cinco – falou Cabaça Mágica. – Aquele homem não sabe nem contar.

Quatro montanhas. A pintura tinha cinco; duas de um dos lados daquela passagem dourada e três do outro. O céu mudou e a nuvem carregada se moveu ligeiramente, revelando a quinta elevação: uma montanha enorme e escura, um pouco além das outras quatro. A pintura tinha sido um presságio. Procurei diferenças e encontrei: o vale era mais extenso e as colinas estavam ocupadas pelos arrozais. As montanhas pareciam mais irregulares nas bordas e, na verdade, tirando o fato de serem cinco, do vale com um rio e das nuvens de tempestade, o lugar não parecia ser o mesmo. No quadro, algo brilhava ao fundo. Naquele lugar, não havia nada além das montanhas.

Aos poucos, o vale ganhou forma e colorido próprios. Não era um lugar sombrio, eu falei para mim mesma. O anoitecer iria encobrir o meu passado e deixá-lo para trás, como um segredo. O amanhã traria um começo brilhante. Eu seria uma Esposa. Perpetual estaria lá para me receber e viveríamos a pacata vida de pessoas cultas em meios a uma tranquilidade eterna. Faríamos caminhadas pelas montanhas, que nos inspirariam a escrever poemas. Quem sabe, poderíamos até ter um filho. De repente, a tristeza se abateu sobre mim quando pensei na Pequena Flora. Morando tão longe do mar, eu nunca seria capaz de encontrá-la. Teria de insistir para que Perpetual me deixasse ir a Xangai para ver se havia alguma novidade.

Descemos da carroça e Salto Ágil conduziu os burros pela montanha abaixo. O sol caiu e vimos o brilho enfumaçado dos fogões. Passamos por um conjunto de casas ao longo do rio, que chegavam a uma pequena praça, com um templo em uma das extremidades. Um homem, parado na porta de uma loja de vinhos, gritou que entrássemos para saciar nossa sede. Salto Ágil não hesitou em aceitar o convite. Ficamos na fria sombra de uma parede de pedra. Homens, mulheres, crianças e até os cães olhavam para nós. Eu vi o vendedor de vinho dar umas orientações para Salto Ágil. Ele apontou para algum lugar desconhecido logo à frente, inclinou a cabeça para um lado e moveu a mão na mesma direção, aí girou o corpo rapidamente e ficou na ponta dos pés enquanto olhava para baixo, para um perigo imaginário que poderia nos ameaçar. Ele continuou a olhar para baixo e novamente ficou na ponta dos pés, apertou os dentes, caiu de joelhos e se ergueu. Suas mãos se moveram para baixo, balançando como a cauda de um peixe que se debate. De repente, ele ficou quieto. Seus braços dispararam para frente em linha reta e ele ergueu um dos olhos, como se estivesse olhando através de um telescópio. Então seus braços caíram para os lados e ele lançou um olhar satisfeito para Salto Ágil, para indicar que tínhamos chegado com segurança a Moon Pond. Salto Ágil repetiu os gestos, o homem assentiu e o corrigiu duas vezes. Satisfeito, Salto Ágil comprou uma pequena garrafa de vinho e o homem voltou a

apontar na direção que devíamos ir, movendo a mão para frente, como se nos mandasse ir rápido. Dois outros jovens apareceram na porta da loja e riram de mim. Eles não fizeram nenhum esforço para abaixar a voz enquanto comentavam que eu parecia estrangeira e perguntavam como eu deveria ser na cama.

– Vão para a puta que o pariu – falou Cabaça Mágica.

Eles acharam engraçado.

Salto Ágil pagou e se aproximou.

– Boas notícias – ele começou a falar.

Cabaça Mágica interrompeu.

– Pare de dar boas notícias o tempo todo. Parece mais uma praga.

– Tudo bem, então vou falar com a noiva – e olhou na minha direção. – Tem uma viúva que enlouqueceu depois que o marido morreu. Passa o tempo todo lavando as paredes e o chão e só para quando chega um hóspede.

Naquela noite, tomei banho frio. Como meu cabelo estava cheio de lama, a mulher louca arrastou outra pequena tina de madeira com água limpa. Ela me ajudou a entrar na bacia e levou a outra embora. Fez isso mais duas vezes até que eu insisti que não tinha mais nada para lavar, apenas a minha pele.

Na manhã seguinte, acordamos cedo. Vesti minhas roupas, das quais a mulher louca havia tirado a poeira. Era a blusa e a calça cor verde-folha. Cabaça Mágica vestiu um casaco azul escuro. Nunca tínhamos usado roupas tão sem graça, mas quando a viúva nos viu, os olhos e a boca se abriram e, pela primeira vez, ela falou:

– Agora posso morrer em paz – disse, com um sotaque interiorano –, porque sei que as esposas dos deuses tomaram banho na minha casa.

Fiquei feliz por dar essa impressão, pois seria com aquelas roupas que eu iria conhecer minha sogra e o resto da família. E também veria Perpetual. Com todos aqueles atrasos, estávamos chegando uma semana depois do previsto.

Quando subimos na carroça, o calor tomou conta do meu corpo. As rodas voltaram a se esforçar, jogando poeira nos nossos rostos e corpos. De vez em quando, dávamos umas batidas nas roupas, levantando pequenas nuvens asfixiantes. O vento soprava e a sujeira fina voltou a nos cobrir. À medida que se aproximava, o céu ficava oculto pela parede criada pela Montanha do Céu e seus quatro filhos. Andávamos pela sombra dela.

– Quanto mais nos aproximamos, menos nós enxergamos – murmurei.

– Vamos chegar lá cegas – apostou Cabaça Mágica.

Permanecemos em silêncio o resto do caminho. Eu ficava cada vez mais nervosa, imaginando a família de Perpetual, estudada porém antiquada, gentil mas sem excessos, lamentando as muitas dificuldades que tivemos de enfrentar para chegar até ali. Imaginei uma casa com um pátio grande, o belo lago com a montanha refletida nas águas. A estrada corria ao lado do rio e em ambos os lados os agricultores estavam colhendo o arroz, espalhando os grãos conforme cortavam. Pararam o trabalho para olhar para nós, com os rostos atônitos.

Chegamos a uma ponte estreita e em mau estado, trecho que claramente correspondia à parte perigosa da viagem. A água corria rápido, passando por grandes pedras e batendo com tanta força nelas que tínhamos de gritar para ouvir o que estávamos falando. Do outro lado do rio, chegamos a uma estrada maior que levava até a aldeia, mas logo ficava estreita

e virava uma trilha no meio das paredes das casas. Poucos minutos depois, desembocava em uma praça perto de um templo com pilares e revestimento de laca vermelha. Faltava uma hora para o anoitecer e a maioria dos vendedores de comida já tinha ido embora, mas algumas barracas ainda exibiam cestas, artigos funerários, vinho, sal, chá e tecidos. Minha vida piorava a cada segundo. Passando a praça, entramos em outra passagem e saímos diante de uma grande lagoa redonda. A água não era azul claro, mas verde com algas. E não era cercada de árvores e de áreas com grama, como eu tinha imaginado: dos dois lados havia uma mistura de casas pobres desalinhadas, como se fossem os dentes tortos de uma boca verde querendo bocejar. No ponto mais distante havia uma casa de dois andares, com um teto escuro apoiado sobre paredes que pareciam as de uma fortaleza. Na comparação com as outras, parecia grande. Mas era muito menor do que eu imaginava, bem menor do que a casa de Lu Shing, que eu agora percebia que tinha registrado na mente como a minha futura casa. Olhei para Cabaça Mágica e os olhos dela estavam arregalados de pavor.

– Estou tendo pesadelos com o meu passado? – ela perguntou.

– Espero que a estrada siga além deste lugar, onde tem outro lago e outra casa.

Minha boca ficou seca.

– Estou desidratada – falei para Cabaça Mágica. – Assim que a gente chegar, peça para as criadas trazerem chá e também umas toalhas quentes.

– Oyo! Sou sua irmã mais velha e não sua empregada. Logo você é que vai ter de obedecer minhas ordens, como penitência por ter me trazido para cá.

Atingido pelo vento, o cabelo da Cabaça Mágica parecia um ninho de andorinhas abandonado. O meu não deveria estar melhor. Pedi que Salto Ágil parasse e peguei minha frasqueira. Ergui a tampa e surgiu o espelho. Quando tirei a sujeira, vi minhas rugas poeirentas: dois meses e meio de sol e vento tinham me transformado em uma velha senhora. Abri ansiosamente o compartimento onde estava o pote de creme de pérolas e consegui eliminar alguns desses anos. Uma ajudou a outra a alisar o cabelo e a puxá-lo para trás. Finalmente, estávamos prontas. Falei para Salto Ágil mandar um de seus filhos na frente para avisar que estávamos prestes a chegar, para que a família pudesse preparar uma recepção para nós.

Chegamos nos limites da casa da família Sheng. O revestimento branco estava rachado e, em alguns lugares, havia grandes trechos de tijolos expostos. Por que a casa estava tão descuidada? Não é preciso muito dinheiro para consertar as portas e dobradiças. Sem a orientação de uma esposa, talvez os serviçais tivessem se rendido à preguiça.

Finalmente a carroça parou e as rodas ficaram em silêncio. Nós estávamos diante da porta da frente, que tinham a altura de dois homens. Não havia ninguém para nos receber. Por um tempo, tudo o que ouvi era a respiração ofegante e os roncões dos burros cansados, além das batidas do meu coração.

Salto Ágil gritou:

– Ei! Chegamos!

Os portões continuavam fechados. Talvez o vigia indolente tivesse caído no sono. Salto Ágil passou os dedos sobre as travas de bronze e olhou para uma placa de pedra esculpida no alto do portão. Havia algo escrito ali, mas a placa estava estragada demais para poder ler.

– Nada mau – falou Salto Ágil. – Parece que esse pessoal já teve grana um dia.

Após o terceiro grito, ouvimos um homem gritar de volta e, em seguida, ouvimos o som de um parafuso no portão, que deslizava como se libertasse as duas portas pesadas. Nada de fogos de artifício nem de bandeiras vermelhas. Não devia ser o costume do lugar. Mas onde estava Perpetual?

Seis mulheres e seis crianças estavam paradas imóveis e em silêncio no pátio aberto. Olhavam com uma reserva respeitosa, eu percebi, ao estilo antigo. As roupas eram benfeitas, mas de tecido de cores pálidas e em tons sombrios de azul, marrom e cinza – como eu temia, no estilo de viúvas e mulheres idosas. Até as mais jovens estavam vestidas assim. As roupas que tínhamos trazido não estavam na moda em Xangai, mas aqui elas eram descabidas. Parecíamos pavões no meio de corvos, e pavões sujos. Talvez eles esperassem que eu começasse a conversa, como acontece com os visitantes imperiais. Cabaça Mágica não dizia que as tradições deles somavam milhares de anos? Perpetual tinha dito que cinco gerações haviam vivido sob aquele teto. Eu rapidamente observei os rostos daqueles que logo ouviriam minhas esperadas palavras. A mulher mais velha devia ser a bisavó. Ela tinha o rosto mais seco que eu já tinha visto. Seus olhos pareciam sem graça, como se estivessem prestes a partir desta vida. A outra senhora tinha menos rugas e deduzi que era a avó. A mãe dele devia ser aquela mulher com rosto rígido e postura ereta, a sogra que eu teria de vencer ou conquistar. A ocasião pedia palavras suaves. Havia mais duas mulheres, uma mais nova que eu e outra um pouco mais velha. Ela usava um penteado que tinha sido moda em Xangai vários anos antes: dividido ao meio, criando duas curvas que emolduravam seu rosto. Não olhei muito para elas, já que não eram o que tinha importância. Procurei o filho de Perpetual. Havia cinco meninos e uma menina mais velha e logo reconheci seu filho de quatro anos, por causa das orelhas, olhos e sobrancelhas. Ele não tirava os olhos dos meus pés.

Minha sogra finalmente falou com uma voz áspera.

– Então você chegou. O que você acha de sua nova casa? Está surpresa? Satisfeita?

Eu recitei as frases que havia ensaiado, exaltando a fama da família, as dez gerações de talentos e a minha honra em juntar-me ao grupo na condição de primeira Esposa do filho mais velho e parando a fala logo após dizer que não merecia tamanha distinção.

Ela se virou para a mulher com o penteado curvado e disse alguma coisa. Ela ergueu o queixo e me encarou como se eu tivesse acabado de insultá-la. Percebi que ela estava realmente muito impressionada.

Cabaça Mágica tentou dizer algo com voz conciliadora:

– Passamos a viagem preocupadas por ter de fazer vocês esperarem. As estradas, o clima, e ainda teve um deslizamento de terra que quase nos pegou...

A sogra a interrompeu.

– Nós sabíamos quando vocês iam chegar. Sabíamos até a cor dessas roupas chamativas.

Chamativas! Será que ela queria nos insultar? Dois homens na ponta do pátio acenavam para nós. Eram os lascivos filhos do vendedor de vinhos.

Salto Ágil berrou com os filhos, mandando descarregar nossas bagagens. Quando os baús pousaram no chão, levantaram uma nuvem de poeira. Um servo olhou cauteloso para a mãe de Perpetual.

– Leve-a para a parte norte – falou ela.

Norte! Esse era o pior lugar de qualquer casa, bem na direção do vento e do sol frio.

Com certeza os aposentos de Perpetual não ficavam lá. Seria uma tradição acomodar a noiva longe da ala principal até a cerimônia oficial de casamento?

– E levem as coisas da empregada para o quarto ao lado.

Cabaça Mágica inclinou a cabeça e esboçou um pequeno sorriso falso.

– Peço desculpas por esclarecer, mas sou a irmã mais velha e não a criada dela.

– Nós sabemos quem você é – interrompeu a sogra –, e tudo o que fazia em Xangai. Ela fungou. – Não é a primeira vez que Perpetual traz uma prostituta como concubina. Ela olhou para mim. – Mas você é a primeira que é meio estrangeira.

Eu estava chocada demais para conseguir pensar ou falar. Cabaça Mágica se entusiasmou e começou a falar.

– Ela não era uma prostituta comum. Ela era... – Mas parou na hora certa. Ela se apurou, se recompôs e disse em uma voz autoritária: – Ela veio para ser esposa e não concubina. Essa foi a promessa. Por que outra razão ela viria de Xangai até aqui? Você precisa falar com Perpetual para corrigir este mal-entendido.

– Uma criada não pode dizer o que eu tenho de fazer. Vou moer você de pancada se fizer isso de novo.

Os meus sentidos voltaram e agarrei o braço de Cabaça Mágica.

– Tudo bem. Quando Perpetual voltar, vamos esclarecer tudo.

Finalmente eu entendi o que esses maus-tratos queriam dizer. Será que aquela cadela da roça achava que eu ia ficar com medo? Eu tinha aprendido a derrotar cortesãs e madames e ela não seria páreo para mim. Eu simplesmente teria de ter paciência e descobrir o que era mais importante para ela. Ali estaria seu ponto fraco, que eu iria expor e atacar.

– Estamos cansadas – falei. – Por favor, mostrem-nos os nossos quartos.

A mulher com o rosto bonito disse para a sogra que iria nos levar e ela devolveu um sorriso significativo.

Quando passamos pela casa, vi uma estranha combinação de móveis novos e antigos, todos em mau estado. A mesa era grande e de boa qualidade, mas a parte de cima parecia queimada. As pinturas tinham sido rasgadas ao meio e restauradas sem cuidado. Cruzamos os corredores de dois pátios e por fim chegamos na parte mais ao fundo, um lugar pequeno e abandonado, parecido com um beco, e com apenas dois arbustos, uma pedra de estudos instalada ao lado de uma lagoa seca e dois bancos cobertos de líquens. Uma teia de aranha cobria a porta, como se quisesse me impedir de entrar. Empurrei a teia para o lado e abri a porta. Era pior do que eu esperava: tinha uma cama vagabunda e sem firmeza, um guarda-roupa de madeira barata, um banquinho, uma cadeira e um pequeno penico de madeira acomodado em baixo da cama. Alguém tinha varrido o lugar, mas havia sujeira nos cantos. Se eu ficasse em pé no meio do cômodo, só poderia dar um passo em qualquer direção antes de bater a cara com algum dos móveis.

Na porta, Cabaça Mágica olhou para dentro de quarto.

– Oyo! Vou morar num galinheiro. Onde estão os meus ovos?

Tinha apenas uma cama estreita, um banco e um penico. Ela praguejou várias vezes.

– Educado o pessoal aqui, não é? Ninguém oferece chá nem comida, só insultos. Até me chamaram de empregada! – Ela se virou para a mulher de feições bonitas. – O que você está fazendo aqui? Vai ficar admirando a nossa desgraça?

A mulher instruiu uma criada que passava pelo corredor.

– Traga chá, amendoins e frutas.

Nossas malas chegaram. Eu não queria perder tempo abrindo-as, porque Perpetual poderia aparecer a qualquer momento e em seguida as minhas coisas seriam levadas para o quarto dele. Aí eu teria de arrumar a situação de Cabaça Mágica e suas acomodações, mas não podia resolver tudo de uma vez. Nós nos sentamos no pátio e, quando o chá chegou, bebemos avidamente, dispensando goles delicados em meio a uma conversa fiada. Por que eu deveria me preocupar em impressionar aquela mulher com os meus modos?

– Quem é você? – Perguntei.

– Sou a segunda Esposa – ela respondeu, sem rodeios.

Fiquei surpresa ao ver que ela falava o dialeto de Xangai. Devia ser a concubina do irmão de Perpetual, ou então do tio ou do primo dele.

– Isso significa que você é a terceira Esposa – explicou ela. – Mas pode se curvar para mim mais tarde.

Quem era aquela mulher de Xangai?

– Você pode ser a segunda ou a décima sexta Esposa de qualquer um nessa casa – falei –, mas eu sou a primeira Esposa de Perpetual.

– Será que vou ter de fazer o favor de contar para você em que tipo de casa você veio morar? Acho que isso pode evitar algumas das surras e humilhações que fui obrigada a suportar. Sua surpresa e resistência só servirão para divertir as outras pessoas que moram aqui.

– Que loucura – falou Cabaça Mágica. Ela estava rígida, o que indicava a gravidade do seu estado nervoso. – Você está inventando esse monte de mentiras para nos afastar daqui. Se a gente for embora, será por escolha nossa.

– Eu não diria isso, tia – respondeu a mulher para Cabaça Mágica.

– Eu não sou tia nem empregada de ninguém. Sou a irmã mais velha, devolveu Cabaça Mágica.

Mas era um insulto fraco, pois a mulher era, no mínimo, dez anos mais nova.

– Mesmo que eu quisesse expulsar vocês, como isso seria possível? Para onde vocês iriam? O homem da carroça já foi embora e vocês não vão achar outro na aldeia. E por que eu iria mentir? Não tenho nada a esconder e tudo mundo nessa casa vai confirmar o que eu falei. Você é a terceira Esposa de Perpetual, apenas mais uma cortesã de Xangai que veio para cá em busca de um futuro confortável.

Meu coração e minha cabeça pareciam prestes a explodir.

– Perpetual também contou a história sobre a primeira esposa dele? – perguntou ela. – Azure, o amor da vida dele antes de conhecer você. Inteligente e brilhante, mas que infelizmente morreu aos dezessete anos. Ou foi com vinte? História triste, não?

– Claro que ele me contou – respondi. – Não existem segredos entre marido e mulher.

– Então, por que ele não falou nada sobre mim?

Aonde aquela mulher queria chegar?

– Você ainda não acredita em mim? – Perguntou ela, fingindo decepção. – Vou tentar adivinhar. Talvez ele tenha recitado um poema do tipo *Foi longo o tempo antes de conhecer você, mas ainda mais longo desde que ela partiu*. Ele falou que eram palavras de Li Shangyin, não falou?

Eu queria dar um soco nela para ver se calava a boca.

– Eu não disse que aquele homem era um farsante? – falou Cabaça Mágica.

– Esse poema já fez muitas mulheres perderem o juízo – falou ela. – E dá para ver que sua desconfiança comigo está diminuindo, enquanto aumentam as dúvidas sobre Perpetual. A lâmina da verdade começa a perfurar o seu cérebro. É preciso tempo para se adaptar, mas, depois que você aprende a ficar no seu lugar, dá para sobreviver. Só que, se você tentar me enfrentar, vou ter de transformar sua vida em um inferno. Não se esqueça de que fomos cortesãs e conhecemos bem a arte de destruir os outros. Quando chegamos ao final dos nossos dias de ouro vividos nas casas de flores, nosso destino não muda e ainda precisamos evitar os pisões dos outros.

Cabaça Mágica retrucou:

– O que uma prostituta pode saber sobre dias de ouro?

– Você não se lembra do nome Pêssego Saboroso?

Eu tinha conhecido uma famosa cortesã que tinha esse nome e veio muitas vezes na casa da minha mãe, sempre convidada para alguma festa. Ela só aparecia em grandes ocasiões. Mas não podia ser a mesma pessoa. A Pêssego Saboroso que eu conhecia tinha um rosto redondo e firme e um ar alegre, como se estivesse sempre se divertindo com tudo o que via. Esta mulher tinha uma pele sem brilho e a aspereza sem humor típica das madames. Ela se levantou e caminhou um pouco e se transformou em uma beleza sem idade, que se movia ao ritmo da água corrente e lembrava os velhos tempos. Seus membros eram suaves e soltos e os quadris balançavam com leveza, movendo os ombros. A cabeça inclinava-se para trás e para frente devagar, tudo com um ritmo perfeito e suave. Tinha o olhar da sedução, uma mulher habilidosa, porém flexível (essa era a fama de Pêssego Saboroso). Ninguém conseguiu copiar com perfeição o jeito de ela andar e de agir, embora todas tentassem.

Ela sorriu, vitoriosa.

– Agora sou conhecida como Pomelo, uma fruta mais amarga do que o pêssego. Vim para cá pelo mesmo motivo que você: alguns poemas, a chance de me tornar a esposa de um herdeiro de uma família culta, um futuro sem medo. Quando cheguei, descobri que a mulher dele ainda estava viva. É isso mesmo o que você escutou, ela não morreu. Ele só desejou que isso acontecesse. E você já a conheceu. A mulher que falou com você quando você chegou.

– Eu só conversei com a mãe do Perpetual.

– Aquela é a Azure, a primeira Esposa. Como você viu, ela está muito bem de saúde.

Senti a mesma sensação de quando minha mãe me abandonou. Não era angústia, mas uma raiva que crescia conforme constatava que tinha sido enganada. Será que eu não iria aprender nunca?

– Acho que você já ouviu o suficiente por enquanto – falou Pomelo. – É muita informação de uma vez só. Mas lembre-se de que não fomos as únicas.

– Tem outras na mesma situação? – Perguntei.

– Pelo menos mais duas, mas que não estão mais aqui. Uma delas eu conheci, a outra não. Venha para o meu pátio amanhã no final da manhã, fica na parte oeste. Podemos almoçar e eu conto mais sobre esta casa e sobre como viemos parar aqui.

Fiquei sem palavras, apenas esperando que Cabaça Mágica rememorasse todas as advertências que ela tinha feito, todos os motivos para desconfiar de Perpetual. Ela poderia ter me culpado por ter tomado uma decisão infeliz que a jogou naquele hospício. Mas, em

vez disso, ela olhou para mim com boca triste e pesar no olhar.

– Foda-se a mãe dele – falou ela. – Fodam-se o tio dele e a buceta podre da mulher dele. Tomara que uma montanha de merda cubra aquele desgraçado. E que ele tenha de lambe o próprio rabo, que é de onde saiu tudo isso. E que um cão e um macaco comam a bunda dele depois.

Fui para o meu quarto. Tirei o casaco de seda e o usei para limpar a sujeira dos cantos, rogando pragas para Perpetual o tempo todo.

– Foda-se a mãe dele, foda-se o tio dele...

Abri a mala onde eu guardava as coisas mais preciosas para mim e tirei os poemas deles, guardados com cuidado. Cuspi neles e rasguei-os em pedaços. Depois joguei no penico e fiz xixi em cima. Peguei as fotos de Edward e da Pequena Flora e coloquei-as sobre a cama. Falei para os dois:

– Só amei vocês e ninguém mais. – E me senti vitoriosa porque era verdade.

No dia seguinte, Cabaça Mágica me contou que a parede entre os cômodos era tão fina que deu para ela ouvir que eu tinha esquecido de desejar que um cão e um macaco fodessem a bunda de Perpetual.

– Você também não chorou – falou ela.

– Mas você me ouviu vomitar?

Durante a noite, juntei na minha mente os fragmentos de tudo o que tinha acontecido, o que ele tinha me dito e o que eu tinha oferecido, o que aceitou e o que recusou até eu voltar a oferecer. Comparei a coisa toda com o que tinha acabado de saber e isso bastou para me dar enjoos. Eu não sabia quem ele era.

– Temos que sair daqui – falei.

– Como? Não temos dinheiro nem nenhuma das nossas joias. Você lembra que ele mandou colocar em um cofre que ele levaria para você? E depois pegamos caminhos diferentes.

Uma criada veio avisar que a família estava se reunindo para o café. Falei que estava doente e apontei para o penico. Cabaça Mágica falou a mesma coisa. Não queríamos ver ninguém antes de descobrir mais coisas. Ao meio-dia, fomos para o pátio de Pomelo, na ala oeste. Sentamos lá fora, debaixo de uma ameixeira. Ela não nos convidou para entrar no quarto dela, mas pelo número de janelas parecia bem maior do que os nossos. A criada trouxe o almoço mas eu não sentia fome. Embora Pomelo tivesse uma expressão honesta e falasse abertamente, eu não sabia se poderia confiar em alguém nesta casa. Enquanto ela falava, eu prestava atenção para ver se captava alguma mentira.

Assim como aconteceu comigo, quando ela chegou de Xangai, Perpetual também não estava aqui. O covarde não queria estar presente quando eu soubesse a verdade. Quando ele finalmente apareceu, disse que realmente achava que sua esposa estivesse morta. Ela não iria durar muito tempo, garantiu, e em breve Pomelo seria sua legítima esposa.

– Por que eu acreditei nele? – Perguntou. – Nós, cortesãs, somos muito boas para detectar mentiras e meias-verdades vindas dos homens. Eles não contam os fatos mais importantes e nós conseguimos enxergar através deles. Mas com Perpetual eu me enganei totalmente. Por quê? Quando cheguei aqui, Azure realmente estava doente. Ele me levou até o quarto dela e eu vi uma mulher que parecia um esqueleto. Estava imóvel sobre a cama, com os olhos abertos olhando para cima, como um peixe morto. A pele dela estava

esticada sobre os ossos, como uma mortalha. Fiquei horrorizada, mas feliz por Perpetual ter dito a verdade. Azure iria morrer em breve, mas achei estranho ele não se aproximar dela nem dirigir-lhe nenhuma palavra doce. Ele não tinha falado tanto sobre o imenso amor dos dois e do reencontro deles depois de vidas passadas? O que ele tinha sobre o destino? Os espíritos dos dois eram como constelações gêmeas, fixos no céu para sempre! Era isso. Ele sabia que ficaria arrasado sem ela e preferiu se preparar, fingindo que ela já tinha ido embora. Imagine isso! Meu coração estava tão aberto que eu teria acreditado ainda que ele dissesse que era o Deus das Letras e eu uma humilde camponesa.

Aos poucos, Pomelo descobriu que Perpetual havia distorcido quase todos os fatos que envolviam Azure. Mas, devagar, a verdade foi aparecendo. Quando ele tinha dez anos, foi unido a ela por um contrato de casamento irreversível, graças ao imenso dote. A família dele precisava do dinheiro. O que um menino de dez anos poderia saber sobre casamento, dote e sobre quem poderia ser aquela noiva escondida atrás do véu? Perpetual tinha dezesseis anos quando a viu pela primeira vez e ficou horrorizado com aquela mulher magricela, dez anos mais velha, com um olho vesgo, uma boca imensa e os dentes de cima inclinados para fora. A fileira inferior era tão torta e descolorida que os dentes pareciam os grãos de uma espiga estragada. Ele sentiu muita raiva, não por sua família ter aceitado o dote, mas por Azure ser feia. Foi ao quarto da esposa apenas para cumprir seus deveres de procriação.

– Assim que ela deu à luz ao nosso filho – contou ele para Pomelo –, eu não precisava mais semear o sulco.

Depois disso, ele passou a viajar para outras aldeias para se satisfazer com prostitutas.

– Sulco! – falou Cabaça Mágica. – Mas que tipo de homem usa uma expressão assim para falar da mãe de seu filho? Um burro deveria semear a bunda dele.

– Ele me disse que sofria como um homem casto já fazia quase três anos – contou Pomelo.

– Para Violet ele falou que eram cinco – revelou Cabaça Mágica, bufando.

Eu não queria que Pomelo percebesse que eu tinha sido ainda mais crédula.

– Quando cheguei, não sabia de nada disso. Eu não saberia dizer qual a idade de Azure nem qual era a aparência dela. Parecia uma assombração prestes a desaparecer. Mas era estranho e muito desconfortável ver como Perpetual não se importava com ela. Ele nunca ia até o quarto dela e eu não queria lembrá-lo dos seus anos de castidade. Assim como ele, eu esperava a morte dela, que eu tinha certeza que iria acontecer na semana seguinte ou logo depois.

A cada poucos dias, Pomelo ia até o quarto para ver quanta carne ainda cobria os ossos do Azure, se os olhos dela ainda estavam úmidos ou se já pareciam imóveis e duros, indicando que a morte chegara.

– Era como olhar para uma tartaruga velha que não mudava nunca – explicou Pomelo. – Eu acho que até teria sentido alguma simpatia se ela enfraquecesse um pouco a cada dia e seu rosto fosse ficando cinza até ela morrer. Mas sempre que eu a via ela estava igual e isso me deixava louca.

Um dia, prosseguiu Pomelo, ela decidiu ocupar o seu lugar de Esposa sem esperar mais nada. Foi até o quarto do Azure e observou tudo o que havia ali, entre os móveis e outros pertences. Registrou o que queria e o que ela não queria, falando em voz alta conforme

avaliava as joias ou as roupas.

– Pano vagabundo, só serve para deixar uma mulher bonita parecendo uma mendiga.

Sentou-se diante do espelho da penteadeira e beliscou as bochechas para deixá-las rosadas e com uma aparência saudável. Depois ensaiou expressões faciais que talvez fosse necessário exibir: cara de satisfação, confiança, submissão e de gratidão. Precisou se esforçar para conseguir dar a impressão de estar apaixonada. Abriu uma gaveta e tirou um colar que estava na família havia centenas de anos, um mosaico de pérolas, rubis e jades disposto em curvas encadeadas, com um grande pingente de topázio cor-de-rosa. Colocou o colar no pescoço e olhou no espelho. Tinha uma aparência bruta e as pedras não eram da melhor qualidade, mas era a herança da família usada por todas as gerações de mulheres.

Assim que abriu o fecho, ouviu uma voz:

– Segunda Esposa, segunda Esposa.

Era praticamente um murmúrio rouco, como o de um fantasma. Ela quase morreu de susto, achando que Azure estava usando seu último suspiro para amaldiçoá-la por querer usar o colar antes da morte da dona. Mas então Azure falou de novo e seus lábios se moveram de verdade.

– Ele pode ser muito cruel – falou ela para Pomelo. – Ele não pode evitar isso, tem uma mente doente. Você precisa fugir para não sofrer por causa disso.

Pomelo sentiu um arrepio percorrer sua espinha, porque algo lhe dizia que Azure estava falando a verdade. Por que uma pessoa à beira da morte iria mentir? Se ele estivesse realmente com algum problema na mente, ela poderia curá-lo depois da morte de Azure. Mas ela não morreu. Pomelo deu a ela uma razão para viver. Ela não era um galho frágil, que poderia ser facilmente arrancado, e sua força estava no amor por seu filho. Ela não queria que o menino se apegasse a uma ex-cortesã. Também não queria que ele se tornasse como Perpetual. Ele tinha a natureza do pai, mas ela faria de tudo para que não herdasse seu caráter. Queria que seu filho restituísse a honra da família Sheng. Por isso, Azure voltou a comer. Em uma semana, já conseguia sentar-se e falar e na semana seguinte foi até o pátio, onde conseguiu imitar o canto dos pássaros. Enquanto ficou doente, a maioria de seus dentes havia apodrecido e caído. Ela tinha arrancado um por um e colocado dentes falsos grandes e lisos, que davam uma aparência furiosa, sobretudo quando ela sorria. Ela tinha força, não apenas no corpo e nos dentes, mas também na sua disposição. Já não se curvava aos desejos das outras pessoas, nem de Perpetual. A mãe do marido estava morta e Azure governava a casa sem contestação. Uma coisa que Perpetual falou sobre ela era verdade: Azure era inteligente e podia discutir os assuntos com o mesmo raciocínio de um homem. Além disso, tinha outras três grandes vantagens sobre todos os outros daquela casa. A primeira era a sua família, que vivia em uma cidade a oitenta quilômetros dali. Eles eram ricos e Perpetual dependia das remessas regulares de recursos para as despesas da casa e para ter seu próprio dinheiro. A segunda era o seu filho, o primogênito da geração. O menino iria herdar a riqueza de sua família e ela podia usar esse fato para fazer Perpetual se curvar à sua vontade. A terceira vantagem estava na sua capacidade de pensar com clareza, sem se deixar enlouquecer pelo ciúme nem se encantar diante de belas mentiras. Ela não caía na conversa dele.

Pomelo abriu nossos olhos e não gostamos nada do que vimos. Formamos uma aliança baseada na mesma traição. Todas nós tínhamos uma vida sofisticada em Xangai. Falávamos

a mesma língua e tínhamos conhecido nossa cota de homens interessantes. Nós tínhamos sido apaixonadas por alguns e cada uma havia vivido um amor imenso e devastador antes de conhecer Perpetual. Com ele, havíamos caído na mesma armadilha, movidas por nosso medo sobre o que julgávamos ser a segurança de um acordo ideal, com promessa de uma vida tranquila em meio a pessoas cultas. Nós duas tínhamos sido ingênuas e por isso poderíamos ser sinceras uma com a outra em algumas ocasiões. Mas não seria possível confiar plenamente uma na outra, pois já tínhamos sido enganadas outras vezes por muitas outras pessoas.

Sem dinheiro, estávamos vivendo em uma prisão. Cabaça Mágica e eu comparamos as mentiras de Perpetual com o que ele havia dito em Xangai. Sem dúvida, seu pretenso primo também tinha sido ludibriado. Gostaria de saber quem Perpetual realmente era. Quem eu encontraria quando ele voltasse para casa?

Até isso acontecer, eu precisava tomar cuidado com Azure. Ela era forte e tinha falado comigo quando eu acabara de chegar, usando minhas melhores roupas de seda, cansada e suja depois de quase três meses de viagem. Foi ela quem me chamou de prostituta. Mandou que Cabaça Mágica e eu fizéssemos as refeições do lado de fora da casa, o que nós também preferíamos. Tínhamos pouco contato com resto da família: a bisavó senil, a avó melancólica, as duas viúvas de irmãos mortos de Perpetual e a prole dessas mulheres. Azure não me agrediu fisicamente, mas encontrava maneiras de me humilhar. E o pior era o lugar onde ela nos obrigava a viver: nos depósitos que ficavam na abandonada parte norte da propriedade, onde fazia mais frio no inverno e mais calor durante o verão.

ANTES DA CHEGADA de Perpetual, eu me preparei para ouvir mais de suas mentiras. Imaginei todas as desculpas que ele poderia contar. Eu queria cortar todas aquelas mentiras pela raiz. Seria firme e exigiria uma casa separada na qual eu pudesse ser a primeira Esposa.

Ele chegou com um mês de atraso, em uma época em que eu estava tão miserável que mal conseguia sair da cama. Eu era a terceira Esposa de ninguém, num canto esquecido do mundo. Onde estavam as pessoas cultas, a educação, os jardins serenos nos quais eu poderia passear com minhas roupas feitas sob medida enquanto sentia o frescor da brisa? Todos os dias eu amaldiçoava minha própria escolha. Como fui deixar isso acontecer comigo? No passado, cheguei a pensar que eu poderia suportar qualquer adversidade, mas nada do que eu achava, pensava ou acreditava tinha alguma importância agora. Não havia nada para agarrar. Nenhuma oportunidade iria surgir aqui. Cabaça Mágica tentou melhorar o meu ânimo, mas ela também estava com o espírito e a mente sem nenhuma inspiração.

Quando ele veio me ver no meu quarto, eu o amaldiçoei. Recusei-me a ouvir o que ele queria dizer, mas, de alguma forma, ele me conhecia, pelo menos conhecia a minha parte mais frágil. Não demorou para eu desejar aceitar qualquer migalha de desculpa vinda dele, como uma esperança de que o amor dele por mim fosse verdadeiro. Seria uma prova de que eu era alguém importante. Toda a minha inteligência, sensatez e determinação escorriam como areia entre os dedos dele. Perpetual se desculpou, pediu perdão e declarou que não me merecia. Eu queria acreditar em tudo aquilo, e foi o que eu fiz. Ele admitiu que tinha mentido, mas apenas movido pelo medo angustiante de me perder. Explicou que a história sobre sua esposa era sua maneira de me mostrar como ele era capaz de me amar com uma devoção desmedida. Alegou que os sentimentos que expressou eram legítimos, caso

contrário, como uma mulher com tanta experiência com os homens (centenas deles) não perceberia a mentira? Disse que eu podia odiá-lo para o resto dos meus dias e ainda assim ele iria admirar minha coragem por fazer isso. Garantiu que me transformaria em primeira Esposa se pudesse alterar a ordem do universo decretado pelo imperador. Disse que me levaria de volta para Xangai e me compraria uma casa onde eu seria sua esposa, assim que tivesse dinheiro para isso.

Até esse dia chegar, propôs ele, eu seria a primeira Esposa da ala norte. Lá, ele estaria livre para me amar com todo o desejo do mundo. Quando me visitava, Perpetual me alimentava com um elixir de palavras e, por um tempo, eu me esquecia do vento que entrava pelas rachaduras e do sol que queimava. Perpetual dizia todas as coisas que eu precisava ouvir para recuperar minha autoestima e restaurar minha importância. Com isso no lugar, os demais sentidos voltariam à normalidade. Ele não me amava, eu não o amava nem havia amado no passado. Mas agora eu era como um pássaro, com as minhas asas envoltas em um vendaval de mentiras. Tinha de bater aquelas asas para permanecer no ar e, quando o vento parasse de repente, ou me atingisse bem de perto, eu continuaria a batê-las com força para voar no meu próprio vento.

Capítulo 11

A Montanha do Céu

Moon Pond
Setembro de 1925
Violet

Em Xangai, Perpetual havia declarado seu amor com um monte de poemas e um deles garantia que a beleza de Moon Pond seria capaz de apagar qualquer lembrança da cidade. Depois de sete semanas, eu estava longe de esquecer qualquer coisa. Na verdade, não conseguia parar de pensar em Xangai e em todas as formas possíveis de escapar de Moon Pond e voltar para lá. Eu deveria ter entendido os poemas sombrios de Perpetual como sinais do que estava à minha espera.

Eu costumava me perguntar por que os poemas exaltavam a solidão, a existência estéril e o sentimentalismo da morte. Quando vim para a Moon Pond, descobri que ele não vivia sozinho e tinha mais duas esposas. Ele não havia escolhido a pobreza mas se ressentia por causa dela. E todas aquelas ideias elevadas? Tudo o que ele queria era riqueza, glória e respeito, a ponto de transbordar por sua garganta. Parecia não ter fim para as surpresas chocantes que eu estava descobrindo sobre aquele personagem – isso sem falar do que eu descobri sobre as Dez Gerações de Eruditos. Desde o momento em que cheguei, tive um mau pressentimento que eu tinha sido enganada. Sempre que surgia o assunto dos antepassados ou sábios, as pessoas ao meu redor ficavam em silêncio.

Na semana passada, descobri a verdade quando procurava minhas joias e meu dinheiro, que Perpetual havia confiscado para “tomar conta”. Dentro de uma caixa de documentos escondida atrás de um armário, encontrei um relato da história de sua família feito pelo próprio Perpetual.

Quando eu tinha nove anos, meu avô morreu de icterícia e ficou exposto na sala de estar. O cadáver de seu corpo amarelado me assustou e eu temia morrer da mesma doença. Meu pai aproveitou a oportunidade para me ensinar uma lição. Prestei muita atenção. Ele era um grande erudito e ocupava um alto cargo jurídico na província. Se eu soubesse de cor os Cinco Clássicos, falou ele, em breve iria encontrar um eremita que me pediria um gole de vinho. Se eu o atendesse, me tornaria imortal. Depois disso, comecei a estudar freneticamente. Em dez anos, tinha memorizado todos os clássicos da poesia: sessenta poemas populares, cento e

cinco músicas cerimoniais e quarenta hinos e tributos. Eu também tinha decorado vários dos discursos imperiais no reunidos no *Livro dos Documentos*, uma tarefa tão tediosa que quase me deixou louco.

Um dia, a sexta Esposa decidiu surpreender meu pai com algo que a diferenciaria das outras esposas. Em um baú, ela tinha encontrado o traje da sorte usado por todas as gerações de eruditos no dia do exame imperial. Ela levou a peça para que o alfaiate remendasse os punhos da manga, que estavam desgastados. Quando ela contou ao meu pai o que tinha feito, era tarde demais. O alfaiate descobriu embaixo do forro finas camadas de seda, nas quais estavam escritas as partes mais difíceis dos Cinco Clássicos. Para o azar do meu pai, uma sequência recente de fraudes nos exames resultou no decreto imperial que determinava a morte por decapitação de todos os falsários. Alguns dias mais tarde, vi quando dois homens levaram meu pai para o meio da praça, ocupada por pessoas de várias localidades. Meu pai era conhecido por emitir penas severas para delitos menores e sua impopularidade era disseminada. Um soldado chutou meu pai atrás dos joelhos para fazê-lo se ajoelhar diante de uma pilha com os objetos mais preciosos para a nossa família: homenagens aos sábios de nossa família, milhares de poemas dos nossos antepassados, centenas de lápides e pinturas antigas e nosso altar familiar, com os objetos usados nos rituais. Meu pai foi forçado a assistir a destruição e ao incêndio desses tesouros, que explodiram em chamas do tamanho das árvores. Meu pai gritou:

– Eu não trapaceei, juro que não. Eu era um estudante pobre e comprei o traje em uma casa de penhores.

Fiquei chocado ao ver que, até na hora da morte, meu pai foi desonesto. Um homem puxou o cabelo do meu pai para erguer a cabeça e o outro levantou a espada. Um instante depois, vi a cabeça do meu pai rolando no chão e seu corpo caindo para frente, sobre a sujeira. A honra da nossa família foi eliminada na terra e no céu. Quando voltamos para casa, vimos que os aldeões tinham colocado fogo na casa, e que ladrões miseráveis estavam roubando a mobília e quebrando tudo o que não podiam levar.

Não importava o quanto eu havia estudado, estava marcado como o herdeiro de ancestrais que haviam fraudado os exames. Nenhum eremita me pediria um gole de vinho. Mas eu me recuso a herdar essa vergonha. Eu desafio qualquer um a cuspir no chão quando eu passar. Vou reerguer nossa casa e nossa reputação. Vou construir minha própria honra e dar um início digno para as próximas dez gerações. Vou receber o que me é devido.

Essa era a gloriosa reputação que tinha me atraído até aqui. Assim como o pai, Perpetual inventava cada vez mais mentiras para encobrir as anteriores. Ele justificava as mentiras.

– Se eu tivesse dito a verdade – falou ele –, você teria vindo?

É claro que não.

E, agora que eu estava aqui, não iria ajudá-lo a dar início a mais dez gerações de mentirosos. Eu não iria ficar ali, mas ir embora não seria nada fácil. A propriedade parecia uma prisão e o vilarejo também não ajudava. Maldito Perpetual. Ele sabia que nós

ficaríamos sem saída.

Já na primeira semana em Moon Pond, Cabaça Mágica e eu tínhamos avaliado as possíveis rotas de fuga. Percorremos a aldeia inteira em meia hora. A praça que sediava o mercado acabou se revelando pouco mais do que uma área de terra batida. Quando chegamos, no meio da manhã, os agricultores já tinham arrumado os produtos à venda naquele dia. A única feira de barracas, nas quais os comerciantes ofereciam o mesmo serviço: o conserto de panelas, baldes, serras e foices, tudo o que os fazendeiros precisavam para o trabalho incessante. Os únicos outros artigos à venda eram de itens para funerais, o melhor deles, uma mansão de papel do tamanho de dez homens. Pelas cores desbotadas e bordas esfarrapadas, dava par ver que estava em exposição havia muitos anos. O caminho que seguimos para chegar a Moon Pond ficava a meio dia de viagem da aldeia situada no outro lado do vale. Se tentássemos fugir por ali, seríamos descobertas antes de percorrer duzentos metros. Havia trilhas que levavam para as montanhas, para os arrozais nas encostas e os bosques onde mulheres idosas cortavam lenha e aravam a terra com suas costas recurvadas. Víamos os agricultores caminhando bem cedo, antes da luz do amanhecer, para voltar depois da última luz do crepúsculo. Com as chuvas repentinas, algumas trilhas viravam cachoeiras. Observamos os caminhos um a um e fizemos uma lista com aqueles que não nos permitiriam fugir. Na segunda semana percebemos que precisávamos de roupas, para não chamar tanto a atenção. Eu troquei um dos meus casacos luxuosos e minhas saias por quatro blusas azuis claras, calças e bonés iguais aos que mulheres da aldeia usavam. Quem sabe onde a mulher que fez a troca iria usar aquele traje extravagante?

– Ela pode vestir e sonhar que está num lugar em que dá para usar roupas como essas todos os dias – falou Cabaça Mágica. – Esse também é o nosso destino: o sonho.

Na terceira semana, ficou claro que não haveria outras maneiras de sair dali sem contratar um carroceiro, e não tínhamos dinheiro para isso.

Quando Perpetual voltou de uma viagem de negócios, ele me convidou para fazer uma caminhada de outono e ver um local especial, que havia inspirado muitos dos seus poemas. Eu estava ansiosa para ir, pois poderia ver outros caminhos e trilhas. Antes de sairmos, Perpetual declamou em voz alta um dos poemas inspirados naquele lugar, para que eu entendesse bem a importância de onde ele estava me levando.

*Onde o eremita usa o manto da noite,
um odre de vinho pela metade é o seu único amigo.
Ele não é maior do que a pedra sobre a qual reclina,
sabendo que, com a erosão do tempo,
tanto ele como a pedra cairão, na mesma distância,
só que ele rumo à própria morte.
E as estrelas irão brilhar, indiferentes,
como fazem todas as noites.*

O poema me deixou alerta.

Para chegar à trilha na montanha, Perpetual me levou pela estrada principal que atravessa a vila. Foi uma escolha estranha. Da estrada, eu podia ver uma trilha no alto que cortava o sopé da montanha e seguia na mesma direção. Teria sido uma opção mais

adequada para confundir meu senso de orientação. Mas logo descobri por que ele escolheu esse caminho: era o melhor lugar para exibir a nova cortesã que ele tinha trazido de Xangai. Ele andava com orgulho, segurando o meu braço. Observei como gostava da atenção que estávamos atraindo. As mulheres ficavam boquiabertas e faziam comentários humorados, enquanto os homens chupavam os dentes e olhavam de rabo de olho. Quando estávamos sozinhas, os moradores nunca faziam isso.

Logo que passamos pela ponte, chegamos à trilha que levava à Montanha do Céu. Subimos cerca de dez minutos e Perpetual anunciou que era ali. Eu examinei o cenário ao redor: os telhados das casas, campos de arroz e pequenos galpões. Falei que não estava cansada e que poderíamos subir um pouco mais.

– O caminho está obstruído por deslizamentos de terra e pedras que vieram dos rochedos – falou ele. – É muito perigoso.

– Então por que você prometeu me mostrar “as lindas belezas conforme subimos rumo às nuvens”?

– Não precisamos subir mais para chegar às alturas maravilhosas – falou ele. – Podemos fazer amor aqui e você pode chegar na altura que quiser. Ninguém vai nos ouvir. – Ele levou a mão à virilha. – Viu só o que você faz comigo? Minha espada fica pronta para a luta. Quer se libertar da bainha e abrir caminho para dentro de você, com seu traseiro como alvo.

Eu tive de me esforçar para não rir das tentativas poéticas dele de me deixar excitada.

– Só você provoca em mim essa urgência – disse ele. – Nunca pedi que Pomelo viesse aqui.

– Pomelo têm pés atrofiados – lembrei. – Ela não conseguiria subir até aqui.

– Eu não estava me referindo a isso. Nunca a convidei porque eu não quis fazer isso. Agora tire o seu vestido, pois mal posso esperar.

Mostrei as pedras pontiagudas espalhadas na trilha e falei que aquela seria uma cama péssima.

– Vocês, meninas de Xangai, são mimadas demais. Então, vire-se e incline seu corpo sobre essa pedra, com o traseiro virado para mim. Vou entrar por trás. Você já está úmida?

Em Xangai, a abordagem sexual de Perpetual era tão hesitante que parecia até meio atrapalhada, mas agora ele falava de uma forma bruta.

– Estou com as regras – eu menti. – Fiquei com vergonha de contar.

– Mas você deve contar tudo – falou ele, com suavidade. – Sempre, não importa o que for. Nós combinamos compartilhar tudo por inteiro: mente, corpo e coração.

De repente, o tom da conversa ficou áspero:

– Não esconda nada de mim, Violet, absolutamente nada. Prometa isso para mim agora.

Concordei com a cabeça para evitar que ele ficasse mais irritado e a suavidade voltou para a voz dele. Aí ele mandou que eu ajoelhasse, para que ele usasse a minha boca. Bastaram alguns instantes e tudo estava terminado.

Na volta, ele mostrou alguns detalhes que eu não tinha conseguido apreciar no caminho para cima: uma macieira, o tronco cortado de uma árvore gigante e várias sepulturas na encosta. Fingi interesse enquanto olhava para baixo, para uma estrada que uma das criadas de Azure tinha citado para Cabaça Mágica. As empregadas da casa viviam fazendo fofocas sobre suas patroas e, como achavam que Cabaça Mágica era minha criada, ela ficava

sabendo de todos os boatos que circulavam. Segundo a criada, a cada três ou quatro semanas Perpetual dizia a Azure que precisava alugar uma carroça e um pônei para inspecionar a serraria, que ficava a cerca de trinta e cinco quilômetros de distância. Azure respondia que não era para ele inspecionar mais uma cortesã e trazê-la para casa. A empregada explicou que nunca tinha visto a cidade, pois jamais saíra de Moon Pond. Mas um dos criados, que todos nós sabíamos que era o amante nada secreto dela, se ofereceu para levá-la até lá um dia. Ela entendeu que a oferta equivalia a uma proposta de casamento. O amante tinha ouvido falar que era fácil chegar.

– Você pega a estrada principal que atravessa Moon Pond, passa a ponte e segue até chegar a outro caminho mais largo. Depois tem de seguir a oeste rumo ao sol ofuscante e andar por cerca de trinta quilômetros ou até o final da estrada, e logo você chega em Wang Town.

Segundo o serviçal, era uma cidade e não uma aldeia, com lojas, bordéis e um porto onde chegavam e partiam barcos pequenos. Ele não podia jurar que era assim mesmo porque nunca tinha ido lá. Mas uma ou duas vezes por ano passava alguém por Moon Pond que ia ou voltava de Wang Town. Essas pessoas ficavam no vilarejo apenas o tempo suficiente para o criado extrair o máximo de informação possível sobre o mundo que ficava além da única realidade que ele conhecia.

Eu conseguia imaginar esses barcos. Para mim, não importava para onde iam. Eu pegaria um deles, qualquer um, desde que fosse para ir embora. Poderia ser para outra cidade, e talvez nessa cidade houvesse outras estradas que levassem a outros rios e a outros barcos. Eu iria seguir sempre em frente para longe de Moon Pond e perto do mar, com destino a Xangau. Mas, para isso, eu precisava de dinheiro, o que eu só teria quando descobrisse onde Perpetual tinha escondido nossas joias e nosso dinheiro. Uma vez eu disse que queria usar minha pulseira e ele disse que não havia necessidade de usar essas coisas em Moon Pond, pois isso me daria um ar arrogante e ali não havia ninguém que precisasse disso.

Eu não tinha escolha a não ser roubar de volta o que era meu. Quando contei meu plano a Cabaça Mágica, ela apontou as falhas.

– Quanto você acha que conseguiria andar depois da ponte até que alguém visse? Qualquer tolo consegue reconhecer você. E mesmo que você seguisse pela estrada a leste, Perpetual chegaria com a carroça e o pônei e ia trazer você de volta arrastada pelos cabelos. Temos de pensar em outra coisa.

Eu imaginei uma série de planos complicados, que sempre esbarravam nas questões práticas. O que era pior: trabalhar em uma casa de flores ou viver no fim do mundo, na condição de concubina de Perpetual? A resposta era sempre a mesma: eu preferiria morrer em Xangai.

Azure, por outro lado, estava feliz em viver e morrer em Moon Pond. Ela se preparava para garantir um lugar privilegiado no céu, mesmo não estando tão perto da morte quanto Perpetual gostaria. Como a mãe do filho dele, seu espírito iria receber ofertas diárias de incenso, frutas e chá, além da obediência forçada do resto de nós. Ela tinha mandado fabricar placas funerárias para o espírito dela e de Perpetual com a melhor madeira de cânfora. Não havia nenhuma para os ancestrais do marido, que tinham caído em desgraça e não eram dignos de adoração. Ela mandou trazer todos os objetos da família dela, como

pergaminhos, placas, retratos e escritos, para que seu filho pequeno pudesse participar dos rituais.

Timidamente, perguntei a Azure por que não havia objetos de adoração aos ancestrais de Perpetual e ela respondeu que eles morreram em um incêndio. Não falou nada sobre a causa do fogo. Então perguntei se as placas seriam substituídas em breve.

– Se tivermos dinheiro para comprar madeira de cânfora – respondeu ela. – Se não tivéssemos de dar comida para você, isso seria mais fácil.

Mesmo se eu não tivesse lido o relato de Perpetual sobre a “Grande Desgraça”, teria acabado sabendo de tudo. Era um daqueles segredos repetidos muitas vezes, com versões diferentes contadas pela criadagem, Pomelo e nas meias-verdades que Perpetual repetia até eu contar que sabia de tudo. Fiquei enjoada durante uma semana, com raiva de mim mesma por ter sido atraída pela falsa reputação de uma família de eruditos, para chegar nesta lagoa nojenta.

Duas vezes por dia, uma de manhã e outra à noite, tínhamos de ir até o templo que ela estava arrumando, nos ajoelhar sobre a pedra e murmurar nossos respeitos à família de Azure. Eu nunca tinha participado desses rituais. Minha mãe achava que era tudo bruxaria e Edward não sabia nada sobre o culto de antepassados. Eu tinha conhecido algumas cortesãs que se curvavam e rezavam na privacidade de seus aposentos, mas a maioria das meninas não sabia de qual família elas tinham sido roubadas. Nenhum ancestral iria querer que uma cortesã condenada pelo mundo comprasse um lugar melhor no inferno usando o dinheiro ganho na vida fácil.

Na época das chuvas, o telhado do templo vazava e as gotas caíam sobre nossas cabeças, encharcando o incenso. Achei que era burrice de Azure gastar dinheiro consertando a parte interna do templo sem arrumar primeiro o telhado. Um dia, quando as gotas de chuva escorriam pelo meu rosto, decidi que iria conversar com Perpetual e fazer ele ver que minhas ideias também eram úteis.

Naquela noite, depois que ele se satisfez na minha cama, elogiei a dedicação de Azure a seus ancestrais. Falei o quanto estava impressionada com cada detalhe: os pilares, a mesa, o altar para Buda. Lembrei como Azure estava sendo sábia ao mandar fazer as placas com a cara madeira de cânfora, pois uma madeira mais barata poderia atrair insetos e não há nada pior do que ver seu nome mastigado por bichos. O óleo presente na cânfora não deixa isso acontecer.

Então, contei a ele o que eu tinha escutado naquela manhã.

– Hoje, uns agricultores vieram conversar perto da minha janela, falando sobre o telhado da casa de um vizinho. Todo mundo sabia que a esposa do dono da casa passou anos pedindo para o marido consertar o telhado. Ele chegou a brincar, dizendo que as goteiras da chuva podiam ser úteis para fazer a comida e lavar as coisas. Então, por que ela se incomodava tanto? Conforme eles disseram, há poucos dias o telhado do fazendeiro caiu e as vigas esmagaram os estoques de alimento. Os ratos devoram a carne, as espigas de milho secas foram comidas pelas galinhas, os porcos se embriagaram com o vinho feito de arroz, saíram sem rumo e caíram no rio. Mas o pior de tudo é que o agricultor quebrou um braço e uma perna, o que o impede de cuidar de seus campos. Seus pais, esposa e filhos passaram a depender da caridade dos vizinhos, mas o homem tinha brigado com todo mundo e agora a família estava condenada a morrer de fome.

– Fiquei tremendo um tempão depois de ouvir isso – falei. – Aqui na nossa casa, basta olhar para cima para ver que tem mais buracos no telhado do que estrelas na Constelação do Pavão. Algumas gotas caindo sobre a cabeça não são um problema, mas se o nosso teto desabar e destruir o que Azure recuperou com tanto esforço? Com aquela madeira oleosa da cânfora, tudo pode explodir em chamas e toda a casa viraria uma fogueira, junto com os seus poemas.

A última frase chamou a atenção dele. Eu estava prestes a acrescentar que Azure poderia morrer, mas talvez fosse isso o que ele mais quisesse.

– Na minha opinião – acrescentei –, é melhor consertar o telhado o mais rápido possível. Ele abriu um sorriso amplo.

– Você já aprendeu muito para alguém que veio da cidade.

Senti o gosto da vitória de uma cortesã que consegue o pretendente cobiçado por outra.

– Eu quero ser útil – falei –, mesmo sendo apenas a terceira Esposa.

Sempre que eu mencionava minha posição humilde de “apenas a terceira Esposa”, ele não pedia mais desculpas por ter me enganado com a promessa de que eu seria a primeira esposa, mas eu não me queixava mais, pelo menos, não em voz alta. Não ganhava nada fazendo isso, só sua contrariedade, que ele demonstrava na frente das outras esposas só para me envergonhar. Eu não sentia vergonha nenhuma, pois não ligava para o que ele ou os outros pensavam. Mas, quando ficava irritado, ele mandava Azure me punir e tornar minha vida ainda mais desconfortável. Só recebíamos para comer algumas sobras servidas frias e a criada que cuidava da lavanderia devolvia nossas roupas com manchas.

– O telhado está com problema há muitos anos – continuou Perpetual. – No ano passado, Pomelo sugeriu que eu mandasse consertar. Parecia uma boa ideia, mas Azure assegurou que os antepassados dela estão tão felizes com o conserto do templo que vão me proteger dos desastres e de uma vida curta. Então, o teto não vai cair enquanto Azure estiver cuidando do templo.

Ele acreditava na lógica de uma louca, que vivia com um pé no outro mundo. Ao contar que Pomelo tinha feito a mesma sugestão, eu me perguntei se ele não estaria tentando nos indispor uma com a outra. Afinal, ela também tinha sido uma cortesã e sabia usar subterfúgios sutis como arma. E também havia me avisado que poderia fazer da minha vida um inferno se eu não me limitasse ao meu devido lugar, que era o pior de todos.

Até ali, eu não tinha identificado nenhuma armação dela para cima de mim. De vez em quando ela vinha até o nosso pátio, sempre com o pretexto de oferecer chá quente para me aquecer em uma tarde fria. Eu não gostava dessas visitas, mas não podia recusar. Era estranho e eu tinha de evitar qualquer conversa que pudesse ser usada contra mim. Eu era educada, mas me limitava a fazer observações sem comprometimento.

– Quando chove, as formigas fazem uma procissão enorme pelo chão – falei.

– Você já tentou espalhar pimenta?

– Já. A pimenta de Sichuan é a preferida delas.

Mas eu também não gostava das visitas de Pomelo por outro motivo: aquele pátio e os quartos refletiam a minha condição, e eu tinha certeza de que isso rendia boas gargalhadas a muita gente. Cabaça Mágica e eu tínhamos aumentado o tamanho dos nossos quartos depois de derrubar as paredes de dois depósitos. Mas não havia muita coisa para melhorar ali. Nosso pátio ficava mais longe da casa principal e para ir de nossos quartos para o

templo era preciso passar por um corredor sombrio coberto com um musgo verde e escorregadio, onde eu já tinha levado dois tombos. Depois disso, começamos a andar pelos corredores descobertos, pois os telhados tinham sido queimados durante o grande incêndio. No final do outono, o pátio norte era frio e úmido até durante o dia, e eu tive de usar um braseiro, tão pequeno que só dava para esquentar uma chaleira ou aquecer as mãos. Cabaça Mágica tinha um braseiro ainda menor do que o meu. Decidimos juntar os dois, para ver se conseguíamos um pouco mais de calor para nós duas. Um dia, quando colocávamos carvão na abertura minúscula dos braseiros, Cabaça Mágica me lembrou dos tempos em que eu era a filha mimada de uma madame norte-americana. Decidi que não iria mais suportar maus-tratos e frio miserável. Fui até aposentos de Azure, que era quente e seco.

– Estamos quase morrendo de frio – falei –, e o chão está duro demais até para nos enterrar. Precisamos de um braseiro maior.

– Não tem outro – respondeu ela, apontando para o braseiro que estava no chão. – O meu é do mesmo tamanho que seu.

– É verdade, mas você também tem os tubos da chaminé que passam embaixo do piso de kang e a lareira que aquece o quarto fica acesa dia e noite.

Se ela ficasse nua naquele ambiente, ainda assim não sentiria frio.

Ela fez uma falsa expressão de preocupação.

– Nossa, você não tem piso de kang nem lareira? Eu não sabia. Não é à toa que está com frio. Vou mandar levar imediatamente para o seu pátio alguns tijolos para construir uma lareira e os tubos da chaminé.

Eu tinha certeza que ela estava mentindo mas, na manhã seguinte, vi que tinha me enganado. Uma pilha de tijolos quebrados obstruía a minha porta. Tive que tirar os que estavam por cima, um por um, para fazer um buraco grande o suficiente para rastejar para fora daquele túmulo. Cabaça Mágica lembrou que, mesmo que tivéssemos uma lareira, não haveria carvão para alimentar o fogo, pelo menos não fornecido por Azure.

– E não ache que eu vou cortar lenha para você – avisou. – Não quero ficar como aquelas mulheres corcundas que carregam uma machadinha e trinta quilos nas costas.

As janelas do meu quarto não tinham vidros, destruídos durante a Grande Desgraça. Havia apenas as persianas e as telas de treliça, que precisavam ficar fechadas dia e noite porque a janela ficava muito perto do muro da propriedade, que dava para a principal via para a cidade e funcionava como ponto de encontro de fofoqueiros. Eu escutava pessoas se cumprimentando logo cedo, brigas o dia todo e latidos de cães excitados. Cabaça Mágica dizia que os vizinhos deviam adorar ficar com os ouvidos na parede quando Perpetual vinha me visitar:

– Eles sabem exatamente quando ele goza.

Ela imitou o zurro de um burro e o ronco dos porcos.

– Preciso ficar espantando os meninos que escalam o muro para espiar pelas frestas das persianas. Patifes imundos! Hoje eu mostrei uma faca e disse que vou cortar fora os talinhos de cada um deles!

As janelas fechadas me davam a impressão de viver em um estábulo. Tarde da noite, o vigia passava e avisava:

– Tome cuidado com o fogo! Prestem atenção no fogo!

Ele passou pela minha janela tantas vezes que cheguei a me perguntar se Pomelo ou

Azure haviam pagado para que ele viesse perturbar o meu sono. Ficava nervosa com a presença dele sempre perto do lugar que ocupávamos na casa. Para iluminar seu caminho, ele carregava duas panelas de brasas penduradas nas extremidades de uma vara, que ele carregava nos ombros. Bastaria um deslize para essas panelas saírem voando, jogando bolas de fogo. Isso já havia acontecido: um mês antes, uma casa em frente ao meu quarto pegou fogo e uma parte de um celeiro incendiou. Perpetual disse que desejava que todas as casas em volta da nossa pegassem fogo.

Fiquei preocupada com o incêndio porque Cabaça Mágica tinha ouvido uma história da empregada de Azure sobre uma concubina que morreu asfixiada depois que o braseiro dela virou. Aconteceu no meu quarto e não mudava muito o fato saber que tinha sido mais de uma centena de anos antes. Os fantasmas não envelhecem.

– Você costumava sentir a presença do Poeta Fantasma – falei para Cabaça Mágica. – Consegue ver algum fantasma agora?

– Acho que não consigo diferenciar o sopro frio de um fantasma do vento norte soprando por esta janela.

Todas as noites, quando eu ia me deitar, imaginava que eu estava entregando meu corpo ao espírito da mulher que morreu asfixiada. Tentava usar minha lógica ocidental para me convencer de que fantasmas não existem. Fosse quem fosse aquela mulher, ela pode ter morrido por acidente, ou então alguém inventou a história só para me assustar. Mas quando eu caía no sono minha racionalidade ocidental sumia e o fantasma aparecia com seu rosto pálido. Sonhei que aquela mulher se sentou na beira da minha cama e falou: “Você e eu somos a mesma pessoa, não é? Como você, eu era tão infeliz que achava que ia enlouquecer. O único jeito que achei para sair daqui foi na forma de nuvens de fumaça. As outras concubinas não tiveram tanta sorte”.

Quando acordei eu sabia que tinha sido um pesadelo, mas não conseguia parar de pensar nas palavras do fantasma do sonho: “As outras concubinas não tiveram tanta sorte”.

O que isso queria dizer? Cabaça Mágica saiu em busca de pistas e a empregada de Azure confidenciou em voz baixa: “mais duas concubinas morreram, as duas de Perpetual”. Era tudo o que ela podia dizer. Eu já vivia naquela casa quase três meses e tudo me deixava nervosa. Mas tinha de ficar forte e não ceder ao medo. Como estaria a minha mente dali a três meses? E três anos? Se a vida piorasse mais ainda, será que eu também desejaria respirar nuvens de fumaça?

Eu não faria isso. Estava determinada a não enfraquecer. A Pequena Flora me dava motivos para viver. Ela me manteria forte e eu faria qualquer coisa para encontrá-la, seria capaz de aguentar tudo para que isso acontecesse. Cabaça Mágica e eu poderíamos usar nossos cérebros inteligentes para conseguir fugir. Sabíamos criar oportunidade, sabíamos o que tínhamos de procurar e conhecíamos bem a natureza dos riscos e da necessidade. Era preciso estar preparadas para aproveitar qualquer oportunidade sem hesitar, quando ela aparecesse. Quais pistas tínhamos naquele momento? A estrada para Wang Town. Meu dinheiro e minhas joias, escondidos em algum lugar. A concubina que morreu asfixiada pela fumaça. Duas outras concubinas que tinha pertencido a Perpetual e não estavam mais aqui. O que mais? Eu me senti como se estivesse recuperando todos os botões que tinha caído das minhas roupas ao longo dos anos e tinham rolado para debaixo da cama ou de uma cômoda, sem que eu me preocupasse em resgatar porque eu poderia mandar uma criada

consertar a peça. Agora estava à procura de qualquer coisa mínima que tivesse uma pista – e eu encontrei. Era o botão que tinha soltado da luva da minha mãe pouco antes da nossa separação. Ela não se preocupou em olhar para ver onde ele foi parar. Simplesmente jogou as luvas fora. Mas eu tinha visto ele vir parar bem do lado do meu pé, um pequeno botão de pérola que, de alguma forma, permaneceu na minha mente todos esses anos. Então eu decidi: não iria jogar fora nenhuma das minhas chances só porque estava com raiva da minha mãe. Eu ainda não sabia como chegar até ela. Mas, quando eu conseguisse, diria para ela procurar a Pequena Flora por mim.

UMA TARDE, POMELO apareceu e insistiu para que fôssemos até o quarto dela jogar *mahjong* e ouvir música em seu fonógrafo.

– Você não tem desculpa – falou ela com uma seriedade provocadora. – Perpetual está fora por duas semanas e não vai aparecer nenhum convite para um jantar à noite em Xangai. Preciso de companhia. Você e Cabaça Mágica têm uma à outra, mas eu estou sozinha e sem mais nada de interessante para dizer para mim mesma. Depois de muitos anos de solidão, um prisioneiro deseja qualquer companhia, mesmo a de um rato ou um canalha. Você não é nada disso, mas eu gostaria que viesse passar a tarde comigo.

– Você já pensou em convidar Azure ou a irmã de Perpetual? – perguntou Cabaça Mágica, em uma iniciativa que julguei indelicada.

Pomelo não se mostrou ofendida.

– A irmã de Perpetual fala o tempo todo das realizações de seu filho e não para nem para respirar. Várias vezes tive vontade de contar que o pirralho é preguiçoso, mal-educado e de uma burrice rara, mas isso custaria a minha vida. Quanto a Azure, você sabe tão bem quanto eu que ela só faz companhia para as estátuas de deuses e as placas mortuários dos antepassados dela. Eu não estou disposta a passar o dia curvada dentro do templo que ela não cansa de consertar. Ela está rezando para ter outro filho.

Cabaça Mágica bufou.

– Mas isso é absurdo. Como o ventre dela pode gerar um bebê se Perpetual nunca vai visitá-la?

– Ah, ele vai, sim. Pelo menos uma vez por semana. Estou surpresa que vocês não saibam disso, é quase óbvio. A família dela manda o dinheiro para sustentar a casa. Sem esse dinheiro, todo mundo já teria morrido de fome há muito tempo. Os pais da Azure vivem em uma cidade grande e são ricos.

Olhei rapidamente para Cabaça Mágica. Nós duas pensamos a mesma coisa: ela estava falando de Wang Town.

– A mãe dela a agrada muito – falou Pomelo. – E, como Azure é filha única, o filho de Perpetual vai herdar tudo. Mais um filho daria ainda mais garantias de que a riqueza da família virá para as mãos dele quando Azure morrer, o que ele espera que aconteça a qualquer momento. A saúde dela nunca foi grande coisa. Venha me visitar esta tarde e eu conto mais.

Ela se despediu com um sorriso malicioso e saiu.

Eu não poderia imaginar Azure e Perpetual na cama. Ela nunca havia demonstrado nenhum afeto ou desejo por ele e nem ele por ela. Será que ele exigia dela um comportamento ousado? Ou será que eles faziam tudo do jeito burocrático, como um

carimbo sobre um pergaminho?

No final da tarde, Cabaça Mágica e eu fomos até o pátio de Pomelo.

– Minhas irmãs flores – ela nos saudou. – Fico feliz por vocês terem aceitado o convite. – Ela parecia sincera. Com um gesto, pediu que sentássemos nas cadeiras diante de uma mesa onde as peças de *mahjong* estavam arrumadas.

– É melhor sermos honestas – começou ela. – Eu sei que você ainda está se perguntando se pode confiar em mim, e eu provavelmente sinto o mesmo grau de desconfiança em relação a vocês. Mas posso prometer uma coisa: eu não vou prejudicar ninguém, se vocês também não me prejudicarem. Já ouviram alguém falar mal de mim em Xangai? Em todas as casas onde trabalhei, tratei as pessoas com sinceridade. Nunca roubei os protetores das outras cortesãs nem fiquei espalhando boatos. Por isso, nunca ninguém roubou meus patronos. Quando você fere uma irmã, todo mundo se sente livre para atingir você. Esta tarde, vamos deixar as suspeitas de lado e nos divertir um pouco.

Como eu, Pomelo só tinha conseguido trazer alguns poucos pertences de Xangai. Seus luxos eram as peças de *mahjong* e uma pequena vitrola. Eu fui tonta o suficiente para trazer uma frasqueira, que sobreviveu a viagem, mas chegou com um espelho rachado e uma dobradiça quebrada. Parecia que aquela peça ria da minha ingenuidade todos os dias. Ela ligou a vitrola e a ária de uma ópera tomou conta do ambiente, me levando de volta aos dias ao lado de Edward, tão poucos e há muito tempo. A antiga dor voltou e fingi que a fumaça do braseiro estava irritando os meus olhos. Observei o quarto de Pomelo e fiquei doente de inveja. Todo o mobiliário (cadeiras, bancos, mesa e o guarda-roupa) era polido, lisinho e livre de queimaduras. Tapetes grossos cobriam o piso e cortinas de seda amarela e vermelha flutuava na frente de sua cama. Quatro lâmpadas penduradas no teto iluminavam até os cantos do cômodo.

– Tive de trabalhar duro para ter essas coisas – desculpou-se ela.

– Eu faço ideia – comentou Cabaça Mágica.

– Não ganhei nada do Perpetual – explicou ela, que disse ter encontrado tudo no galpão.

Eram as cadeiras e a mesa que tinham sido quebradas e queimadas quando a casa foi saqueada. Pomelo trocou a perna danificada de uma cadeira pela perna inteira de outra e colou com a seiva espessa de um pinheiro. Preencheu as ranhuras no tampo da mesa com serragem, lascas de madeira e cola, e depois colou a madeira com umas folhas arrancadas de algumas árvores perto da trilha que levava à Montanha do Céu. Para tirar as manchas e as fezes dos tapetes, ela fez uma lama com poeira fina e água e esfregou bem, antes de deixar secar. Depois, bateu os tapetes por cinco dias. Para consertar as partes queimadas, ela puxou fios de lã aqui e lá de várias partes diferentes, depois juntou e colou no lugar. As cortinas de seda que cercavam a cama, contou ela, vieram de dois vestidos extravagantes que ela fez a besteira de trazer de Xangai. As lâmpadas presas no teto eram feitas com galhos retorcidos e ajeitados de forma a criar um quadrado, que foi recoberto com retalhos de gaze de algodão tirados das roupas dela. Pomelo afirmou com orgulho que tudo naquele quarto, até os vasos e as peças de *mahjong*, tinha sido recuperado ou consertado a partir de pertences inúteis que estavam nos baús dela ou entre os objetos que remontavam aos antigos dias de glória da família. Agora eu via o lugar com olhos diferentes. As cortinas tinham costuras desajeitadas, as manchas remendadas nos tapetes não eram uniformes e os machucados na mesa eram óbvios. Eu já não sentia inveja de Pomelo, mas, em vez disso,

admirava sua engenhosidade.

Pomelo fez uma careta.

– Se eu viver mais cem anos, vou conseguir transformar este cômodo nos aposentos que eu tinha quando vivia na casa das flores. Eu tinha um lindo *boudoir* e me orgulhava muito. Deixei o orgulho tomar conta do bom senso. Fiquei esperando para casar. Alguns clientes me pediram em casamento, mas eu pensei que poderia encontrar um homem melhor, mais rico e mais poderoso. Um dos meus clientes era um gângster e ameaçava matar qualquer homem que olhasse para mim, mas depois de uns meses ele passou a proteger outra cortesã. Só que o medo ficou e todos os antigos pretendentes passaram a me evitar. Todos, exceto Perpetual. Para você ver onde a ambição me trouxe: para cá. Orgulho e ambição formam uma combinação perigosa.

– Agora não tem mais espaço para agir de forma ambiciosa – resmungou Cabaça Mágica –, a não ser que sua ambição seja um túmulo na colina mais alta.

– Tem outras cadeiras e tapetes no galpão – falou Pomelo. – Posso ajudar vocês a consertar. Não pensem que estou apenas querendo fazer um favor. Eu prefiro o trabalho de carpinteiro a deixar minha mente atrofiar por causa do tédio e da falta de uso.

Assim que terminei de agradecer, senti um medo sufocante tomar conta de mim. Aquele aposento, como todos aqueles confortos de má qualidade, exalava um triste ar de resignação. Nem o quarto nem a vida um dia poderiam ser melhores do que eram. Ela havia aceitado que iria permanecer naquela casa para sempre. Iria dedicar seus dias a recuperar peças que tinham ido para o lixo e, no meio dos destroços, viveria seus dias e daria seu último suspiro olhando para o rosto de pessoas que ela não suportava. Ou será que ela ainda sentia algo por Perpetual para justificar tanto sofrimento? Não era o meu caso.

– Vejo que você está na dúvida – falou Pomelo. – Está preocupada que um dia eu venha a cobrar minha ajuda? Não vou fazer isso. Minha oferta é sincera, caso você mude de ideia.

Caiu a tarde e ela acendeu as luzes. Trouxe as peças de *mahjong*. Conforme ela arrumava as pedras, o barulho que fazia me transportou até meus dias em Xangai, até as tardes quentes em que esperávamos o começo das festas ou a chegada dos clientes. Graças a alguns sons familiares, minhas lembranças me permitiam escapar por um tempo daquele lugar.

Pomelo interrompeu meus pensamentos.

– Perpetual já convidou você para subir a Montanha do Céu até um lugar especial? Pela sua cara, dá para ver que ele já fez isso. E ele já prometeu levá-la para percorrer as suas grutas poéticas? Ainda não? Ele ainda vai fazer isso. Tive de suportar uma dor tremenda para andar naquela trilha e Perpetual não se ofereceu para me levar. Meus pés estavam sangrando quando voltei para este quarto.

– Vocês chegaram até as grutas? – Perguntei.

– Duvido que elas existam. Ele falou que a trilha estava interrompida por causa de uma avalanche ocorrida no ano anterior.

– Ah, ele falou a mesma coisa para a Violet – contou Cabaça Mágica.

– Mesmo que o caminho estivesse aberto e limpo, as pessoas de Moon Pond não sobem até o alto. Eles dizem que a Montanha do Céu é amaldiçoada. Se eu estivesse em Xangai, diria que é apenas uma história que alguém inventou para assustar as pessoas, mas eu já moro aqui há quase cinco anos. E agora, só de pensar em contar a história, sinto uma onda gelada de medo percorrer minhas costas.

O RELATO DE POMELO SOBRE A MÃO DE BUDA

No topo da montanha, há uma cúpula branca de rocha em forma de uma mão em concha. Do alto dá para ver rampas íngremes que criam quatro dedos e um polegar. Os declives terminam bem onde a cúpula fica plana e depois se abrem, formando a palma de uma mão. Trezentos anos atrás, um monge em peregrinação se perdeu e seguiu pela montanha errada. Quando chegou ao cume, ele viu um pequeno vale e a cúpula em forma de uma mão, mas nenhum templo. Se ele voltasse, teria de enfrentar a vergonha de ter errado o caminho. Quando pensava no que deveria fazer, a cúpula brilhou, e ele soube que a Mão de Buda estava mandando construir um templo e transformar um erro em um santuário sagrado. Fortalecido com poderes sagrados, o religioso entrou na floresta e encontrou grandes árvores com madeira de cor dourada. Com apenas uma pedra afiada, ele derrubou cinco árvores e rolou os troncos até o centro do vale. Construiu o templo em sete dias e levou mais um para esculpir uma estátua de Buda com o dobro do tamanho de um homem. A mão erguida parecia exatamente com a que o monge vira na montanha. Ele extraiu uma lâmina de pedra para registrar uma dedicatória para a Mão de Buda e incluiu uma descrição das suas realizações como construtor. Qualquer pessoa que fizer essa peregrinação e tocar a Mão de Buda, diz a inscrição, terá seus pedidos atendidos. O monge então subiu ao céu sem morrer, mas em seguida voltou brevemente para escrever este fim.

Um tempo mais tarde, um pastor em busca de um búfalo perdido chegou ao vale com a cúpula. O animal estava perto do templo dourado e, quando foi buscá-lo, o pastor viu a estátua de Buda pela porta aberta. Ele desejou fazer uma oferenda, mas em toda a sua vida jamais havia possuído sequer duas moedas para esfregar uma na outra. Tudo o que ele poderia ofertar era seu bolo de milho, que serviria de alimento para os próximos três dias. Acomodou o bolo entre o polegar e o indicador de Buda. No instante seguinte, seu maior desejo estava realizado e ele conseguia ler, escrever e falar como um homem estudado. O pastor chorou ao ler a inscrição na placa de pedra e chegou a corrigir um pequeno erro de ortografia. Quando desceu da montanha, falou com deferência sobre o templo e sobre a Mão de Buda.

Não demorou muito para que o templo se transformasse no destino mais sagrado das três províncias. Muitas pessoas faziam a peregrinação, e a dificuldade para chegar fortalecia a reputação de lugar sagrado. Era muito fácil alguém se perder no caminho. A trilha começava em Moon Pond e, cerca de setecentos metros depois, dividia-se em dois caminhos, que seguiam em direções opostas. Um quilômetro e meio mais adiante, os dois caminhos voltavam a se dividir, cada um em três, e alguns subiam e outros desciam. Dois quilômetros depois, cada uma das seis trilhas se dividia em quatro, que também subiam e desciam, algumas seguindo adiante e outros voltando atrás. No final, existiam bem mais de mil diferentes caminhos sinuosos cortando a montanha, embora não se soubesse se alguém um dia chegou a contá-los. As pessoas chamavam esse emaranhado de trilhas de “as veias da mão de uma mulher idosa que conduz até a Mão de Buda”. A distância final era de quase treze quilômetros cheios de curvas. Para ir de Moon Pond, no início do trajeto, até a Mão de Buda, no alto, um homem precisava de um dia de devoção arriscada. Uma mulher forte faria o percurso em dois dias. Muitos que se aventuraram a ir na época das monções foram carregados pela água. Os ventos repentinos também levaram diversos peregrinos. No início do verão, surgiam as criaturas venenosas e, no final do outono, apareciam tigres e ursos em

busca de alimento para superar o inverno. Aqueles que não se perdiam e sobreviviam a todos os perigos ganhavam a realização de seus anseios mais profundos, isto é, se conseguissem se livrar de todos os pensamentos associados ao desejo para se aproximar do Buda com a disposição correta. Quem queria ter um filho, tinha de dizer a si mesmo para não pensar nisso. Se almejasse a riqueza, precisava deixar de lado qualquer alusão à abundância de dinheiro. Infelizmente, ao se lembrar de não pensar no seu desejo, as pessoas pensavam exatamente nele e era por isso que poucos tiveram seus desejos realizados.

Dois caminhos levavam os viajantes até a Mão de Buda. Um deles começava no lado sul da Montanha do Céu. Era a parte dianteira da montanha, conforme determinado pelas formas de dedos das encostas. O outro iniciava no lado norte, na parte de trás da Montanha do Céu, a se considerar as duas formações que lembravam calcanhares, situadas no sopé. A trilha “por trás dos calcanhares” era a que saía de Moon Pond. Ninguém sabia qual era a dificuldade exata de subir um lado e descer do outro, pois as únicas pessoas que poderiam contar nunca voltaram.

A fama do templo durou por mais de dois séculos até que, há cem anos, um homem ganancioso que não teve seu desejo atendido roubou o polegar de Buda. O templo imediatamente tornou-se maldito, o homem foi transformado em pedra e todos os peregrinos que recorriam ao local encontravam a má sorte. Cada família tinha sua história: uma senhora desejava outro neto, mas, quando voltou para casa, descobriu que o primeiro neto havia morrido sem motivo. Uma jovem que pedia a recuperação da paralisia do marido voltou da peregrinação com os pés virados para trás. As pessoas contavam relatos variados sobre avalanches de pedras, cheias súbitas, esfacelamento de falésias e uma variedade de ursos e tigres, todos eles repassados na forma de lendas familiares por aqueles cujos antepassados haviam sofrido alguma catástrofe.

Um jovem escapou da maldição da Mão de Buda. Ele alegou que, quando chegou ao templo, viu fantasmas que se moviam em círculos. Ele falou com os espíritos, que se comunicaram com ele e contaram um segredo. Depois disso, só ele poderia ir ao templo sem que um desastre o atingisse ou caísse sobre sua família. Aquele jovem era o bisavô de Perpetual, que passou o segredo dos fantasmas para o avô, que por sua vez transmitiu ao pai de Perpetual. Porém, seu pai morreu antes de revelar o segredo ao filho. Perpetual diz que, sem essas palavras, ele não se atreveria a subir a montanha rumo à Mão de Buda.

– ESSA HISTÓRIA É ridícula – disse Cabaça Mágica.

Ela falou com tanta veemência que eu sabia que achava que poderia ser verdadeira.

– Não dá para convencer as pessoas de que é um absurdo quando vira um relato de família – explicou Pomelo. – Perpetual muitas vezes lembra os outros que um desastre aguarda quem for tolo o suficiente para tentar chegar até a Mão de Buda. Descreve as pedras que atingiram os que não respeitaram os avisos. Mas aí eu fiquei com uma curiosidade: por que ele continuava a escrever poemas sobre eremitas bêbados morando na montanha? Ele recitou algum para você? O pai dele escreveu vários poemas sobre o mesmo assunto, assim como o avô e o bisavô. Há algo lá em cima e não é uma maldição. Perpetual guarda seus poemas dentro de uma caixa perto do altar. Você achou aquela caixa? Não? E uma outra, que guarda a história da infância dele e descreve como a família caiu em desgraça?

Pomelo também devia ter bisbilhotado por alguma razão. Será que também estava procurando as joias dela?

– Quando eu já estava aqui a quase um ano, notei que Perpetual sempre escrevia um poema novo na noite anterior à partida para inspecionar as serrarias. Uma vez, levantei bem cedo e fui dar uma olhada. Ele estava copiando palavras de um maço de papel para outro. Enrolava o maço de palavras copiadas e inseria na bainha de um punhal. Um pouco mais tarde, ouvi um dos criados conversando com a minha empregada. Era o amante dela, o mesmo cara que contou a ela sobre Wang Town. Ele disse que Perpetual não segue pela trilha até depois da ponte, mas, em vez disso, segue um pouco mais até uma pequena trilha oculta por arbustos. E ele sempre leva um odre cheio de bebida. Acho que sei qual é a verdadeira maldição da Mão de Buda.

– O que você está dizendo? Fale logo – disse Cabaça Mágica.

– Eu tenho um palpite – avisou Pomelo. – Agora quero ouvir qual o palpite de vocês.

– Ele prefere a trilha mais bonita e gosta de se embriagar enquanto ruma para a serraria – sugeri.

– E os poemas? – quis saber Pomelo.

Cabaça Mágica franziu a testa.

– Ele deve estar seduzindo outra cortesã bobona e sem gosto por boa poesia. Ela está em Xangai? Se estiver, como ele chega lá e volta em duas semanas? Tem um trem?

– Não tem amante nenhuma nem trem – falou Pomelo. – Vamos deixar nossas teorias para amanhã, pois assim consigo atrair vocês para cá outra vez e poderemos jogar mais rodadas de *mahjong*.

NAQUELA NOITE, mal consegui dormir por causa do enigma de Pomelo e das peças do quebra-cabeça: a serraria, o templo e a maldição, o odre, as mentiras sobre os deslizamentos de terra e falésias que desabam, os poemas que falam de um eremita. Considerando a natureza desonesta dessa família, eu suspeitava que o bisavô dele tinha inventado a história. A maldição era uma maneira de manter as pessoas em busca de milagres longe do topo da montanha. Não havia avalanches nem maldição nenhuma. Tinha alguma coisa lá em cima, só que não era uma tribo de fantasmas dançantes.

Fiquei pensando porque Pomelo tinha me revelado essas coisas. Ela deveria ter medo de que eu contasse a Perpetual o que ela andava falando. No entanto, ela sabia que eu não faria isso. Queria que eu soubesse e não era por uma questão de solidariedade. Ela compartilhou esse segredo porque tinha algo a ganhar, e talvez achasse que eu não daria o que ela queria.

Agora ficava claro que Pomelo podia ter mentido sobre seus sentimentos por Perpetual e os dele por ela. Talvez ela o tivesse amado em algum momento, ou se convencido disso, como eu tinha feito. Não podia ser por apreço ao comportamento sexual dele. Em Xangai, o jeito dele de amar era previsível e tedioso, mas desde que cheguei aqui vi que ele agia com bem menos delicadeza. Era exigente, bruto e cruel, o que me deixava bem menos animada do que eu cheguei a fingir que era.

Perpetual e eu não nos dedicávamos mais a discussões animadas. Aqui no fim do mundo não havia nada para discutir. As únicas coisas que aconteciam em Moon Pond eram brigas mesquinhas e surtos de doenças. Se Xangai inteira pegasse fogo, nós não ficaríamos

sabendo. No entanto, uma vez Perpetual disse que admirava minhas ideias e as opiniões que eu tinha formado sobre os homens e suas atuações graças à experiência no mundo da minha mãe. Mas não passava de mais uma de suas mentiras. Mas me ocorreu que eu deveria estimulá-lo a falar comigo com mais frequência. Eu poderia fazer algumas confissões ensaiadas que dessem a ele a impressão de que ele partilhava de tudo. Ele confiaria mais em mim. Ele poderia falar sobre minhas confissões e me dar conselhos, e eu demonstraria uma gratidão e uma valorização que nenhuma outra poderia proporcionar. E, durante esses momentos de intimidade asquerosa, eu caíria no choro por causa da ausência dele. Perguntaria quando ele estaria de volta e se me traria alguns doces ou um tecido. Quem sabe ele soltasse alguma informação útil. Eu faria qualquer coisa para escapar dali.

Quando ele voltou de viagem seguinte, eu tinha chá e aperitivos prontos para a visita dele ao meu quarto. Enquanto ele comia avidamente, eu fiz a minha primeira falsa confissão: eu sentia uma falta terrível dele e me preocupava, achando que talvez não me amasse tanto quanto dizia que me amava no passado. Enquanto ele estava fora, eu havia relido alguns poemas que ele escreveu para mim para mantê-lo perto de mim, por assim dizer. Eles me pareceram eróticos, mesmo que essa provavelmente não tivesse sido a intenção inicial. Ao lê-los, me lembrei de quando ele recitava poemas para mim antes de me levar para a cama e me apresentar com outros tipos de delícias poéticas. Proferir palavras magistrais e fazer amor com perfeição eram coisas indissociáveis. Ele era o pico da montanha e eu o lago com sua imagem dentro de mim, se movendo com excitação. Quando li os poemas sozinha, eu disse, não pude deixar de pensar no “pico” dele. Perpetual adorou ouvir isso, pois o amor que sentia por si mesmo era tamanho que ele acreditava até em mentiras deslavadas. Limpou as migalhas da boca e ele atendeu minhas fantasias falsas recitando um poema sobre um eremita bêbado enquanto se acomodava sobre o meu corpo.

Depois, quando estávamos deitados um em frente ao outro, eu fiz outra confissão. Eu o desejava tanto que temia que ele tivesse encontrado outra quando se afastava de casa. Eu sabia que não deveria questionar sua fidelidade, mas esses são pensamentos possessivos típicos de uma mulher inflamada de amor e que já o dividia com outras duas esposas. Como esperado, ele carinhosamente me garantiu que ele não se encontrava com outras mulheres. Eu era a favorita, sua imperatriz do pátio norte.

– Por que temos de ficar separados tantos dias? – perguntei, com uma voz contrariada. – Por favor, me leve com você. Se você me levar, poderemos fazer amor em qualquer lugar da estrada. Lembra do dia em que fomos até o lugar especial?

Ele me respondeu com ternura que isso não era possível. Estava ocupado com assuntos que exigiam atenção e as tentações do meu corpo iriam distraí-lo.

Eu fingia ser tímida e provocante:

– O que exige mais atenção do que o que eu quero que você me dê?

Subitamente, ele reagiu com rispidez.

– Não me pergunte sobre o que eu faço. Isso não é da sua conta.

Eu sabia que poderia ser arriscado tentar arrancar alguma informação com tanta velocidade. Fiz de conta que lamentava muito por tê-lo irritado e pedi perdão. Eu me virei e cobri o rosto com as mãos, como se quisesse esconder minhas lágrimas. Depois de um tempo, falei com uma voz suave:

– Posso pedir para você deixar mais poemas para me consolar enquanto você estiver

fora? Os meus favoritos são os que falam sobre o eremita. Você pode ficar surpreso por saber que eu imagino que você é o eremita e eu sou a gruta.

Com sinceridade, ele concordou em me dar mais poemas. Recitou um, na verdade uma variação sobre os mesmos que ele já tinha escrito.

– Você imagina uma gruta quando escreve seus poemas? É uma gruta que você gostaria de visitar mais vezes do que a minha? E abri minhas pernas devagar.

– A sua é melhor. Ele pulou em cima de mim.

– Você já viu uma gruta de verdade como a dos seus poemas?

Ele me olhou com frieza.

– Por que tantas perguntas hoje?

Saiu de cima de mim e pediu para colocar mais chá na xícara. Pedi desculpas e disse que apenas queria que fôssemos tudo um para o outro, como ele uma vez disse que deveríamos ser. Eu não estava tentando ser intrometida. Eu vesti minha roupa e ele mandou tirar. Enquanto eu trabalhava nas casas de flores, tive tempo bastante para perder a timidez em relação à nudez. Mas agora eu me sentia vulnerável, como se ele pudesse ver se eu estava mentindo ou dizendo a verdade. Como cortês, eu tinha aprendido a adivinhar o que os homens pensavam e o que queriam apenas pela observação dos movimentos e pela tensão dos músculos. Soltei meus membros e relaxei os músculos.

Ele se sentou na cama e me observou enquanto eu servia o chá. Deu uma mordida em um pão e fez uma careta.

Ele colocou o pão perto dos meus lábios.

– Você acha que está com um gosto rançoso? – perguntou e enfiou o pão na minha boca antes que eu pudesse responder.

Eu me virei e cobri minha boca enquanto mastigava. Eu concordei. Estava um pouco borrachudo. Quando eu engoli a última porção, tentei começar outra confissão, talvez falando sobre o desejo de ter um filho dele.

– Claro que quer – falou ele, forçando outro pão para dentro da minha boca, desta vez com mais força.

– Este também está ruim?

Concordei com a cabeça. Ele estava tramando algo e eu precisava dizer palavras lisonjeiras para acalmar os ânimos dele.

– Então cuspa – mandou ele.

Fiquei grata por não precisar terminar de comer aquilo. Ele empurrou meus ombros para baixo e me disse para ficar de joelhos. Obedeci e ele colocou seu membro na minha boca.

Quando a excitação aumentou, ele berrou:

– Abra mais, sua vadia!

Tentei me afastar.

– Como você pode me chamar de uma coisa dessas? – gritei, fingindo estar ofendida.

Ele franziu o cenho.

– Como posso controlar o que escapa de meus lábios quando perco meus sentidos?

Ele encheu minha boca novamente e voltou a me xingar.

– Mais rápido, sua puta de boceta viscosa.

Quando terminou ele se deitou na cama, sonolento de satisfação. Em seguida, adormeceu. Sentei-me do outro lado do quarto. O que estava acontecendo? Era evidente que

eu tinha chegado perto de pistas importantes. Havia uma gruta e ele queria me impedir de saber sobre ela, e talvez demorasse um pouco para eu conseguir mais informações. Enquanto isso, pediria para me dar o que me prometeu quando cheguei: uma acomodação melhor em outra área da propriedade, longe da rua barulhenta e em um local que recebesse um pouco de sol. O objetivo não era tornar minha vida mais confortável, pois eu esperava não estar ali o tempo suficiente para a construção de qualquer coisa. Eu tinha aprendido com os meus clientes que, quanto mais caro eu custava, mais eles me valorizavam. Eu agora estava no fundo e ele não me trataria com mais consideração se eu não melhorasse meu *status* na família. Eu queria pelo menos chegar à condição de Pomelo.

Na sua visita seguinte, me aninhei nos seus braços após uma satisfação gloriosa dele e falei sobre o frio provocado pela falta de sol e pelo constrangimento de ocupar cômodos menos confortáveis do que os ocupados pelo resto da família.

– O corredor de pedra transporta nossas vozes como se fosse um gramofone. Todo mundo pode ouvir o que estamos fazendo.

– Não exagere – falou ele com uma risada.

– Mas é verdade. Cabaça Mágica diz que os vizinhos se juntam com os ouvidos colados na parede para nos ouvir, como se fôssemos atores de uma ópera.

Ele riu.

– Deixa eles se divertirem. Nunca tiveram tanta emoção na vida. Por que devemos privá-los disso?

Eu disse que eu não precisava de toda uma ala nova, mas que bastaria ampliar a parte do pátio de forma que minhas acomodações ficassem voltadas para dentro, longe da rua e do corredor que repetia os ruídos.

– Fico incomodada ao saber que Pomelo e Azure podem nos escutar.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos.

– Nunca vi ninguém se queixar do barulho.

– Os ruídos também chegam aqui – expliquei com voz chorosa. – Escuto quando você leva Pomelo ao delírio. Pelos gritos, sei exatamente o que você está fazendo, se ela está de costas, de bruço ou saltando no ar.

Ele riu.

– Você tem uma imaginação e tanto.

– Como posso dormir depois de ouvir você dizer que pertence a ela e que ela é a sua favorita?

– Eu nunca disse que ela era a minha favorita.

– Você não imagina o que escapa dos seus lábios quando você chega nas nuvens! – Intensifiquei meu tom de angústia. – Como posso dormir com meu coração tão ferido?

Ele apenas riu.

– Minha mulher que não consegue dormir, vou fazer o mundo inteiro saber que você é a minha favorita. Pode gritar aos quatro ventos.

Ele estava agitado desde o começo. Os dedos dele pareciam as raízes duras de uma árvore morta. Agarrou os meus seios e torceu, o que me fez ganir. Depois mordeu meu pescoço, minha orelha e meu lábio inferior e, cada vez que eu manifestava minha dor, ele berrava:

– Diga-me que eu sou seu. Diga que você me quer! Fale bem alto.

Depois que essa provação acabou, me virei para o lado. Tinha usado a tática errada. Ele acariciou meu cabelo e disse que agora Pomelo sabia o quanto ele gostava de mim. Ficou falando que ele tinha gostado mais e eu me esforcei para não ouvir aquelas palavras repulsivas. Eu não disse nada. Ele me virou para ele e vi que as pupilas dele estavam grandes e sombrias, como as de um animal. Olhei para baixo para não precisar encará-lo. Ele ergueu meu queixo à força.

– Olhe para mim – falou. – Seus olhos são encantadores e permitem enxergar o que passa na sua mente. – Em seguida, beijou minhas pálpebras. – Mesmo quando você está calma, nos seus olhos eu consigo traçar todo o caminho até o esconderijo dos seus verdadeiros sentimentos. Devo entrar para ver o que tem lá dentro? O que você realmente sente por mim?

As pupilas dele pareciam duas luas negras e eu tinha a impressão de que ele realmente havia entrado dentro dos meus olhos. Senti um peso opressivo na minha cabeça e mal conseguia pensar. Ele estava sufocando meus pensamentos e a minha vontade. Precisei fortalecer a minha resistência. Aí ele ergueu meu queixo. Eu estava decidida a não mostrar que estava nervosa. Deixei minhas pálpebras caírem um pouco para dar uma impressão sonhadora ao meu olhar.

– Abra os olhos – ordenou ele. – Quero saber tudo de você. Estou vendo tudo agora, até seus preciosos pensamentos. E aqui está o meu: eu nunca vou deixar você ir embora.

Eu me assustei e ele percebeu a tensão do meu corpo.

– O que foi, meu amor? – Perguntou. Depois virou meu rosto na direção do rosto dele. – Olhe para mim. Diga-me por que você está com medo.

No início, eu não conseguia falar.

– Nunca pensei que eu iria ouvir você prometer isso. Fiquei surpresa e agora espero que isso se torne realidade.

Ele continuava olhando fixo nos meus olhos e me forçando a olhar para ele.

– Você é minha e vai ser minha para sempre. Eu pertenço a você?

Mais uma vez, senti a presença opressiva dele em meus pensamentos. Foi preciso recorrer à força que restava na minha mente para lutar contra o medo.

– Você é meu – falei.

Percebi o que ele estava pensando. Estava com raiva por eu ter mentido. Então repeti a afirmação em tom mais suave, com uma voz macia e forçando um olhar alegre e cheio de admiração, que tive a sorte de fazer parecer verdadeiro.

CABAÇA MÁGICA DISSE que vivia como uma monja budista, e que a obediência a um bando de idiotas e tolos aumentaria seus méritos para chegar no outro mundo. Porém, viver entre a criadagem tinha suas vantagens, falou ela, pois ela podia ficar sabendo do que estava sendo tramado. Azure estava doente, ou fingindo ter adoecido novamente. Azure estava mentindo que o filho de Perpetual estava doente. Pomelo estava doente. Pomelo estava fingindo estar doente novamente. Pomelo reclamou da comida. Azure a repreendeu por reclamar por qualquer coisa. Pomelo proporcionou a Perpetual algum tipo de sexo que ele apreciou e, em troca, a presenteou com uma pulseira. Azure disse que não estava achando a pulseira destinada à futura noiva de seu filho. Pomelo ficou irritada por ser obrigada a devolver a pulseira. Perpetual estava de partida para inspecionar as serrarias e todos nós teríamos

uma semana de paz.

Cabaça Mágica e eu falávamos baixinho, o que para ela custava um esforço enorme. Ela suspeitava da empregada de Azure, a quem já havia visto tentando nos espionar. Para manter a moça longe da nossa janela, Cabaça Mágica espalhou um boato de que tinha visto o fantasma de uma mulher com um olhar esbugalhado rondando nossos quartos. Mesmo com essas precauções, preferíamos falar baixo. Quem sabe se as outras empregadas que serviram a família do outro lado da casa estariam ouvindo o que a gente dizia? Eu costumava me preocupar com a empregada de Pomelo, até a moça engravidar de um senhor de Moon Pond, que pagou uma soma a Perpetual para levar a moça. Azure não pretendia usar o dinheiro para comprar uma substituta para Pomelo.

Com Perpetual longe dali, o peso de nossas vidas diárias diminuiu. Cabaça Mágica, Pomelo e eu falávamos dos velhos tempos, às vezes com tristeza e outras em meio a risadas. Contávamos histórias sobre nossos favoritos. Não rememorávamos as humilhações e quase todos os pretendentes, patronos, amantes, cortesãs e madames estavam no nosso repertório de lembranças. Podíamos escolher o assunto das conversas: homens encenqueiros, generosos, bem-humorados e até os mais jovens, com demandas sexuais infinitas. Nós concordamos que cada uma tinha um cliente que transformava o trabalho em prazer, a quem amávamos e com que gostaríamos de nos casar, mas que mais tarde nos faria desacreditar no amor. Conteí a Pomelo sobre Loyalty.

Eu já havia prometido não pensar mais nele, mas era impossível manter as lembranças congeladas na mente. Quando ele me conheceu eu tinha sete anos e havia visto minha transformação desde que deixei de ser apenas uma garota americana mimada. Ele sabia o que eu queria dele, o que eu gostaria de receber de qualquer homem. Sofria com as minhas suspeitas, a minha incessante busca por mais, por honestidade. Lembrei quando ele me aconselhou a aceitar a bondade quando ela fosse ofertada e a saber reconhecer o amor. Olhando para trás, eu podia ver o quanto ele me amava à sua maneira, mas eu queria mais. As boas lembranças dele agora pareciam dádivas.

Mas as melhores lembranças de todas envolviam Edward e Flora, assim como as mais tristes também. Nós três mantínhamos nossas histórias mais tristes como as mais preciosas, pois eram uma prova de amor. Conteí várias histórias que chegavam a doer.

Numa tarde, chorei muito pensando na Pequena Flora. Era dia 18 de janeiro e ela estava complementando dezessete anos. Cabaça Mágica e eu lembramos do nascimento dela.

– Lembra do olhar no rosto de Edward enquanto segurava a menina? E do dia em que ela viu uma mosquinha “esfregando” as mãos?

Eu desejava que minha filha estivesse feliz e temia que ela não guardasse mais nenhuma lembrança de mim. De repente, ouvi um espirro do lado de fora da minha janela e abri as persianas. A empregada de Azure saiu correndo. Ela tinha visto minhas lágrimas.

Em Xangai, antes de saber que Perpetual estava me cortejando, eu havia falado abertamente sobre Edward. Afinal, ele tinha partilhado comigo sua tristeza por causa de Azure. Falei que os pequenos momentos com Edward eram sempre imensos na minha memória: uma conversa sobre a natureza vigilante de pássaros, as cores em transformação em nossos olhos, e outras coisas como essas. Perpetual elogiou a devoção de Edward, “seu amado marido”, e me encorajou a continuar falando. Éramos cúmplices na tristeza, definiu ele, e eu concordei, sem perceber o perigo de declarar a um futuro amante que jamais

amaria alguém mais do que o amante perdido.

Depois que nos tornamos amantes, às vezes Perpetual perguntava com delicadeza se eu ainda pensava em Edward. Eu admiti que pensava, mas logo expliquei que pensava mais no meu novo amor. Perpetual chorou ao ouvir isso. Aos poucos, percebi que ele não queria que eu lembrasse de nada sobre o meu passado e parei de falar sobre Edward. Com o tempo, precisei fingir que eu tinha perdido todas as lembranças dos muitos momentos felizes que só havia partilhado com Edward. Perpetual queria fingir que minha vida tinha começado com ele e que ele havia despertado todas as minhas emoções. Mas a criada tinha visto a verdade no meio daquele monte de lágrimas. Ela contaria a Azure, que lhe daria uma recompensa.

– Azure me contou que você estava chorando – falou Perpetual aquela noite, quando ele entrou na minha cama. – Você está triste, meu amor? Ele parecia preocupado.

– Por que eu estaria triste? Talvez ela tenha me ouvido cantar esta tarde. Era uma música triste.

– Quero ouvir.

Meu corpo congelou.

– Eu estou muito envergonhada, pois já não canto tão bem como fazia na casa de cortesã. Preciso ensaiar um pouco ou eu vou ferir os seus ouvidos com o meu desafino.

– Tudo que você faz é encantador. Quando é imperfeito, fica ainda mais lindo. – Passou os braços em volta de mim. – Cante se quiser que eu solte você.

Forcei minha memória e finalmente lembrei de uma canção americana bobinha e que eu detestava. As moças da casa das flores costumavam colocar a música para tocar e dançar um *foxtrot*, e a melodia permanecia fixa no meu cérebro por vários dias. Naquele momento, cantei a letra em inglês para Perpetual com o tom mais triste que consegui.

*Pequeno chinês apaixonado e sozinho
Preparando suas coisas para partir
Em um grande navio.
Como ele lamenta deixar sua terra natal!
Depois de tantos anos,
O tempo de navegar se aproxima.
E ele canta em meio às lágrimas,
“Adeus, Xangai.”*

Perpetual aplaudiu.

– Sua voz ainda é linda. Mas o que querem dizer as palavras em inglês? Só entendi *adeus, Xangai*.

– Fala sobre uma menina triste que deixa a família em Xangai.

– Você estava cantando isso porque você sente falta de Xangai?

Onde aquela canção triste iria me levar?

– Eu quase não sinto nenhuma saudade – respondi.

– Quase? Então você sente um pouco. Do que você mais sente falta? Das festas, das roupas bonitas, da comida saborosa?

Pensei em algo ingênuo.

– Sinto falta do peixe do mar, só disso.

Perpetual acariciou meu rosto e, quando olhei, ele disse:

– Você sente falta dos homens?

Eu me sentei e perguntei:

– Como você pode perguntar isso?

– Você tem vergonha de admitir, meu amor?

– Não tenho saudades do meu passado – falei sem demora. – Só fiquei surpresa por você fazer uma pergunta dessas.

– Por que não está olhando para mim agora? – Virou meu rosto na direção dele. – Pois eu acho que você gosta de lembrar daqueles homens, de alguns deles em especial.

– De nenhum. Era apenas trabalho.

– Você deve ter gostado de alguns, dos mais bonitos ou mais charmosos. Loyalty Fang. Ele foi o primeiro, não foi?

Prendi a respiração. Como ele sabia? Será que Loyalty tinha ido se vangloriar com ele? Ou a empregada de Azure escutou alguma coisa?

– Eu não tenho nenhum sentimento especial por ele – afirmei.

– Uma mulher sempre gosta do primeiro – falou ele. – Ao longo dos anos, você deve tê-lo recebido sem esse sentimento profissional. Ele é muito mais bem-sucedido do que eu e deve ter dado presentes bonitos para você. Olhe para mim. Ele é mais bonito?

Perpetual prendeu meus braços e olhou para mim. Virei o rosto ligeiramente.

– Você está pensando nele agora? É por isso que desviou o olhar? Gostaria de fazer de conta que o meu pau é o dele? Virar o rosto é um jeito de não precisar olhar para o meu rosto.

Antes que eu pudesse responder, ele me imobilizou e me fodeu como um macaco enlouquecido, em meio a gemidos e gritos. Ele tinha perdido o juízo.

Na noite seguinte Perpetual parecia calmo, mas eu estava alerta. Conversamos sobre o filho dele, comentando como o menino tinha crescido. A voz de Perpetual era suave. Ele elogiou a dedicação aos estudos e citou as coisas inteligentes que o menino tinha dito. Estava de bom humor quando me despiu e me puxou para a cama. Mas, dentro de instantes, mudou totalmente. Ele me envolveu com força e ficou olhando nos meus olhos. Não falou uma palavra, mas eu podia senti-lo rodeando meus pensamentos, revolvendo-os e substituindo-os pelos dele.

– No que você está pensando, meu amor? – perguntou. – Em Edward?

Eu estava preparada.

– Eu não estou respondendo a perguntas sobre Edward. – Tentei me soltar, mas ele apertou os braços. – Eu não entendo por que você pergunta isso. Edward está morto. Você está aqui.

– Por que você mente? A mentira é o que nos separa. A mentira significa que você está se escondendo e que ele ainda está aqui. Eu sei que você sente falta dele e não há vergonha nisso.

Era verdade, eu pensei comigo, agora mais do que nunca. Mas eu sabia que não podia dizer nada.

– Para que eu possa amá-la totalmente – falou ele, com uma voz suplicante –, você precisa deixá-lo ir embora e ver quem ele era de verdade. Era um estrangeiro que disse que se casou com você para poder trepar de graça. Por que você está tremendo? Por causa dele? Está lembrando o que ele fez com você, como ele fodeu você como se faz com uma

prostituta? Ele ainda está aqui, não é? Um cadáver no meio de nós nesta cama.

Consegui não gritar com ele. Falei em tom calmo:

– Eu não quero mais falar sobre isso.

– Vamos lá, meu amor, diga a verdade. O que você sentiu quando ele tocou em você? Arrepios? Ou você queria senti-lo dentro de você na mesma hora? Você era experiente e mulheres como você não represam o desejo. Senti isso quando nos conhecemos. Você me queria, mas eu recusei. Fiz você esperar antes de dar o que você queria. – Ele me abraçou com força e seu rosto estava estranhamente sem expressão. – Por quanto tempo você esperou por ele? Ele fodeu você por trás, como se fosse uma cadela? É isso o que os estrangeiros fazem de melhor? – Ele me virou e me deu um tapa. – Ele fez isso? Foi com mais força? Mais rápido? Você se ajoelhou na frente dele? Por que você está resistindo? Mostre o que você fez com ele que você nunca fez comigo. Quero tudo o que ele teve. Eu quero o que você deu a esses homens que eram apenas clientes. Quero até o que você nunca deu a qualquer um desses bastardos.

Ele me batia e eu não tinha fôlego para falar. Perpetual estava me esmagando com o seu peso. Estava me comprimindo. Tentei empurrá-lo e ele gritava palavras para me excitar. Percebi que teria de dizer o que ele precisava ouvir e gritei que ele era meu e eu era dele. Eu gritei para ele pegar tudo de mim, mais e mais. Ele se satisfez.

Quando terminou, deitou-se pleno e exausto. Voltou a agir com suavidade.

– Meu amor, você é tão querida para mim. O que é isso? Por que você parece tão infeliz?

– Eu não conseguia respirar. Pensei que ia ficar sem ar.

– Machuquei você? Eu perco o controle durante o sexo, você sabe disso. Eu me sinto liberado e sem amarras e eu pensei que você estava se sentindo assim também. Mas vejo que não foi assim. Você estava pensando naquele americano bastardo e mentiroso?

A dor antiga e incontável voltou a se manifestar. Senti um ódio imenso de Perpetual.

– Claro que eu penso nele. Você não pode sujar a memória dele.

Ele se levantou, foi até a mesa e olhou para mim. A luz iluminou o rosto e seus olhos pareciam buracos profundos. Seu rosto estava contorcido.

– Não consigo acreditar que você está dizendo isso depois do que acabamos de viver.

Ele me apertou com tanta força que minhas palavras saíam truncadas conforme eu berrava:

– Eu sempre vou amá-lo! Ele me deu respeito e amor. Ele me deu a minha filha e ela é mais preciosa para mim do que qualquer outra pessoa na Terra.

Perpetual me soltou. Passou os braços em torno de si mesmo e fez uma expressão de dor.

– Você ama os dois mais do que a mim?

Eu estava satisfeita por tê-lo atingido. Iria machucá-lo ainda mais, até que ele me odiasse e me expulsasse.

– Eu nunca amei você – falei. – Você devia me deixar ir embora.

Ele se levantou da cama e veio na minha direção. Seu rosto estava duro como rocha.

– Eu não reconheço mais você – falou.

E me deu um soco.

O lado do meu rosto ficou dormente por alguns momentos antes de começar a latejar, como se as pancadas continuassem. Eu o via com meus olhos embaçados, um homem nu balançando para frente e para trás, com a boca aberta de horror por ter me machucado. Ele

estendeu a mão para mim e eu o mandei sair dali. Peguei meu vestido e, enquanto ele pedia desculpas, eu berrava para que ele fosse embora. Ele agarrou meu braço, eu puxei e ele se afastou. Senti um pontapé nauseante nas minhas costas e caí para a frente. Antes que eu pudesse recuperar o fôlego ele me chutou de novo, agarrou meu cabelo e bateu na lateral da minha cabeça com os nós dos dedos. Perpetual soltava um choro estridente.

– Pare, pare, você precisa parar – como se fosse ele quem estivesse recebendo os golpes.

Ele era louco e ia me matar. Eu senti os chutes e socos duros, o alvo mudando dos meus ombros para minha coxa e meu estômago. Ouvi Cabaça Mágica gritar com ele. Ele parou por um momento e eu a ouvi uivar de dor. Ele voltou a me bater com os punhos. Depois de cada soco, vi pequenos círculos brancos que aumentavam e sumiam, revelando o rosto lúgubre dele. Senti uma explosão na parte de trás da minha cabeça e só havia escuridão diante de mim. Ele havia me cegado. Ele me empurrou e eu tive a sensação de cair para trás, esperando meu corpo bater no chão. Eu continuava a cair e a esperar, olhando para a escuridão através dos meus olhos cegos.

ACORDEI E VI um rosto estranho e horrível balançando acima de mim. Engoli em seco. Era Cabaça Mágica. Ela tinha um olho roxo e inchado por causa de um soco. Metade de rosto dela estava machucado e vermelho.

– Vou cortar fora a minhoca dele – falou ela. – Bastardo miserável! Você acha que estou brincando? Vou pegar a faca mais afiada que tiver na cozinha depois que todos forem dormir. Se ele vai te matar, nós vamos matá-lo primeiro.

A voz dela parecia flutuar e as palavras dançavam para cima e para baixo. Ela havia me dado ópio medicinal, explicou. Eu me sentia acomodada sobre almofadas de ar.

– Conheço bem essa laia. Basta deixar a crueldade dele sair de dentro para nunca mais conseguir colocá-la de volta. Ele viu o seu pânico e isso o excitou. Quando você grita em agonia, ele fica suave e cheio de amor. Mas daí, pum! Muda totalmente e quer que você se acovarde para que ele possa parecer gentil outra vez. Os homens cruéis são viciados no medo das outras pessoas. Basta provar o gosto para alimentar isso sempre. – Ela amaldiçoou Perpetual, mas depois não consegui ouvir mais nada e me perguntei se tinha ficado surda.

Quando abri os olhos, vi o rosto pouco nítido de Pomelo se movendo em ondas. Por um momento, pensei que tinha me afogado e via tudo debaixo d'água. Eu poderia estar morta, mas pelo menos não estava cega. Ela pareceu rígida em um momento, depois fez uma expressão de quem perdoa. Por que eu preciso ser perdoada? Tentei perguntar a ela, mas as palavras não saíam.

O efeito do ópio desapareceu e acordei com uma dor aguda. Meus olhos percorreram o quarto à procura de Perpetual. Eu não podia fugir dele. Minhas pernas e braços estavam rígidos e, quando tentei me mexer, uma dor afiada atravessou cada parte do meu corpo. Pomelo estava colocando compressas de ervas sobre os machucados, mas o peso aumentava a dor ainda mais.

Não sei quantos dias se passaram até que Perpetual apareceu com os olhos vermelhos, uma expressão de arrependimento e um presente. Apesar da minha dor, eu o empurrei para longe. Se ele queria me matar, que matasse naquela hora.

– Como eu fui capaz de fazer isso? – Gritou ele. – Fiz você ter medo de mim.

Ele alegou que estava bêbado, e que o amor, o desespero e o vinho tinham provocado tudo aquilo. Também temia que o fantasma de seu pai o tivesse possuído.

– Foi tudo misturado, mas não era eu. Eu fiquei aterrorizado com o que estava acontecendo e não conseguia parar.

Lembrei das palavras dele: *“Pare, pare, você precisa parar”*.

Ele examinou o machucado na minha mandíbula, os hematomas nos meus ombros, braços e pernas, e beijou cada um, fazendo com que ondas de náusea tomassem conta de mim. Descreveu as contusões com as cores de frutas – ameixas, peras, mangas.

– Como fui fazer isso com sua pele preciosa, meu amor?

Ele colocou uma bolsa de seda ao meu lado na cama. Eu não encostei no presente. Ele abriu e tirou um enfeite de cabelo, uma fênix com incrustes de ouro e detalhes em turquesa e pérolas na cauda. Tinha pertencido à bisavó dele, falou.

– Para você ver o quanto significa para mim. – Deixou o presente sobre a cama.

Todos os dias ele vinha e se sentava ao lado da cama por alguns minutos. Meu medo superava a repulsa. Trazia frutas e doces, que eu não comia. Ele não pedia nada. Duas semanas depois do espancamento, ele perguntou se poderia fazer amor comigo e prometeu ser gentil. Disse que jamais faria nada que me machucasse. O que eu poderia fazer? Para onde eu poderia ir? O que mais ele poderia fazer comigo se eu recusasse?

– Sou sua esposa – falei – e esse é um direito seu.

Meu corpo tremeu quando ele me tocou. Eu tinha vontade de me levantar e sair correndo. Quando eu finalmente consegui controlar meu corpo, senti as mãos dele como pesos de pedra sobre minha carne morta. Ele não gostou da minha falta de entrega, mas entendeu que levaria tempo até que nós dois voltássemos a nos amar com plenitude. Quando ele saiu, eu vomitei. Logo em seguida, ouvi que gritava de prazer no quarto de Pomelo. Gritou com ela e ela gritou de volta que pertencia a ele, que cada parte dela pertencia a ele. Se ela queria tanto, poderia ficar com ele todas as noites.

Cerca de uma vez por semana, Perpetual ficava frio e me batia. Não era como a primeira vez, quando pensei que iria me matar. Ele berrava e eu gritava de volta, sabendo o que viria em seguida. De acordo com Cabaça Mágica, os vizinhos se sentavam perto de suas janelas comendo amendoins, enquanto apreciavam aquela cena. Ele tomava cuidado para não bater no meu rosto. Golpeava a parte de trás da minha cabeça e minhas costas, e chutava o meu traseiro e as pernas. Depois me empurrava contra a parede e me forçava a olhar para ele, puxava meu cabelo e me jogava no chão. Quando eu estava sem condições de continuar, me enrolava como uma bola. Cabaça Mágica estava certa sobre a necessidade dele de ser cruel e depois parecer arrependido. Eu o odiava e não queria mostrar o meu medo.

Quando ele estava na minha cama, eu recorria às lembranças para fazê-lo desaparecer. Ele não podia ver ou ouvir meus pensamentos e eu saltava de uma lembrança a outra até ele ir embora. Visitei todos os lugares que eu amava. O grande salão onde encontrei Carlota, que brincava com uma bola feita com o lenço da minha mãe. Fui a uma rua de onde partiam os passeios de carruagem. Acenei para alguns homens. Caminhei diante de uma sequência de lojas que vendiam livros, medalhões e relógios. Comprei doces. Encontrei Edward. Estávamos no carro e eu estava dirigindo. Soltei um grito porque achei que ia atropelar uma pata e seus filhotes. Voltei para uma tarde quente demais para fazer

qualquer coisa, a não ser deitar nos sofás que ficavam na biblioteca, um em frente ao outro. Ele estava lendo *A Taça de Ouro*. Escute, falou ele. O que eu estava lendo? Estava lendo um trecho do diário dele. Do diário que ele escrevia. Li a passagem em voz alta. Eu estava dirigindo. Voltei para nosso quarto e vi Edward parado, com a Pequena Flora nos braços. Era quase madrugada e o quarto estava quente com a luz sépia, mais foi ficando mais claro e mais cheio de cor. Eu podia vê-los tão claramente, o olhar no rosto de Edward enquanto ele dizia para a Pequena Flora que ela era milagrosa. Senti o momento em que ele olhou para mim e disse: “Ela é perfeita como o amor, pura e sem danos”.

Por que ele usou a expressão “sem danos”? Pensei em perguntar isso a ele depois, quando Flora adormeceu. Havia tantas coisas que eu queria perguntar e agora as únicas respostas que eu jamais teria eram aquelas em que eu precisava acreditar. Eu sabia o que ele estava dizendo. Eu iria protegê-la e todo o mal feito a mim desapareceria, até eu voltar a ser pura e não ter mais ódio no coração, só amor.

DUAS OU TRÊS vezes por semana, Cabaça Mágica e eu íamos até o pátio de Pomelo para jogar *mahjong*. Nós nos tornamos como velhas colegas das casas de flores, que tinham abandonado as suspeitas mútuas e prometido não prejudicar uma a outra. Um dia, ela falou de um prato que tinha comido em Xangai. Em um sussurro, alertei que a empregada de Azure podia ouvir e contar a Perpetual que ela estava pensando em sua antiga casa.

– A empregada de Azure? – Perguntou ela. – Aquela pequena espiã não tem coragem de falar nada sobre mim. Morre de medo. Ela e o criado são amantes, sei disso porque ele dá para ela comida roubada da despensa. Mas ela recebe uma recompensa de Azure por espionar você. Sugiro que você deixe a moça faturar o prêmio. Quando souber que ela está espionando, fale sobre seu eterno amor por Perpetual e por sua admiração por Azure. Deixe a empregada levar as mentiras adiante.

Pomelo colocou um disco na vitrola.

– A criada não consegue ouvir quando a música toca.

Na nossa última visita a Pomelo, ela começou a conversa sobre *mahjong* com uma queixa.

– Sinto muito em lhe dizer que você não pode superar minha afeição por Perpetual.

Olhei para ela, na tentativa de entender onde ela queria chegar.

– Eu escuto o que acontece entre você e Perpetual lá do outro lado do pátio, assim como você escuta o que acontece aqui. Eu sou mais convincente do que você. Quando se trata de elogiar o pau dele, você parece uma iniciante. Sugiro que você melhore suas habilidades como atriz. Eu estava pensando que podemos começar uma competição para ver quem finge mais. Podemos ser como as irmãs das casas de flores de Xangai que conhecemos no passado, disputando um homem que não querem. Grite de prazer, diga que será dele para sempre, que o ama e só a ele. Faça isso para honrar o orgulho que já tivemos da nossa profissão.

– Prefiro que ele me bata.

– Foi isso o que uma das outras concubina falou. Ela era forte como você.

Prendi a respiração. Eu estava esperando que ela me contasse mais sobre isso, mas ela tinha se recusado até agora. – Ela vivia no meu quarto?

– Ela vivia no *meu* quarto. Eu é que morava no seu, até ser promovida. O nome dela era Esmeralda – contou Pomelo. – Ela realmente amava Perpetual, mesmo depois de chegar aqui e ver que ele tinha mentido. Mas quando eu apareci, ela enlouqueceu. Começou a

repreendê-lo por ser desonesto, a zombar dele por viver em um lugar tão pobre. Parou de demonstrar qualquer carinho ou paixão e não mostrava medo. Ele bateu nela a ponto de quase matá-la. Arrancou dois dentes e machucou um dos olhos de forma que ela nunca mais conseguiu abrir a pálpebra outra vez. Uma noite, eu a ouvi gritar mais alto do que o habitual e, na manhã seguinte, ela sumiu. Achei que Perpetual tinha matado a moça e levado o corpo embora, para que ninguém pudesse ver o que ele tinha feito.

– *Ai-ya!* – falou Cabaça Mágica.

Engoli em seco e meu estômago se retorceu. *Perpetual, um assassino.* Meu fim poderia ser igualzinho.

– Depois fiquei sabendo que ela fugiu – contou Pomelo.

Respirei novamente. Agora eu estava ansiosa para saber como ela tinha feito isso.

– Ela seguiu a trilha às margens do rio. Na primeira curva, duas mulheres que trabalhavam no campo viram Perpetual e ela brigando. Ela se soltou e entrou correndo no rio, cambaleando para frente sobre as pedras lisas. Nas margens a água não passava dos joelhos e ela deve ter achado que seria fácil chegar ao outro lado. Mas o musgo das pedras estava escorregadio, a água corria com força e ela caiu algumas vezes. Mais para o meio do rio, a água chegava nas coxas. As roupas dela prendiam as pernas e ela tinha de se esforçar para ficar de pé. Toda vez que caía ela saía um pouco mais à frente, até conseguir ficar de pé novamente. Mas logo a água chegou na cintura e levou a moça embora, como se fosse uma folha. Ela conseguiu chegar numa das margens e se agarrou às raízes de uma árvore. Perpetual achou um galho resistente e estendeu-o para ela, que aceitou a ajuda. As mulheres que estavam vendo tudo aquilo ficaram aliviadas. Quando Perpetual puxou o galho, gritou algo para ela. Ela gritou de volta. As mulheres não sabem o que eles disseram, porque a água fluía rápido e fazia muito barulho. Mas uma delas disse que Perpetual ficou irritado e soltou o galho. Esmeralda foi levada com o galho ainda nas mãos. A cabeça dela balançou algumas vezes antes de o corpo chegar numa pequena queda e ser engolido. A mulher disse que Perpetual parecia tão satisfeito como um homem que tinha pescado um grande peixe.

Fiquei sem reação ao imaginar a cena.

– A outra mulher deu uma versão diferente. Disse que, quando os dois estavam berrando um para o outro, Esmeralda tinha um olhar enlouquecido. Ela deu um último grito e soltou o galho, deixando seu corpo ser levado pela correnteza. A mulher disse que Perpetual parecia um homem que havia pescado um peixe grande só para soltá-lo e vê-lo nadar para longe. O corpo de Esmeralda foi encontrado no dia seguinte, a um quilômetro e meio rio abaixo, prensado contra uma pedra. A correnteza estava tão forte que o corpo só foi tirado de lá no verão, quando o nível de água baixou. Mas, não importa como tudo aconteceu, as pessoas diziam que Perpetual não podia ser culpado de nada, pois afinal a moça tinha fugido. Ela entrou na água. Mas, se você perguntar minha opinião, acho que foi ela quem soltou o galho. Ela era desse tipo de mulher. Era como você.

Minha garganta apertou.

– Você disse que tinha outra concubina. Ela também morreu?

– É sobre ela que eu queria falar com você. Charme chegou depois de mim e foi embora um ano antes de você chegar. Ela ficava no seu quarto.

Desejei que Pomelo não me dissesse que Charme também tinha tido uma morte horrível.

– Charme e eu ficamos tão próximas que quase nos tornamos irmãs. Trocávamos

segredos sobre nosso ódio por Perpetual e ficávamos pensando em maneiras de fugir. Ela tinha dois pés saudáveis, enquanto os meus eram ruins. Ela suspeitava que sempre que Perpetual dizia que estava indo inspecionar a serraria, na verdade ia até a Montanha do Céu. Numa manhã, ela esperou escondida no começo das trilhas. Viu Perpetual subindo com passos rápidos. Quando ele voltou para casa, ela o abasteceu com um monte de vinho e algumas gotas de ópio e o consumiu com sexo furioso. Ele caiu no sono e ela vasculhou os bolsos da calças que ele tinha usado na viagem. Achou um pequeno envelope de couro e, dentro dele, um pedaço de papel dobrado cinco vezes. Parecia ser um poema sobre a paisagem da Montanha do Céu. Falava de uma árvore com um ramo curvado como o braço de um homem, uma rocha em forma de tartaruga e várias referências diferentes, incluindo pedras que uma pessoa poderia ultrapassar mas um cavalo não conseguiria. Havia também palavras como esquerda, direita, em frente, para cima, para baixo, o terceiro, o segundo. Ela percebeu que estava segurando as instruções para ir até o topo da montanha, até a Mão de Buda.

Meu coração disparou. Era uma possibilidade de fuga.

– Você anotou as indicações?

– Deixe-me terminar. Quando ela foi embora, não queria que Perpetual soubesse para onde ela tinha ido. Ela rasgou um casaco e uma calça e mostrou para mim. “Deixe-o pensar que eu segui Esmeralda e morri na água.” Ela prometeu mandar notícias quando chegasse a um lugar seguro. Fugiu naquela noite, depois de deixar Perpetual desacordado com sua combinação de bebida e sexo. Levou as indicações, a roupa rasgada e uma pequena mochila com comida e água. No dia seguinte, Perpetual encontrou as roupas rasgadas no rio. Ele pareceu realmente estar com o coração partido. Eu fiquei contente por ela ter escapado pela Montanha do Céu, mas depois de dois meses sem notícias achei que ela não tinha conseguido. Lamentei a morte dela e desejei que tudo tivesse ocorrido sem sofrimento.

Então, além de tudo na minha cama também tinha um fantasma: o de Charme.

Pomelo abriu uma gaveta e tirou uma pequena folha de papel dobrada.

– Há dois dias, recebi uma prova de que ela está viva. Um vendedor de sapatos veio aqui e disse que minha irmã tinha mandado um presente para mim. Os sapatos pareciam conhecidos e eu aceitei o presente. Tinham pertencido a Charme. Ela desmanchou os sapatos e os transformou em um par capaz de se encaixar nos meus pés atrofiados. As costuras eram perfeitas e eu procurei por uma abertura no forro, como nós cortesãs aprendemos a fazer para esconder dinheiro ou bilhetes dos nossos amantes. Com cuidado, abri a costura de trás do sapato esquerdo. – Ela me mostrou o bilhete:

Siga as instruções para subir a Montanha do Céu. No alto, você vai ver o vale e uma cúpula de rocha com a forma da Mão de Buda. Da beirada, olhe para baixo e vai ver a cidade de Mountain View. Procure a casa da Charme e ficarei feliz em recebê-la.

Imaginei uma cidade instalada no vale no alto da montanha. Cabaça Mágica e eu nos abraçamos de felicidade.

– Quando vamos partir? – perguntei para Pomelo.

– O mais rápido possível. Vou ficar e dizer que ouvi você falando sobre fugir pelo rio. Quando vocês chegarem a Mountain View, mandem um bilhete dentro de um par de sapatos para dizer qual a dificuldade para ir até lá. – Ela apontou para os pés atrofiados. Embora

não fossem especialmente pequenos, era claro que ela não conseguiria subir toda aquela distância sozinha. Discutimos o problema durante alguns minutos, Cabaça Mágica e eu insistindo que deveríamos seguir juntas, como três irmãs.

Cabaça Mágica ergueu os pés:

– Está vendo? Os meus também foram atrofiados, mas estou disposta a tentar.

Pomelo empurrou os pés de Cabaça Mágica para longe.

– Quando você era pequena os seus pés estavam soltos. Hoje eles têm o tamanho dos pés de Violet, talvez ainda maiores.

Continuamos conversando. Queríamos encontrar uma maneira de ajudar Pomelo, mas ela insistia que seria um fardo. Nós lembramos que ela havia passado as instruções e o bilhete de Charme. No final, ela disse:

– Vocês duas são muito boas para mim e eu nem cheguei a consertar os móveis dos quartos de vocês.

DEPOIS DAQUELA NOITE, passei a ver a vida de forma diferente. Ouvi os camponeses se cumprimentarem com gritos rudes pela manhã, mas eles pareciam mais suaves. Vi homens velhos fumando seus cachimbos nas ruas. Uma matilha de cães uivava e latia, mas a barulheira diminuía conforme eles se afastavam e, na minha cabeça, eu estava correndo com eles.

Era primavera e as folhas estavam brotando. A chuva finalmente tinha parado e os dias ficavam mais quentes. Pomelo já tinha montado um par de muletas com as pernas das cadeiras quebradas. Colou camadas de couro resistente na parte inferior dos sapatos e preparou uma bolsa com ervas para reduzir o inchaço. Todas as noites em que não estava com Perpetual, depois que as criadas iam dormir, ela treinava caminhadas dentro do seu quarto.

Trouxemos do galpão outros pedaços de madeira de móveis estragados, que usamos para fazer nossos dublês – a ideia era que eles fizessem as pessoas pensarem que não tínhamos saído. Os fundos dos banquinhos foram transformados em nossas cabeças, metade do tampo de uma mesa de chá foi usada para fazer o tronco e as pernas da mesa viraram nossas pernas e braços. Cabaça Mágica insistiu em desenhar rostos nos bonecos efígies: fez uma mistura de lama, esculpiu junto com pedras de tamanhos diferentes e criou os olhos, narizes e lábios. Nossos rostos ficaram bastante assustadores.

Cabaça Mágica e eu tínhamos estocado alimento suficiente para nós três durante três dias. Eu não podia levar nada e tudo seria um fardo tanto para o meu coração como para as minhas costas. Iria levar apenas as roupas mais adequadas para dias quentes e noites frias. Mas então me lembrei de algo que não poderia deixar para trás: o diário de Edward e as fotos dele com a Pequena Flora. Pensei no terrível dia em que ela foi arrancada de mim. Olhei para a foto dela e aconselhei: “Resista muito e obedeça pouco”. Eu mesma estava seguindo aquelas palavras. Tirei as fotos das molduras e coloquei no meio do diário.

Cabaça Mágica estendeu uma blusa ocidental e uma saia longa em cima da minha cama.

– Por que você trouxe isso? – perguntei.

Ela sorriu com malícia.

– Para você poder se transformar na sua metade ocidental. Uma mulher ocidental viajando sem marido não vai parecer estranho. As pessoas sabem que os estrangeiros são

malucos e andam por onde querem. Vale a pena tentar.

– E se alguém perguntar por que estou subindo uma montanha, o que eu respondo?

– Vai responder em inglês que é uma artista que viaja por aí para pintar paisagens. Eu traduzo para o chinês.

Fiz uma careta.

– Onde estão minhas obras? O que prova que sou uma artista?

Ela tirou duas telas de dentro da bolsa.

– Nem precisa me mostrar porque eu já sei o que é isso – eu disse.

E eu sabia mesmo: eram os quadros de Lu Shing, um com o retrato da minha mãe e o outro com a paisagem do vale. Sempre que eu jogava aquelas telas fora, Cabaça Mágica ia lá e guardava.

– É. No mínimo, vale a pena tentar – falou ela. – Vou levar as duas. – Ela abriu o retrato do vale e perguntou: – Como eu poderia largar isso? Parece o lugar onde minha mãe mora.

Esperamos chegar a vez de Azure receber a visita noturna de Perpetual. A lua estava quase cheia. Na parte da tarde, quando a criada de Azure estava por perto, Pomelo fez sua representação e nos convidou para jogar *mahjong*. Nós duas recusamos no início e só concordamos depois que ela insistiu mais duas vezes. Ao longo da última semana, tínhamos levado todos os nossos pertences para o quarto dela, peça por peça. Às sete horas, fomos para o quarto de Pomelo para nossa partida de *mahjong*. Às dez horas, quando tudo estava quieto e a empregada de Azure tinha ido encontrar seu amante, vestimos roupas simples de esposas dos camponeses. Perto da parede, instalamos os três bonecos, trajados com belos vestidos. Com calma, colocamos a mesa e as cadeiras de lado, como se tivessem sido derrubadas. Espalhamos as peças de *mahjong* e as xícaras de chá pelo chão, como se nosso jogo tivesse sido interrompido de repente. Usamos o óleo da lâmpada para encharcar as colchas da cama, as cortinas de seda, as luminárias forradas de tecido e o tapete. Depois que o fogo começasse, ninguém conseguiria entrar para nos salvar – ou salvar aqueles bonecos horríveis e com pedras no lugar de olhos. Pomelo e eu saímos pela porta dos fundos, atrás do pátio. Cabaça Mágica ligou a vitrola, colocou uma ária triste, derrubou o braseiro e o óleo da lâmpada e em seguida colocou fogo nas cortinas da cama. Depois, correu para o portão, onde estávamos esperando por ela.

Pegamos a trilha de cima, seguindo a encosta. Depois de cinco minutos, ouvimos gritos na estrada principal logo abaixo de nós. Imaginei os olhares horrorizados das pessoas que viam nossos pobres bonecos deitados em pleno inferno, sem chance de salvação, queimando até ficarem irreconhecíveis. Azure mobilizaria todo mundo para salvar o templo. Mas o que Perpetual faria? O que ele sentiria? Quanto tempo levaria até alguém entrar no quarto para examinar os corpos com pele de madeira queimada?

O caminho seguia para cima e, olhando para trás, víamos a altura das chamas alaranjadas. Gostaria de saber se a casa inteira estava em chamas. Será que a aldeia iria queimar também? A culpa atormentava meus pensamentos. Nós falávamos com coragem, mas nossas vozes sumiram. Estávamos assustadas. Tinha a sensação de que Perpetual poderia saltar de um arbusto e aparecer bem na nossa frente. Quando a aldeia ficou distante, não dava mais para ver a fumaça sobre os contrafortes mais baixos, e todas nós sentimos alívio.

Andamos durante três horas. Pomelo tinha de descansar porque muitas vezes as muletas

cansavam os braços dela. Chegamos a um ponto da trilha que estava coberto de pedras. Dava para passar, mas estava escuro e não queríamos arriscar cair dali. Por isso, arrumamos um lugar atrás dos arbustos e dormimos, duas de cada vez.

Com o novo dia, ficamos impressionadas com a beleza do céu limpo e com as encostas e saliências da montanha. Tive uma sensação de paz dentro de mim que nunca havia sentido. Quando voltamos para a trilha, constatei que uma coisa que Perpetual tinha dito era verdade: a montanha tinha deslizado e coberto o caminho de escombros. Cabaça Mágica e eu poderíamos pular de uma pedra para outra para atravessar, mas ficamos ao lado de Pomelo conforme ela apoiava sua muleta com cuidado antes de dar cada passo. Ela balançava ao passar sobre as pedras maiores e nós tínhamos de ficar prontas para apoiá-la. Quando chegamos do outro lado, ela estava exausta e nós também. Decidimos que merecíamos uma hora de descanso e uma refeição. Andávamos devagar e Pomelo agradecia o tempo todo, ao mesmo tempo em que pedia desculpas.

– O mundo não se importa com as desgraças dos outros quando está ocupado com as próprias dores – falou ela.

Uma vez, alguém me disse que quando você salva uma pessoa, mesmo de forma involuntária, fica ligado a ela por toda a vida. Era assim que nos sentíamos em relação a Pomelo. Cabaça Mágica não cansava de perguntar se ela precisava descansar e eu me preocupava se os pés dela estariam doendo. Ela queria saber se estávamos cansadas de levar a sacola com as poucas coisas dela. Repetíamos com veemência que nada daquilo era um fardo e, de fato, não era mesmo.

À tarde, já tínhamos subido tanto que a trilha agora entrava na floresta, onde felizmente estava mais fresco. Nossa preocupação era que um tigre ou urso pudesse aparecer do meio das árvores. Confessei que eu imaginava pior: tinha medo que Perpetual aparecesse ali.

– Mas como isso seria possível? – perguntou Cabaça Mágica. – Ele deve ter levado um bom tempo para descobrir que os corpos eram falsos. E provavelmente foi nos procurar perto do rio. Por que ele viria para as montanhas?

Andamos pela floresta de pinheiros e comecei a ver pedaços de céu azul e, em seguida, o céu inteiro. O medo opressivo imediatamente sumiu do meu peito, mas não demorou a voltar quando a passagem se transformou em uma trilha estreita que acompanhava as encostas de um penhasco. Fiquei tonta ao observar a profundidade e me lembrei da história de que Edward contou sobre o menino que voou da beira de um penhasco para tentar pegar um boneco.

– Olhe para frente e não para baixo – instruiu Cabaça Mágica. – Para onde você olha é para onde você vai.

– De acordo com este mapa, estamos chegando perto da gruta – falou Pomelo. – Deve ser em algum lugar por aqui. – Ela apontou para o outro lado do abismo. – Acho que chegaremos lá em poucas horas.

Pomelo achava que nossas joias estavam escondidas lá. Imaginei um eremita sentado na gruta, como descreviam os poemas. Sempre achei que o eremita fosse Perpetual. A ideia de que podíamos encontrá-lo na gruta me fez estremecer.

– Olhem! – falou Pomelo, apontando para baixo da montanha.

Algo se movia ali. Nós olhamos e concordamos que não era um tigre nem um cervo. Andava sobre duas pernas e só podia ser uma pessoa: Perpetual. Ele era o único que sabia

que a maldição da Montanha do Céu não existia.

Aceleramos para sair daquela trilha estreita e perigosa, na esperança de encontrar uma floresta onde pudéssemos nos esconder. Depois de meia hora, pelas caretas de Pomelo dava para ver que ela sentia dores. Seus braços e mãos estavam cobertos de bolhas por causa das muletas, e os pés também doíam muito. Ela tentava se equilibrar em uma trilha apenas um pouco mais larga do que os quadris dela. Se tropeçasse, voaria pelo penhasco. Cabaça Mágica vinha atrás dela, segurando-a pela parte de trás do casaco para apoiá-la conforme ela balançava. Eu dizia para mim mesma que não deveria olhar para baixo. Caminhávamos ao lado do perigo, e havia outra ameaça em nosso encalço. Finalmente chegamos a uma trilha mais larga e longe do penhasco. Cabaça Mágica e eu subimos sem demora para ter uma visão melhor e tentar ver onde Perpetual poderia estar. Engasgamos ao ver que ele estava bem mais perto do que imaginávamos. Ele havia percorrido em poucos instantes o mesmo trecho que havia nos custado várias horas. Ele estava com pressa, dava para ver. Mas estaria nos perseguindo? Ou se dirigia à gruta por outras razões?

Fizemos um trajeto para cima em zigue-zague, o que dava a impressão de que íamos para frente e para trás, mas sem avançar nem um metro. Eu mal conseguia respirar de tanto medo.

Andamos mais um pouco, olhei para frente e toda a esperança desapareceu: uma avalanche havia interrompido um longo trecho do caminho. Havíamos levado quase uma hora para passar pelo último acúmulo de pedras e até ultrapassar essa parte não havia lugar para nos esconder. Minha cabeça latejava. Olhamos uma para as outras. Era preciso tomar uma decisão, pois no ritmo que vinha, Perpetual se aproximaria de nós em menos de uma hora. Imaginei que ele trazia uma arma ou uma picareta, qualquer coisa que facilitasse a captura (ou a morte) de nós três.

– Vocês vão na frente – falou Pomelo. Parecia entorpecida, com o olhar vazio.

– Mas que bobagem – respondeu Cabaça Mágica. – Que tipo de gente você acha que somos?

Eu concordei. Mas também sabia que, se ficássemos ali, perderíamos qualquer oportunidade de escapar. Imaginei o espancamento que receberíamos se fôssemos levadas de volta, provavelmente trancadas em uma jaula quente e com uma existência dez vezes mais miserável pelo resto de nossas vidas. Continuaríamos juntas e nossa unidade tornaria aquilo suportável.

– Vão na frente! – ordenou Pomelo, com raiva. – Depois de tanto planejamento e esforço, não faz sentido parar aqui. Eu vou achando o meu caminho. Talvez haja um arbusto em algum lugar à frente, onde eu possa me esconder.

Era improvável e nós sabíamos disso. Alguns meses antes eu teria seguido em frente sem pensar duas vezes, mas tínhamos nos tornado “flores irmãs” e nos sacrificado para salvar umas às outras. Como poderíamos abandoná-la? Pomelo insistiu de novo e falou bruscamente:

– Para mim será uma vitória se qualquer uma de nós se libertar daquele homem. Vocês não podem desperdiçar as esperanças que tive todos estes anos de conseguir escapar daquele bastardo. – Ela chorou e implorou por mais alguns minutos.

– Nós iremos na frente – falou Cabaça Mágica –, mas só para ver se tem algum lugar para nos esconder. Se não houver, vamos voltar para buscar você. Até lá, você estará um

pouco mais recuperada.

Eu gostaria de saber se Cabaça Mágica acreditava mesmo que havia alguma esperança para aquele plano. Não nos despedimos e dissemos que voltaríamos para buscá-la.

– Vão rápido – falou ela, fazendo gesto com as mãos para irmos embora, como se fôssemos um estorvo.

Nós duas corremos sobre as pedras. Olhei para trás algumas vezes e a vi de joelhos, agarrando-se na próxima rocha. Meu coração estava apertado e, embora tivesse pedido para irmos, eu sentia que tinha traído Pomelo. Depois de uma hora, não aguentava mais aquela sensação.

– Vamos voltar – falei.

– Eu ia propor a mesma coisa – concordou Cabaça Mágica. – Ele vai nos pegar depois de qualquer jeito, pois não vamos conseguir nos esconder na floresta para sempre.

– Podemos tentar carregá-la sobre as rochas – falei. – Nós duas juntas podemos conseguir.

– Não importa se vamos conseguir ou não. Estaremos juntas.

Corremos para baixo levantando nuvens de poeira atrás de nós. Eu estava tão assustada que achei que meu coração iria saltar pela boca. Finalmente vimos Pomelo. Ela estava sentada em uma pedra. Olhamos para baixo no caminho. Perpetual estava perto o suficiente para podermos ver o rosto dele e suas sobrelanceiras grossas. Ele balançava os braços com força, impulsionando o corpo para frente. Já devia ter visto Pomelo, pois gritava o nome dela. Ela não fazia nada, havia desistido, cansada demais para avançar um centímetro sequer. Vi uma marca de sangue na testa dela e concluí que ela tinha caído. Estava balançando a cabeça, como se sentisse tontura.

Perpetual estava duas voltas abaixo dela. Ele parou e ergueu o braço novamente.

– Vou bater até matar essas putas!

Pomelo recuou, empurrou os pés contra uma rocha e soltou. A pedra deslizou e parou no solo macio antes de atingir a trilha. Ela empurrou outra rocha e percebemos que estava fazendo aquilo de propósito. Depois empurrou o monte de pedras menores, que caíam e voavam pelo ar. Algumas atingiam outras rochas situadas abaixo e pulavam em outra direção, emitindo uma espécie de música conforme rumavam para o solo. Nenhuma chegou perto de atingir Perpetual, mas ele viu o que ela estava fazendo, praguejou e botou mais velocidade nas pernas. Ela empurrou mais as rochas com suas muletas, seus pés e suas mãos. Eles formavam ângulos perto de Perpetual. Ele já tinha entrado na trilha que levava até ela quando Pomelo empurrou as rochas o mais rápido que podia, e as pedras menores, do tamanho de uma noz, batiam nas maiores e voltavam a voar em outra direção. Uma caiu a quase cinco metros à frente de Perpetual. Ele parou e olhou para trás, depois para frente e para Pomelo, que estava logo acima. Seu rosto parecia ainda mais determinado e ele começou a correr.

O rosto de Pomelo estava vermelho por causa do esforço. Ela puxou os dois braços para trás e empurrou com força. Prendi a respiração e vi dezenas de rochas, pequenas e algumas do tamanho de um punho, caindo em meio a nuvens de poeira, saltando e batendo em outras rochas soltas, assobiando conforme cortavam o ar entre Pomelo e Perpetual. Ele tentou escapar, se esquivou das rochas que caíam e, enquanto corria na direção de uma pedra para se esconder, olhou para cima. Uma explosão vermelha cobriu seu rosto e ele

virou a cabeça para o lado e depois para trás. Seu corpo parecia desprovido de ossos quando ele caiu. No início, Cabaça Mágica e eu não conseguíamos nos mexer, mas Pomelo tentou se deslocar até ele e corremos para impedi-la. Nós três nos aproximamos dele ao mesmo tempo e vimos um purê vermelho de carne, sem olhos, nariz ou boca. O tronco e os membros de Perpetual estavam virados para o lado errado e ainda caía um pouco de poeira sobre ele. Embaixo do corpo, o sangue escorria e formava um rastro.

Cabaça Mágica me cutucou e apontou para Pomelo, que estava sentada no chão. Ela parecia satisfeita com o que tinha feito. Cada vez que olhava para o corpo de Perpetual, ria tanto que seu corpo se inclinava para trás. Era impressionante. Quando chegamos perto dela, percebi que ela gemia como se estivesse louca. Ela se virou para olhar para nós e seu rosto exibia uma expressão de desamparo e de horror. Ela estendeu a mão para nós, nos sentamos ao lado dela e choramos sem dizer uma palavra. Ela não conseguia parar de gritar:

– Seu maldito! Por que me obrigou a fazer isso?

Em meio aos soluços, ela confessou que ainda o odiava. Precisava matá-lo para nos salvar, mas estava apavorada demais para fazer outra coisa a não ser empurrar uma pedra atrás da outra. Porém, no instante em que a pedra esmagou o rosto dele, ela não desejou que aquilo acontecesse. Ela havia matado Perpetual e não havia nenhum delito nisso. No entanto, matar outra pessoa – seja com uma pedra ou levando à beira de penhasco – mancha o espírito e nos diferencia de quem nunca matou. Qualquer uma de nós poderia ter feito aquilo. Eu me sentia grata por ela ter nos libertado de Perpetual e da condição de carrasco, mas coloquei meu coração em seu profundo poço de tristeza ao imaginar a agonia dela quando lembrasse do que tinha acontecido – e isso durante o resto de sua vida. Pensei no que Edward me dissera uma vez: “Matar outra pessoa também é uma violência contra si mesmo e você carrega o dano até o fim dos seus dias”.

Pomelo queria enterrá-lo, pois não achava digno deixar o corpo servir de alimento para os abutres e os lobos. Nós a convencemos do contrário: se alguém o encontrasse, acharia que ele tinha morrido por causa de um deslizamento de terra. E que, portanto, aquelas pedras haviam caído por obra do destino e não por causa dos pés de Pomelo.

Depois da floresta, a trilha cercava a montanha e, quando saímos do outro lado, vimos um bosque sombreado, uma pequena poça d’água e uma fonte que alimentava a poça. Largamos nossas coisas e bebemos aquela água doce antes de lavar nossos rostos. Mais à frente, outra fonte emergia de uma abertura escura. Devia ser o refúgio de Perpetual. Quando estávamos a cerca de seis metros de distância, parei de andar. Vi as costas de um homem sentado: era o eremita. Por um momento, imaginei que o homem se viraria e veríamos que era Perpetual. Peguei uma pedra e Cabaça Mágica fez a mesma coisa.

– Olá! – chamou Cabaça Mágica.

A figura não respondeu. Ela deu alguns passos para frente e voltou a chamar, mas o homem não fez nenhum movimento. Ela se voltou para nós.

– É o que eu achei. Nosso monge meditou por tanto tempo que acabou virando uma pedra.

Corremos e passamos pela pedra antes de entrar na gruta. De um lado a água vinha de uma abertura e caía em uma rocha desgastada na forma de uma bacia. Não havia mais nada lá, nada de baús de tesouro nem sequer um lugar para sentar.

Cabaça Mágica suspeitou de um monte de pedras que ficava ao lado da gruta. Sem demora desmontou a pilha e de repente vimos uma pequena caverna, com a metade de nossa altura. Havia uma corda na entrada. Ela puxou e nós a ajudamos, arrastando algo pesado na nossa direção. Eu esperava que não fosse um cadáver. A primeira coisa que vi foram algumas aranhas pálidas correndo sobre uma caixa. Recuamos um pouco. Cabaça Mágica pegou um galho e espantou as criaturas.

Na caixa havia livros e dezenas de pequenos pergaminhos. Ficamos decepcionadas: onde estavam nossas joias – todos os anéis, pulseiras e colares que Perpetual havia roubado de nós? Pomelo desenrolou um pergaminho. Era um poema. Depois pegou um livro. Continha os decretos do imperador Qianlong. Vi alguma coisa na parte inferior da caixa e nós tiramos o resto dos livros e dois estojos finos.

Um deles era feito de couro endurecido e era maior do que um livro. Tinha uma ilustração em relevo feita de ouro, mostrando um conjunto de pátios e seus moradores. Não havia fechadura. Pomelo levantou a tampa. Prendi a respiração: lá estavam as nossas joias. Acariciei minha pulseira de ouro, um colar de pérolas e o anel de jade e diamantes que Loyalty havia me dado e que Cabaça Mágica, contrariando minhas ordens, havia se recusado a vender. Ela disse que o anel era como uma conta bancária: bastava agitá-lo para Loyalty para receber dinheiro em troca.

Cabaça Mágica encontrou sua pulseira de prata e dois prendedores de cabelo feitos de ouro. Pomelo tinha mais peças: um prendedor de cabelo de diamante, duas pulseiras de ouro, vários anéis e brincos de diamante e de jade.

– Charme poderia ter levado as nossas joias – falou Pomelo. – Poderia ter achado que jamais chegaríamos aqui, mas levou apenas o que era dela. Ela é uma boa pessoa.

A outra caixa foi feita de madeira clara e tinha uma trava de latão. Era pesada. Erguemos a tampa e ficamos sem ar, as três ao mesmo tempo: dentro havia doze pequenos lingotes de ouro e trinta e três dólares de prata mexicana. Quando chegasse na cidade situada na Mão de Buda, teríamos dinheiro para comprar comida, um lugar para ficar e respeito.

Decidimos passar aquela noite na gruta. Acordei várias vezes, assustada com sonhos nos quais Perpetual aparecia bem na minha frente. Pomelo gemeu:

– Ele veio por minha causa.

Mas eu garanti que ela estava tendo um pesadelo.

– Não estou dormindo – falou ela. – Sinto a presença dele rondando aqui.

Partimos antes do nascer do sol. De acordo com o mapa, faltavam poucas horas para chegar ao topo, a não ser que a subida fosse íngreme ou que houvesse mais deslizamentos. Já não estávamos sendo perseguidas, mas puxadas pela esperança de que em breve iríamos encontrar uma vida melhor na cidade.

– É estranho que ninguém de Mountain View nunca tenha ido até Moon Pond – falou Cabaça Mágica.

– Todo mundo que mora nas três províncias sabe da maldição e dos fantasmas dançantes – explicou Pomelo. – Por que alguém iria se arriscar para chegar a um lugar horrível como Moon Pond? A fama do vilarejo é bem conhecida.

– Algumas pessoas são estúpidas a ponto de ir para qualquer lugar – falou Cabaça Mágica. – Ou, então, são corajosas, como é o nosso caso.

Eu nunca tinha ouvido falar de uma cidade no topo de uma montanha, a não ser nos contos de fadas. Mas, no bilhete, Charme tinha chamado o lugar de cidade. Quando chegasse ao cume, seria possível vê-la. Na minha imaginação, Mountain View era igualzinha a pulsante cidade de Xangai, com lojas de doces e restaurantes, bancas de jornais e livrarias, ruas iluminadas, uma loja de departamentos, um cinema, carruagens, bondes e automóveis. As pessoas seriam educadas e usariam roupas modernas. Haveria até um rio e um porto movimentado e cheio de lojas – tudo no alto de uma montanha.

Esta Xangai não era um lugar, mas um sentimento de satisfação. Eu estava voltando inteira e sem nada faltando – meus membros, minha mente e meu espírito. Havia me livrado do orgulho, essa inútil carga de autoimportância que eu havia levado comigo como fizera com a minha frasqueira com o espelho quebrado. Perpetual e eu tínhamos transformado nosso orgulho em armas e eu seria capaz de morrer para provar que era superior. E, se morresse, ele diria: “Violet, você era melhor”.

Mas eu preferia viver e fazer o que tinha importância de verdade: encontrar a Pequena Flora, para que ela soubesse o quanto eu a amava. Para isso, eu faria o que fosse necessário.

Quando estávamos a duas voltas de distância do alto da montanha, tiramos nossas roupas de camponesas e vestimos nossos vestidos. Eu havia me transformado em uma mulher ocidental moderna. Nenhuma de nós falou nada enquanto caminhávamos pela floresta. Seguimos a um ritmo constante, pois em breve a tarde cairia e logo ficaria escuro. Eu tinha certeza de que os pés e os braços de Pomelo doíam, mas ela não falava nada.

Saímos da floresta, andamos por uma clareira e vimos o céu aberto. Na nossa frente, havia uma rocha, conforme dizia o bilhete de Pomelo. Depois, chegaríamos ao cume. Cabaça Mágica e Pomelo exibiam rostinhos inocentes e ansiosos de jovens garotinhas. Andamos sobre formação e chegamos. Em frente havia uma cúpula branca com a forma de uma mão e, logo abaixo, um pequeno vale gramado. Mas onde estava a cidade? O vale era muito pequeno para abrigar uma cidade. Nem Moon Pond caberia ali.

– Charme disse que tem uma cidade – falou Pomelo, – por isso tem de ter.

O sol baixou e a Mão de Buda ficou dourada. Eu estava andando em um lugar que parecia estranho e familiar ao mesmo tempo. Pensei no quadro que tinha pertencido à minha mãe, *Vale do Encantamento*. Este lugar não se parecia com o retrato, mas despertava o mesmo sentimento, uma espécie de enigma sobre mim mesma. Este lugar seria pior do que o que eu tinha deixado para trás? Eu tinha certeza de que era. Mas logo eu hesitava entre a dúvida e a certeza.

Com calma, andamos pela beira de um pequeno vale verde. Pomelo estava ofegante, exausta e com dor. Sem dúvida, era uma mulher forte. Vimos um templo lá embaixo, no vale, o que queria dizer que não era apenas um mito. De longe o local parecia destruído, nada mais do que um poleiro esquelético para aves de rapina. Nenhum fantasma dançava ao redor dele. Eu sabia que Cabaça Mágica e Pomelo também tinham procurado os famosos espíritos.

O ar começa a esfriar e logo não haveria mais sol. Os dedos brancos da Mão do Buda tinham ficado rosados. Andamos sem parar ao longo do cume. A grama do vale foi ficando mais verde e o templo, cada vez mais escuro, parecia palha queimada.

– Ei, esse templo não passa de um estábulo – falou Cabaça Mágica. – Vocês viram vacas fantasmas dançando por aí? A mente engana o olho e o olho nos faz de bobos. – Ela ficou

em silêncio novamente.

Estávamos naquela fatia de tempo que parecia pacífica em um momento e ameaçadora logo em seguida. O sol continuou afundando e os dedos da Mão do Buda agora estavam cinza, da cor de um cadáver. Tudo o que nos cercava foi ficando nebuloso e perdeu a cor e, em um instante, o sol se foi. Ficamos sozinhas como nossos pensamentos. A cidade tinha de estar perto. Já tínhamos andado muito.

Pomelo pediu para descansar. Ela permitiu que a exaustão tomasse conta. A meia-lua substituiu o sol e surgiram algumas estrelas tímidas. Quando Pomelo conseguiu ficar de pé, o céu era uma cúpula escura e as estrelas que o perfuravam pareciam nítidas e brilhantes. Erguemos Pomelo e ela choramingou quando colocou o peso do corpo sobre seus pés. A passos cuidadosos, seguimos pela beirada irregular. O caminho se voltava para a esquerda, nos deixando mais perto de Mão de Buda. Pensei como era estranho que as estrelas brilhassem tão abaixo de nós. Elas pareciam estar mais perto, não nítidas e coloridas, mas brilhantes. Podíamos sentir o calor delas subindo até nós.

Nós três gritamos ao mesmo tempo:

– Mountain View!

Charme estava certa. Na Mão de Buda, tudo o que tínhamos de fazer era olhar para baixo.

Estava escuro demais para ver qualquer coisa além das luzes distantes de Mountain View. Em nossas mentes, estávamos quase lá. Talvez ainda tivéssemos de andar várias horas ou até um dia, se o caminho estivesse coberto de pedras e as trilhas ficassem perigosas. Mas, naquele momento, nada daquilo nos preocupava. Não podíamos esperar até a manhã seguinte. Era preciso começar sem demora.

Colocamos Pomelo no meio e ela apoiou seus braços sobre nossos ombros. Fiquei surpresa ao ver como era leve, como eu achava tudo leve. Juntas, demos os primeiros passos e começamos nossa nova vida.

Capítulo 12

Vale do Encantamento

São Francisco
1897
Lucia Minturn

Eu tinha dezesseis anos quando vi o que parecia ser um imperador chinês, bem em frente à porta da nossa casa, como se tivesse acabado de sair das páginas de um livro de contos de fadas. Ele usava um longo traje de seda azul-escura e um colete bordado com símbolos. Tinha o rosto suave e levemente inclinado, do queixo até as bochechas e o alto da cabeça. Um rabo de cavalo partia do meio da cabeça e se estendia até a metade das costas, cobrindo a coluna vertebral.

– Boa noite, senhorita Minturn, professor Minturn e senhora Minturn.

Recebi apenas um breve olhar. Falava um inglês fluente, embelezado pelo sotaque britânico. Tinha modos elegantes, mas parecia estar à vontade. Com os olhos fechados, me senti na presença de um cavalheiro inglês. Quando abri os olhos, a ilustração saíra de um conto de fadas reapareceu na minha frente.

Claro que eu sabia desde o início que ele não era um imperador, embora tivesse esperança de que possuísse a importância de, digamos, um mandarim da Manchúria. Meu pai o apresentou como sendo: “O senhor Lu Shing, um estudante chinês interessado nas pinturas de paisagem americanas, que vem do Vale do Hudson, em Nova York, mas originalmente vindo da China”.

– Na verdade, venho de Xangai – falou ele. – Nós gostamos de fazer essa distinção.

Ele tinha um olhar satisfeito e irradiava confiança. Dava para perceber que ele se orgulhava de ser diferente dos outros. Eu também me considerava diferente, o que constituía algo em comum entre nós. Estava esperando a chegada do meu irmão gêmeo espiritual, só que não fazia ideia de que ele seria chinês. Estava ansiosa para saber tudo sobre ele. Antes que eu pudesse pronunciar mais uma palavra, ele acompanhou meus pais até a sala para conhecer os outros convidados, e continuei parada no saguão de entrada, sozinha. Meus pais sempre ficavam com a melhor parte.

Não demorou para que eu desejasse possuir tudo o que era dele: seu coração chinês, sua mente e sua alma, tudo o que era diferente – até o que ficava por baixo daquele traje de seda (um pensamento audacioso, eu sei), mas eu já era promíscua havia quase um ano e por isso a distância entre a brincadeira e o desejo era pequena.

AOS OITO ANOS, estava decidida a ser fiel a Mim Mesma, mas era claro que, para isso, precisava saber quem eu era. Minha decisão começou quando eu soube que no passado tinha um dedo a mais em cada mão, como se fosse um “irmão gêmeo” de cada dedo mínimo. Minha avó sugeriu extrair os dedos excedentes antes de sair do hospital, antes que as pessoas começassem a suspeitar de uma tendência familiar a gerar filhotes de polvos. Minha Mãe e meu Pai eram livres pensadores e tinham opiniões baseadas na razão, na lógica, na dedução e naquilo que eles mesmos achavam. Minha Mãe, que não concordava com os conselhos da minha avó, falou:

– Temos de amputar os dedos da menina só para que ela possa usar luvas vendidas nas lojas?

Eles me levaram para casa com meus doze dedos originais. Mas então, um velho amigo do meu pai, o senhor Maubert, que também seria meu professor de piano, convenceu os dois a transformar minhas mãos extraordinárias em mãos comuns. Ele tinha sido pianista, mas no início de sua promissora carreira perdeu o braço direito durante o cerco de Paris pelos prussianos.

– Existem poucas composições de piano para uma mão só – explicou ele a meus pais –, e nenhuma para seis dedos. Se vocês querem que ela receba formação musical, seria uma pena restringi-la ao pandeiro por causa da falta de instrumentos adequados.

Quando eu tinha oito anos, o senhor Maubert me contou cheio de orgulho como havia influenciado a decisão dos meus pais.

Poucas pessoas conseguiriam entender o choque de uma menina ao descobrir que parte dela tinha sido considerada indesejável e, portanto, precisava ser violentamente removida. Fiquei com medo de que as pessoas pudessem extrair partes de mim sem meu conhecimento e permissão. Assim começou minha luta para saber quais dos meus muitos atributos eu precisava proteger, um conjunto ao qual dei o nome científico de “Meu Eu Legítimo”.

No início, a lista completa reunia minhas preferências e tudo o que eu não gostava, meu forte apreço por animais, minha antipatia por qualquer pessoa que risse de mim, minha aversão a tudo o que grudasse em mim e várias outras coisas que já esqueci. Eu também registrava segredos sobre mim, sobretudo o que havia ferido o meu coração, e o simples fato de precisar ser mantido em sigilo, era prova de que aquilo fazia parte do “Meu Eu Legítimo”. Mais tarde, acrescentei à lista a minha inteligência, as opiniões dos outros, medos e repulsas e alguns desconfortos irritantes, que mais tarde soube que eram preocupações. Alguns anos depois, logo após minha chegada à condição de mulher, minha Mãe explicou como era “a biologia que trouxe você ao mundo” – e na essência estava o meu início na condição de um óvulo que decidiu percorrer a trompa de Falópio. Do jeito que ela falou, ficou parecendo que eu tinha surgido de um elemento irracional e que, após chegar neste mundo, tinha adotado uma personalidade moldada pela orientação dos meus pais.

No que se referia à minha aparência física, não dava para deixar totalmente de lado o aspecto biológico. Herdei dos meus pais os olhos verdes, os cabelos ondulados e escuros, as orelhas pequenas, entre outras características. Mas o pior era a vermelhidão no rosto quando minha mãe ficava contrariada, que no meu caso se manifestava na forma de manchas intensas que cobriam meu pescoço e meus seios. Não se tratava de um leve rubor rosado, mas de marcas mais associadas a dolorosas queimaduras. As manchas apareciam sempre que eu me alterava e, para piorar, todo o meu rosto ficava inflamado, o que me

obrigava a me refugiar no meu quarto. Minha mãe tinha aprendido a controlar suas emoções tão bem que raramente demonstrava nada além do súbito surgimento de um brilho saudável. Eu me esforcei para controlar minhas manchas, mas isso era tão difícil quanto parar de respirar, sobretudo quando eles me humilhavam na frente de outras pessoas, dizendo coisas como “a Lucia tem arroubos de emoção até com um gato vira-lata”. “A Lucia tem aversão natural a flores espinhos.” “A Lucia de vez em quando tem chilikues. Basta esperar uma hora e logo ela esquece.” Eles me atingiam e parecia que não percebiam, mas isso não serve de desculpa.

Minha Mãe e meu Pai eram esquisitos, e eu não era a única que achava isso. Meu pai, John Minturn, tinha um respeitável emprego como professor de história e era especialista em arte, famoso por seus conhecimentos sobre pintura figurativa. Mas as imagens preferidas dele eram os nus, ou as “deusas”, como ele definia, “com seus vestidos diáfanos largados ao redor de seus clássicos tornozelos de marfim”. Meu Pai também colecionava objetos fetichistas do Extremo Oriente e, no escritório dele, uma das paredes exibia uma pintura erótica japonesa de um casal entrelaçado, com um olhar de loucura nos rostos. Uma caixa de vidro guardava os chicotes de marfim e crina de cavalo que os eruditos chineses usavam para afastar moscas, ao lado de sapatos de mulheres da Manchúria que haviam morado nos palácios imperiais do Jardim das Ondas Suaves. O nome me deu vontade de me transportar para lá, mas meu Pai me contou que o lugar foi saqueado e queimado (os sapatos tinham sido parte do saque). Os calçados ficavam sobre uma lâmina de madeira e pareciam barcos equilibrados sobre duas barbatanas. Esse formato absurdo, explicou meu pai, fazia as mulheres da Manchúria andarem com o mesmo passo contrito das chinesas que enfaixavam os seus pés até deformá-los, uma prática considerada “sedutora”.

Minha mãe era filha de um artista botânico e naturalista amador, Asa Grimke, que viajou por três anos com o grande botânico Joseph Dalton Hooker e percorreu Darjeeling, Gujarat, Sikkim e Assam. Nesses locais, criou ilustrações de raras espécies de plantas e flores recém-descobertas. A tímida fama que veio em seguida o levou a se mudar para São Francisco junto com Mary, sua esposa, e Harriet, filha do casal e minha mãe. Ele havia recebido uma proposta para ilustrar a flora da costa do Pacífico. Infelizmente, ele entrou na frente de um cavalo assustado pertencente ao mesmo homem que tinha vindo buscá-lo, Herbert Minturn, um senhor rico que devia sua fortuna ao comércio de ópio na China e à compra de terrenos em São Francisco. No enterro do meu avô, o senhor Minturn, então um viúvo recente, disse à minha avó que entendia o sofrimento dela e convidou a família para ficar na mansão dele até encontrarmos nosso caminho. Mas o único que minha avó encontrou foi o que levava ao quarto do senhor Minturn em meio a sucessivos episódios de sonambulismo, problema que ela não conseguia conter por vontade própria nem com tratamento médico. Depois de aproveitar as vantagens oferecidas pela doença da minha avó, o gentil anfitrião casou-se com ela. Minha Mãe não cansava se zombar da falta de lealdade de sua mãe à memória de seu falecido pai.

Por ironia do destino, o senhor Minturn tinha um filho chamado John, doze anos mais velho do que minha mãe. Minha Mãe tinha seis anos quando foi morar naquela casa e John passava a maior parte do tempo na universidade. Porém, quando minha Mãe completou dezoito anos, aquele jovem que a tratava como se fosse uma irmã menor a transformou em sua esposa. No ano seguinte, eu nasci – e nessa mesma casa.

Essas eram as pessoas que cercaram a minha infância, cada uma com uma opinião diferente. Vivíamos vidas separadas embaixo do mesmo teto. Meu avô, que tinha sido um homem importante, parecia perder um pouco de sua lucidez a cada ano. Nos jantares distribuía conselhos ultrapassados sobre o mundo dos negócios, mas as pessoas eram gentis e alegavam que ele tinha boas intenções. Não se podia dizer o mesmo da minha avó, que insultava as pessoas mantendo a aparência de ser uma pessoa bondosa. Ela era ardilosa e começava a discutir com minha mãe e, quando minha mãe estava alterada a ponto de explodir, com o rosto e o pescoço cobertos de manchas, minha avó dizia com serenidade que não havia motivos para brigas – e ia embora. Nós chamávamos minha avó de senhora Minturn, mesmo após a morte do marido dela. Minha Mãe, muitas vezes, ficava incomodada por meu Pai não atingir o grau de irritação dela. Ele costumava dizer que não se incomodava com a sogra porque ela era risível, e que minha Mãe deveria assumir uma postura semelhante. Mas ela ficava ainda mais furiosa quando os amigos do casal elogiavam a natureza dócil do meu Pai, que minha mãe definia como apenas um subterfúgio para ignorar os problemas em vez de resolvê-los. No início, eu gostava bastante do meu pai por diversos motivos: ele era social, falante e espirituoso, as pessoas apreciavam a companhia dele e ele dedicava atenção especial a mim. Ele me mimava. Às vezes, ele me dava preciosidades que eu desejava ou uma versão parecida, como uma cobra inofensiva quando o que eu queria era uma cobra peçonhenta. Nos últimos tempos, ele parecia tão preocupado comigo como um gato de rua, que costumava vagar sem rumo, e nunca mais saiu.

A personalidade da minha Mãe oscilava: ou parecia temperamental, que equivalia a agir de forma impulsiva e estar infeliz, ou parecia melancólica, com uma expressão apática e igualmente infeliz. Na maior parte do tempo, vivia isolada. Ela passava os dias quentes no jardim, plantando ou podando as flores. Ela me deixava escolher apenas uma flor, que eu poderia plantar em um local ensolarado da terra, perto do canteiro de couves. Eu escolhia as violetas. Havia várias espécies, nas cores roxa e amarela, branca e roxa, cor-de-rosa e roxa. As violetas cresciam sem controle e invadiam qualquer espaço que encontrassem embaixo das árvores ou arbustos. Minha mãe chamava-as de praga e queria arrancar uma por uma, mas aí eu a lembrava que ela tinha me deixado plantar e que, portanto, as violetas eram minhas.

Se não fosse por causa do jardim, acho que minha Mãe teria insistido bem mais para que meu pai concordasse em abandonar o conforto da residência da família e comprasse uma das casas geminadas surgidas em quase todas as colinas, em geral seis ou sete em cada quarteirão. Quando estava melancólica, passava a maior parte dos dias em seu escritório, analisando insetos mortos preservados em invólucros de âmbar presenteados pelo pai dela, vinte e duas peças que ele tinha encontrado em uma mina abandonada em Gujarat e escondido no bolso, como se fosse um ladrão. O mundo encantado da minha mãe era povoado por moscas, formigas, mosquitos, cupins e outras pragas. Todos os dias, ela passava horas observando aquele tesouro com uma lente de aumento. Se eu tivesse permitido que ela moldasse meus interesses, teria ido parar em um manicômio.

Ela queria que eu tivesse intenções revolucionárias desde o dia em que nasci. Escolheu o nome de Lucretia em homenagem à ativista dos direitos femininos, Lucretia Mott. Quanto mais eu crescia mais detestava esse nome, porque a sonoridade me lembrava palavras como

lucro, secreção e cretino. Sugeri outros nomes como alternativa, entre eles Lucia e Lulu. Minha Mãe disse que Lulu era comum demais e por isso tornou-se o meu preferido quando ela estava por perto, a não ser quando eu queria parecer menos comum e isso dependia de com quem eu estivesse falando.

Como já falei, meus pais eram livres pensadores, o que significa que se sentiam livres para falar abertamente sobre qualquer assunto na minha frente. Essa falta de censura podia parecer admirável, mas para mim soava como negligência. Eles não tinham nenhuma preocupação com a minha integridade mental e nunca pararam para pensar que talvez não deversem comentar que o senhor Beekins havia sido visto no dormitório masculino com as calças abaixadas. Contaram isso pouco antes do mencionado senhor vir jantar conosco. Em várias ocasiões, meu Pai exibia sua coleção de objetos fetichistas para outros colecionadores, e, pelo olhar que as pessoas lançavam para mim e os sussurros que eu ouvia, ficava fácil deduzir que não era assunto para crianças. Quando eu era menor, costumava brincar com alguns dos objetos da coleção do meu pai sem saber o que eram. Um dos “brinquedos” era um conjunto de bonecos de marfim com cerca de dez centímetros, que exibiam seios e pênis, e que depois vim a saber que eram “manequins” usados pelas mulheres para se masturbar. Apesar de toda essa conversa aberta sobre assuntos sexuais, minha Mãe e meu Pai não pareciam ter grandes impulsos sexuais um pelo outro. Ocupavam quartos separados, e em todos os meus anos naquela casa, nunca ouvi a porta de um deles abrir e fechar para depois ouvir a porta de outro abrir e fechar, selando o pacto sexual. O relacionamento entre eles parecia mais adequado à condição anterior de meio-irmãos.

Com quinze anos descobri que meu Pai era pródigo em arroubos sexuais, que ele tratava de satisfazer em outro lugar. Na época, eu tinha o hábito de vasculhar o escritório do meu Pai para examinar livros pornográficos dele, especialmente um de capa de tecido azul, com cinquenta e duas fotografias que mostravam homens musculosos e mulheres robustas envolvidos em diversas contorções sexuais. O título do livro era *Anatomia Clássica da Ginástica*. Uma vez encontrei uma grande caixa de madeira, com uma tampa que se abriu sem querer. Dentro dela estavam várias cartas de amor destinadas ao meu pai, muitas com caligrafias diferentes, escritas tanto por homens como por mulheres, que descreviam atos luxuriosos vividos no passado ou em planejamento.

Quanto mais eu lia, mais decepcionada eu ficava. Ele havia oferecido seu amor a tantas pessoas, enquanto que, para mim, não vinha qualquer sinal de atenção. As amantes o chamavam de “furacão do amor”, “Zeus destruidor”, “Colosso fálico” e “Golias devastador”. Algumas se identificavam com nomes como “Volúpia Desperta”, “Vulva Voraz” ou “Vagina Ardente”. Não poupavam detalhes factuais, como o comprimento, a largura, a eficácia, o senso de oportunidade e a proeza nos resultados. Algumas falavam sobre sexo como se fossem glutões se fartando de determinados alimentos, que eu jamais consegui voltar a comer: pudim, molho, creme e salsichas. Elogiavam meu pai por sua eficácia em causar “desastres geológicos” e “tempestades”, fissuras e terremotos, inundações e furacões, eclosão de novas ilhas nas profundezas do oceano. E tudo que eu queria era apenas um pouco de afeto. Com os outros, ele tinha sido tão generoso em distribuir seu amor, com tanta liberdade e de maneiras tão insondáveis.

Fiquei furiosa. Não precisava mais do carinho dele. Eu também tinha meus impulsos.

PARA MINHA primeira aventura sexual, escolhi o cenário antes de escolher o garoto. O bosque ficava na ponta mais afastada da universidade em que meu Pai lecionava. O clima de outono estava quente e as hortênsias pareciam exuberantes com suas flores pendentes. O bosque me lembrava as paisagens das pinturas de deuses e deusas nus, uma oportunidade para a fornicção divina.

Apenas rapazes frequentavam a universidade e consegui bastante atenção apenas por me sentar em um banco que ficava embaixo de um carvalho. Sabiam que eu era a filha do doutor Minturn e, portanto, não havia nada de estranho em estar ali, deitada no gramado, praticando exercícios de relaxamento. O livro cheio de imagens estava acomodado no meu colo e qualquer um que passasse acharia que eu estava lendo, à espera de alguém. Vários alunos, que passaram perto do lugar onde eu estava sentada, paravam para perguntar que livro era aquele. Para os primeiros seis, respondi que era um livro sobre técnicas de costura. Para o sétimo, propus de forma provocante:

– Você não quer dar uma olhada?

O rapaz merecia um pouco mais de atenção. Ele preenchia os requisitos: tinha o dorso viril, ombros largos e traços divinos: cabelo espesso e escuro, e olhos azul-celeste, mãos belas e fortes, lábio superior sensual e com o sulco central bem pronunciado – o que, de acordo com uma das cartas endereçadas ao meu pai, constituía um ponto erótico entre o lábio e a ponta do nariz e, como as demais aberturas do corpo, merecia lambidas dedicadas. Lembro também que ele tinha uma postura confiante e parecia à vontade flertando comigo. Não demorou para permitir que suas intenções se manifestassem na sua forma de falar. “Eu adoraria ver o que está no seu colo”, dando sinais de ser um homem com alguma experiência sexual. Ele me ofereceu sua mão e me puxou com tanta leveza que eu me senti como uma bailarina.

No meio das hortênsias, ele me beijou com fervor deslizando seus lábios contra os meus dentes e cobrindo com saliva, do meu nariz até meu queixo. Virei o rosto para cima, para que ele pudesse beijar meu pescoço também, os arrepios de prazer chegaram na forma de cócegas na minha espinha. Ele colocou suas belas mãos (agora um pouco trêmulas) nos meus seios adolescentes e beijou-os por cima da blusa de algodão. Como a minha blusa ficou molhada com os beijos dele e eu achei que talvez ele não fosse muito mais longe do que aquilo, pensei na possibilidade de parar por ali. Mas então ele desabotoou minha blusa e lambeu meus mamilos. Mais uma vez, senti arrepios de excitação, que desapareciam enquanto ele enfrentava dificuldades com os meus botões. Mostrei para ele uma das páginas do livro de ginástica e falei para ele se apressar. Fiquei esperando enquanto ele se debatia como um coelho preso numa armadilha para desabotoar as calças, com as mãos lindas, porém desajeitadas. No momento em que o pênis dele se soltou, nós ouvimos algumas vozes, e ele ergueu as calças e enfiou o pau para dentro, fazendo uma expressão de dor. A imagem daquele pênis ficou registrada – era bem diferente das das fotografias, sem a suavidade do mármore branco, mas sim musculoso e cheio de veias, e estranhamente indefeso, como um roedor careca cego à procura de um peito cheio de leite. Abotoei a minha blusa, ajeitei meu cabelo e preendi o laço. As vozes se afastaram. Eu me levantei. Dei o meu endereço ao rapaz e disse para me esperar perto do carvalho, às dez horas da noite.

Ele chegou no horário combinado. Pela porta dos fundos da casa, eu o levei até a cozinha e subimos as escadas estreitas usadas pelos criados. No meio do caminho, ele

perguntou se eu tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa.

– Coisa certa? – perguntei. – Como uma coisa dessas poderia ser certa?

Passamos pelo saguão que dava acesso ao meu quarto e seguimos até a escada em caracol que levava até a torre. Eu tinha decorado o local com saris indianos e forrado o chão com uma mistura de pequenos tapetes persas que eu tinha recortado, depois que foram tirados da sala por causa das queimaduras de charuto e das manchas de cera. Um lance de sete degraus levava a um pequeno quarto com uma *bay window*. No chão, havia um espesso acolchoado de penas. Ali era o meu refúgio, onde eu lia e dormia e algumas vezes me escondia quando eu queria chutar e gritar sem saber o motivo. Eu já tinha acendido as velas, perfumado o acolchoado com água de rosas e acomodado o volume de *Anatomia Clássica da Ginástica* na estante, com o dorso do livro bem à mostra. Subimos, eu me deitei de bruços com um sorriso convidativo e nós começamos. Ele beijou minha boca e meu pescoço, atendendo aos meus pedidos. Abriu os botões da minha blusa só que com bem mais destreza do que antes, o que me fez suspeitar que ele havia treinado a técnica durante algumas horas. Para não perder tempo, eu havia dispensado minhas peças íntimas. O meu candidato a “furacão do sexo” parecia hesitante sobre o que estávamos prestes a fazer, porque eu tinha acabado de contar que era a filha do professor Minturn – na verdade, só para ver a reação do rapaz. Ele ficou impressionado quando me viu tirar a roupa e ficou olhando para o meu púbis, antes de examinar o resto das minhas partes pudendas, dos seios às nádegas, com uma solenidade religiosa. Depois de olhar o suficiente, eu o ajudei a tirar a roupa. O pênis dele saltou e eu passei os dedos sobre cada uma das veias. Que instrumento estranho era aquele. Ele gemeu e estava prestes a cair sobre mim quando eu pedi para esperar. Então, peguei o livro ilustrado que estava na prateleira de baixo e mostrei o exercício de ginástica que achava que poderíamos tentar. A minha escolha parecia ser bastante simples e não exigia que ficássemos em pé, o que teria sido complicado porque o teto era baixo. O jovem Titã concordou e aceitou o desafio. Girei minhas pernas para cima e para trás, expondo totalmente minha área íntima, e ele se ajeitou na posição correta, com um joelho na minha cintura o outro perto do meu quadril, e a cabeça espremida pela curva da minha perna. Só que o pênis ficava fora de alinhamento com o minha pelve. Ele consultou a imagem, fez uma pequena correção na posição do joelho esquerdo e bastou um movimento suave para ele gozar entre as minhas coxas. Fiquei extremamante decepcionada.

– Você estragou tudo!

Mas depois me arrependi por ter dito isso. Ele ficou arrasado. Depois de meia hora, se recuperou da vergonha e nós rimos do nosso excesso de excitação. Quando voltamos a tentar a mesma posição, ele repetiu a cena. Em seguida, me pediu para não contar a ninguém e prometeu que iria treinar. Na noite seguinte, chegou fortalecido por algumas doses de uísque. Ele escolheu uma posição mais fácil e, finalmente, depois de alguns movimentos para baixo e para o lado para ajustar e se certificar que estava tudo no lugar certo, ele me penetrou. Suportei bem a dor, eu achei, e estava feliz com a minha estreia. Mas, de repente, ele se sentou, examinou os lençóis e percebeu a presença de sangue de uma virgem. Ficou profundamente preocupado. Eu perguntei:

– O que você teria feito se soubesse? Guardado seu pau pulsante e ido embora?

Nós nos encontramos mais quatro vezes, o que melhorou um pouco a resistência dele,

mas eu não achei que estava recebendo o desempenho que esperava, uma vez que não senti nada parecido com um abalo geológico.

Ao longo do ano seguinte, selecionei mais meia dúzia de jovens a partir do meu posto no gramado da universidade. A maioria deles se comportava como se tivessem me seduzido e agiam de maneira solícita quando chegávamos na cama. “Você tem certeza mesmo?” “É isso o que você quer?” Eles eram poucos anos mais velhos do que eu, mas bem imaturos, exalando confiança em um momento, para em seguida agir com a incerteza de um menino desajeitado. Eu não gostava de ter que encorajar os tímidos sem parecer crítica ou professoral. Se o rapaz estava nervoso, eu entendia como um sinal de que achava que estávamos fazendo algo errado. Eu não queria nada disso. Um Adônis foi bastante eficiente. Proporcionou um pouco de emoção – um pequeno redemoinho, ondas fortes –, mas depois de dois meses de movimento, cansei da personalidade monótona dele. Eu continuei com ele e acrescentei mais um, um pouco menos habilidoso, mas capaz de manter uma conversa depois que o sexo acabava.

Meu Pai e minha Mãe estavam alheios às minhas aventuras sexuais, como eram com quase tudo o que eu fazia. Não sei por que eu esperava mais deles. Se você nunca teve um amor, como saber que era isso que faltava na sua vida? Talvez fizesse parte do Meu Eu Legítimo nascer esperando atenção da parte dos meus pais, ou que eles me achassem mais interessante do que um inseto preservado na resina ou que um bonequinho de fetiche. Um lugar com um pouco mais de importância teria me levado a acreditar que alguém me amava.

Eu queria que minha Mãe e meu Pai soubessem da minha promiscuidade, para puni-los e obrigá-los a olharem para mim com desgosto. Então, eu poderia dizer em meio a gritos de fúria o quanto eles eram egoístas, o quanto eu me ressentia com isso e citar várias coisas que eu estava guardando para jogar na cara deles. Poderia dizer ao meu pai que eu tinha adorado as várias “erupções vulcânicas”, como as descritas nas cartas endereçadas a ele.

NA NOITE EM que meu imperador chinês veio jantar, meus pais também tinham convidado mais oito pessoas que costumavam frequentar a nossa casa: o doutor Beekins e sua esposa, ele astrônomo e ela cantora de ópera; a senhorita Huffard e seu amante, Charles Hatchett; meu professor de piano, senhor Maubert, e sua irmã solteira, a senhorita Maubert; uma estimada ativista dos direitos feministas chamada senhora Croswell, e a senhorita Pond, uma elogiada pintora de paisagens que chamou a atenção por ter tido um filho ilegítimo, que entregou para adoção. Meu pai costumava visitá-la com frequência, para bem descritas seções de sexo.

Nós nos reunimos na sala de jantar para tomar xerez. Meu Pai apresentou o nosso convidado chinês como “o senhor Lu Shing. Lu na verdade é o sobrenome e o nome dele, portanto, é Shing”.

– Para os americanos, parece que nossos nomes estão invertidos – comentou Lu Shing, com um sorriso divertido. – Mas, na China, essa é a ordem natural. A família vem em primeiro lugar, tanto no nome como na obrigação. A junção dos dois nomes, Lu Shing, sempre juntos, indica que somos filhos indivisíveis de uma família.

Lu, pensei, de Lucia e de Lulu. Quando chegou a minha vez de ser apresentada, meu Pai me chamou de Lulu e eu o corriji, dizendo:

– Lucia.

– Ah, esta noite ela é Lucia – falou meu Pai, piscando para mim. Senti meu rosto arder.

– Senhor Lu Shing – falou o astrônomo –, o senhor se expressa em inglês melhor do que eu. Como isso é possível?

– Tive aulas de inglês desde os cinco anos. Meu pai trabalha no Ministério das Relações Exteriores e achava importante saber falar inglês.

Ele é de uma família importante, pensei. Tem boa posição social e uma voz linda.

– Lu Shing estuda arte ocidental – explicou meu Pai. – Nos últimos três anos, estudou com os pintores paisagistas da Escola do Rio Hudson. Agora, tem a valiosa oportunidade de trabalhar como aprendiz de Albert Bierstadt, que está voltando para a Califórnia para retratar as Ilhas Farallon e a região de Yosemite.

Várias pessoas murmuraram suas parabenizações.

– Eu atuo mais como um mordomo e porteiro – explicou Lu Shing. – Cuido das acomodações e das necessidades para as viagens, mas me sinto privilegiado por ajudar. Vou poder ver o trabalho do senhor Bierstadt nas etapas iniciais.

Meu Pai começou uma conversa animada sobre as diferenças entre a arte americana e a arte chinesa, tintas a óleo e nanquim. Lu Shing falava à vontade, como se aquelas pessoas, muitas delas mais velhas, fossem conhecidas de velhos tempos. Agia com respeito nos momentos certos, mas qualquer um podia ver que ele ofuscava todos os demais em tudo o que dizia. Demonstrava interesse diante de ideias que nunca tinha ouvido falar, mas parecia se divertir em segredo a maior parte do tempo.

Meu Pai continuou puxando novos tópicos de conversa, como se estivesse em uma sala de aula: tradições chinesas e influência ocidental; as mudanças sociais em Xangai; novas formas de arte; a influência da arte na sociedade e vice-versa. Cada vez que ele vinha com outro assunto chato, eu tinha vontade de gritar: “Chega!”

– Como se pode capturar um momento de emoção na arte? – Perguntou a senhorita Pond, olhando para o meu Pai.

Cada um deu a sua opinião e, quando chegou a vez de Lu Shing, ele falou:

– Eu acho impossível, porque o momento muda assim que eu tento capturá-lo.

Pensei em como aquilo era verdadeiro: os momentos sumiam assim que começamos a pensar neles.

Meu Pai não se cansava, minha Mãe estava quieta e a senhorita Pond parecia admirada com o que meu Pai falava. Aí a senhorita Maubert também entrou na conversa fazendo muitos elogios a meu Pai (os olhos dela brilhavam), seguida da senhora Crowell, que inclinava a cabeça com ar sedutor. Até o senhor Beekins, o astrônomo, olhava para meu pai com um brilho nos olhos. Todos estavam apaixonados por ele. Seria aquele o seu clã de admiradores sexuais? Será que Lu Shing percebeu alguma coisa ou só eu via aquilo? Ao nosso redor, as conversas ficavam mais animadas. Eles falavam em coro sobre a Redenção, o simbolismo dos deuses, o conceito cristão de salvação. Vício e virtude, purgatório, pecados, carma. E sobre o destino.

– Lu Shing – perguntou meu Pai. – O que você acha do destino?

– Sou chinês, doutor Minturn – respondeu. – Não me sinto autorizado para falar sobre ele.

Eu me aproximei e tentei parecer serena e sofisticada.

– Senhor Lu Shing, não entendi se sua resposta foi uma brincadeira. O senhor realmente acredita no destino oriental?

– Acredito. Estamos todos aqui por causa dele... oriental ou não.

Eu estava prestes a fazer mais perguntas, mas meu Pai deu umas batidas na taça de vinho e convidou todos para verem o que Lu Shing tinha produzido enquanto estudava nos Estados Unidos. Ele ergueu uma tela pequena e emoldurada. Mesmo à distância, eu poderia dizer que era uma obra-prima. As cores eram lindas. Pelo rosto das outras pessoas, notei que tinham a mesma opinião. A tela passou de mão e mão, arrancando elogios à obra e ao artista: “Eu jamais esperaria tanta habilidade em um estudante”. “Os tons são intensos, porém sutis.” “Captura um momento perfeito.”

Finalmente, a tela chegou na minha mão. Minha primeira sensação foi de encantamento. Reconheci o lugar retratado no quadro. Eu tinha vivido lá, mesmo sabendo que isso era impossível. A luz da sala atrás de mim desapareceu e as vozes de todo mundo se calaram. Fui transportada para dentro do quadro, para aquele extenso vale verdejante. Senti o ambiente de forma real e presente, o toque de seu ar fresco, e tinha a clara noção de que era a minha casa, e que a solidão não equivalia a isolamento, mas sim à clareza de quem eu era. Eu era aquele extenso vale verdejante, inalterado desde o início dos tempos. As cinco montanhas faziam parte de mim, assim como minha força e minha coragem para enfrentar o que quer que entrasse naquele lugar. O céu concentrava nuvens cinzentas e escuras, que lançam sombras sobre uma parte do vale, e pensei que algumas tempestades já haviam me atingido e eu precisei me agarrar às árvores na montanha. Cheguei a temer que as nuvens escuras evaporassem e que eu desaparecesse junto com elas. Mas notei que a parte inferior delas era rosada, protuberante e erótica. E o mais maravilhoso de tudo: havia um vale de ouro além da passagem entre as montanhas. Naquele destino dourado vivia o pintor daquela utopia. Vi que Lu Shing olhava para mim com uma expressão de satisfação. Era como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

– E o que você acha, Lucia? – Perguntou meu Pai. – Parece que ficou encantada.

Preferi fazer uma avaliação mais intelectual:

– A tela capta muitos momentos, muitas emoções – comecei, olhando para Lu Shing. – Esperança, amor e pureza. Tem algo de imortal, sem começo nem fim. Parece dizer que todos os momentos são imortais e nunca irão desaparecer: a paz no vale, a força das montanhas, as aberturas entre as nuvens...

Eu queria continuar, mas meu Pai me interrompeu.

– Lucia tem arroubos de emoção e esta noite foi a sua obra que provocou isso, senhor Lu Shing.

Todo mundo riu alto e eu senti meu pescoço em chamas.

Meu Pai e minha Mãe sempre me ridicularizavam quando achavam que eu estava sendo emocional demais. Eu tinha arroubos de emoção – vários picos, como se fosse uma cordilheira. Achavam que eu tinha de aprender a controlar o que sentia. Minha Mãe tinha transformado as emoções dela em apatia. E meu Pai, será que ele era capaz de controlar os arroubos orgiásticos dele?

– Na verdade, sou um homem de sorte – falou Lu Shing. – Eu tinha mesmo a intenção de capturar um grandioso momento de imortalidade, mas achava que tinha fracassado. Mas a senhorita Minturn me redimiou com seus elogios, dizendo que capturei todos esses instantes

de imortalidade. Nenhum artista pode desejar elogio maior do que esse.

O ambiente ficou mais brilhante. As peças de cristal do candelabro reluziam e piscavam e o fulgor da luz parecia mais extenso. Os rostos dos outros tinham adquirido feições estranhas e apenas Lu Shing parecia familiar. Nesse momento eu perdi todas as minhas sensações: nunca tinha vivenciado esse sentimento antes, mas soube na hora que estava me apaixonando. Precisei me esforçar para manter a calma na frente dos outros e preservar o meu segredo. Só nesse instante percebi que havia uma pequena placa de bronze na parte inferior do quadro. Eu li em voz alta: *Vale do Encantamento*. Várias pessoas comentaram o quanto aquele nome era adequado.

– Também achei – confessou Lu Shing –, quando o encontrei em uma tradução chinesa de um poema sufista chamado *O Colóquio dos Pássaros*. Escolhi o título sem saber a que se referia exatamente e só mais tarde descobri que o Vale do Encantamento não era um destino agradável, mas um lugar de dúvida, e a dúvida é perigosa para um artista. Por isso, preciso de um nome novo.

Todos questionaram o significado, alegando que o Vale do Encantamento descrevia a pintura com perfeição, falou alguém, e que na tela não havia nenhuma referência mais sombria.

– E nós não somos sufistas – lembrou a senhorita Maubert.

Eles estavam errados em abordar suas discordâncias de maneira tão descomprometida. Se o autor tinha dúvidas, ele tinha de enfrentá-las, derrubá-las e lutar com elas, para saber se eram reais ou não. Se não fizesse isso, as dúvidas permaneceriam na mente dele. Eu poderia ajudá-lo a fazer isso, simplesmente ficando ao lado dele e mostrando como sua confiança poderia derrotar a dúvida. Já tinha feito isso várias vezes, eu podia garantir.

A conversa mudou para outros assuntos e logo a criada veio avisar que o jantar estava pronto. Lu Shing estava sentado do mesmo lado da mesa que eu, mas em uma das extremidades, perto do meu Pai – que ocupava a cabeceira. Entre nós estavam a robusta cantora de ópera e o senhor Beekins. Eu não podia vê-lo com clareza por causa dos seios e da cabeleira volumosa da *mezzo-soprano*. Estava contrariada por ter ficado tão longe dele. O senhor Maubert tinha sido acomodado ao meu lado esquerdo, seguido da senhorita Huffard. Olhei ao redor da mesa. Observei os rostos que a cercavam: a senhorita Maubert, a ativista feminista e o astrônomo não demonstravam mais adoração pelo meu Pai. Aquela noite parecia muito estranha. As velas e seus perfumes intensos tremeram quando o cozinheiro acomodou uma grande perna de algum animal envolto em um molho. Quando a cantora de ópera se sentou, lancei um olhar para o rosto suave de Lu Shing e para seu couro cabeludo exposto, seu esplendor despido. Ele não olhou para mim nenhuma vez.

Uma dúvida me dominou. Talvez ele não tivesse percebido nada do que havia despertado na minha mente e no meu corpo. Eu havia me embriagado com um elixir e ele não tinha provado nenhuma gota. Talvez achasse que as mulheres brancas eram repulsivas. Poderia se sentir atraído por uma centena de belas mulheres de sua espécie. Minha ânsia por afeto havia me traído.

No meio dessa nuvem cinzenta, eu só ouvia as falas e a voz de Lu Shing. A luz no ambiente agora parecia um brilho gorduroso. A conversa agora era sobre a estadia do senhor Bierstadt na Cliff House, de onde, em dias claros, ele tinha uma vista privilegiada para as distantes Ilhas Farallon. Lu Shing já havia providenciado o transporte dos baús do

senhor Bierstadt para o hotel, agora iria cuidar da instalação do ateliê daquele pintor nômade.

– Eu já fiquei hospedada na Cliff House – contou a senhorita Pond. – Todas as manhãs, quando olhava pela minha janela, não conseguia deixar de admirar aquelas ilhas situadas a vinte quilômetros dali, a não ser nos dias nublados, em que não dava para ver nada. O senhor também vai ficar lá, senhor Lu Shing?

– Um aprendiz não tem privilégios – respondeu ele. – Vou ficar em uma pequena hospedaria perto da casa.

– Você deveria ficar com a gente – sugeri, rapidamente. – Temos bastante espaço aqui.

Minha Mãe pareceu surpresa, mas meu Pai concordou na hora.

– Mas é claro que sim!

– Nós costumamos hospedar pessoas com frequência, não é, mamãe? – Acrescentei.

Ela assentiu com a cabeça e os outros também concordaram que seria uma opção mais confortável. Lu Shing recusou educadamente, até meu Pai insistir que adoraria mostrar a ele o seu acervo de pinturas enquanto ele fosse nosso hóspede.

Minha mãe chamou a criada e a instruiu para preparar o dormitório azul. Era o quarto de hóspedes e ficava no lado sul, no segundo andar. O meu estava na parte norte e, claro, a torre ficava um pouco acima.

– Mamãe, acho que Lu Shing gostaria de ficar na torre. O lugar é pequeno, mas tem a melhor vista da baía – sugeri.

Meu Pai achou a ideia ótima. A senhorita Pond se ofereceu para levar Lu Shing em sua carruagem até a hospedaria, para buscar as coisas dele. Tentei identificar sinais de alguma tentativa de sedução por parte dela, mas logo meu Pai se ofereceu para acompanhá-los.

Na manhã seguinte, Lu Shing e meus pais já estavam sentados na sala de café da manhã quando cheguei. Será que eles tinham combinado de levantar cedo e por que não disseram nada? Eu estava ansiosa para ver aquele rosto chinês, mas notei que faltava algo. Ele estava vestindo trajes ocidentais: calças escuras, camisa branca e um colete cinza. Preferia que ele usasse as roupas chinesas, mas, por outro lado, gostava de poder olhar para aquele corpo divino. Ele era mais alto do que meu pai, que tinha uma estatura média.

– Todo mundo que vai para as Ilhas Farallons quer ver leões-marinhos, baleias e golfinhos no caminho – explicou minha Mãe. – É a experiência dos espectadores.

Sobre a mesa, estava o precioso livro ilustrado sobre aves.

– Acho que a ilha tem uma variedade de aves bem mais interessante. O senhor Bierstadt deve pensar a mesma coisa, pois da última vez em que estive lá pintou várias delas. Um dos meus favoritos é o Cassin's Auklet, gordinho e parecido com uma toupeira, que parece ser bem comum, visto de longe, até se chegar perto e observar as particularidades. Os pés azulados, a mancha branca em cima do olho, a cabeça arredondada e o bico fino. Esse é o desafio das aves: identificar os detalhes e cada diferença, o que caracteriza os papagaios-do-mar e os corvos-marinhos, por exemplo.

Fazia tempo que eu não via minha mãe tão animada.

Meu Pai interrompeu.

– Harriet, você deveria acompanhar o senhor Bierstadt e nosso jovem amigo na viagem às Ilhas Farallons. Seu olhar atento poderia ajudar bastante.

Minha Mãe pareceu surpresa e lisonjeada ao mesmo tempo. Deu para ver que gostou da

ideia.

– Acredito que o senhor Bierstadt agradeceria muito – afirmou Lu Shing. – Se a senhora tiver tempo para isso, claro.

– Eu adoraria passar um dia observando aves!

Minha Mãe me lançou um olhar cético.

– Você sente muitos enjoos.

– Eu iria sentir enjoos de ficar olhando para pássaros? – Retruquei. – Você sabe que eu sempre me interessei por aves.

Ela voltou a me olhar com expressão de incredulidade.

– E tenho algum tempo para estudar um pouco antes de irmos.

Naquela noite, eu me contorcia na cama pensando se deveria subir as escadas e ir até a torre. Lu Shing estava dormindo bem em cima do meu quarto. Eu o imaginei deitado na cama, com o corpo todo iluminado pelos raios do luar. Que desculpa poderia dar para ir até lá? Vontade de ver um navio entrando na baía, a lua, as estrelas, ou um livro que eu estava lendo e deixei lá. Então, me lembrei que de fato existia um livro: a *Anatomia Clássica de Ginástica*. A emoção tomou conta de mim e passou a pulsar no centro do meu corpo. No dia seguinte, enquanto Lu Shing estava na Cliff House montando o ateliê do senhor Bierstadt, eu corri até a torre para encontrar o livro com as imagens. Eu tinha escondido debaixo do acolchoado de penas. Lá estava ele. Puxei-o e o acomodei na estante, desalinhado em relação aos outros volumes. Depois de cinquenta e duas páginas, o livro estava feliz em me ver de novo.

Na manhã seguinte, cumprimentei Lu Shing no café da manhã. Ele foi gentil, mas sem me lançar olhares significativos ou sorrisos secretos, como a senhorita Pond lançava para o meu Pai. Não devia ter visto o guia de ginásticas próprias para o amor.

– Meus livros favoritos ficam na torre – eu falei. – Fique à vontade para ler qualquer um deles. – Procurei sinais de que ele já tivesse feito isso.

– Muito obrigado. No momento, estou lendo o máximo que puder sobre as Ilhas Farallon e Yosemite.

– Acho que temos um excelente livro sobre Yosemite. Dê uma olhada na pequena estante de livros da torre.

Do café da manhã fomos direto para o escritório da minha Mãe. Ela se acomodou em um canto, inspecionando os seus insetos, e nós nos sentamos diante da escrivaninha. O grande livro ilustrado de pássaros estava entre nós. Com toda atenção, olhamos as cores das penas, formatos dos bicos, envergadura das asas e comprimento da cauda – uma centena de detalhes que davam oportunidade para comentários como “esta cauda é mais longa do que esta”.

Ele virava as páginas para a direita e eu para a esquerda. Lancei meu olhar mais sedutor: um olhar sobre o meu ombro, direcionado para baixo e lentamente voltado para chegar no olhar dele. Ele devolveu um sorriso. Em duas ocasiões, fiz de conta que meu braço encostou nele sem querer, ele se afastou e pediu desculpas. Enquanto eu comentava algo sobre envergadura de asas ou rotas migratórias, falava com voz baixa, supostamente para não perturbar o importante trabalho da minha mãe. Não via nenhum sinal de interesse da parte dele e minha decepção só aumentava.

– Lucia – gritou minha mãe –, não encoste os cotovelos nas páginas do livro.

Na hora, endireitei o corpo e senti o rubor de humilhação tomar conta do meu pescoço.

Lu Shing virou-se para mim e disse:

– Lucia, Lu Shing. Tão parecidos... Vocês americanos acham que é coincidência. Nós, chineses, chamamos de destino.

Capítulo 13

Fata Morgana

São Francisco
1897
Lucia Minturn

Três dias antes da partida para as Ilhas Farallon, o senhor Bierstadt mandou para nossa casa um bilhete redigido às pressas, no qual pedia desculpas e explicava que tinha sido obrigado a voltar para Nova York porque o estado de saúde de sua esposa havia se agravado.

– Dizem que ela tem tuberculose – contou Lu Shing. – Esse é o medo do senhor Bierstadt.

Meus pais falaram qualquer coisa em solidariedade ao mestre pintor, mas eu o amaldiçoei em silêncio. Nossa aventura de estudo de aves tinha naufragado. Não haveria mais viagem romântica.

– Quais são seus planos? – Meu Pai perguntou a Lu Shing.

– No ano passado, minha família quis saber quando eu ia voltar. Acho que agora posso finalmente dar a resposta que eles esperam ouvir.

China. Ele iria voltar para as páginas dos contos de fadas, a capa do livro iria se fechar e assim terminaria o romance entre Lucia e Lu Shing. Até então, eu não tinha lembrado que um dia ele faria seu voo migratório de retorno. Se ao menos ele soubesse o que estava em jogo para mim, porque eu precisava tanto escapar para aquele vale verdejante, ficasse ele onde ficasse. Eu morava em um hospício e estava cercada de pessoas sem alma. Uma mãe que dedicava seu amor a insetos embalsamados. Uma avó que se divertia em ver o circo pegar fogo. Um avô que perambulava de um lado para o outro sem servir para nada – a não ser abrir a carteira. Um pai que jorrava carinho para as vulvas vorazes das mulheres fora de casa. Estes eram os lunáticos que se sentavam ao redor da mesa, exalando ar de superioridade durante os jantares, que meu Pai presidia ao estilo de Sófocles, mastigando uma costeleta de porco e comandando uma discussão sobre o sentido da arte. Eu tinha que resistir para permanecer a mesma enquanto eles me humilhavam e sufocavam minhas emoções.

Nossos nomes: Lucia e Lu Shing. Ele havia dito que era coisa do destino. Mas eu estava enganada: ele não quis dizer que essas palavras uniriam nossos trajetos. O destino nos soprou um ao encontro do outro, dois pequenos grãos de uma nuvem de pólen, para nos separar em seguida. Eu tinha entendido errado por causa dos meus arroubos emocionais.

Afinal, era uma garota tola e, neste caso, também exagerada.

Ouvi Lu Shing comentar sua decepção por não poder estudar o trabalho do senhor Bierstadt. Ele falou de coisas mundanas – como cancelar a reserva no hotel e mandar para Nova York todas as coisas que pertenciam ao pintor, além de comprar uma passagem de navio para Xangai, de preferência com um itinerário rápido. Estimava que partiria em uma semana. Minha Mãe perguntou se eu estava me sentindo bem. Fiz um gesto com a cabeça, grata pela desculpa para sair antes que meu rosto ficasse inflamado de vergonha. Fui para meu quarto e me sentei na escrivaninha para registrar o que eu começava a perder.

Toda a minha essência estava representada naquele quadro. Não consigo explicar por meio de palavras, só aquela consciência de que o Meu Eu Legítimo estava saindo de foco e de que em breve tudo o que iria sobrar seriam essas palavras. Eu havia sentido a minha alma e agora mal lembrava dela – tudo em mim agora era verdade, pureza, força, o que eu tinha de imutável e de verdadeiro, não importando o quanto eu fosse diminuída ou ridicularizada por outras pessoas. Eu queria o autor daquilo tudo, o criador de miragens. Queria que ele me revelasse suas dúvidas para que eu pudesse mostrar-lhe as minhas, e juntos poderíamos encontrar o vale verdadeiro – não apenas aquele retratado no quadro, mas uma passagem concreta entre duas montanhas, longe desse mundo louco.

Agora sei que não foi uma visão associada ao êxtase. Não existe vale nenhum, nenhuma passagem. O que eu senti sequer era minha alma. Vi em um quadro que eu desejei ver e sentir mais do que qualquer outra pessoa na sala. Desejei a novidade representada por aquele homem chinês e queria me enganar, achando que ele tinha a “sabedoria oriental” e poderia me levar para longe da infelicidade. Ele vinha dos contos de fadas da minha infância e seria alguém capaz de me salvar e de me amar. Fiquei encantada com aquele pintor, idealizador de um lugar onde eu gostaria de viver. Mas todos esses sentimentos desapareceram me deixando para trás, como a vida através do vale da morte. Por que eu ainda desejo o pintor? Se ele estivesse aqui na minha frente agora, eu me deixaria iludir e voar com paixão para onde o desejo quisesse me levar.

A criada bateu na porta e me arrancou dos meus devaneios. Colocou um fortificante ao lado da minha cama. Poucos minutos depois minha Mãe entrou no meu quarto, o que era uma surpresa, pois ela raramente aparecia ali. Perguntou se eu havia contraído alguma doença. Estava com dor de estômago? Sentia febre ou calafrios? Como era estranho vê-la interessada nos meus sintomas. Falei que achava que tinha tido um pouco de febre, sim. Ela estava preocupada, explicou, temendo que eu passasse minha doença para Lu Shing. No ano anterior, havia sido decretado um período de quarentena para todos os asiáticos que chegassem a São Francisco, por causa de uma epidemia de peste bubônica em Xangai.

– Se Lu Shing ficar doente isso pode gerar um mal-entendido, e tanto nossa casa como nós podemos acabar entrando em quarentena.

Que perspectiva maravilhosa. Todos nós presos dentro de casa, Lu Shing e eu juntos, e ele um andar acima da minha cama. Minha febre aumentou.

Minha mãe continuou.

– Lu Shing provavelmente seria enviado de volta para a China e colocado em quarentena no porão do navio. Seria uma viagem bastante desconfortável para quem retorna para casa.

Minha febre começou a diminuir.

– Não acho que seja nada contagioso. Deve ter sido por causa dos nabos – falei.

– Seja como for – continuou ela –, espero que melhore para você poder nos acompanhar em nossa viagem às Ilhas Farallon, na quinta-feira. Seu avô disse que não fazia sentido perder essa oportunidade. Avisou que vai pagar tudo, incluindo um piquenique com carne assada, assim como ele fez há vinte anos...

Graças a esse elixir de boas notícias tive uma recuperação milagrosa e naquele mesmo dia participei do jantar de discussão sobre os planos da viagem. Vi Lu Shing olhando para mim com um sorriso, que me pareceu significativo, embora eu não tivesse muita certeza. Tudo o que eu sabia era que o destino estava entre nós e que ele havia feito o barco retornar.

SE EU NÃO agisse com rapidez, perderia a oportunidade de viver meus momentos de êxtase. Agora eu sabia que o sexo poderia reunir nossos espíritos. Nossa união seria carnal, porém bem mais promissora do que o que eu havia experimentado com aqueles outros garotos. Eu não precisava de desculpas como navios com mastros altos ou a presença da lua sobre uma ilha. Deixei de lado o meu medo da humilhação: eu iria me colocar diante dele e pedir que aproveitasse. Tinha a confiança de uma prostituta e sabia que teria sucesso na minha missão.

Às dez horas, ouvi os passos dele e o ranger da escada. Saltei da minha cama vestida com minha camisola, subi a escada em caracol e dei duas batidas na porta. Ele respondeu:

– Pois não?

Interpretei a resposta como uma autorização para entrar no quarto. Ele estava no sótão e o corpo dele parecia contornado pela luz que vinha da lamparina a óleo. Não dava para ver a expressão no rosto dele. Não falei nada, e ele também não perguntou o que eu estava fazendo ali. Eu me aproximei da escada e subi. Ele não usava nenhuma peça de roupa acima da cintura e o resto do corpo estava escondido pelos lençóis. Ele deu um passo para trás para abrir espaço para a minha passagem. Deitei de costas e virei minha cabeça em direção à estante. Eu ainda não estava pronta para ver a expressão dele, o que ele poderia achar da minha presença de forma tão ousada e sem nenhum convite.

Vi que o livro de ginástica estava intocado, como eu o havia deixado. Não mexi no livro. Não queria aqueles homens musculosos e aquelas mulheres alegres na mesma cama que nós dois. Eu ouvi a sirene seguida dos ruídos dos leões-marinhos, seus fúteis chamados para o acasalamento. Ele bem que poderia começar do jeito que os outros garotos tinham começado, pousando a boca em alguma parte do meu corpo.

– Não sou virgem – avisei –, e meus pais não se preocupam com o que faço. Acho bom avisar para eliminar preocupações.

Virei a cabeça e olhei para ele. Seu rosto estava sereno, talvez simpático ou divertido. Abri o primeiro botão da minha camisola para deixar minhas intenções bem claras. Em seguida, porém, ele colocou a mão com firmeza sobre a minha, para me deter. Eu não contava com isso. Senti a inundação quente de manchas tomar conta do meu peito e do meu

pescoço.

– Deixe que eu faça isso – disse ele, antes de deslizar seus dedos pela camisola e abrir todos os botões, um a um.

Aproximou o rosto dele do meu e fiquei impressionada como ele parecia chinês. Finalmente, eu podia tocá-lo sem as perguntas que marcam as distâncias entre o que poderia acontecer ou era permitido. Passei minhas mãos sobre o contorno suave do rosto dele, sua testa e o alto da cabeça, o queixo e o início do pescoço. Observei os olhos escuros.

– Vou embora daqui a uma semana – ele alertou.

Eu recusei o fato, mas concordei com a cabeça e, em seguida, senti minha roupa escorregar. As janelas estavam abertas, soprava um ar fresco e eu estava tremendo. Uma mão quente deslizou sobre meu corpo de forma descontraída, acariciando meus ombros e deslizando pelas laterais, enquanto os olhos acompanhavam tudo com a mesma calma e uma dose de curiosidade – como se ele estivesse estudando como eu tinha sido esculpida, de onde saía cada linha, como o comprimento do meu braço tinha sido definido, como era o desenho que moldava minha orelha. Fechei os olhos. As mãos dele descreviam círculos suaves, primeiro devagar depois com mais intensidade, pressionando a parte interna das minhas coxas. Abri os olhos e novamente fiquei surpresa ao ver seu rosto oriental, ao mesmo tempo em que a paixão encurtava meus pensamentos e desfocava a luz ao redor, de forma que tudo o que eu conseguia ver naquela claridade recém-descoberta eram os detalhes do rosto dele. Fechei os olhos e senti que ele movia os quadris de lugar. Abri os olhos e aquela estranheza maravilhosa voltou, mas agora eu já o conhecia melhor, como acontecera com o vale retratado no quadro: era um conhecimento sem palavras, apenas a alegria da familiaridade. O rabicho de cabelo dele encostava na minha barriga – era o contato, a visão e a sensação vetados a um homem chinês, que ousava aproximar a sua marca da minha abertura, depois deslizando sobre mim em um ritmo proibido. Observando seu rosto desconhecido, minha cabeça flutuava em rápidos pensamentos sobre nossas diferenças raciais e a indecência de reunir as duas raças. O prazer de violar um tabu trouxe minha consciência de volta. Fechei os olhos, pedi que ele falasse comigo e ele recitou baixinho, com seu sotaque britânico:

*Meu bom barquinho,
meu bom barquinho,
sem mastro nem remo,
flutuando sobre as ondas.
A terra firme é o seu destino.*

Abri os olhos e vi uma contorcida expressão de prazer no rosto dele. Percebi que para ele uma fêmea fora de controle também era um tabu, mas ao mesmo tempo era emocionante por ser proibido e desconhecido para ele, diferente, raro e incomum. Suspirei, satisfeita naquele vale em que eu era Eu Mesma. Olhamos um para o outro conforme ele pronunciava as palavras que nos transportavam dali.

*Confie em mim,
pode confiar.
Vou levá-la à terra firme,*

é só se agarrar ao meu mastro.

Meu imperador chinês fechou os olhos e começou a proferir palavras em chinês. Não eram palavras doces, mas que soavam duras conforme ele se esfolava contra mim, até que nossos corpos começaram a tremer e segui com ele rumo a um tufão seguido de um abalo geológico.

Acordei quando ele acendeu a lâmpada.

– Em uma hora, o sol vai nascer – ele avisou, de forma direta.

Em breve, a vida fora daquele cômodo estaria de volta.

– Quero ficar mais um pouco aqui – falei com suavidade, me aconchegando junto ao corpo dele. – Desde pequena, gosto de vir aqui para ler – contei, sonolenta, porém feliz. – Gostava do isolamento, mas às vezes eu me sentia sozinha. Esse lugar me reconfortava, talvez por causa das paredes arredondadas. Aqui não tem cantos em forma de ângulos. Todas as direções são iguais. Você já tinha reparado na forma dessas paredes?

– Fiquei incomodado pensando que não dá para pendurar um quadro. Ao contrário do que você pode pensar, não tenho o misticismo oriental à flor da pele. Sou um homem bastante prático.

– O que você estava dizendo em chinês quando estávamos fazendo sexo?

Ele riu com suavidade.

– As palavras obscenas que um homem diz no pico de sua excitação. *Chuh nee bee.*

– E o que isso significa?

– São palavras bem vulgares. Como posso explicar?... Elas traduzem o prazer de estarmos unidos, entre homem e mulher.

– Mas não era isso o que você estava falando! Prazer em estarmos unidos, entre homem e mulher... Não era nada disso mesmo!

Ele riu.

– Tudo bem, mas não se ofenda. As palavras significam “foder sua boceta”. Avisei que era bastante vulgar. Mas elas indicam que o meu envolvimento é grande o bastante a ponto de perder o controle e a preocupação com a adequação do vocabulário.

– Gosto de ver você incontrolavelmente vulgar – falei.

Em segredo, eu pensava nos outros garotos. A maioria simplesmente grunhia, um ficou em silêncio e só deu para ouvir sua respiração ofegante. Outro pronunciou o nome de Deus.

– Você já disse essas palavras incontroláveis para muitas mulheres? – Perguntei olhando direto nos olhos dele, para que ele visse que era apenas curiosidade e não havia nenhuma adaga apontada para o meu coração.

– Nunca contei. A partir do quinze anos, é comum visitar casas de cortesãs. Mas eu não fui muito, não tanto quanto eu gostaria. Os homens precisam cortejar as mulheres, oferecer presentes, concorrer com outros homens e muitas vezes suportar a rejeição. Eu não tinha dinheiro. Meu pai sempre foi muito rígido.

Ele não perguntou sobre os garotos com os quais eu havia transado. Fiquei aliviada, embora desejasse que ele quisesse perguntar, como eu fiz para atormentar a mim mesma, querendo acreditar que não havia outras, ou pelo menos nenhuma que o tivesse conquistado.

Na noite seguinte fui até a torre novamente e desta vez cedemos com mais facilidade ao feitiço da intimidade. Quando nos beijamos, fechei os olhos para imaginá-lo na condição de

imperador. Mas imaginei somente ele, aquele rosto próximo ao meu. Não senti surpresa quando abri meus olhos e fiquei tomada de alegria por vê-lo. A emoção de transgredir algo proibido permanecia, um homem chinês fazendo sexo com uma americana. Ele sussurrou as palavras vulgares assim que me penetrou e depois as repetiu a cada movimento. No nosso mergulhar inconsciente um no corpo do outro, estávamos unidos. Ele ergueu meus quadris, minha cabeça disparou e eu perdi os sentidos, com exceção daquela sensação que atingiu a nós dois ao mesmo tempo e que não dava para separar. Em seguida afastamos nossos corpos e nos deitamos de lado, voltados um para o outro, em um silêncio cada vez maior.

Apesar da minha promessa de que não esperaria mais do que aqueles poucos dias de prazer, não pude evitar o medo cruel de perder Lu Shing. Será que ele tinha pensado em como isso era inevitável enquanto acariciava meu corpo? “Você vai sentir minha falta?” Eu queria perguntar.

Na terceira noite, antes da viagem para as Ilhas Farallon, não consegui reprimir a pergunta. Indaguei no escuro, quando não era possível ver o meu rosto. Prendi a respiração e, quando ele disse: “Vou sentir muita falta de você”, comecei a chorar e o beijei. Ao tocar seu rosto percebi que estava molhado e concluí que eram lágrimas vindas dos olhos dele e não dos meus. A dúvida desapareceu quando ele puxou meus quadris na direção dele, posicionou minha perna sobre as costas e mergulhou no meu corpo com ainda mais urgência do que antes.

Naquele momento, decidi que iria para a China e soube na hora que esta era a saída para todo o meu mal-estar espiritual e a falta de amor que marcava a minha existência. Eu me equilibrava na borda das emoções, com mais entusiasmo do que achava que seria possível. A coragem ganhou força e dominou todos os medos. Finalmente, poderia sentir as coisas de forma profunda e sem limites. Como bloquearia a minha alma e simplesmente voltaria para a vida que eu levava antes de Lu Shing? Eu sabia que ir para a China parecia uma loucura, mas estava na hora de assumir os riscos e enfrentar os perigos em vez de recuar para uma vida amortecida pela segurança e imobilidade. Como eu poderia evitar? Nossos corpos se moviam juntos, remando para a China rumo ao Vale do Encantamento, onde nossas emoções seriam livres e poderíamos vagar junto com nossas almas.

MINHA MÃE CONTRATOU carruagens para levar os passageiros até o porto. A cantora de ópera, o amante dela, o senhor Maubert e sua irmã, a senhorita Pond, meu pai, minha mãe, Lu Shing e eu. Embarcamos levando montões de casacos, cestas de comida, cadernos, lápis de desenho, tintas e um guia das ilhas.

Durante o trajeto para as ilhas, minha mãe deu explicações sobre as criaturas marinhas que víamos do barco.

– As baleias não são peixes, mas mamíferos pensantes, como nós – gritava ela por causa do vento forte, que dificultava a comunicação ou a transformava em um problema.

Os casacos que trouxemos estavam mais de acordo com a moda do que com a necessidade, com exceção da senhorita Huffard, que usava um espesso casaco de pele, como ela era miúda, ficou parecendo um urso. O barco cortava o vento, que atravessava a minha pele e atingia meus ossos. O senhor Maubert, sua irmã e o senhor Hatchett exibiam um tom esverdeado no rosto e de vez em quando corriam para se apoiar na beirada. Por milagre, escapei dos enjoos, provavelmente pelo efeito do amor. Minha mãe desceu ao porão e

trouxe cobertores grossos e ficamos parecendo índios fumando cachimbos da paz, uma vez que bastava respirar para exalar nuvens de ar frio.

Lu Shing e eu ficamos na beirada, a princípio para observar as baleias, mas, na verdade, trocando olhares discretos. Vimos um leão-marinho solitário e anunciamos o fato para que todos vissem que estávamos atentos ao nosso dever. Eu fingia que o balanço do barco me fazia perder o equilíbrio e me jogava contra Lu Shing, que me segurava.

De repente, o barco começou a balançar com mais força. A proa erguia e caía e todos riam, como se o movimento fizesse parte da diversão do passeio. Ondas pequenas se juntavam às maiores. Eu prendia a respiração a cada encontro e ninguém mais parecia achar graça. Nuvens escuras cobriram o céu e feixes de luz desciam no horizonte à nossa frente. O vento forte atingia nossas faces e deixava os rostos dormentes. As gaiotas desapareceram e as águas agitadas engoliram os sinais dos leões-marinhos. Lu Shing enrolou sua trança ao redor da cabeça e abaixou o chapéu de forma a cobrir seus ouvidos. Usava roupas ocidentais, um grosso casaco de lã e calças. Eu tinha prendido o meu cabelo para trás para combinar com ele, mas o vento soltou o penteado e as madeixas batiam contra meus olhos.

O capitão gritou ordens mudas e vários homens ágeis saltaram logo após as instruções, correndo ao nosso redor. Um jovem de rosto escuro distribuiu coletes salva-vidas e nos garantiu que era apenas uma precaução. O barco se erguia e caía sobre a água com rispidez. O homem aconselhou que fôssemos para o andar inferior, se não quiséssemos ser atingidos pelas ondas. A senhorita Huffard e seu amante foram os primeiros a seguir o conselho e foi preciso um pouco de delicadeza para ajudar a roliça cantora de ópera a passar pela pequena abertura. Quando ela perdeu o passo na escada, soltou um grito. O senhor Maubert e sua irmã desceram em seguida, depois a senhorita Pond e meu Pai. Minha Mãe demonstrou hesitação. Pouco antes de fechar a escotilha, meu Pai me perguntou:

– Você não vem?

– Prefiro ficar aqui. Acho que vimos uma baleia ali na frente.

Lu Shing e eu éramos os únicos passageiros que permaneciam no convés. Sorrímos livremente um para o outro. Era a primeira vez naquele dia em que ficávamos a sós. Meu queixo tremia e as lágrimas queimavam meus olhos – não era efeito do amor, mas castigo do vento. Meus dentes batiam como castanholas. Imaginei nós dois em pé em outro barco dali a uma semana, partindo para Xangai.

– Aqui é tão lindo que eu gostaria que esse barco seguisse direto até chegar na China – falei.

Lu Shing não disse nada. Talvez soubesse a razão para eu falar aquilo. Parecia solene, impenetrável, um estranho.

– Eu gostaria de ir para a China um dia. Talvez eu consiga convencer minha mãe, se transformar a viagem em uma expedição de observação de aves raras.

Ele riu e disse que aves não faltavam lá, o que me incentivou muito.

– Imagino que seja difícil para um americano viver em Xangai, por causa das diferenças no idioma e nos costumes.

– Em Xangai, todos os anos chegam pessoas vindas dos Estados Unidos, e também da Inglaterra, da Austrália, da França e de outros países. Parece que eles vivem bem, com conforto e até com luxo, numa parte da cidade que parece outro país.

Olhei para ele tentando entender o significado do que ele tinha acabado de dizer. Talvez estivesse se referindo ao que eu acabara de falar, sobre ir para a China com a minha mãe.

– Claro que, se minha mãe não quiser ir, eu posso ir sozinha.

Ele sabia no que eu estava pensando. Exibiu o mesmo olhar pensativo que vi quando apareci na torre pela primeira vez e me deitei sem ser convidada.

– Eu estou comprometido – ele falou. – Minha família fez um contrato de casamento com uma mulher e, quando eu voltar, vou casar com ela e viver com minha família.

Fiquei chocada com a notícia e com a franqueza com que ele me comunicou aquilo.

– Por que você está me dizendo isso? – Falei, sentindo o calor tomar conta do meu rosto. Virei para o lado para que ele não visse. – Eu não estava sugerindo que iria me casar com você. Só esperava que você desse algumas orientações para ajudar a organizar a visita, assim como você estava fazendo para o senhor Bierstadt.

Eu me afastei antes que ele pudesse ver como eu realmente estava magoada e fiquei no outro lado do barco, humilhada pelos meus próprios atos. Eu me odiava por ter me exposto tanto – e praticamente para um desconhecido. Era muita estupidez achar que algumas emoções na cama o fariam achar que não dava para viver sem mim. Mas, se eu agora dissesse que não iria para a China depois do que ele havia contado, ele pensaria que eu realmente estava interessada no amor dele e não em observar pássaros. Um pensamento ousado tomou conta de mim: iria provar que ele estava errado. Eu vou para a China e vamos ver o que ele diz disso! Em questão de instantes, minha raiva e determinação aumentaram até que eu me convencesse de que realmente queria conhecer a China, sem me importar se ele se casaria com outra garota e não comigo. Eu poderia ser independente, ter uma vida própria e ser tão diferente como todas as pessoas que viviam lá.

As águas se acalmaram. O vento parou. Ouvi um grito. Olhei para trás e vi que não era Lu Shing, mas sim o capitão. Ele parecia estar envolto em uma nuvem, flutuando no ar salgado. Com a luneta na mão, ele acenou e nos mandou olhar para frente. Lá longe, no horizonte, erguiam-se as elevações das Ilhas Farallon. Ficavam bem na nossa frente. Parecia impossível que tivéssemos viajado tão longe em tão pouco tempo. Havíamos navegado pouco mais de uma hora. Mas então vi que elas não eram colinas e sim o contorno de três dragões enormes. Enquanto eu olhava impressionada, as formas se transformaram em um elefante. Eu forçava minha visão. No minuto seguinte, identifiquei uma baleia que, em seguida, pareceu se encolher e assumir a forma de uma embarcação como a nossa. O que estava acontecendo? Será que eu tinha enlouquecido? Olhei para o capitão. Ele tinha um olhar enlouquecido e estava rindo. A tripulação também ria, gritando palavras em italiano: *Fata Morgana! Fata Morgana*. Tinha sido uma miragem.

Minha mãe me disse que havia visto uma miragem quando olhava na direção das Ilhas Farallon. Falou que parecia um navio e, logo em seguida, uma baleia. Na época, achei que era imaginação dela. Como era estranho que isso tivesse acontecido bem quando planejava partir para a China. Era um aviso de que eu tinha visto uma ilusão de amor – uma miragem, que era falsa e poderia assumir muitos disfarces. Mas também me perguntei se não seria um sinal de que eu deveria ir para a China, de que a vida que eu queria estava mais perto do que eu achava. Bastou eu pensar nisso para ser atingida por uma lufada afiada de vento e, bem em cima do barco, uma gaivota emitiu três gritos agudos. A proa se ergueu formando uma crista branca e irregular e o barco foi jogado bruscamente para o lado. Estávamos

sendo empurrados para a miragem ou atraídos por ela, como Ulisses na direção das sereias. Sem dúvida, era um sinal. Odisseu teve de escolher entre o vício e a virtude. Eu tinha que decidir entre ser um fantoche ou ser eu mesma. Minhas mãos estavam dormentes demais para conseguir segurar no corrimão e, quando a proa voltou a apontar para baixo, meus pés escorregaram e me assustei ao perceber que estava deslizando no convés. O cobertor voou dos meus ombros e minha saia se armou como se fosse a vela de um navio. Tentei agarrar com força no que parecia ser um carretel de cordas, mas o medo e o frio não me deram forças para conseguir fazer isso. Deslizei para a grade do outro lado e vi como era fácil passar embaixo daquela proteção e cair nas águas negras. Gritei. Ouvi outro grito em uma língua estrangeira. Senti mãos agarrando meus tornozelos. Um garoto, que não deveria ter catorze anos, com cara de cigano e cabelos oleosos, havia me segurado. Ele me arrastou para a escotilha e eu tentei levantar, mas minhas pernas estavam bambas. Ele me apoiou e eu desabei. Quando ele me amparou, olhei para o horizonte mais uma vez.

Só nesse momento olhei para ver onde Lu Shing tinha ido. Ele não estava em lugar nenhum. Teria caído ao mar? Fiz um gesto nervoso para o jovem de rosto escuro. Por meio de gestos, ele me garantiu que o homem com a longa trança estava bem, mas tinha perdido seu chapéu. Ele imitou o chapéu voando pelo ar. Mostrou que Lu Shing estava do outro lado do barco, a salvo. Eu estava furiosa: tinha certeza de que Lu Shing estava tranquilo, sem sequer se preocupar com o fato de que eu quase tinha morrido. Minha vontade era a de chegar perto dele e amaldiçoá-lo, mas o frio não permitia.

Quando desci as escadas com as pernas trêmulas senti o calor tomando conta de mim e as minhas bochechas queimavam conforme os sentidos voltavam. A cabine parecia uma sala de estar, com sofás e cadeiras, vasos de samambaias e tapetes orientais nas cores marrom e vermelho rubi. Surpreendentemente, nada estava em desordem. O senhor Hatchett explicou que os móveis tinham sido pregados no lugar, com exceção do aparelho de chá. Ele apontou para um bule e xícaras quebradas, além de alguns biscoitos espalhados. Um tripulante começou a limpar a bagunça, escondendo alguns biscoitos no bolso. Minha mãe estava sentada em um pufe vermelho escuro, em meio a uma conversa séria com a senhorita Maubert, acomodada em um divã com uma expressão debilitada como se realmente fosse desmaiar. A senhorita Huffard colocou uma xícara de chá quente em minhas mãos e me disse para eu beber e me aquecer de dentro para fora. Ouvi a senhorita Pond contando ao meu Pai como tinha deixado seu caderno de desenho cair sobre as ondas. Tudo o que eu ouvia agora não fazia sentido. A senhorita Huffard esfregava meus braços com suas mãos quentes e comentou como eu tinha pouca carne recobrimo os ossos. Depois, me virou e esfregou minhas costas. Ela cheirava a rosas.

– Você quase congelou seu traseiro – falou. – O que somos capazes de fazer por amor, não é?

Eu congelei. O que ela estava dizendo?

Ela acariciou minhas costas.

– Eu fiz muitas coisas que até me prejudicaram, mas não me arrependo. – E entoou com voz plena: *O coração não tem memória quando o amor resolve voltar.*

Todo mundo aplaudiu. Ela me virou para olhar direto nos meus olhos de novo.

– Já cantei isso um montão de vezes para uma plateia cheia de admiradores, para depois ir para o meu quarto e me sentir terrivelmente só.

A gentileza dela me tocou. Ela me levou através da escada até um canto escuro, me deitou e acomodou um casaco de pele enorme sobre meu corpo. O casaco também tinha perfume de rosas.

Eu estava quase caindo no sono quando ouvi gritos vindos do convés. Saltei e me desvencilhei do volumoso casaco de pele da senhorita Huffard para conseguir chegar à cabine principal. Dois rapazes ajudavam Lu Shing a passar pela escotilha e, embaixo, outros dois se apressavam para pegá-lo. Ele tinha uma expressão de dor no rosto e sua perna exibía uma tala improvisada.

– Ele quebrou o tornozelo – explicou meu pai. – O capitão disse que a perna dele fez um ângulo de noventa graus, como se fosse de borracha. Foi na hora em que aquela onda enorme atingiu o barco. Eles preferiram colocar uma tala no machucado antes de tentar trazê-lo para baixo.

Alguém pediu que a fragilizada senhorita Maubert liberasse o divã. Toda a raiva desapareceu do meu coração. Eu queria aliviar a dor dele, proporcionar-lhe coragem através do meu amor. Mas havia muita gente ao redor, pensando em como lidar com a nova condição dele. Finalmente, abri meu caminho e vi que o rosto dele estava branco e que ele mordía o lábio. Quando minha mãe abriu o lenço da tala improvisada, olhei para o tornozelo. A ponta afiada do osso havia perfurado a carne. Vi pontos de luz e, em seguida, entrei na escuridão total. Desmaiei em seguida.

Acordei com o perfume de rosas. Ainda estava protegida pelo calor do casaco de pele da senhorita Huffard. Ela estava ao meu lado. Todos os outros haviam desembarcado.

– Você dormiu como um bebê em um berço confortável – falou.

– E como está Lu Shing?

– Uma dose de uísque ajudou a aliviar a dor. Os homens acabaram de levá-lo para uma carruagem e o médico já está a caminho de casa. Há outra carruagem esperando nós duas.

Enfieei meus pés dentro dos sapatos e ouvi a senhorita Huffard dizer em uma voz dúbia:

– Foi uma pena ele quebrar a perna. Agora só vai poder embarcar para a China daqui a três meses.

Abracei a senhorita Huffard e chorei.

– Eu gostaria de aconselhar você a aproveitar esse tempo para se afastar dele com suavidade, em vez de aumentar seu desespero. Mas nunca fui boa em seguir conselhos inúteis como esse.

DURANTE OS TRÊS meses em que Lu Shing se recuperou, dei andamento a meu plano sem falar nada para ele. Penhorei tudo o que tinha de valor: um relógio de ouro, um anel de rubi, uma pulseira de ouro. Abri a caixa onde ficavam os dólares de prata que o senhor Minturn havia me dado ao longo da vida. Consegui tirar o passaporte e o visto com facilidade. Um dos funcionários me perguntou como eu pretendia viver na China e falei sobre um tio que morava em Xangai e que havia me convidado para lecionar inglês na sua escola para filhos de norte-americanos.

– Professora, aos dezesseis anos? – Ele estranhou.

Eu disse que faria dezessete anos em duas semanas, mas que era precoce, o que me permitiu atingir meu nível de conhecimento acadêmico antes que os demais estudantes. Eu continuei a organizar os meus planos e estava animada pensando no que deveria levar. Só

depois comecei a pensar em como eu iria contar para meu Pai e minha Mãe (e para Lu Shing) que eu estava de partida para a China.

Enquanto se recuperava, Lu Shing tinha sido acomodado no meu quarto. Fui transferida para o dormitório azul, mas me mudei para a torre e descia a toda hora para ver como ele estava, levar livros, os cadernos de desenhos dele, as refeições e uma grande dose de conforto, especialmente quando eu ajeitava a sua cama, acariciava seu braço e perguntava como estava a dor. Na frente dos outros, eu parecia aprovar a ideia de ele precisar adiar a volta à China e ninguém suspeitaria que eu tinha outros motivos para bancar a enfermeira dele. Longe dos olhares alheios, porém, gostávamos de nos dedicar as nossas atividades libidinosas sempre que tínhamos vontade. Por causa dos cuidados com os tornozelos dele, o sexo exigia ajustes geométricos delicados e um posicionamento cuidadoso, complementado com um bom trabalho oral. Não falei mais nada sobre meus planos de ir para a China. Na verdade, inventei um subterfúgio: falei sobre ir para alguma faculdade para mulheres no leste do país e cheguei a citar três possibilidades. Assim, ele baixou a guarda. Falei sobre a nossa amizade, que deveríamos manter para sempre, e fiz comentários divertidos sobre certas atividades sexuais que levaram a surpresas inesperadas e das quais nos lembraríamos no futuro, como uma antiga onda de desejo. Comentei sobre um jovem fictício que estava me cortejando e que, portanto, ele não deveria se preocupar com meu eventual sofrimento depois que ele partisse para a China. Eu disse a ele que o pretendente inventado havia relacionado meus tentadores atributos: minha natureza aventureira, minha inteligência, o fato de não ser uma puritana virginal, mas sim diferente de qualquer garota que ele havia conhecido, diferente e de uma forma misteriosamente intrigante. Lu Shing concordou com o meu admirador imaginário e parecia estar aliviado por eu ter um amante à espera na reserva. Ele confessou sua discordância com alguns costumes chineses como, por exemplo, a obrigação de se casar com uma garota que não amava. Revelou que tinha dúvidas sobre sua capacidade como artista. Temia não ter originalidade nem capacidade de expressar ideias mais profundas porque não tinha essas ideias mas só conseguia imitar as técnicas. E gostou de ouvir quando eu disse que ele estava fazendo um julgamento errado sobre si mesmo.

Uma tarde, depois de um sexo delicioso e várias palavras doces, eu estava nos braços dele e disse que sempre me lembraria dele como “o meu imperador chinês”. Senti um respirar mais profundo e percebi que ele estava abafando um suspiro triste. Eu já conhecia bem o corpo e a mente dele. Pedi que lembrasse de mim como sua selvagem garota americana e ele respondeu que iria se lembrar como bem mais do que isso. Acrescentei que eu não gostaria que os pensamentos em relação a mim violassem seus votos de casamento.

– Na China, o casamento é arranjado pelas famílias e não tem nada a ver com amor. Parece mais com um acordo de negócios entre velhos amigos e mães intrometidas. Minha futura esposa é uma estranha para mim. Eu nem sei se vou gostar dela. Ela pode ser feia ou não ter nada de interessante a dizer.

Lembrei que ele também poderia visitar as cortesãs e ele concordou, sem entusiasmo. Continuei:

– Minha mãe e meu pai têm um casamento semelhante, o que não impede meu pai de satisfazer suas necessidades por aí. Os dois preservam uma lealdade ímpar, com base na ligação com esta casa. Têm sido uma solução prática, mas suas vidas juntos é vazia e eles sequer percebem o quanto isso é trágico. Quem mais poderia ter amado minha mãe com

mais intensidade e a extraído de sua própria miséria?

Eu tinha certeza de que ele estava pensando sobre a possibilidade de seu casamento sem amor e de uma relação desprovida do verdadeiro companheirismo.

– Se você fosse americano, eu gostaria de me casar com alguém como você.

Ele caiu na lógica das emoções gêmeas:

– E, se você fosse chinesa, eu gostaria de me casar com alguém como você.

Antes de partir para a China, eu tentaria mudar essas palavras para “Se você estivesse na China, eu gostaria de transformá-la em minha esposa”.

Eu não tinha a intenção de usar a gravidez como motivo para ele se casar comigo, pois preferia o casamento movido pelo desejo e não pela obrigação. Se ele se casasse por causa da chegada de um bebê, sempre restaria a dúvida sobre a razão para estar juntos. Duas semanas antes da partida programada dele, eu contei, com uma ponta oculta de temor, que tinha certeza de que estava grávida, provavelmente de dois meses. Meu medo vinha da insegurança sobre o que ele iria sentir e dizer para mim.

Ele ficou chocado, é claro. Vi quando seus olhos revelaram as contas que ele estava fazendo sobre o que tudo aquilo significava, antes de se aproximar de mim e me abraçar. Ele me segurou e, embora não houvesse resposta sobre o que iríamos fazer, eu me senti dentro de seu abraço protetor e com a confiança de que iríamos encontrar uma resposta.

– Eu não posso me casar com você e ficar morando nos Estados Unidos – disse.

Fiquei com raiva por essa ser a primeira coisa que ele disse. Eu não esperava uma expressão de alegria, mas tinha a esperança de que manifestasse alguma preocupação.

– Eu não vou arriscar minha vida com um aborto – falei. – E, se eu ficar aqui e tiver o bebê, não vou poder criá-lo. A criança será entregue a um orfanato. Foi o que aconteceu com a senhorita Pond, que é uma livre pensadora. Ela tentou ficar com o bebê e foi punida. Acho que a criança era filha do meu pai, que não moveu uma palha. Deixou-a ir para um orfanato. E isso era o que iria acontecer com o nosso bebê, que jamais seria adotado por ter seu sangue manchado com o sangue chinês. Iria morrer sem jamais ser amado.

– Na China ele não seria recebido de maneira diferente – disse Lu Shing.

– Você não tem outra sugestão a não ser dizer o que você não pode fazer? – Perguntei. – Vou ter de achar uma solução sozinha?

– Não sei o que eu poderia propor que fosse aceitável para você. Minha família não vai quebrar o contrato de casamento e, como você é estrangeira, nunca permitiriam a sua entrada em nossa casa, pelo menos não com o objetivo de me visitar. Na melhor das hipóteses, eu poderia transformar você em uma amante, sem o conhecimento da minha família. E não poderia ficar apenas com você ou viver ao seu lado. Teria de manter relações sexuais frequentes com minha esposa com o objetivo de gerar um herdeiro do sexo masculino, na verdade, o máximo possível de filhos e, se necessário, com várias concubinas se minha esposa não conseguisse gerar um menino rapidamente. Na China as expectativas são mais rígidas do que nos Estados Unidos e ainda tem outras complicações que você não poderia compreender. Sei que não é a resposta que você queria ouvir. Sinto muito.

Ele apenas tinha relacionado as regras da cultura dele, sem cogitar a possibilidade de desrespeitá-las. Eu tinha desafiado meus pais, por que ele não podia fazer a mesma coisa? Não estava disposto a considerar outras possibilidades porque não sofria como eu estava sofrendo. Não estava desesperado para se livrar do medo e da confusão nem à beira de

perder o juízo.

– Por que você não pode agir por conta própria? Por que não pode simplesmente ir embora?

– Eu não posso explicar os motivos, só posso dizer que tudo o que eu penso e faço é conduzido pela minha cabeça, meu coração, meu caráter e meu espírito. Para mim, não se trata de uma comparação com sua importância. Mas não importa o quanto eu a ame, não posso arrancar essa parte de mim e me transformar em alguém que trai sua família. Não posso esperar que alguém entenda a enormidade da minha responsabilidade, a não ser de uma pessoa que tenha sido educada na China e em uma família como a nossa.

– Diga-me que você não me ama e não vou ter a esperança do que você poderia fazer. Diga que você está disposto a deixar a minha alma sofrer e morrer para que você possa se unir a uma mulher que sequer conhece. Eu nunca vou confiar no amor: só vou sentir raiva de mim mesma por ter deixado um fraco destruir meu coração.

Finalmente, vi a angústia no rosto dele. Ele olhou como se quisesse chorar e me abraçou.

– Eu não vou abandonar você, Lucia – falou. – Nunca amei outra pessoa. Só não sei ainda o que nós podemos fazer.

As palavras dele me deram muita coragem e expectativa e eu me agarrei a elas. Levei-as comigo quando minha família se reuniu no salão porque eu disse que tinha notícias importantes. Eles se sentaram com uma postura rígida, fazendo expressões de preocupação. Lu Shing e eu ficamos em pé, ele ao meu lado, mas um pouco atrás.

– Estou grávida – falei, sem rodeios.

Antes que eu pudesse falar mais sobre meus planos, minha Mãe pulou e gritou para Lu Shing que ele havia traído a nossa hospitalidade, nossa confiança, nossa honra e nossa boa vontade... Lu Shing repetia sem parar que estava arrependido, muito arrependido, e profundamente envergonhado. No entanto, ele parecia calmo demais para que esses sentimentos fossem verdadeiros.

– E para que serve o seu maldito arrependimento chinês? – Falou minha Mãe, em tom sarcástico. – Não é de verdade. Você vai partir em breve e deixar essa confusão para trás!

Meu Pai e minha Mãe se viraram para mim e despejaram diversas palavras duras sobre meus defeitos: falaram que eu era ingrata, estúpida, arrogante e promíscua.

– Você disse que queria escolher seus próprios interesses, passatempos e paixões, e é isso o que você escolhe? Sexo descomprometido com um homem prestes a abandoná-la?

Senti a sensação de uma criança ridicularizada por ser quem era, só que as manchas da humilhação não brotaram no meu rosto. Eu estava com raiva.

– Paixão e passatempo com um homem chinês – falou minha mãe com um sorriso de escárnio. – Um chinês com trancinha no cabelo! As pessoas vão rir de nós por tê-lo colocado dentro da nossa casa. Achando que estávamos sendo generosos, fomos trouxas.

Essas últimas palavras carregavam uma raiva incontrolável. Ela sempre pensava apenas nela. E todo o mal que tinha feito para mim quando eu era pequena?

Eu não conseguia conter o choro e sentia raiva ao mesmo tempo em que revelava minhas lágrimas de criança.

– E desde quando você se importa com o que acontece comigo? – Gritei. – Eu nunca passei de uma sombra nesta casa. Você nunca conversou comigo sobre o que eu queria fazer da minha vida ou como eu me sentia. Nunca percebeu quando eu estava triste ou feliz.

Alguma vez você disse que me ama? Você nunca se esforçou, simplesmente me deixou de lado. Se amor fosse alimento, eu teria morrido há muito tempo. Que tipo de mãe você foi? Não é de se admirar que eu procurasse alguém que cuidasse de mim. Sem amor, eu teria enlouquecido. Eu não quero ser como você. Mas quando era criança tinha de ficar aqui e suportar as humilhações às minhas ideias e a exposição ao ridículo por ter emoções. Você dizia que eu era exagerada, mas você queria anular qualquer emoção para que eu ficasse igual a você: fria, egoísta, raivosa e solitária.

Minha mãe me olhou cabisbaixa, claramente decepcionada comigo. Queria que ela se sentisse tão infeliz quando eu, que ela chorasse como eu. Quanto mais eu falasse, mais destrutiva eu seria. Não conseguia parar. Estava enlouquecida e pegava qualquer arma que me permitisse atirar.

– E o que você sabe sobre amor? – Perguntei. – Você dedicou mais atenção a besouros mortos há milhões de anos do que para mim. Eu estava viva. Será que você não percebeu? Você está feliz com seu casamento? Tudo que você faz é se trancar no seu quarto e chafurdar na tristeza. E, quando sai de lá, a maior emoção que demonstra é a raiva.

Meu tom de voz ficava mais zombeteiro e mais ferino.

– Não é de se espantar que todos digam que meu Pai é um santo em aturar você. Todos os seus amigos queridos, que você criticava, riam de suas experiências científicas e diziam que poderiam ter poupado um tempão contando para você a novidade que você tanto espera ouvir: os insetos estão mortos. Você se comportou como um cientista louco, iludido e com a esperança de descobrir algo útil. Em vez disso, apenas desperdiçou a sua vida.

O senhor Minturn estava senil demais para entender o que eu estava dizendo.

– Por que ela está brava? Talvez devêssemos levá-la para outro passeio de barco, quem sabe ela goste.

A senhora Minturn lançou um olhar de superioridade para a minha mãe.

– É nisso que deu o seu método de educar filhos. Você deveria ter colocado a menina de castigo quando ela se comportava mal, mas você não ouvia os meus conselhos. Não é à toa que ela tem moral duvidosa.

– Cale a boca! Você é uma mulher má e estúpida, uma presença maligna que envenena esta casa. Durante toda a sua vida, deixou um rastro de podridão por onde passou. Todo mundo odeia você, ainda não deu para perceber? E não me acuse de moral duvidosa: você usou o sonambulismo como desculpa para seduzir o senhor Minturn e se casar com ele. Por que você não tem uma crise de sonambulismo agora?

– Acalme-se, Lucia – pediu meu pai. – Você está dizendo coisas que não acredita e pode se arrepender mais tarde. Quando estiver menos exaltada poderemos falar racionalmente e você vai ver que o que está dizendo não é verdade.

– Você não consegue conduzir este assunto como faz na mesa de jantar com suas conversas chatas e perguntas esnobes sobre arte. Quer que eu esconda meus sentimentos como você esconde suas amantes. Mãe, você sabe com quantas mulheres ele trepou pelas suas costas?

Ele gemeu.

– Não, Lucia... Pare...

– Eu li as cartas de suas amantes, elogiando o seu instrumento de amor e suas habilidades, as posições que você preferia... Cartas de agradecimento escritas por mulheres

e homens. Homens! Sim, Mãe, ele teve casos com os homens. Será que nada disso choca você? E ele também frequenta a senhorita Pond de vez em quando. Sabia que outro dia ela chegou aqui em casa uma hora antes do jantar e pediu para ver a coleção dele? A coleção! Será que você não enxerga, em plena mesa de jantar, os olhares de afeto pós-orgasmo? Você me chama de promíscua por ter feito sexo com Lu Shing. Você é o meu modelo, Pai. Lu Shing não é o primeiro homem com quem fiz sexo. Trepei com vários alunos seus. Usei seus livros de fotografias repugnantes de homens e mulheres em posições diferentes. Aproveitei bem o livro de lições do professor Minturn. É um milagre eu não ter virado uma pervertida como você, que coleciona objetos nojentos usados para o sexo e a masturbação. Estou errada por querer ter o meu filho? Você não era o pai do bebê da senhorita Pond? Você abandonou o próprio filho! O que aconteceu com o bebê? Você não se importa se ele está definhando em um berço ou se um dia vai virar um operário em uma fábrica de cadarços!

Eu não conseguia parar, não sabia o motivo, mas não conseguia. Juntei todos os segredos que uma família deve preservar e fiz questão de jogar todos no furacão. O tempo todo, eu sabia que estava me destruindo também.

Minha Mãe saiu e acho que ela pode ter derramado algumas lágrimas. Meu Pai não abriu a boca em nenhum momento. Quando ele olhou para cima, porém, vi em seus olhos uma expressão de dor e de terror. Só então percebi a extensão da minha crueldade. Eu tinha destruído o pai que havia amado um dia e o afastado de mim, assim como o tinha jogado para longe da minha mãe. Eu tinha me tornado um monstro.

Eu não poderia ficar mais um dia sequer naquela casa. Lu Shing e eu nos mudamos para uma pensão. Quando saí, não havia ninguém lá embaixo para me ver partir.

NAS ÚLTIMAS DUAS semanas antes de nossa partida para a China, Lu Shing jamais questionou o que eu tinha dito para minha família. Eu disse que havia exagerado minhas experiências com outros jovens. Admiti que tinha perdido o controle das palavras e que, embora sentisse realmente aquilo e não tivesse inventado nada, sabia que tinha falado demais. Eu me perguntava se essa demonstração do lado turbulento da minha personalidade o teria assustado um pouco. Ele poderia ter ficado inseguro, achando que eu poderia esperar mais do que ele poderia me dar. Isso era o que eu temia: querer sempre mais, porque as minhas necessidades não tinham fim.

A dúvida se instalou. Eu o fiz sentir remorso e o forcei a dizer que me amava. Ele disse que havia sido inconsequente, que não me merecia e que jamais iria me abandonar. Um homem torturado não diria nada. Não lembro como o levei a dizer isso, mas sabia que não havia sido de forma espontânea, não era nenhuma declaração de amor. No entanto, eu queria que as declarações dele fossem inteiras e absolutas.

No último instante, mandei um bilhete para a senhorita Huffard, a cantora de ópera. Ela era dada a paixões e só ela poderia entender. Revelei o meu destino e disse que Lu Shing e eu nos casaríamos assim que resolvêssemos uns problemas que poderiam surgir por causa da diferença de raças. Falei que mandaria cartas de Xangai e pedi para me desejar boa sorte. Fui colocar a carta no correio e, quando entreguei o envelope ao atendente, senti que era a declaração final de que estava deixando minha vida para trás e começando de novo. Senti um impulso de confiança.

Quando entramos no navio, beijei o rosto de Lu Shing. Não me importei com quem

poderia estar vendo. Iríamos nos separar por um mês.

Lu Shing pegou uma entrada e eu outra: a dele levava às acomodações dos orientais, enquanto a minha conduzia às plataformas reservadas aos brancos. Antes, quando eu tinha percebido que seríamos separados por critérios raciais, tinha feito pouco de regras tão ridículas. Nós poderíamos nos esgueirar para o quarto do outro, como fizemos na minha casa.

– Se eu for pego na sua cabine ou você na minha – explicou Lu Shing –, serei trancado na cadeia, no porão do navio. E vão fazer você desembarcar em Honolulu antes de chegar na China.

Ele me garantiu que tinha uma vaga confortável em uma cabine privada, numa parte ocupada por outros chineses bem de vida. Iríamos nos encontrar no desembarque. A família dele sabia que eu estava chegando. Ele havia escrito, sob minha insistência. Ele não sabia qual seria a reação deles, mas mandaram uma mensagem avisando que estariam esperando.

No segundo dia no mar, tirei das malas todas as minhas coisas. No fundo de uma delas havia duas coisas que eu não tinha colocado lá. Uma era um saco de veludo vermelho, que guardava a luneta do meu pai. Quando eu era garotinha, costumávamos olhar pela luneta do alto da torre, para ver os barcos que chegavam na baía. Lembro que meu pai dizia os nomes dos países de origem das embarcações.

Em seguida, encontrei uma embalagem de camurça roxa, com três pedaços de âmbar protegendo algumas vespas. Chorei a noite toda, porque não entendi o significado daqueles objetos. Imaginei que meu pai estava me repreendendo por espioná-lo e que talvez minha mãe estivesse confessando que de fato amava mais os insetos do que a filha. Permiti achar que talvez fossem pequenos símbolos de amor que um dia eles demonstraram por mim. Caso contrário, como eu poderia sentir de forma tão concreta e dolorosa que aquilo poderia ser uma forma de amor?

Sofrendo de náusea por causa da gravidez, passei os três primeiros dias com enjoo. Eu usava o enjoo como desculpa para a intensificação do tom esverdeado da minha pele sempre que alguma das minhas companheiras de jantar perguntava alguma coisa. Eu estava sentada com cinco mulheres que viajam sozinhas. Eram esposas de diplomatas e empresários que iam se reunir com os maridos em Xangai. Quando perguntaram por que eu estava indo para a China, eu repetia a mentira de que eu tinha dito ao funcionário quando fui tirar o passaporte: meu tio tinha uma escola e eu iria ensinar inglês.

– Uma escola para ensinar os chineses? – Perguntou a mulher mais velha.

Neguei e expliquei:

– Não, é para os filhos dos diplomatas. – Lu Shing havia sido educado entre as crianças desse extrato social.

– Então, conheço muito bem seu tio – falou ela. – É o doutor Thomas Wolcott. Vamos providenciar um chá quando você estiver acomodada.

Falei que deveria ser outra escola, porque meu tio era outra pessoa, o doutor Claude Maubert. Ninguém tinha ouvido falar dele.

– É uma escola nova – expliquei. – Acho que ainda não começou a receber alunos. Meu tio não está em Xangai há muito tempo...

– E eu que pensei que conhecia todo mundo – falou ela. – Os estrangeiros formam um círculo muito pequeno em Xangai. Mas todo mundo diz que a cidade está crescendo mais

rápido a cada dia.

Elas me incentivaram a participar de grupos organizados, como a igreja, a associação de senhoras que ajudava órfãos ou resgatava escravas.

Depois de uma semana a bordo, ousei contar uma história interessante que eu tinha escutado.

– Meu tio disse que conheceu um casal em Xangai, uma mulher americana e um homem chinês. Casaram-se e foram viver com a família dele. Tiveram até um filho. Achei um arranjo bem moderno.

A esposa do diplomata fez uma careta.

– Isso não pode ser verdade. Não existe casamento legal entre um homem chinês e uma mulher americana.

Tentei esconder minha preocupação.

– Será uma lei chinesa ou americana? – Perguntei. – Tenho certeza que meu tio disse que os dois eram casados.

– Dos dois países. Meu marido trabalha para o consulado americano e contou vários casos como este, ou de uma garota chinesa e um homem americano, ou uma garota americana e um homem chinês. Em ambos os casos, nunca acaba bem para a mulher.

Escutei vários relatos de terror. As mulheres americanas eram desprezadas, não tinham proteção da lei e jamais eram aceitas em famílias chinesas como esposas por causa da importância da linhagem e das tradições familiares de culto aos antepassados. Lembraram de apenas dois casos em que uma mulher americana viveu em uma família chinesa, mas apenas por pouco tempo. Em um deles, a garota americana foi transformada em concubina de um harém, por assim dizer, tratada como criada e maltratada pelas outras concubinas e pela sogra. As sogras chinesas eram perversas, concordaram elas, de acordo com o que ouviam falar, o que se mostrou uma triste verdade para essa pobre moça: ela foi espancada até a morte.

– O caso aconteceu na parte chinesa da cidade – falou a mulher do diplomata –, e foi julgado por um tribunal chinês. Não havia ninguém para defender a moça. Não se sabe o que a sogra fez ou disse, mas a morte da menina foi considerada justificada.

A outra americana fugiu da família do marido e virou prostituta. Ela não tinha dinheiro e sua família nos Estados Unidos não iria buscá-la de volta. Foi trabalhar em um dos barcos no porto, atendendo marinheiros.

– Se você encontrar essa jovem, pode sugerir que ela procure o consulado americano para que eles contatem a família e ela possa ir embora o mais rápido possível – falou a esposa do diplomata.

Eu me perguntei se ela sabia que eu era a mulher do exemplo falso que eu tinha acabado de contar. Estava assustada com o que elas haviam dito. Eu tinha ignorado as advertências dos meus pais e as de Lu Shing.

Logo me recuperei dessas ondas de medo, assim como dos enjoos de grávida. Eu seria capaz de conquistar os pais de Lu Shing, pois era inteligente e persistente. Lu Shing tinha escrito para o pai, como eu pedira para fazer. Eles teriam tempo para absorver a notícia. E ele havia contado que em breve eu seria a mãe do filho dele, talvez o primogênito da próxima geração. Lembrei que o pai era um homem estudado, importante funcionário do Ministério das Relações Exteriores. Deveriam ter uma visão mais moderna dos americanos.

No final, daria tudo certo.

UM MÊS DEPOIS de sairmos de São Francisco, eu estava no porto esperando que Lu Shing desembarcasse na saída da ala dos orientais. Estava abalada por causa do nervosismo, do cansaço e do calor. Não tinha conseguido comer nada desde a noite anterior. Para minha infelicidade, estava usando um vestido adequado para os verões de nevoeiro de São Francisco e não o balneário que era Xangai. Os carregadores se apressaram em levar a minha bagagem e eu tinha de mandá-los embora. Estava ansiosa para que Lu Shing chegasse logo e cuidasse desses assuntos.

Finalmente, eu o avistei. Fiquei sem ação. Ele estava vestindo roupas chinesas, igualzinho a quando nos vimos pela primeira vez, na porta da minha casa. Ele parecia um imperador de um livro de contos de fadas, por quem eu me apaixonei. Aqui, no meio do movimentado porto lotado de chineses e de passageiros, ele parecia mais um chinês. Um carregador vestido com calças curtas apareceu atrás dele, segurando as malas e agarrando a mão dele. Lu Shing me viu, mas não andou na minha direção. Acenei. Ele não se moveu. Andei rapidamente da direção dele.

Em vez de me abraçar, ele disse:

– Olá, Lucia. – Parecia um estranho. – Desculpe-me mas não posso abraçar você, como eu gostaria de fazer. – Lu Shing mantinha seu olhar solene.

Ele já tinha me avisado que tinha que ser cauteloso até que sua família se acostumasse com a ideia do nosso casamento.

– Você está diferente – comentei. – Essas roupas...

Ele sorriu.

– Diferente só para você. – Seus olhos me fitavam gentilmente, como a um estranho. – Lucia, você pensou bem em tudo isso ao longo desse último mês? Tem certeza de que quer ficar em Xangai? Podemos não conseguir e você precisa estar preparada.

Ele deveria me acalmar mas estava me assustando.

– Será que você mudou de ideia? – Falei com voz firme. – Está me dizendo para voltar?

Devo ter falado com um tom de voz mais alto do que eu pensava. Rostos curiosos se viravam para nos observar.

Lu Shing permaneceu implacável.

– Eu apenas quero que você tenha certeza. Nossa separação no navio foi apenas um anúncio do que está por vir. Vai ser bastante difícil.

– Isso eu já sabia – reforcei –, e não mudei de ideia.

Secretamente eu estava assustada, mas durante esse mês eu havia acumulado um tipo diferente de coragem por causa do meu bebê. O bebê já não era um problema: ele fazia parte de mim e eu iria proteger nós dois.

Lu Shing e o carregador conversaram rapidamente e deu a impressão de que estavam discutindo. Fiquei impressionada com a fluência de Lu Shing em chinês, pois parecia muito estranho. Eu nunca tinha ouvido-o falar com outra pessoa naquele idioma. O que aconteceu com meu cavaleiro inglês com feições chinesas? O que aconteceu com meu lindo amante em roupas impecavelmente adaptadas, com a cabeça raspada e um rabicho saindo debaixo do chapéu? Para onde tinha ido o desejo que ele sentia por mim?

O carregador me olhou com ar curioso. Ele e Lu Shing trocaram mais algumas palavras e

o garoto pareceu concordar. O que havia acontecido? Caminhamos em direção à rua e, quando chegamos na ampla calçada, Lu Shing disse:

– Minha família está esperando do outro lado. Minha família inteira: meu pai, meus irmãos, meu avô doente, a garota com a qual estou prometido a me casar, os pais e os irmãos dela.

– Por que essa garota também veio? – Perguntei. – Vocês vão direto do porto para a igreja? Será que posso ser a dama de honra?

– Eu não posso impedi-la de vir. E não se trata de uma festa de boas-vindas, Lucia. É a maneira como as coisas são feitas aqui para reforçar a ordem familiar. Eles vieram para me lembrar das obrigações que preciso assumir em relação à família. Fazemos parte do mesmo grupo e são os guias a quem devo respeito.

Seu rosto estava coberto de suor e eu sabia que não era apenas por causa do calor. Eu nunca havia visto Lu Shing tão nervoso. Ele logo teria de enfrentar sua família, assim como eu tinha enfrentado a minha. Eu ficaria ao seu lado para apoiar sua decisão. A única dúvida que restava era: será que eles nos deixariam morar na casa deles?

– Onde eles estão?

Olhei ao redor. Lu Shing havia apontado para um lugar a uns dez metros de distância, onde dois cabriolés e dez riquixás estavam parados. Parecia o cortejo que acompanha um enterro. O carregador estava colocando o baú de Lu Shing em um dos riquixás. Lu Shing caminhou em direção a sua família e eu fui atrás.

Ele parou.

– Acho que você deve ficar aqui até eu abrir o caminho – explicou. – Não seria uma boa medida já começar chocando todo mundo.

Chocar todo mundo? Por que ele disse isso dessa forma?

– Eu não tenho medo – falei. – Eles não podem me ignorar.

– Por favor, Lucia, me deixe fazer as coisas do meu jeito. – Ele se dirigiu sozinho até o primeiro carro.

Fiz um gesto para o carregador levar minhas malas para um riquixá. Ele olhou para Lu Shing com um rosto de dúvida e Lu Shing respondeu secamente. O homem fez outra pergunta e Lu Shing resmungou algo. O que eles estavam dizendo? Eu não entendia nada. Estava em uma terra de segredos.

Danem-se as malas! Caminhei sem elas rumo ao batalhão de táxis e riquixás. Lu Shing correu na minha direção e bloqueou meu caminho.

– Lucia, espere. Não vamos piorar uma situação que já é difícil.

Eu temia que Lu Shing estivesse mais preocupado com os sentimentos de sua família do que com os meus, mas eu precisava deixar claro desde o início para a família dele que tipo de mulher eu era. Tinha trazido comigo meu livre-arbítrio e a natureza empreendedora dos americanos. Estava acostumada a lidar com pessoas de todas as esferas, os elegantes senhor e senhora Minturn, aqueles sábios que achavam que sabiam tudo.

Lu Shing alcançou o primeiro carro e começou a conversar com um homem sentado na parte de trás. Devagar, caminhei um pouco mais pela calçada, de onde eu podia ver um homem de aspecto severo sentado no veículo. Ele vestia um chapéu igual ao de Lu Shing. Enquanto ele falava, Lu Shing mantinha o rosto virado para baixo. Cheguei mais perto até ficar exatamente em frente, a cerca de sete metros de distância do meio-fio. Ouvia as

palavras em chinês fluindo como a água sobre as rochas. O homem era o pai de Lu Shing, dava para ver. Ele e Lu Shing pareciam iguais, separados apenas pela idade. Ambos eram bonitos e tinham um olhar inteligente, e partilhavam a mesma expressão solene – o homem mais velho só parecia mais inflexível.

Lu Shing falou com uma voz suave e carregada de desculpas, mas a expressão do seu pai não se alterou. Uma menina bonita acomodada no riquixá que estava atrás mantinha os olhos fixos em mim. Era a noiva de Lu Shing, não havia dúvida. Olhei para ela e ela desviou o olhar.

De repente, o pai de Lu Shing se levantou, gritou o que deveria ser um palavrão e jogou seu chapéu no rosto de Lu Shing, que continuou olhando para ele. O pai cuspiu mais palavras, sons ásperos que brotavam do fundo da garganta, ordens agudas acompanhadas de movimento das mãos. Lu Shing olhava para baixo e não dizia nada. O que isso significava? Por que Lu Shing não se movia nem dizia nada? Talvez fosse uma espécie de recusa que se manifestava pelo silêncio. Não parecia provável que aquele homem iria se acalmar em breve. Aquelas pessoas iriam embora sem nós.

Assim como eu percebi isso, Lu Shing virou-se para mim, se aproximou e rapidamente colocou o dinheiro na minha mão. Ele me implorou para esperar. Uma expressão trágica tomava conta do seu rosto.

– Vou voltar logo que puder. Espere por mim aqui. Seja paciente e perdoe-me pelo que está acontecendo.

No instante seguinte, antes que eu pudesse superar o meu choque e conseguisse protestar, ele entrou no carro do pai. Assistia a tudo isso como se estivesse em um sonho. O motorista sacudiu as rédeas e a carruagem de Lu Shing começou a se afastar de mim. O veículo de trás saiu em seguida e todos os riquixás correram atrás. Os parentes de Lu Shing mantinham os rostos virados para frente, como se eu não existisse, e só a garota olhou para mim com uma carranca. Então eles foram embora.

Eu me senti fraca e doente. Não suportava mais ficar em pé e sequer tinha forças para isso. Avistei uma árvore ao longe, na estrada. Como eu faria para levar minha bagagem até lá? Enquanto pensava nisso, vi o carregador passar por mim levando as minhas malas. Corri atrás dele, gritando: “Ladrão! Ladrão!”

Não conseguiria alcançá-lo nunca. Parei de correr e estava prestes a cair quando vi que ele tinha acomodado minhas malas na sombra da árvore que eu queria alcançar. Ajeitou os volumes de forma a parecer com um sofá e, em seguida, fiz sinais para que eu me sentasse ali. Caminhei devagar, sem saber o que fazer. Com as mãos, imitou o gesto de um garçom que convida um cliente a ocupar a mesa de um belo estabelecimento.

Depois de um tempo, percebi que o carregador ainda estava por ali, olhando para mim. Tinha uma expressão de curiosidade. Em seguida, bateu uma mão na palma da outra e fez um gesto de quem espera receber um pagamento. Queria dinheiro. Eu olhei para as cédulas chinesas que eu tinha, sem fazer a mínima ideia de quanto aquilo valia. O trabalho dele não podia custar mais do que alguns centavos. Mas qual cédula valia mais e qual valia menos? O carregador fez gestos de comer e beber e esfregou a barriga, como se estivesse morrendo de fome. Era um recurso para pedir mais dinheiro? Ele falou algo incompreensível e eu respondi na minha própria língua:

– Merda de calor e merda de cidade! Maldito Lu Shing!

Olhei para a nota com o número mais baixo, um cinco. Entreguei a ele e ele sorriu. Devo ter dado uma pequena fortuna. Ele correu para longe sem olhar para trás. Eu via carruagens e riquixás chegando e saindo, cada um deles provocando um desespero mais profundo em mim.

Dez minutos mais tarde, o carregador voltou. Trazia numa cesta dois ovos vermelhos com conchas que estalavam, três bananas pequenas e uma garrafa com continha chá quente. Ele me ofereceu o que parecia ser uma bengala, mas era um guarda-sol e me devolveu algumas moedas. Fiquei surpresa. Lu Shing deve tê-lo contratado para cuidar de mim. Examinei a cesta de alimentos e fiquei em dúvida sobre a limpeza da comida. Com gestos, o carregador me disse que tudo estava limpo e eu não precisava me preocupar. Eu estava faminta e sedenta. Os ovos tinham um gosto estranho, mas estavam deliciosos. As bananas eram doces e o chá me revigorou. Enquanto comia não tirava os olhos da rua, que era bastante movimentada.

O carregador fez um sinal para mim e apontou para o outro lado da árvore. Deu a entender que eu poderia gritar, caso precisasse dele. Concordei com a cabeça. Ele se deitou de lado e caiu no sono imediatamente.

Fiquei tentada a dormir também, mas não podia fazer isso. Todo mundo iria ver o meu fracasso: a garota americana tola, sozinha e metida em uma enrascada logo após chegar ao país. Fiquei sentada com as costas eretas. Fazia questão de mostrar que sabia qual era o meu lugar no mundo – que, naquele momento, era embaixo de árvore na rua, numa cidade onde eu não entendia uma palavra sequer exceto os termos vulgares *chuh nee bee*. Gritei bem alto e o carregador me olhou com expressão de susto.

Passei várias horas esperando sentada naquele sofá ridículo. Com o orgulho menos aguçado, abandonei minha postura ereta. Não conseguia controlar a vontade das minhas pálpebras. Deitei-me e deixei o sono chegar e me levar para bem longe dali.

Capítulo 14

A vida em Xangai

Xangai
Setembro de 1897
Lucia Minturn

Na hora mais silenciosa da noite, o carregador foi o primeiro que viu Lu Shing aparecer. Ele me acordou e, em seguida, correu para a rua e começou a fazer sinais com os braços, como um náufrago à espera de socorro. Fazia dezoito horas que Lu Shing tinha me deixado esperando naquela doca, sem me dizer quando iria aparecer de novo.

Antes que ele pudesse sair do riquixá, meus gritos cortaram o ar:

– Seu miserável! Família maldita!

Ele me instalou no riquixá e o carregador se acomodou em outro, junto com as minhas coisas. Ao ver a expressão grave de Lu Shing, entendi que nosso destino não seria a casa da família dele. Eu chorava e o acusava de me abandonar como a um mendigo na rua em uma cidade estranha, onde eu não podia me comunicar com ninguém. Por que ele não me defendeu e ficou ao meu lado, em vez de me deixar no sol quente, onde eu poderia assar até a morte com um bebê na barriga?

Eu estava tão assustada que tinha medo de perder o controle. Tinha apenas dezessete anos e havia tomado uma decisão que geraria consequências inalteráveis. Tinha destruído minha mãe e meu pai despejando neles o meu ódio e acusado os dois de falta de amor. Revelei segredos cruéis, expus a podridão que havia na alma deles e o quanto eles eram ridículos. Será que alguma verdade dolorosa tinha ficado de lado? No navio, eu já tinha começado a perceber a mudança que me atingia. Eu tinha assumido as características dos meus pais, apesar de condená-los, e me via ainda mais modificada pela minha própria crueldade. Será que eu sempre tive aquela capacidade e desejo de destruir os outros? Não sentia mais confiança nem independência de pensamento. Estava sozinha e sem ninguém para despejar a minha arrogância. Quanto mais me aproximava de Xangai, menor eu me sentia – e mais próxima de um futuro incerto, que dependia de uma pessoa que dizia que me amava, mas que não podia dar garantias de demonstrar esse amor, uma vez que eu não passava de uma estrangeira em sua terra. Eu me sentia avançar e recuar, como o movimento de um barco, me agarrando à crença de que poderia superar quaisquer obstáculos que surgissem no meu caminho – afinal, eu tinha conquistado o coração do meu imperador chinês. Porém, de repente fiquei com medo que o meu ímpeto americano se

transformasse em um destino chinês. Lu Shing já estava mudado: não era mais o meu imperador chinês, mas sim um filho oriental dominado pelo medo.

Quando Lu Shing se desculpou, ele falou tão baixinho e com uma voz tão trêmula que me deixou furiosa. Como ele poderia me proteger? Cada vez que ele explicava o que tinha acontecido, eu ficava mais assustada achando que ele não estava pensando com a própria cabeça. Não reconhecia aquele homem. Ele deveria ter me dito em São Francisco que não sentia nada por mim, absolutamente nada. Deveria ter me impedido de embarcar. Ele tinha me avisado, mas também tinha dito que nunca havia amado ninguém mais do que a mim – o que, agora eu percebia, podia significar muito pouco caso ele jamais tivesse amado outra pessoa. Cada pequena esperança envolvia um perigo óbvio. Esses avisos se referiam ao futuro e eu vivia de um momento precioso para outro, colhendo o amor que iria me sustentar sem me importar com o que viria depois. E agora eu estava ouvindo desculpas esfarrapadas e explicações inúteis sobre os motivos dele para justificar a escolha pela família dele e não por mim. Ele não entendeu o meu medo e tudo o que eu suporrei por ele. Eu queria que ele ouvisse as mulheres americanas que estavam no navio contando que as garotas brancas eram espancadas até a morte por sogras chinesas e ninguém dava a mínima. Queria que passasse fome e calor embaixo do sol quente por amor a mim. Queria que ele destruísse a própria família e as possibilidades de um dia voltar para casa, como eu tinha feito.

– Maldito! Que seus pais se danem!

Vencida pela exaustão, finalmente eu parei de gritar e caí no choro. Ele apoiou minha cabeça no ombro dele e eu não consegui recusar aquela migalha de conforto.

Enquanto percorríamos as ruas escuras e úmidas, ele explicava que tinha passado as últimas horas ouvindo gritos paternos sobre suas responsabilidades. Seu pai chegou a dar-lhe um tapa enquanto relacionava os nomes de todos os antepassados de mais de cinco séculos, nomes que Lu Shing havia memorizado em plena infância. Citou sua própria posição no Ministério das Relações Exteriores, a quem ele devia mais dedicação e lealdade do que à própria família. As pessoas iriam perguntar quais defeitos morais ele tinha transmitido ao filho mais velho, que foi capaz de trair a família, destruir sua reputação e ainda comprometer a honra para o futuro. Sua mãe merecia uma velhice pacífica em vez de inaugurar uma sepultura o mais rápido possível (ela tinha ficado acamada, queixando-se de aperto no peito e dor de cabeça). Seus dois irmãos mais novos, filhos das concubinas de seu pai, o repreendiam, algo que nunca tinham feito até então. Diziam que as pessoas iriam se perguntar se eles também cairiam de amores por mulheres estrangeiras, contaminados pelos valores ocidentais. Quais chances eles teriam de um bom futuro se o irmão mais velho havia manchado a honra da família?

Eles são pessoas esclarecidas, explicou Lu Shing, mas isso não significava que desprezassem as tradições e as obrigações filiais. Se ele saísse de casa para viver comigo, seria deserddado e banido para sempre da família, removido da história e nunca mais seria mencionado. Não seria como uma morte, mas como se ele nunca tivesse nascido. E não existia a possibilidade de fazê-los mudar de ideia e um dia voltar ao lar, como o filho pródigo da Bíblia cristã.

– Eu abandonaria minha fortuna e seria condenado à inexistência por sua causa – falou ele –, mas não posso destruir a minha família.

– Eu destruí a minha – ressalttei. – Não tenho mais nada. E você quer colocar a honra da sua família acima da minha vida?

– Não se trata de uma escolha. Só quem foi educado com o peso de quinhentos anos de história familiar pode entender isso. Esse peso foi depositado nas minhas costas no momento em que nasci na condição de filho mais velho. É meu dever levar esse legado adiante.

– Você é um covarde. Desde que desembarcou daquele navio, se transformou em um supersticioso adorador de fantasmas. Se eu soubesse quem você era de verdade, não teria vindo.

– Em São Francisco, expliquei que minhas crenças estavam ligadas ao jeito como fui educado. Eu não posso mudar isso, assim como não posso mudar a minha raça ou a família em que eu nasci.

– Como você pode esperar que eu entenda o que isso realmente significa? Se eu tivesse dito que eu fui criada para ouvir meus pais e ser guiada pelos conselhos deles, isso significaria que eu teria de atender às expectativas deles?

– Posso ajudá-la a voltar para casa, se você não puder suportar isso.

– Seu covarde! É essa a sua resposta? Eu destruí minha mãe, meu pai e o casamento deles. Acabei com qualquer chance de voltar para casa algum dia. Eles sequer apareceram para se despedir de mim. Para eles, eu morri. Não tenho para onde voltar. Eu não tenho nada aqui e você vem me falar em honra. Não dá para entender o tamanho do meu desespero? Minha coragem está acabando. Estou caindo e sequer sei o tamanho do abismo. E esse sofrimento é pior que a morte.

Quando não tinha mais palavras para dizer, comecei a chorar.

O riquixá nos levou ao longo da orla e depois entrou em uma rua menor. Viramos novamente e chegamos a uma rua mais larga, com mansões com muros de pedra. Passamos por um parque e depois por casas mais modestas e com arquitetura inglesa, cercadas de muros.

– Para onde você está me levando? Para um abrigo para garotas grávidas?

– Para a hospedaria de um amigo meu, um americano. Paguei o aluguel adiantado. Não é o ideal, mas é o melhor que posso fazer agora. E fica no Assentamento Internacional, o que significa que você vai estar entre pessoas que falam inglês. Fique lá por enquanto e depois decidimos o que fazer. Preciso dizer, Lucia, que se você ficar eu não vou abandonar você, mas também não posso abandonar minha família. Embora eu não saiba qual a solução que fica no meio disso, prometo ser honesto com você e com eles.

Cheguei na hospedaria uma hora antes do amanhecer. As lamparinas estavam acesas. Um homem enorme chamado Philo Danner nos recebeu com entusiasmo. Ele parecia ter pouco mais de cinquenta anos. Tive a impressão de que havia sacrificado o sono para nos esperar, mas ele garantiu que dormia durante as horas dos vampiros, entre o amanhecer e o meio-dia.

– Pode me chamar de Danner – falou, enquanto me conduzia até a sala de estar –, e eu vou chamá-la de Lucia, a menos que prefira outra forma. Em Xangai é fácil mudar de nome.

Lu Shing havia me apresentado como Lucia, nome que, segundo ele, estava unido ao dele.

– Prefiro que me chamem de Lulu – falei, na frente de Lu Shing.

Em uma definição rápida, Danner tinha uma aparência bastante extravagante. Vestia uma jaqueta chinesa dourada sobre confortáveis e soltas calças de um pijama azul. Seu cabelo era escuro, emaranhado de longos cachos angelicais. Longos cílios emolduravam os olhos grandes. Tinha o nariz benfeito, o típico o nariz de patrícios romanos tão comum entre os ingleses. Um acúmulo de carne formava dobras entre o queixo e o pescoço. Enquanto caminhava, seu corpo balançava para os lados e em várias ocasiões ele ficou sem fôlego e ofegante enquanto falava.

Danner era o dono de uma casa ajardinada ao estilo *yankee*, explicou, na verdade uma construção de três andares situada na East Floral Alley, uma privilegiada área do Assentamento Internacional. Tinha sido erguida com grossas paredes de pedra, que protegiam os moradores do calor durante o verão e afastavam o frio no inverno. Cada centímetro da parede da sala de estar, da sala de jantar e dos corredores estava coberto com pinturas a óleo, que exibiam paisagens ocidentais emolduradas ou cenas de índios norte-americanos. As mesas e a base da lareira serviam de apoio para máscaras primitivas, que causavam a impressão de que eu, uma intrusa, estava sendo observada por outros inquilinos. No meio da sala havia pilhas de livros que chegavam quase à altura da cintura de uma pessoa, como uma miniatura de Stonehenge. Danner se deslocava no meio daquele labirinto com uma facilidade surpreendente. Percebi a presença de adereços pendentes saindo das almofadas das cadeiras e de vários outros lugares – franjas de cor roxa, vermelha, azul-marinho e dourado, decoravam a cobertura do sofá, os puxadores das cortinas, as maçanetas, as bordas das poltronas, os cantos das portas, a cobertura do piano, as toalhas de mesa e as pontas dos espelhos, como se fosse uma praga.

Danner me apontou um sofá para que eu me sentasse e falou que, pelo meu rosto, dava para ver que eu tinha sofrido um choque terrível. Olhou para Lu Shing de forma acusatória.

– O que você fez com a pobre menina?

Gostei dele na hora. Um criado trouxe chá e biscoitos de manteiga. Ao ver que eu devorei tudo rapidamente, Danner mandou o garoto trazer manteiga, presunto e pão. A comida exerceu um efeito calmante sobre mim e, em seguida, Danner trouxe um cachimbo.

– Vamos fazer a fumaça levar embora os seus problemas – sugeriu. – Isso é ópio.

Lu Shing murmurou que eu não deveria aceitar aquilo, o que aumentou o meu entusiasmo com a oferta de Danner. Enquanto Danner falava, o criado se incumbia de uma elaborada preparação com uma pasta marrom escuro. Danner me entregou o cachimbo e disse para inalar com suavidade. No início foi difícil, mas logo minha garganta estava aliviada. Primeiro senti um sabor ácido de terra, mas depois percebi o toque de almíscar, que rapidamente se transformou em um aroma doce. O aroma, que inicialmente lembrava o alcaçuz e o cravo, se transformou em perfume de chocolate e de rosas. A seguir a sensação de aroma e de paladar foi complementada por uma sedosidade que me envolveu em uma doçura sedutora. Eu estava prestes a perguntar algo a Danner, mas imediatamente esqueci o que era porque naquele momento comecei a vê-lo com o rosto de um gênio. Ele tocava uma música estranha no piano e parecia acompanhado de vozes celestiais.

Vi que Lu Shing estava sentado do outro lado do sofá, uma figura cinzenta e triste no meio de um cenário colorido. Minha raiva tinha desaparecido. Ele parecia perdido. Depois de mais um trago, entrei em êxtase ao notar que a luz das lâmpadas também me fazia sentir leve. O movimento da minha mão no ar parecia feito por mil mãos. O som da voz de Lu

Shing chamando meu nome espalhava fagulhas diante dos meus olhos. A voz dele era bonita, musical, cheia de amor. Ao olhar para ele de novo, vi que estava envolto em um halo de luz que emanava desejo sexual. Eu queria que ele me tocasse como fez naquela primeira noite na torre, quando tudo era surpresa para mim. Eu jamais imaginei que seria possível sentir uma paz e uma alegria tão profundas. Lembrei dos momentos felizes como algo liso e tênue, que se rasga com facilidade. Naquela maravilhosa nuvem de fumaça de espírito, eu não tinha nenhuma preocupação, apenas a feliz sensação de que sempre sentiria a felicidade daquele momento. Eu havia acordado!

– Leve-me para a cama – falei para Lu Shing.

As palavras flutuaram em conjunto e chegaram até ele devagar. Lu Shing pareceu confuso quando meu pedido atingiu seu rosto. Danner riu e disse para Lu Shing fazer o que eu estava dizendo.

Nós flutuamos escada acima. A lamparina estava acesa e a luz girava ao redor da cama como contas douradas. Do outro lado de uma porta brilhante, vi uma banheira que parecia mais uma sopeira de porcelana, decorada com pinturas de flores por dentro e por fora. A água estava brilhante e parada. No momento em que mergulhei minha mão e a movi como se fosse um remo, as flores pintadas, rosas e violetas minúsculas, tornaram-se reais, giraram e perfumaram o ar. Sem hesitar, me liberei das minhas roupas pegajosas e entrei naquela água fria, ansiosa para sentir a maciez na minha pele nua. Lu Shing se ajoelhou ao lado da banheira e beijou meu pescoço.

– Lucia, me desculpe.

– *Chh*. – Comecei a rir. Aquele *chh* parecia o som da chuva abafando a voz dele. – *Chh*. – Eu estava soprando ondas de flores, salpicada pela chuva.

Senti as mãos dele me acariciando e tocando meu corpo. Suspirei. Ele soltou meu cabelo e beijou meu pescoço. Murmurei as tais palavras chinesas vulgares e pedi que ele também as dissesse. Ele obedeceu, mas com um tom de voz estranhamente educado. Eu ri e disse para me levar para a cama e me mostrar o que essas palavras significavam. Quando ele me ajudou a levantar, senti a água escorrer pela minha pele como uma cachoeira. Eu estava deitada na cama, observando Lu Shing se despir. O corpo dele brilhava. Ele se deitou ao meu lado e acariciou minhas costas. Eu ri e repeti as palavras vulgares. Ele rapidamente me penetrou e, poucos momentos depois, me espantei ao ver que tínhamos nos tornado uma pessoa só. Eu era o homem que estava olhando para mim, com ar aparentemente triste, embora eu estivesse eufórica.

– Meu bom barquinho – falei, e remei contra as ondas.

As cordas que sustentavam as sobancelhas dele caíram. Eu me via nele quando os olhos dele reviraram e nós dois desistimos do medo. Repeti as palavras vulgares com urgência e sem suavidade, e ouvi quando elas começaram a vir dele também. Somadas, nossas palavras grosseiras arrancavam a armadura dele e a minha, abrindo nosso caminho para mais alegria e mais prazer. Observei quando a expressão de rosto dele passou do desespero para o êxtase e eu me senti vitoriosa por tê-lo conquistado e ele ser, enfim, totalmente meu. Ri de satisfação por essa conquista.

ACORDEI TÃO CONFUSA que mal sabia quem eu era. Aos poucos, minha percepção voltou. O quarto parecia sem graça e sem cor, desprovido de qualquer luz dourada. Todas as minhas

roupas tinham sido levadas e não estavam no sofá, onde eu havia deixado. Lembrei de ter sentido uma felicidade imensa na noite anterior, mas não havia sobrado quase nada dela. O ar estava pesado e cheirava ao mofo típico do verão. As velhas preocupações e a raiva estavam de volta. Onde estava Lu Shing? E se ele tivesse me abandonado de novo?

Saí da cama e vi meu vestido pendurado em um armário, ao lado de outras roupas. Quem fez isso? Antes que eu pudesse andar, uma menina correu para o quarto e, em nome do pudor, engoli em seco e tentei cobrir meu corpo. Ela estendeu um robe de seda azul e virou o rosto enquanto eu acomodava meus braços nas mangas do traje. Um par de chinelos apareceu como em um passe de mágica sob os meus pés e eu o calcei. Ela apontou para uma pequena área atrás do bimbo. A banheira estava vazia: era branca e não uma espécie de sopeira decorada. Perto havia uma bacia de porcelana acomodada em um suporte elevado. Estava cheia de água. Com gestos, a menina mostrou que era para lavar o rosto. Joguei água no meu rosto para remover a escuridão da minha mente. Continuei jogando água fria até que a bacia esvaziou e o chão ficou molhado, mas apenas uma parte de mim tinha voltado. Ela me levou até um armário com gavetas. Minhas roupas estavam arrumadas dentro dele. Abriu outra gaveta e vi trajes chineses dobrados – eram peças leves de seda. Entendi por que Danner usava essas roupas: era por causa do ar pesado e úmido.

No andar de baixo, surpreendi Danner falando em inglês com um gato cinzento, que respondia de forma animada em seu idioma felino.

– Sei que já são seis da tarde, minha querida Elmira, mas não podemos começar a jantar sem a nossa hóspede. Ah, *voilà!* A Lulu acaba de chegar.

Como era possível que eu tivesse dormido por mais de doze horas? Jantei uma sequência de pratos frios de sabor estranho: fatias de carne do tamanho de uma moeda, pombo, ovos, pepinos crus salgados e uns legumes brilhantes. A gata estava na outra extremidade da mesa e comia em um prato de porcelana. Será que todas as refeições seriam assim?

– Não vou falar sobre a sua situação a não ser que você queira – falou Danner. – Mas vou contar o que você precisa saber sobre os chineses e é o seguinte: não dá para mudar milhares de anos de tradições chinesas sobre a honra e a vergonha das famílias. Adotamos nossas próprias leis no enclave internacional e controlamos o que os chineses podem fazer aqui, mas nenhuma lei pode ser usada para impedir a perspectiva filosófica deles. Vergonha, honra e obrigações são sagradas. Você não vai conseguir ser feliz com seu jovem amado, ou em Xangai, se achar que pode mudar isso.

Não respondi nada. Eu não iria desistir e não voltaria para casa.

– Posso ver sua resposta em seus olhos, minha querida. Ouça meu conselho: todos os que chegam aqui encontram algo de desagradável nos chineses que desejam mudar. Eu já ouvi todas as queixas e tive eu mesmo várias insatisfações, como os barulhos em horários estranhos, o padrão de limpeza, a ideia relativa do que é cumprir horário, a ineficiência em insistir em fazer as coisas do mesmo jeito como têm sido feito há milhares de anos. Pode ser possível modificar um pouco ao longo de muito tempo, mas não dá para mudar seus medos, que regem boa parte do que eles fazem. E vários recém-chegados como você chegam a achar que podem conseguir isso. É o velho e bom espírito pioneiro americano, que desbravou rios e montanhas, abriu novas fronteiras e conquistou os índios. Por que com os chineses não fazemos o mesmo?

Fingi que estava comendo, mas tinha pouco apetite por aquele alimento estranho em

uma noite quente.

– Alguns americanos desistem e voltam para casa – prosseguiu Danner, com uma voz alegre. – Os estrangeiros que são obrigados a ficar por alguns anos reclamam muito. Os shanghaienders, como eu, que fazem da China o seu lar, adotam uma atitude chinesa sobre a maioria das coisas. Nós não interferimos. Vivemos e deixamos que vivam, pelo menos na maioria das vezes.

Depois, fiquei sabendo que ele vinha de Concord, em Massachusetts, “um refúgio de devotos puritanos”, definiu Danner. Quando era jovem, morou na Itália, onde começou a colecionar as pinturas que vendeu a um bom preço quando ele voltou para os Estados Unidos. Ele alternava entre a Europa e a Costa Leste americana e era conhecido como um colecionador com bom olho para as tradicionais paisagens orientais e mais tarde, para as criações impressionistas. Mudou-se para Xangai quase vinte anos antes, por motivos não revelados. Muitos vieram para Xangai com segredos, disse ele, ou os deixamos para trás e aqui inauguramos novos escândalos. Ele trouxe baús de pinturas, guardou as preferidas e vendeu as de que menos gostava para uma galeria de arte, na qual os ocidentais saudosos de casa compravam telas que lembravam paisagens familiares, onde haviam desfrutado de piqueniques tranquilos em uma terra bem diferente da barulheta Xangai.

Lu Shing começou a visitar a galeria de Danner quando tinha doze anos e descobriu-se fascinado pela pintura ocidental. A família dele esperava que ele atingisse um alto nível de escolaridade e passasse nos exames imperiais, mas ele nutria o desejo secreto de se tornar um pintor. Passava horas copiando as pinturas na galeria – as apreciadas paisagens com ovelhas e cavalos, belas construções de madeira perto de rios ou mares tormentosos com barcos brancos. Eram imagens que agradavam aos ocidentais.

– Como você sabe – contou Danner – o trabalho dele é muito bom, embora sejam imitações de obras de artistas famosos.

Minha cabeça girou.

– Ele copia essas paisagens? Não são lugares onde esteve alguma vez?

– Ele copia tão bem que às vezes é difícil identificar os originais. Eu tinha medo de perguntar sobre o quadro que havia me trazido a Xangai. Será que a resposta dele faria alguma diferença?

– Você já viu uma tela com pesadas nuvens carregadas de chuva, um vale extenso e montanhas ao fundo...

– *O Vale do Encantamento*. É um dos preferidos dele. Comprei em Berlim por uns trocados. *Das Tal der Verwunderung*. Foi pintado por um artista desconhecido que morreu cedo, chamado Friedrich Leutemann. Ficou anos exposto na galeria até ser vendido. Lu Shing fez várias versões e acrescentou alguns elementos por conta própria. Um vale dourado ao fundo, lá longe. Confesso que eu não gostava das versões, o original tinha uma beleza escura, uma trêmula sensação de incerteza. Ele eliminou a incerteza, mas era um jovem artista na época e estava em busca de um significado.

Eu procurava uma certeza e aquela tela me fez achar que eu estava perto de encontrá-la. Fiquei feliz por ele ter mudado a imagem. O vale dourado que ele havia adicionado era uma criação original.

Lu Shing vendeu suas imitações na galeria até reunir dinheiro suficiente para ir para a América, contra a vontade de sua família. Danner enviou uma carta de apresentação para

um de seus melhores clientes, Bosson Ivory II, um colecionador de paisagens. A família de Bosson também protegia artistas e apreciou a ideia de apoiar um vindo do Oriente. Durante vários anos, Lu Shing morou na casa da família Ivory em Croton-on-Hudson e, em troca, presenteava seu mecenas com quadros. Escrevia para Danner com frequência e dizia que o senhor Ivory selecionava as telas que não apreciava e depois jogava fora.

No final do jantar, Danner avisou que a ceia seria servida à meia-noite. Lu Shing viria comer conosco, assim como Elmira, a gata, e talvez a hóspede do terceiro andar. Era uma chinesa que ensinava inglês, Danner explicou. Aulas de inglês! Essa tinha sido a história que inventei para as minhas companheiras de viagem no navio. Conteí a Danner sobre a coincidência.

– Em uma cidade com tantas mulheres desesperadas e tão poucas oportunidades, o que não falta são coincidências. A escolha dela é bastante comum, embora não seja exatamente aulas de inglês o que ela fornece. Mas ela fala bastante bem. Na verdade, ela tem um acordo com dois homens, um durante o dia, outro à noite. Ela oferece companhia de vez em quando e eles, em contrapartida, pagam uma espécie de salário para ela.

– Como é que ela faz companhia?

– Ela é uma dama da noite, minha querida. Prostituta parece uma palavra dura demais, não é? Ela é uma amante profissional, não minha, no caso. – Ele riu. – Você parece chocada. Não administro um bordel, querida, fique tranquila. Ela é uma amiga antiga, uma pessoa que eu conheço desde quando ela tinha uma vida bastante respeitável. Mas as circunstâncias mudam rapidamente por aqui e uma mulher sem marido tem poucas perspectivas. Minha amiga poderia ter se tornado uma faxineira, uma lavadeira ou uma mendiga. Poderia ter ido a um bordel barato ou procurar clientes nas ruas. Preferiu aceitar a minha oferta de alugar os quartos no andar de cima e se limitar a clientes fixos. Você não vai precisar conviver com o movimento dos cavalheiros, porque eles entram pela porta do outro lado da casa, um beco que dá para o outro lado. Quando você conhecê-la, vai ver que é uma pessoa simpática e interessante. Todo mundo gosta dela. O nome dela é Pomba Dourada.

Apesar das palavras de Danner, eu estava incomodada com a presença daquela mulher. Tive uma sensação doentia de que minhas circunstâncias fossem similares às dela. Eu também tinha um “cavalheiro” que pagava o aluguel para mim.

O garoto de recados de Lu Shing trouxe um bilhete avisando que ele viria naquela noite e, como prometido, chegou um pouco antes da meia-noite. Na hora marcada para a ceia, Danner serviu vários pratos. Eu continuava sem apetite. Lu Shing e eu fomos imediatamente para o meu quarto e eu olhei para o rosto dele em busca de pistas sobre o que havia acontecido. Vi fracasso e desespero. Falei a ele sobre a mulher no andar de cima. Se ele me abandonasse, meu destino seria igual ao dela. Ele falou para eu não sofrer com pensamentos terríveis que jamais se tornariam realidade.

– Você conseguiu ser mais firme? – Perguntei, chorando. – Falou a eles sobre mim? – Danner havia afirmado que era impossível mudar uma família chinesa, mas eu queria que Lu Shing fosse tão persistente como eu estava sendo, ou então igualmente infeliz. Ficamos deitados na cama, um de frente para o outro.

– Tenho medo de dar esperanças demais para você – falou ele –, mas pensei em uma possibilidade. É preciso conquistar o coração da minha mãe em primeiro lugar, pois ela irá

abrir o caminho para o coração do meu pai. Se o nosso bebê for um menino, ele será o primeiro filho de sua geração. E, como sou o mais velho, o nascimento do bebê terá um significado. Não posso garantir que irão aceitar a criança, já que não seria totalmente chinesa. Mas seria o primeiro e isso não pode ser ignorado.

Essa possibilidade se transformou no meu ópio. A doçura do ar estava de volta e o desespero começava a sumir. Havia um caminho! O filho mais velho do filho mais velho. Fiquei tão animada com essa ideia que não considerei a possibilidade de o meu bebê não ser um menino. Fiz planos para a minha nova vida dentro de uma família chinesa. Entre as primeiras medidas, eu aprenderia a falar chinês.

Eu me apresentei à mulher que morava no andar de cima, Pomba Dourada, que realmente era simpática. Ela tinha cerca de vinte e cinco anos e era bonita, embora as duas metades de seu rosto fossem ligeiramente desproporcionais, com uma face maior do que a outra. O lado direito do lábio superior parecia pender para baixo. Fiquei feliz ao descobrir que ela falava inglês, não tão perfeitamente como Lu Shing, mas com fluência suficiente para que pudéssemos conversar. Ela falou com sinceridade de sua vida, como se adivinhasse o que eu gostaria de saber. Pomba Dourada tinha sido abandonada ainda bebê e cresceu em uma escola missionária norte-americana. Aos dezesseis anos, ela se apaixonou por um homem bonito e fugiu da escola, mas um ano depois ele a abandonou e ela passou a trabalhar em uma casa de cortesãs. Não era uma vida das piores: ela contava com muitos admiradores e tinha liberdade. Conheceu Danner em uma livraria e muitas vezes eles tomavam chá juntos. Mas dois anos antes ela cometeu o erro de tornar-se amante de um homem, o que enfureceu tanto um de seus pretendentes que ele quebrou o queixo e o nariz dela. Ela se recuperou na casa de Danner e continuou morando ali.

– A vida que vivemos nem sempre é a que escolhemos.

Não perguntei sobre seus mantenedores. Em parte, eu tinha medo de encontrar semelhanças com o caso de Lu Shing, filho de uma família conceituada que não a aceitaria como esposa ou como concubina. Fossem quais fossem as similaridades, elas não teriam tanta importância. Eu era americana e tinha bem mais oportunidades, embora não fosse capaz de citar uma sequer. Perguntei se ela poderia me dar aulas de chinês.

– Você me elevou à condição de professora – falou. – No passado, pensei em seguir essa profissão.

Lu Shing vinha me visitar com regularidade imprevisível. Todos os dias, eu esperava que o garoto de recados aparecesse com um bilhete dizendo se Lu Shing poderia vir naquele dia ou no dia seguinte. O garoto era o mesmo que havia tomado conta de mim no primeiro dia. Bastava ouvi-lo correndo pelo portão gritando em chinês “É aqui!” e meu coração disparava. A mensagem de Lu Shing vinha escrita em um papel bege, acomodado em um envelope da mesma cor e envolvido em um embrulho de seda, para evitar manchas causadas pelo toque de mãos sujas.

“Minha querida Lucia...” As mensagens sempre começavam assim. Em seguida vinha a mesma caligrafia elegante, executada com perfeição, não importando se o teor era uma manifestação de arrependimentos ou o horário de sua próxima visita, como se ele tivesse escrito com serenidade enquanto tomava seu chá da tarde. Ele costumava vir no início da manhã, final da tarde ou à noite. Nunca vinha na hora do almoço ou do jantar. Eu me esforçava para parecer alegre durante as visitas dele, consciente de que, nos últimos tempos

meu estado de ânimo se parecia com o de minha mãe e eu andava irritada e descontente. Mas era difícil reprimir o que eu sentia quando Lu Shing parecia despreocupado com nosso compromisso. Quando manchas rosadas cobriam meu peito e meu pescoço, meu descontentamento era visível.

Em vez de me deixar afundar no mau humor, Danner se transformou no meu feliz guia de Xangai. Por causa de seu enorme tamanho era preciso contratar dois riquixás, e os condutores ficavam felizes quando viam que era ele, pois Danner dava uma boa gorjeta. Comíamos em restaurantes franceses, visitávamos lojas de antiguidades, assistíamos a shows de *vaudeville* montados por judeus russos e íamos passear de barco por Soochow Creek. Xangai oferecia uma infinidade de diversões e eu apostava nelas para tentar esquecer da minha situação e da ausência do meu amante. Mas assim que o passeio terminava, minha preocupação voltava.

Uma noite, perguntei a Danner se poderíamos desviar nosso caminho de volta e ir até a casa da família de Lu Shing. Ele me respondeu que não sabia onde era.

– Não estou mentindo – garantiu ele. – Quando eu mentir para você, notará na hora como sou ruim nisso. Com tantos mentirosos nessa cidade, você pode se perguntar como eu ainda não consegui melhorar. Nunca tive motivos para ser desonesto. Não tenho crimes no meu passado e não estou aqui para enganar as pessoas endinheiradas. Mas quem vem para Xangai sempre tem uma forte razão para isso. Fazer fortuna, por exemplo, essa é a motivação de muita gente. As casas de ópio estão cheias de gente que fracassou. No meu caso, vim com um amigo querido que eu conhecia desde a universidade. Ele era um artista e achava que tinha influências estéticas do Oriente. Tivemos uma vida maravilhosa juntos. Ele morreu de pneumonia há nove anos. Parece tanto e parece pouco ao mesmo tempo.

– Sinto muito pela sua perda – falei.

Ele deu uma risada discreta.

– Nós nos dávamos muito bem. Éramos inseparáveis como gêmeos, verdadeiros *gemini*, compatíveis em tudo, com exceção do gosto por franjas. Isso era coisa dele.

Danner era homossexual. Pensei no meu pai e suas aventuras com homens e com mulheres. Eu tinha ficado furiosa por ele ter dado seu amor a tantas pessoas, mas não para mim. Meu pai, porém, nunca falou de nenhum desses parceiros com qualquer sinal de afeição, nenhum, nem mesmo a senhorita Pond. Nunca amou nenhum deles mais do que a mim. Se eu não tivesse conhecido Lu Shing, eu poderia ter me tornado incapaz de ser amada ou de amar alguém. Ao contrário de Danner, eu não poderia dizer que tínhamos uma vida maravilhosa juntos.

– Como era o nome do seu amigo? – Perguntei.

– Teddy – respondeu ele.

Quando íamos a uma loja de antiguidades, eu perguntava a Danner o que Teddy acharia de uma escultura, de um quadro ou de determinado jogo de porcelana.

– Ele acharia que essas bugigangas douradas eram pretensiosas demais. E que esses objetos de arte não são arte, apenas imitações baratas. Mas acho que gostaria da cor desses recipientes. Com o tempo eu conseguia saber o que agradaria a Teddy com uma precisão incrível – dizia Danner.

Sempre que eu me sentia triste, com raiva ou com medo por causa das incertezas que cercavam minha nova vida, Danner me confortava.

– Eu me sinto tão sozinha – eu lamentava.

– Uma vez, Teddy me disse que é natural nos sentirmos sozinhos, porque nossos corações são diferentes e nem sabemos como. Quando estamos apaixonados, quase que por magia, nossos corações diferentes se juntam com perfeição rumo a um mesmo desejo. Às vezes as diferenças voltam, surgem a mágoa e as reparações, cercadas de muita solidão e de muito medo. Se o amor permanece, apesar da dor dessas diferenças, torna-se um sentimento raro. Isso é o que Teddy dizia e era isso o que nós dois tínhamos.

UM DIA, LU Shing trouxe suas tintas. Disse que queria pintar meu retrato.

– A forma como nós nos vemos nunca é igual a como outros nos veem – explicou ele. – Vou mostrar a você o que eu vejo e o que eu sinto. Vou retratar a Lucia, a mulher que eu amo.

Lu Shing me acomodou em uma poltrona e direcionou uma lamparina de forma a iluminar o meu rosto. Nada cobria meus seios, embora a pintura fosse me retratar apenas dos ombros para cima.

– Quero que a pintura transmita a sua sensualidade, o seu espírito livre, seu amor por mim. Sem roupas, você está livre para ser você mesma.

– Com essa barriga, não sou eu mesma – falei.

Eu estava um pouco contrariada porque ele tinha chegado atrasado duas noites seguidas.

– Eu sempre disse que era impossível para mim capturar um momento imortal – continuou –, mas você disse uma vez que eu tinha conseguido. Por isso, estou inspirado a tentar.

Quando pedi para ver os momentos imortais emergindo, ele disse que eu tinha de esperar até que a pintura estivesse pronta.

– Um momento não é o mesmo que o tempo.

Nessas noites em que ele conseguia vir me ver, passava uma hora ou duas pintando. Eu me limitava a encarar os olhos dele quando ele olhava por cima da tela. Sua expressão era sombria, estudada, e às vezes eu tinha a impressão de que ele não sentia por mim nada de diferente do que sentia pela poltrona na qual eu estava sentada. Mas aí ele guardava o pincel e encerrava a sessão de pintura daquela noite. Seu rosto ficava tomado pela adoração e pelo desejo e ele me levava para a cama.

Eu estava impaciente para ver o retrato e saber o que ele viu, como ele achava que eu era. Ele havia capturado o meu espírito imortal na tela *Vale do Encantamento*. Lembrei-me da surpresa que senti ao me reconhecer naquele vale extenso e verdejante e minha alma no vale dourado. Quem eu deveria ser não nada tinha a ver com uma aparência certinha, as boas maneiras e as opiniões superiores dos meus pais. Não precisava esconder meus defeitos, e não tinha nenhum, porque já não precisava me comparar com os outros. Eu tinha o conhecimento, a certeza de algo importante, mas eu não conseguia lembrar o que era. A lembrança tinha fugido de mim. Se eu a tivesse preservado não seria atormentada pela dúvida se era amada ou não, se deveria ficar ou partir. Esperava que a nova tela pudesse recuperar essa estranha sensação de certeza.

Duas semanas depois de começar a pintar, ele mostrou a tela para mim, com uma inscrição na parte traseira escrita em chinês e em inglês: “Para Lucia, por ocasião de seu aniversário de dezessete anos”. Na verdade, eu tinha passado meu aniversário a bordo do

navio. A pintura era ao mesmo tempo bela e perturbadora. Eu estava diante de um fundo preto, em um espaço vazio e sem forma, como se eu não pertencesse a lugar nenhum. Um dos meus ombros parecia branco como leite, enquanto o outro estava coberto de sombra. O retrato chegava até a minha cintura e uma brilhante faixa de cetim cobria meus seios, apoiados em uma das minhas mãos e transmitindo a erótica sensação de que eu era recatada, porém com disposição para a ousadia. Minhas íris verdes eram rodela finas, enquanto os olhos pareciam grandes e pretos, escuros como aquele lugar sem nome no qual eu me encontrava. Lembrei da primeira vez em que eu tinha observado de perto os olhos Lu Shing e constatado que eram tão escuros que jamais seria capaz de decifrá-los e saber quem ele era. Qualquer um que visse o quadro iria concordar que a menina retratada era eu. Embora fosse benfeita, eu não queria ser a garota com aqueles olhos vazios, incapaz de ver qualquer coisa a não ser o pintor, como se meu mundo se resumisse a ele. Aquele não era o meu espírito, mas o que sobrou depois que perdi minha alma. Lu Shing não me conhecia, mas o que mais me assustou foi constatar que eu também não. Ele amava uma garota que não existia. Ele não havia me decifrado. No entanto, a ideia de desistir dele parecia inconcebível, porque eu teria de destruir o que havia na imagem do vale verdejante: o amor por mim mesma.

– Você me deixou bonita – falei.

Agradei por estarmos no escuro, pois assim ele não podia ver que meu pescoço exibía uma coloração rosada. Fiquei admirando a tela, em busca de coisas boas capazes de compensar a minha decepção. Pedi a Lu Shing para corrigir o nome que ele tinha escrito em inglês e em chinês:

– Escreva Lucretia Minturn – orientei. – Se a tela for repassada para as futuras gerações de sua família, eles precisam saber o meu verdadeiro nome.

Observei a reação dele. Lu Shing não olhou para mim.

– Claro – respondeu.

Pedi mais uma tela:

– A imagem daquele vale – falei. – Você consegue pintar de memória?

Dali a três dias ele me deu a tela, o que me fez suspeitar que se tratava de uma das muitas cópias que ele já havia produzido, das várias representações do lugar onde o meu “eu legítimo” poderia ser encontrado.

DEPOIS DE TRÊS meses, eu não cabia mais nas roupas que havia trazido. Danner e Pomba Dourada encomendaram a um alfaiate alguns vestidos novos e batas folgadas. As peças que achei mais confortáveis pareciam com os trajes usados por Danner, com túnicas e calças largas. O bebê havia se tornado real para mim e não era mais apenas uma solução para ganhar a aceitação da família de Lu Shing. Meu futuro estaria associado ao futuro daquela criança, não importava o que acontecesse. Eu não podia me permitir nenhuma expectativa além disso. Lu Shing, às vezes, vinha todas as noites durante uma semana, mas raramente ficava até de manhã. Quando eu sentia que poderia aceitar o acordo, ele desaparecia por uma semana e eu me sentia relegada ao mundo inferior dos abandonados. Quando ele voltava, sempre tinha boas justificativas para a ausência: tinha sido obrigado a acompanhar seu pai como intérprete em uma importante reunião sobre as condições do tratado. Sua mãe ficara doente e havia contado com ele para garantir sua dose diária de

esperança. Eu desconfiava um pouco desses relatos, mas não queria interrogá-lo ainda mais e, talvez, descobrir que as minhas incômodas suspeitas tinham fundamento.

Com o passar do tempo, nosso contato íntimo diminuiu. Achei que tinha a ver com a gravidez, que ele talvez não se sentisse atraído por uma mulher cada dia maior. Mas também percebi que ele raramente passava mais do que algumas horas comigo. Parecia se vestir com pressa. Eu podia adivinhar o que ele estava escondendo e a verdade apertava a minha garganta. Optei por me obrigar a manter a calma, a fim de conter as lágrimas e refrescar minha cabeça e minhas manchas. Quando ele se despedia de mim na porta, parecia estranho e exibia uma expressão culpada que desmentia suas promessas de agir com honestidade.

– Você se casou? – perguntei, controlando a emoção.

Ele parou e se aproximou de mim.

– Eu não quis contar nada até ter certeza de que você poderia receber a notícia, mas você estava triste ou então extremamente feliz. Parecia não ter um momento adequado nunca.

A verdade era preocupante, mas seu raciocínio era frágil e pouco sincero.

– Quando você acha que estaria preparada? Quando tivesse um bebê nos meus braços?

– Lucia, você sabia que eu estava prometido a uma noiva. O casamento não muda nada entre nós.

– Não me chame de Lucia nunca mais. Aquela menina não pertence a você. Meu nome é Lucretia.

– Fui educado para me casar com uma mulher que não amo, mas você ainda pode ser minha esposa.

– Posso ser uma concubina.

– Você ocuparia o lugar de segunda Esposa. Não é necessariamente uma posição inferior se você gerar o primeiro homem da próxima geração. Com o nosso filho, você poderia morar em sua própria casa e a família a reconheceria como minha esposa. É bem mais confortável do que viver na casa da família como primeira Esposa. Pergunte a Pomba Dourada se não é verdade.

– E se o bebê não for menino?

– Melhor não pensar nisso.

Pomba Dourada confirmou o que Lu Shing falou sobre eu me tornar a segunda Esposa, mas acrescentou:

– Só que tem uma diferença entre o que é possível e o que acontece de fato, sobretudo quando é o homem que diz quais são as possibilidades. Aprendi isso com a experiência. Talvez as suas possibilidades sejam melhores do que as minhas.

Na noite em que o bebê estava prestes a nascer, dia que os americanos comemoravam o aniversário do presidente Lincoln, Danner ficou lá embaixo, esperando o portador de Lu Shing. Pomba Dourada havia passado o dia todo comigo, falando em inglês para eu ser forte e corajosa. Depois de suportar dez horas de dor, eu não poderia aguentar mais e comecei a gritar. Todas as suaves palavras em inglês foram substituídas por frenéticos sons em chinês que eu não conseguia entender, o que me fez achar que eu ia morrer. Finalmente, o garoto de recados chegou com um conhecido envelope bege e uma mensagem escrita por Lu Shing: ele tinha sido obrigado a participar de um banquete e das comemorações pelo

sexagésimo aniversário de sua tia. “Esta data é uma das mais importantes para nós” explicou.

Um número era mais importante do que estar comigo quando nosso bebê chegasse? A única justificativa aceitável que ele poderia ter dado era a própria morte. Danner entregou ao mensageiro um bilhete dizendo que nosso bebê estava prestes a nascer.

Uma hora depois, a parteira chinesa anunciou solenemente que o bebê era uma menina. Ela colocou a garota nos meus braços. Quando o bebê chorou, chorei com ela. Chorei pela dor que ela iria compartilhar comigo. Chorei pelas minhas esperanças despedaçadas. Mas então, ao olhar para mim, ela parou de chorar e eu me apaixonei. Eu iria protegê-la, cuidar dela. Não iria deixá-la de lado, como minha mãe tinha feito comigo. Eu não tentaria mudá-la. Ela saberia que eu a amava do jeito que era. Ela seria como as violetas que eu tinha plantado no jardim quando eu era criança, e que para minha mãe não passavam de ervas daninhas que precisavam ser arrancadas. Eu as deixava crescer livremente e elas se espalhavam, sem limites, até chegar a toda parte.

Danner ficou encantado por ter uma “rainha miniatura” entre nós. Ele seria o seu súdito mais devotado. Quando eu disse a ele que tinha decidido chamá-la de Violet por causa de minha flor favorita, disse ele que a flor também era uma das preferidas dele porque tinham rostinhos bonitos e expressivos. Prometeu que logo pela manhã mandaria um criado encontrar violetas para plantarmos por todo o jardim.

O bilhete nebuloso que Danner havia enviado para Lu Shing causou o efeito desejado e, em menos duas horas, Lu Shing subia as escadas. Ele se aproximou com os olhos arregalados de expectativa. Um instante depois, sabia de tudo só pela minha expressão. Quando eu abri a manta que envolvia a menina, ele não se mexeu enquanto olhava para ela e não era encantamento: com essa leve hesitação, demonstrou o quanto estava decepcionado. Não conseguia disfarçar.

– Ela é linda – murmurou. – Tão pequenina.

Fazia esforço para encontrar outras definições sem sentido sobre as características de uma criança.

Olhou para mim com um ar interrogativo. Esperava que eu reconhecesse o que o nascimento de uma menina significava para o meu futuro. Naquele momento, eu o odiei. Ele achava que estava infeliz pelo fato de o nosso bebê ter nascido sem um pênis, condição que eliminava a minha chance de ser aceita pela família dele. Mas, em seguida, tive a impressão de que ele encarava Violet como a fonte dos problemas dele. Ela era a razão pela qual eu tinha vindo com ele para Xangai. Decidi que não permitiria que Violet fosse motivo de decepção para ninguém. Ela seria bem-vinda sendo quem era. Era minha filha, meu bebê, a quem agora eu amava mais do que a qualquer pessoa no mundo. Até do que Lu Shing.

– Escolhi o nome de Violet – informei sem olhar para ele. E acrescentei: – Eu a amo bem mais do que você pensa.

Com a cabeça, ele fez um gesto de que compreendia. Não perguntou de onde eu tinha tirado aquele nome nem comentou minha declaração de amor pela menina.

No dia seguinte, chegou uma mulher que se apresentou como a ama enviada por Lu Shing para cuidar do bebê. Eu estava animada com aquele gesto de amor. Mas seria amor mesmo? Uma ama? Eu estava incomodada por ter de questionar todos os atos de Lu Shing.

Cada vez que ele nos visitava trazia presentes para a menina e vi o rosto dele quando ele a pegou no colo. Não havia sinais de satisfação em seu rosto. Mais tarde, quando ela aprendeu a rir, gostava de brincar com ela, mas eu ainda não sentia nele um amor como o meu. Se ele a amasse, teria lutado para que o pai dele aceitasse a neta. Quando ela chorou, com o rosto vermelho e os punhos fechados, ele ficou preocupado, mas não se sentiu a angústia dela, como eu senti. Não fez nada para acalmar a menina.

– Nenhum pai tem esses instintos – comentou Danner mais tarde.

– Se ele a amasse, colocaria o nome dele na certidão de nascimento, certo?

– Isso só serviria para excluir a menina de forma definitiva da descendência dele. Até você ter uma posição oficial no seio da família, você precisa esperar.

– Se eu nunca conseguir essa posição na família dele, vai ser melhor para ela suportar o estigma de ser uma filha ilegítima? Eu não posso deixar que Violet viva enfrentando o desprezo das pessoas.

– Acho que tenho uma solução – falou Danner.

Ele saiu e voltou para casa duas horas depois, com uma certidão de casamento que afirmava que eu tinha casado com Philo Danner. Exibia uma data anterior ao nascimento de Violet em alguns meses. Em seguida, conseguiu uma certidão de nascimento para Violet Minturn Danner.

– Já registrei também no consulado americano – contou. – Ela é uma cidadã americana e será obrigada a cantar *My Country' Tis de Thee*.

Comecei a chorar. Danner havia dado a Violet o privilégio da legitimidade.

– Se você preferia estar casada com outra pessoa, posso procurar o mesmo rapaz que fez essas certidões. Ele é um dos melhores de Xangai e imita direitinho a aparência, os selos com nomes em vermelho, os caracteres chineses e os rabiscos em inglês – contou ele.

Para comemorar a sua paternidade, Danner comprou para Violet um lindo berço e um chocalho de prata com umas franjas.

– Minhas preces puritanas foram atendidas. Finalmente, sou um pai.

Como eu, Violet tinha cabelos castanhos e olhos verdes. Sua pele era clara, mas o formato dos olhos a deixava mais parecida com os chineses do que com os brancos. Danner discordou e disse que ela havia puxado o lado italiano da família de Teddy. Como que por decreto, Violet mudou ao longo do ano seguinte e os estranhos que a viam ficavam admirados e perguntavam se ela era meio italiana ou meio espanhola.

SOB VÁRIAS MANEIRAS, Danner e eu levávamos uma vida de casal. Sempre fazíamos as refeições juntos. Pomba Dourada se juntava a nós e fazia o papel de tia de Violet, e nós três nos revezámos nos cuidados com ela. Notávamos todas as novidades que a menina revelava e o que chamava a atenção dela. Quando tinha onze meses, Violet chamou Danner de “papai”. Ele chorou e disse que foi um dos momentos mais felizes da vida dele. Quando saíamos para caminhar falávamos sobre o futuro da menina – quais escolas ela deveria frequentar, quais garotos seria melhor evitar. Juntos, nos preocupávamos com a saúde dela, juntos discutíamos sobre os melhores remédios para acabar com a vermelhidão no rosto provocada pelo choro.

Danner a levava a lojas de brinquedos e comprava a primeira coisa que ela pegasse, até eu falar que uma dúzia de bonecos que saltam da caixa já era o bastante. Ela claramente o

amava e ria quando ele passeava com ela, acomodando-a em sua enorme barriga. Mas notei que Danner se cansava com facilidade ao carregar qualquer peso. Precisava se sentar logo para recuperar o fôlego. Estava preocupada com a saúde dele e apelei à minha condição de esposa quando exigi que ele perdesse peso.

Em maio, menos de um ano da minha chegada a Xangai, Lu Shing tinha entrado em uma insatisfatória rotina de visitas aleatórias. Às vezes, vinha três dias seguidos e depois ficava uma semana sem aparecer. Havia ensinado Violet a dizer “baba” para chamá-lo de pai, mas ela não erguia os bracinhos quando ele se aproximava, como fazia para Danner. Minhas decepções com Lu Shing tinham perdido força com a chegada de Violet, que consumia a maior parte dos meus pensamentos. Ela tinha me dado o dom da plenitude no meu coração. Quando ela agitava as mãozinhas, espantava toda a minha raiva. Gostava de engatinhar sobre as violetas do jardim. Muitas vezes, vê-la rir no meio daqueles travesseiros de flores fazia meu coração se contrair tomado por uma súbita felicidade.

Em um dia quente de maio em que se comemorava a festa de *Duan Wu*, nossa rua estava bem mais silenciosa do que nas tardes comuns. A maioria dos habitantes, chineses e estrangeiros, tinha ido para Soochow Creek para assistir às corridas dos barcos do dragão. Nesse ambiente tranquilo, enquanto Lu Shing segurava Violet no colo, eu dei a notícia: estava grávida novamente.

LU SHING INSTRUIU a ama para me oferecer alimentos que fortalecessem a criança que crescia dentro de mim. Não pronunciou a palavra “menino”. Eu sabia que nós dois deveríamos agir com cautela, mas eu me sentia feliz com aquele ressurgimento de esperanças: não era apenas uma nova chance de ser aceita na família Lu. Eu queria que Lu Shing reconhecesse Violet como filha.

O bebê nasceu no dia 29 de novembro de 1900, dia de ação de graças. Lu Shing me avisou que estaria fora nesse período, ajudando seu pai. No entanto, chegou em menos de três horas depois que mandei uma mensagem para ele. Segurou o bebê e olhou para o rosto dele, comentando sobre o grande futuro que o esperava. Estava feliz pelo fato de o menino ter nascido em uma data especial, um dia após o aniversário do avô dele. Lu Shing disse que a proximidade do aniversário marcava o vínculo entre as gerações. Quando disse que o menino se parecia com ele, ressaltou que o bebê tinha “a testa da família Lu”, “o nariz da família Lu”. Notou que eu estava olhando e explicou:

– É importante que eles vejam as semelhanças, para que não tenham dúvidas de que o bebê é meu filho.

Lu Shing beijou minha testa e me agradeceu.

No dia seguinte, voltou carregado de presentes. Roupas chinesas para bebês, um medalhão de prata, um lindo manto de seda. Disse que o menino deveria parecer chinês quando fosse apresentado à avó. Precisava dar a impressão de que já pertencia a uma família rica.

Segurou o bebê perto do rosto e disse:

– Sua avó vem esperando impaciente por você. Todos os dias, ela faz oferendas. Estava com medo de ter apenas netas... – Lu Shing falou sem pensar e, na hora, aquela revelação me despertou e enfureceu:

– Sua esposa deu uma neta para sua mãe?

Ele não se desculpou.

– Vamos tentar ser felizes hoje, Lucia. Vamos esquecer tudo e acreditar que o nosso destino mudou.

– Você pretende me transformar em sua segunda Esposa? – perguntei.

– Estou disposto a tentar – garantiu. – E agora nossas chances aumentaram.

– Qual a aceitação que sua família pode me oferecer? Um acolhimento caloroso? Tolerância? Ressentimento? Seja honesto. A minha felicidade depende disso.

– Pode levar um tempo – respondeu, e logo falou de seus planos para se aproximar de sua mãe e pedir que eu fosse reconhecida.

Eu não escutei mais nada. Na última hora, tinha pensando em como minha vida poderia mudar se eu saísse da casa de Danner. Eu tinha liberdade e ninguém controlava o que eu fazia. Violet adorava Danner e ele amava a menina. E Danner e Pomba Dourada tinham se tornado meus amigos de verdade, com quem eu poderia contar com certeza.

– Prefiro manter o acordo que temos agora – falei para Lu Shing. – Você pode me dar a posição que quiser em sua família, desde que tanto Violet como o nosso filho sejam aceitos e reconhecidos como meus filhos. Vou continuar morando aqui na casa do Danner com as crianças.

Lu Shing parecia aliviado. Voltou a falar sobre as suas chances de conquistar a aprovação da família se apresentasse nosso filho a eles.

– Até que os dois sejam aceitos na família Lu, serão considerados filhos de Danner. Vou providenciar uma certidão de nascimento americana dizendo isso. E, mesmo que sejam aceitos, os dois vão continuar a viver comigo.

– Nosso filho precisa passar um tempo com os avós, especialmente nas ocasiões importantes. Isso garante o reconhecimento legítimo dele na nossa família.

– E a Violet?

– Vou me certificar de que seja aceita e bem tratada, mas não posso mudar o jeito como meus pais encaram o primeiro homem da geração seguinte.

Dois anos antes, eu nunca teria concordado com aquela proposta. Mas agora vejo que tinha sido loucura e orgulho para forçar a encarar a família de Lu Shing e ser rejeitada. A minha proposta não era um compromisso, mas o que eu desejava. Eu poderia abrir mão dos meus ressentimentos e Lu Shing abandonaria aquela vida secreta. Naquele dia, ele estava deitado na cama, com o nosso filho no meio de nós. Falou com um afeto que eu não tinha visto durante um ano. Pretendia informar sua família que ele iria dividir seu tempo entre a casa deles e a nossa casa, na East Floral Alley. Apesar de nossa animada conversa sobre o futuro, eu tinha minhas desconfianças. Os pais dele poderiam não reconhecer nosso filho como o primeiro herdeiro macho legítimo deles. E, se fosse assim, não teria importância. Eu tinha meus dois filhos. Poderia continuar me decepcionando com Lu Shing, mas minha felicidade não dependeria dele. Danner fazia melhor o papel de marido do que eu poderia esperar de Lu Shing. Era um pai mais presente do que o meu jamais foi.

Depois que Lu Shing saiu, contei meus planos a Danner.

– Ele se recusou a viver aqui como segundo Marido. Então, como você é o primeiro Marido e eu sou a primeira Esposa, nossa família será composta apenas de Violet, o novo bebê e nós dois. Lu Shing pode dar ao menino o nome chinês que quiser, mas o nome americano dele vai ser Teddy Minturn Danner.

Danner ficou tão emocionado que chorou até ficar sem ar.

Na manhã seguinte Lu Shing chegou cedo, enquanto Danner, Violet e eu estávamos tomando o café da manhã. Parecia impaciente para ver o filho.

– O bebê está e não pode ser incomodado – avisei.

Lu Shing pediu para falar comigo em particular.

Fomos para o jardim. Eu percebi que os meus sentimentos por ele haviam mudado. Não precisava dele para ser feliz, ter uma casa ou um futuro. Minha liberdade chegou quando eu consegui vê-lo como ele era: um homem por quem eu tinha sido apaixonada e talvez ainda fosse, mas que não oferecia certezas. Eu me perguntei se ele sentiu a mesma diferença em relação a mim.

– Minha mãe concordou em ver o nosso filho – falou. – Eu disse que ele tem muitas das características da família Lu e que não há dúvida de que faz parte da nossa linhagem. Quando olhei para ele, eu disse, o menino colocou os olhos em mim e me reconheceu como seu pai.

Dei risada daquela mentira.

– Falei que o nome dele é Lu Shen. Shen significa “ousado”. Gostaria de ter escolhido um nome com você, mas não deu tempo. Tive a oportunidade de conversar com minha mãe sem ninguém por perto para ouvir o que eu ia falar.

– Não posso criticar você por dar um nome chinês ao menino. Eu já decidi o nome americano: é Teddy Minturn Danner. Teddy e não Theodore.

A escolha de dois nomes, feita de forma isolada, mostrava o quanto estávamos afastados.

– Só agora notei que nunca perguntei o que significa o seu nome, Shing.

– Significa “realização” – contou ele. – É quase uma piada, pois eu não realizei nada, nem para você nem para a minha família. Fracassei como um artista. Mas nosso filho vai compensar minhas falhas. Um dia, será o líder de uma grande família.

Essas últimas palavras tiveram o efeito do ópio para minha alma.

– Quando sua mãe quer vê-lo?

– Hoje à noite. Ela está ansiosa. É melhor eu mesmo levar o menino. Se ela o quiser como neto, irá apresentá-lo ao meu pai. E, se ele concordar, podemos pedir que você seja reconhecida como mãe dele.

– Explique de novo o que vai acontecer se eles não me reconhecerem.

– Nós dois vamos criar o menino fora da família. Ele não vai ter a legitimidade de um filho chinês, e por isso não terá direitos ao reconhecimento ou à herança, e eu quero que ele tenha isso.

Pedi um tempo para pensar. À noite, eu diria se concordava ou não que ele levasse o menino sem mim. Perguntei a opinião de Pomba Dourada e de Danner. Ponderei que eles poderiam rejeitar o menino, ou então aceitá-lo, mas não a mim. Conversamos o dia todo. Eu colocava as possibilidades e eles me ajudavam a refletir. Quando davam conselhos que não coincidiam com o que eu esperava, eu não ouvia. Queria que meus filhos, tanto Teddy quanto Violet, fossem reconhecidos e tivessem todas as oportunidades de uma vida boa e liberdade para fazer escolhas.

Eu já tinha arrumado Teddy quando Lu Shing chegou, no final da tarde. Tinha trazido uma babá e um pijama de seda para o bebê. Ele me abraçou como sinal de gratidão e disse que me amava. Ele traria o menino de volta no dia seguinte e quase não daria tempo para

sentir falta dele. Beijei o rosto adormecido de Teddy e vi os dois partirem.

Não consegui dormir. Fiquei imaginando como a mãe de Lu Shing se sentiria ao conhecer o neto. Pensei no pior e imaginei o olhar de desgosto dela. Danner ficou me fazendo companhia, tentando me distrair com histórias do xará do Pequeno Teddy. Quando eu falei que temia que tudo aquilo fosse em vão, senti conforto quando ele apontou alguns motivos para acreditar que Lu Shing poderia ter sucesso. Começou falando sobre a necessidade desesperada de uma avó de ver um neto antes de deixar este mundo. Acrescentou que talvez ela fosse maleável com Lu Shing, já que ele era o filho primogênito. Citou várias famílias conhecidas por terem sangue misturado e concluiu dizendo que Teddy era lindo demais para que uma avó o recusasse.

Às nove horas, o mensageiro de Lu Shing trouxe outro dos conhecidos envelopes guardados em um pacote. “Minha querida Lucia, nossas esperanças estão mais perto de se tornar realidade. Ela está encantada com ele.” Soltei um grito de alegria e continuei lendo: “Minha mãe acredita que pode convencer meu pai a aceitar o nosso filho como neto. Pretende fazer isso amanhã, quando ele voltar para Xangai. Por enquanto, pede para passar mais tempo com o bebê. Assim, diz ela, vai ser mais fácil achar as palavras certas para superar as dificuldades com meu pai. Mais uma vez, precisaremos ter paciência”.

Eu não estava gostando nada de saber que a mãe de Lu Shing ficaria mais um tempo com Teddy. Tinha sido difícil passar uma noite longe dele. Eu me perguntava se deveria mandar um bilhete pedindo que Lu Shing trouxesse o menino de volta imediatamente. Se a mãe dele ficou tão contente como demonstrou ficar, ainda estaria tocada quando o pai dele voltasse. Mandei um bilhete pedindo o bebê de volta.

À tarde, enquanto eu esperava a chegada de Teddy, recebi outra mensagem de Lu Shing: “Minha querida Lucia, os sinais que nos dão esperanças continuam fortes. Minha mãe mandou uma mensagem ao meu pai e ele antecipou a volta. Vai chegar esta noite”.

Eu deveria ficar contente com os progressos, mas não me sentia completa sem Teddy nos meus braços. Eu deveria ter insistido para ir junto. Essa visita não estava demorando demais? Será que ele estava dormindo? Em seguida, um medo do tamanho de um grão de areia penetrou sob a minha pele. Será que eles pretendiam me devolver o menino? O grão de areia passou para o meu olho e fiquei tão ansiosa que andava para cima e para baixo pela nossa rua. Danner não poderia me seguir sem perder o fôlego. Sugeri fumar ópio para tirar da minha mente o que, naquele momento, eu não podia mudar.

Na manhã seguinte, Lu Shing enviou mais uma boa notícia: “Meus irmãos e suas esposas viram o bebê e também ficaram encantados com ele. Também acham que o menino tem traços da nossa família. Meu pai já gosta tanto do neto que fala com ele sobre seu futuro. Parece que todos os obstáculos começam a desaparecer do nosso caminho”.

Eu não podia comemorar aquela vitória até que Lu Shing voltasse com Teddy. Danner e Pomba Dourada tentaram me distrair das preocupações, falando sobre todos os privilégios que meus filhos teriam, como educação, respeito e poder. Meu filho poderia se tornar um burocrata corrupto, se eu não transmitisse bons valores a ele. Danner brincava com Violet, então com dois anos, fazendo-a pular sobre a barriga dele e depois erguendo-a bem alto, enquanto cantava: “upa, upa, cavalinho...”. Teddy estaria de volta no final da tarde.

À noite, eu estava desesperada. Lu Shing não tinha aparecido. Se estivesse atrasado, teria mandado um bilhete para avisar. Comecei a pensar nas diversas possibilidades do que

poderia ter acontecido: Teddy ficou doente e eles não querem me contar. O pai de Lu Shing mudou de ideia e a mãe decidiu ficar com o menino mais um tempo para tentar uma reconsideração. Talvez a esposa de Lu Shing tivesse se mostrado contrariada e era preciso resolver isso. Nenhum dos meus temores, porém, parecia tão terrível como o que se tornou realidade.

Tarde da noite, o mensageiro me entregou um bilhete, escrito às pressas. “Minha querida Lucia, não sei como contar o que acontece...”

O pai e a mãe de Lu Shing decidiram ficar com Teddy. Eles não iriam me reconhecer como mãe da criança, que seria transformada no filho da esposa de Lu Shing. Quando comunicaram a decisão, os pais dele já tinham levado o menino para longe. Ele não sabia onde o bebê estava. “Lucia, se eu soubesse onde ele está, levaria até você agora. Estou perplexo com o que aconteceu e só posso imaginar o seu choque”. Falou de uma ameaça da família dele: se ele tentasse me avisar, jamais voltaria a ver o menino.

Eu tremia tanto que mal conseguia decifrar a letra. Voei pelas escadas para tentar alcançar o mensageiro. Corri pela rua e pela Nanking Road. Gritava e chorava sem controle. Quando eu finalmente voltei depois de duas horas, Danner e Pomba Dourada estavam sentados diante da mesa, com expressões sombrias. Tinham lido a carta várias vezes para decifrar o significado de cada frase.

– Isso é sequestro – falou Danner. – Amanhã cedo vamos ao consulado americano bem cedo.

Alguns instantes depois, o horror tomou conta do rosto dele. Em meio a todo o entusiasmo com a possibilidade de conseguir a aprovação da família Lu, ele tinha esquecido de registrar Teddy como nosso filho no consulado americano. Como poderíamos reivindicar uma criança desaparecida se ela nunca existiu nos registros oficiais? Lu Shing já poderia ter providenciado o registro oficial como filho dele.

Passei três dias sem sair cama, sem dormir nem comer. Pomba Dourada e Danner cuidaram de Violet. Revivi tudo o que tinha acontecido. Eu tinha intuído o perigo. Deveria ter acompanhado Lu Shing, pelo menos na carruagem. Deveria ter contratado um carro para seguir o mensageiro. Não queria aceitar a ideia de que Lu Shing tinha feito parte da trama o tempo todo. Finalmente ele iria se livrar de mim, seu maior problema, a garota americana que nunca iria entender o que significa ser chinês. Ele não sentia nada por mim nem por Violet.

Danner estava quase tão arrasado quanto eu. O Pequeno Teddy havia ressuscitado seu antigo companheiro e ele agora enfrentava uma nova perda... Em vez de comer como um glutão, parou de se alimentar. Pomba Dourada disse que iria se esforçar para encontrar Teddy. Conversou com todos os amigos em casas de cortesãs para saber se alguém conhecia um homem chamado Lu, que trabalhava para o Ministério das Relações Exteriores. “Há dez mil famílias Lu”, disseram. “Qual parte do ministério? Com tantos estrangeiros, é uma instituição com muitos setores. Mas qual o seu interesse? Por que precisa encontrá-lo?”

Quando eu renasci e consegui sair da cama, mantive a Pequena Violet perto de mim o tempo todo, com medo de que também pudesse desaparecer. Ela reclamava. Eu a colocava no chão e via conforme ela engatinhava rumo a uma pilha de livros para derrubá-los. Olhava para mim em busca de aprovação e eu me forçava a sorrir. Para ela, ódio, traição ou falso amor eram sentimentos que não existiam.

UM MÊS DEPOIS da partida de Teddy, Danner se levantou da mesa de jantar com um gemido, queixando-se de indigestão. Foi para a cama às dez da noite e não acordou.

Meu coração estava atrofiado demais para sentir a nitidez de sua morte. Não conseguia sentir mais dor e me recusei a reconhecer o que a perda de Danner significava para mim. Mas, depois de alguns dias, um vazio crescente ampliava a minha dor. Onde estava o homem que havia me oferecido a plenitude de seu coração, sua casa, sua solidariedade e seu amor? Ele viveu minhas esperanças e derrotas, minha indignação e minha tristeza. Tinha me oferecido decência e proporcionado a Violet um nascimento decente. Ele me estendeu a armadura que me permitia ser corajosa e seguir em frente. Danner era o pai que eu gostaria de ter tido e eu deveria ter dito isso a ele. Formávamos a pequena família que ele queria ter. Tínhamos uns aos outros e ele sabia disso.

Quando comuniquei a morte dele ao consulado americano, fiquei sabendo que tudo que pertencia a Danner – a casa, os quadros, os móveis e todos os enfeites de franjas – ficaria para mim. Eu era sua esposa, agora transformada em viúva. Mas ele não tinha esquecido da Pomba Dourada: o aluguel recebido dela tinha sido depositado em uma conta bancária no nome dela. Ela se ofereceu para me pagar o aluguel combinado, para que pudesse continuar na casa e atender seus clientes. Falei que ela poderia ficar morando sem pagar nada, e ela disse que eu era melhor do que uma irmã. Embora eu tivesse herdado a casa, havia pouco dinheiro para as despesas diárias e nós gastamos muito com o enterro do Danner. Para se manter, ele vendia uma tela ou duas a cada mês, sempre depois de avaliar muito bem qual seria a próxima. Levei alguns quadros a uma galeria e eles disseram que elas não valiam quase nada. Mas não iria deixar que as telas de Danner fossem parar nas mãos de trapaceiros. Peguei os quadros de volta e avisei os criados que não tinha como pagá-los. Dois foram embora, mas a ama e o mensageiro ficaram, dizendo que para eles bastaria ter um lugar para morar e comida para comer. Depois me avisaram que poderiam pechinchar e comprar alimentos por preços bem mais baratos do que os oferecidos a um estrangeiro. Fiquei agradecida, mas todos sabiam que estávamos adiando o inevitável. Para onde iríamos quando esse dia chegasse? Eu andava pela casa observando o que poderia vender – o sofá, a poltrona grande com o estofado precisando de reforço, a mesa e uma lamparina –, desviando das pilhas de livros que dominavam a casa e pesavam sobre a borda da lareira repleta de franjas. Livros e enfeites: os luxos de dois gastadores que precisavam sustentar duas mulheres frugais.

No início, decidi vender apenas os livros que eu nunca iria ler: os benefícios médicos de sanguessugas, tabelas de marés, a mecânica dos instrumentos musicais, a densidade de líquidos. Em seguida, apostei nos romances que vendem rapidamente entre os americanos e ingleses recém-chegados: histórias passadas no mar, relatos históricos de capitães britânicos e um atlas faziam muito sucesso. Quando os pisos ficaram liberados, passei para os livros que estavam nas prateleiras. Calculei por quanto tempo ainda teríamos dinheiro: no máximo seis meses, mas poderia acabar antes se os volumes restantes fossem menos apreciados. Nas livrarias, eu sempre perguntava se um cliente chamado Lu Shing tinha estado ali e explicava que tinha encontrado um livro no qual ele estava interessado. Sempre levava comigo uma caneta com uma ponta afiada: caso eu encontrasse com ele, estaria pronta para cortar seu rosto se ele não me levasse até meu filho. Ele iria exhibir uma vergonha pública para sempre.

Pomba Dourada e eu fizemos uma lista de todas as maneiras possíveis para ganhar dinheiro. Ela poderia dar aulas de inglês e chinês, enquanto eu poderia trabalhar como guia para ocidentais interessados em explorar “os mistérios de Xangai”. Deixamos folhetos nas lojas dos americanos, clubes e nos muros perto do consulado americano. Ao mesmo tempo, eu visitava as galerias de arte à procura de quadros com escuras nuvens de chuva, um longo vale verde e montanhas. Todos os dias, andávamos pelas ruas do Assentamento Internacional procurando lugares para divulgar nossos serviços e jurávamos não desistir, apesar do número crescente de pessoas que se aglomeravam em Xangai: um milhão de moradores, Danner tinha me dito, o dobro do que havia pouco tempo antes. Muitos dos homens que passavam na área do Bund, ao longo da Nanking Road, e em outras partes do Assentamento Internacional eram chineses ricos, vestidos com ternos elegantes e usando chapéus Homberg como o de Lu Shing. Eu me apressava para ver os rostos deles. Voltava para casa exausta, mas nunca derrotada.

Tanto esforço me fez descobrir uma coisa: os estrangeiros não estavam interessados em aprender chinês, com exceção dos missionários, que já contavam com seus próprios professores nativos. Encontrei alguns homens americanos ansiosos para percorrer Xangai, mas eles também achavam que éramos prostitutas e que teriam direito a uma turnê pelos mistérios da genitália feminina.

Em um dia de calor, um homem que me observava enquanto eu colava um informe sobre nossos serviços turísticos perguntou se eu sabia onde havia um bar. Eu sugeri o Clube Americano. “Lá é muito abafado”, ele respondeu. Mencionei os bares que havia no Bund, que ele definiu como barulhentos demais e cheios de marinheiros bêbados. Ele queria um bar como o de uma cidade pequena, que o lembrasse de sua terra.

– Todo mundo diz que Xangai tem de tudo, mas não consigo achar um bar para tomar uma cerveja com os amigos, fumar um charuto e cantar músicas antigas ao redor do piano.

– Se você quer aconchego, conheço o lugar perfeito. Vai começar a funcionar na próxima semana – revelei.

Anotei o nome e o endereço: “Danner’s Pub, East Floral Alley, 18”. Quando voltei para casa e dei a notícia para Pomba Dourada, ela ficou exultante.

– Até que enfim! – Chorou de alegria e depois perguntou: – Mas o que é um pub?

– Seja lá o que for, vamos montar um em uma semana – falei.

Nos meses seguintes, montamos o Danner’s Pub a partir das sugestões e insatisfações dos nossos primeiros clientes. Começamos a primeira semana com um estoque lamentável: cerveja, charutos baratos e uísque de baixa qualidade. Nosso maior patrimônio eram as canções sentimentais. Agradei ao senhor Maubert por ter insistido para que cortassem meus dedos mínimos, o que me permitiu aprender um pouco de piano. No banco do instrumento, encontrei várias partituras, em geral de músicas românticas. Eu anotava as músicas favoritas dos clientes e dizia para voltarem na noite seguinte, com a promessa que até lá eu seria capaz de atender aos pedidos. Na manhã seguinte, Pomba Dourada e eu vasculhávamos as lojas de artigos usados. Às vezes, éramos bem-sucedidas. Nossos clientes também indicaram suas preferências para uísque, cerveja e charutos. Todos os dias, usávamos os lucros da noite anterior para comprar os melhores charutos e as melhores bebidas, que vendíamos a preços cada vez mais elevados. Usei a técnica da minha mãe de lembrar os nomes de cada cliente, para chamá-los pelo nome quando os recebesse todas as

noites. Eu conversava com eles um pouco, o suficiente para poder fazer algumas perguntas que davam a impressão de que estavam em casa: “Recebeu outra carta da sua namorada?”, “Sua mãe melhorou de saúde?”. Eu demonstrava preocupação, dava parabéns e desejava boa sorte. Descobri que esses pequenos gestos traziam nossos clientes de volta no dia seguinte e no outro seguinte também. Em seis meses, o negócio transbordou. Encontramos uma casa em outro beco, com espaço para alugar no andar inferior. Havia vários pianos abandonados e não faltavam músicos em busca de emprego na cidade. Chamamos nosso segundo pub de “Lulu’s”.

Descobri que, quando se tratava de sucesso, Pomba Dourada era insaciável. Ela vendia brandy, vinho do porto e licores especiais de qualidade cada vez melhor, a preços cada vez mais altos. Os *pubs* davam um bom dinheiro, mas Pomba Dourada nunca achava que era o suficiente. Havia outras oportunidades, dizia ela, que quem soubesse aproveitar faria fortunas. Ela sabia disso porque nos bares muitas vezes escutava os homens ocidentais falando sobre novos negócios. Tinha talento para a espionagem. Nossos clientes não suspeitavam que uma chinesa falasse inglês o bastante para entender as conversas. Ela exibia o rosto sempre sorridente de uma mulher que não entende nada e, portanto, era invisível no meio deles.

Depois de ouvir muitas conversas, ela veio com a ideia de montar um pequeno clube social no qual os homens de negócio pudessem se reunir em um ambiente mais reservado e silencioso do que um *pub*. Também seria mais discreto do que o Clube Americano e outros lugares onde todos iam. Alugamos os cômodos de uma casa mais imponente – havia vários imóveis assim, deixados vagos por empresários que haviam chegado cheios de planos e ido à falência. Mobiliamos o local com sofás, pequenas mesas redondas com toalhas, palmeiras, detalhes de bronze e piso de mármore. As melhores telas de Danner decoravam as paredes. As outras estavam sendo negociadas por um *marchand*, um antigo amigo de Danner que era honesto e nos ajudou a vendê-las uma de cada vez e por um preço justo. Chamamos o local de A Pomba Dourada. Além de boas bebidas alcoólicas, servíamos chá. Em vez de cantar músicas no piano, contratamos um violinista e violoncelista que tocava Debussy. Reservamos pequenas salas privativas, onde os homens poderiam conversar sobre negócios e fechar transações. Na condição de *hostess* de um clube sofisticado, eu usava roupas simples mas de bom gosto. Como fazia nos bares, saudava os nossos “convidados”, como nós chamávamos os clientes, pelo nome. Pomba Dourada contratou os garçons e os treinou. Ela controlava a quantidade de bebida que deveria ser servida nos copos: trinta mililitros e algumas gotas. Observava e registrava as preferências de cada cliente e o que ele pedia, para que, na ocasião seguinte, eu pudesse oferecer a mesma mesa e perguntar se ele gostaria do mesmo pedido que havia feito da última vez.

Pomba Dourada gostava de cuidar do que acontecia nas salas privativas. Retirava os copos vazios e voltava com outros limpos e cheios. No meio desses clientes seletos, os segredos eram mais lucrativos. Ficávamos sabendo quais negócios novos haviam se transformado em sucesso imediato, quais tinham se afundado rapidamente e também descobríamos os motivos. Soubemos que alguns bancos tinham informações antes do tempo que permitiam controlar a maior parte dos lucros. Sabíamos como eles faziam isso. Também ficávamos a par de estratégias ilegais, uma delas envolvendo os funcionários de quatro empresas diferentes que haviam inflacionado os números de vendas para impressionar um

investidor ingênuo. Sabíamos como identificar as trapaças.

– Sabemos mais do que a maioria das pessoas como ganhar dinheiro – falou Pomba Dourada. – Só precisamos decidir em qual negócio vamos começar para usar nosso conhecimento.

Não precisei de muito tempo para descobrir qual era.

Em Xangai, os mesmos produtos podiam ser comprados por chineses e por ocidentais, mas não nas mesmas lojas. A barbearia preferida dos ocidentais logo abria uma filial dedicada aos chineses de posses. Um salão de cabelereiros para mulheres ocidentais tinha um equivalente voltado para as chinesas ricas. Em outras palavras, tudo o que fazia sucesso entre os estrangeiros não demorava para encontrar uma ávida clientela entre os chineses endinheirados. Quando abrimos nosso clube para clientes chineses, descobrimos que Pomba Dourada não se beneficiava mais das vantagens do segredo: os clientes sabiam que ela falava o idioma e evitavam mencionar seus segredos na frente dela. E eu não sabia o suficiente para entender o que diziam, até aprender a arte de ficar em silêncio e guardar tudo na memória. Pomba Dourada saudava os “convidados” e eu tinha de ouvir e depois relatar a ela o que eu conseguia lembrar. No primeiro dia, eu repetia as frases mais usadas: “Quando você voltou?”, “Quando vai viajar?”, “Isso não faz sentido”. Em menos de um ano, eu conseguia entender por inteiro qualquer conversa sobre negócios. Eu tinha um vocabulário especial para nomes de animais, flores e brinquedos por ter aprendido com a Violet, que aos quatro anos falava inglês e chinês, ensinado pela ama, com a mesma fluência.

Se um cliente estava em busca de um acordo de comércio exterior com uma empresa americana, Pomba Dourada falava algo sobre uma possível “nova amizade”. Eu fazia a mesma coisa com os clientes ocidentais. Os clubes gêmeos forneciam as peças do quebra-cabeça necessárias para os acordos de comércio exterior. Com pequenos sucessos, ganhávamos uma retribuição modesta, mas no caso das maiores transações recebíamos recompensas consideráveis. Finalmente, começamos a cobrar uma taxa e uma porcentagem dos lucros. Pomba Dourada continuava inquieta e transmitia sua inquietação para mim. Quanto mais rico o cliente, mais emocionante o negócio e mais dinheiro poderíamos ganhar.

– Se quisermos atrair homens mais ricos, temos de abrir uma casa de cortesãs de alta categoria. Sei de uma com boa reputação e que a dona pretende vender.

Dois anos mais tarde, abrimos um lugar que combinava os dois lados do nosso negócio: um clube social para os ocidentais e uma casa de cortesãs para os chineses. Chamamos de Casa de Lulu Mimi, em chinês, e de Caminho Oculto de Jade, em inglês. O caminho referia-se ao meio, lugar em que os dois lados se encontravam.

– Daqui a dez anos – provoquei Pomba Dourada –, você será dona de dez países e em vinte anos terá mais de quarenta. Você não tem limites. Sofre da doença do sucesso. – Ela gostava de ouvir isso.

– Tenho o bastante hoje, mas gostaria de voltar para o passado e mudar o que aconteceu. Há dez anos, tive que sair de uma casa de cortesãs com o rosto quebrado. Hoje sou dona de um dos melhores estabelecimentos de Xangai, e para ser bem-sucedida mesmo preciso me transformar em uma mulher desocupada, nunca apressada e talvez até um pouco preguiçosa.

Eu não era calma nem desocupada. Precisei assumir a parte dela do trabalho. Depois de uma semana, quando ela viu meus olhos afundados pela falta de sono, disse que seria um pouco menos preguiçosa. Eu acho que ela queria um reconhecimento pelo tanto que havia trabalhado e, dali em diante, nunca deixei de ressaltar os esforços dela.

Em meio às tardes e festas noturnas, eu brincava com Violet, lia histórias, dava banho enquanto cantava músicas em inglês e chinês, e repetia muitas vezes o quanto eu a amava, enquanto a acomodava na cama, e esperava que caísse no sono. Aqueles eram os nossos hábitos de amor. Ela podia confiar em mim. A ama cuidava dela pela manhã, enquanto eu ainda estava dormindo. De vez em quando eu arrumava um amante, sempre com o cuidado de escolher um que tivesse menos dinheiro, poder ou inteligência. Avaliava os candidatos, como havia feito com os garotos quando tinha dezesseis anos, preferindo os mais experientes e dispensando os mais tolos. Usei esses homens de maneira egoísta e com avidez, sem levar em conta os sentimentos deles. Eu me permiti os preâmbulos emocionantes da luxúria e a satisfação dos meus desejos, mas não a paixão inebriante nem qualquer prelúdio que pudesse ser confundido com amor. Meu amor pertencia a Violet. Aos quatro anos, ela havia se tornado uma criança exigente e eu achava bom: ela não ficaria confinada em seus pensamentos.

Mais ou menos nessa época, descobri que o coração também pode se comportar como uma criança voluntariosa e agir de acordo com a expectativa. Se meu coração acelerava, eu concluía que estava na hora de me livrar daquelas telas odiosas que Lu Shing tinha me dado. Eu olhava para o retrato que ele pintou quando eu já via sinais de incerteza, mas teimei em confiar. Ou teria sido apenas uma esperança tola? Gostaria de olhar de perto e invadir aquelas pupilas grandes e escuras, o portal para uma garota estúpida que se apaixonou por um pintor. Por meio desses olhos pretos brilhantes ele tinha visto um espelho de seus desejos, a minha vontade de satisfazê-los para ser quem ele acreditava que eu era. Então, eu observava a outra pintura, *Vale do Encantamento*, sempre com uma sensação ruim por ter acreditado na ilusão do “meu eu legítimo”, que me pedia para preservar minhas qualidades originais. Eu não sabia quais eram, mas estava determinada a não aceitar mudanças ou influências. Permiti que Lu Shing fizesse mudanças. Com que facilidade eu tinha descartado a mim mesma! Tinha deixado a paixão me guiar e escolher o meu rumo na vida, em direção a um vale dourado que não existia, a uma cidade do outro lado do mar. Viajei para esse lugar imaginário e cheguei perto de perder o juízo, o coração e a alma. Voltei com a determinação de ser mais esperta do que o amor. Eu ainda estava determinada a encontrar Teddy. Ele era meu por direito, mas sempre que eu pensava nele sentia uma raiva assassina. Eu sentia a dor por ter embalado em bebê que tinha me reconhecido e sorrido para mim. Tentava lembrar da carinha dele e via o rosto de Lu Shing olhando para o filho e preferia expulsar essa lembrança da minha mente.

O único ser ao qual eu iria me entregar livremente era Violet. Eu era a referência dela, a pessoa que determinava as horas do amanhecer e do anoitecer, que criava as nuvens quando apontava para o céu, aquecia o dia ao tirar um agasalho ou determinava que estava frio ao oferecer seu casaco. A pessoa que descongelava os dedos frios com a magia da minha respiração, que apresentava o perfume doce das violetas levando a flor para perto do nariz dela, que a via bater palmas ao ouvir que eu a amava – e amaria sempre, em qualquer lugar, para que ela soubesse o que representava para mim. Ela era minha razão de viver.

UM DOS NOSSOS primeiros clientes no Caminho Oculto de Jade era um homem sedutor chamado Fairweather – um nome que, eu falei, já servia como advertência para ficar longe dele. Ele respondeu que tratava-se de um apelido carinhoso dado por seus muitos amigos. Eles o convidavam para jantares e festas e sabia que, se ele tivesse condições, devolveria a gentileza. E era isso o que iria fazer um dia em dobro, quando seu barco chegasse em Xangai. Para mim, ele confessou em uma ocasião que tinha sido um jovem impetuoso que acabou deserdado pela família rica. Tinha esperanças de fazer fortuna ou reconquistar as boas graças de seu pai – se conseguisse as duas coisas, melhor.

No início, vi nele uma lembrança do meu primeiro amante: o deus grego com cabelos escuros e olhos azuis. Mas ele era claramente mais interessante do que os homens do meu passado recente. Para começar, ele admitiu desde o início que pretendia me fazer gozar na escuridão da noite e rir sob a luz do dia. Achei a petulância dele muito engraçada.

– A senhorita pode me evitar, senhorita Minturn – falava ele em um tom humorado e bajulador –, mas vou esperá-la como Rousseau esperou pela madame Dupin.

Ele adorava lançar mão de referências históricas pretensiosas, fazer alusões obscuras e citações longas para sugerir que tinha cultura. Eu consumia a sagacidade dele como se fosse ópio. Uma semana depois que nos conhecemos ele já estava na minha cama – e, para o meu azar, ele se revelou um amante com mais conhecimento sobre as mulheres do que sobre todas as outras coisas. Tinha disposição para ouvir as queixas femininas e as desgraças do um coração solitário, que em seguida ele compensava com uma solidariedade ilimitada e o aconchego embaixo dos lençóis.

Assim, ele ouviu todas as minhas perdas inesperadas, as traições que feriram meu espírito, minha culpa pelos danos causados a outras pessoas, os momentos de solidão autoimposta. Escutou relatos sobre minha necessidade de proximidade e meu arrebatamento pelo imperador saído dos contos de fadas. Consolou-me pela perda de Danner e de Teddy e pela morte da minha confiança em todas as pessoas. Eu falava cada vez mais, porque em troca ele me dava as palavras que eu precisava ouvir: “Você está enganada, é claro que merece ser amada”.

Diante dessas falsas consolações, revelei todos os meus segredos, e mais tarde ele roubou tudo o que eu tinha de mais precioso.

São Francisco

Março de 1912

Lulu Minturn

Antes que Xangai desaparecesse da minha visão, eu já tinha revirado o barco da popa à proa, de bombordo a estibordo. Mais de dez vezes passei com furor pela porta da nossa cabine, esperando que Violet aparecesse como em um passe de mágica. Chamei o nome dela em todos os lugares, até minha voz desaparecer no vento. Quase enlouqueci com a possibilidade de ela estar Xangai. Eu tinha prometido que não iria embora sem ela. Ainda podia ver o rostinho, sua expressão preocupada enquanto eu me apressava para arrumar os baús, pensando no que seria necessário na nossa nova casa. Eu estava alegre, em parte para aliviar o medo e a dúvida de Violet. Mas ela não podia ser acalmada.

Eu tentava acreditar que ela e Fairweather simplesmente tinham perdido o navio. Que

não tinha conseguido a certidão de nascimento exigida e o visto ou não se apresentaram no cais a tempo. Mas depois lembrei do mensageiro que me entregou um bilhete de Fairweather dizendo que eles já estavam a bordo e que eu deveria encontrá-los na parte de trás do navio. Agora ficava claro que ele tinha mandado o bilhete para ter certeza que eu iria embarcar. Mas o que significava aquilo? Comecei a procurar detalhes do plano dele. Ele disse que precisaríamos levar a certidão de nascimento de Violet, mas o documento não estava na minha gaveta. Ele pode ter roubado na última vez que frequentou a minha cama. Em várias ocasiões ele me viu abrindo a gaveta. Assim que eu saí, ele deve ter levado Violeta de volta para o Caminho Oculto de Jade. O que mais ele poderia ter feito com ela? Maldito bastardo. Imaginei a cara brava de Violet e Pomba Dourada tentando acalmá-la. Pomba Dourada poderia explicar como eu tinha sido enganada, que levaria um mês para chegar a São Francisco e outro para voltar para Xangai. E quando eu voltasse, sabia que ela ainda estaria furiosa, porque eu tinha ignorado seus medos e a deixado nas mãos de um homem de quem ela nunca gostou – na verdade, chegava a desprezar. Para ela, não importava se eu a tinha deixado por artifícios ou insanidade. Eu a tinha abandonado.

Quanto mais eu imaginava seu rosto, mais meu medo crescia. Havia algo de terrivelmente errado. Ele não deve ter levado Violet para o Caminho Oculto de Jade, para que Pomba Dourada soubesse o que ele tinha feito. Ela procuraria as autoridades e ele seria preso. Pomba Dourada provavelmente achava que Violet estava no navio comigo. Mas por que ele queria ficar com ela? Ele achava que ela era uma chata. Mas aí tive um palpite: talvez ele tenha vendido a menina. Quanto valeria uma bela garota de quatorze anos para em uma casa de cortesãs? Desde que pensei nessa possibilidade, não conseguia de me livrar do pavor de que fosse verdade. Fui até um homem com um uniforme branco.

– Preciso falar com o capitão do navio imediatamente – pedi, e ele explicou que era um garçom.

Corri até o restaurante e perguntei ao *maitre* como poderia chegar ao capitão.

– Eu preciso enviar uma mensagem urgente. Minha filha não está no navio.

O pânico tomou conta de mim e perguntei a todos que passassem vestindo um uniforme branco. O comissário chegou.

– Infelizmente, essa situação não é rara. Uma pessoa embarca e outra não chega a tempo. Mas depois tudo dá certo.

– O senhor não está entendendo – falei. – Ela é apenas uma criança nas mãos de um bandido. Eu prometi que iria esperar. Ela confiava em mim. Por favor, eu preciso enviar uma mensagem.

Ele respondeu que só era possível mandar mensagens para fins de segurança e em emergências.

– Dane-se a segurança! Isso é uma emergência. Como você pode ser tão estúpido? Se eu não posso enviar uma mensagem, tomara que esse navio afunde!

O médico do navio apareceu ao meu lado. Ele me disse que, assim que chegássemos a São Francisco, eu poderia voltar para Xangai.

– Você acha que sou burra? O navio demora um mês para chegar a São Francisco e mais um mês para voltar a Xangai. Onde minha filha estará em dois meses? Eu tenho que voltar agora. Tem bote salva-vidas aqui, não tem? Me diz onde estão. Onde estão os coletes salva-vidas? Eu vou voltar a nado, se não tiver outro jeito.

O médico de bordo disse que iria providenciar um bote salvavidas e um marinheiro para me ajudar a remar, mas antes era preciso que eu me acalmasse. Ofereceu um pouco de chá e comida para suportar a jornada de volta.

– Beba isso – disse ele –, vai fazer bem para seus nervos. E fez mesmo, porque passei dois dias dormindo.

ACORDEI COM UM enjoo violento e a sensação de que estava saindo de um pesadelo. Durante o resto do mês refiz cada detalhe do que tinha acontecido, como se eu juntasse os fios, amarrasse um no outro para depois rasgar tudo e recomeçar o trabalho. Via Violet no Caminho Oculto de Jade, no meu escritório, chorando ao lado de Pomba Dourada, me amaldiçoando. Depois a vi em uma casa de cortesãs, com olhar de terror, prestes a ser deflorada. Vi seu rosto quando, cercada de medo e de dúvidas, Fairweather a levou para longe. O que eu tinha feito com ela? Qual mal?

Quando chegamos em São Francisco, um homem estava me esperando no cais. Ele me entregou uma carta e partiu. Abri, senti minhas pernas desaparecerem e desabei no chão. Era um comunicado do consulado americano, dando a triste notícia de que Violet Minturn Danner tinha morrido ao atravessar a Nanking Road. Testemunhas disseram que ela saiu correndo para longe de dois homens e gritou que estava sendo sequestrada. Infelizmente, os homens fugiram antes que pudessem ser presos.

Não era verdade. Só podia ser mais um truque. Onde estava o mensageiro que me entregou o envelope? Pedi a todos que estavam ali que alguém me levasse a uma delegacia. Depois de vinte minutos, consegui um veículo para me levar. Na delegacia, esperei mais de trinta minutos para que alguém falasse comigo. Eles passaram uma hora tentando me acalmar. Uma mulher finalmente foi comigo a uma agência dos correios, onde eu poderia mandar um telegrama para Pomba Dourada.

Como era noite em Xangai eu teria de esperar por uma resposta. Fiquei sentada em frente ao correio até o telegrama chegar.

Minha querida Lulu,

Sinto muita tristeza em dizer que é verdade. Violet morreu em um acidente. Fairweather desapareceu. O enterro foi há três semanas. Mandarei uma carta.

Com afeto,

Pomba Dourada

Seu eu apenas tivesse perdido Violet, lamentaria minha vida inteira. Mas eu também sabia que, antes de morrer, eu havia destruído a certeza de que eu a amava. Eu sabia dessas verdades terríveis porque tinha sentido a mesma coisa quando o amor me abandonou. Não eram esses os ferimentos que ela levou ao deixar esta vida. Sentia minha alma esfolada enquanto imaginava o sofrimento dela em suas últimas horas. Não importa como aconteceu, se foi acidente, descuido ou má intenção, ela achou que foi abandonada. Eu não conseguia parar de ver o medo nos olhos dela. O terror crescia na minha mente, o pavor de achar que tinha sido trocada por um pedaço de papel – uma certidão de nascimento falsa que me permitiria chegar a um bebê que eu tinha segurado no colo por menos de dois dias.

Ela sempre foi uma menina observadora, talvez até demais, como eu também fui no

passado. Ela sabia o que era errado e que era evidente. Conseguia enxergar com clareza o que poderia ser destruído pelo egoísmo. Ela via aquilo em mim: um orgulho egoísta, um amor egoísta, uma tristeza egoísta. Eu consegui forças para alcançar o que eu queria, mas tinha deixado de ver que ela estava bem na minha frente.

Ela achava que eu amava meu filho mais do que a ela, a ponto de deixá-la para trás. Ele era o bebê que eu tive em meu colo por poucos instantes. Ela era a filha que viveu agarrada às minhas saias durante quatorze anos. Eu tinha me enganado ao achar que ela estaria sempre lá e que eu poderia dar a ela tudo o que ela precisava na hora ou logo em seguida. Eu a conhecia tão bem, a amava tanto e a havia poupado tanto conforme ela crescia e se tornava mais independente, como eu achava que era na idade dela. Era assim que eu justificava dedicar todo o meu tempo ao trabalho. Eu tinha esquecido que na idade dela eu não era independente. Eu vivia sozinha e me feria a cada dia, achando que eu tinha menos importância do que um besouro morto ou um par de sapatos manchu resgatado de um palácio que pegou fogo.

Se ela estivesse aqui, eu gostaria de dizer que eu não amei o bebê mais do que a ela. Eu era obcecada por uma ilusão que começou quando eu tinha dezesseis anos e que eu não conseguia abandonar. A raiva me levou a reivindicar a concretização de todos os meus sonhos tolos. O bebê fazia parte da ilusão e agora, finalmente, eu também poderia deixá-lo ir embora.

FUI PARA CASA. Ela não tinha sido vendida nem estava ocupada por estranhos, como cheguei a achar. Tinha sobrevivido ao terremoto, como a senhorita Huffard contou em uma de suas cartas. Minha mãe e meu pai ainda moravam lá e não estavam em frangalhos, como que achei que estariam. Minha Mãe segurou minha mão com doçura e chorou. Meu Pai se aproximou e beijou minha face. O senhor e a senhora Min-turn tinham morrido, contou minha Mãe, com um tom que me pareceu respeitoso. Não falamos sobre o que tinha acontecido.

Durante meses tivemos uma vida rotineira, dividindo as refeições, mas vivendo com distância. Não fingíamos estar alegres. Agíamos com educação e moderação, e nos pequenos gestos reconhecíamos o dano que havíamos feito uns aos outros. De vez em quando, eu notava que minha Mãe me lançava um olhar trágico. Ela ainda cuidava do jardim, mas não a vi mais se recolhendo em seu escritório para observar seus insetos. O âmbar tinha sido colocado de lado. O escritório do meu Pai estava despojado de suas coleções e eu trancava na mente as lembranças do Caminho Oculto de Jade. Para mim, agora tinha a mesma importância que um montinho de areia.

As noites tornaram-se silenciosas. Não havia mais festas, onde meu pai brilhava. O senhor Maubert ainda vinha jantar três vezes por semana. Estava com as costas curvadas e mais baixo do que eu. Eu tocava piano para ele e ele dizia que essa era sua maior felicidade em vários anos. Ele precisava de muito pouco.

Seis meses depois da minha volta, contei a meus pais:

– Eu me casei com um homem bondoso chamado Danner e eu tive uma filha, mas perdi os dois.

Enquanto eu chorava, eles se aproximaram e puseram seus braços ao meu redor. Choraram também e nós sabíamos que estávamos chorando por todo o sofrimento que

tínhamos causado e que iríamos sofrer para sempre.

Março de 1914

Durante dois anos, Lu Shing mandou cartas postadas de São Francisco e de Xangai. Em todas, ele me disse que havia esperado por mim no hotel onde tínhamos combinado de nos encontrar. Repetia sempre que estava pronto para me levar para ver meu filho. Ele acrescentou que sua esposa havia concordado em me deixar ver o menino e que ele me levaria, mas lembrava que o filho dele estava emocionalmente ligado à família Lu. Seu filho era o herdeiro e não sabia que tinha sangue ocidental. “Devemos poupá-lo desse choque de sua ascendência complicada”, falou Lu Shing. Eu ficava tomada pelo ódio quando lia essa parte das suas cartas. Será que ele achava que seria capaz de ferir intencionalmente qualquer um dos meus filhos?

A vigésima carta dele, que chegou há duas semanas, repetia muito do que ele já me tinha dito em Xangai. Mas, desta vez, tinha uma confissão nova:

Uma vez, falei que nossos nomes estavam ligados pelo destino: Lucia, Lu Shing. Nossos nomes eram o sinal de que iríamos nos reconhecer um no outro e um quadro nos fez sentir que pertencíamos um ao outro. Eu ainda acredito que você faz parte de mim. Mas, por meio das muitas maneiras como eu falhei com você, você me mostrou quem eu realmente sou. Você não acabou com as minhas dúvidas, mas me obrigou a ver como eu sou fraco. Você queria profundidade de espírito, mas não percebeu que não havia mais nada de mim para dar. Você vive em lagos profundos. Eu flutuo em águas rasas. Temo que esta seja sempre a verdade da minha arte, como é a verdade do meu caráter. Finalmente, neste momento da minha vida, eu posso me livrar de dúvidas e aceitar que eu sou menos do que o que eu tinha a esperança de ser, muito menos do que você acreditou que eu era. Sou medíocre, Lucia. Eu não estava tentando comover você. Nasci com um coração pobre. Lamento que minhas falhas tenham ferido você tanto assim.

Eu respondi:

O bebê que perdi tinha dois dias de nascido e o nome dele era Teddy. Eu não o conhecia além dessas horas em que ele esteve nos meus braços. Depois de tantos anos infrutíferos procurando por ele, finalmente entendi que o bebê que eu estava tão desesperada para encontrar não existe. Lu Shen não é aquele bebê. Ele é seu filho, unicamente seu, assim como Violet é minha, só minha. Ela é a única filha que eu perdi. Ela é a única pela qual meu coração lamenta e vai passar anos infrutíferos procurando, ainda que ela esteja morta.

A cidade no fundo do mar

Entre a Mão de Buda e Xangai

Junho de 1926

Violet

Charme tinha dito que, quando a gente chegasse ao alto da Mão de Buda, daria para ver a cidade lá embaixo. Mas não foi o que aconteceu. Olhei para Cabaça Mágica e para Pomelo e as duas estavam mordiscando os lábios. Abrimos nosso caminho e seguimos pelo pequeno vale, ainda agarradas à nossa esperança teimosa, e não vimos nada até chegar no final do gramado verde e nos acomodarmos bem na beirinha. No alto, através das minhas lágrimas dava para avistar as estrelas, dez mil pontinhos brilhantes sobre um fundo escuro. Quando olhei para baixo através dessas mesmas lágrimas, consegui enxergar outros dez mil pontinhos. Deixei a dúvida de lado e disse para mim mesma que não era uma concentração de estrelas refletidas em um lago, nem uma nuvem de vagalumes, nem folhas piscando sob os raios prateados do luar. Enxuguei as lágrimas e vi exatamente o que eu queria ver: uma cidade, com dez mil luzes brilhantes nas janelas.

Começamos a gritar: “Sabia que era lá!” “Alguma coisa me dizia que era aqui!” “Imaginei com bastante força e virou realidade!”

As estrelas e a lua iluminavam nosso caminho pela estrada sinuosa. Estávamos tão animadas que nem Cabaça Mágica nem eu notamos que Pomelo tinha ficado para trás e mal conseguia se arrastar com aqueles pés inchados. Nós nos aproximamos dela e acomodamos cada um de seus braços sobre nossos ombros. A alegria era tanta que nossos espíritos pareciam flutuar, livres de qualquer peso.

Conforme nos aproximávamos da cidade, respirei fundo e enchi meus pulmões de ar fresco, certa de que estávamos prestes a encontrar algo que não conhecíamos até o dia anterior. Eu já tinha me preparado para o pior, mas agora a expectativa era boa: queria um lugar limpo para repousar, um banho morno, um chá quente e uma pera saborosa. Imaginei um rio e o caminho de volta para Xangai. Nenhuma dessas expectativas era impossível.

Pomelo insistiu para que procurássemos sua amiga Charme, que tinha fugido no ano anterior. Queríamos que ela visse que havia salvado nossas vidas.

Pegamos dois riquixás para nos levar até a Casa da Charme. Cabaça Mágica e eu nos acomodamos em um deles e Pomelo ficou sozinha no outro. Ela soltou um gemido, ergueu os pés e suspirou profundamente. Depois de dez minutos chegamos na Casa da Charme, que

não era nada extravagante, mas tinha uma elegância clássica, bem adequada a uma cidade modesta. Quando a criada nos anunciou, Charme deve ter pulado da cama em menos de dois segundos, pois veio correndo em nossa direção ainda de camisola, abraçou Pomelo, olhou bem para o rosto dela e a apertou com força.

– Eu não estou sonhando, não é? – Gritou ela. – Eu não tinha razão? Aquele maldito mentiu para nós. Tinha uma trilha por ali, sim.

– Perpetual está morto – anunciou Pomelo, sem nenhuma emoção.

Charme recuou.

– O quê? Você tem certeza?

– Certeza absoluta. Vimos o corpo e o rosto dele. Mas meus pés doem demais para continuar falando disso...

Charme orientou a criada a levar a amiga para seu quarto e tirar todas aquelas ataduras. Mandou preparar água quente com ervas para limpar os pés feridos e aliviar o inchaço. Depois mostrou onde ficavam nossos quartos, lindas alcovas. A criada encheu a banheira com água quente o bastante para esfoliar as camadas ásperas da pele e recuperar a suavidade perdida. Quando saí daquele banho, outra criada me envolveu com toalhas. Vesti uma calça e uma blusa folgadas e outra criada arrumou uma mesa com chá e uns aperitivos, que eu devorei como se fosse uma camponesa morta de fome – e eu era isso mesmo. Assim que terminei a xícara de chá, deitei e dormi pesado e só acordei no final da manhã.

Nós nos acomodamos na mesa para tomar o café da manhã e Pomelo disse que estávamos tão serenas que parecíamos outras pessoas. Mas sempre que eu amaldiçoava Perpetual, sentia um tremor e ficava esperando uma pancada ou um golpe que me jogasse no chão. O medo tinha virado um hábito e eu sabia que ia precisar de tempo para me livrar dele.

Passamos boa parte do dia descansando nossos músculos doloridos. Duas empregadas massageavam nossas pernas e nós nos revezávamos lembrando mais uma vez de como havíamos ajudado umas às outras. Todas tinham o mesmo medo, mas as três haviam sobrevivido para fazer dele uma lembrança e isso bastava para nos transformar em irmãs pelo resto de nossas vidas. Deixamos Pomelo contar do seu jeito como tinha sido a morte de Perpetual e, ao falar, ela reviveu tudo aquilo em sua mente. Ela contraiu o rosto quando descreveu o esforço que teve de fazer para passar por aquelas pedras, como se caminhasse descalça sobre brasas. Era tanta agonia que quase cegava, mas o sol não desistia de irradiar aquele calor cruel. Havia tigres à espreita na floresta escura e ela saltava ao ouvir o menor ruído.

Pomelo se aproximou de nós e nos abraçou.

– Elas foram mais bondosas do que uma irmã. Poderiam optar por salvar apenas a si mesmas, mas preferiram arriscar suas vidas para me ajudar.

Em uma atitude de humildade, dissemos que ela não precisava falar tanto assim sobre o que tínhamos feito. Finalmente, Pomelo chegou na parte em que Perpetual estava na trilha logo abaixo dela. Ela começou a tremer, me agarrou e olhou para o chão. Deu para ver que ela estava lá outra vez, naquele caminho íngreme e cercado de pedras. Seus olhos se arregalaram, o rosto se contorceu, ela engasgou e ficou um tempo sem conseguir falar. Com as duas mãos, fez um gesto como se empurrasse alguma coisa; aquelas rochas imaginárias

pularam e voaram, uma dúzia delas, segundo Pomelo. Mas bastou uma para cumprir a missão.

– Muitas vezes eu desejei que ele morresse – sussurrou ela. – Pensei em matá-lo. Mas se soubesse o que eu iria ver... O olhar dele, a consciência do que ia acontecer... Um horror grande demais para imaginar, até que eu o vi lá jogado, retorcido como as raízes de uma árvore, com o rosto parecendo uma massa vermelha... Aí eu me perguntei: fui eu que fiz isso? Como isso aconteceu? Agora vou lembrar sempre dele assim, sem rosto. Maldito – com raiva, ela enxugou uma lágrima. – Eu o odeio por ter me feito matá-lo. Ele tirou a minha humanidade.

Mais tarde, naquele mesmo dia, falamos das vezes em que Perpetual nos enganou. Todas negamos que tivéssemos chegado a amá-lo. Fomos levadas a achar isso. Comparamos os poemas, as promessas, os presentes e as histórias sobre a família dele. Ah, é? Ele disse isso para você também? Ficamos juntando os caquinhos das mentiras para ver o que poderia ser verdade. Será que havia alguma coisa boa?

– Os poemas ruins eram dele – sentenciou Cabaça Mágica. – Por que alguém iria roubar uma coisa tão horrível?

Charme deu sua explicação:

– Ele tinha algum problema mental, que talvez tenha começado quando o pai dele caiu em desgraça.

– Pois eu me recuso a sentir pena – falou Cabaça Mágica. – O passado dele não é desculpa, é apenas a história dele.

Eu não perdoei Perpetual, mas sabia bem como era aquela sensação de ter sido traída por mentiras que consideramos verdades. Era como uma rachadura na parede atrás de você que não para de abrir, mas você só percebe quando a casa toda cai na sua cabeça.

À PRIMEIRA VISTA, dava para achar que a cidade de Mountain View tinha menos encantos do que Moon Pond, cercada pelas montanhas. Porém, depois de umas voltas a gente via pessoas animadas, água transparente e ruas limpas. Moon Pond parecia uma ilusão de ótica: era bonita de longe, mas bastava ficar presa nela para descobrir que o lago não passava de um pântano, que as casas estavam prestes a desmoronar e que as pessoas, de tanto sofrer, tinham se tornado desconfiadas e mesquinhas.

Pomelo decidiu ficar em Mountain View. Com a sua parte do dinheiro, iria trabalhar com Charme. A cidade estava crescendo, assim como a concorrência entre as casas de cortesãs.

– Voltem para me visitar – falou ela, e Cabaça Mágica respondeu:

– Venha *you* nos visitar em Xangai, quando sentir vontade de comer um peixe fresquinho.

Cabaça Mágica e eu ganhamos vestidos limpos e Charme explicou:

– Assim as pessoas de Xangai não vão perceber que vocês vieram de onde vieram.

Pegamos a carruagem rumo à cidade mais próxima, que ficava a dezesseis quilômetros de distância. O lugar se chamava Oito Pontes por causa das pontes que cobriam o rio, largo e profundo o bastante para acomodar barcos de passageiros. Deste lado da Montanha do Céu, orientou Charme, havia estradas, rios e trens que levavam a Xangai. Do lado da montanha onde estava Moon Pond, as pessoas ficavam condenadas às piores partes do

passado.

– Também tivemos de sofrer para chegar até lá – lembrou Cabaça Mágica.

Chegamos a outro porto, comemos um prato local feito com pimentas e peixe de rio e passamos a noite ali. Alugamos uma carroça e fomos para outra cidade à beira do rio, onde pegamos outro barco. Quanto mais nos aproximamos de Xangai, maiores ficavam os barcos e melhor a qualidade das pousadas e da comida. Não se viam mais carroças puxadas por mulas, lama nas ruas e carroceiros com linguagem chula. Duas semanas depois de nos despedirmos de Charme e de Pomelo, em Mountain View, descemos na estação de trem de Hangzhou. Vestimos as nossas roupas limpas, examinamos nossos rostos e lamentamos ao constatar que não tinha como esconder o fato de que, em apenas um ano, nossa pele havia envelhecido o equivalente a uma década.

No caminho para Xangai, Cabaça Mágica sugeriu que deveríamos abrir nossa própria casa de cortesãs. Começou a falar sobre o tipo de mobília e os detalhes especiais que não demorariam para fazer a fama da Casa da Cabaça Mágica.

Eu tinha meus planos e queria começar com uma visita a Loyalty Fang. Desta vez não iria pedir um favor, mas sim um emprego.

Outubro de 1926

Não fui para a casa dele, mas me dirigi ao escritório da empresa. Ele estava sentado em sua mesa e ficou atordoado.

– Será que estou sonhando?

Não nos víamos havia mais de um ano e ele parecia bem diferente agora. Estava na meia-idade, mas ainda era bonito, talvez ainda mais atraente do que antes, porque agora seu rosto exibia os traços da maturidade e da personalidade. Pelo menos foi o que eu achei.

Ele sorriu.

– Senti falta de você.

Ele se levantou e se preparou para dar a volta na mesa para me cumprimentar do jeito habitual: com um beijo, um tapinha no traseiro e um respiro profundo para absorver o meu perfume, como se fôssemos uma dupla de cachorros.

– Não precisa se preocupar em ser educado – falei, enquanto me sentava. – Somos velhos amigos.

Ele concordou com a cabeça.

– Esqueci que você é casada. E como vai o casamento com aquele caipira? Já enjoou de ficar olhando para as montanhas e as cachoeiras?

– O Perpetual morreu.

O sorriso dele desapareceu.

– Sinto muito.

Eu não podia demonstrar o que estava sentindo de verdade.

– O casamento já tinha acabado antes da morte dele. E aqui estou eu de volta, para começar tudo outra vez.

Ele pediu um chá, que foi servido em xícaras de porcelana com pires fabricados pela empresa dele.

– Você parece revigorada. Dá para ver que a paisagem e o ar puro fizeram bem para você.

– Seu mentiroso. Envelheci dez anos naquele lugar miserável.

Costumávamos fazer brincadeiras um com o outro, mas desta vez a provocação dele era mais dolorosa do que engraçada. Eu sabia que não estava mais atraente do jeito como ele estava acostumado a me ver (bem menos elegante, com certeza) e isso tinha um motivo. Tinha escolhido um vestido chinês azul-pálido com um casaco cinza e meu cabelo estava ajeitado em um coque simples. Não queria dar margem a erros de interpretação em relação ao que estava prestes a pedir. Não estava vestida para seduzir ninguém.

– Preciso de um emprego – falei.

– Fique tranquila que vou ajudar você. Hoje vou fazer uma lista das casas que estão indo bem e falar tudo o que sei sobre cada uma delas. Você vai poder escolher a que preferir e eu me encarrego de dar boas referências sobre você.

– Na Casa da Cortesãs Idosas? Tenho vinte e oito anos, não sou mais uma menina ingênua com um futuro incerto pela frente. Não quero voltar para aquela vida inútil, quero um trabalho na sua empresa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Como assim? – Perguntou em meio a um sorriso discreto.

Consegui manter a calma.

– Você sabe que eu tenho outras habilidades, além de conseguir arrancar presentes da sua carteira. Entendo o mundo dos negócios porque cresci no meio dele. Ouvi a conversa de muitos empresários enquanto jantavam na casa da cortesã. Cheguei a dar a minha opinião em uma festa que você promoveu, quando nos conhecemos. E, como você sabe, falo inglês, mandarim e o dialeto de Xangai muito bem.

Loyalty parecia achar aquilo tudo divertido.

– Qual a sua proposta? Quer ser a vice-presidente?

– Quero um emprego de intérprete para as atividades feitas com outros países. Não vou me limitar a traduzir as palavras, como fazem os tradutores formados nas escolas de inglês. Sei bem como eles são por causa do Caminho Oculto de Jade. Eles erram tanto que podem fazer alguém comprar um burro em vez de uma empresa. Sou bem melhor do que qualquer dicionário ruim, pois posso ajudar com as sutilezas de uma negociação. Aprendi isso com minha mãe. Se eu me sair bem e estiver qualificada para outras funções, você pode me promover. Se eu não atender a essas expectativas, você pode me rebaixar para um cargo tedioso. Ou me demitir. Ou eu posso pedir demissão.

Ele ficou sério.

– Há alguns anos, eu disse que você era surpreendente e era isso o que me fascinava, mas agora você está ainda mais surpreendente. Estou realmente intrigado com a possibilidade de você trabalhar na minha empresa. Porém, não posso dar um emprego simplesmente porque conheço você de uma condição bem diferente. Você é mulher e nenhum dos meus clientes confiaria no que você está traduzindo.

– Você pode me colocar numa sala sem janelas e me deixar traduzir cartas e documentos, anúncios e placas, que, por sinal, estão cheias de erros que deixariam você constrangido, se soubesse do que se trata. Se tivesse sido um aluno melhor em inglês, saberia como eu sou qualificada.

– Você me pede para trabalhar para mim e já está me criticando, antes mesmo de começar? Tudo bem, mas você vai ter que mostrar o seu valor. Por favor, não conte com

nenhuma forma de proteção da minha parte.

– E você acha que alguma vez eu já contei com isso? Vou provar que dou conta do trabalho e pretendo fazer isso em um escritório sentada numa cadeira, e não na sua cama. Essa etapa da minha vida ficou para trás.

DUAS SEMANAS DEPOIS, Loyalty me elogiou e disse que eu era indispensável. Além do meu trabalho com a correspondência e os documentos, sugeri que ele desse um nome em inglês para a empresa, em vez de contar apenas com uma denominação em chinês, que traduzida para o código ocidental era “Jing Huang Mao”.

– Nenhum americano é capaz de pronunciar isso, como eles vão lembrar da sua empresa?

Sugeri que o nome em inglês fosse Golden Phoenix Trading. Mandei fazer cartões e embalagens com o novo nome e Loyalty me contratou em período integral.

Agora que eu podia contar com um emprego, tinha chegado a hora de cumprir a promessa feita para mim mesma, minha razão de viver e o único motivo para suportar o que passei em Moon Pond. Eu queria encontrar a Pequena Flora, saber se ela estava bem, e também me aproximar da minha mãe. Depois que Flora foi levada, finalmente li a carta que Lu Shing me escreveu – sobre a dor da traição e minha suposta morte. Ele prometeu que não contaria a minha mãe que eu estava viva, que não diria nada sobre mim a não ser que eu autorizasse. Se ele cumpriu mesmo a promessa, minha mãe acredita que estou morta. Eu sempre a tinha julgado do ponto de vista de uma criança prejudicada. Ela nunca deveria ter ido embora, nunca deveria ter acreditado na minha morte. Mas a minha tristeza por ter perdido Flora foi me transformando aos poucos. Eu via Flora com os olhos maternos, e agora via minha mãe do mesmo jeito. Nós duas tínhamos medo que nossas filhas não fossem amadas e que se sentissem abandonadas. Talvez Flora não lembrasse nada sobre mim, a não ser que eu a deixei se afastar dos meus braços. Mas queria que ela soubesse e sentisse que eu sempre a amei muito. Estava pronta para dizer a minha mãe que eu sabia que ela me amava. Eu não a odiava mais.

Mesmo assim, eu não conseguia perdoá-la pelo que tinha acontecido. Ela tinha sido enganada, é verdade, mas tudo começou por causa dela. Suportei todas as consequências e não foi apenas sofrimento emocional. Mas, afinal de contas, o que significa perdoar alguém? Apagar a culpa dela? Esperar uma recompensa no céu? Qual poder divino poderia me fazer perdoar, mesmo sabendo que eu nunca conseguiria? Desejei ser capaz de perdoar e acabar com aquela dor dentro de mim. Mas faltava uma parte do meu coração – bem a parte onde no passado o perdão e a confiança eram possíveis. Essa parte estava vazia e não tinha mais nada para dar.

– Quero que você me ajude a chegar até Lu Shing – falei para Loyalty. – Ele sabe o endereço da família Ivory em Nova York, e o endereço da minha mãe, em São Francisco.

– Eu posso conseguir o endereço da Ivory Shipping Company – falou Loyalty.

– Não quero levantar suspeitas. Eles acabariam contando para o pessoal da família Ivory que você andou procurando o endereço e mandariam seus espiões descobrir os motivos. Em todo caso, quero deixar claro para Lu Shing a importância que Flora tem para mim. Ele é o avô dela, tem de assumir a responsabilidade. Assim que conseguir o endereço da família Ivory, mandamos uma carta no seu nome, mas quem vai escrever sou eu, claro. Na carta a

gente explica que você foi um grande amigo do Edward na época em que tinham negócios com a Ivory Shipping Company. Vamos dizer que vocês passaram muito tempo juntos no primeiro ano em Xangai, antes que ele me conhecesse, e que você tem algo que pertencia a Edward e que ele emprestou para você. A gente fala que você guardou quando soube da morte do amigo porque, na época, não sabia como fazer nem para quem devolver. Assim eles não vão desconfiar que você me conhece. A gente fala que só há pouco tempo você soube que ele tem uma filha que mora em Nova York, e que você gostaria de mandar as abotoaduras para a menina como uma lembrança do pai. O pacote vai chegar antes do Natal e você vai aproveitar para mandar um presente, uma pulseira, por exemplo, como presente de Natal do tio Loyalty. Isso mesmo, você vai ser apresentado como um tio! Pode dizer que está seguindo a tradição chinesa de assumir o papel de tio para os filhos dos amigos queridos. Uma família como a do Edward costuma zelar pelas boas maneiras e provavelmente irá orientar Flora para que ela escreva uma carta de agradecimento. Assim, todos os anos, o tio Loyalty terá uma desculpa para mandar um cartão e um presentinho. Quando Flora mandar a carta de agradecimento, uma pequena parte dela irá chegar para mim.

– O seu plano parece bom – falou ele. – Gosto da ideia de virar tio da Flora. Entendo que você queira se aproximar da sua filha, mas por que da sua mãe também? Uma vez você me disse que a odiava.

– Eu já odiei até você.

– Sério? – Ele perguntou, parecendo magoado.

– Só um pouco e não por muito tempo. Até você se livrar daquela mulherzinha vulgar que depois tentou me prejudicar. O que eu sinto pela minha mãe é bem mais difícil, mas eu me sinto preparada para contar a ela que eu estou viva.

Não consegui me virar rápido o bastante para esconder minhas lágrimas.

Ele se aproximou e me abraçou.

– Eu vou achar um jeito – garantiu.

LOYALTY ENTROU EM contato com todos os amigos que poderiam ter conhecido Lu Shing. Um deles tinha ouvido falar que ele estava em São Francisco e pediu a um amigo que morava lá para encontrá-lo.

– Em São Francisco, todos os chineses se conhecem – explicou para Loyalty.

Mandamos a minha carta para esse amigo, que a fez chegar até as mãos de Lu Shing. Em um mês, recebi a resposta.

Minha querida Violet,

Agradeço por ter escrito para mim, pois sei como isso foi difícil para você. Os endereços da sua mãe e da família Ivory estão em uma folha de papel à parte, anexa a esta carta.

Penso em você com frequência. Você pode achar difícil de acreditar, mas é verdade. Como você não respondeu a última carta que mandei, atendi a seu pedido de não dizer nada para a sua mãe, que eu não voltei a ver depois do encontro em Xangai, em 1912. Ela nunca me procurou. Depois de vários esforços para me comunicar com ela, finalmente recebi uma carta em 1914. Ela me dizia que não quer me encontrar nunca

mais – nem o filho dela. Como eu expliquei na última mensagem, ela sofre muito por você. Mora com os pais na mesma casa onde cresceu. Isso é tudo o que eu sei, uma vez que ela se recusa a me ver.

Se eu puder ajudar em mais alguma coisa, por favor me avise.

Com afeto,

Lu Shing

Algumas semanas antes, eu tinha acabado de escrever uma carta para a minha mãe, mudando algumas partes várias vezes. Quando recebi o endereço enviado por Lu Shing, reli outra vez a mensagem e, com o coração aos saltos, mandei para ela.

Querida Mãe,

Sei que para você é um choque saber que estou viva. Quatorze anos se passaram, vários deles bem difíceis para mim, mas não vou entrar em detalhes nesta carta. Eu não conseguiria contar tudo o que aconteceu. Mas acho que basta dizer que estou bem.

Recebi uma carta de Lu Shing, na qual ele me contou que você não sabia que a notícia da minha morte era falsa. Ele me disse que você se culpou e nunca abandonou o luto. Quando ele me revelou isso, eu não conseguia escrever para você e o fiz prometer que não iria contar nada. Eu ainda tinha um coração de criança e não aceitava nenhuma explicação para a sua partida de Xangai. Jurava que meu ódio não passaria nunca.

Mas agora eu tenho coração de mãe. Perdi minha filha quando ela tinha três anos e meio. O pai dela morreu durante o surto de gripe espanhola e a família dele a tirou de mim à força, em 1922. Há quase quatro anos, vivo o luto por uma filha viva. Não sei de nada sobre ela e cada vez aumenta mais o meu desespero para que ela saiba que não foi abandonada. Tenho pavor de pensar que talvez ela acredite que eu não a amava. Tenho medo que ela fique como eu: uma garota que se sentiu traída pelo amor, depois se recusou a amar e não consegue identificar nem acreditar nesse sentimento. Ela precisa saber que eu a amei desde que ela nasceu, mais do que ninguém no mundo. Hoje ela tem sete anos e eu gostaria que você me ajudasse a encontrá-la. Preciso saber se ela está feliz.

Uma vez, quando eu ainda tinha coração de criança, cheguei a acreditar que você me abandonou e odiei você por isso. Sei que você deve ter sofrido por eu achar isso. Hoje sinto o mesmo tormento, de forma profunda e constante. Embora eu não consiga perdoá-la por completo, não quero que o seu tormento dure mais tempo.

Sua filha, Violet

A resposta da minha mãe foi escrita às pressas e chegou cheia de borrões, que suspeitei que fossem marcas de lágrimas.

Minha querida Violet,

Eu tive de reler a primeira linha de sua carta uma dúzia de vezes para ter certeza de que era verdade. Saber que você está viva me tirou do inferno do meu próprio coração, mas voltei a outro quando vi que aconteceu o que eu mais temia: você acreditou que meu amor por você não foi suficiente para salvá-la. Não há desculpas para o fracasso de

uma mãe e vou carregar esta marca negra na minha alma para sempre.

Será que saber que eu quase enlouqueci naquele navio quando suspeitei o que aconteceu com você poderia aliviar seu coração pelo menos um pouquinho? Saber que pedi ao capitão para fazer o barco voltar e fui sedada para não tentar me jogar no mar atrás de você? Quando recebi a carta do consulado e depois outra de Pomba Dourada, as duas confirmando sua morte, fiquei imaginando quais tinham sido seus últimos pensamentos – que eu não amei você da mesma forma como amei um bebê fantasma. Durante catorze anos, acordei todos os dias vendo seu rosto assustado olhando para mim, enquanto eu prometia que não iria deixá-la sozinha. Revivi cada erro que cometi e que acabaram levando à sua morte. Eu mesma me condenei por minhas fraquezas. E sempre acabava vendo seu rosto apavorado na minha frente.

Sei que não posso esperar pelo seu perdão, mas considero a sua iniciativa de me escrever uma carta como um enorme gesto de bondade. E sou grata por você me pedir ajuda para encontrar a sua filha, agora com a compreensão partilhada de como se sente uma mãe afastada de seu filho. Aceito essa missão não como penitência, mas com a plenitude do meu amor.

Eu queria dizer muitas coisas para você, minha querida Violet, mas sei que não devo deixar minhas emoções transbordarem ainda mais. Então, vou me limitar a dizer que espero que você um dia acredite, sem nenhuma dúvida, que no meu coração nunca houve nada mais valioso do que você.

Sua Mãe

Minha mãe e eu começamos a tentar uma aproximação por meio da troca de correspondências. Ela entendeu muito bem minha necessidade de encontrar Flora, minha filhinha indefesa e inocente, mais sujeita a ser influenciada pelos pensamentos e sentimentos dos outros. E minha mãe também tinha razão por achar que eu me confortaria em saber que a minha perda havia causado sofrimento, embora a descrição que ela fazia do meu rosto assustado e a referência à perda de confiança servissem para reabrir minhas feridas.

Na carta seguinte, ela revelou a força do otimismo que a permitira construir o Caminho Oculto de Jade. “Nada é impossível”, escreveu. “Nós temos de preservar a persistência e ter criatividade. Vou entregar sua filha de volta para você”. Eu me sentia grata e mais esperançosa do que nunca com a determinação dela. Se fosse qualquer outra pessoa eu talvez considerasse aquilo um conjunto de palavras de consolo, mas eu sabia que minha mãe não desistia nunca. Ela era capaz de fazer o que ninguém mais sequer cogitava.

As cartas iam e voltavam cada vez com mais frequência. Contei a ela sobre Flora e depois sobre Edward, no início informando apenas os fatos, mas depois incluindo também as emoções que cercavam aqueles acontecimentos. Ela me escreveu sobre um memorial que havia construído no seu jardim e no qual cultivava violetas. A lápide tinha sido substituída por uma fonte para os pássaros. Falava muito sobre um homem chamado Danner (e não Tanner; quando eu era pequena eu entendia o nome errado), que havia ajudado a conseguir a minha cidadania norte-americana. Nós duas tínhamos certeza de que a família Ivory sabia da existência da minha certidão de nascimento e havia subornado alguém para destruir o documento. Ela me disse que poderia ver isso, se eu quisesse. Lembramos de Pomba Dourada, de tudo o que eu lembrava dela e do que minha mãe acabou me revelando sobre

ela – uma mestra e protetora, capaz de vencer os obstáculos e depois empilhá-los como se fossem tijolos. “Sem ela eu provavelmente teria continuado sendo aquela garota americana impotente com a própria estupidez e covardia”, escreveu minha mãe.

Nas cartas iniciais, ela parecia bem mais disponível do que eu. Os pais dela eram estranhos, ela dizia, e eu não escrevi que eu agora compreendia de onde vinha toda a esquisitice dela. A cada mensagem, ela falava mais sobre o pai e a mãe dela.

Eu confundi as esquisitices dos meus pais com gestos inimigos e a negligência deles com falta de amor. O descaso é um assassino discreto do amor e o descuido age como cúmplice. Mas as esquisitices deles desaparecem com a idade, substituídas por uma fragilidade que espera a todos nós. A mãe e o pai contra os quais eu havia me revoltado não existem mais. Eram pessoas novas, mais suaves e mais cativantes, confusas com essa mudança. Eles precisavam de mim. Quando morreram (meu pai se foi primeiro, depois minha mãe) eu senti muito de verdade, especialmente pela parte deles que eu havia me recusado a ver quando era criança.

Minha mãe, aquela que havia me criado em Xangai, também não existia mais. Tinha sido substituída por uma nova pessoa, ao mesmo tempo estranha e familiar. Eu precisava parar para pensar antes de decidir se eu podia confiar nela ou não. Ela me permitiu ver quem ela era por meio da vulnerabilidade que a atingira quando perdera seu coração, sua alma, sua confiança no mundo e sua filha. Agia com honestidade e às vezes chegava a chocar, quando fazia confissões que nenhuma mãe dividiria com a própria filha com tamanha liberdade.

Hoje tremo só de lembrar das palavras assassinas que arremessei contra minha mãe e meu pai. Eu disse para a minha mãe que todo mundo falava mal dela pelas costas, comentando que ela passava anos dentro do quarto observando os insetos que haviam morrido milhões de anos antes. Para meu pai eu disse que havia lido as cartas das amantes dele e depois gritei os apelidos vulgares e ridículos que ele havia recebido em retribuição a suas proezas sexuais. O furacão do sexo! Ele quase morreu de vergonha. Olhando para trás, me arrependo por tê-los condenado com tanta violência só para justificar meu amor por um pintor medíocre. Felizmente, meu mau gosto na arte resultou em você. Que bom que você não pode ver meu rosto ruborizado quando lembro o que achei de tão maravilhoso naquele pintor chinês e como eu acreditava que aquelas pinturas eram obras-primas deslumbrantes. Meu Deus! Só vou dizer isso, Violet. Você tem sorte por ter puxado a aparência do seu pai.

Nossas cartas eram frequentes, às vezes quase que diárias. Aos poucos, dividi com ela os principais momentos da minha vida. No início eu não falava daquele tempo na casa das cortesãs, mais ou menos na época em que a Pequena Flora nasceu e quando Edward morreu. Descrevi Perpetual como minha última esperança de ter dignidade. Admiti que eu conheci Loyalty na casa de cortesãs, mas não contei nada sobre a “compra” da minha virgindade. Quando o assunto era sexo eu me mantinha discreta, porque essa conversa sempre me lembrava que, afinal de contas, ela era minha mãe. Não fazia diferença o fato de termos tido a mesma profissão.

Porém, sob muitos aspectos, eu me sentia livre para falar sobre minhas esperanças, desesperos e momentos de felicidade com mais espaço do que teria com qualquer outra pessoa. Eu estava começando a entender tudo isso e muitas vezes não me via escrevendo para ela, mas para mim mesma, para meu correspondente espiritual, para a criança solitária que eu fui, para a mulher que um dia desejou ter nascido de outra pessoa. Ela falou algo parecido sobre o ato de escrever para mim e comparou as cartas aos corredores de uma casa, que começam em extremidades opostas e nos quais entramos com apreensão – mas o sentimento se transforma em assombro quando nos encontramos em um ambiente comum que sempre existiu.

Sob um aspecto muito importante ela era a mesma mãe que conhecera em Xangai, dona da persistência e determinação que haviam permitido transformar o Caminho Oculto de Jade em um sucesso. Ela dedicou as mesmas qualidades à busca da Pequena Flora. Depois que o plano já estava em andamento, ela me disse o que tinha feito.

– Aluguei um chalé em Croton-on-Hudson, a menos de um quilômetro do lugar onde Flora mora. A cidade é bonita e tediosa o bastante para proporcionar uma calma forçada e bastante tempo para espiar.

Ela não demorou para descobrir qual era a escola de Flora (Chalmer's School for Girls), qual igreja ela frequentava (metodista) e onde aprendia equitação (Gentry Farm Stables). Minha mãe chegou a assistir a uma peça da escola (*Whispering Pines*), fazendo de conta que era uma caçadora de talentos agindo com discrição para um famoso produtor de cinema de Hollywood. Essa identidade fictícia abriu as portas para ela.

– Consegui um lugar na primeira fila – ela se orgulhava.

No dia seguinte ela comunicou com pesar ao diretor da escola que não havia encontrado a estrela mirim que o famoso diretor queria, uma garota com traços mediterrâneos e morenos e temperamento forte. O diretor garantiu que nenhuma de suas alunas correspondia a essa descrição. Então, minha mãe habilmente elogiou a peça e se ofereceu para trabalhar como voluntária nas aulas de teatro.

– Já fui atriz – falou ela. – Uma atriz de filmes mudos ou com poucas falas, por isso pouca gente reconhece o meu nome, Lucretia Danner. Nunca fiz um papel principal, sempre o de ex-namorada do protagonista e, mais recentemente, interpretei a mãe de uma noiva malcomportada.

Ela citou alguns: *O Caminho Oculto de Jade*, *A Dama de Xangai*, *Jovens Barões...* O diretor disse ter ouvido falar alguma coisa sobre alguns dos filmes. Minha mãe explicou que ela e seu marido haviam vivido em Manhattan, mas que gostavam de passar os finais de semana em Croton-on-Hudson.

– Ele adorava essa cidade. Não ter nenhuma obrigação para cumprir é um luxo nessa vida, não é? Mas eu acho que a gente sempre pode ser útil.

Ela foi aceita como voluntária em duas peças encenadas na escola naquele ano. Ajudou a projetar os cenários, confeccionar os figurinos e a ensinar a dicção adequada para cada personagem, e se gabava de estar se saindo muito bem. Porém, ela não pôde fazer nada quando aquele diretor idiota deu a Flora um papel tímido de espantalho em uma peça e a pôs em um coral estridente formado por três vacas leiteiras que ficavam mugindo em outra montagem.

Quando chegava uma carta postada em Croton-on-Hudson, meu coração quase saía pela

boca. Minha mãe prometeu mandar relatórios detalhados e me contar se a menina estivesse feliz. Se estivesse triste, ela também me diria.

Flora tem o mesmo espírito independente que você demonstrava ter na idade dela, mas ela também não parece se importar com ninguém em especial. Como você deve lembrar, no teatro da escola ela ficou com o pequeno papel de um dos três espantalhos em um campo invadido por pássaros. Depois que a peça terminou, aquela família horrível (Minerva, a senhora Lamp e a senhora Ivory) caíram como abutres em cima da menina. Não vi sinal nem ouvi uma menção sequer ao senhor Ivory. Deve estar inválido ou morto. As três mulheres elogiaram o desempenho de Flora, que não se mostrou feliz nem orgulhosa. A indiferença dela me preocupou, mas depois lembrei que você, quando era criança, tinha períodos em que fingia não ligar para nada. Além disso, a peça foi horrível e não tinha cabimento elogiar uma menina por ficar de braços abertos, como se fosse a irmã gêmea de Jesus vestida com um macacão xadrez.

Porém, preciso dizer que nunca vi Flora manifestar nenhum carinho por Minerva. Nunca procura por ela. E nisso é bem diferente de você, que nessa idade vivia querendo chamar atenção.

Gostei de saber que Flora não era muito ligada a Minerva, mas depois fiquei preocupada. Se Flora não conseguia sentir satisfação ou orgulho, não era nada bom. Se fosse incapaz de sentir amor por alguém, era trágico. Eu esperava que sua falta de sentimento tivesse mais a ver com as pessoas repugnantes que viviam ao redor dela. Poucos dias depois, recebi outra carta da minha mãe:

Flora é educada com os professores e generosa com as outras alunas, mas ninguém parece ser especial para ela. Ela não procura as pessoas e as pessoas também não a procuram. Na escola, prefere ficar sozinha. Tem uma árvore favorita e um esquilo que vem comer na mão dela. Ela fica ali, observando os outros. Parece ser completamente apaixonada por seu cavalo de pelagem castanha, que fica no local onde ela tem aulas de equitação. E seu companheiro favorito é um cachorrinho alegre, de orelhas pontudas e cor de pano sujo – descobri isso quando, sem querer, abri um buraco na cerca de hera que protege a propriedade da família Ivory. O cachorro fica correndo ao redor dela, faz brincadeiras e emite latidos estridentes. Fiz uma consulta na biblioteca e, depois de pesquisar na enciclopédia todas as coisas que começam com as letras C e D, concluí que o cachorro é um cairn terrier, que só tem talento para cavar buracos e roubar comida. Vou arrumar um para mim em breve.

“Tio Loyalty” recebeu uma carta muito bem escrita enviada por Flora, em agradecimento pelas abotoaduras de seu pai.

– Ela tem uma letra muito bonita para uma criança de sete anos – observou ele.

Devagar, Loyalty começou a ler em voz alta as palavras escritas em inglês: “Caro senhor Fang...” Senhor Fang? Por que não “tio Loyalty”?

Ele parecia confuso, como se tivesse sido renegado por um filho. Havia desenvolvido sentimentos intensos em relação a Flora pelo simples fato de me ajudar com o meu plano para me aproximar dela. Eu falei que ele não deveria ficar decepcionado nem deixar de

mandar outro presente no próximo ano.

MINHA IMPORTÂNCIA NA empresa de Loyalty cresceu e passei a participar das reuniões com clientes de outros países. Eu era apresentada como secretária e registrava tudo o que era dito. Como o intérprete se incumbia do trabalho oficial, eu assumi o papel de espiã. Com os clientes que falavam inglês, eu era apresentada como a secretária que só se comunicava em chinês. Para os chineses, eu era uma estrangeira. Combinamos que durante as reuniões em duas ocasiões Loyalty e o intérprete seriam chamados para fora da sala pelo menos duas vezes, dando oportunidade para que os clientes conversassem em liberdade, certos de que eu não entendia nada. Quando olhavam para mim, eu devolvia um sorriso amigável. Depois, eu passava a Loyalty um relato sobre as preocupações dos clientes com a qualidade, os prazos de produção, os concorrentes mais baratos e a honestidade.

Eu passava outras informações. Muitos dos novos clientes frequentavam as casas de diversão da moda e discutiam maneiras de escapar do encontro que Loyalty queria promover em uma casa de cortesãs. Falei que essas casas estavam saindo de moda e que algumas tinham fama de explorar os clientes. Por um tempo, ele resistiu à minha sugestão de criar uma conta em um dos clubes mais apreciados. Loyalty já havia atingido a fama de empresário sofisticado e de sucesso, mas mudou muito pouco com o tempo. Usava as mesmas roupas, que eu dizia darem a aparência de não ser mais tão bem-sucedido. Finalmente ele cedeu e comprou ternos novos, que usava quando ia ao Blue Moon Club (do qual se tornara sócio com a minha ajuda) e não demorou para se transformar em cliente favorito, sempre acomodado à mesa de sua preferência.

– Violet, sua inteligência não para de me surpreender – ele falou no dia em que sugeri que oferecesse lembranças de Xangai aos clientes norte-americanos.

Desde que havíamos nos conhecido na casa de cortesãs, ele sempre dizia que eu era “surpreendentemente” isso ou aquilo. Eu deveria encarar como um elogio, mas, considerando a nossa história, tinha a impressão de que queria dizer que ele esperava menos de mim. Eu tinha medo que ele parasse de se surpreender, querendo dizer que eu havia atendido apenas às expectativas mais baixas. Um dia, falei para ele que aquele jeito de falar me incomodava.

– Por que é ruim dizer isso? Meus outros intérpretes não fazem nada de surpreendente. Você sempre será uma surpresa para mim, porque é melhor do que os outros. E isso não vale apenas para seu trabalho, mas também pelo que é para mim. Essa é a sua natureza, que eu aprecio e é a razão pela qual sempre te amei.

– Não é verdade que você sempre me amou.

– É claro que amei. Mesmo nas duas vezes em que você se casou eu não deixei de amar você. Em todos esses anos, nunca amei ninguém como amo você.

– Você quer dizer “ninguém” além da sua esposa, não é?

– Por que você insiste nisso? Você sabe que foi um casamento arranjado e estamos divorciados agora. Nós nos casamos só para ter nosso filho. Por que você não acredita em mim? Será que vai ser preciso falar com ela pelo telefone? Posso telefonar agora mesmo.

– Por que estamos falando desses assuntos antigos? A partir de hoje, você pode dizer que sou surpreendente, mas não repita que me ama, porque eu sei em qual parte do meu corpo você quer colocar esse amor.

– Tanto anos passaram e você ainda não sabe aceitar bondade e amor quando alguém oferece...

Quatro meses depois de começar a trabalhar na empresa de Loyalty, nós dois não resistimos à antiga intimidade que havia entre nós. Tive de admitir que ele me fazia rir mais do que me magoava. Ele gostava de mim e eu gostava de suas atenções na cama. Sob vários aspectos, ele me conhecia bem. Mas nosso relacionamento também tinha mudado. Eu não media o afeto dele pelo número de presentes que me dava, nem sentia os mesmos medos e incertezas por esperar a decisão dele sobre vir me ver ou não. Ele não decidia nada: não era meu cliente e eu não era a sua cortesã. Eu morava no meu apartamento e o via no escritório todos os dias, além de outras duas ou três vezes por semana. Eu o chamava de “amigo” e não de “amante”, como ele sugeria.

– Um amigo não é tão especial como um amante – reclamava.

– Cabaça Mágica é uma amiga e somos muito ligadas. Um amante pode ser um homem que está perto de seu corpo.

Eu disse que queria um amante confiável e fiel, e não alguém que me faria ficar com suspeitas assim que saísse das minhas vistas mesmo que apenas por meia hora, tempo suficiente para flertar com outra mulher e combinar alguma coisa em algum outro lugar. Ele havia feito isso. E, além disso, ainda ia a casas de cortesãs.

– Qual homem não olha para uma mulher bonita e não imagina algo mais? Isso não é infidelidade, é só curiosidade. Se você encontrasse um homem como esse que você descreve, eu diria que tem algo errado com ele. Será que você realmente sairia com alguém assim?

– Você não espera honestidade e confiança nos negócios? Se suspeitasse que um sócio ou empregado está enganando você, não perderia a confiança na hora de novas negociações? Talvez ache que eu devesse esperar menos de você porque eu era uma cortesã e os clientes não precisam ser fiéis, nem mesmo com um contrato. Mesmo quando eu trabalhei nesse mundo, eu queria um amor tão intenso capaz de eliminar seu interesse por qualquer outra mulher. Talvez você seja incapaz de dar esse tipo de amor. Você me diz que eu quero demais e talvez seja verdade mas, assim como você e sua imaginação, não sei ser de outro jeito.

Em várias ocasiões eu terminei o nosso relacionamento, muitas vezes o acusando aos berros de ser um maldito infiel que me dava um amor falso, outras vezes insinuando que alguns dos nossos momentos particularmente doces tinham sido fingimento, o que o magoava muito.

– É você quem quer a separação – ele lembrava sempre que eu insistia em terminar tudo.

– Quem é confiável e constante?

O raciocínio dele era enlouquecedor, mas ele dizia que meus sentimentos não tinham nenhuma lógica.

Ele continuou a ter seus casos pelas minhas costas, visitando casas de cortesãs pelo menos uma ou duas vezes por semana. Um dia, vi um presente embrulhado em uma seda vermelha dentro do bolso dele. Ele admitiu que estava indo para uma casa de cortesãs, mas o presente não era para ninguém em particular; que ele estava levando caso alguém cantasse bem ou contasse uma boa história. Meus sentimentos por ele desapareceram e foi estranho como isso aconteceu rapidamente. Em vez de ficar furiosa com aquelas mentiras, eu me senti livre. Foi quando percebi que poderia acabar com o relacionamento e me sentir bem. Estava calma quando disse isso a ele. Expliquei que éramos duas pessoas diferentes,

sem compatibilidade quanto ao que queríamos. Ele começou a falar sobre o tal presente, dizendo que era uma coisa que nem tinha custado muito. Mostrou um prendedor de cabelos. Eu respondi que não fazia diferença se ele havia ido a uma casa de cortesãs ou não. Eu simplesmente não o amava mais.

Ele ficou chocado e, aos poucos, seu rosto foi tomado pela tristeza.

– Vejo nos seus olhos. Finalmente aconteceu. Eu perdi você. Fui um estúpido por não tratá-la melhor. Sinto muito. – Ele ficou em silêncio. Seus olhos pareciam perdidos. – Todas as minhas fraquezas não queriam dizer que o meu amor por você era fraco. Eu tratei você mal e achei que você iria me perdoar. Afinal, você não perdoou sua mãe, mas me perdoou muitas vezes. Agora é tarde para consertar o sofrimento que eu causei, mas não posso suportar a ideia de que fiz você desacreditar no amor ainda mais. Você tem de acreditar que eu sempre a amei. Desde o início, eu senti que você me conhecia. Quando estávamos separados, faltava sempre alguma coisa. Não importa quantos amigos estavam comigo, eu me sentia sozinho. Estava insatisfeito, não importa o sucesso que eu alcancei. Nunca quis admitir isso, Violet, mas com você eu me senti criança de novo, inocente e bom. Imagine isso! Loyalty, tão bem-sucedido e apenas um menino travesso, que acordava no meio da noite assustado por amá-la tanto, precisando tocar seu rosto para ter certeza de que você estava lá. Era como se você protegesse uma parte oculta de mim. E, quando você não estava, eu achava que ia morrer sozinho. Gostaria de ter dito isso para você muito tempo antes.

Havia lágrimas em seus olhos.

Aceitei aquele menino e desisti da separação. Mudei para a casa dele. Ainda brigamos (um pouco menos), mas sempre admitimos que nos amamos. Nós não declaramos que nos amamos, nem professamos isso com a vertigem de um segredo revelado. Simplesmente admitimos.

Uma tarde, quando voltamos do enterro de um primo, ele me disse:

– Violet, você precisa me prometer que não vai morrer antes de mim. Eu não poderia suportar. Sem você, eu perderia o juízo.

– Como posso prometer isso? E como você pode ser tão egoísta e desejar morrer primeiro, me deixando sozinha e com todo o sofrimento?

– Você tem razão. É melhor você morrer primeiro.

Acabamos estabelecendo uma rotina de casal, reconhecível pelos hábitos, preferências e desgostos. Percebemos como nossos corpos se suavizaram com a idade, e como o ambiente de Xangai havia enlouquecido em meio a uma competição de decadência, que nós não achávamos nada agradável. Era estranho termos nos transformado em pessoas antiquadas. Concordávamos em mais coisas do que discordávamos e conseguíamos superar a maioria dos aborrecimentos, e apenas alguns dos defeitos dele reacendiam as brigas que haviam nos dilacerado no passado.

Estávamos juntos cerca de três anos quando Loyalty me confessou que cada vez tinha mais dificuldade para urinar.

Já acontecia havia um tempo, mas ele não quis me contar para que eu não achasse que ele estava preocupado, mas ele estava. Tentou minimizar o medo, dizendo que devia ser algo como “um resfriado do pênis”. Alguns dias depois ele viu sangue na urina e me contou com o rosto pálido. Marquei uma consulta com um médico.

Estávamos sentados de mãos-dadas quando o doutor nos disse que ele tinha câncer na próstata e ia precisar fazer radioterapia. O médico falou que a medida aumentaria as chances de cura e que, se não surtisse o resultado desejado, eles iriam recorrer a outro tratamento. Loyalty tinha medo que a radiação “encolhesse” seu pênis e seus testículos e que o “outro tratamento” envolvesse a amputação dos dois órgãos, transformando-o em um eunuco. Ele sempre se comportou como um homem forte e nunca mostrava ter medo de nada. Ver o desespero e o temor nos olhos dele chegou a doer em mim.

– Eu me recuso a deixar você ir – falei. – Lutamos muito por questões sem importância, mas agora eu vou lutar para mantê-lo aqui. Você conhece a minha força.

– Minha querida Violet, se a força da personalidade pode curar, em breve vou estar bom. Enquanto ele se submeteu ao tratamento proposto pela medicina ocidental, recorri a médicos chineses e a seus remédios. Comprei uma grande quantidade de cogumelos da imortalidade, no passado reservado aos imperadores.

Quando contei, Loyalty riu.

– Imortalidade? E onde estão esses imperadores?

– Foram assassinados por suas esposas.

Todos os dias, o médico chinês chegava com as agulhas de acupuntura. Fiz Loyalty praticar *gong chi*. Oferecia apenas alimentos frescos, para equilibrar o *yin* e o *yang*. Contratei um mestre de *feng shui* para livrar a casa dos espíritos ruins, sem me importar se eu acreditava ou não na existência de espíritos. Era a minha maneira de declarar o meu amor e deixar claro que faria tudo o que fosse possível.

– Eu tratei você tão mal e você ainda me ama – ele falou. – Você ainda está aqui. Você sempre surpreende, Violet. Tudo o que eu achava que era importante não é. A empresa, as casas de mulheres, nada disso permanece. Só você é importante, minha doce menina. Eu só quero você comigo até o fim dos meus dias, sejam eles muitos ou poucos.

– Ah, mas se eu conseguir curar você, será que vai dizer que a doença afetou seu cérebro e você não lembra do que disse sobre deixar de visitar as casas de moças?

De repente, a dor e o medo desapareceram do rosto dele. Ele parecia saudável outra vez. Pegou minha mão e disse:

– Por favor, Violet, case comigo. Não estou pedindo porque eu posso estar morrendo, eu já quis fazer isso muitas vezes no passado, mas você estava sempre com raiva de mim. Não havia momento adequado para declarar que temos de ficar juntos para o resto de nossas vidas quando você vivia gritando que nunca mais iria dividir a cama comigo.

Nós nos casamos em 1929. A família dele se opôs, pois ele estava se casando com uma mulher que não parecia ser uma chinesa legítima, sem histórico familiar a não ser algumas suspeitas. Eu havia derramado uma enxurrada de lágrimas por causa do casamento. Quando eu tinha quatorze anos, sonhava em me casar com Loyalty. Aos vinte e cinco, perdi a Pequena Flora por não ser casada oficialmente. Aceitei casar com Perpetual por desespero e medo pelo meu futuro. E agora eu me unia a Loyalty por amor. Um ano e meio após o casamento, os médicos anunciaram que o câncer havia desaparecido. Os médicos ocidentais e chineses disputaram os méritos, mas Loyalty disse que estava vivo por minha causa.

– Aquele monte de sopas saborosas e a sua insistência para eu tomar tudo – falou Loyalty –, nem o câncer conseguiu suportar e achou melhor ir embora. Todos os dias no café da manhã, ele beijava minha testa e me agradecia por permitir que ele visse uma nova

manhã. Ele me servia o chá, um gesto que demonstrava seu apreço e amor. Loyalty estava acostumado a ter outras pessoas tomando conta dos confortos de sua vida diária. Nunca precisou pensar em mim nem em ninguém.

Ainda brigamos algumas vezes, em geral por coisas mesquinhas. Perco a cabeça quando ele olha demais para uma mulher. Na maioria das vezes, o gesto não envolve nenhum interesse da parte dela, mas quando elas sorriam, ele sorria de volta. Se isso acontecia em uma festa, ele achava um motivo para se aproximar da moça e olhar mais intensamente. Mas se eu o acuso de desejar outras mulheres, ele nega com firmeza. A maneira como ele olhou é a sua maneira de olhar, garantia. Eu perguntava por que não acontecia a mesma coisa com os homens. Ele respondia que, ainda que seus olhos agissem, pelo menos ele não estava saindo com outras mulheres. Então, por que eu não poderia me dar por satisfeita? Aí caíamos na mesma discussão sobre a infidelidade dele e minha falta de lógica, eu acabava dormindo no outro quarto e ele batendo na porta trancada, às vezes, no meio da noite, e em outras durante duas noites seguidas.

Nossos melhores momentos eram as noites simples em que comíamos nosso jantar juntos e ele me beijava, agradecendo por preparar um prato de que ele gostava. Ouvíamos rádio e comentávamos as novidades sobre a Pequena Flora ou sobre minha mãe. Às vezes, eu lembrava do Caminho Oculto de Jade. Contava para ele como era ouvir as cortesãs falando sobre seus infortúnios, o que eu percebia no nervosismo dos homens nas festas e o que eu via e ouvia quando me escondia atrás das portas de vidro que separavam o boulevard do escritório da minha mãe. Pelo menos uma centena de vezes, relembramos a noite em que nos conhecemos, os dois acrescentando detalhes para exagerar o tamanho da Carlota ou o temor de Loyalty, até cair na risada quando ele contava que molhou as calças quando falei que teria de amputar o braço direito.

No final do relato, ele gostava de lembrar que:

– Você me disse para esperar que você crescesse e um dia nossos destinos iriam se unir. Eu era muito burro para fazer isso, mas olha só o que acabou acontecendo.

Então ele me levava para a cama, como sempre fazia quando falávamos sobre o nosso destino entrelaçado.

Em vários momentos, ele me via chorar em silêncio e largava o que estivesse fazendo para me abraçar, sem perguntar o motivo da minha tristeza. Ele sabia que tinha a ver com Flora ou Edward, ou como eu me senti quando minha mãe me deixou. Ele me envolvia como se eu fosse uma garotinha. Eram essas coisas que nos faziam ter certeza da intensidade do nosso amor, uma dor compartilhada que superava qualquer dor que tivéssemos causado um ao outro.

CABAÇA MÁGICA MORAVA a poucas quadras da nossa casa. Os ousados planos de abrir uma casa de cortesãs foram rapidamente esquecidos quando ela encontrou um cliente antigo, Harmony Chen, rico no passado e agora dono de uma modesta loja que vendia máquinas de escrever e “material de escritório moderno para empresas modernas”. Harmony tinha sido seu patrono e se lembrava bem dela. Dizia que nunca esquecera o movimento dos quadris da Cabaça Mágica e não se importava com o temperamento dela: casou-se com ela para poder apreciar aquele movimento todos os dias. Harmony dizia que ela o fazia rir sem parar.

– Ele é um bom homem – falou ela. – É atencioso. O melhor que se pode esperar da vida quando chega a velhice é boa comida, dentes bons para conseguir comer e poucas preocupações na hora de dormir. Um bom marido é um item extra e pode ajudar a ter mais ou menos preocupações. O meu marido me ajuda a ter menos.

Sempre que ela vinha me visitar, gostava de lembrar das dificuldades que enfrentou por minha causa. Seus olhos se iluminavam quando lembrava de algo novo:

– Lembra daquele homem que dirigia o carro, como era mesmo o nome daquele miserável? Peido Velho? Eu já te contei que ele me convidou para ir para a cama com ele? O desgraçado disse que deveríamos ir para o campo para ver como o milho estava grande.

– Que coisa horrível.

Ela bufou.

– Respondi que não precisava ir para o campo porque sabia que o milho era desse tamanho – e mostrava o dedo mindinho. – Ele passou o dia furioso, fungando.

Muitas vezes ela falava de Perpetual.

– Lembra daquela vez que o maldito começou a bater em você? Nunca contei que tentei empurrá-lo e por isso ele me deu um soco no olho que quase me cegou.

Eu agradei e ela moveu a mão com desdém.

– Não, não precisa agradecer. – Ela esperava eu agradecer outra vez e recomeçava. – Ei, e aquela noite que achamos que a cidadezinha toda ia pegar fogo? Acabei de receber uma carta de Pomelo e ela disse que foi apenas o quarto dela e um galpão. Ela ficou sabendo por uns homens de negócio que viajam entre Mountain View e Moon Pond. O caminho que passava pela Mão de Buda agora é uma estrada. Alguém foi esperto o bastante para transformar aquela pedra branca em santuário e o lugar está cheio de peregrinos que compram bolo de milho e cajados. Um deles achou o corpo de Perpetual, só alguns ossos e uns farrapos das roupas, além uma bolsa de couro onde tinha um poema. E tem mais! Nove meses depois da morte de Perpetual, Azure teve outro filho. Ela alegou que era dele, mas os rumores diziam que o pai de verdade era amante de sua empregada, que trabalhava na casa dela. Também diziam que a mãe do bebê era a empregada e o pai era Perpetual. Seja como for, Azure falou que era dela.

QUANDO MINHA MÃE e eu começamos a combinar a vinda dela para Xangai para me visitar, Cabaça Mágica fingia entusiasmo.

– Você vai ficar muito feliz por reencontrar sua mãe verdadeira...

Muitas vezes, eu tinha que tranquilizá-la e afirmar que ela tinha sido mais “mãe” para mim do que a minha mãe de verdade. Ela tinha arriscado a própria vida e sofrido por minha causa.

– Você sempre se preocupou comigo – eu disse. – Sempre.

– Isso é verdade. Mais do que você pensa.

– Eu também me preocupei com você.

Ela me olhou com desconfiança.

– Quando você ficou doente, eu achei que você podia morrer e me sentei ao seu lado da cama, segurando sua mão. Eu implorei para que você abrisse os olhos e voltasse para nós.

– Não lembro disso.

– Não lembra porque você estava morrendo. Acho que minhas palavras podem ter feito

diferença.

Se fizeram diferença ou não, Cabaça Mágica ficou bastante tocada.

– Você se preocupou? – Perguntou várias vezes. – Nunca ninguém se preocupou comigo em toda a minha vida. Só você.

Ela se preocupava sempre que eu ameaçava me divorciar de Loyalty. Eu não queria me separar para valer, só queria mostrar o tamanho da minha raiva. O motivo era sempre o mesmo: ele estava flertando com outra mulher. Ela vinha me ouvir e concordava com tudo o que eu falava. Ele estava agindo muito mal, sem pensar, de um jeito estúpido.

– Mas você não precisa se separar – dizia ela. – Tem uma erva que você pode colocar no chá e dar para ele. Ouvi dizer que ela corta o desejo e outras coisas. Não dá para fazer isso muitas vezes, porque o efeito pode ser permanente e isso é muito ruim para você também.

Ela acabava me convencendo que Loyalty não era tão ruim na comparação com outros maridos.

– Ele pode decepcionar você, mas nunca é mesquinho. Ele é bonito e um bom amante. Além disso, faz você dar risada. Quatro coisas importantes. A maioria das mulheres não tem nem uma sequer.

Xangai 1929

Minha mãe e eu finalmente concordamos que ela deveria vir para Xangai. Nós chegamos a escrever claramente “antes que seja tarde demais”, mas era isso o que estávamos dizendo de outras maneiras. Eu disse que não achava que era o caso de tentar desfazer o passado, falando do que poderia ter mudado o curso da nossa história. Havíamos criado uma relação de confidentes entre duas adultas, o que era mais do que amizade mas não chegava a ser uma relação de mãe e filha. Tivemos conversas íntimas por escrito, mas eram trocas sem rosto e separadas pela distância. As confissões e lembranças exigiam confiança, e embora as nossas palavras fluíssem livremente a maior parte do tempo, sabíamos que podíamos contar com a segurança de uma folha de papel, sem precisar explicar o motivo. Não nos preocupávamos em ofender uma a outra quando éramos contidas na escolha das palavras que envolviam uma mistura de sentimentos não resolvidos. Um encontro cara a cara em Xangai poderia nos expor a um passado doloroso e desfazer o que tínhamos construído e tinham importância para nós. Nós duas decidimos que valia a pena correr o risco. Avisei que talvez não quisesse abraçá-la e que não sabia o que eu iria sentir ao vê-la à minha frente. A situação poderia ressuscitar emoções que eu tinha esquecido e por isso ela teria de se preparar para o caso de eu não conseguir me jogar nos braços dela como faria uma filha que se alegra ao reencontrar a mãe. Ela concordou que provavelmente seria um fato estranho e imprevisível, e que ela estava preparada para uma possível distância entre nós. Pensei nesse encontro durante o mês que antecedeu a chegada dela e senti uma gama de emoções, desde a criança que havia se sentido traída até a mulher que sabia que eu tinha sido mais importante para ela do que Lu Shing e o filho dela. Eu a encontraria, sabendo que ela tinha sido atormentada e sofrido por minha causa, como eu sofria por Flora.

Enquanto esperávamos a chegada do navio, avisei Loyalty para não olhar para ela com aqueles olhares cheios de desejo.

– Como você pode achar que eu faria isso? – Ele perguntou, fingindo-se ofendido.

– Você seria capaz de olhar assim até para uma velha dentro de um caixão.

Ele riu e me beijou.

– Eu vou ficar perto de você. Se a situação parecer insuportável, aperte minha mão e eu acho uma desculpa para levar você embora.

Embora tivéssemos trocado fotos com as cartas, eu a imaginava em um dos seus elegantes vestidos de festa e não com um simples conjunto marrom. Ela tinha características marcantes, mas, fora de seu universo de atuação, não contava com as qualidades hipnotizantes que atraíam os homens. Enquanto procurava suas malas, não se movia com graça, mas sim com gestos bruscos. Ela se aproximou de mim, parou a três metros de distância e ficou olhando, como se visse um fantasma. Quando olhou direto nos meus olhos, estava mordiscando os lábios.

– Sei que combinamos de não falar sobre nossas emoções, mas guardei dezessete anos de sua ausência dentro de mim e eu não consigo segurar as palavras que queria que você ouvisse. Eu te amo muito.

Pela segunda vez na minha vida, eu a vi chorar. Eu concordei com a cabeça, deixei que ela passasse seus braços ao redor do meu corpo e me senti livre para chorar também.

Depois de alguns minutos, ela soltou os braços e enxugou as lágrimas.

– Muito bem, agora colocamos tudo para fora. Podemos voltar a ficar nervosas com as palavras que vamos dizer.

Loyalty tratava minha mãe com muito respeito.

– Foi na sua casa que vi pela primeira vez a sua linda filha, na época uma pirralha de sete anos. Tirando a idade, ela não mudou muito.

Minha mãe gostou dele logo de cara. Conversou com ele em um chinês enferrujado. A presença dele era um alívio sempre que era preciso mudar a conversa para assuntos mais seguros, quando uma de nós sentia algum desconforto. Os dois falaram de pessoas que conheceram pertencentes a famílias ricas, e ele contou o que sabia que tinha acontecido com algumas delas, se estavam em situação melhor ou pior. A maioria tinha piorado na vida.

Cabaça Mágica esperava por nós na nossa casa. Ela tinha sido citada em várias cartas e, na primeira vez que falei dela, lembrei minha mãe que cerca de vinte e cinco anos antes ela havia expulsado do Caminho Oculto de Jade uma cortesã chamada Nuvem Mágica (esse era o nome dela na época) por causa de um problema envolvendo um fantasma e um protetor. Conteí que Cabaça Mágica estava do meu lado quando conheci Edward, quando a Pequena Flora nasceu, quando Edward morreu, quando Perpetual quase me matou, quando fugi de Moon Pond, ou seja, em todos os momentos da minha vida desde que ela, minha mãe de verdade, me abandonou.

Não falei nada sobre o papel de Cabaça Mágica no meu treinamento para me tornar cortesã, mas deixei claro que ela tinha sido uma mãe para mim. Protegida pela distância, eu não tinha como ver o rosto da minha mãe ao ler essas palavras, *do ponto de vista de uma mãe*. Porém, na resposta que recebi a caligrafia parecia mais nítida do que o habitual. Ela dizia que lamentava por ter tratado Cabaça Mágica tão mal, sobretudo levando em conta que ela havia tomado conta de mim e assumido todos os atributos que uma mãe de verdade deveria assumir, como proteger, lutar pelo que é melhor para sua filha acima de tudo, ser altruísta e capaz de sacrificar a própria vida para poupar qualquer mal ao filho. Com essas palavras, ela se referia a tudo que havia deixado de fazer por mim. Em todas as cartas

seguintes, minha mãe perguntava sobre Cabaça Mágica, que, por educação, também se mostrava interessada em saber notícias dela.

Antes de vir para Xangai, minha mãe já sabia que Cabaça Mágica agora era a senhora Harmony Chen e que seu novo nome era Happy, em inglês, agora ela se chamava Happy Chen. Estava orgulhosa de sua nova condição e não gostava quando a tratavam pelo nome antigo. Eu era a única exceção.

No carro, a caminho de casa, minha mãe e eu conversamos sobre como ela poderia se apresentar para Cabaça Mágica. Estávamos nervosas e ela não conseguiria fazer de conta que as duas nunca tinham se encontrado antes. Cabaça Mágica não era do tipo que escondia seus sentimentos. Também alertei minha mãe que ela não iria reconhecer a Cabaça Mágica, agora com mais de cinquenta anos e bastante robusta. As bochechas e os cantos da boca pendiam quando ela ficava nervosa ou contrariada, mas quando sorria ou estava feliz essas áreas se erguiam e ampliavam ainda mais aquele rosto generoso. Ela ainda tinha olhos grandes e bonitos, em geral bastante atentos.

Quando entramos em casa, Cabaça Mágica e Harmony saboreavam uma xícara de chá. Ela pareceu surpresa por nos ver.

– Já é tão tarde? – Perguntou. – Achei que vocês ainda iam demorar pelo menos uma hora.

Minha mãe se aproximou e começou a conversa falando que tinha lido sobre ela em tantas cartas e que estava feliz por finalmente poder agradecê-la. E isso foi tudo.

– Você deve se lembrar de mim – falou Cabaça Mágica. – Você me expulsou por causa do fantasma da casa e de um boato que uma cortesã invejosa espalhou e que quase arruinou todo mundo. Desejei que a mulher que inventou a fofoca tivesse um destino infeliz, e depois fiquei sabendo que ela acabou em uma sarjeta em Hong Kong, ao lado de um mercado de peixe e sem os dentes. Depois disso, disse para mim mesma: “Não é preciso pensar mais nisso”. – Ela sorriu. – Nenhuma de nós precisa pensar nisso de novo.

Minha mãe estava liberada para dar prosseguimento a suas manifestações de gratidão, falando algo como *uma verdadeira mãe* e mencionando os atributos esperados. Com isso, Cabaça Mágica começou a contar a primeira das muitas histórias intermináveis que ela lembrava sobre as desventuras que nós duas vivemos juntas. Começou falando do Salão da Tranquilidade, contando para minha mãe sobre como ela tinha me treinado para que eu não caísse nas mãos sujas de clientes baratos. Minha mãe não apareceu chocada e disse:

– Ela poderia ter sofrido pelas ruas, se não tivesse contado com a sua orientação.

Uma hora depois, Cabaça Mágica descreveu o encantamento de Loyalty por mim quando eu tinha quatorze anos, e finalmente deixou escapar que ele havia comprado minha virgindade. Mamãe voltou-se para Loyalty e falou:

– Não precisa ficar constrangido. Ia acontecer com alguém e Violet teve sorte por ter sido com você.

Cabaça Mágica completou:

– Sabe o que eu acho? Não foi apenas sorte. Foi o destino que colocou você naquele barco. Se você tivesse ficado, Violet não teria conhecido Edward e não teria tido a Pequena Flora, nem estaria aqui com Loyalty. O que aconteceu com Violet foi horrível e não estou dizendo que o destino acontece sem dor. Mas, quando tudo acaba bem, devemos esquecer o caminho árduo que tivemos de percorrer. Agora temos de achar um jeito de fazer Flora

conhecer sua mãe de verdade. Com a ajuda de todos, vamos conseguir.

Levamos minha mãe para percorrer os bairros antigos. Ela viu que o Caminho Oculto de Jade tinha se transformado na residência de alguém importante, a julgar pelos guardas armados que vigiavam a entrada.

– Devem ser gângster – eu falei –, ou políticos ligados a gângsteres. Fairweather se meteu com eles, sabia? Acabou tendo um fim muito ruim, e não lamento nada contar isso.

Ela pediu detalhes e, quando terminei de narrar, fez uma careta. Minha mãe passou a segunda semana em Soochow com Pomba Dourada, que, de acordo com as palavras da minha mãe, tinha ficado gorda e preguiçosa. Ela podia estar gorda, mas dificilmente estaria preguiçosa. Dois anos depois que saiu de Xangai, ela se casou com um homem que tinha uma loja de móveis, que ela transformou em um armazém. Contou que, com trinta e tantos anos, deu à luz um filho, que estava tirando o sossego da sua vida. Em resumo, estava feliz.

Minha mãe voltou para casa depois de três semanas. Voltamos a trocar cartas e a falar sobre nosso encontro. Admitimos que secretamente havíamos tentando recriar o dia em que ela partiu de Xangai. Queríamos voltar para o escritório dela e ouvir as mentiras daquele canalha, sentir o perigo para que ela soubesse que seria preciso me proteger. Mas não era possível recriar um passado diferente. Era como ir ao cinema já sabendo do final da trama, e constatar que as estrelas do filme eram bem diferentes do que esperávamos.

Embora nós duas tivéssemos ficado felizes com os abraços trocados no início e no final da visita, ambas concordamos que preferíamos a intimidade das nossas inúmeras cartas. De frente uma para a outra, tomávamos cuidado com o que dizíamos. Uma olhava para as expressões e gestos da outra, observando a direção do olhar para avaliar se um assunto poderia causar constrangimento. Houve ocasiões em que tentamos reduzir a tensão mesmo quando não era o caso e outras em que surgia um desconforto que poderia ter sido evitado. Porém, no geral a visita foi um sucesso. Começamos a nos escrever com mais abertura e compreensão. Cabaça Mágica sugeriu que deveríamos esquecer o que aconteceu naqueles anos todos, mas nós não queríamos. As feridas tinham nos forçado a nos revelar ao máximo uma para a outra.

MINHA MÃE VOLTOU para Croton-on-Hudson para ficar perto de Flora durante alguns meses daquele ano letivo. Assumiu o papel de vizinha intrometida e seguia Flora na igreja, no parque ou quando a menina caminhava na calçada com seu cachorro.

Uma vez, vi quando o cãozinho se afastou para xeretar do outro lado da rua. Quase foi atropelado por um carro e Flora gritou: “Cupido!”. Senti o perigo no coração da minha neta e o alívio dela ao ver que o cão estava são e salvo.

Foi a primeira vez que ela chamou Flora de “minha neta”. Eu sabia que ela tinha assumido a tarefa de encontrar a menina para demonstrar seu amor por mim, mas agora ela tinha motivos próprios e isso me deixava feliz.

Comprei uma cairn terrier de orelhas pontudas como o de Flora, na esperança de que os dois cachorros fiquem amigos e queiram brincar juntos. O nome dela é Salomé. Eu estava certa: Cupido a viu e saiu correndo pela calçada para chegar mais perto, mas

as guias deles acabaram se enrolando ao redor de nós. Na tentativa de se libertar, Salomé quase matou o Cupido. Felizmente, depois que soltamos os dois eles ficaram bem íntimos, até bastante interessados um pelo outro, o que exigiu uma vigilância maior.

Com a ajuda de Salomé, ela encontrou Flora muitas vezes no parque. Para garantir a aproximação de Cupido, mamãe levava sempre alguns biscoitos para cachorro. Perguntou a Flora se os *cairn terriers* eram uma raça inteligente e a menina respondeu com indiferença que não sabia. Tenho certeza de que, se não tivesse verdadeiro pavor de cavalos, minha mãe teria tido aulas de equitação para ficar mais perto de Flora. Ela enfrentou sua aversão às religiões e passou a frequentar a igreja metodista. Por meio dos relatos e das fotos que mandava, eu via Flora à distância. Sabia que ela usava o cabelo curto, vestia um vestido xadrez e gostava de desenhar. Quando minha mãe perguntava alguma coisa, como a previsão do tempo para os próximos dias ou sobre a chegada de um parque de diversões na cidade, a resposta era sempre a mesma: um encolher de ombros e a frase “não sei”.

Quando Flora tinha dezesseis anos, minha mãe manifestou a preocupação com a possibilidade de que os amigos dela “não fossem a melhor opção”. Um garoto em especial aparecia sempre e ela corria para o carro. Ele se encostava na porta e oferecia um cigarro. Essa era a sua forma de saudá-la. Um dia, saindo da igreja, minha mãe viu quando ela berrou para Minerva: “Isso não é da sua conta”. Pulou para dentro do carro do namorado, que estava à sua espera. O garoto se inclinou e deu um beijo demorado em Flora. Minerva ficou parada no meio dos fiéis, angustiada e coberta de vergonha. Minha mãe notava em Flora claros sinais de rebeldia, que julgava normais para uma menina de dezesseis anos. Mas também via problemas, pois Flora parecia inconsequente.

Pelo que mamãe contou, no ano seguinte Flora se tranquilizou e parecia mais calma. Cortou ainda mais os cabelos, em um estilo quase agressivo. Ela fazia longas caminhadas pelo parque e desenhava em um bloco. Uma vez, minha mãe pediu para dar uma olhada e Flora respondeu: “Fique à vontade”.

Ela sabia que Minerva elogiava tudo o que Flora fazia, o que parecia incomodar a menina, que dava um suspiro e se afastava. Minha mãe sabia se conter, uma de suas antigas habilidades desenvolvidas desde os tempos do Caminho Oculto de Jade.

– A perspectiva parece interessante, como se enganasse o olhar. Pelo menos é o que eu consigo ver, mas cada pessoa vê coisas diferentes em uma obra de arte.

Flora disse:

– É isso o que eu queria, perspectivas variadas, mas ainda não consegui fazer isso direito.

Foi a primeira vez que Flora respondeu de verdade a algo que minha mãe perguntou. Quando ela se apresentou como senhora Danner, Flora disse:

– Eu sei quem você é. Queria transformar as alunas da escola em estrelas de cinema.

EM 1937, APÓS terminar o ensino regulamentar, Flora foi para a faculdade, mas minha mãe não sabia qual. Continuou alugando a casa em Croton-on-Hudson para poder voltar no verão e encontrar Flora, caso ela também fosse para lá. Mas ela não encontrou a menina e ficou decepcionada.

Eu estava prestes a responder a uma de suas cartas quando a guerra contra o Japão

começou com força total. Aconteceram várias coisas aqui e ali e em agosto foram lançadas bombas na Estação Ferroviária do Sul, matando quase todos que estavam lá. Em seguida, bombas da Força Aérea chinesa caíram acidentalmente em Bund e, em outro dia, outra atingiu a Sincere Department Store. Quando isso acontecia, ficávamos pensando se realmente estávamos a salvo, embora o Assentamento Internacional não fizesse parte da zona de guerra. Os japoneses cercaram a área, prontos para eliminar qualquer chinês com sentimentos antijaponeses que tivesse coragem o bastante para aparecer. E foram vários casos. Alguns dias após um bombardeio, as casas noturnas voltavam à atividade e a vida continuava tão inexplicável como antes. Loyalty alertou para eu não me aproximar da estrada para Nanquim ou de qualquer lugar perto da fronteira, pois tinha medo que eu me julgasse americana o bastante a ponto de tentar ir a qualquer lugar que quisesse.

“Para garantir minha paz de espírito”, esclareceu ele, “quero que você se considere totalmente chinesa. Nada de achar que uma metade de você está segura”.

EM JANEIRO DE 1938, Loyalty me entregou uma carta. Era de Flora e estava endereçada ao “tio Loyalty”. Era a primeira vez que ele era reconhecido dessa forma e derrubou algumas lágrimas quando apontou seu dedo trêmulo para a palavra “tio”.

26 de dezembro de 1938

Caro Tio Loyalty,

Se nos últimos nove anos você recebeu alguma carta de agradecimento de minha parte, quero esclarecer que não fui eu quem escreveu. Até hoje, eu nunca havia visto suas cartas. Minerva Ivory, que no passado achei que fosse minha mãe, interceptou as correspondências e todos os presentes. Mas eu gostaria de começar dizendo que fiquei impressionada por você ter guardado as abotoaduras que pertenceram ao meu pai, assim como a caneta-tinteiro e o livro de poemas. Vocês devem ter sido grandes amigos, para você se dar o trabalho de me mandar essas coisas da China. Agradeço pelo envio. Os objetos realmente significam muito para mim.

Obrigado também pelos presentes de Natal, especialmente pelo cavalinho de jade. Não sabia qual era o meu signo segundo o zodíaco chinês. Imagino que os olhos dele não sejam rubis verdadeiros. A linda pulseira provavelmente cabia no meu braço quanto eu tinha dez anos e é uma pena que eu não cheguei a usá-la, porque nessa idade eu adorava pulseiras, você não imagina o quanto. Na verdade, fico surpresa por você saber que o presente agradaria tanto assim a uma garota.

Por acaso, quando lia as suas cartas encontrei algumas enviadas pelo meu pai. Elas deixam bem claro, sem sombra de dúvida, que Minerva Ivory não é minha mãe (ela é a mentirosa que escreveu as cartas para você). Eu sempre desconfiei disso e fico feliz com a confirmação, por uma série de motivos que prefiro não explicar. Mas saber que não é ela me faz pensar na minha mãe verdadeira. Na última carta que meu pai escreveu, ele disse a Minerva que tinha se casado com uma mulher em Xangai, que ia dar à luz um bebê (no caso, eu). O problema é que ele não informou o nome da esposa. Sei que é como procurar uma agulha em um palheiro, mas por acaso você sabe o nome da minha mãe? Eu sei que foi há muito tempo e, pelo que me contaram, ela e meu pai morreram na pandemia. De qualquer forma, não tem tanta importância assim. É apenas

curiosidade. Mas, caso você a conheça e um dia encontrar com ela, mande minhas saudações de Nova York.

*Atenciosamente,
Flora Ivory*

P.S. Eu nunca gostei de poesia mas vou tentar de novo, agora que sei o quanto meu pai apreciava o livro que você me mandou. Quem sabe?

Loyalty estava furioso.

– Ela nunca recebeu as cartas! Aquela cadela vagabunda escreveu as respostas. Caro senhor Fang... Todos esses anos, eu poderia ter sido chamado de tio.

– Flora sabe disso – foi tudo o que eu consegui dizer.

Tive muitas dúvidas sobre o que escrever. Deveria contar que Flora tinha sido arrancada de meus braços, nós duas gritando para que isso não acontecesse? Revelar que Minerva e a senhora Lamp impediram que eu conseguisse minha filha de volta? No final, afirmei para Flora a minha imensa alegria por tê-la encontrado, e confessei que meu maior desejo sempre foi voltar a vê-la um dia.

Tenho muito a dizer sobre seu pai e o quanto ele e eu amávamos você. Enquanto isso não acontece, se você quiser encontrar sua avó ela mora em Croton-on-Hudson, onde cuidou de você durante todos esses anos.

A resposta de Flora chegou por telegrama. Ela queria conhecer sua avó.

MINHA MÃE CONTOU que marcou um encontro em um parque e, assim que Flora a viu parada perto da pequena ponte, declarou:

– Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa. A gente vivia se encontrando. Achei que estava me espionando para os meus pais, mas depois passei a achar que era apenas uma senhora maluca.

No início, ela não demonstrou afeto pela avó. Era apenas curiosidade misturada com precaução. Minha mãe entendeu e disse a Flora que tudo o que ela queria era garantir para sua mãe verdadeira que a filha estava bem.

– Você pode dizer a ela o que quiser – afirmou –, mas como pode saber se eu estou bem ou não? Nem eu sou capaz de fazer isso.

Flora contou à minha mãe que ficou sabendo da verdade sobre mim durante as férias de Natal. Sua mãe havia ido para a Flórida em uma lua-de-mel de duas semanas com o novo marido, “aquele sanguessuga profissional”, como ela definiu. Flora encontrou na caixa de correspondência uma carta de Loyalty e um presente de Natal, embrulhado em um lenço. Ficou intrigada com a referência “aos outros presentes de Natal” e à carta de agradecimento enviada por Flora. Então resolveu vasculhar as mesas, gavetas e armários de sua mãe; Minerva não jogava nada fora e ela sabia que as cartas deveriam estar em algum lugar. No sótão, ela encontrou várias caixas de sapato amarradas com barbante. Lá dentro estavam as cartas, não apenas as de tio Loyalty, mas também as enviadas por seu pai. Ela leu uma a uma, sentindo apertos no estômago conforme percebia aos poucos o que tinha acontecido. A

maioria das cartas tinha sido escrita antes do nascimento de Flora: eram súplicas para que Minerva concordasse com o divórcio, seguidas da garantia de que ele não pretendia voltar para ela, pois não a amava e nunca havia amado. As cartas anteriores falavam da armação de Minerva e da senhora Lamp para envolver Edward em um casamento forçado. Outras cartas, posteriores, contavam mentiras sobre a saúde do senhor Ivory para atrair Edward de volta para casa. E, em seguida, Flora leu a carta em que ele dizia que amava outra mulher, agora sua esposa, que morava em Xangai. “Em breve teremos um bebê” ele escreveu, “um bebê de verdade e não do tipo que você inventou para me obrigar a me casar com você. Será que esses motivos não bastam para acreditar que eu não vou voltar nunca mais?”. Esta carta, com data de 15 de novembro de 1918, era a última.

Flora disse para a minha mãe que queria saber a verdade: quem era sua verdadeira mãe, porque ela estava em Xangai e como havia conhecido seu pai.

– Por favor, não me conte mentiras bonitinhas. Foi isso o que eu ouvi durante toda a minha vida. Não quero descobrir que estou sendo enganada novamente. Eu posso suportar os fatos, ainda que sejam ruins. Não me importo, desde que seja a verdade.

Comecei contando que a mãe dela era metade chinesa. No início ela pareceu surpresa, mas depois riu e disse: “Não é engraçado?” Quando ela tinha treze ou catorze anos, implorou para que Minerva a levasse a um restaurante chinês em Albany. Minerva negou, alegando que a garota não iria gostar da comida. Flora perguntou como ela podia ter certeza disso e ficou furiosa quando Minerva interrompeu a conversa e passou direto. Quando tinha dezesseis anos, ela e o namorado (aquele sujeito mau sobre o qual falei), foram de carro até a cidade e comeram comida chinesa. Ela disse que fez isso para agredir Minerva, mas se surpreendeu ao perceber que gostou da experiência. Eu disse a Flora que, quando era pequena, ela provavelmente comeu mais comida chinesa do que ocidental. “É claro que eu ia gostar”, falou ela. “Sou metade chinesa.”

Aí chegou a parte das verdades mais dolorosas. “Eu tive sua mãe fora do casamento, Flora, e sua mãe a trouxe ao mundo sem estar legalmente casada. E foi por isso que a família Ivory conseguiu tirar você dela.” Flora não disse nada e seu rosto não expressou nenhuma emoção. Finalmente, ela disse: “Eu quero conhecer a minha mãe. Se eu não gostar dela, não preciso voltar a vê-la. Mas acho que, se ela for como você, não pode ser uma pessoa má”.

Março de 1939

Mamãe e Flora foram primeiro para São Francisco, de onde iriam embarcar para Xangai uma semana depois. Durante o tempo em que ficaram na cidade, Flora dormiu no quarto que minha mãe disse que seria meu. Eu ainda conseguia imaginar como era: paredes pintadas de amarelo forte, a janela passando tão perto dos grossos galhos de um carvalho que dava para subir neles. Esse quarto tinha sido um símbolo de felicidade. Imaginei Flora subindo naquele carvalho.

Minha mãe falou que a casa se transformou em ruínas e que precisava de muitos consertos. Era grande demais para uma pessoa só e guardava mais lembranças tristes do que felizes. Quando disse a Flora que ela provavelmente iria vender aquele lugar, ela

respondeu:

– Não faça isso. Talvez eu possa reformá-la e vir morar aqui. Quero ir o mais longe possível de Minerva e vou precisar de um lugar para ficar.

Ela não disse que minha mãe poderia viver com ela ali, mas onde mais minha mãe poderia morar?

Chegou o momento que minha mãe mais temia: Flora queria conhecer “a parte chinesa de sua família”, ou seja, Lu Shing – que minha mãe não via desde 1912. Ela preferiu ignorar os pedidos dele para voltarem a se ver, para que ele pudesse se desculpar. E esperava que, com o tempo, ele desaparecesse de sua vida e de suas memórias. Mas admitia que não podia culpá-lo por tê-la atraído de volta a São Francisco, com promessas de que ela finalmente encontraria Teddy. Ela aceitou aquela atração e agora não queria relembrar as muitas decisões trágicas que tinha tomado em nome do amor. E eu suspeitava que ela também poderia temer que aquele amor recuperasse fôlego.

Recebi uma carta quando minha mãe e Flora já estavam no navio. Tinha data de uma semana antes, quando as duas esperavam o embarque em São Francisco.

Tenho sentido pânico só de pensar nesse encontro. Já faz vinte e sete anos que eu o vi pela última vez e ainda me lembro de como ele era sedutor. Temo que ele impressione a Flora e que ela queira preservar esse delicioso avô chinês em sua vida. Ela disse que queria saber a verdade sobre tudo, mas precisei tomar cuidado para apresentar os fatos e não a minha versão emocional deles. Então, contei a ela sobre a relação que havia entre o senhor Ivory, avô dela e colecionador de arte, e meu pai, John Minturn, bisavô dela e interessado por arte. Eu ia começar a explicar que Lu Shing tinha sido protegido do senhor Ivory e até morou na casa dele durante vários anos, mas Flora interrompeu: “Espere um pouco. Eu ouvi algo sobre ele, quer dizer, ouvi meu avô comentar alguma coisa sobre um homem chinês que tinha vivido na casa dele muitos anos antes. Ele chamou o rapaz de “aquele maldito traidor, pintor chinês de olhos rasgados, que seduziu a filha do John bem debaixo do nariz dele!” Achei engraçado o jeito como meu avô falou daquele homem, parecia um trava-línguas. Eu repetia a frase o tempo todo, tentando falar cada vez mais rápido, “aquele maldito traidor, pintor chinês de olhos rasgados, que seduziu a filha do John bem debaixo do nariz dele”. Agora eu entendo por que ele disse isso. A filha do John era você, que teve a minha mãe, por quem meu pai se apaixonou e que confundiu toda a árvore genealógica quando me trouxe ao mundo. Mal posso esperar para conhecer esse “maldito traidor, pintor chinês de olhos rasgados” que seduziu você. Aí eu contei outras coisas sobre Lu Shing, mas apenas os fatos, como o rapto do meu bebê e o posterior desaparecimento por longos doze anos.

Recebi outra carta no dia seguinte.

Flora tem uma maneira rascante de dizer as coisas. Ontem estávamos com tudo pronto para ir ver Lu Shing. Eu estava ansiosa, como dá para imaginar, depois de vinte e sete anos sem vê-lo. No passado, aquele homem tinha o poder de me desnudar apenas com o olhar. Antes de sair, Flora elogiou meu vestido e disse que combinava com meus olhos verdes. Eu agradei e ela perguntou: “É novo, não é?”. Antes que eu pudesse

responder, ela acrescentou: “O salão de beleza fez um bom trabalho com o seu cabelo. Sinceramente, do jeito que era antes você parecia meio apagada. Aposto que o pintor de olhos rasgados vai se arrepender do dia em que abandonou você!”. E me deu uma piscada. Dá pra acreditar? Para ser honesta, eu queria mesmo estar com a melhor aparência possível quando olhasse para Lu Shing e o mandasse se danar. Aliás, “dane-se” é uma expressão muito útil que Flora me ensinou. É uma maneira educada de dizer “foda-se”.

Chegamos às dez horas na galeria de arte de Nob Hill onde Lu Shing vende suas pinturas. É um lugar minúsculo, mas acho que ele é o dono. Quem mais iria vender aqueles quadros? Flora agia com educação e exibia sua habitual expressão vazia.

Ela olhou com atenção para o rosto de Lu Shing quando ele apertou a mão dela e eu me perguntei o que ela estaria vendo. Para mim ele parecia desgastado e carente de espírito, mas confesso que ainda era bonito. A voz continuava melodiosa e britânica. Ele sempre teve uma certa postura imperial que dava a impressão de ser mais do que ele realmente era. Em um momento, eu o surpreendi sorrindo para mim e eu me perguntei se ele estaria pensando, “pobre Lulu, ela se transformou em bruxa envelhecida e maluca, mas pelo menos o cabelo continua bonito”. Ele me agradeceu por ter vindo e notei pesar em seus olhos. “Não precisava ter sido assim, sinto muito.” Toda a minha vontade de amaldiçoá-lo desapareceu e senti uma tristeza imensa.

“Como está a sua mulher?”, perguntei com voz animada. Ele respondeu com um tom respeitoso: “Ela morreu”. Ressurgiu uma gota de esperança – não esperança real, mas a lembrança de uma esperança – de que ele um dia estaria livre para se casar comigo. Você vai gostar de saber que recuperei o juízo dois segundos depois. “Sinto muito”, eu disse. “Eu não tive a mesma sorte com os meus maridos: nenhum deles morreu e eu precisei me divorciar. Estou no quarto casamento.” Tenho certeza de que ele sabia que era mentira, mas o que ele poderia dizer?

Flora perambulava pela pequena galeria e parecia avaliar as obras, ou melhor, os produtos. Havia paisagens com barcos na baía, alguns com ondas calmas e outros com trevas assustadoras que pareciam saídas de O Grande Motim. Ele tinha pintado bondinhos subindo as ladeiras rumo às estrelas. Vários quadros retratavam a ponte Golden Gate, pintada de dourado e não na cor vermelha original. Alguns leões-marinhos repousavam sobre ilhas rochosas. Meus olhos pousaram em um quadro específico; você sabe qual é, chamava Vale do Encantamento. Havia vários deles, alguns retratando um pôr do sol, outros o nascer do sol; uns antes de uma tempestade e outros depois. Um deles mostrava um tapete de flores roxas cobrindo o fundo do vale, mas em outro as flores eram azuis. Alguns exibiam cidades em miniatura feitas de ouro, instaladas atrás da abertura entre as montanhas e iluminadas por raios vindos do céu.

Você vai gostar de saber que sua filha é uma hábil apreciadora de arte. Ela comentou com Lu Shing que ele parecia um especialista em cenas felizes. Apontou para uma das pinturas da série Vale do Encantamento e perguntou se ele poderia pintar uma cena maior, com alguns pássaros no céu. Ele respondeu que isso era muito fácil e que muitas vezes ele criava quadros personalizados de acordo com as preferências dos clientes. Nossa menina esperta observou: “Eu bem que desconfiei”. Ele perguntou se ela gostaria de escolher uma tela, mas ela recusou, dizendo: “Eu apenas estava curiosa para saber

como você ganha a vida”. Tenho a impressão de que ele sabia o que ela queria dizer e senti pena dele, porque lembrei que uma vez ele confessou em uma carta que se considerava um pintor medíocre, sem profundidade de espírito, e que já se conhecia o bastante para ficar decepcionado com a sua vida. Naquele momento, eu não consegui sentir raiva dele. Senti piedade.

Depois que saímos da galeria, Flora me disse que Lu Shing era um falso artista. Tudo o que ele havia feito era cópia do trabalho de alguém, garantiu ela, e as obras sequer eram benfeitas. “Era como se toda a verdade estivesse recoberta por uma falsa felicidade”, acrescentou ela, “com a diferença de não ser algo feliz, pior ainda do que uma falsificação. Era perigoso.”

LOYALTY, CABAÇA MÁGICA e eu estávamos no porto à espera de Flora e de minha mãe. Eu estava tonta e mal conseguia respirar. Mais uma vez pedia a Loyalty e a Cabaça Mágica que tomassem cuidado com as palavras: não queria nenhuma menção a Perpetual, a Fairweather ou às casas de cortesãs.

– Você já falou isso umas dez vezes – comentou Loyalty, apertando a minha mão. – Eu também estou nervoso.

– Ela vai saber quem você é no momento em que olhar para você – apostou Cabaça Mágica, o que me deixou ainda mais tensa. – Pelas fotos, ela parece com você.

Eu vi mamãe primeiro e, logo em seguida, Flora entrou no meu campo de visão. As duas estavam em pé no cais, em meio à agitação de centenas de passageiros e tripulantes que separavam as bagagens. Eu não conseguia ver os detalhes do rosto de Flora, apenas o chapéu *cloche* verde que ela usava. Na comparação com minha mãe e com as outras pessoas, ela parecia alta. Tinha a estatura de Edward. Eu a vi se aproximando de mim, deslizando em meio ao caos. Conforme ela chegava, eu reconhecia o rosto de Edward e a expressão séria dele. Ela tinha a estrutura dele e a mesma cor de cabelo. Ela parou um pouco antes de chegar onde eu estava, apontou para um lugar e acenou para um dos carregadores, depois apontou para outro. Eu já tinha visto fotos dela aos sete, dez, treze e dezessete anos, e a mais recente, feita seis meses antes, na qual ela parecia mais sofisticada. Mas no meu coração e na minha mente eu ainda guardava duas fortes lembranças dela: o riso borbulhante de bebê e os gritos da menina arrancada de sua mãe. Eu vivia com essas duas imagens, ambas perfurando o meu coração. Imaginava o peso dela dormindo nos meus braços. A pequena Flora não era aquela mulher alta e elegante, com batom vermelho e cabelo cortado.

De repente, minha mãe estava na minha frente e me deu um abraço rápido. Ela tinha envelhecido nos últimos dez anos. Seu cabelo estava totalmente grisalho e agora ela estava mais baixa do que eu. Seu cabelo parecia recém-penteado e ela usava um vestido que combinava com os olhos. Foi essa a imagem que Lu Shing deve ter visto quando eles se encontraram na galeria. Ela ainda estava viva, ainda no comando. Ela acenou para Flora e apontou para mim, e Flora olhou para mim e moveu a cabeça. A expressão do rosto dela não mudou e não demonstrou surpresa nem felicidade.

Cabaça Mágica colocou a mão no meu ombro.

– Está vendo? Ela faz a mesma expressão que você quando tenta fingir que não quer algo que na verdade quer. Viu a boca? A sua está igualzinha nesse exato momento. – Ela

acariciou o meu queixo. – E o queixo é delicado.

Forcei um sorriso e minha mente se perdeu no meio de um monte de apresentações que eu poderia usar. “Prazer em conhecê-la, eu sou Violet Fang.” “Estou muito feliz por ver você de novo, Flora. Sou sua mãe.” “Eu sou sua mãe, Flora.” “Sou Violet Fang, sua mãe.” “Você ainda lembra de mim, Flora?”

Mas todas essas frases ensaiadas fugiam da minha cabeça e, quando me aproximei dela, eu disse apenas: “Como foi a sua viagem? Você deve estar cansada. Está com fome?”.

Ela respondeu que havia feito boa viagem. Não estava cansada nem com fome. Procurei um rosto de bebê e o encontrei nos olhos de Flora. Quando as lágrimas brotaram, eu me virei. Senti uma mão no meu ombro e ouvi a voz de Flora:

– Tome.

Ela me estendeu um lenço. Enxuguei as lágrimas e olhei para ela para agradecer, esperando que ela também estivesse com os olhos marejados. Mas os olhos dela estavam secos. Eu senti medo. Flora não sentia nada por mim.

Minha mãe falava em chinês com um carregador, pedindo para ter cuidado. Ela falava a língua com mais dificuldades ainda do que na visita anterior. Instruí o carregador para levar os baús para o outro lado da rua, onde nosso carro nos esperava.

– É estranho ouvir vocês falarem em chinês – falou Flora. – Sei que você é metade chinesa, mas só dá para notar quando você começa a falar. Vou ter de me acostumar com isso.

– Quando você era pequena, falava chinês – falei. – Com a sua tia Chen, vocês só falavam essa língua. Apontei para Cabaça Mágica, que concordou com entusiasmo.

– Eu falava chinês? Deve ser uma piada.

Aproximei Cabaça Mágica de Flora e falei:

– Esta é a senhora Chen. Ela é minha melhor amiga e cuidou de mim durante muitos anos. É como uma irmã para mim.

Cabaça Mágica moveu a cabeça e falou em um inglês ensaiado:

– Você pode me chamar de tia Happy-Happy.

Minha mãe se aproximou de mim e me deu um abraço rápido.

– Eu não disse que ela se parece com você? É esperar para ver muitas outras coisas iguais a você.

Loyalty estava esperando pacientemente para ser apresentado. Flora olhou para ele e estendeu a mão.

– Você deve ser o tio Loyalty.

Ele sorriu.

– Sim, isso mesmo. E você é a minha... esqueci como se diz, meu inglês é tão ruim... minha filha.

Flora sorriu.

– Acho que sim.

Avó, mãe e filha se acomodaram no banco de trás do carro. Minha mãe tinha me colocado no meio de propósito, eu sabia, para que Flora ficasse do meu lado, à minha esquerda. Foi um tormento não poder olhar direto para o rosto dela, então eu mantive meus olhos fixos voltados para frente e disse ao motorista para nos levar por um caminho que não tivesse os pontos de controle japoneses. Não queria assustar Flora. Dentro do carro,

reinava o silêncio. A angústia tomou conta do meu estômago. Senti que estava prestes a cair no choro. Não era assim que deveria ser. Ela não se sentia bem. Todos esses anos de espera e eu não podia me libertar da dor nem mostrar alegria. Flora não me conhecia; para ela, eu era uma estranha de aparência ocidental mas que falava chinês. O bebê que se agarrava a mim agora mostrava indiferença à mãe que estava ao lado dela. Minerva tinha conseguido matar todo o sentimento da menina. Senti um nó na garganta. Mamãe já tinha me avisado que Flora iria se mostrar reservada e distante. “Depois de uns dias, ela fica mais afetuosa”, escreveu ela.

Depois de um mês, posso dizer que ela está mais receptiva. Mas nunca me chama de “vovó”. Para ela, eu sou a senhora Danner. Não se decepcione, Violet, se achar que ela não é a menina fofinha que você preservou na sua memória ao longo de todos esses anos. Lembre-se de como nos sentimos duas estranhas quando nos encontramos após nossa longa separação.

Eu estava prestes a perguntar a Flora se ela queria ver algo especial em Xangai quando eu vi o medalhão de ouro em forma de coração pendurado no pescoço dela. Ela tinha guardado e Minerva não havia jogado fora. Será que ela tinha aberto para ver o que havia dentro?

– Você está usando o medalhão que eu te dei – falei. – Você lembra dele de quando era pequena?

Flora levou a mão ao medalhão.

– Lembro de brincar com ele em um quarto com paredes amarelas. Também lembro de uma mulher que queria arrancar o medalhão. Acho que foi minha mãe, quero dizer, Minerva. Não posso chamar essa mulher de mãe. De qualquer forma, Minerva tentou arrancar e eu dei uma mordida, aí ela gritou e eu fiquei pensando se deveria mordê-la outra vez. Eu não me separava dele, mas não sabia que era um presente seu. Minerva falou que tinha vindo de alguém da família dela, mas tudo nela era uma mentira.

– Você já tentou abrir? – Perguntei.

– Até ler as cartas do meu pai, eu nunca tinha tentado. Mas daí fiquei com a impressão de que tudo aquilo poderia ter algo a ver com esse medalhão. Foi muito difícil abrir, mas finalmente eu consegui. Vi as fotos, você e meu pai, vocês dois juntos. Se você não tivesse soldado a fechadura, eu teria descoberto a verdade bem antes.

– Eu não queria que as fotos caíssem por acidente. Você mordeu esse medalhão várias vezes, né? Você viu essas marcas de dentes?

– Para isso servem os dentes. – Flora cobriu o medalhão com a palma da mão. – Ele sempre foi especial para mim, mesmo antes de saber de onde ele veio. Era como se fosse um coração mágico, que eu podia tocar e me sentir forte, invisível ou capaz de ler a mente das pessoas. Quando eu era menor, gostava de acreditar nisso. Mas eu não era louca, apenas precisava acreditar nisso.

Meus olhos se encheram de lágrimas outra vez e voltei o olhar para a minha mãe.

– Você perdeu o lenço que eu dei? – Perguntou Flora. Balancei a cabeça. Ela colocou a mão no meu braço.

– Está tudo bem. Você pode chorar se quiser.

Acomodada entre minha filha e minha mãe, eu caí em prantos.

No caminho para a nossa casa, Loyalty mostrou algumas atrações turísticas. Quando ele nos orientou para olharmos para a esquerda, aproveite a oportunidade para observar o rosto de Flora. Ela percebeu e me ofereceu um sorriso discreto.

– Não consigo me conformar com o fato de você falar chinês – falou ela –, e de me parecer com você.

– Na verdade, você parece mais com seu pai – falei. Ela me encarou, com ar intrigado. – O formato dos olhos, a cor da íris, as sobrancelhas, o nariz e as orelhas...

Flora se inclinou e olhou para a minha mãe.

– Ela está cega?

Minha mãe respondeu:

– Eu te disse, Flora. Você se parece com a sua mãe.

NOS PRIMEIROS DOIS dias, não falamos nada sobre o passado. Nós quatro levamos Flora para conhecer Xangai, pelo menos o que era possível dentro dos limites do Assentamento Internacional. Ela se interessava por arquitetura, sobretudo pelos telhados com beirais recurvados.

– Tem algo de especial nesses telhados que parecem uma cabeça, com o rosto voltado para o céu.

Ela começou a praticar algumas palavras em chinês com Cabaça Mágica: “árvore”, “flor”, “casa”, “homem”, “mulher”. Passada uma hora, ela tentava lembrar das palavras.

No terceiro dia, na hora do café da manhã ela falou:

– Estou pronta para saber sobre você e meu pai. Mas só me conte o que aconteceu, sem tentar adequar nada. E não esqueça as coisas boas.

– Eu conheci seu pai porque o tio Loyalty o apresentou para mim, pensando que poderíamos conversar em inglês. Seu pai também achava que eu não passava de uma prostituta de um bordel barato. Nós não nos damos bem no início, falei.

Ela gostou de saber sobre o mal-entendido e o papel da Loyalty. Ficou sentada sem se mover quando eu descrevi Edward. Achei difícil colocar em palavras tudo o que ele tinha sido para mim e o que ele havia sido para ela. Descrevi como a voz dele era bonita e cantei a música matinal que ele tinha inventado. Falei que ele era sério, às vezes tristonho, mas também gentil e engraçado. Conte sobre a angústia que ele sentia por causa da morte de um garoto chamado Tom, que caiu por causa de uma brincadeira de Edward. Ela quis saber o que seu avô e sua avó acharam de tudo isso. Quando eu falei que eles disseram que Edward não tinha culpa, ela suspirou e disse:

– Eu sabia disso.

Conforme eu falava tudo o que lembrava, sentia Edward com mais detalhes, resgatado das fotos e da memória congelada e voltando à vida.

Fui até a mesa onde havia guardado o diário de Edward. Coloquei nas mãos dela e ela deslizou os dedos sobre a capa marrom claro. Flora abriu e leu em voz alta o título que Edward tinha escolhido:

PARA O MAIS REMOTO DO ORIENTE DISTANTE
DE B. EDWARD IVORY III
Um andarilho feliz na China

Mostrei o trecho que Edward escreveu quando fomos para o campo e ele me ensinou a dirigir. Enquanto ela lia, eu me sentia com ele outra vez. Ele falou para eu ir mais rápido para sentir a velocidade da vida, como se fugíssemos da morte que se espalha sobre a Terra, quando ele só queria sentir felicidade por estar comigo, a mulher que amava. Olhei para ele e ele viu que eu também o amava.

– Esse era o amor que tínhamos e que gerou você. Ele me tornou pura. Eu já não era mais a cortesã que eu tinha sido forçada a ser. Eu era amada e sabia que sempre seria. Quando a senhora Lamp me chamou de prostituta, não consegui acabar com o amor que Edward sentia por mim. Por isso, levaram o meu bebê. Eles levaram você e fizeram você esquecer quem eu era.

Flora estava melancólica.

– De certa forma, eu não esqueci e por isso não deixava ninguém tocar no medalhão. Enquanto eu o tivesse comigo, sabia que alguém como você iria voltar um dia. Eu esperei por você. Todos os dias, com aquelas pessoas horríveis falando que você não existia, era um pesadelo. Todos os dias eles repetiram isso, até você se tornar apenas um sonho.

Flora olhou para mim com cara de desespero. Seu olhar era o mesmo de Edward quando ele confessou a terrível história do menino que caiu do penhasco.

– Eles me afastaram de você e tentaram me transformar em outra pessoa. Não sou como eles, odeio todos eles. Mas também não sou você. Não conheço mais você e não sei quem sou. As pessoas me veem e me julgam tão segura. Garota de sorte, é rica e não precisa se preocupar com nada. Mas eu não sou quem eles pensam. Uso roupas caras e caminho com as costas retas, como uma garota confiante que sabe para onde vai. Mas não sei o que eu quero fazer da minha vida. Não estou falando sobre o futuro depois que eu terminar a faculdade, se eu terminar. Não sei o que eu quero fazer dia após dia. Não há nada que dê sentido à sequência dos dias. Cada dia é diferente e em cada um eu preciso decidir o que quero fazer e o que vai ser. Minerva tentou decidir por mim quem eu deveria ser: a filha dela. Mas ela sabia que eu não a amava e ela também não me amava. Eu preferia acreditar que ela me amava, mas de alguma forma sabia que o que eu sentia por ela não era amor. Achava que havia algo de errado comigo. Eu era uma garota que não merecia amor e não sabia amar. Via as meninas na escola com suas mães. Quando enfeitavam as cestas de Páscoa, elas diziam: “Azul é a cor favorita da minha mãe”. Eu fingia ter o mesmo entusiasmo que minhas colegas e cresci cansada de fingir. Para quem eu estava representando? Quem eu era se parasse de fingir? Como meu pai, fui criada segundo a tradição da velha e boa família Ivory. Ninguém faz nada errado e todos estão sempre certos. Você pode mentir descaradamente e forçar as pessoas a fazerem o que você quer, porque você tem dinheiro suficiente para comprar sua absolvição. Pode comprar admiração, aceitação, respeito... Tudo falso, é claro. Para eles, fachadas frágeis já bastavam. E eu fiz o que pude para mostrar que não era assim. Quando era pequena eu parei de estudar e fui reprovada nos exames. Mesmo sabendo a resposta certa, escrevia a opção errada. Minha família acusou os professores de me tratar injustamente e os ameaçaram, até conseguir a realização de novos exames em casa. Contrataram uma pessoa para fazer as provas e eu me tornei uma aluna exemplar! Comecei a fazer pequenos furtos quando tinha onze anos. Era emocionante porque era perigoso e eu poderia ser pega. Nunca tinha vivido essas emoções fortes, pelo menos não que eu me lembrasse, e tinha necessidade disso. Roubei um

soldadinho de chumbo numa loja de brinquedos. Não era algo que eu desejasse, mas quando levei para casa, de repente senti que pertencia a mim e que eu tinha o direito de levá-lo. Era um direito meu. Eu roubei coisas valiosas e outras coisas que não valiam nada: um pote de bebês feito de prata, uma maçã, botões brilhantes, um dedal, um cachorrinho de prata que encaixava no dedal, um lápis. Quanto mais eu roubava, mais sentia que tinha que roubar. Era como ter um enorme saco de Papai Noel dentro de mim, que eu tinha de preencher e não sabia por quê. Percebi que não encontraria o motivo até completar o saco. Finalmente eu fui pega e minha mãe falsa me perguntou se eu sentia falta de alguma coisa. Eu não respondi nada, porque não podia dizer que eu tinha o saco de Papai Noel vazio dentro de mim. Ela falou que eu só precisava mostrar o que queria que ela me daria. Em seguida, me deu dez dólares. Saí e joguei o dinheiro fora. Fiquei furiosa por ela achar que poderia pagar para fazer minha parte desaparecer. Voltei a roubar. Eu queria ser pega outra vez, mas ninguém notou. Então eu roubei coisas maiores e sem me preocupar em ser discreta, uma boneca, um cofre em forma de porquinho, um quebra-cabeça de madeira. Sabia que os lojistas me viam, mas não abriam a boca. Depois fiquei sabendo que minha mãe falsa tinha criado uma conta nas lojas e os atendentes debitavam o custo de tudo o que eu roubava. Ela pagava o que eles registravam e aquilo parecia uma grande brincadeira. Eu não queria prejudicar ninguém. Eu não era daquele jeito. Mas assim eu me sentia mais próxima de quem eu talvez fosse, porque não era como eles. Ser como eles significava achar que não havia nada errado com aquelas pessoas, com o mundo, com todos os que afagavam as mãos deles e fingiam respeitá-los, quando na verdade respeitavam apenas o dinheiro deles. Ser como eles era acreditar que amar era dar um beijo na face. O amor deveria fazer as pessoas se sentirem felizes e longe da solidão. Você podia sentir algo que não sentia por mais ninguém e seu coração talvez tremesse se houvesse amor. E isso eu senti com o meu cachorro. As pessoas dizem que o amor verdadeiro é constante, mas nenhum amor é constante. Quando eu cresci um pouco, comecei a andar com amigos do tipo que os Ivory consideravam a escória do mundo, em especial um menino chamado Pen. Sei que a senhora Danner o viu algumas vezes quando me espionava. Nós dois fumávamos cigarros e bebíamos muito. Fiz todas as coisas que eu não deveria fazer e fiquei grávida. Quando percebi que ia ter um bebê, senti como se finalmente tivesse conseguido alguma coisa. Eu tinha me transformado. Agora eu era diferente, meu corpo estava diferente. As pessoas iriam me ver de outro jeito. As meninas que engravidavam eram imorais e burras. Aí parei de gostar da mudança, pois eu não era nenhuma das duas coisas. Entrei em uma enrascada com um cara que eu não amava. Costumava pensar que ele era diferente porque não se importava com o que as outras pessoas pensavam. Ele era divertido e perigoso, mas eu sabia que não o amava. Eu queria achar que era diferente, mas ele também não era muito inteligente. E partes diferentes não se misturam, se é que vocês me entendem. Ele resolveu me transformar em uma mulher decente. Dizia que me amava e queria saber se eu correspondia ao seu sentimento. Corresponder era a palavra mais complicada que ele já tinha usado. Estava diante da oportunidade de se casar com a Senhorita Riquinha e tinha consultado o dicionário para achar um jeito bonito de conseguir o que queria. Até ele se revelava ser uma enganação. Só o bebê não era falso. Mas o que eu iria fazer agora? Não tinha planejado nada ainda, mas de algumas coisas eu sabia. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria de sair de casa. Não ia permitir que meu filho crescesse com aquela família. E

eles ficariam felizes com a minha partida. Não iriam conseguir comprar mentiras suficientes para esconder uma barriga que cresceria a cada dia. Minerva precisou de dois meses para perceber que algo estava errado comigo. Eu vomitava todos os dias no meu quarto e um dia passei mal após o jantar. Ela queria chamar um médico, achando que eu tinha algum problema no estômago, quando eu disse: “Não se preocupe, só estou grávida”. Ela fechou as portas da sala de jantar e ficamos a sós. Falei que não sabia quem era o pai, só para aborrecê-la ainda mais. Poderia ser qualquer um entre meia dúzia de garotos, afirmei. Ela deu uma resposta muito estranha: “Eu sabia que isso ia acontecer. Você nasceu sem moral e tudo o que eu fiz não bastou para consertar isso”. Eu não sabia que ela estava se referindo a você. Minerva me acusou de ter arruinado a reputação da família, a posição social da família Ivory, e de ter me transformado em motivo de fofocas. Foi apavorante ouvir Minerva gritar com voz estridente, “Mocinha, você passou dos limites do reino dos infernos.” Eu caí na gargalhada e ela me mandou calar a boca. As ordens dela me davam ainda mais vontade de rir. Eu dava risadas histéricas, e então percebi que não conseguia parar. Era assustador. Como gargalhar poderia ser assustador? Ela gritava e eu continuava rindo. Ela disse que, se eu fosse morar com aquele cara imundo, iria viver com o meu bebê em uma favela. Eu continuei rindo até soltar apenas um chiado, porque já não conseguia recuperar o fôlego. Meu próprio riso estava me sufocando. Aí ela berrou que se eu saísse de casa e tivesse a criança, nunca mais iria ver um centavo do dinheiro dela. De repente, eu consegui parar de rir e falei: “Eu sou a única herdeira de todo o dinheiro e não você. Você é a única pessoa que não vai receber nada”. Ela ficou quieta. Falei que, gostando ela ou não, eu ia continuar vivendo naquela casa e que teria o bebê. Se éramos os párias da cidade, então que pelo menos agíssemos com honestidade. Ela mudou o tom da conversa imediatamente e falou com falsa suavidade na voz que eu deveria acalmar minha mente e pensar direito sobre o bebê e sobre meu futuro. Tudo iria dar certo, garantiu ela, com falsa preocupação. “Não se preocupe, minha querida”, disse ela. “Vou chamar o médico agora e pedir que ele receite alguma coisa para aliviar seus enjoos.” Ela tinha me chamado de “minha querida”. A referência à minha herança havia comprado essas palavras e feito Minerva engasgar. Eu me senti grata quando o médico chegou. Eu estava sentada à beira da cama, recurvada. Ele colocou um frasco de remédio sobre o criado-mudo e orientou Minerva a me dar um comprimido três vezes ao dia. Depois, explicou que iria aplicar uma injeção para que eu me sentisse melhor imediatamente. Quando a agulha entrou, eu soltei um “ai”. Não lembrei de mais nada até acordar bem depois, com dores terríveis. Minerva disse que era normal, que era por causa dos enjoos. Me deu um comprimido e voltei a dormir. Acordei de novo e ela me deu outro comprimido. Depois de três dias, empurrei a mão de Minerva quando ela veio me oferecer mais um comprimido, pois sabia que aquela dor aguda na minha barriga não era enjoo. Eles tinham me envenenado, na tentativa de arrancar o que achavam que estava errado, que causaria vergonha a Minerva ou comprometeria a posição social da família. Minerva fazia uma falsa expressão de bondade e mentia descaradamente, afirmando que eu tinha sofrido um aborto espontâneo. Falou com toda a normalidade do mundo. Disse que eu não me lembrava porque havia sentido uma dor tão grande que me derrubou. Eu a amaldiçoei com todas as pragas que conhecia. Gritei com ela e ela disse que tudo ia passar, que era natural sentir tristeza depois de tudo o que eu havia passado. Eu fiquei muda. Por que eu estava gritando? O que eu ia conseguir mudar com aquilo? Eu não

podia derrotá-la, porque não havia nada para ganhar. Eu era uma órfã e não pertencia a ninguém. Eu não tinha nada e ninguém para contar. A única pessoa em quem eu podia confiar era eu mesma. Mas eu me sentia sem forças e prestes a desistir, não queria mais ser forte. O que estava acontecendo? Eu me senti como se estivesse morrendo sem chegar a saber a diferença entre quem eu era e quem eu não queria ser. Fui embora assim que reuni forças para sair da cama. A polícia me encontrou e me levou de volta. Eu fugi outra vez e fui pega de novo. Cada vez que me encontravam, alguma coisa morria dentro de mim. Cortei o meu cabelo. Depois cortei os pulsos e saí andando pela casa, deixando um rastro de sangue. Pode parecer que eu estava tendo uma crise nervosa. Chamaram o médico outra vez. Em vez de me internar em um hospício, Minerva contratou enfermeiras para cuidarem de mim até que eu me sentisse melhor. Eles colocavam substâncias na minha comida ou bebida para me deixar dócil. Parei de comer e comecei a vomitar tudo no vaso sanitário. Fui ficando cada vez mais fraca. Mas aí concluí que seria uma estupidez decidir morrer só porque odiava aquela gente. Eu sabia o que tinha de fazer para escapar dali. Bastaria bancar a boa menina e viver uma vida falsa. Eu só precisava sorrir durante as refeições e dizer que o dia estava lindo. Que tínhamos sorte por termos tanto alimento e não passar fome, como acontecia com tanta gente. Sorte por não sermos uma família de judeus poloneses ou como as outras pessoas que viviam do outro lado do rio. Estudei bastante, passei nos exames sem a ajuda dos professores que eles contrataram e consegui uma vaga em uma escola em New Hampshire, que ficava a horas de distância e no final de um trajeto cheio de estradas sinuosas, que eu sabia que fariam Minerva vomitar. Só voltei para casa em duas ocasiões. A primeira vez foi quando morreu minha avó, a senhora Ivory. Os advogados anunciaram que eu tinha acabado de herdar a propriedade da família, transferida direto para mim e não para Minerva. Mas ela, na condição de minha suposta mãe, ficava com o direito de decidir o destino da fortuna até que eu cumprisse vinte e cinco anos. Praticamente a primeira medida que ela tomou foi se casar com um homem que se dizia dono de um poço de petróleo. Se ele era dono de alguma coisa, devia ser de um poço nos fundos do quintal de alguém, no qual ele havia jogado uma garrafa de Crisco. A segunda vez que coloquei os pés naquela casa foi no Natal passado, porque eu sabia que Minerva estava na Flórida com seu novo marido. Fui lá para buscar minhas coisas, não queria que nada meu ficasse ali. Foi quando encontrei a carta e o presente do tio Loyalty na caixa de correspondências. Quando eu soube que Minerva não era minha verdadeira mãe, senti meu mundo virar de cabeça para baixo. Era como se todas as minhas emoções tivessem sido jogadas num recipiente e chacoalhadas, para agora se esparramarem pelo chão. Finalmente, consegui entender muitas coisas. Minerva me odiava. Odiava o meu rosto, porque era o rosto da mulher que meu pai havia amado. Ela não podia me amar. Eu não poderia amá-la. Não havia nada de errado comigo, eu apenas era filha de outra pessoa. Aquilo me deixava feliz, pois eu poderia ser eu mesma! Mas daí senti um medo imenso, porque não sabia quem eu era. Talvez eu fosse como aquele grande saco vazio do Papai Noel. E aqui estou eu, a garota inteligente que ainda não conseguiu descobrir quem é. Estou perdida. Mas eu me sinto melhor aqui na China, porque tudo é tão diferente e qualquer um que chegasse aqui se sentiria perdido. Não estou falando de se perder pelas ruas, mas de se sentir confuso, chocado, surpreso e diante de algo novo. A língua é diferente e as regras são outras, mas toda essa confusão está empurrando para fora a outra confusão em que sempre

vivi. Eu posso recomeçar. Eu posso ter três anos e meio outra vez. Posso aprender algumas palavras: “leite”, “colher”, “quero colo”. Eu me lembro dessas palavras. Sinto que uma parte de mim está nessas palavras e começa a voltar. Uma lembrança minha, uma lembrança de você. Lembro de dizer que estava com medo, não sei se em chinês ou em inglês. Também me lembro quando era uma garotinha nos braços da minha mãe, nos seus braços. Eu sei que era você porque quando cheguei em Xangai e estávamos sentadas no carro eu observei o seu queixo. Lembrei de ter visto esse mesmo queixo quando você me segurou e olhou nos meus olhos. Eu gostava de acariciar seu queixo e, quando você sorria, ele mudava, como se fosse um rosto minúsculo. Ficava diferente quando você falava ou ria, quando estava triste ou irritada. No carro, vi que seu queixo estava tenso e percebi o seu medo, porque me lembrei de estar em seus braços quando eu era pequena, pulando conforme você corria. Eu me agarrei ao seu pescoço. Falei que estava com medo e você respondeu na nossa língua, “Não precisa ter medo, não precisa!”. Daí senti alguém me puxar para longe de você. Eu estava perto do seu rosto e vi o seu queixo enrijecer. Você gritava meu nome e estava com muito medo, assim como eu.

TODAS AS MANHÃS bem cedo, Flora e eu saíamos para caminhar e ver a vida cotidiana começar em cada porta, nos largos bulevares e nas vielas mais estreitas. Ela queria saber como era a minha rotina em Xangai e o que o pai dela tinha vivido aqui. Como era ser uma chinesa? Como era para uma ocidental? Qual moral era mais rígida? Quem eu teria me tornado se minha mãe não tivesse partido?

A última pergunta me perseguia o tempo todo. Quem eu teria me tornado? Se eu tivesse crescido em São Francisco, minha mente seria diferente? Será que eu teria outros pensamentos? Teria sido mais feliz?

– Eu queria viver em outro lugar – falei para a Flora –, mas não queria ser outra pessoa. Queria ser quem eu sempre fui e continuo sendo.

Fomos até a casa na Bubbling Well Road, onde Edward e eu havíamos morado. O lugar agora abrigava uma escola para filhos de estrangeiros.

– Estrangeiros – falou Flora –, como eu.

A imensa árvore ainda estava no jardim do pátio. Ficamos na sombra dela, como fizemos quando a Pequena Flora foi tirada de mim. O banco de pedra também estava lá, com uma placa com o nome de Edward. Embaixo dele cresciam violetas. Uma semana antes, minha mãe e eu tínhamos colocado a placa lá e replantado as flores. Ela ofereceu uma contribuição generosa para a escola e também pagou um jardineiro para cuidar do local.

– Ele está mesmo enterrado aqui? – Perguntou Flora. Concordei movendo a cabeça. Lembrei da sujeira que caiu sobre a estrutura que tinha sido usada como caixão de Edward. A antiga dor voltou: Edward, como pôde me deixar?

Flora passou os dedos sobre as violetas e fechou os olhos.

– Quero ter a sensação de estar nos braços dele.

Imaginei Edward segurando a pequena Flora, olhando para ela com uma expressão maravilhada, acalmando-a e dizendo que ela era pura e perfeita.

FLORA E MINHA mãe ficaram ainda mais um mês. Poucos dias antes da partida das duas, senti

que ela estava sendo tirada de mim mais uma vez.

– Venha nos visitar em São Francisco – falou Mamãe. – Você tem uma certidão de nascimento com o sobrenome Danner, que diz que você é uma cidadã americana. Eu posso ajudar você a conseguir esse documento, embora talvez você hesite em me deixar tentar novamente.

– Nós não conseguiríamos um visto para Loyalty. Milhares de chineses querem partir e o consulado sabe que não vão voltar. Não posso deixá-lo sozinho – falei. – Ele não saberia se cuidar direito.

Não contei que Loyalty me fez prometer que eu não iria embora sem ele. Ele tinha medo que eu me sentisse atraída pela América, agora que tinha reencontrado minha mãe e minha filha. Quando as pessoas vão para a América, falou ele, elas demoram muito tempo para voltar.

– Depois da guerra, Loyalty e eu vamos visitar vocês – falei para minha mãe. – Ou então você volta e traz Flora. Nós podemos ir até a montanha que Edward e eu subimos, ou para Hong Kong e Cantão, que eu não conheço. Podemos conhecer juntas.

Mamãe me deu um olhar compreensivo, pois sabia que eu queria voltar a ver Flora.

– Vou ver o que posso fazer – respondeu, e depois apertou minha mão.

Três dias depois, Loyalty, Cabaça Mágica e eu estávamos no porto com Flora e minha mãe. Quanto tempo se passaria até a gente se ver de novo? Quanto ia durar aquela guerra? Que outras coisas terríveis poderiam acontecer entre este momento e o nosso reencontro? E se eu ficar dez ou quinze anos sem ver Flora? E se Mamãe morrer enquanto escreve uma carta para mim? As duas estavam indo embora outar vez e era muito cedo.

Cabaça Mágica colocou nas mãos de Flora um grande saco com nozes carameladas, que ela passara dois dias preparando.

– Ela parece com você quando você tinha essa idade – falou a minha amiga.

Ela repetiu isso quase todos os dias desde a chegada de Flora.

– Eu costumava me perguntar o que teria acontecido se alguém salvasse você e você fosse embora... Que queria que você fosse salva, mas... – Ela colocou a mão na frente da boca para não chorar. – Vê-la ir embora é como ver você partir.

Flora a abraçou e agradeceu em chinês por cuidar dela quando ela era pequena.

– Ela tem bom coração – comentou Loyalty em chinês. – Puxou a você. Bastaram três anos e meio para passar isso para a menina. Ela é a filha que nós dois poderíamos ter tido. Vou sentir falta da nossa filha.

Ele fez Flora prometer que mandaria uma mensagem assim que chegassem, para nos avisar que chegaram bem.

Chegou a hora da despedida. Flora se aproximou e falou com uma voz estranhamente dura:

– Eu sei que vamos nos ver em breve. E vamos escrever muitas cartas.

Eu tinha pensando que ela estava mais afeiçoada por mim, mas percebi que não era verdade. Não podia ir embora agora. Eu precisava de mais tempo com ela. Eu estava em pânico, tremendo.

Ela segurou as minhas mãos.

– Desta vez está sendo mais fácil, não é? Eu vou embora, mas vou voltar um dia.

Ela envolveu meu pescoço, me deu um abraço apertado e sussurrou:

– Como eu chamei você quando era pequena e eles estavam me levando de você? Chamei de mamãe, não foi? Eu encontrei você, mamãe. E nunca vou te perder de novo. Minha mamãe voltou de uma lembrança e a Pequena Flora também está de volta.

Eu sussurrei que a amava. Era tudo o que eu conseguia dizer.

– Acabaram-se as mágoas – decretou ela. Deu um beijo na minha bochecha e se afastou. – Estou vendo aquele rosto no seu queixo.

Ela acariciou meu queixo e esfregou até que eu conseguisse sorrir.

– Nós não precisamos mais ficar com medo – garantiu, antes de beijar meu rosto novamente. – Eu te amo, mamãe.

Flora e minha mãe caminharam em direção à escada do navio. Ela se virou três vezes para acenar e acenei também. Vi as duas subirem e, no alto, acenaram novamente. Ficamos agitando os braços furiosamente até que Flora parou de acenar. Ela parou de andar e olhou para mim. Então, as duas entraram e desapareceram.

Lembrei do dia em que eu deveria deixar Xangai para ir a São Francisco. Minha mãe deveria ter esperado por mim, mas não fez isso. Deveria ter voltado, mas não voltou. A vida americana que tinha sido prometida para mim partiu sem a minha presença e a partir daquele dia eu não sabia mais quem era.

Nas minhas noites de insônia, quando eu não podia suportar a minha existência, ficava pensando naquele navio e imaginando que estava a bordo. Eu tinha sido salva! Eu era a única passageira, parada na popa do navio, vendo Xangai desaparecer aos poucos. Uma garota americana com um vestido de marinheiro, uma cortesã virgem com um traje de seda de gola alta, uma viúva americana com lágrimas no rosto, uma mulher chinesa com um olho roxo. Uma centena de Violets lotavam aquele convés, olhando para trás, em direção a Xangai. Mas o navio nunca partia e eu tinha de desembarcar e recomeçar minha vida a cada manhã.

Mais uma vez, eu me imaginei como a garota com o vestido de marinheiro. Eu estava no navio, em pé na parte de trás do barco. Eu estava indo para a América, onde seria criada por uma mãe que me levou para São Francisco. Eu iria crescer em uma bela casa e dormir em um quarto com paredes pintadas de amarelo forte, com uma janela bem próxima de um carvalho e outra com vista para o mar. Dessa janela, eu podia ver todo o caminho que conduzia a uma cidade no fundo do mar, a um cais no rio Huangpu, onde eu estava com Cabaça Mágica, Edward, Loyalty, Mamãe e a Pequena Flora, acenando para a garota com o vestido de marinheiro conforme o navio ficava cada vez menor, acenando até ele desaparecer completamente.

OUTROS LIVROS DA AUTORA

romances

O clube da felicidade e da sorte (1987)

A mulher do Deus da cozinha (1991)

Os cem sentidos secretos (1995) *A filha do restaurador de ossos* (2000)

As redes da ilusão (2009)

memórias

O oposto do destino (2003)

infantis

A dama da Lua (1992)

A gatinha siamesa chinesa (2001)

- 1 Referência à popular canção de vaudeville *Ta-ra-ra Boom-dee-ay*, apresentada publicamente pela primeira vez em 1891, em Boston, Massachusetts.
- 2 Pequenos jornais compostos sobretudo de artigos editorializados, com pontos de vista alternativos aos da grande imprensa.

Na Xangai do início do século XX, Violet é uma influente cortesã, cuja fama foi sendo construída desde quando era uma garota de 12 anos e já incitava o desejo dos homens que frequentavam o prostíbulo onde cresceu. No entanto, o glamour dos luxuosos salões dedicados ao prazer esconde a dura realidade da protagonista.

Abandonada pela mãe – a cafetina americana Lucia, que emigrou de São Francisco, nos Estados Unidos, para a China, por amor a um pintor –, ela busca as origens de sua família, entre o Oriente e o Ocidente, para compreender quem é, de onde vem e para onde deve prosseguir.

Nessa sua trajetória, Violet acredita que, se conseguir todas as respostas a essas suas dúvidas, finalmente irá superar seus maiores e mais complexos problemas – como a dor por ter sido abandonada pela mãe e se separado da filha, Flora –, amar e ser amada de verdade.

Tendo como pano de fundo os acontecimentos históricos que marcaram a vida dos habitantes de Xangai – como o colapso do império chinês, a ascensão da República Popular da China, a Segunda Guerra Mundial e a abertura econômica e política do gigante asiático –, esse romance da best-seller Amy Tan – autora também do sucesso *O clube da felicidade e da sorte*, que chegou aos cinemas em 1993 – revela uma história marcada por traumas gerados pelo preconceito, diferenças culturais e a dor das separações. Mas também mostra que o amor entre mãe e filha sempre supera os obstáculos e ajuda a vencer a batalha da vida.



© Rick Smolan/Against All Odds

Amy Tan nasceu em Oakland, Califórnia (EUA), e graduou-se em linguística pela Universidade de San Jose (CA). Foi colaboradora de inúmeras revistas americanas e escreveu mais de cinco livros, entre eles *A filha do restaurador de ossos*, *Os cem sentidos secretos* e *O clube da felicidade e da sorte*, best-seller do jornal *The New York Times* que ganhou uma versão para o cinema em 1993, coproduzida por ela, e foi indicado ao Bafta, o prêmio máximo do cinema britânico. “Se você não está satisfeito com o seu destino, mude de atitude” é uma frase que ela costuma dizer e que traduz bem a sua prosa. Amy Tan vive em São Francisco com o marido.

Em seu mais recente romance, a autora best-seller Amy Tan – de *O clube da felicidade e da sorte* – retrata, ao longo de 50 anos, três gerações de mulheres ligadas não só pelo sangue, mas também por um misterioso quadro batizado de “Vale do Encantamento”.

A saga das personagens começa no início do século XX, e é narrada por Violet, filha de uma importante cortesã de Xangai, que se dedica à arte da sedução desde quando era garota. Sua origem e influência permitem que ela transite com facilidade entre o Oriente e o Ocidente, em busca de sua mãe, Lucia – uma cafetina americana que imigra para a China –, que a abandonou, e de seu pai, um pintor chinês.

Um encontro entre neta e avó, décadas depois, poderá esclarecer os segredos dessa relação familiar tão conturbada e que deixou sequelas emocionais que podem nunca serem superadas.